

*image
not
available*

6

26-B

14

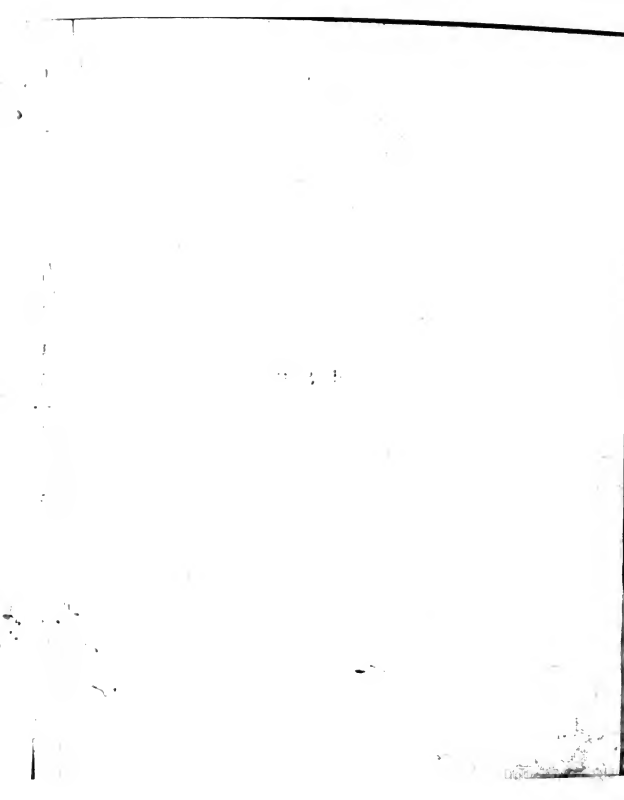


Ex Bibliotheca
majori Coll. Rom.
Societ. Jesu

II 9. 2 i

68.2.10.

6-11-11



Digitized by Google

HISTORIA
GENEALOGICA
DA
CASA REAL
PORTUGUEZA.



HISTORIA GENEALOGICA

D A CASA REAL PORTUGUEZA,

DESDE A SUA ORIGEM ATÉ O PRESENTE,
com as Familias illustres, que procedem dos Reys,
e dos Serenissimos Duques de Bragança.

JUSTIFICADA COM INSTRUMENTOS,
e Escritores de inviolavel fé,

E OFFERECIDA A ELREY

D. JOÃO V.

NOSSO SENHOR

P O R

D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA,

Clerigo Regular, e Academico do numero da Academia Real

TOMO VII.

Adm. do Livro
Lib. Com.



Sec. de Log.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.

M. DCC. XL.

Com todas as licenças necessarias.

INDEX

DOS CAPITULOS,

que se contém nesta Parte.

LIVRO VII.

- C**APITULO I. *Del Rey D. João IV.* pag.1.
CAP. II. *Do Principe D. Theodosio*, pag.263.
CAP. III. *Da Infanta D. Catharina, Rainha de*
Inglaterra, pag.281.
CAP. IV. *Del Rey D. Affonso VI.* pag.339.
CAP. V. *Del Rey D. Pedro II.* pag.425.



Erra-

Erratas.

Pag.472. lin.5. de 1682
Pag.671. lin.4. politica
Pag.679. lin.6. Cap.X.
Pag.693. lin.7. Ornero
Pag.732. lin.2. Campanha

Emendas.

de 1681.
policia
Cap. VI.
Ornano.
Campanha

HISTO-

HISTORIA
GENEALOGICA
D A
CASA REAL
PORTUGUEZA.



LIVRO VII.

CONTÉM

ElRey D. Joaõ IV.

ElRey D. Affonso VI.

ElRey D. Pedro II.

ElRey D. Joaõ V. noſſo Senhor.

17 ElRey D. Joaõ IV.

18 O Principe D.Theodofio. A Infanta Dona Catharina, Rainha da Grã Bretanha. ElRey D. Afonso VI. ElRey D. Pedro II. A Infanta D. Joanna. A Senhora D. Maria legitima.

19 A Infanta D. Isabel. ElRey D. Jo.õ V. O Infante D.Francisco. O Infante D. Antonio. A Infanta D. Theresa. O Infante D.Manoel. A Infanta D.Francisca. A Senhora D. Luiza legitima. O Senhor D. Miguel legitimo. O Senhor D. Joseph legitima.

20 A Infanta D. Maria, Prnc. das Asturias. O Principe D. Joseph. O Infante D. Carlos. O Infante D. Pedro. O Infante D. Alexandre. D. Joanna Fervetua de Bragança. D. Pedro, Duque de Lafons. D. Joaõ de Bragança.

21 A Princeza da Eora D.Maria. A Infanta D. Maria Anna. A Infanta D. Maria Francisca.

HISTO-

Senhora D.
ara legiti-
da.

(1) Senhor
D. João
legitimad.

D. João de
Bragança.



HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

CAPITULO I.

Do Rey D. João IV.

17



ORRIA o anno de 1640;
em que se contavaõ quasi ses-
senta annos, que estava sus-
pença a serie dos nossos Reys
naturaes, porque o poder em
calamitoso tempo corrompeo
no principio a justiça, e de-
pois com industria politica manteve em Portugal
a dominação Castelhana: de que já cançados os
Tom. VII. A leaes

STO-

leaes Portuguezes, facudiraõ taõ pezado jugo, que a constancia, e o valor sustentou gloriosamente contra o formidavel poder dos Hespanhoes, pelas maximas Christãas de hum Principe prudente, e vigilante, ornado de excellentes virtudes, que o elevaraõ ao Throno no fausto dia do primeiro de Dezembro do referido anno, em que foy acclamado Rey o Duque de Bragança D. Joaõ II. do nome, e IV. entre os gloriosos Reys seus predecessores, a quem a boa memoria do Serenissimo Duque de Bragança D. Joaõ I. seu avô deu o nome, e a Coroa Portugueza o indisputavel direito de sua avó a Senhora D. Catharina, como temos dito nos Capitulos precedentes. Nasceo em Villa-Viçosa em 18 de Março do anno de 1604 Duque de Barcellos. Foy celebrado o seu nascimento de seus parentes, vassallos, e criados, com Reaes demonstrações de contentamento. No dia seguinte, que era da festa do Glorioso Patriarcha S. Joseph, houve Missa solemnemente cantada na Capella em acção de graças pelo recémnascido Principe, e ordenou o Duque seu pay, que em todos os annos se celebrasse com toda a solemnidade pelo dito Principe, em memoria da merce, que Deos lhe fizera no seu nascimento na Vespera do dito Santo: pelo que parece, que no dia de S. Joseph celebrava ElRey os seus annos, como vemos de muitos Panegyricos impressos, prégados no dia do Santo, em que festejava o seu nascimento, tendo sido no dia antecedente.

Foy

Foy baptizado a 25 do dito mez por seu tio o Senhor D. Alexandre, Arcebispo de Evora: e sendo preparada a Capella Ducal com ricas armações, depois de terem os Capellães rezado Completas no Coro, levou o Deaó recado, de que estava tudo prompto; e sahio o Duque de Barcellos da Camera da Duqueza sua mãy nos braços de Luiz Gonçalves de Menezes, Veador, e com elle Sua Alteza a Senhora D. Catharina sua avó, e o Duque seu pay, o Senhor D. Duarte, e o Senhor D. Philippe seus tios, com todos os Fidalgos, Dónas, Damas, e Officiaes da sua Corte. Levavaó as insignias para o Bautismo, Christovaó de Brito Pereira o prato da fogaça, e a véla; Antonio de Sousa de Abreu, o prato, e gomil; Ruy de Sousa Peteira, o faleiro. Precediaó ao acompanhamento todos os ministros, atabales, trombetas, charamellas, Arautos com Armas, Porteiros da Cana, e Porteiros da Maça, e todos os mais Officiaes da Casa, e o Veador da Senhora D. Catharina, e a esta levava de braço o Senhor D. Duarte, e a cauda D. Francisca de Noronha, e sahiraó pela falla grande do Paço, Terreiro, passadiços, e rua da varanda, que tudo estava armado de ricos panos de Arraz até à porta da Capella de huma, e outra parte. Já neste tempo estava na Capella o Arcebispo de Evora, revestido em Pontifical com Capa, e Mitra, e sentado em huma cadeira encostado ao Altar da parte da Epistola, e da do Euangelho estava a Cruz de Metro-

Tom.VII.

A ii poli-

politano, e Bago, e todos os Capellães, e mais Religiosos, que assistiaõ. Assim que chegou o acompanhamento à porta da Capella, se levantou o Arcebispo, e com a Cruz diante, e Bago, e todos os Capellães em Procissão, foraõ à porta da Igreja, e no meyo della, estando já em o mesmo lugar a Senhora D. Catharina, o Duque de Bragança, e o Duque de Barcellos nos braços de Luiz Gonçalves de Menezes, tirou ao Arcebispo a Mitra o Deão da Capella, e sem ella começou a fazer o officio, na fórma costumada: e conferido o Santo Bautismo, tocarão os atabales, e charamellas, e mais ministros em final de graças, com que se acabou este acto: e o Arcebispo sobindo ao Altar, se despio das insignias Pontificaes, e acompanhou à Senhora D. Catharina, e aos Duques, e voltaraõ pelo mesmo caminho, por onde tinhaõ vindo, até à Camera da Duqueza. Foraõ Padrinhos do Duque de Barcellos o Senhor D. Duarte seu tio, Marquez de Frechilha, e Sua Alteza a Senhora Dona Catharina: acompanhavaõ ao Duque de Barcellos doze Moços da Camera com tochas, e sahindo da Camera com ellas apagadas, se accenderaõ na Capella quando se começou a cerimonia do Bautismo, e voltaraõ com ellas accesas acompanhando ao Duque de Barcellos até à Camera da Duqueza, donde haviaõ sahido.

A Duqueza sua mãy, em quem resplandece-
raõ com singularidade excellentes virtudes, estiman-
do

do mais as santas Leys da natureza, do que as da fortuna, porque se não diminue a authoridade dos Principes no excessão do carinho dos filhos, assistia à obrigação de Aya, e Mestre do Duque de Barcellos, igualmente com o amor, e respeito de mãy. Porém como lhe durou pouco a vida, não pode o Duque de Barcellos ter tempo de reconhecer, o que devia ao amor de sua mãy, a qual trocando seu grande Estado por melhor Reyno, faleceo no anno de 1607 no mais florido tempo da idade, não contando mais, que vinte e seis annos, cheyos de grande numero de virtudes, como fica escrito no Capitulo XVIII. do Livro VI. Deulhe o Duque seu pay por Ayo a Dom Diogo de Mello, e por Mestre ao Doutor Jeronymo Soares, o primeiro criado, e bom servidor da Casa, bem instruido nos bons preceitos da antiga Corte Portugueza; o segundo varaõ sabio, e virtuoso, como mostrou na sua vida, e escritos. Foraõ differentes entaõ as razoes de Estado sobre o modo da sua creação, porque os mais austéros requeriaõ o mais constante progresso do Duque de Barcellos; tanto, que alguns fizeraõ entender ao Duque Dom Theodosio, que crear hum filho com magestade, era fazello reo della, e que assim toda a moderação era precisa, contentando-se com o lograr, porque depois a sua mesma grandeza o distinguiria. Grandes fins deviaõ encobrir a politica, que obrigava a que se saltasse naquelle tempo ao culto de hum taõ grande

de herdeiro. Não he culpavel defeito , nem de notar ao Duque D. Theodosio , quando os mayores lisongeiros de seu filho não puderaõ desconhecer as faltas , que nelle deixou impressas a falta desta observancia. Soube com tudo da Latinidade com perfeição , seguindo mais a pia , que a erudita. Foylhe familiar a Escritura Sagrada , gostando mais desta lição , do que da profana ; donde procedeo não aproveitar a Latinidade nas noticias , que com ella pudera adquirir de outra erudição. Depois começou a ser inclinado ao campo , seguindo o exercicio da caça , que continuava livre , com todos os preceitos do decóro , e da temperança. O Duque seu pay agradado de ver o de Barcellos , que o imitava em alguns costumes , sendo aquelles os de menor inconveniente , o acompanhava muitas vezes ao monte com satisfação , sendolhe depois agradaveis as fadigas , que do filho Duque de Barcellos lhe referiaõ : pelo que algumas com o exemplo lho occasionava de novo , porque não punha nos olhos do desejo mais , que em o ver livre dos riscos daquella idade , para o que lhe facilitava novas occasioens em divertimentos innocentes , em que passasse com gosto o tempo. Entre estes foy o da Musica o a que teve particular inclinação , e nella por Mestre a Roberto Tornar , Inglez de nação , discipulo de Geri de Grefen , o qual em Madrid havia tido lições do celebre Capitan ; a elle mandou vir o Duque seu pay , e foy Mestre da Capella

rella Ducal de Villa-Viçosa. Foraõ os progressos taõ admiraveis nesta estimadissima Arte, como adiante diremos.

Resolveo-se ElRey D. Filippe III. no anno de 1619 passar a Portugal a celebrar Cortes em Lisboa, a que assistio o Duque de Bragança como Condestavel do Reyno, e o acompanhou nesta occasiaõ o Duque de Barcellos seu filho, e foy a primeira pessoa, que neste acto jurou, o qual de poucos annos veyo aprender a Lisboa as ceremonias, com que se coroavaõ os Reys de Portugal, como escreveo a elegancia do Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes na sua estimada Obra do *Portugal Restaurado*. Nesta mesma occasiaõ succedeo aquella desórden, que já referimos no Capitulo XVIII. movida entre os Soldados da Guarda, e Moços da Estribeira do Duque, sobre o lugar da assistencia dos cavallos de ambos os Duques, o que o de Barcellos intentou castigar, levado do ardor dos seus poucos annos, que eraõ quinze; e que a prudencia de seu grande pay, que tudo advertia, atalhou, dizendolhe: *Anday filho, que ElRey nos guarda as costas.*

Por morte do Duque D. Theodosio, foy o VIII. Duque de Bragança, e depois V. de Guimaraens, sendo o III. de Barcellos. Costumaõ de ordinario as mortes dos Principes causar mudanças no governo das suas Casas, porque as inclinações os levaõ a quererem a assistencia daquelles, que favore-

Ericeira, Portug. Restaurado, liv. 1. tom. 1. pag. 41.

cem. Pelo que a mayor parte das feitura do Duque D. Theodosio as desfez logo o Duque Dom João, fabricando outras de novo. Nomeou a D. Antonio de Mello, Estribeiro môr, a Fernão Rodrigues de Brito, Camereiro môr, a Dom Luiz de Noronha, Caçador môr, Salvador de Brito, Trinchante, Veador da Casa Pedro de Mello de Castro, a Fr. Agostinho dos Anjos, Eremita de Santo Agostinho, Confessor, a Antonio Paes Viegas, Secretario, e outros nos mais officios mayores, e subalternos da sua Casa, e a Francisco de Sousa Coutinho elegeo para residir na Corte de Madrid, onde principiou a instruirse para as grandes Embaixadas, que depois exercitou com tanto credito seu, e da Nação. Depois accommodou em menores officios diferentes pessoas: e não he pequeno elogio da grandeza de hum Senhor particular, qual o Duque D. João a este tempo representava, achar-se com criados, com que pudesse formar a Casa passada, e a presente, nos do velho, e novo Principe.

Das primeiras acções do novo governo não ficaram individuaes noticias. Representaraõ os Ministros do Estado de Bragança o desempenho mais licito dos seus redditos, que era melhor pagar o que se devia, que dar o que não era obrigado. Pelo que ordenou o novo Duque se suspendessem largatezas, com que o Duque seu pay soccorria alguns Fidalgos pobres, e independentes da sua familia, huns

huns para se sustentarem nos estudos, outros no serviço Militar, e tambem alguns na Corte, onde viviaõ com pobreza, como dissemos na vida do Duque D. Theodosio.

Entre os parentes da Casa de Bragança naõ era o menos lustroso, mas a ella pouco aceito D. Fernando de Faro, III. Senhor de Vimieiro, a qual Villa com o titulo de Conde havia possuido Dom Francisco de Faro seu pay. Andava neste tempo vivo o discurso, e pratica do casamento do Duque de Bragança, e cada servidor, ou afeiçoado seu, segundo o affecto, ou os interesses, lhe propunha esposa: entre os mais delles D. Fernando de Faro, que residia na Corte de Madrid, onde havia casado, inculcava com instancia as vodas de D. Marianna de Toledo e Portugal, filha de D. Fernando Alvares de Toledo e Portugal, VI. Conde de Oropeza, filho unico do Senhor D. Duarte, imão do Duque D. Theodosio II. que havia casado com a herdeira da grande Casa, e Condado de Oropeza, como se dirá no Livro VIII. Dizia D. Fernando, que o Duque de Bragança na eleição de esposa havia de preferir a sua varonia, a qual se achava em D. Marianna, a que se ajuntavaõ as qualidades da mãy, e avó desta Senhora, pois sua avó era filha de D. Fernando Alvares de Toledo, V. Conde de Oropeza, e sua mãy filha de D. João Affonso Pimentel, VIII. Conde de Benavente, e que em idade, e pessoa tambem podia preferir a qualquer ou-

Tom. VII.

B

tra

tra Princeza, com dote igual às mais ricas, e às proximas esperanças de ser immediata a hum só irmão, menor, e enfermo, cuja herdeira a confidavaõ entaõ tolos (o que não veyo a ser:) desta sorte se correspondia nella eleição a Casa de Oropesa, a qual já o havia feito entregando a sua herdeira a hum filho segundo da de Bragança.

Dom Francisco de Mello era outro parente da Casa de Bragança, mas favorecido, e feita sua, o qual se oppunha a este casamento com evidentes argumentos, e dizia, que havendo de casar em Hespanha o Duque de Bragança, não tinha, que buscar outra Casa, quando na de Medina Sidonia havia huma filha para tomar estado, no que lhe dera exemplo o mayor Duque de Bragança D. Jayme, que aos passados excedeo na qualidade de Principe herdeiro do Reyno, e naquella grande Casa escolhera a consorte: e que quando agora em Dona Luiza Francisca de Gusmaõ, filha do Duque D. Manoel Affonso Peres de Gusmaõ, *el Bueno*, não houvera taõ qualificada qualidade no nascimento; as suas partes a faziaõ digna de alta fortuna. E quando as partes, e nascimento fossem inferiores, o grande interesse, que o Valido mostrava nestas vodas, era sufficiente para as fazer iguaes aos mayores merecimentos; e das suas perfeições se lembrava já o grande Poeta Hespanhol Dom Luiz de Gongora no Romance, que principia: *Ave de plumage negra*; porque nenhum Vassallo podia per-

mane.

manecer sem a graça do favorecido, por cuja mão se dispensava a efficaz virtude do Monarca; que os Duques de Bragança pela mesma causa, que sustentaraõ conservar-se independentes da valia, tinhaõ sabido, que o seu Estado se não podia conservar sem a contemporisação della; que os Reys soberanos se valiaõ da graça dos Validos dos outros, porque mais negocios acabava a industria, que a força: e sendo esta maxima de Rey a Rey, quanto mais absoluta seria entre o Principe, e o Vassallo.

Assim discorria D. Francisco de Mello, com tudo não faltava quem cuidasse, que nestas negociações entremetia subtilmente os seus augmentos, dourando no zelo o interesse. O Conde Duque por secretos officios mostrava querer corresponder ao grande titulo de Pay, que o de Bragança lhe havia offerecido. Ao que se não persuadirá hum poderoso ajudado da lisonja, de quem com ella o faz mais poderoso? Foy entaõ toda a destreza certificar ao Duque D. Joaõ, que elle se não entremeteria neste negocio, e por elle mesmo soy delle encarregado, e assim veyo o Conde Duque a ser rogado com o seu proprio desejo.

Era grande o dote, que se prometia, e mayores as promessas, que eraõ a restituicao da posse do Ducado de Guimaraens, alienado da Casa por dote invalido do Duque D. Theodosio I. ao Infante seu cunhado, como já deixamos referido; a ratificação dos privilegios, que tinhaõ feito litigiosos

os Procuradores Regios; o cumprimento de antigos alvitres, os commodos decentíssimos a seus irmãos, as merces aos criados, e propicia a graça delRey. Até este ponto chegou a negociação de D. Francisco de Mello, o qual já participava influxos da benignidade Real, porque sobre o lugar de Veador, ou Mordomo da Rainha, sahio a mostrar o seu talento na Embaixada de Saboya, cuja occupação foy atalho breve para chegar aos mayores lugares da Monarchia Hespanhola, do qual já sentimos a ingratitude, com que nelles pagou tão mal à Casa de Bragança, a que devia igualmente a origem, e a fortuna.

A's ultimas conferencias deste negocio entrou na Corte de Madrid Francisco de Sousa Coutinho, e nella seguiu mais justificado, que satisfeito, as proposições de seu antecessor, e assim veyo a dar fim ao ajuste deste tratado, que logo participou a seu Senhor.

Com a noticia, que o Duque teve de estar ajustado o seu casamento, em hum Domingo, que se contavaõ 25 de Janeiro de 1632, sahindo às duas horas da tarde da sua Camera, acompanhado de seus irmãos os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, participou aos Fidalgos da sua Corte o ajuste do seu casamento com a filha do Duque de Medina Sidonia: pelo qual todos lhe beijaraõ a mão, e baixando à Capella, onde já esperava o Deaõ, e Dignidades, revestidos com capas ricas de téla, e charria

paria de ouro, com todos os Capellães, e Cantores, e levantado pelo Deão o *Te Deum*, foy proseguido pelos Musicos, e Cantores a tres côros; à noite esteve o Palacio illuminado, em que arderão duzentas tochas, e toda a Villa poz luminarias. Passou-se o referido contrato a hum tratado publico, que se celebrou em Madrid a 17 de Novembro do referido anno de 1632: pelo qual se obrigou o Duque de Medina Sidonia a dar a sua filha em dote cento e vinte mil ducados, e vinte mil em joyas, e mais cousas pertencentes ao seu enchoval, e que a poria à sua custa na Raya de Portugal, e que por sua morte se lhe dariaõ mais vinte e tres mil ducados, por augmento de seu dote, quando não quizesse entrar nas partilhas com o Conde de Niebla; com condiçaõ, que ainda que não coubesse nas legitimas dos Duques seu pay, e mãy, o dito dote, se lhe faria sempre certo, o que ElRey corroborou por hum Alvará, em que derogava todas as Leys em contratio, e ultimamente a que limitava, e taxava a quantia dos dotes, publicada em Madrid no anno de 1534, e a Pragmatica promulgada em 10 de Janeiro de 1623, as quaes revogou, e todas as demais, para que tivesse effeito o dito contrato, e foy passada a Carta em Madrid no anno de 1633. E porque depois por morte do Duque de Medina Sidonia lhe succedeo seu filho o Duque D. Gaspar, e excediaõ as dividas; elle como successor no Ducado, e Casa de Medina Sidonia,

Prova num. 1.

Prova num. 2.

nia, assignou em diversas partes dos seus Estados certas quantias para complemento da satisfação do dote, e foy feita esta obrigação em S. Lucar a 18 de Fevereiro de 1637.

ElRey D. Filippe querendo mostrar o quanto estimava este tratado, mandou dizer ao Duque de Bragança, que lhe fazia merce do titulo de Duque de Guimaraens de juro para elle, e seus descendentes, e que lhe daria a jurisdicção da Villa de Guimaraens, para o que estava ao presente impossibilitado pelos embargos, que a dita Villa punha: Que no caso, de que o Duque quizesse pleitear o direito com a Villa, se cumpriria com toda a justiça, tendo Sua Magestade poder para revogar o privilegio delRey D. Afonso V. o que não tendo effeito, por ElRey lhe não poder dar a jurisdicção da dita Villa, no tal caso lhe fazia merce de vinte e quatro mil cruzados, que eraõ quatorze mil cruzados mais, em que fora avaliada a dita jurisdicção, os quaes lhe seriaõ consignados no alvitre da canella, que lhe prerogava, e que o pudesse nomear para sempre em quem quizesse: Que lhe dariaõ Juizes quando ao Duque lhe conviesse, diante dos quaes se justificariaõ os titulos das justiças de Guimaraens, que valiaõ de treze até quatorze mil cruzados: Que acabado o pleito da jurisdicção da Villa, sem embargo de Sua Magestade a ter satisfeito ao Duque, lhe faria a merce, que coubesse, e houvesse lugar conforme o animo de Sua Magestade,

de, que era metello de posse da jurisdicção: Que fazia mais merce ao Duque dos Concelhos de Moz, Rebordãos, Guster, Castanheira, Verborada, e Val de Prado: Que se lhe dariaõ quatro habitos das Ordens de S. Bento de Aviz, e Santiago, para que na sua Casa, e serviço, houvesse Cavalheiros de todas as tres Ordens Militares: Que se renovariaõ todos os despachos, e merces, que se fizeraõ ao Duque D. Theodosio seu pay no seu casamento, e se lhe passariaõ as Provisões, que pedisse: Que se confirmariaõ ao Duque todos os titulos, e privilegios da Casa de Bragança, que por omisãõ se deixaraõ de confirmar, desde a sua fundaçãõ até o presente; e que duvidando-se em Portugal de algumas das ditas cousas da sua confirmaçãõ, ou das merces deste seu casamento, lhe dava, e assignava Sua Magestade dous Ministros em Madrid, que seriaõ Juizes, e elles communicariaõ cara a cara a Sua Magestade os taes negocios: Que a proposta de pedir o Duque sogã, e cutello no lugar onde assiste, naõ tinha por entãõ lugar para lhe deferir por justos respeitos, e que lhe ficava reservada esta merce para outra occasiãõ.

Celebrado com todas estas circunstancias o tratado do casamento do Duque em o primeiro de Janeiro de 1633, teve noticia por hum Expresso mandado da Cidade de S. Lucar, em que a Duquesa D. Luiza partiria no dia 3 do referido mez; e a 6 teve o Duque noticia por outro Expresso, que

que já havia partido, e assim determinou o Duque ir buscar sua esposa à Raya, e a 11 de Janeiro partio para Elvas. Hia vestido de campo de cor parda, calções, e roupeta de damasco frizado cor de amendoa, alamares largos, bordados em ramos de ouro, o farragoulo de chamalote de aguas com alamares na mesma fôrma, forrado de tafetá dobrado bordado de laçaria de ouro, chapeo negro, centilho de diamantes, e por joya hum ramo de quasi meyo palmo de diamantes, plumas pardas, espada, cinto, e adaga dourados, com os talabartes de recamado bordado, meyas, ligas, e rosas pardas com pontilha de ouro, collar grosso de peças de ouro, e as mangas do jubaõ todas bordadas de ouro. Os Senhores Dom Duarte, e D. Alexandre, seus irmãos, vestiraõ tambem da mesma cor parda, calções, e roupetas de damasco ondeado, golpeados sobre téla encarnada, farragoulo de chamalote sem aguas, forrados de téla de flores encarnada, alamares de seis voltas de caracolilho de ouro, centilho, e joyas de diamantes, plumas pardas, espadas, cintos, e adagas douradas, meyas, ligas, e rosas com pontilha de ouro, collares grossos de peças, e mangas bordadas. Desta sorte baixou o Duque com seus irmãos, acompanhado de todos os Officiaes, Fidalgos, e mais criados accrescentados da sua Casa; e depois de entrar com seus irmãos no coche, que era de veludo encarnado, e ouro, com pregaria de prata, com todas

as

as ferragens douradas, tirado por seis mullas, e os Cocheiros com vaqueiros de veludo verde de quatro mangas, gorras do mesmo guarnecidas de passamanes de prata, levavaõ à mão sómente tres cavallos, hum castanho para o Duque com cella, e porta manteo de téla encarnada com passamanes, e laços de caracolillo de ouro, teliz da propria téla, freyo, estribeiras, e ferragens de prata, e as estribeiras tauxeadas de ouro. O do Senhor D. Duarte era ruço pombo, com pouca differença mais, que em a cor da téla fer cor de rosa. O do Senhor D. Alexandre era mellado rodado de branco com jaezes verdes, e guarnições de laçaria de prata, teliz de veludo com franjas, e borlas de prata, e verde. Para a Duqueza hiaõ dous cavallos, hum delles sobregualdrapa de veludo negro, trazia hum silhaõ de ouro ao buril, e meyo relevo, com diversas figuras, folhagens, e outras obras feitas com toda a delicadeza, e primor; a gualdrapa era toda de bordadura de ouro de diversos lavores atravessados com chaparia de ouro da mesma largura de laços travados, e meyos satyros, e figuras, as cabeçadas, que desciaõ cobrindo o peçoço desde o arçaõ até os copos do freyo, eraõ embocadas da mesma chaparia com outra ordem de peças mais pequenas como por guarniçaõ sobre os olhos, que mal se divisavaõ, tendo hum quadro de quatro figuras em circulos, prezos de hum meyo globo vasado como rede; as fivellas, ferragens, e o estribo de

Tom. VII. C voltas

voltas de ouro: cobria-se com hum teliz de veludo negro com borlas, e franjas de ouro, e negro. O outro cavallo levava hum filhaõ de prata com pouca differença no feitio, guarnições, e chaparia, tambem sobre gualdrapa de veludo negro. Hia tambem huma cadeira de mãos, e huma liteira de veludo carmelim com pregaria dourada sobre passamanes de ouro: os Cadeiteiros vestiaõ vaqueiros de veludo encarnado guarnecidos de passamanes de ouro, e os Liteireiros na mesma fôrma. No dia antecedente já tinha ido para Elvas huma bella, e rica carroça feita em Roma, lavrada com grande primor, assim nas talhas, como nos bronzes dourados, com o tecto de veludo negro, forrado de razo encarnado com seis ramalhetes de flores de ouro estofadas, cercada de muitas borlas de ouro, e negro, e cordoens com as almofadas, e encoflos de veludo encarnado bordado com laços, e flores de ouro, cortinas de damasco franjadas de ouro, a qual era tirada por seis cavallos ruços rodados com guarnições de veludo negro franjadas de ouro, e as ferragens de ouro de Milaõ defumadas de ouro fino com diversas fôrmas, tendo em algumas partes as Armas do Duque, principalmente nas cabeçadas, de que pendiaõ quatro borlas de ouro, e sedda: os cavallos foraõ à mão até Elvas, e a carroça levada até àquella Cidade por mullas.

Marchava diante deste vistoso apparatus hum Trombeteira com libré como os Moços da Estribeira,
e l.j.

e logo os Timbaleiros, e Trombetas montados em cavallos acobertados de verde, varias danças, duzentos Soldados de libré verde com ligas, e bandadas da mesma cor, chapeos aleonados, meyas da mesma cor, plumas verdes, e aleonadas, os quaes o acompanharaõ até chegar a Villa-Viçosa. Seguiaõ-os vinte e quatro Moços da Camera vestidos de veludo verde, calções, e roupetas golpeadas sobre tafetá branco, os golpes rematados em moscas de prata, mangas de razo azul largueadas de morenilho de prata, farragoulos de pano fino de Segovia com oito bandadas de veludo acareladas de prata, chapeo, e o mais como os Moços da Guarda-Roupa, que eraõ oito, que vestiaõ calções, e roupetas de veludo razo verde golpeados sobre téla branca, botoens de prata, os calções com almenilhas, mangas de razo azul agaloadas a tres galoens de prata; e no espaço, que havia de huns a outros galoens, havia golpes sobre téla branca, chapeos negros com tranças pequenas, rosas azues encrespadas de pontilha de prata com muitas plumas brancas, e azues, cintos, e espadas, e adagas prateadas, farragoulos de raxa de Florença verde, forrados de espolim azul com altos de flores brancas, meyas, ligas, e rosas azues cobertas de pontilha de prata. Oito Moços Fidalgos com vestidos de taby de prata, e verde com flores de ouro, roupetas guarnecidas de morenilhos de prata sobre foguilhas de setim azul, os calções de seis partidos

Tom.VII.

C ii com

com almenilhas, e botoens de prata até a liga, os farragoulos de oito furrados de chamalotes de aguas azues com flores amarelas tostadas, mangas dos juboens do mesmo chamalote em ondas bordadas como de caracolinho de prata, chapeos negros com centilhos de ouro, e plumas verdes, brancas, e azues, cintos prateados, meyas, e ligas, e rofas azues cobertas de pontilha de prata. Os Porteiros da Camera do Duque, e Duqueza, se vestirão com calções, e roupetas de setim avelutado negro, chapeos, meyas, e ligas negras, farragoulos de pano vintadozeno de Segovia. Seis Musicos da Camera vestidos quasi da propria sorte. Seis Porteiros da Cana com vestidos, calções, e roupetas, e farragoulos de pano vintadozeno negro. Vinte e quatro Moços da Escribeira vestidos de veludo verde, farragoulos, calções, e roupetas com prezilhas de prata, cintos, espadas, e adagas prateadas, chapeos negros, tranças torcidas de tafetá branco, e azul, ligas do proprio com as meyas azues, plumas brancas, e verdes. Vinte e quatro homens da guarda do Duque com calções, e roupetas atravessados de faxas de veludo azul com vivos brancos, mangas de veludo azul com morenilho, e botoens de prata, capas rodeadas de huma faxa do mesmo veludo com vivos, e os capellos dellas com duas fachas, chapeos negros, tranças torcidas de tafetá branco, plumas verdes, e brancas, meyas azues, e brancas, cintos, espadas, e adagas douradas.

das. O seu Tambor hia vestido de tafetá negro coberto todo de passamanes de prata, com liga branca, meyas, e chapeo negro com trança, e plumas brancas. O Capitão da Guarda Francisco Serraõ da Veiga vestia capa, roupeta, e calções de rizzo anogueirado, o farragoulo fstrado de tēla de ouro encarnada, com trinta alamares de ouro de seis laçadas, e doze furtados atraz de caracolilho de ouro; a roupeta, e calções com os mesmos alamares golpeados sobre a mesma tēla de ouro encarnada, chapeo negro, e joya de diamantes, plumas anogueiradas, meyas, e ligas, e rosas da mesma cor com pontilha de ouro, collar de peças, as mangas do jubaõ de tēla encarnada quasi coberta com laços, e caracoes de caracolilho de ouro, cinto, espada, e adaga douradas: hia montado em hum cavallo com os jaezes de verde, e ouro: tudo isto marchava em ordem, sendo o ultimo o Capitão da Guarda, que com ella cobria o coche, em que hia o Duque. No seu alcance hiaõ quarenta Fidalgos, e Commendadores da sua Casa, e seus criados em coches, liteiras, e outros a cavallo, e mais de duzentos homens, pessoas da sua familia, o acompanharaõ a cavallo. Chegou o Duque já tarde a Elvas com a comitiva de mais de oitocentas pessoas a cavallo, Vassallos, e obrigados seus, que no caminho se hiaõ continuamente multiplicando. Pouco menos de huma legoa antes da Cidade tendo o Duque montado a cavallo, e seus irmãos,



irmãos, veyo o Magistrado, e Justiças da Cidade a recebello em grande distancia, com quasi trezentos homens de cavallo, em que vinhaõ Fidalgos, e gente nobre, muy luzidos, com coches, cavallos à destra, e hum numero grande de danças, e outros festins, com que celebravaõ o gosto daquellas vodas; o Duque os tratou com tanto agrado, que todos aquelles Fidalgos ficaraõ satisfeitos. A pouco espaço chegou com seus sobrinhos o Bispo D. Sebastião de Mattos de Noronha (que entaõ governava aquella Igreja) com luzido acompanhamento, e passados os cumprimentos, entraraõ na Cidade: aposentou-se o Duque no Palacio do Bispo, e na Cathedral de Elvas haviaõ de receber as benções, e descansar na Cidade situada com pouca desigualdade entre Villa-Viçosa, e Badajoz, por onde entrava em Portugal a Duqueza de Bragança, a quem logo o Duque mandou hum recado por D. Antonio de Mello, seu Estribeiro mór, saber como havia passado na jornada.

Naquelle mesmo dia com tres coches de criados partio o Senhor D. Duarte pela posta a Badajoz a visitar a Duqueza, onde se detinha, até que estivesse prompto o apparato da sua entrada. O Conde de Niebla, que a acompanhava, sabendo, que vinha o Senhor D. Duarte, sahio fóra da Cidade em grande distancia a encontrar-se com elle, e metendo-se ambos no coche, voltaraõ à Cidade, onde a visita duraria meya hora, e se recolheo a Elvas.

Elvas. No dia seguinte 12 de Janeiro partio a Duqueza de Badajoz na carroça de Roma, que o Duque lhe mandara, com todos os Fidalgos, e Nobres daquela Cidade, e com os que de S. Lucar lhe vinhaõ assistindo: entre Fidalgos, criados, e pessoas particulares, eraõ pouco menos de quatrocentos, lustrosamente trajados, e com tanta riqueza, e bizarrria, que mostravaõ a grandeza do Duque de Medina Sidonia. Trazia seis coches de Damas, e Fidalgos, sessenta e duas cargas com reposteiros, e penachos, e peitoraes de calcaveis, e dez, que eraõ da sua recamera, com reposteiros de veludo encarnado com bordados de cortado com as Armas do Duque seu pay; as azemelas com peitoraes de franjas, cabeçadas de seda, os calcaveis arochos, ferragens, antolheiras, e laminas com as Armas, tudo de prata.

Haviaõ dado nove horas, quando o Duque entrou no coche: e sahindo de Elvas com toda a sua Corte, passou a ponte do Caya, e a pouco espaço encontrou a luzida comitiva Castelhana, e emparelhando com a carroça da Duqueza, se passou a ella com seus irmãos, onde feitas aquellas cortezias, a que o respeito obriga, tomaraõ o assento de diante o Senhor D. Duarte, e Conde de Niebla, e a Escribeira direita o Senhor D. Alexandre.

Chegarãõ a Elvas entre as tres, e quatro horas da tarde, entre muita agua, que choveo, que naõ podia diminuir o gozto daquelle dia. Apearãõ-se

se no adro da Sé, onde a Duqueza foy levada na cadeira, que lhe estava prevenida, nos braços de quatro Moços da Camera do Duque até a porta principal da Sé, onde o Bispo estava esperando. Sahio da cadeira a Duqueza em corpo deixando o boheme, que levava, e recebeo a agua benta da mão do Bispo, e entrou com o Duque, e os Senhores, levando-a de braço o Senhor D. Duarte, e a cauda da cota a Camereira môr. Ao entrar tocaraõ os orgaos, charamellas, e outros algres instrumentos, até chegarem ao lugar, que lhe estava preparado: commungaraõ os Duques da mão do Deaõ da sua Capella; o Bispo ratificou o matrimonio, e lhe lançou as benções, soando entre tanto acorde Musica, que com papeis feitos ao intento applaudiaõ a felicidade daquella Real voda. O Duque hia vestido de taby anogueirado razo, guarnecido de passamanes de ouro bordados de grande altura, dos passamanes sahiaõ huns ramos largos voltados, bordados de ouro, e perolas, e todo o mais campo do vestido era de enlaçados SS com perolas nos meyo, e extremos; e no espaço, que ficava de hum a outro, de ramos quasi com flores de Lyz de chaparia de ouro: o farragoulo forrado do mesmo taby de flores, e cento e vinte botoens, que tinha o vestido, eraõ de ouro, em que se enfastavaõ grossos rubins, e diamantes, entreflechados hum diamante, e hum rubin, e todos se acompanhavaõ de quatro perolas, arrematando no extremo

Pereira, *Epit. dos Fel-*
tes do Duque de Bra-
gosa, p. 20.

tremo do meyo com hum S; tinha o vestido dezoito mil perolas, em que havia muitas, que na estimação valiaõ mais de vinte cruzados, muitas de quinze, e nenhuma menos de dous; as mangas do jubaõ eraõ de hum taõ apertado bordado, que parecia ouro de martello. A espada, cinto, e adaga, era tauxiada de prata, e ouro; levava tambem hum collar de grossas perolas, e rubins, estimado em oitenta mil escudos de ouro; este collar deu ElRey D. Manoel ao Duque D. Jayme seu sobrinho no dia, em que foy jurado Principe herdeiro do Reyno de Portugal. Era o chapeo negro, o centilho obra igual à do collar, a joya huma pluma de quasi meyo palmo de rubins, no reverso sahiaõ a pouca distancia diversas plumas brancas; meyas, ligas, e rosas brancas, cobertas de pontilha de ouro, e çapatos negros. A Duqueza hia vestida de huma cota inteira de quatro mangas, as cahidas de pontas cortadas quasi a triangulo, abertas, e forradas de taby de prata de flores, em lugares tomadas com huma joya de diamantes. Era a cota verde bordada de huma nova invençaõ de laços de flores, e ramos de prata, e ouro taõ tecidos, que apenas se deixava divisar a cor verde. Do pescoço se suspendia huma banda da propria cor, tecida de ouro, e prata, com huma grande joya de diamantes de grande valor, volta, e alça-cuello à Castelhana, os cabellos toucados de rosas verdes com pontilhas de ouro, e prata, ao hombro hum boheme

Tom.VII.

D

como

como a cota, chapeo branco coberto de largas pontas de renda de ouro, e plumas brancas. O Senhor D. Duarte hia vestido de lhama anogueirada, guarnecida de passamanes de ouro bordados, e por entre elles lanteyoulas de prata, e o campo bordado de SS de ouro com chaparia de prata, o farragoulo forrado de taby de flores de ouro anogueirado, espada, cinto, e adaga como o Duque, meyas, ligas, e rosas anogueiradas com pontilha de prata, chapeo negro com plumas anogueiradas, joya, e centilho de rubins, e hum collar de diamantes de grande valor, que a Princeza Dona Joana mandara à Senhora D. Catharina, quando se effectuaraõ as vodas com o Duque D. João I. seus gloriosissimos avós. O Senhor D. Alexandre hia vestido de risão verde, com guarnição de passamanes bordados de meya tranca, e briscada, com entremeyos de casquilho, e meyas perolas de prata, o mais campo era de trocados SS bordados de prata, e chaparia de prata, o farragoulo forrado de lhama branca emprensada, meyas, ligas, e rosas verdes com pontilha de prata, chapeo negro, plumas brancas, centilho, e joyas de diamantes, collar de ouro de peças, debaixo de outro, em que trazia a Veneranda Ordem de Christo guarnecida de diamantes, e espada de ouro ornada de diamantes, com a qual fora armado Cavalleiro o Infante D. Duarte seu visavô, no dia, em que recebeu a Ordem da Cavallaria de Christo, e hum punhal tambem rico. O Conde

Conde de Niebla sahio nesta occasião como em os mais dias, que assistio em Villa-Viçosa, com ricos vestidos, joyas, e collares, não só elle, mas os seus criados, e os do Duque com excellentes galas, e collares, fazião na multidão, e riqueza hum a agradavel, e magnifica Corte.

Acabadas as ceremonias da Igreja, recebidas as benções da mão do Bispo, e os parabens, com que todos se congratulavaõ da felicidade daquelle dia, o foraõ todos acompanhando ao Paço do Bispo: o Duque levou a Duqueza de mão até à cadeira, em que foy levada pelos mesmos, que a tiraraõ do coche, assistindolhe o Duque sempre junto à vidraça. Chegando ao Paço, foy magnifica a hospedagem, e exquisita a pompa prevenida pelo Bispo, que era de animo altivo, e generoso. Não se detiveraõ os Duques muito à mesa, ainda que as iguarias eraõ muitas, e assim se despediraõ do Bispo, que por sua indisposição se dispensou de os acompanhar. Refere-se, que o Bispo no tempo, que recebera os Duques se embaraçou em si mesmo, e que cahira, contentando-se entaõ a fortuna de ameaçallo com o precipicio, que guardava para outro tempo, e que logo com intrínseco disgofo pagara aquelle Prelado a demasia da sua vaidade, vendo-a não lograda, porque os Duques isentando-se da hospedagem, pertenderaõ antes pagalla, que merecella. Foy fama, que com hum collar de grande valor (a sessenta mil cruzados o sobi-

Tom.VII.

D ii raõ

raõ alguns) quizera o Duque D. Joaõ satisfazer os dispendios daquella entrada; porém o Bispo se deu por melhor pago naquella demonstraçaõ, por não pôr em litigio a grandeza. Neste successo quize-raõ muitos, se houvesse fundado aquelle odio, que d'este dia até o ultimo da sua vida, o Bispo exerci-tou contra o Duque, e assim o mostraraõ os tem-pos.

Pouco antes da noite entraraõ os Duques no coche, e partiraõ de Elvas, aonde se lhe fizeraõ as mayores festas, que naquella Cidade em algum tempo foraõ feitas. Marcharaõ na ordem, que per-mittia o tempo, as cargas, e recamera da Duque-za, e muitos criados seus, hiaõ huns no alcance dos outros, e assim foraõ chegando a Villa-Viço-fa, aonde os Duques chegaraõ às duas horas de- pois da meya noite: e como o tempo estava nubla-do, e fazia escuro, se prevenio hum grande nume-ro de tochas accesas, e vinte e quatro lanternas grandes de campo accesos, que rodeavaõ o coche, que fez não tivessem detrimento no escuro. En-traraõ na Villa, que estava toda guarnecida com dous mil arcabuzeiros das Ordenanças da Villa, e de Borba, debaixo do mando dos Capitães Anto-nio Rodrigues Robles, Francisco Paes, e Bartho-lomeu Rodrigues, que haviaõ servido muitos an-nos em Flandes, e ao mesmo tempo estava toda il-luminada, entre os repiques dos sinos, e salvas da artilharia do Castello, descargas da mosquetaria,
trom-

trombetas, atabales, clarins, e tambores, e os vivos do povo, que com diferentes danças, e fellins, fazião em huma confusão alegre magestosa a entrada. As ruas por onde passavaõ, estavaõ ornadas, e entre flores, e outras especies de aromas, que as Damas lançavaõ das janellas aos Duques, e com vivas, e acclamações, demonstradoras do gosto, chegaraõ ao Paço, em que ardiaõ duzentas tochas; e acompanhados da sua Corte, e dos Senhores, que lhe vieraõ assistir, sobiraõ, levando o Duque de mão de huma parte a Duqueza, e da outra de braço o Senhor D. Duarte. O Bispo da Guarda D. Fr. Lopo de Sequeira, descendo com sua mãe D. Isabel Pereira de Vasconcellos, e com D. Filippa de Brito, beijaraõ a mão à Duqueza, e esta ultima tomou a cauda da cota, e depois das dividas cortezias sobiraõ: o Senhor D. Alexandre querendo mostrar o quanto estimava aquella voda, se abaixava a cada degrao, que sobia a Duqueza, tomando a cota para que lhe não servisse de embaraço. A` entrada da sala estava a Cruz Metropolitana levantada, e o Arcebispo de Evora D. Joseph de Mello, filho do Marquez de Ferreira; e depois de feitas as cortezias, que permittiaõ os muitos annos, e cabiaõ na sua grande Dignidade, os foy acompanhando até à Camera da Duqueza, aonde fazendolhe, e ao Duque, breve visita, se recolheo; algum espaço depois fizeraõ os Senhores o mesmo.

No

No dia seguinte comeo o Duque em publico, e sahindo da sua antecamera com os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, atravessou a falla, e foy a buscar ao seu quarto ao Conde de Niebla, que logo sahio com elle, e voltaraõ todos para a mesa, que estava posta em huma falla bem armada, e no meyo hum estrado grande de dous degraos cobertos de excellentes alcatifas, que cobria hum docel de veludo carmesim, e quatro cadeiras: defronte estavaõ dous doceis de tela amarella com as Armas bordadas, os quaes tinhaõ debaixo dous grandes aparadores, com seis degraos cobertos de veludo, em hum estavaõ cento e cincoenta peças de prata dourada de excellente feitio, e exquisito gosto; o outro estava guarnecido de prata branca lisa para o serviço, a que se juntava em hum, e outro muitas peças de prata grandes, bem obradas, que serviaõ sômente de ornato. Sentaraõ-se à mesa, o Duque na cadeira do meyo, à sua mão direita o Conde de Niebla, e logo o Senhor D. Duarte, e à esquerda o Senhor D. Alexandre, ficando todos quatro debaixo do docel. Depois de sentados, o Bispo da Guarda se sentou tambem da parte do Senhor D. Duarte, e D. Fernando de Mello da mesma parte, mas na volta da mesa. Benzeo-se a mesa na fórma costumada; da parte direita ficaram os Fidalgos da Casa do Duque, e os Gentilhomens, que acompanharaõ a Duqueza, todos descobertos. Entraraõ os Porteiros da Cãa, e os da

da Maça com ellas ao hombro; seguiaõ-se os Arautos, e Passavantes com cotas de razo encarnado, e branco, e nellas os Castelllos, e Quinas de Portugal, e logo o Veador do Duque, e o Mantieiro com o gomil, e prato de bassioens dourado; traziaõ mais dous, hum criado accrescentado da Casa do Duque, e outro hum Moço da Camera: e depois de feitas as devidas cortezias, o Mantieiro lançando agua no prato, o beijou, e entregou ao Trinchante, que com a mesma cerimonia o poz diante do Duque, e lhe deu agua às mãos, e ao Conde, e Senhores D. Duarte, e D. Alexandre; depois de elles, o criado accrescentado a deu ao Bispo, e o Moço da Camera a D. Fernando: e tirando o Mantieiro a toalha, se foraõ os demais, tardando pouco em voltar com as iguarias, que acompanhavaõ os Soldados da Guarda do Duque. Assim, que se apresentaraõ as iguarias, deu huma salva o Castello com toda a artilharia, e começaraõ a soar as trombetas, charamellas, atabales, e miniftris. Foraõ as iguarias muitas, muy delicadas, e com excellentes invenções de diversos triunfos, figuras de animaes, aves, peixes, coroas, conformes ao uso daquelle tempo, em que naõ eraõ menos pompofas, que aprasiveis, e vistofas as mesas. Todos os dias, que o Conde de Nibla effeve na Corte, sempre o Duque comeo em publico com o mesmo Estado.

Neste mesmo dia à tarde começaraõ as festas:
corre-

correrão-se Touros ; à noite estava tudo illuminado como os mais dias , e havia diversas festas de jogos, danças , e mascaradas pelas ruas , e houve artificios de fogo em duas naos , de que sahiraõ muitas , e galantes invenções , com que se passou com alegria a noite.

No dia seguinte , que era huma festa feira , que se contavaõ 14 de Janeiro , mandou o Duque à Duqueza hum presente de peças , e joyas de rubins , diamantes , e perolas , obradas com admiravel arte , e de grande preço , e valor. A Duqueza se ornou logo com algumas , e sahio a ouvir Missa à sua Tribuna , com huma cota de taby anogueirado , e flores de prata , acompanhada da Camereira môr , e as suas Damas. O Duque fez o mesmo na sua Tribuna com o Conde de Niebla , seus irmãos , o Arcebispo de Evora , e Bispo da Guarda ; foy a Missa rezada , e no tempo , que se dizia , cantou a Capella o Hymno: *Te Deum laudamus* , e depos diversos Vilhancicos feitos à vinda da Duqueza , o que se continuou com outros differentes ao mesmo intento nos mais dias , que duraraõ as festas. Na tarde houve Carreiras , que correo Antonio Galvaõ , hum dos Escribeiros do Duque , o qual no mesmo lugar o servio depois de Rey , e foy Fidalgo da sua Casa , Commendador de Santiago de Orem , e N. Senhora da Caridade na Ordem de Christo , e seu filho Mancel Galvaõ servio no dito emprego a ElRey D. Pedro , e seu neto Lourenço Luiz

Luiz Galvão actualmente a ElRey Dom João V. Era muito déstro na arte de Cavallaria, de que fez hum Tratado, que imprimio no anno de 1678, e nelle repete em laminas abertas as admiraveis obras, que então fez, e na verdade exceedem a toda quantia destreza se póde imaginar. Foy a primeira, correndo com o pé no chaõ, e tornando-se à cella com incrivel velocidade, parou. A segunda, soltando da mão muitas vezes hum lenço, o tomava do chaõ, indo sempre na mayor carreira do cavallo. A terceira, depois de começar a carreira, voltando-se na cella, se poz com os pés em cima, e correo até o meyo, e tornando-se com os pés aos estribos em hum instante, acabou a carreira. A quarta, correndo, foy pondo o pé muitas vezes no chaõ. A quinta, fazendo ao parar pôr as ancas no chaõ ao cavallo diante dos Duques, e seus irmãos, acabou fazendolhe cortezia. Depois da admiravel destreza, com que Antonio Galvão satisfez os mais difficultosos primores da arte da Cavallaria, com grande applauso dos Duques, e toda a Corte, se seguiu huma Comedia publica em vistoso theatro, que para este fim se fez perto da janellas do Paço, em que os Duques assistiraõ, e seus irmãos. Na noite houve luminarias não só no Paço, e no Terreiro, que se illuminou com muita variedade, mas em toda a Villa. No campo estavaõ duzentos Arcabuzeiros com o seu Capitão promptos para acompanharem as fálvas do Castello, os quaes faziaõ ex-

Tom. VII.

E

erci-

ercício militar com descargas, e ao mesmo tempo se viaõ em outra parte Borlatins com extraordinaria ligeireza, que entretinhaõ, e levavaõ atraz de si o povo.

Pela parte de S. Joãõ do Carrascal veyo hum encamizada, que fez a sua entrada pela de Santo Agostinho. Trazia diante hum trombeta baf-tarda, e logo os Atabaleiros em mullas com cobertas verdes bordadas de cortado amarello, quatro trombetas, hum terno de charamellas, todos bem montados, e hum grande numero de danças, e folias, entre ellas dous carros triunfaes, hum de charamellas, e outro de Musica: seguiaõ-se vinte e quatro Moços da Estribeira, e vinte e quatro Moços da Camera descobertos com tochas accesas nas mãos, e dous cavallos à déstra, cobertos com telizes de veludo carmesim bordados de cortado de flores de téla amarella, os quaes hiaõ no meyo dos Moços da Estribeira.

Seguia-se a primeira parelha, que eraõ os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, montados em soberbos cavallos: o do primeiro era castanho claro, o do segundo bayo rodado de branco, com mochillas encarnadas bordadas de passamanes de ouro, chareis de ouro, e seda, enfeitados de varias cores, com estibos, boçaes, e enceladas de prata; os vestidos de ambos eraõ de veludo negro, golpeados sobre téla branca, os golpes com moscas de prata, as mangas do jubaõ de téla branca mosqueadas

queadas de negro, capas negras forradas da mesma t la, chapeos negros com tranças de velinho de prata, e humas rofas grandes illustradas de temblantes, e argentaria de ouro, e prata, de que fahia  plumas brancas; o Senhor D. Duarte trazia atravessada hum lig do proprio velinho, e o Senhor D. Alexandre sobre a cadea do habito hum talim de bordado recamado, e com tochas de quatro pavios nas mãos, e logo os seguiaõ vinte e duas parrelhas de singulares Cavalleiros com tochas accensas, vestidos ricamente, e com bom gosto, de t las, e tabys de cores, plumas, joyas, collares, e jaezes, que faziaõ huma agradavel, e pomposa vista: a esta entrada correspondeo o Castello com hum salva de toda a artilharia, os Moços da Camerara, e Estribeira ficaraõ conforme a sua gradua o p stos em ala ao p  da janella dos Duques, fazendo o mesmo a Guarda, que havia acompanhado aos Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, e da outra parte huma Companhia dos Arcabuzeiros, occupando huns, e outros o espaço da carreira: e quanto, que estas se correria , fahiraõ com a mesma ordem, e foraõ passear asruas da Villa, que estava toda illuminada.

No dia 15 houve Touros, e foraõ os Cavalleiros D. Luiz de Noronha, Caçador m r do Duque, Fernaõ Rodrigues de Brito, seu Camereiro m r, Salvador de Brito, seu Trinchante, todos Commendadores da Ordem de Christo, e Antonio

Galvaõ, hum dos seus Estribeiros; mostraraõ todos sciencia, e arte, que a ventura fez nas sortes mais luzida, matando muitos Touros. Na noite houve Comedia no Paço. O Duque querendo em tudo divertir o Conde de Niebla seu cunhado, determinou fõssẽm huma tarde à sua singular Tapada; e assim sahio o Duque do Paço com seus irmãos, e o Conde, e entraraõ no coche, ao mesmo tempo os salvou o Castello com a artilharia, soando as trombetas, atabales, charamellas, pifanos, e tambores. Marchavaõ diante dezafete coches, e os cavallo da caça atraz; gastou-se a tarde com applauso, porque se mataraõ gamos, e javalis, e voltaraõ ainda de dia para Villa-Viçosa. Foy applaudida a sua entrada com outra salva da artilharia do Castello, e continuaraõ na Villa as festas com diversas invenções de danças, e festins, a que acodia muita gente, e ainda mais, porque das janellas o Senhor D. Duarte, e D. Alexandre, lançaõ muitas patacas, e escudos, e outras moedas ao povo, que deu causa a huma tumultuosa pendencia. Na mesma noite houve fogo do ar, que ardeo em huma magnifica Torre com vistosos artificios, que durou largo tempo.

Contavaõ-se 17 de Janeiro, dia que se destinou para hum magnifico jogo de Canas Reaes, que se dividio em duas quadrilhas, cada huma de dezoito Cavalleiros; a primeira era do Senhor D. Duarte com D. Luiz de Noronha, Caçador mór;
a se-

a segunda do Senhor Dom Alexandre com Fernaõ Rodrigues de Brito, Camereiro môr do Duque, ajuntaraõ-se no campo do Carrasçal, donde sahindo por Santa Luzia à rua da Corredoura, entraraõ na fórma seguinte.

Diante hia huma bastarda, e seis trombetas, quatro atabales, todos com vaqueiros guarnecidos de passamanes de prata, montados em mullas cobertas com gualdrapas de pano verde, bordadas de cortados de amarello; logo as danças, e entre ellas com divisaõ tres ternos de charamellas, e as do Duque com sua libré; seguiaõ-se duas azemelas de canas cobertas de reposteiros de veludo verde com as Armas bordadas de ouro, e prata com cadilhos de varias cores; as ferragens, arrochos, e testeiros das Armas eraõ de prata. Entraraõ oitenta cavallos à dextra com jaezes de ouro, e prata, os mais delles do Duque; dos ultimos eraõ doze dos Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, com jaezes de ouro, perolas, e aljofe, boçaes, e enceladas do mesmo, cobertas as cellas de ricos telizes de varias cores; vinhaõ prezos pelos cordoens das cabeçadas, que levavaõ homens vestidos com marlotas de tafetá azul, e verde: foraõ os Padrinhos Dom Christovaõ Manoel, e D. Antonio de Mello, Estribeiro môr do Duque, que hiaõ montados em soberbos cavallos; seguia-se o Meirinho da Casa, doze Moços da Estribeira, e doze da Guarda, que levavaõ no meyo ao Senhor D. Duarte, e à sua estribeira

tribeira doze Moços da Camera, hum dos quaes levava a adarga com a sua empreza, que era hum Loureiro verde, e quatro Coroas do proprio suspendidas delle, com esta letra : *Nondum aruit*, e no estandarte da lança levava hum Aguiã com os pés atados, e a letra, que dizia : *Semper eadem*. Assim os desta, como da outra quadrilha vestiaõ à Mourisca com marlotas, e capellares de velilho de ouro, e azul, franjados de ouro, forros de tafetá azul, barretes vermelhos sem plumas, e suas emprezas : não levava mais differença o Senhor Dom Duarte, que ter esporas, e traçado de ouro, e aljofres, e o seu cavallo, que era bayo, ir guarnecido com joyas, freyo, encelada, e boças do mesmo ouro, e aljofres. Os da outra quadrilha vinhaõ com marlotas, e capellares de velilho de ouro verde; o Senhor D. Alexandre hia em hum cavallo castanho claro, no mais igualava em tudo com seu irmão, com outros tantos Moços da Camera, Estribeira, e Guarda: levava na adarga por empreza hum Sol fahindo de huma nuvem escura, com esta letra : *Post tenebras spero lucem*, e no estandarte da lança hum Arpa, com a letra, que dizia : *Quid erit in Caelo?* Ultimamente marchava hum esquadrão de duzentos Soldados, com bandeira, tambor, e pífano, que governava o Alferes mór do Duque, Soldado veterano, que tinha militado em Flandes, todos com luzidos vestidos, bandas, e plumas.

Entra-

Entraraõ desde Santo Agostinho pela parte do Convento das Chagas: tanto, que chegaraõ à janella, em que estavaõ os Duques, tirando com bizzaria as lanças do hombro, com abaixarlhe as pontas fizeraõ as cortezias, passando a dar principio às carceras, e no fim dellas às Canas, que correrãõ com desembaraço, e bizzaria, e depois com huma vistosa escaramuça; e acabando ultimamente com carreiras, se despediraõ na fórma, que haviaõ entrado, o que applaudio o Castello com huma salva da artilharia, e sahiraõ a passear as ruas da Villa: na noite houve Comedia no Paço.

A fatisfação, que o Conde de Niebla teve da passada montaria, o obrigou a pedir ao Duque voltassem ao campo, o que logo se poz em pratica, sendo o dia ainda de mayor gosto, pelos muitos veados, e javalis, que m taraõ. Nesta mesma tarde houve Comedia publica, e na noite outro magnifico fogo do ar, representado em fontes, e outras admiraveis invenções. Na quinta feira 20 do mez de Janeiro no tempo, que o Conde de Niebla estava mais divertido, e gostoso na companhia dos Duques, foy chamado do Duque seu pay, deixando em todos saudosas memorias da sua agradavel companhia, as quaes eraõ mais vivas na Duqueza sua irmãa, que sentio se ausentasse taõ depressa. O Duque com seus irmãos o acompanharaõ até junto da Tapada; e já se havia despedido hum dia antes o Arcebispo de Evora, e o Bispo da

Guar.

Guarda, e outros Senhores, retardando-se alguns mais o Marquez de Ferreira, em quem o parentesco era tão chegado, como a estimação no Duque, sendo esta Casa em todo o tempo a mais attendida dos Duques de Bragança, e tambem elles os mayores servidores della. Relatámos estas festas com alguma individuação, sómente para que se não perca de todo a memoria do antigo, tão estimado no bom gosto dos curiosos. Dellas se imprimio hum livro em Evora no anno de 1633, feito por Diogo Ferreira, com o titulo: *Epitome das Festas, que se fizeram no Casamento do Principe Dom João, deste nome segundo, e oitavo Duque de Bragança*. Em Sevilha se imprimio tambem huma Relação desta festa. Manoel de Galhegos, hum dos scientes Poetas daquelle tempo, celebrou estas vodas em hum admiravel Poema, que se imprimio em Lisboa no anno de 1635 com o titulo: *Templo da Memoria, Poema Epithalamico nas felicissimas bodas do Excelentissimo Senhor Duque de Bragança, e de Barcellos*.

Todas estas demonstrações de gosto eraõ hum prognostico dos corações dos Vassallos na felicidade, que se havia de seguir deste ditoso thalamo, em que entraraõ, contando o Duque vinte e oito annos, e a Duqueza vinte. Foy neste mesmo anno nomeada para o governo de Portugal Margarida de Saboya, Duqueza de Mantua, viuva de Francisco Gonzaga, IV. Duque daquelle Estado, a qual

qual era prima com irmãa delRey D. Filippe IV. por ser filha da Infanta D. Catharina, filha delRey D. Filippe II. a qual casou com Carlos Manoel, Duque de Saboya. Achava-se esta Princeza em Pavia, lançada fóra do mesmo Estado, que dominara; porque por morte de seu marido, ficandolhe huma só filha, que foy a Princeza Maria Gonzaga, a quem havia excluido daquella soberania Carlos Gonzaga, Duque de Nevers, como Varaõ, a quem tocava por morte do Duque Vicente seu primo sem successão, e com effeito lhe succedeo, e foy Duque de Mantua, e casou com a mesma Princeza, como deixámos escrito no Livro III. pag. 431. Havia ElRey D. Filippe entretido a Duqueza Margarida com o governo de Pavia, donde a foy buscar o Conde Duque para o governo de Portugal, contra os privilegios, que lhe foraõ concedidos em Thomar por ElRey Dom Filippe II. a quem excluía o ser mulher, e naõ estar naquelle grao de parentesco com ElRey, dos que se haviaõ determinado nas Cortes. Havia sido esta eleição inspirada pelo Duque de Villa-Hermosa, quando acabando o tempo de Vice-Rey D. Diogo de Castro, cuidou o Conde Duque entregar o governo a Dom Francisco de Borja, Principe de Esquilache, com o pretexto de ser descendente de Portuguezes, o que lhe ficava já distante, pois era neto da Duqueza de Gandia D. Leonor de Castro, mulher do Duque D. Francisco, que hoje venera a Igreja Ca-

tholica collocado nos Altares com o nome de S. Francisco de Borja: porém desta ao seu parecer justa eleição, o tirou o Duque de Villa-Hermosa, irmão do Principe de Esquilache, tal vez pelo capricho de se ver preferido nos merecimentos, e lhe inculcou a Duqueza de Mantua para o governo de Portugal, onde entrou no fim do referido anno de 1634. O Duque de Bragança a mandou visitar a Elvas, e dar-lhe os parabens da sua vinda por Francisco de Sousa Coutinho, seu Apofentador mór, o qual como era dotado de hum grande talento, e bem exercitado nas politicas da Corte, com o desejo de servir a seu Senhor, soube penetrar da pratica, que teve com o Marquez de la Puebla, o genio da Duqueza; e voltando a Villa-Viçosa, affentou, do que referio ao Duque, desvanecerse a idéa, em que estava, de se avistar com ella, evitando assim o preciso dissabor, que a ambos se podia seguir da visita. Continuou a Duqueza de Mantua a sua jornada a Lisboa, onde entrou em Janeiro de 1635, assistindolhe o Marquez de la Puebla, que de Madrid veyo na sua companhia sem occupação, só para a aconselhar no governo nas materias de mayor importancia. Porém esta disposição não teve effeito, porque fogueitando-se totalmente ao arbitrio do Secretario Miguel de Vasconcellos, ordenava sem contradição, e mandava executar sem dependencia.

Era grande a harmonia, e correspondencia,
com

com que o Duque vivia com seus irmãos; mas tanto, que o Duque se vio casado, houve de faltar àquelle affecto, que destinou para a esposa. Seguiu-se passar neste tempo a servir em Alemanha o Senhor D. Duarte, como deixámos escrito no Capitulo XIX. do Livro VI. Entenderão o Duque, e a Duqueza de Bragança, que viverião em grande conformidade ausente o Senhor D. Duarte, porque nos olhos da emulação, era reputado como pedra do familiar escandalo das suas vontades; porém apartando-se o Senhor D. Duarte, logo se descobrirão novas causas de descontentamento. Originou-se este, porque o Duque D. João se declarou tão affeição-do às Comedias, que já se notava publicamente o excesso, tal vez incitado das queixas, que a Duqueza sentia, porque a delicia do Duque seu marido não parava sómente nos theatros. As continuas jornadas ao bosque, e dilação nelle, davaõ não menos causa a semelhante effeito.

Havia nos primeiros annos o Duque D. João aprendido com felicidade a sciencia da Musica, a que voltando agora parte do appetite, que lhe sobejava de outras inclinações, se empregou nella tanto, que chegou ao seu perfeito conhecimento. Alguns politicos excitaraõ se convinha aos Principes a Musica, e a Poesia, sendo proffissoens honestas, e louvaveis: deixadas as razoes, em que fundão a sua opiniaõ, senão he paradoxo, he admiravel o que hum Philosopho suspeitou neste caso, que como

Tom. VII.

F ii

os

os homens não podem igualar aos Príncipes nos dotes da fortuna, não sofrem, que os Príncipes os possam exceder nos da natureza.

Nasceu por este tempo a 8 de Fevereiro de 1634 o Duque de Barcellos D. Theodosio, primogenito da Casa de Bragança, que serenando domesticas discórdias, com novo, e mais delicioso vinculo unio as vontades dos Duques seus pays, que o tempo foy adiantando cada dia com novos peñhores da fecundidade da Duqueza; porque logo no anno seguinte a 21 de Janeiro nasceu a Senhora Dona Anna, que no mesmo dia voou à Eternidade com grande mágoa de seus pays. Porém com pouco intervallo de tempo, mas preciso, se enxugaram as saudades dos Duques com o nascimento da Senhora Dona Joanna a 18 de Setembro de 1636. Porém, que juizo pôde pezar na balança do tempo os bens, e os males, para que penda igualmente? Mas assim succedeo, porque a não largo espaço de tempo do nascimento destes Príncipes, succedeo a morte do Senhor D. Alexandre seu tio em idade florente, ornada de igual gentileza, que virtude, como no Livro VI. Capitulo XVIII. deixámos referido. O Duque com liberal providencia proveo no Senhor D. Duarte as Comendas vagas por seu irmão, de forte, que ficava com sufficiente renda para sustentar o titulo de Príncipe de Bragança, que em Alemanha lograva.

A Casa de Bragança sempre foy a emulação dos

dos Grandes de Castella, (de cuja ordem era o Valido) e não podiaõ conformar-se, que julgando-se elles por immediatos à Magestade, dentro de Hespanha se achasse quem fuisse todo mayor, que elles. Por esta causa, córados de varios pretextos os seus fins, desejavaõ a troco de ver ao Duque de Bragança seu igual, introduzillo nos lugares, em que elles tambem desejavaõ introduzir-se. Passou este pensamento a pratica, que approvou o Conde Duque, e assim em trages de lisonja procedia a inveja. Propoz-se no Conselho de Estado, que pois a Monarchia estava na presente conjuntura mais opulenta de occasioens, do que de sujeitos, não era tempo de deixar de cultivar, os que floresciaõ: que havia annos, que durava o silencio da Casa de Bragança, tempo bastante para compor as suas primeiras turbações: que o presente Duque por idade, e talento, estava capaz de grandes occupações: que era justo não augmentar o silencio, em que se tinha aquella Casa, que parecia, que a presumpção, ou o desprezo a fazia escusar-se do serviço, eximindo-se do jugo de Vassallo; e quando fosse esta causa, por lhe exercitar o merecimento da obediencia, que o Duque D. Joaõ se achava com hum filho herdeiro, e com immediatos penhores, com que se assegurava a sua Casa, e tambem as pertençaes propoitas para a segurança do seu augmento; e assim pedia a razaõ fosse admittido ao mesmo, que os outros Grandes da Monarchia: pelo que podia

ElRey

ElRey edificar na sua pessoa hum General, hum Criado, e hum Ministro. A esta pratica se mostrou propicio, e obrigado o Conde Duque, não se eximindo da censura de alguns, que por seus proprios fins o denunciaraõ Author daquelle soborno. Taes são as subtilizas dos politicos, e a diversidade, com que se vestem nas Cortes.

Birago, *Hist. di Portugallo*, liv. 2.º pag. 159.

A esta propozta se seguio a Consulta com a conformidade dos votos, que o Duque de Bragança D. Joaõ pass. se ao governo de Milaõ, e Vigaria de Italia, cujos postos eraõ já mais reputados pela guerra, que se esperava certa, que a paz, que se ouvia incerta com Saboya, pois os Catalães estavaõ promptos a seguir a resoluçaõ de Alemanha, interessados pelos Protestantes na eleiçaõ de Rey dos Romanos; e Veneza com os Principes de Italia não menos promptos, que suspeitos a fomentar as novidades convenientes à sua conservaçaõ. Ignorava o Duque de Bragança este negocio, que o Valido havia fechado com novo segredo, por lhe não dar tempo à prevençaõ das escusas: chegou o dia do aviso, taõ artificiosamente despachado, que só a Francisco de Sousa Coutinho disse em Madrid o Conde Duque tinha ElRey feito merce a seu Senhor.

Foy largo o projecto, que se seguio a esta determinação, que em fim se revogou; porque sendo conferida como merce, mostraraõ haverse contradito o dictame Real; porque o Duque recusou o empre-

emprego com o pretexto, de que inteiramente ignorava os negocios de Italia. Affirmaraõ com tudo os politicos naõ ser syncera, mas artificiosa a conformidade do preceito, e a escusa; porque hum vez conhecido o animo do Duque de Bragança, seria facil obrigarlo a cahir em outro mais barato modo de abatimento, de que se satisfizesse melhor a emulaçaõ, de tal sorte interpretou aquella temperança esta malicia. Alguns criados do Duque sem passar o discurso adiante, do que ouviaõ, pelo receyo da vingança, temiaõ a escusa: porém o Duque recebeo o aviso de forte, que penetrando a difficuldade conhecia, que se alterava a harmonia, em que vivia, sendo muy grande o numero da familia, que muitas vezes passou de seiscentos criados, muitos de grandeza, e qualidade, reconhecida de seus Senhores por obrigaçaõ do sangue, e memoria dos antepassados; de forte, que sahindo da sua casa, era forçoso despojar-se do thesouro, ou da grandeza.

A Monarchia de Hespanha, cuja tea começou a ordir ElRey D. Fernando, e a teceo Carlos seu neto, para que a vestisse o Segundo Filippe, já naõ chegou inteira ao Terceiro, e veyo rota ao Quarto: este Principe, sendo hum dos mais pacificos do Mundo, veyo por d sposiçaõ dos fados a ser hum dos mais opprimidos delle. He notoria a declinaçaõ, que naquelle tempo padecia Hespanha, e censurada dos Principes de Europa pela confu-

suõ

saõ do governo do Conde Duque; e se admiravaõ os politicos de ver, que ElRey D. Philippe IV. admittisse Conselho fóra da conservaçãõ do Duque de Bragança, entrando no pensamento de o transplantar de Portugal, pelo claro, e manifesto sentimento do Reyno na sua falta, vendo, que o damno crescia de forte, que ameaçava à cabeça da Monarchia.

Seguiu-se huma inundaçãõ de novos tributos, e segundo as vontades estavaõ dispostas, naõ se sabe se primeiro se estabeleceraõ, ou se approvaraõ. Sentiraõ os póvos a oppressãõ, e nas queixas defassogavaõ da violencia. Começou em Evora a pratica de procurar o modo de se livrarem da vexaçãõ, a qual he Cidade opulenta, antiga, e nobre da Lusitania, e foy theatro de militares, e pacificas maravilhas, e Corte dos nossos Reys. Naõ sofriaõ os corações dos Portuguezes já opprimidos, e taõ violentados pelo Valido delRey de Castella, a foytearse a estes novos impostos, pois era huma publica infracçãõ dos Tratados assentados em Cortes, repetidas vezes jurados, e muitas mais quebrados; com que consternados os animos vacillavaõ com a ultima ruina, que esperavaõ na pertençaõ de reduzirem o Reyno ao estado de Provincia. Esta pratica, sobre que se trabalhava, exasperou aos verdadeiros Portuguezes para tomarem a generosa resoluçãõ de acabarem em hum dia com taõ peza-do jugo.

Come-

Começou no anno de 1635 a dispor-se a liberdade por meynos disproporcionados, como foraõ os tumultos de Evora, porque o vulgo amante da liberdade nunca já mais disputa o que he mais conveniente: à primeira vista lhe parece tudo licito, e o mais justificado. Atraz daquella esperança correo o povo de Evora com barbaro movimento, com taes excessos, que o menor era a sedição; passou o seu contagio a inficionar alguns Lugares da Provincia de Alentejo, e Algarve, e não faltou quem dissesse, que se Evora estivera mais perto del-Rey, e mais longe do Duque, não se mostrara taõ briosa. Chegaraõ a Villa-Viçosa estas vozes no anno de 1638, com que se alvoraçaraõ seus moradores de sorte, que cobertos com a capa da noite, começaraõ a acclamar alguns ao Duque D. João Rey de Portugal; porém não era ainda chegado o tempo decretado pela Divina Providencia para a liberdade da Patria. O Duque, que se achava impossibilitado com huma grave enfermidade, para poder socegar aquelle rumor com o accordo, que pedia negocio, em que se interessava a sua pessoa, e Casa, mandou na mesma noite sahir pelas ruas ao Duque de Barcellos seu filho, que não tendo mais, que quatro annos, resplandeceraõ nelle as luzes das suas virtudes, de que depois se ornou este excellente Principe, e com a sua presença compoz o rumor do povo; e se recolheu ao Paço, deixando tudo socegado, e a seu pay livre do

Tom.VII.

G

cui-

cuidado, que lhe havia causado o tumulto.

Entraraõ a divisar ao longe as consequencias daquelles motins, o temor, e a malicia de Diogo Soares, Portuguez, inimigo da Patria, que servia na Corte de Madrid com o emprego de Secretario do Conselho de Portugal, e tinha a graça do Valido; e disse em publico a El Rey, que não seria Senhor de Portugal, em quanto a Praça de Villa-Viçosa se não tornasse hum prado sempre verde. Temia o sequito do Duque D. João, e desprezando a Patria, buscava o remedio para fazer mayores as suas conveniencias. O Conde Duque reconheceo logo o perigo, e propoz evitallo, armando-se de confiança contra a desconfiança, receando, que como o Reyno estava resignado na vontade do Duque de Bragança, intentou destramente fazello suspeito ao povo com publicos sinaes da sua inconfidencia; porém os Portuguezes constantes na inteira resolução do seu proposito, interpretaraõ facilmente o temor, e o artificio. Os Grandes de Portugal, que ao principio desprezaraõ o primeiro movimento popular, já o respeitavaõ, e aquelles, que em segredo não o approvavaõ, já o não contradiziaõ em publico. Não se póde saber qual era entãõ o mayor numero das vozes, se as que pediaõ a liberdade, se o remedio: porém como os Vassallos não esperavaõ seguiillas, senãõ à custa do sangue, nem o Principe sem elle, se determinavaõ na emenda.

Esta

Esta foy a primeira vez, que o Valido Castelhana vio de perto o mau semblante da fortuna; porque todos os passados accidentes da Monarchia, que se padeceraõ nas Provincias distantes, posto que grandes, se diminuiã, e levantavaõ, conforme a sua distancia. Temiaõ os Ministros, que se adiantassẽ os tumultos de Portugal, e assim procuravaõ o remedio com igual destreza ao seu perigo. A huns pareceo se devia dissimular com aquellos póvos inquietos até melhor tempo, a troco de encobrir às de mais Nações da Monarchia, que se achava entre ellas huma taõ ousada; outros entenderaõ, que com a noticia do erro, convinha chegasse o castigo. Misturaraõ-se imprudentes as armas, e as negociações, estas paravaõ ao estrondo daquellas, e os Portuguezes na tardança conheciaõ até donde podia chegar sem temor a ousadia. O Cardeal de Richeliev, primeiro Ministro del Rey de França, e taõ attento à gloria daquella Monarchia, como desejo de abater a Hespanhola, mandou no anno de 1638 a Portugal com huma instrucção ao Senhor de Saint-Pé, a explorar os animos dos Portuguezes, e a persuadir-lhe com a sua admiravel politica a opportuna occasião para a liberdade da Patria, offerecendolhe Tropas, e Armadas para poderem triumphar dos seus inimigos. E tambem referem, que escrevera ao Duque, que recuperasse o Reyno de seus avós, que França, e outros Principes o auxiliariaõ.

*Memoires pour P Hist.
du Cardinal de Richeliev, tom. 2. pag. 122.
Pallart de Bello Lusitano, lib. 1. pag. 9. impresso em Pariz no anno de 1684.*

Ao Duque de Bragança occorriaõ diversas materias de Estado; a primeira era a sua conservação para poder acodir a qualquer parte onde a fortuna o chamasse; e assim convinha estar isento da suspeita, abraçando todos os meys da justificação, de tal forte, que se conviesse, até os proprios interessadõs os ignorassem; porque como sabio reservava as acções contingentes, depositadas no coração. Taõ efficazes foraõ as demonstrações do Duque D. Joaõ, ou porque naõ appetecia o Sceptro, ou porque elle mesmo o naõ cria, de forte, que parecia a todos dissuadido de tal desejo; e muitos dos que pertendiaõ sacrificar-se em obsequio da Patria, desmayaraõ à vista da inteireza, ou indifferença do mais interessado.

Entaõ foy o Duque encarregado de aplacar, e moderar as alterações dos Lugares de Alentejo, e de seus delinquentes, porque interposta a sua authoridade, e seu nome, seria instrumento, e fiador do perdaõ aos culpados. Havia apartado por muito tempo huma grave doença ao Duque dos olhos do povo, e este mal lhe importou a vida, e a Coroa depois, porque sem duvida vendo-o presente, benigno, forte, como lhe parecia, se ajustariaõ os sediciosos, ouvindo soar a voz do seu nome. Para este fim foy mandado de Madrid o Conde de Linhares D. Miguel de Noronha, a quem pelo deservir havia inculcado Diogo Soares para este ne-goceado, do qual elle mesmo lhe impedio depois a com-

Friccia, Portug. Reforçado, part. 1. liv. 2. p. 273.

composição. Pedio o Conde para o acompanharem na expedição dos negocios a Dom Alvaro de Mello, ao Inquisidor Antonio da Sylveira de Menezes, e a D. Francisco Manoel de Mello, que se achava em Madrid assistindo aos negocios do Duque de Bragança, o qual era ornado de sciencia, e grande talento, como justificaõ as Obras, que temos suas impressas, e manuscritas, e era preciso nesta commissão para conciliar os animos do Duque de Bragança, e do Conde de Linhares, de cuja uniaõ estava persuadido o Conde Duque, e pendia o ajustamento das alterações de Evora. Foraõ-lhe concedidos os tres, sem mais titulo, que para lhe assistirem. Partio o Conde, e a poucas jornadas chegou ordem para que voltassẽ a Madrid D. Alvaro de Mello, e Antonio da Sylveira, e que só D. Francisco Manoel continuasse a jornada. Conheceo o Conde ser aquella ordem fabricada pela industria de Diogo Soares, para lhe embarçar os meys da execuçaõ, e o fazer cumplice na infelicidade da empreza. Naõ alterou este incidente a jornada, que continuou o Conde com D. Francisco Manoel até Villa-Viçosa, onde se avistou com o Duque de Bragança. Conferiraõ os remedios mais efficazes de atalhar o damno da Patria, e para este fim seguiu o Duque ao Conde, assim a assistencia do seu poder, como a obediencia dos seus Vassallos. Passou o Conde a Evora, e depois de haver conferido com os da Junta, sem declarar o poder

poder da sua instrucção, declarou a fórma, com que ElRey havia de aceitar a obediencia dos Povos. Foy tomado este projecto tão mal, que não pode o Conde conseguir nenhum dos effeitos da sua commissão. Seguiu-se mandar-se ordem à Duqueza de Mantua para que passasse a Evora o Corregedor da Corte Diogo Fernandes Salema com todos os Ministros, que parecessem necessarios. O ruido das armas visinhas tirava o receyo aos Ministros de justiça, e assim que chegaram a Evora, se começaram a dividir os sediciosos, sem outro conselho, do que o temor. Cezinando Rodrigues, Juiz do Povo, e Joaõ Barradas, seu Escrivão, que eraõ avaliados por zeladores da liberdade, e por esta causa estimados, se ausentaraõ. Os mais fiados em pouco conhecidos, se deixaraõ ficar para seu mal, e alguns, que o Corregedor prendeo, foraõ sentenciados, e sahiraõ a enforcar em estatua o Juiz, e Escrivão, com pregoens, que os declaravaõ por traidores, promettendo-se certos premios a quem vivos, ou mortos, os entregasse à justiça. Os demais, que se prenderaõ, foraõ huns enforcados, outros lançados a Galés, e todos com este exemplo ficaraõ socegados. Ao mesmo tempo, que em Evora se havia executado o castigo, se praticou o mesmo no Reyno do Algarve, ainda com mais rigor, onde tambem havia chegado o intento dos de Evora.

A este tempo com o pretexto de dar melhor fórma

fôrma aos accidentes referidos , havia o Conde Duque instituido huma Junta de varios Ministros Castelhanos em Badajoz , e outra em Ayamonte , com taõ largos poderes , que ficavaõ sem exercicio os Tribunaes de Portugal , querendo com ella industria politica facilitar aos Portuguezes a infracção dos seus privilegios , para poder assim introduzir insensivelmente o desejado intento de ElRey reduzir Portugal de Reyno a Provincia , e os Portuguezes de Vassallos a escravos. Por ordem destas Juntas se lançavaõ os novos tributos , que haviaõ de ser satisfacção do castigo dos Póvos , e da cobiça dos Ministros Castelhanos. Assim se começaraõ a esgotar os cabedaes do Reyno , e para de todo o acabarem , chamaraõ por ordem delRey a Madrid as principaes pessoas do Reyno , assim em sangue , como em letras , e tanto Ecclesiasticas , como seculares , para o que se mandaraõ varias Cartas delRey à Duqueza de Mantua , que ella logo mandou entregar a D. Rodrigo da Cunha , Arcebispo de Lisboa , a D. Sebastião de Mattos de Noronha , Arcebispo Primaz , a D. João Coutinho , Arcebispo de Evora , a D. Gaspar do Rego da Fonseca , Bispo do Porto , a Dom Diogo da Sylva , Conde de Portalegre , a Diogo Lopes de Sousa , Conde de Miranda , a D. Martinho Mascarenhas , Conde de Santa Cruz , a D. Francisco Castello Branco , Conde de Sabugal , a D. Francisco Luiz de Lencastre , Commendador môr de Aviz , a Francisco de Andrade

drade Leitaõ, Desembargador dos Aggravos, a Joaõ Pinheiro, Desembargador do Paço, e aos Padres Sebastiaõ do Couto, Alvaro Pires Pacheco, e Gaspar Correa, da Companhia de Jesu; porém dos tres só o ultimo chegou a Madrid. Recebidas as Cartas, se puzeraõ a caminho todos os nomeados.

Essa taõ extraordinaria novidade, que succedeo no anno de 1638, adiantou nos Portuguezes tanto o receo, que cada hum esperava a hora, em que havia de ser chamado, temendo justamente o infelice remate daquella machina. Os que chegaraõ a Madrid naõ tiveraõ em muitos dias mais ordem, que seguir a Corte, sem poderem descobrir qual fosse o negocio para que os chamaraõ. Obrigavaõ aos Castelhanos a grande cuidado as armas de França em terra, e mar, por se porem aquelle anno grandes Exercitos, e Armadas em varias partes contra o poder de Hespanha; mas Portugal accrescentando o esforço de seis milhoens pagos à sua defenfa ordinaria, se foy dos ameaçados, naõ foy dos feridos. Com o motivo do aperto da Monarchia determinava artificiosamente o Conde Duque tirar de Portugal ainda mayor numero de pessoas particulares, depois que tivessem effeito as levvas, que mandava fazer em todo o Reyno. Mas ainda havia outra idéa mais principal, em que mais se trabalhava, que era o modo de apartar do Reyno ao Duque de Bragança; porque a sua Real
pessoa

peessoa era o seu mayor cuidado, pois da sua assistencia em Portugal parecia grande o perigo de qualquer execucao violenta, se o Duque se declarasse defensor da liberdade do Reyno, porque sabiaõ, que os Portuguezes o respeitavaõ, e que todos o seguiriaõ; e assim por industria o queriaõ dividir, para que quando chegasse o tempo de exasperallos, fosse infructuosa qualquer resolucao, que emprendessem. Ordenou-se a D. Affonso de Lencastre, Marquez de Porto-Seguro, para que fizesse em Lisboa huma leva de Cavallaria, sem se limitar numero; e a todas as Provincias, e Comarcas do Reyno, e às Ilhas dos Açores mandaraõ diversos Fidalgos levantar grande numero de gente com o pretexto da guerra de França. Tambem se mandou entregar à ordem do Almirante Thomás de Chauburum todos os navios de guerra, que se achassem nos pórtos do Reyno; e ao Duque de Bragança chegou ordem para tirar das suas terras mil Vassallos armados, e que os entregasse a Dom Antonio Tello. Todas estas ordens se executavaõ sem contradicao, de que inteirado o Conde Duque, ordenou, que todos os Portuguezes, que haviaõ sido chamados à Corte, acodisse cada hum a casa de varios Ministros Castelhanos à mesma hora, para que sem se communicarem, fosse cada hum à casa do Ministro apontado, com comminacao de graves penas impostas, ao que revelasse o segredo. Porém nada bastou, porque logo se rompeo, que

Tom. VII.

H

a pro-

a proposta fora lersê a cada hum dos Ministros Portuguezes hum papel, em que se determinava, que o Reyno de Portugal se reduziſſe a Provincia, perdendo a regalia de Reyno; o que ElRey determinara, porque estava livre do juramento, que fizera nas Cortes, pois delle o havia desobrigado a perfidia Portugueza, (como elles diziaõ) fingindo casos, e concluindo, que este era o parecer dos seus Theologos, e Juristas, que o livravaõ de todo o escrúpulo, e que ainda em taõ justificada causa não queria ElRey executalla, sem o parecer de cada hum daquelles Ministros, para que dessem o modo, com que se havia de introduzir o novo governo de Portugal, e qual seria o meyo para mais facilmente se promulgarem as Leys: advertindo-se, que se não pedia parecer se convinha, ou não aquella resolução, mas somente a fórma, em que se havia de executar.

Esta escandalosa proposta bastava somente para justificar o procedimento dos Portuguezes, ainda que não fora o fim principal eximirem-se de serem Vassallos de hum Rey intruso, tendo em o Duque de Bragança Senhor verdadeiro, e natural, em quem concorriaõ as disposições das Leys fundamentaes do mesmo Reyno. Porque havendo-se ElRey D. Filippe II. introduzido em Portugal contra o mesmo, que se havia ajustado, depois nas Cortes de Thomar desobrigou os Portuguezes de toda a fugeição da sua Coroa, se elle, ou seus descendentes

dentes quebrantassem os sóros do Reyno. E ainda no caso, que ElRey D. Filippe IV. fora legitimo possuidor de Portugal, sem escrupulo poderiaõ os Portuguezes negarlhe as obediencias, como já o deixou ponderado o Doutor Antonio de Sousa de Macedo na erudita Obra da *Lusitania Liberata*, e a elegancia do Conde da Ericeira na sua estimadissima Obra do *Portugal Restaurado*; porque as fantasticas culpas, de que o Conde Duque os arguia, não eraõ motivo sufficiente para lhes usurpar a liberdade, pois as alterações de Evora tiveraõ origem de tributos injustos; de mais, que nellas não tiveraõ parte mais, que pessoas de baixa condiçaõ, que foraõ punidas com mortes, galés, destierros, e depois com gravissimos tributos: e assim não merecia todo o Reyno pena da culpa, em que não tivera parte, cujos delinquentes haviaõ já satisfeito com as penas os delictos. Determinava o Conde Duque executar esta resoluçaõ sem embaraço, para o que havia ordenado a D. Antonio de Oquendo, que governava huma grande Armada, passasse a invernar com ella no porto de Lisboa, para com a sombra deste poder se introduzir o novo governo: porém a Divina Providencia, que he sobre as disposições humanas, fez, que primeiro fosse esta poderosa Armada destruida pelos Hollandezes no Canal de Inglaterra, do que castigo de Portugal no rio de Lisboa. Este segredo taõ recomendado se rompeo de forte, que bastou para obrigar

Sousa de Macedo, *Lusitania Liberata*, lib. 2. cap. 5. impr. em Londres em 1645.

Ericeira, *Portug. Restaurado*, tom. 1. liv. 2. pag. 80.

Pailarel, de Bello Lusitano, lib. 1. pag. 10.

aos Portuguezes a que acordassem do lethargo, em que viviaõ, dispondo os meynos mais convenientes da liberdade da Patria.

Esta resolução tomada pelo Conde Duque, a que não responderão os Portuguezes, que consultou, senão com excusas, fundadas em não terem sufficiente poder para tratarem materia tão grave, foy motivo para se passarem contra Portugal as ordens mais injustas; porque ao mesmo tempo foraõ quebradas as Leys, e rotos os privilegios, sem que houvesse extorção, que se não executasse, não se isentando o sagrado da immundade Ecclesiastica, como experimentou o Collecitor Alexandre Castracani, a quem remetterão prezo de Lisboa a Madrid, deixando elle a Portugal na tribulação de hum interdição, de que se seguirão gravissimos danos: assim continuavaõ successivamente os males, a que já os generosos corações dos Portuguezes buscavaõ remedio.

He preciso em beneficio da mesma Historia, recorrer ao progresso de alguns estranhos accidentes, que então passaraõ, manifestando a sua origem. Corria já entre os Portuguezes, havia sessenta annos, huma opiniaõ, ou Seita, que a muitos teve credulos, de que vivia peregrinando pelo Mundo ElRey D. Sebastião, estes eraõ com nome alegre chamados *Sebastianistas*: estendeo-se ella não só aos antigos Vassallos, mas se deduzio a filhos, e netos, cujo engano comprehendia homens virtuosos, e sabios.

fabios. Muitos destes Filósofos perfillhando ao entendimento os erros da vontade, fundavaõ as suas esperanças nas letras, e na Escriitura Sagrada, interpretando a Estras, Daniel, Ezequiel, Isaias, e ainda alguns lugares do Apocalypse, a favor do seu Encoberto. Explicaraõ nelle alguns dos oraculos das Sibyllas, naõ poucos de Santo Isidoro, e do Abbade Joachim: e ultimamente dando nova luz à sua cegueira os escritos apocrifos, ou sejaõ verdadeiros, de hum homem dito Gonçalo Annes, o Bandarra, de virtude desconhecida, crassa ignorancia, fangue suspeito, porém tido de longos tempos por vaticinante; assim preferiaõ a todo o discurso as suas chimeras, e desarmando o tempo aquella poderosa chave, com que abre, e descobre todos os humanos segredos, quizerãõ, que a pezar seu por tantos annos estivesse encerrado. Desta forte, revestido de tantas ficções, seguirãõ por tantos annos os seus sequazes ao Encoberto, tal vez servindo de pretexto às suas paixoes: e como era taõ grande o numero dos descontentes, por consequencia se augmentava o dos Sebastianistas, como que se naõ fosse impia medicina aquella, que para curar os interesses particulares descompunha os communs. O merecimento, e a virtude haviaõ já fogido da Republica. Naõ vio o Mundo idade tanto de ouro, e de ferro. Os mais fabios suspensos da gloria do silencio, se lhe entregavaõ inteiramente, outros inutilmente com fraquissimos braços

ços oppostos à corrente das adversidades, procurava rompella, ao menos por salvarse.

D. Francisco Mareel,
Tante Porting, M.S.

Era difficultoso naquelles tempos daremse regras de verdadeiro Republico; porque ver arder Roma, e ajudar o incendio, he tyrannia, que Nero não quiz repartir com outro barbaro: contentarse de não ser complice no estrago, quem devia ser author do remedio, he confirmar as disposições do tyranno: offerecerse, e lançar-se no fogo, que se não apaga com huma só vida, he desesperação, e não zelo. Tantas, e mais differenças de animos concorrião em Portugal naquelles dias. Muitos solicitavaõ o seu damno, os mais o occasionavaõ, os menos o preveniaõ, porque em quanto foraõ toleraveis os males, os sofriaõ com segredo; porém depois, que passaraõ a exorbitantes os aggravos, conhecendo, que o castigo futuro não podia ser mayor, que o mal presente, passaraõ os zelosos da Patria a offerecer voluntariamente a vida pela sua liberdade.

Foraõ diversos os discursos, porém nenhum os segurava na esperança senão aquelles, que se fundaraõ no direito, e justiça do Duque de Bragança, em quem concorria valor para emprender semelhante empreza, e nos Povos afeiçoão, e amor para lhe sustentar a Coroa. He bem de advertir, diziaõ elles, que observado o Duque, não lhe descobriaõ outra inclinação, fóra do divertimento da caça; mas que nas alterações de Evora não só desprezara

prezara as repetidas ofertas dos Póvos, persuadindo-o muitos da Nobreza, que as aceitasse; mas que fora publico se justificara com ElRey, e que assim não era prudencia offerecerlhe, o que não havia de aceitar. Embaraçados os discursos com estas duvidas, recorriaõ alguns a chamar seu irmão o Senhor D. Duarte, ornado de excellentes virtudes, valor, e experiencias militares, a quem chegaraõ alguns a communicar esta idéa, opprimidos da desconfiança, de que o Duque dimittia de si esta empreza, concorrendo nelle pela mesma justiça a successão do Reyno, como escrevemos no Capitulo XIX. do Livro VI. Tambem a outros lembrava formar huma Republica, a que lhe dava exemplo modernamente Hollanda, e mais antigamente Veneza, e Genova; porque entãõ sendo as utilidades commuas, e os riscos iguaes, era incontrastavel a uniaõ. Porém todas estas idéas padeciaõ terriveis contrariedades, vacillando os discursos, mas não os animos em se haverem de sacrificar pela faude da Patria.

Quasi por este tempo havia chamado com louvavel appetite o Conde Duque de Italia a Hespanha ao Marquez Virgilio Maluezzi, natural de Bolonha, entãõ celebrado pelo mayor Politico de Italia, cuja reputação procedia mais dos seus escritos, que das suas acções. Introduzio novas maximas este Politico no ministerio ao Valido, e entendendo-se elle fora o Author delRey nomear ao Duque

Prova num. 3.

Prova num. 4.

Prova num. 5.

Duque de Bragança por Governador General das Armas de todo o Reyno, cuja Carta patente, passada em Ventosilha de Sayo a 28 de Janeiro de 1639, lhe enviou ElRey com outra da mesma data, em que lhe participava, que pelos avisos, que tinha, de que os Francezes aprestavaõ huma grande Armada contra Portugal, e por evitar o dano, que se poderia seguir, senaõ se prevenisse de forte, que naõ podessem os inimigos lograr os seus designios, se resolvera entregarlhe o governo das Armas do Reyno, debaixo das ordens da Princeza Margarida sua prima. Seguiaõ-se a esta eleição naõ poucos inconvenientes, o que discursando o Duque, tratou de divertilla, naõ poupando a este fim diligencia alguma: porẽm naõ se admittiraõ em Castella as muitas escusas, que representou, sendo a resposta a instrucção do posto, assinada por ElRey em Madrid a 25 de Março do referido anno, a qual por sua ordem lhe remeteo o Secretario D. Fernando Rodrigues de Contreras, e assim lhe foy preciso aceitar o posto, e passar a Almada. Foraõ diversos os discursos, que sobre esta acção se levantaraõ, porque huns tiveraõ por errada maxima do Conde Duque esta eleição. Diziaõ elles, que entregar as armas do Reyno ao mesmo, que tinhaõ pelo mayor inimigo, era segurarlhe a vitoria, quando o faziaõ arbitro das tropas; e que o Duque, em cujos ouvidos ainda estavaõ soando as vozes, que o acclamaraõ Rey nas alterações de Evora, faberia

ria dispor as armas do Reyno de modo , que dellas o não despojassem. Outros por differente modo diziaõ , que toda aquella confiança , que se fazia do Duque , era para o mostrarem Vassallo aos Portuguezes , que o consideravaõ Soberano : e adiantando o discurso penetraraõ , que havendo pela obrigação do posto visitar as Torres , e os navios da Armada , era facil prendello , e levalllo a Cadiz , onde quando naõ perdesse a vida , seria ao menos a liberdade. He fama , que se averiguara naõ haver duvida , em ser esta a tençaõ do Conde Duque : porẽm toda esta grande idéa naõ pode ter effeito.

Havendo o Duque D. Joaõ de fazer jornada , a exercitar o mando das tropas do Reyno , vevo , à imitação de seu pay , a accommodarse na Villa de Almada. Aqui foy visitado de todos os Grandes , e Senhores , fundando na occasiã a sua mayor esperança ; porque vendo-o , e tratando-o mais familiarmente , que em outra occasiã , havia muitas de lhe tentar o animo , e a sufficiencia. Dizem , que por coroa de hum largo discurso das misérias , que o Reyno padecia , se lhe introduzio a pratica do remedio , e muitos se resolveraõ a descobrirlhe o animo , em que estavaõ de o servirem , e outros tentavaõ o modo de saber qual era o seu intento ; mas o Duque D. Joaõ com algum artificio os ouvia , qualificando as queixas com o zelo da Patria , mais como filho , do que como Senhor della ; e assim se houve até penetrar os fins de todos os segre-

Nicolao da Maya na
Rela. aõ impressa no
anno de 1641.

dos, porque nenhum delles lho recatava, persuadidos, que estas propostas seriaõ bem ouvidas, ainda que se naõ admittissem. Dom Antonio Mascarenhas lhe disse, que tinha convocado a toda a Nobreza para o dia, que o Duque houvesse de passar a Lisboa, accrescentando: *Porque esse dia ha de ser nosso, façaleno Vossa Excellencia alegre*; o Duque mostrou o naõ entendia, de que D. Antonio Mascarenhas ficou taõ penetrado, que quando foy o da entrada, naõ quiz voltar à Almada com os mais Fidalgos, que hiaõ ao acompanhamento. O Duque com advertencia naõ conhecendo, os de que devia fiarse, depois de ter sondados os corações de todos, se houve de forte, que se naõ declarou com algum delles, e entre tantas praticas, e persuasões, sómente lhe deixou esperanças em responder ao Monteiro mór Francisco de Mello: *Que ainda naõ havia occasião*. Esta resposta naõ deixou de animar aos interessados, de que se poderia lograr a sua determinação. E supposto, que esta destreza entaõ se referia como irresolução, o tempo a veyo celebrar como grande prudencia.

Para o Duque passar de Almada a ver a Duqueza de Mantua, era preciso, que naõ houvesse de ser alterado o ceremonial, que de Madrid mandara o Conde Duque, regulado pelo que já com seu pay se praticara no tempo, que governava o Archiduque Alberto: porém como nada se executava sem questoens, foraõ immensas as que se levantaraõ.

taraõ. Finalmente se ordenou, que o Capitaõ da Guarda esperaria o Duque ao pé da escada, baixando a recebello com huma esquadra da guarda de Sua Magestade, estando a mais posta em ala por onde elle havia de passar, ficando a guarda dos seus Alabardeiros com o seu Capitaõ à porta do Paço: Que os Corregedores do Crime da Corte André Velho da Fonseca, e Diogo Fernandes Salema, o esperariaõ ao pé da escada do Paço, e o acompanhariaõ, e que os Officiaes da Casa Real sahiriaõ a recebello à porta de baixo, e que o Mordomo môr acoderia, e ordenaria a parte, que lhe tocasse, e que a cadeira seria de espaldas, igual em tudo à da Princeza, e seria posta sobre a tarima, ficando de baixo do docel. Desembarcou o Duque no Paço, e sendo acompanhado, na fórma referida, a visitar a Duqueza de Mantua, se dilatou pouco na visita: e havendo ordenado a Duqueza a hum Official da Casa Real lhe mudasse o lugar da cadeira, quando se sentava, atrazando-a este hum passo, acodio logo com igual resoluçaõ, que valor, Thomé de Sousa, e a melhorou ao lugar, em que era razaõ estivesse. Voltou o Duque para Almada na mesma tarde. Havia concorrido toda a Corte a assistir-lhe, outros a vello, e todo o povo de Lisboa a festejallo, com taõ excessivas demonstraçoẽs, como sentimento dos afeiçoados ao governo de Castella; porque todo o tempo, que esteve naquella Villa, foy continuamente assistido de toda a Nobreza.

Tom. VII.

I ii

breza,

*Ericcia; Historiarum
Lusitanarum, lib. 1.
pag. 91.*

breza, de que o Duque se deu por tão obrigado, que disse havia por bem empregada a jornada, que havia feito, só pela boa vontade, que experimentara nos Fidalgos, e toda a mais gente, aos quaes pelos servir havia de empenhar a pessoa, e o Estado, o que depois mostrou a experiencia. Recolheu-se na entrada do Inverno o Duque a Villa-Viçosa livre dos laços, que lhe haviaõ preparado os Castelhanos, porque tendo seguras intelligencias, se desviou dos perigos, que o ameaçavaõ. Não haviaõ passado muitos dias depois do Duque estar em Villa-Viçosa, que não lhe chegasse ordem de Madrid para fazer huma leva de Soldados nas suas terras. Replicou levemente pelo pouco effeito, que havia tido a primeira, succedendo o mesmo em todas as que se fizeraõ no Reyno, ainda que algumas chegaraõ a Catalunha. Não admittio ElRey a replica, e o Duque se dispoz a obedecer por não dar motivo ao Conde Duque ao condemnar; porém mandou obrar tão lentamente, que a leva se fazia de forte, que não ficava lugar para lhe arguirem a obediencia.

Os que fundavaõ a liberdade da Patria na resolução do Duque, perderaõ muito o animo com a cautella, de que usou em Almada, quando desartendia, e desviava as praticas, que se encaminhavaõ a coroaão. Nesta consternação voltaraõ segundavez as idéas a Alemanha ao Senhor D. Duarte; porém como o perigo necessitava de remedio prom?

prompto, tornaraõ a fazer novas instancias ao Duque de Bragança. Entre os mais, que em Portugal viviaõ com huma vontade semelhante, interessados na liberdade da Patria, era o primeiro nos annos D. Miguel de Almeida, de melhor qualidade no sangue, que na forte, descendente dos antigos Condes de Abrantes; D. Antaõ de Almada, illustre descendente dos Condes de Abranches; Pedro de Mendoça, naõ só amigo da Casa de Bragança, mas particularmente estimado della; Francisco de Mello, Monteiro môr, Antonio de Saldanha, D. Antonio Mascarenhas, Dom Joaõ Pereira, illustre Sacerdote, e outros, inflamados de hum ardente desejo da honra, que naõ duvidavaõ sacrificarse por libertarem a Patria em tempo, que se via taõ descontente a Nobreza do governo; porque os dous Ministros, que eraõ ambos em sangue, interesse, e espirito hum só, haviaõ usurpado o mando universal do Reyno; em Portugal Miguel de Vasconcellos, e em Castella Diogo Soares, hum a executar, outro a suggerir o conselho: de sorte, que estas eraõ as pedras do escandalo publico, cultivado pelo continuo desprezo procedido da soberba, ou da destra severidade dos taes Ministros.

Renovaraõ-se as instancias no anno de 1640; sendo hum dos que mais vivamente as apertava Francisco de Mello, Monteiro môr, escrevendo ao Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, e ao Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal, pedindo-

dindolhe representassem ao Duque D. João as vexações, que sofrião os Portuguezes, que de justiça nasceraõ seus Vassallos; que aceitasse a Coroa, que voluntariamente lhe offerenciaõ; porque era a mesma, que os Castelhanos haviaõ roubado a seu pay, e avò, e que à tal offensa se não devia antepor perigo algum; e que agora o fazia mais remoto, o veremse os Castelhanos divididos em muitas partes: e que assim nenhum tempo lhe poderia ser mais favoravel à sua resolução, que o presente. Por diversas partes chegavaõ ellas, e outras semelhantes razoes ao Duque encaminhadas pelo Marquez de Ferreira, e ao Conde de Vimioso por Jorge de Mello, irmão do Monteiro mór, em cuja Casa se ajuntavaõ D. Miguel de Almeida, Pedro de Mendoça, e D. Antão de Almada, a conferirem o caminho, que seguiriaõ para se livrarem dos perigos, que os ameaçavaõ. Estes actos, muitas vezes repetidos, e por muitos, foraõ as primeiras alviçasas do bom successo: entãõ com louvavel prudencia se fez pausa, julgando, que os corações não podiaõ ser vistos em melhor fórma. Já entãõ conferiaõ, e só faltava dispor a obra, porque ainda no defenho estava informe.

Tinha neste tempo os negocios da Casa de Bragança em Lisboa com o titulo de Agente João Pinto Ribeiro, professor do Direito Civil, homem erudito, como vemos nos seus Escritos. Amava ao Senhor, e não menos ao Reyno, em cujo obsequio

sequio depois imprimio alguns Tratados. Como Joaõ Pinto por occasião dos negocios, que manejava, fosse ouvido de grandes Ministros, era por esta causa conhecido dos mayores. Não era o seu zelo ignorado, toda a consideração o habilitava para idoneo instrumento, não só para os rogos, mas também para as advertencias, que se continuava ao Duque, o qual não desagradoado do meyo proposto, respondia por sua intervenção tão formalmente, que os interessados reconhecerão o acerto da sua boa eleição. Recebia o Duque os avisos, e reconhecendo o muito, que havia, que vencer, para lograr empreza tão ardua, dilatava em declarar-se; até que o tempo com mais firmes esperanças o segurasse, e com mayores fundamentos, que os males, de que se queixavaõ os que o persuadiaõ. O Conde Duque, que estudava o caminho de destruir na pessoa do Serenissimo Duque de Bragança as esperanças dos Portuguezes, fez, que ElRey lhe mandasse segunda ordem para passar à Almada, e replicando, se desvanecio. Porém em poucos dias recebeo huma Carta delRey, em que depois de varias persuasões, e promessas, lhe mandava, que se prevenisse para passar com elle a Catalunha, aonde determinava marchar brevemente a socregar as revoluções daquelle Principado, e outras da mesma substancia vieraõ a todos os Fidalgos do Reyno.

Havia succedido naquelle tempo a sublevação

ção dos Catalães , e fortificando-se em Barcelona, se resolverão a buscar a protecção de França. O Conde Duque querendo atalhar este damno, para se não entender, que aquelle excessõ era nascido de exasperações do seu governo , persuadio a El-Rey Catholico, que marchasse com hum grande Exercito a castigar os Catalães, porque não se satisfazia com menos a sua vingança; e tambem com o pretexto da jornada de chamar a Madrid ao Duque de Bragança, e toda a Nobreza de Portugal, para que então se reduzisse a Provincia o Reyno. Tanto, que ao Duque de Bragança chegou a ordem de acompanhar a El-Rey a Catalunha, se resolveo generosamente a aceitar as offertas, que repetidamente lhe tinhaõ feito da Coroa, que de direito lhe pertencia, e livrar a Patria da escravidão, em que estava. Considerava, que se obedecia à ordem, o menos mal, que lhe podia succeder, era perder a liberdade, porque todas as noticias insinuavaõ ser este o fim do Conde Duque, para desta forte pôr em precipicio o respeito do Duque, e a incomparavel grandeza da Serenissima Casa de Bragança, tantos seculos conservada com Real authoridade, não bastando a tranquillidade, com que vivia satisfeito na delicia de Villa-Viçosa, Corte dos seus Estados, sendo elle o mais poderoso de Europa entre os que não eraõ Soberanos, como diz hum Author Francez. Ainda se adiantou mais a imprudencia dos Castelhanos neste negociado, que

Histoire des Revolutions d'Espagne, tom. 4. liv. 9. pag. 358.

que sendo tantas as diligencias, com que procuravaõ apartar de Portugal ao Duque D. Joaõ, antes de o conseguir, haviaõ publicado, que os Grandes lhe haviaõ de preferir em todos os actos publicos; e quando com verdadeira politica o deviaõ obrigar, para o persuadir, lhe negaraõ o Arcebispado de Evora para seu irmão o Senhor D. Alexandre, com a frivola razaõ, de que naõ estava Doutorado em faculdade alguma, havendo muy pouco, que se havia concedido o Bispado de Viseu a Leopoldo de Austria, Archiduque de Tirol, para hum filho seu de tres annos. Estes, e outros motivos resolveraõ generosamente ao Duque de Bragança a aceitar a Coroa, que repetidas vezes lhe tinhaõ offerecido os zelosos, e leaes Portuguezes.

Corria já facil, e seguro o commercio, ainda que recatado, entre Villa-Viçosa, e Lisboa, havendo já lugar, de que se tratasse com clareza taõ grande causa. Foy enviado Pedro de Mendoça, Alcaide mór, e Senhor de Mouraõ, para que distinctamente offerecesse o Reyno ao Duque de Bragança, e levava memoria dos parciaes, já muitos, e grandes, e o mais era a certeza, de que o povo seguiria a sua voz com largas promessas de vidas, e fazendas, que huns, e outros constantemente se offereciaõ a sacrificar em obsequio de Principe natural, e da recuperaçaõ da liberdade Portugueza. Fez o caminho por Evora, onde communicou ao Marquez de Ferreira, a D. Rodrigo de Mello seu

Tom.VII.

K

irmão,

irmao, e ao Conde de Vimioso, a commissão, que levava. Escreverão elles ao Duque com novas persuasões, para que admittisse tão generosa offerta. Passou Pedro de Mendoça a Villa-Viçosa, onde chegou ao tempo, que o Duque andava caçando na sua Tapada. Passados os primeiros cumprimentos, offerecendolhe o campo occasião de fallar ao Duque, lhe deu parte em como a sua jornada se dirigia a pedir-lhe da parte da Nobreza do Reyno accitasse a Coroa de Portugal usurpada a seus avós, expondo-lhe com vivas razões todos os motivos, que havia para não perder tão gloriosa empreza; e ultimamente lhe pedia, não participasse este negocio a Antonio Paes Viegas, seu Secretario. Era o motivo desta advertencia o temer-se, que Antonio Paes não fosse deste parecer, e desviasse o Duque de aceitar o Reyno. O Duque respondeo, que a materia, em que lhe fallava, era de tão alta ponderação, que lhe pedia tempo para nella se determinar, mas que brevemente lhe daria a resposta: que havella de fiar de Antonio Paes, o podia sem escrúpulo fazer, porque delle tinha largas experiencias da sua fidelidade, e tambem porque não era elle, o que menos o estimulava ao mesmo, que elle o persuadia. Conferio o Duque com o seu Secretario, e depois de ventiladas todas as materias, que sobre este negocio podiaõ occorrer, e ponderadas com a madureza, mostrou com evidencia o quanto lhe importava aceitar a offerta, que lhe faziaõ.

ziaõ. Estimou muito o Duque ter ouvido a opiniaõ de Antonio Paes Viegas, e lhe respondeo, que se havia conformado com a sua idéa, e passou ao quarto da Duqueza sua mulher a darlhe conta do empenho, em que se achava, ao qual não queria determinar-se sem o seu parecer. He fama, que a Duqueza o tirara da perplexidade, em que se via, porque sobre grandes virtudes, era dotada de tão bom entendimento, como animo varonil, como depois acreditaraõ largas experiencias; assim generosamente lhe disse: Que ainda que a morte fosse a consequencia da Coroa, tinha por mais acertado morrer reynando, que acabar servindo: de mais, que todos os vaticinios seguravaõ a empreza, e que assim sómente a dilataõ de se coroar podia ser prejudicial. Achando o Duque tão conformes as duas opinioens, de que tanto fiava, chamou a Pedro de Mendoça, agradececolhe o trabalho, e o perigo a que se expuzera por seu respeito, e que elle depois de ponderar tudo, o que elle lhe dissera, antepondo a faude da Patria ao risco particular, se resolveu a aceitar a Coroa, para a fazer respeitada de seus inimigos, e commua aos seus leaes Vassallos. Pedro de Mendoça satisfeito, e contente, pertencendo beijar a mão ao Duque, o que elle recusou, dizendo, que não faltaria tempo para aquella cerimonia. Entaõ Pedro de Mendoça para dissimular a jornada, partio para Mouraõ, e despedio hum Correyo a D. Miguel de Almeida, em que lhe dizia:

Tom.VII.

K ii

Que

Que fora à Tapada, que a caça andava levantada, que se fizeraõ alguns tiros, que huns se acertaraõ, e outros se erraraõ, e que era grande a prudencia de Joaõ Pinto Ribeiro. Deixou este aviso taõ cego, e embaraçado a D. Miguel, que o recatou até que chegou Pedro de Mendoça, e dando aos da Junta conta da reposta do Duque, a celebraõ com grande contentamento; e resolveraõ, que passasse logo a Villa-Viçosa Joaõ Pinto Ribeiro a ajustar com o Duque o dia, e a fórma de se pôr em execuçaõ toda aquella pratica: porém elle se escusou com justo motivo, no que passaraõ alguns dias, que justamente puzeraõ em cuidado ao Duque; e sabendo, que Pedro de Mendoça passara a Evora, lhe escreveu, pedindolhe noticias do negocio, que lhe encommendara. Pedro de Mendoça o fez taõ confusamente, que o Duque se vio embaraçado, e se resolveo a chamar a Joaõ Pinto Ribeiro com o pretexto de lhe dar conta de huma demanda, que fazia à Casa de Odemira. Deu conta desta ordem a D. Miguel de Almeida para que se participasse aos confederados, e sendo encarregado do que havia de dizer ao Duque, partio para Villa-Viçosa. A sua chegada diminuiõ em tudo o cuidado do Duque; porque concordando com o que Pedro de Mendoça lhe referira, accrescentou outras muitas razoes, que facilitavaõ a empreza. Ainda durava a conferencia, quando o Duque teve aviso, de que passavaõ a Madrid algumas pessoas, que

que poderiaõ ter noticia donegocio , porque a Duqueza de Mantua já fazia observar todos os paíſos dos Fidalgos de Lisboa. Vendo o Duque o quanto perigava a empreza na dilaçaõ , despedio a Joaõ Pinto com ordem , para que logo em Lisboa tivesſe principio a Acclamaçaõ , e naõ em Evora , como lhe tinhaõ avifado ; porque ſe ſeguiria poderſe prevenir a Duqueza primeiro , que ſe declarafſem os Fidalgos confederados ; e por ultimo , que ſe deſſe caſo , de que em Lisboa faltaſſem ao que lhe haviaõ promettido , o que elle naõ imaginava de taes peſſoas , que elle com os Póvos de Alentejo , que eſtavaõ à ſua devoçaõ , tentaria a fortuna , ſahindo à campanha. Eſta generoſa reſoluçaõ encheo de alegria a Joaõ Pinto , e voltou para Lisboa , onde chegou , e communicando tudo aos intereſſados , entregou duas Cartas do Duque , huma para D. Miguel , outra para Pedro de Mendoga , as quaes encheraõ de huma extraordinaria alegria a todos os confederados ; porque o Duque dizia nas Cartas , que eraõ para todos , e que ſe deſſe inteiro credito a Joaõ Pinto , no que lhe diſſeſſe da ſua parte. Aſſim ſe diſpuzeraõ com novos brios a pôr fim ao tratado , approvando a reſoluçaõ de começar por Liſboa aquella glorioſa empreza. Excedeo toda a credulidade a obſervancia do ſegredo , em que ſe fundou a gloria , e a ventura do ſucceſſo. Juntavaõ ſe os Fidalgos em caſa de Joaõ Pinto , que aſſiſtia no Paço , que o Duque de Bragança tinha neſta Cidade ,

Cidade, com tanta cautella, que deixavaõ os coches, e os cavallos em diferentes partes, tendo anticipadamente Joaõ Pinto retirado os seus criados, e pondo pouca luz para que não fossem conhecidos, os que entravaõ nella. Naquelle noite, que era Domingo 26 de Novembro, se determinou, que se puzesse em execução o que estava ajustado, no Sabbado seguinte, o primeiro de Dezembro de 1640, communicando-se a todos, que por intervenção do Padre Nicolao da Maya, estavaõ promptos o Juiz do Povo, Escrivaõ, e Mifteres, com alguns dos da Casa dos Vinte Quatro, os quaes atemorizados com os successos de Évora, disseraõ, não fariaõ movimento sem verem declarada toda a Nobreza.

Determinado o dia, e considerado o modo da obra, a pezar de todos os accidentes, que a contradiziaõ, assentaraõ de dar a execução à empreza. Deu-se parte desta conferencia ao Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, Varaõ em quem concorriaõ letras, virtudes, e amor da Patria, como havia mostrado constante em Madrid, donde he fama lhe offereceraõ o Capello de Cardeal, se concorresse para que o Reyno se reduziße a Provincia, que generosamente desprezou; o qual approvando agora a idéa dos confederados, entrou no numero delles, e o seguiráõ os seus parentes, e todos os Ecclesiasticos, que lhe obedeciaõ. Já não faltava mais, que tres dias, quando se deu conta
a D.

a D. João da Costa, que era dotado de grande valor, e entendimento, partes, que em poucos annos o habilitaraõ para conseguir toda a estimacão da Corte, (e depois os mayores lugares) porque contando poucos annos, os ornava de admiravel prudencia: e depois de ouvir attentamente a proposta, considerando a gravidade da empreza, discursou com eloquencia, de que era dotado, mostrando os perigos, e inconvenientes, que nella podiaõ occorrer; e depois de ponderar todos com madureza, concluiu, dizendo, que se elle tivera esta noticia mais anticipada, que fora o seu voto, se dispuzesse a empreza com mayor segurança; porém como já o tempo era taõ pouco, que lhe parecia, se não dilataste, porque se se rompesse o segredo, seria este o mayor inimigo. Hum Author moderno, que escreveu a Historia de Portugal, desfigura este incidente, desconhecendo a D. João da Costa, que elle depois louva muito, quando falla delle na Embaixada de França, não sabendo, que era o mesmo. He certo, que as razoes de D. João da Costa, ponderadas no seu entendimento, e desprezadas do seu valor, alteraraõ os animos dos considerados, de forte, que causou tanta perturbacão, que João Pinto avisou ao Duque suspendesse as ordens, que tinha disposto para o dia primeiro de Dezembro. Esta novidade causou grande cuidado ao Duque, de que logo outro expresso o livrou, segurandolhe, que as continuasse, porque infallivelmen-

Ericeira, *Historiarum Lusitanarum*, lib. 2. p. 113.

Clede, *Histoire Generale de Portugal*, tom. 7. pag. 55.

velmente se executaria tudo, o que estava tratado.

Assentado para a conclusão desta grande empreza o dia de Sabbado primeiro de Dezembro, se determinou, que com o menor rumor, que fosse possível, se achassem todos junto do Paço, repartidos por varios póstos, e que tanto, que o relógio dêsse nove horas, sahissem todos do coche ao mesmo tempo: que huns ganhassem o Corpo da Guarda, onde estava huma Companhia de Infantaria Castellhana, outros, que sobindo à falla dos Tudescos, detivessem a Guarda dos Archeiros, outros appellidando a liberdade das janellas do Paço, acclamassem ao mesmo tempo o Duque de Bragança Rey de Portugal; e que outros passassem a matar o Secretario de Estado Miguel de Vasconcellos, diligencia, que julgaraõ importantissima, porque nas aras da sagrada liberdade se não sacrificaria outro animal mais, que o tyranno; porque assim se atalhariaõ as ordens, que a sua atrevida resolução distribuisse, e tambem para incitar o povo, com a satisfação daquelle merecido castigo, revestindo-se dos affectos da Nobreza para seguirem com constancia o seu exemplo.

Passada a noite nos cuidados, de que chegasse o dia de Sabbado, e se haviaõ confessado todos no dia antecedente, implorando o favor de Deos para segurar a empreza, em que não entrava a vingança, tenaõ a justiça, entendendo podiaõ ser elles

licita-

licitamente entaõ os executores. Haviaõ os quarenta Fidalgos confederados aviaõdo a todos aquelles dependentes daquella acção, os quaes convidaraõ outros, e por este motivo he mayor o numero, do que se lê na Relação, que entaõ se imprimio no anno de 1641. O Conde da Ericeira, a quem seguimos, diz, serem quarenta, o que constantemente referiaõ muitos, dos que se acharaõ nesta gloriosa empreza; porém com o documento impresso naquelle mesmo tempo, seria injustiça naõ referir os nomes de todos, os que a dita Relação numerou, porque naõ queremos privar de hum taõ especial gloria aquelles, que a mereceraõ.

Ericeira, Portug. Restaurado, liv. 1.º pag. 98.

Foraõ elles: D. Miguel de Almeida, D. Antaõ de Almada, Jorge de Mello, Pedro de Mendoça, Alcaide mór de Mouraõ, D. Antonio Mascarenhas, o Doutor Joaõ Pinto Ribeiro, D. Antonio Tello, D. Gallaõ Coutinho, D. Luiz de Almada, D. Alvaro de Abranches, D. Affonso de Menezes, D. Antonio Luiz de Menezes, D. Rodrigo de Menezes, D. Joaõ da Costa, D. Antonio da Costa, D. Antonio de Alcaçova, D. Joaõ de Sá e Menezes, Camereiro mór, Joaõ Rodrigues de Sá, Antonio de Saldanha, Joaõ de Saldanha de Sousa, Joaõ de Saldanha da Gama, Antonio de Saldanha seu irmaõ, Bartholomeo de Saldanha seu irmaõ, Sancho Dias de Saldanha, o Conde de Atouguia, D. Francisco Coutinho seu irmaõ, D. Vasco Coutinho, Martim Affonso de Mello, Manoel

Relação impressa em 1641.

Tom. VII.

L

de

de Mello seu filho, Francisco de Mello de Magalhães, Antonio de Mello de Castro, D. João Pereira, Prior de S. Nicolao, Fernão Telles da Sylva, Antonio Tellez da Sylva, D. Fernando Tellez, Dom Antonio da Cunha, Tristaõ da Cunha de Attaide, Luiz da Cunha de Attaide e Mello seu filho, Estevaõ da Cunha, Deputado do Santo Officio, Luiz da Cunha, neto de D. Antaõ de Almada, Luiz Alvares da Cunha, Duarte da Cunha seu filho, Tristaõ de Mendoça, Henrique de Mendoça seu filho, Luiz de Mendoça filho de Pedro de Mendoça, D. Manoel Childe Rolim, D. Francisco de Sousa, D. Paulo da Gama, D. Thomás de Noronha, D. Francisco de Noronha seu irmaõ, Miguel Maldonado, Gaspar Maldonado, Vicente Soares Maldonado, Francisco Maldonado, Sebastiaõ Maldonado seus filhos, Gonçalo Tavares de Tavora, o Alcaide mór de Cintra, Gil Vaz Lobo, Ruy de Figueiredo, Luiz de Figueiredo seu irmaõ, Gaspar de Brito Freire, Luiz de Brito Freire seu filho, Manoel Velho, Francisco Brandaõ, Francisco Freire Brandaõ, Francisco de Sampaio, o Padre Nicolao da Maya, o Capitaõ Marco Antonio de Azevedo, o Capitaõ Vasco de Azevedo Coutinho seu irmaõ, Francisco de Vasconcellos, Luiz de Loureiro, Informador de Mazagaõ, o Capitaõ João de Barros de Sousa, Antonio do Rego Peliago, João do Rego Beliago seu filho, Antonio Figueira da Maya, o Padre Bernardo da Costa,
o Al-

o Alferes Manoel Leitaõ de Lima, o Licenciado Gabriel da Costa, Quartanario da Sé, Manoel da Costa seu irmaõ, Paulo de Sá, o Capitaõ Diogo Pentreado, Manoel de Novaes Carvalho, o Capitaõ Joaõ de Novaes Carvalho, Manoel de Azevedo, Joaõ da Sylva do Valle, Miguel da Sylva, Gregorio da Costa, o Alferes Francisco de Tavares, Gonçalo de Sampayo, o Alferes Manoel de Sampayo, Gaspar de Tovar, Pedro de Abreu, Simaõ Correa da Cunha, Luiz Alvares Banha, Bento da Motta de Gusmaõ, Affonso Mendes, Luiz Godinho, Escrivaõ do Pescado, o Capitaõ Antonio Franco de Lima, Alberto Raposo, Paulo de Moura, Joaõ Ribeiro, o Licenciado Gaspar Clemente, e outros.

Preveniraõ-se, e armaraõ-se todos os referidos; e he bem digno de louvor a constancia, e animo de D. Filippa de Vilhena, Condesa de Atouguia, pois ella mesmo ajudou a armar seus dous filhos D. Jeronymo de Ataide, e D. Francisco Coutinho, aos quaes exhortou a emprender acçaõ taõ gloriosa. Da mesma forte, com animo varonil o praticou D. Marianna de Lencaestre com seus dous filhos Fernaõ Telles da Sylva, e Antonio Telles da Sylva. Occuparaõ todos os confederados os póstos, de que se encarregaraõ, sem haver hum delles, que se arrependesse, do que tinhaõ determinado. Esperavaõ já com impaciencia as nove horas, e tanto, que deu a primeira, sem esperarem a ul-

Tom.VII.

L ii tima,

tima, sahiraõ todos dos coches , e avançaõ ao Paço. Jorge de Mello, Antonio de Mello de Castro, e Estevo da Cunha, com alguma gente, que os seguiaõ, detiveraõ os Soldados Castelhanos, que estavaõ de guarda. D. Miguel de Almeida, ainda que velho, sobio arrebatadamente à falla dos Tudescos, e disparou huma pistola, final, que se havia ajustado, para que se repartissem pelas partes, de que cada hum estava encarregado. O Porteiro môr Luiz de Mello, e Joaõ de Saldanha e Souza ganharaõ o lugar, onde estavaõ arrimadas as alabardas dos Soldados. D. Affonso de Menezes, Gaspar de Brito Freire, e Marco Antonio de Azevedo, as lançaõ todas em terra, impedindo, a que pudessem chegar os Soldados a tomallas, e alguns intentaraõ impedir o passo da porta, que sahe ao corredor, que acaba no Forte, onde morava Miguel de Vasconcellos; mas o valor de Pedro de Mendoça, e Thomé de Souza, os carregou de sorte, que desampararaõ a porta, e querendo ganhar huma, que hia ao Quarto da Duqueza de Mantua, já a acharaõ occupada por Luiz Godinho Benavente, criado do Duque de Bragança, e por outras pessoas, que o acompanhavaõ, as quaes mataraõ hum Tudesco, e feriraõ outros, e assim os fizeraõ retirar. Neste tempo o primeiro, que com nobre deliberação no Paço Real pronunciou duas altas sentenças ao Povo Portuguez, e à Monarchia Hespanhola, foy D. Miguel de Almeida, veneravel velho de
perto

perto de oitenta annos, com a espada na mão disse gritando : *Valerosos Portuguezes, viva ElRey D. João IV. atégora Duque de Bragança, viva; morraõ os traidores, que nos arrebataraõ a liberdade.* Desta sorte chegou às varandas do Paço, repetindo as mesmas palavras muitas vezes, já ouvido do Povo, que se hia ajuntando no Terreiro.

Buscando outros a casa de Miguel de Vasconcellos, entraraõ pelo corredor D. Antonio Tello, D. João de Sá de Menezes, Camereiro môr, Antonio Tellez, ferido em hum braço de huma balla de pistola, que se disparou na falla dos Tudescos, o Conde de Atouguia, seu irmão Dom Francisco Coutinho, D. Alvaro de Abranches, Ayres de Saldanha de Sousa, D. Gastaõ Coutinho, Sancho Dias de Saldanha, João de Saldanha da Gama, e seus irmãos Antonio, e Bartholomeo de Saldanha, Tristão da Cunha de Ataide, seus filhos Luiz, e Nuno da Cunha, D. Manoel Childe Rolim seu genro, e encontrando a Francisco Soares de Albergaria, Corregedor do Cível da Cidade, que sahia da Secretaria de Estado, lhe disseraõ todos: *Viva ElRey Dom João*, elle arrebatado, e imprudente, tirando da espada, respondeo: *Viva ElRey Dom Filippe*, e não faltando quem o persuadissem a socer-se, não sendo possível, com o tiro de huma pistola, lhe abriaraõ na garganta huma ferida, que em poucas horas lhe tirou a vida.

Continuando os confederados a buscar a Miguel

guel de Vasconcellos, romperaõ facilmente a porta da casa, em que despachava, que era a primeira, que passado o corredor, cahe sobre o Terreiro do Paço, e naõ achando nella a Miguel de Vasconcellos, entenderaõ, poderia livrar-se passando à Casa da India, para onde tinha caminho: desta afflicção, em que se achavaõ, os livrou huma escrava, apontandolhes para hum almario de papeis, que logo abriuõ, e o acharaõ nelles escondido. Dom Antonio Tello lhe fez hum tiro com huma pistola: vendo-se elle ferido, sahio turbado à casa, onde outros lhe deraõ outras feridas mortaes, com que cahio, mas ainda vivo, o lançaraõ ao Terreiro de huma das janella, dizendo: *Viva a liberdade, e El-Rey D. João IV. morraõ os traidores.* Discortia vago hum grande numero de gente do povo no Terreiro, e tanto que viraõ o miseravel corpo moribundo, e prostrado no chaõ, cheyos de furor cevaraõ nelle toda a crueldade, porque naõ perdoaraõ a desprezo algum, que lhe pudesse ser injurioso, que naõ executassem contra aquelle cadaver; e acodindo immenso povo a ver aquelle triste, e horroroso espectaculo, de novo o maltratavaõ os que chegavaõ com barbara crueldade, a que a piedade da Santa Irmandade da Misericordia fez depois dar sepultura. Este funesto fim teve Miguel de Vasconcellos, a quem a soberba, e a vaidade do governo absoluto tinha degenerado em violencias, e injustiças, de forte, que era universalmente temido

do pela autoridade , com que violentamente arrogara a si a soberania , desprezando toda a Nobreza de Portugal. Depois de lançado Miguel de Vasconcellos da janella , entrando em huma das casas interiores , encontraraõ ao Capitão Diogo Garcez Palha com huma cravina , que disparou , e outras armas de fogo , que tinha na casa , sem effeito ; e dandolhe algumas feridas , elle por livrar a vida , se lançou de huma das janellas , e quebrando huma perna , se retirou à Casa da India. Tinha Miguel de Vasconcellos em Lisboa a seu irmão Luiz de Mello, Deaõ de Braga , e do Conselho geral do Santo Officio , taõ mal quisto , que o povo o buscou nas casas , em que morava , que eraõ de seu irmão , (saõ as do Marquez de Angeja) e com hum motim as destruiuõ , com tanta colera , que arrancaraõ janellas , grades , e tudo arrazaraõ ; o Deaõ se tinha acolhido a Santo Eloy , e depois passando escondido a Leiria , onde era Bispo seu irmão Pedro Barboza , ambos passaraõ a Castella : e o povo seguindo a sua furia , sabendo as partes , onde o dito Miguel de Vasconcellos tinha fazendas , lhas destruiuõ , arrancandolhe as arvores , e sepas , e tomandolhe tudo quanto achavaõ , e o mais punhaõ em estado de não servir. Taõ mal quistos foraõ estes Ministros , e tanta a vaidade , em que os puzera a fortuna , que conciliarãõ hum geral odio no povo furioso , e inconsiderado no que costuma executar.

Chronica del Rey Dom João IV. de Antonio Coelho , Rey de Armas , m. f. que está na Livraria Ericeirana.

AO

Ao mesmo tempo, que a Duqueza de Mantua estava foprendida do grande ruido, que sentia no Paço, e muito atemorizada, os confederados depois de forçarem algumas portas, que acharão fechadas, chegaram à Casa da Galé, onde estava a Duqueza; eraõ elles D. Miguel de Almeida, Fernão Telles da Sylva, D. João da Costa, que havia atalhado a morte de alguns Ministros, que estavam nos Tribunaes, Thomé de Sousa, Pedro de Mendoga, D. Antão de Almada, D. Luiz seu filho, Dom Antonio Luiz de Menezes, D. Rodrigo de Menezes seu irmão, D. Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha, D. Antonio da Costa, D. Antonio de Alcaçova, João Rodrigues de Sá, Martin Affonso de Mello, Luiz de Mello, Manoel de Mello seu filho, Tristaõ de Mendoga, Luiz de Mendoga, D. Francisco de Sousa, D. Thomás de Noronha, D. Francisco de Noronha, D. Antonio Mascarenhas, D. Fernão Telles de Faro, Ruy de Figueiredo, Luiz Gomes seu irmão, Francisco de Sampayo, Gomes Freire de Andrade, seu filho, Gil Vaz Lobo. Turbada, e afflicta a Duqueza, a acharão a huma janella das que cahem para a porta da Capella Real, pedindo ao povo, que a soccorresse, e livrasse de taõ perigoso lance. Porém elles com todo o decóro a obrigaraõ, a que se retirasse, e intentando descer ao Terreiro, lho embarçaraõ tambem, o que ella vendo lhes disse: *Senhores, já estaes satisfeitos, e vingados com a morte do*
Ministro

Ministro culpado, elle está castigado, não passe diante o furor, que não deve entrar em corações tão nobres: eu prometto, que ElRey Catholico não só perdoe a todos, mas vendo a obediencia, com que respeitaes o seu serviço, agradeça ver este Reyno livre dos excessos do Secretario. O Arcebispo de Braga, Presidente do Paço, sahindo do Tribunal chegou a tempo, que a Duqueza acabava de pronunciar estas palavras, e como era de genio violento, e inteiramente entregue ao partido Castelhano, intentou seguir o mesmo estylo; mas o respeito, que se observou com a Duqueza, quebrou D. Miguel de Almeida, não o querendo ouvir, dizendolhe, que lhe rogava, que se callasse, porque lhe havia custado não pouco na noite antecedente livrallo da morte, o que o Arcebispo ouvindo, se retirou a hum dos aposentos interiores: porém a Duqueza revestida de soberania, continuou com novas persuaçoens, segurando o perdaõ delRey Catholico; a que immediatamente lhe responderaõ, que já não conheciaõ outro Rey, senão a ElRey D. Joaõ, que de Duque de Bragança haviaõ acclamado. A estas palavras se encheo a Duqueza de furor tão desordenado, que foy preciso a D. Carlos de Noronha atalhalla com menos attençaõ, do que até alli se tinha praticado, e dizerlhe, que lhe rogava se retirasse, porque de outra sorte se lhe poderia perder o respeito. A que ella replicou dizendo: *A mim? Como?* A que D. Carlos respondeo: *Obrigado*

Tom.VII.

M

do

Passarelli, de *Ello Lusitano*, lib. 1.º, pag. 117.
Ericena, *Historiarum Lusitanarum*, lib. 2.º, pag. 113.

do a V. Alteza, que quando não queira entrar por esta porta, saia por aquella janella: o que ouvindo a Duqueza, perdido o animo, se retirou ao seu Oratorio com as suas Damas, e pedindo-lhe passasse ordem a D. Luiz del Campo, Tenente do Mestre de Campo General, que governava o Castello, para que não fizesse movimento, a affinou na fórma, que eslava. Ficou de guarda à Duqueza D. Antão de Almada com algumas pessoas. Os outros Fidalgos sahiraõ ao Terreiro do Paço, e em altas vozes diziaõ: *Liberdade, viva ElRey D. João o Quarto.*

Era grande o estrondo, e mayor a confusão nos moradores da Cidade na incerteza do fim, a que se dirigia toda aquella multidão de gente, que viaõ discorrer confusamente, e assim se recolhiaõ muitos às suas casas; porém tanto, que entenderaõ qual era o negocio daquella resolução, correõ todo o povo a acclamar o novo Rey. Corria já pela grã Lisboa a nova voz, que lhe annunciava novo Principe. Concorreo muito para o dito fim desta resolução o Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha; porque tendo noticia, que ditosamente se executara tudo, o que se havia assentado, sahio da Sé, e no terreiro, que lhe fica diante, achou a D. Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede, Presidente da Camera, com todo o corpo do Senado, D. Alvaro de Abranches com a bandeira da Cidade, seguido de todos, e buscando

do ao Arcebispo, já chegavaõ defronte de Santo Antonio, pouco distante da Sé, quando se ouviu gritar o povo, que huma Imagem de prata de Christo Crucificado, que levava hum Capellaõ diante do Arcebispo, despregara o braço direito, o que todos tiveraõ por milagre; o povo prostrado por terra gritava, que era milagre. Assim todos revestidos de confiança, de que Deos approvava aquella causa, naõ se ouviaõ já em toda a Cidade mais, que vivas, e acclamações ao novo Rey, valeroso Author da liberdade da Patria.

Ao supremo Senado da Casa da Supplicação chegaraõ alguns Fidalgos, e acharaõ as portas fechadas; porém Ayres de Saldanha rogou aos Desembargadores, que as mandassẽ abrir sem receyo, elles o fizeraõ, e informados da causa, approvaraõ com boa vontade por escrito a resolução, que se havia tomado, firmando-se todos no assento, que fizeraõ, e Ayres de Saldanha os segourou até as suas casas. D. Gastaõ Coutinho dando liberdade aos prezos, abrio as cadeas, e todos se acharaõ livres. Chegou o Arcebispo ao Paço, que já achou cheyo de gente de todos os Estados, congratulando-se com a liberdade da Patria resgatada do dominio Castelhano. Voltaraõ ao Paço os Fidalgos, que haviaõ discurrido pela Cidade, deixando tudo em tal socego, que foy cousa maravilhosa, que eternamente se admirará, que dentro em tres horas esteve a Cidade em tal socego, como se naõ fora o

Tom.VII.

Mii mes-

mesmo theatro, onde se haviaõ representado tantos successos diferentes: e ainda he mayor a admiracão, que em poucos dias o Reyno, e em seis mezes as Conquistas, mudaraõ todas de Senhor. Sessenta annos do dominio Castelhano exercitado por tres Principes, se esqueceo em hum instante, entregaraõ-se os Póvos a hum Senhor, que muitos dos visinhos não tinhaõ visto, nem ouvido tal vez os distantes.

Deu-se o governo em quanto o novo Rey não chegava de Villa-Viçosa, ao Arcebispo de Lisboa, e ao Arcebispo de Braga, que o aceitou mais por temor, que por vontade, e a D. Lourenço de Lima, Visconde de Villa-Nova de Cerveira, por se escusar D. Francisco de Castro, Inquisidor Geral. Tanto, que os Governadores aceitaraõ, começaraõ logo a expedir ordens a todo o Reyno, participandolhe, que Lisboa havia tomado a resolução de restituir a Coroa de Portugal à Serenissima Casa de Bragança, acclamando Rey ao Serenissimo Senhor D. Joaõ, a quem por direito do sangue pertencia; e que em causa tão justa esperavaõ, que como verdadeiros Portuguezes, seguissem o exemplo de Lisboa, armando-se contra a invasão de Castella, que Deos havia de prosperar a justiça da sua causa, concedendolhe como aos seus antepassados a vitoria. Despachados os Correyos, ao meyo dia se recolheraõ os Governadores à sua casa, admirados de verem a Cidade no mesmo fôcego, que no dia antecedente, as logeas dos Mercadores

cadores abertas, e tudo o mais em tal tranquillidade, que logo se vio abraçada a paz, e a justiça, porque o furor de tantos não custou a vida a hum só, e bem o indicava a disposição Divina, porque sendo semelhantes occasioens as mais proprias de vinganças, ainda os que não estavam conformes, depuzeram as inimizades, ficando no mesmo dia a Republica tão serena, como se houvesse vivido sempre debaixo daquelle mesmo dominio, e assim interpretavam alguns felice o repouso, dizendo: *Não se deve estranhar o novo Principe, porque não he novo: de pay, e de avós Vassallos somos deste Rey, e de seus antepassados.* Socegada a Cidade, João Rodrigues de Sá, D. João da Costa, e outros Fidalgos, em huma das galés, que estavam no rio, renderam tres navios da Armada de Castella, que estavam furtos, e guarnecidos de Infantaria, conseguindo só a gloria de emprender acção tão bizarra. Em tudo se vio o valor, e a fortuna no desaccordo dos Castelhanos, para que os nossos obrassem livremente. Esta gloriosa acção não tem igual na Historia, porque não ha visto o Mundo outra Nação restaurada por semelhantes passos, e por pessoas particulares, sem participacção de algum Principe, e sem soccorros premeditados de outras Nações; hum Reyno cercado de seus inimigos, sem outra visinhança, de que se pudesse valer, seguro com treze presidios em outras tantas Fortalezas. As Conquistas distantes, governadas por pessoas obri-

obrigadas de beneficios. Foy admiravel o successo, que tudo se conformasse de forte, que entre a grande distancia do Oceano, não houve demora entre o aviso, e a obediencia. Na verdade bem se vê, que foraõ auxiliados do favor Divino na felice conclusão desta gloriosa empreza, que eternamente será applaudida como huma das mayores, que vio o Mundo.

Entregou-se o Castello da Cidade, e no mesmo dia as Torres de Belem, Cabeça Secca, Torre Velha, Santo Antonio, e o Castello de Almada, sendo a Duqueza de Mantua a que passava as ordens, que sem resistencia se guardavaõ. Mandaraõ os Governadores sair do Paço a Duqueza de Mantua para o de Xabregas, onde foy acompanhada do Arcebispo de Braga, e daqui foy mandada para o Mosteiro de Santos das Commendadeiras da Ordem de Santiago. Os Officiaes de Guerra, e Fazenda Castelhanos, foraõ postos em custodia competente, a saber: D. Diogo de Cardenas, Mestre de Campo General, Thomás de Hibio Calderon, Conselheiro da Fazenda, Dom Diogo da Rocha, Juiz do Contrabando, Dom Fernando de Alvia e Castro, Conselheiro da Fazenda.

Chegou a Villa-Viçosa a nova, do que se passava em Lisboa, e ao mesmo tempo Pedro de Mendoga, e Jorge de Mello pela posta, a dar conta a ElRey da felicidade, com que se conseguira taõ ardua, e taõ gloriosa empreza. Chegaraõ na
segunda

segunda feira a tempo, que ElRey queria entrar a ouvir o Sermao na sua Capella: referiaõ-lhe o successo, beijaraõ-lhe a maõ, e mandou sem alteraçaõ, que se continuasse a solemnidade, socego, que mostra bem o quam digno era da Coroa; porém o alvoroço foy tal, que naõ deu lugar a seguirse a ordem. Já se achava em Villa-Viçosa o Marquez de Ferreira, e o Conde de Vimioso, que haviaõ solemnemente acclamado a ElRey em Evora, com aviso, que tiveraõ de Lisboa. O Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, que à imitação dos seus mayores, manteve sempre em igual amor, que respeito, o parentesco com os Duques, agora foy o primeiro, que se offereceo no serviço delRey D. Joaõ, que agradecido à sua leal correspondencia, naõ tardou muito em darlhe o authorisadissimo lugar de Mordomo mór da Casa da Rainha, e à Marqueza sua mulher, o cargo de Camereira mór, com que o novo Paço com estas, e outras occupaõs ficou servido dos mayores do Reyno.

Reconhecendo ElRey o quanto convinha partir com brevidade para Lisboa, entrou no coche, acompanhando-o nelle o Marquez de Ferreira, o Conde de Vimioso, Pedro de Mendoça, e Jorge de Mello, e a cavallo alguns criados de sua Casa. E sem mais guarda, que o seguisse, partio ElRey para Lisboa a receber a Coroa: entre tanto tomou posse dos applausos dos Póvos circumvizinhos, e dos mais Lugares da Provincia de Alentejo,

tejo, a que se fez aviso; e antes de fahir de Villa-Viçosa o acclamaraõ com mais alegres demonstra-ções, do que ceremonias, porque era grande a alegria dos seus, vendo taõ barata a exaltação do Senhor, a quem serviaõ.

Entrou ElRey em Lisboa seis dias depois da sua acclamação, e foy sulvado com tres descargas de artilharia do Castello, e Fortalezas da Cidade. Estavaõ no Paço os Governadores, e como naõ esperavaõ a ElRey taõ brevemente, tanto que se espalhou a nova, correo ao Paço, e ao Terreiro tanta gente, sendo de sorte o alvoroço, e as vozes alegres do povo, que por instantes era necessario ElRey chegar às janellas, para satisfazer às demonstra-ções dos seus leaes Vassallos. Na tarde daquelle mesmo dia beijaraõ a maõ a ElRey os Tribunaes, e o Auditor da Legacia, o qual levantou o interdição por seis mezes, que o Colleiitor havia deixado, quando sahio do Reyno, escandalizado dos Ministros de Castella. Na noite se vio a Cidade toda illuminada, e festiva com os repiques dos sinos, salvas da artilharia das Fortalezas, acclama-ções, e vivas do povo com taõ excessiva alegria, que deu motivo a hum Fidalgo Castelhana, que observava tudo o que se passava, dizer: *Es possible, que se quite un Reyno a ElRey D. Filipe con selas luminarias, y vivas, sin mas exercito, ni poder? Gran señal, y efeto sin duda del brazo Omnipotente de Dios.* E querendo o Senado da Cidade com pomposas festas

Pirngo, *Hist. de Port.*
liv.2. pag.106.

tas mostrar o gosto de seus Cidadãos, ElRey o embaraçou dizendo, que não queria mais preparações, que as da guerra para defender o Reyno. E assim seguindo todo o Reyno, e as Conquistas a voz de Lisboa, todos contribuirão à sua mesma felicidade; porque Santarem sem esperar Carta de Lisboa, acclamou a ElRey: na Cidade de Coimbra recebendo-a, foram excessivas as demonstrações de contentamento, de que a sua Universidade nos deixou hum eterno monumento no Livro, que imprimio em Coimbra no anno de 1641 com o titulo de *Applausos da Universidade*, sendo Reytor Manoel de Saldanha, onde se vê os luzidos engenhos, que então floresciaõ. O Porto com leve duvida se veyo a reduzir em breves horas. O Castello de Vianna, que estava presidado de Infantaria Castelhana, se poz em defenſa; porém os seus moradores auxiliados de alguma gente de Braga, Guimaraens, e outros Lugares, o renderão. Na Villa de Setuval os Castellos de S. Philippe, a Torre de Ouraõ, passados oito dias se entregaraõ. Governava o Reyno do Algarve Henrique Correa da Sylva, que leal, e valeroso, o soube desunir da obediencia de Castella; e finalmente todas as povoações, que estavaõ nos confins do Reyno, e eraõ balizas da separação dos Reynos, acclamaraõ o novo Rey. Falta-va sómente a Fortaleza de S. Giaõ, situada à entrada da barra de Lisboa, de taõ boa fortificação, que se fazia inexpugnavel pelo sitio, e por domi-

Tom.VII.

N

nar

nar a barra de Lisboa. Governava a Fortaleza o Tenente D. Fernando de la Cueva, o qual logo havia despachado huma caravella com aviso ao Duque de Maqueda, General da Armada del Rey Catholico, pedindolhe soccorro, de que pouco necessitara em muitos mezes, se se quizera defender, porque além de muitas munições de guerra, e boca, e seiscentos Soldados, era bastante presidio para a pouca terra, que defendiaõ. A sitiar esta Fortaleza mandou El Rey a D. Francisco de Sousa, para que juntando a gente do Terço, de que estava feito Mestre de Campo, e todos os Soldados da Ordenança, que lhe parecesse, atacasse a Fortaleza. He pouco o sitio, que dá a terra para a expugnação: porém valendo-se de hum monte visinho, que fica padrastro à Fortaleza, levantou nelle hum reducto, e começaram a jogar quatro meynos canhoens com pouco effeito: mas com melhor o conseguiu Dom Fernando Mascarenhas, Conde da Torre, que nella se achava prezo injustamente por ordem del Rey Catholico, pelo mau successo da empreza de Pernambuco. Vendo aberto o caminho da sua liberdade, se resolveo a propor ao Tenente os grandes interesses, que lhe podiaõ resultar de a entregar, o que o Tenente ouviu com bom semblante; e ajustada a recompensa, se entregou a Fortaleza a 12 de Dezembro, de que tomou posse D. Francisco de Sousa, e ao Tenente satisfez El Rey com huma Commenda, e outras merces, com

com que dourou a infidelidade da sua resolução, mais útil, que honrada. A Praça de Cascaes se rendeo a D. Gaſtaõ Coutinho dous dias antes, que a S. Giaõ.

Vencidas venturosamente todas as difficuldades, se dispoz a solemnidade da Coroação delRey, e de se lhe dar em nome de todo o Reyno juramento de obediencia, e fidelidade. Determinado o dia 15 de Dezembro, baixando ElRey do Paço a hum grande theatro, que se tinha preparado debaixo das suas janellas, vestido de todas as insignias Reaes, acompanhado da principal Nobreza da Corte na fôrma, com que os Reys de Portugal fiziaõ semelhantes actos, vinhaõ exercitando os officios da Casa Real todos aquelles, que por privilegios antigos tinhaõ occupações nella; e Secretario de Estado Francisco de Lucena, que ElRey havia elegido do lugar, que exercitava em Lisboa de Secretario das Mercês, Ministro antigo, que trinta e seis annos exercitara no Conselho de Portugal em Madrid o lugar de Secretario de Estado, que com grande opiniaõ, e sufficiencia tinha servido: pelo que foy proposto por todos para esta occupação, indo-o buscar a sua casa, para que empregasse no serviço delRey, e bem publico o seu grande juizo. Já deixámos dito no Capitulo XVIII. do Livro VI. que eraõ seus pays feituraz, e criados da Casa de Bragança. Hia ElRey vestido de riço pardo bordado de ouro, com botoens, e collar de

Tom. VII.

N ii dia.

diamantes de grande valor, e delle pendente o habito da Ordem de Christo em hum circulo de diamantes, espada dourada com opa roçagante de téla branca lavrada de ramos de ouro, sustentavalhe a cauda o Camereiro môr; hia diante delRey o Marquez de Ferreira, do Conselho de Estado, que fazia o officio de Condestavel, e logo Fernão Telles de Menezes, que fazia o officio de Alferes môr, com a bandeira enrolada; seguia-se o Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, Mordomo môr, com a sua insignia na mão, e todos os Grandes, e Fidalgos, que logo diremos, todos descobertos, e diante os Reys de Armas Portugal, Arautos, e Passavantes, e os Porteiros da Cana com maças de prata. Tanto, que ElRey chegou ao estrado, o Reposteiro môr descobriu a cadeira, e sentado ElRey debaixo de hum docel rico bordado de ouro, e prata, no seu throno, tomou o sceptro de ouro na mão direita, que lhe deu o Camereiro môr, a quem o entregou Belchior de Andrade, Thesoureiro do Theouro, que o tinha em huma rica salva. O Condestavel ficou com o estoque nas mãos, em pé, e descoberto, como vinha, no estrado pequeno da parte direita delRey, e o Alferes môr no estrado grande da mesma parte, o Camereiro môr de traz da cadeira, e o Guarda môr adiante do Camereiro môr, tambem à parte direita. No mesmo estrado grande da parte direita estavaõ os Prelados seguintes: D. Rodrigo da Cunha,

Auto do Levantamento delRey, impr. em 1644.

Cunha, Arcebispo de Lisboa, do Conselho de Estado, o Bispo D. Francisco de Castro, Inquisidor Geral, do Conselho de Estado, Dom Sebastião de Mattos de Noronha, Arcebispo Primaz, do Conselho de Estado, D. Francisco de Sottomayor, Bispo de Targa, Deão da Capella Real, todos descobertos. Da parte esquerda, no mesmo estrado grande encostado à parede d'elle, o Mordomo môr, e os mais Grandes do Reyno, e Officiaes môres da Casa delRey, e Fidalgos, sem precedencias, a saber: D. Miguel de Menezes, Duque de Caminha, D. Luiz de Noronha, Marquez de Villa-Real, do Conselho de Estado, D. Sancho de Noronha, Conde de Odemira, D. Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede, D. Vasco Luiz da Gama, Conde da Vidigueira, D. Duarte de Menezes, Conde de Tarouca, D. Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, D. Fernando Mascarenhas, Conde da Torre, Pedro da Sylva, Conde de S. Lourenço, Francisco Botelho, Conde de S. Miguel, Nuno de Mendonça, Conde de Val de Reys, Simão Gonçalves da Camera, Conde da Calheta, D. Jeronymo de Ataide, Conde de Atouguia, Fernão Telles da Sylveira, Conde de Unhão, D. Francisco de Sá de Menezes, Conde de Penaguiaõ, D. Lourenço de Lima de Brito, Visconde de Villa-Nova de Cerveira, do Conselho de Estado, e Presidente do Desembargo do Paço, D. Luiz Lobo, Barão de Alvim; e os Officiaes da Casa, a saber: Luiz de Mel-

lo,

lo, Porteiro môr, Luiz de Miranda Henriques, Estribeiro môr, Bernardim de Tavora, Reposteiro môr, D. Pedro Mascarenhas, Vêdor da Casa, filho mais velho, e successor do Marquez de Montalvaõ, D. Joaõ Soares de Alarcaõ, Mestre Salla, D. Lourenço de Sousa, Capitaõ da Guarda, Pedro da Cunha, Trinchante, Francisco de Mello, Monteiro môr, Manoel de Sousa da Sylva, que servia de Aposentador môr, D. Pedro da Costa, Armador môr, Martim de Sousa de Menezes, Copeiro môr, D. Joaõ de Castellobranco, que fazia o officio de Meirinho môr pelo Conde de Sabugal seu iuaõ.

No segundo degrao do estrado grande estavam os Reis de Armas, Arautos, e Passavantes, e Porteiros de Maças, e logo se seguiaõ os Senhores de terras, Alcaides môres, Fidalgos, e Ministros, que se acharaõ presentes nos lugares, em que cada hum se podia melhor accommodar, a saber: D. Antonio Pereira, D. Carlos de Noronha, D. Miguel de Almeida, D. Antaõ de Almada, D. Joaõ de Noronha, D. Antonio de Noronha, Luiz da Sylva Telles, Alcaide môr de Moura, D. Antonio Mascarenhas, D. Duarte de Castellobranco, Dom Francisco de Castellobranco, D. Gastaõ Coutinho, D. Affonso de Menezes, D. Joaõ de Portugal, D. Joaõ Luiz de Vasconcellos e Menezes, D. Sebastiaõ de Vasconcellos, D. Manoel Mascarenhas, D. Pedro de Menezes, D. Luiz de Menezes, D. Joaõ
de

de Menezes , D. Luiz de Noronha , D. Antonio de Castro , Theſoureiro mór da Sé de Lisboa , D. Fernão Martins Mascarenhas , D. Jorge Mascarenhas , Dom Luiz de Almada , D. Paulo da Gama , D. Pedro Fernandes de Castro , D. Antonio de Almeida , Dom João da Costa , D. Henrique Henriques , D. João Mascarenhas , Alcaide mór de Montemor o Novo , e Mertola , Martim Affonso de Mello , Alcaide mór de Elvas , Manoel Telles de Menezes , Ayres de Saldanha , João de Saldanha , Antonio de Saldanha , Julio Cesar de Menezes , Thomé de Souza , Christovão de Tavora , Prior da Magdalena , D. João Pereira , Prior de S. Nicolao , Gonçalo Tavares , Ruy Lourenço de Tavora , Fernão de Lima Brandaõ , Ambrosio Pereira de Berredo , Gaspar de Brito Freire , Miguel de Quadros , Antonio de Miranda Henriques , Alcaide mór de Panoyas , Rodrigo de Miranda Henriques , Manoel da Cunha da Maya , João de Brito da Sylva , Christovão de Magalhaens , Ruy Fernandes de Almada , Fernão Martins Freire , Antonio Correa da Sylva , Francisco Gonçalves da Camera , Cosme de Paiva de Vasconcellos , Alferes da Ordem de Christo , Fernão Pereira de Castro , Luiz Correa de Menezes , D. Francisco de Menezes , D. João de Carcamo , Manoel Ribeiro Soares , Gaspar de Faria Severim , Affonso de Barros Caminha , Ruy Dias Pereira , Diogo de Tovar , Damiao Dias de Menezes , Pedro Vaz de Sá , Christovão de Mattos

Mattos Lucena, D. Antonio de Menezes, Jorge de Figueiredo, Francisco Luiz de Vasconcellos, Pedro Guedes de Miranda, D. Pedro de Menezes, Prior de Obidos, D. Francisco de Noronha, D. Pedro de Alcaçova, Jorge de Mello, D. Antonio de Alcaçova, Francisco Pereira de Betancurt, o Doutor Sebastião Cesar de Menezes, do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio, e Desembargador do Paço, o Doutor João Pinheiro, o Doutor Balthazar Fialho, Thomé Pinheiro da Veiga, Procurador da Coroa, o Doutor João Sanches de Baena, todos do Conselho de Sua Magestade, e seus Desembargadores do Paço: o Doutor Pedro da Silva de Faria, o Doutor Francisco Cardoso de Torneo, ambos do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio: o Doutor Antonio das Povoas, o Doutor Rodrigo Botelho, e o Doutor Francisco de Carvalho, todos tres do Conselho da Fazenda: o Doutor Simão Torresão Coelho, o Doutor Estevão Falleiro de Sande, o Doutor Lopo Soares de Castro, Deputados da Mesa da Consciencia, e Ordens: Gonçalo de Sousa de Macedo, e o Doutor Jorge de Araujo Estação, Juizes da Coroa: o Doutor Luiz Pereira de Castro, Chanceller da Casa da Supplicação: o Doutor Antonio Coelho de Carvalho, o Doutor Lopo de Barros, Desembargadores dos Aggravos: o Doutor Gregorio Homem Mascarenhas, o Doutor Pedro de Castro, o Doutor Valentim da

da Costa de Lemos, Desembargadores da Casa da Supplicação; e todos os referidos Prelados, Grandes, e Fidalgos, estiverão em pé, porque nestes actos não tem pessoa alguma assento, nem se cobre.

Depois delRey estar assentado, o Doutor Francisco de Andrade Leitaõ, Desembargador dos Aggravos, sobindo ao estrado grande, ficando no canto da parte esquerda, e fazendo a devida reverencia a Sua Magestade, disse huma eloquente Oraçaõ, mostrando em prudentes, e bem fundadas razões a justiça, com que os tres Estados do Reyno acclamaraõ, e restituiraõ a ElRey a Coroa, usurpada a sua avó a Senhora D. Catharina. Porque assim, que falecera ElRey D. Henrique no ultimo de Janeiro do anno de 1580, logo se devolveu a successão dos mesmos Reynos à linha do varaõ, que era o Infante D. Duarte seu irmão, filho delRey D. Manoel, de gloriosa memoria, na qual em beneficio da representação se achava em primeiro, e mais proximo grao ao ultimo possuidor a Serenissima Princeza D. Catharina sua sobrinha direita, filha do dito Infante, e neta delRey D. Manoel, da qual havia nascido o muito Excelente Principe D. Theodosio, Duque de Bragança, pay delRey, que estava presente, a quem pertencia o mesmo direito, e acção, que tinhaõ os Principes seus progenitores para se desforçarem (como já entaõ protestaraõ) e para se investir na

Tom.VII.

O

mef-

mesma successão, que se lhe havia usurpado, (como depois mostrarão em doutos Tratados insignes Jurisconsultos) e ultimamente expressou a ElRey a vontade, com que os Póvos se offereciaõ a defendello, e a fidelidade, com que offereciaõ as fazendas, e as vidas, por lhe segurarem perpetuamente a Coroa, e o quanto mereciaõ, que Sua Magestade lhes guardasse seus sóros, usos, e louvaveis costumes, privilegios, liberdades, prerogativas, franquezas, e preeminencias, fazendolhe em tudo a honra, e merce, para que unidos no Real amor, e serviço de Sua Magestade, não só tratassem de conservar, e defender a Coroa, que acabavaõ de lhe restituir, mas que lhe dilatassem, e ampliassem o seu Imperio.

Tanto, que se acabou a falla, o Reposteiro mór poz diante delRey huma cadeira raza coberta com hum pano de brocado, com almofada do mesmo em cima, e outra aos pés delRey; e logo D. Alvaro da Costa, Capellaõ mór, poz em cima da dita cadeira, e almofada hum Missal aberto, e huma Cruz, e posto ElRey de joelhos, fez o juramento costumado nestes Reynos, ao qual foraõ presentes o Arcebispo Primaz, o Arcebispo de Lisboa, e o Bispo Inquisidor Geral: e postos de joelhos, Francisco de Lucena, do seu Conselho, e seu Secretario de Estado, hia lendo a fórma do juramento, que ElRey repetia, tendo a mão direita posta na Cruz, e Missal, e o sceptro na esquerda.

Disse:

Disse: Juramos, e promettemos, com a graça de Nosso Senhor, vos reger, e governar bem, e directamente, e vos administrar inteiramente justiça, quanto a humana fraqueza permite, e de vos guardar vossos bons costumes, privilegios, graças, merces, liberdades, e franquezas, que pelos Reys passados nossos antecessores foram dados, outorgados, e confirmados. Acabado o juramento, se tornou ElRey a assentar na sua cadeira, e os Arcebispos, e Bispo voltaram para os seus lugares. Seguiram-se os Grandes, Seculares, e Ecclesiasticos, e Nobreza do Reyno, que então se achava presente, a que deu principio o Duque de Caminha, que leu o Secretario de Estado, e a forma do juramento era a seguinte: *Juro aos Santos Euangelhos corporalmente por minhas mãos tocados, que eu recebo por nosso Rey, e Senhor verdadeiro, e natural, ao muito Alto, e muito Poderoso Rey Dom João o IV. nosso Senhor, e lhe faço preito, menage, segundo foro, e costume destes seus Reynos. Tanto, que acabou de jurar sobre a dita Cruz, e Missal, foy beijar a mão delRey, e na mesma forma o fizeram os outros Grandes, Seculares, e Prelados, sem entre elles haver precedencia, porque o Secretario de Estado declarou, que ElRey assim o mandava. Concluiu-se o acto com o Alferes mór defenrolar a bandeira Real, voltado para o povo, dizendo tres vezes em voz alta: *Real, Real, Real, pelo muito Alto, e muito Poderoso Senhor Rey Dom João o IV. nosso Senhor*; o que o*

Tom. VII.

O ii

povo

povo repetia entre vivas , e alegres acclamações , demonstradoras do seu contentamento.

Acabada a solemnidade do acto , se levantou ElRey , e foy dar graças ao Senhor à Igreja da Sé Metropolitana de Lisboa , e sahindo do theatro , desceo ao Terreiro , onde estava o Senado da Camera da Cidade com hum paleo de téla branca com oito varas , que levaraõ o Conde de Cantanhede , Presidente do Senado , e os Doutores Paulo de Carvalho , Francisco Rabello Homem , Alvaro Velho , Manoel Homem , Vereadores do mesmo Senado , e Joaõ Sanches de Baena , Desembargador do Paço , por ser filho de Pedralves Sanches , que foy Vereador , e Francisco Bravo da Sylveira , filho tambem do Vereador , e Conservador da Cidade , por cujo officio lhe pertencia , e Sebastião de Tavares de Sousa , Desembargador da Casa da Supplicação , e todos vestidos conforme as suas dignidades magnificamente. Montou ElRey em hum fermoso cavallo castanho , com manta de veludo negro , e os mais arreos , guarnecido tudo de passamanes , e galoens de ouro ; deulhe o estribo da parte esquerda o Estribeiro môr , e tendo maõ no da direita Miguel Pereira Borralho , seu Estribeiro menor ; levava-o de redca Dom Pedro Fernandes de Castro , na ausencia do Conde de Monsanto , Alcaide môr de Lisboa , a quem tocava. Hiaõ diante a cavallo os Reis de Armas com suas Cortas ricas , e os Porteiros da Cãa com maças de prata ,
assim

assim como haviaõ estado no acto do juramento ; sustentavaõ a cauda da Opa roçagante , ou Manto Real delRey , nas ilhargas dous Moços Fidalgos , no meyo dos quaes hia o Camereiro mór , que tam- bem os ajudava. Hia adiante o Condestavel com o estoque desembainhado levantado , e o Alferes mór com a bandeira Real , a pé , e descobertos , e na mesma fôrma o acompanhavaõ os Grandes , Se- nhores de terras , Alcaides môres , e Fidalgos , que se haviaõ achado no acto do levantamento , e jura- mento. Na Praça do Pelourinho parou ElRey , e ouviu huma Oraçaõ ao Doutor Francisco Rabello Homem , Vereador da Camera ; e acabada ella , lhe entregou as chaves da Cidade o Presidente do Senado o Conde de Cantanhede , que ElRey to- mou , e depois as deu ao mesmo Conde. Na Ca- thedral o Arcebispo revestido de Pontifical , acom- panhado do Cabido , com a Reliquia do Santo Le- nho nas mãos , o veyo receber na entrada do ta- boleiro da porta principal , e no ultimo degrao das escadas , que sôbem da rua , se poz em huma al- catifa huma almofada , em que ElRey ajoelhou devotamente , e levantando-se , acompanhado do Arcebispo , e Cabido , foy até o Altar mór , on- de outra vez se poz de joelhos , em quanto o Ar- cebispo disse as Orações costumadas , e lançou a bençaõ. Havia na Igreja diversos Côros de Mu- sica. Voltou ElRey da Sé ao Paço entre vivas , e lagrimas de gofio , de hum numeroso concurso ,
repe-

repetindo-se o applauso , e geral contentamento do povo , desprezando todos os perigos , com que o podia ameaçar hum Rey visinho , e poderoso , com a justiça da causa , que defendiaõ , como bem mostrou depois o tempo.

Antes de darmos noticia dos negocios internos , a que ElRey logo se applicou com grande efficacia , he preciso referirmos como a Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ sua mulher , se transferio de Villa-Viçosa a Lisboa. No dia de Natal passou ElRey a Aldea Gallega a esperar a Rainha , a qual acompanhavaõ o Marquez de Ferreira , que havia partido a buscalla , D. Vasco da Gama , Conde da Vidigueira , e D. Francisco Coutinho , Conde de Redondo , e outros. Elegeo a Rainha por sua Camereira môr a Marqueza de Ferreira , como já dissemos ; nomeou ElRey por seu Mordomo môr a D. Sancho de Noronha , Conde de Odemira , e para Estribeiro môr a D. Luiz de Noronha ; e a Pedro da Cunha , que era seu Trinchante , fez seu Veador. Entraraõ os Reys em Lisboa com novos vivas , e geral contentamento , porque era grande o gosto ver os Reys em idade florente , e a sua familia florecida de tres herdeiros , o Principe D. Theodosio , a Infanta D. Joanna , e a Infanta D. Catharina. Nomeou logo a Rainha por Aya do Principe , e Infantas a D. Marianna de Lencastre , viuva de Luiz da Sylva , Vêdor da Fazenda , e do Conselho de Estado , e ornou-se o Paço das
mais

mais illustres , e fermosas Damas da Corte , e dos meninos de igual qualidade.

A 7 de Dezembro chegou a noticia a Madrid de ser acclamado o Duque de Bragança Rey de Portugal , aviso , que havia mandado o Corregedor de Badajoz ; porém tão confusamente , que só servio para despacharem Correyos a diversas partes , e ao Emperador de Alemanha pedindolhe segurasse a pessoa do Infante D. Duarte. O Secretario Diogo Soares despedio hum confidente a Lisboa para que o instruisse , do que se passava ; porém tanto que chegou , foy prezo , e manifestando o motivo da jornada , o soltaraõ sem castigo. Causou mayor confusãõ na Corte de Madrid chegar a ella o Conde de Figueiró , que partira de Lisboa nos ultimos dias de Novembro , sem noticia alguma da acclamaçãõ. Conta-se ser estranho o modo de manifestar o Conde Duque a seu Rey a perda de Portugal. Entrou (disseraõ) pedindolhe alviçasas da nova , que lhe levava , porque naquelle dia tinha Sua Magestade mais hum grande Estado , que era o de Bragança , dentro de Hespanha , que possuir , ou dar , como fosse servido. Desta sorte era dominado ElRey Dom Philippe , de natural mansissimo , dos artificios do Valido. Tanto , que na Corte se rompeo esta noticia , os Fidalgos Portuguezes , que nella se achavaõ , se offereceraõ a ElRey para a conquista de Portugal ; os mais delles com o coraçãõ na defensã da Patria ,
como

como depois , passado pouco tempo , o justifica-
raõ.

Parecenos dizer tambem como se achava o
Reyno quando ElRey D. Joaõ entrou a reynar.
Do Estado da India era Vice-Rey Joaõ da Sylva
Tello e Menezes , Conde de Aveiras ; no Brasil
governava o Vice-Rey Dom Jorge Mascarenhas ,
Marquez de Montalvaõ ; em Africa , governavaõ
as Praças de Ceuta D. Francisco de Almeida ; Tan-
ger D. Rodrigo Lobo da Sylveira , Conde de Sar-
zedas ; Mazagaõ Martim Correa da Sylva , cujo
pay Henrique Correa governava o Reyno do Al-
garve ; a Ilha da Madeira Luiz de Miranda Henri-
ques , Senhor de Ferreiros , e Tendaes ; a de S. Mi-
guel o Conde de Villa-Franca , Donatario daquella
Ilha ; a de Cabo Verde Jeronymo Cavalcanti de
Albuquerque ; Angola Pedro Cesar de Menezes :
e assistiaõ nas Presidencias , o Bispo Inquisidor Geral
D. Francisco de Castro no Conselho Geral do San-
to Officio ; no Desembargo do Paço o Arcebispo
de Braga D. Sebastiaõ de Mattos de Noronha ; na
Mesa da Consciencia , e Ordens , D. Antonio de
Ataide , Conde de Castro Dairo ; no Senado da
Camera D. Pedro de Menezes , Conde de Canta-
nhede ; na Misericordia Dom Manrique da Sylva ,
primeiro Marquez de Gouvea , que sendo Gentil-
homem da Camera delRey D. Filippe IV. achando-
se na Mesa da Misericordia no tempo , que El-
Rey D. Joaõ foy acclamado , e levando-selhe esta
noticia ,

noticia, tirou logo a chave, e a meteo na algibeira; e perguntandolhe os companheiros, o que haviaõ de fazer, respondeo: *O que nos mandarem*, e foy grande servidor delRey, que o fez seu Mor-domo môr, e do Conselho de Estado, lugares, que já tinha, e Presidente do Paço; e regia a Metropolitana Igreja de Lisboa o Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha.

Não convem menos à Historia a memoria dos Principes, que na Europa dominavaõ. Occupava a Cadeira de S. Pedro o Papa Urbano VIII. possuía o Imperio o Emperador Fernando III. reynava em França ElRey Luiz XIII. chamado o *Justo*, em Hespanha ElRey D. Philippe IV. a quem os seus appellidaraõ o *Grande*, em Inglaterra ElRey Carlos I. em Suecia a Rainha Christina, filha do grande Gustavo Adolfo, em Dinamarca ElRey Christiano IV.

A este mesmo tempo se achavaõ em Castella, e fóra do Reyno, muy grandes Senhores, e Fidalgos principaes, a saber: Dom Aifonso de Lencastre, Marquez de Porto-Seguro, Commendador môr de Santiago, D. João Coutinho, Arcebispo de Evora, D. Lourenço Pires de Castro, Conde de Basto, Diogo Lopes de Sousa, Conde de Miranda, D. Francisco de Vasconcellos, Conde de Figueiró, D. Jeronymo de Ataide, Conde de Castro-Dairo, D. Gregorio de Castellobranco, Conde de Villa-Nova, D. Luiz Henriques, Conde de

Relação impressa em 1642.

Tom.VII.

P

Villa-

Villa-Flor, Luiz Carneiro, Conde da Ilha, Dom Miguel de Noronha, Conde de Linhares, D. Francisco de Castello Branco, Conde de Sabugal, e Meirinho mór, Francisco Pereira Pinto, eleito Bispo do Porto, D. Bernardo de Ataíde, eleito Bispo de Portalegre, D. Luiz de Lencastre filho do Duque de Aveiro, os quaes todos se achavaõ em Madrid. D. Manoel de Moura, Marquez de Castello-Rodrigo, Embaixador em Roma, Dom Francisco de Mello, Embaixador em Alemanha, D. João Pereira, Conde da Feira, servindo em Flandes, Felix Machado da Sylva, Senhor de Entre Homem, e Cavado, Marquez de Monte-Bello, Antonio de Magalhaens, Senhor da Ponte da Barca, D. Francisco Manoel, D. Filippe da Sylva irmão do Marquez de Gouvea, em Flandes; D. Manoel de Castro, D. Francisco de Azevedo e Ataíde, D. Lopo de Menezes, e seu irmão D. Bernardo de Menezes, Martim Affonso de Ataíde, D. Francisco de Sá, D. Francisco Mascarenhas, e D. João Mascarenhas seu filho, Francisco Furtado de Noronha, Luiz de Miranda Henriques, Francisco de Vasconcellos, e seu filho Bartholomeu de Vasconcellos, D. Fradique da Camera irmão do Conde de Villa-Franca, D. Fernando de Noronha, e D. Jeronymo de Noronha filhos do Conde de Linhares, Francisco Moniz, Senhor de Angeja, D. Alvaro Coutinho, Senhor de Almourol, D. Francisco Luiz de Lencastre, Commendador mór de Aviz, Dom Simão Mascarenhas.

Mascarenhas filho do Marquez de Montalvaõ, em Catalunha; D. Alvaro de Mello, Henrique de Sousa, e seu irmão Luiz de Sousa filhos do Conde de Miranda, D. Theotonio Manoel, D. Joaõ Sottomayor, D. Antonio da Sylveira, D. Diogo Lobo, Prior môr de Palmella, Affonso Furtado de Mendoça, Deaõ da Sé de Lisboa, Diogo de Sousa, Chantre de Lamego, D. Joaõ de Sousa, Antonio de Sousa, D. Joaõ de Castellobranco filho do Conde de Sabugal, D. Jorge Manoel, Affonso de Lucena filho do Secretario de Estado Francisco de Lucena, Gil de Goes da Sylveira, Dom Luiz de Sousa, Conde do Prado, D. Alvaro de Ataide filho do Conde da Castanheira D. Antonio de Araid, Duarte de Albuquerque Coelho, Senhor de Pernambuco, D. Sancho de Faro, Jorge Furtado filho de Lopo Furtado, Pedro Jaques de Magalhães, Dom Jorge Henriques, Estevaõ de Brito, Damiaõ de Sousa de Menezes com dous filhos, hum filho do Estribeiro, D. Diogo Lobo filho do General, D. Thomás seu irmão, Diogo de Freitas Mascarenhas, Almirante, D. Rodrigo, Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, Conde de Castello-Melhor, D. Luiz de Abranches filho de D. Antaõ de Almada, Antonio de Mello filho de Martim Affonso de Mello, Dom Rodrigo Lobo, dos quaes muitos se achavaõ em Indias; D. Joaõ Tello de Menezes, Dom Francisco Mascarenhas, e outros muitos em Flandes, e Catalunha, que passavaõ de quatro mil

Tom.VII.

P ii

as

as pessoas de distincção, que se achavaõ fóra do Reyno. Sobre a liberdade de todos foy mandado a Madrid D. Pedro da Motta, Mordomo da Duqueza de Mantua, que não voltou. Quasi todos estes Grandes Senhores, e Fidalgos, se restituiraõ com o tempo ao Reyno, conforme o permittio a occasião, e alguns com grandes trabalhos, vencidos com leal constancia.

Memorias do tempo
impetilas em 1640.

Não dilatou ElRey em nomear Ministros para o governo, e para o despacho de todos os dias, ao Arcebispo de Lisboa, o Visconde D. Lourenço de Lima, e o Marquez de Ferreira, e depois o Marquez de Gouvea. Nomeou para o Conselho de Estado, além dos referidos, ao Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos, o Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro, o Marquez de Villa-Real D. Luiz de Noronha, que já na dominação de Castella tinhaõ este exercicio; o Conde de Vimioso, e a D. Miguel de Portugal seu irmão, D. Antonio de Ataíde, Conde da Castanheira, e Castro-Dairo, D. Jorge Mascarenhas, Marquez de Montalvão, D. Miguel de Almeida, e Henrique Correa da Sylva. Para o Conselho de Guerra foraõ nomeados Jorge de Mello, General das Galés, D. Joseph de Menezes, Antonio de Saldanha, Joaõ Pereira Corte-Real, Fernão Telles, e seu irmão Antonio Telles da Sylva, Mathias de Albuquerque Coelho, Fernão da Sylveira, Martim Afonso de Mello, Dom Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, D. Alva-
ro

ro de Abranches, e D. Gastaõ Coutinho: estes ultimos quatro foram encarregados de outros póstos, como abaixo se dirá, pelo que não assistião ao despacho.

Para o supremo Tribunal da Mesa do Desembargo do Paço tambem nomeou Presidente, que foy o Visconde de Villa-Nova de Cerveira, e por Ministros a Sebastião Cesar de Menezes, do Conselho Geral do Santo Officio, D. Rodrigo de Menezes irmão do Conde de Cantanhede, o Doutor João Pinto Ribeiro, o Doutor Francisco de Andrade Leitaõ, e o Doutor Antonio Coelho de Andrade. Para a Casa da Supplicação foy nomeado Regedor o Conde de S. Lourenço Pedro da Sylva, e Governador da Relação do Porto João Gomes da Sylva, e Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens D. Carlos de Noronha. Para Védores da Fazenda D. Miguel de Almeida, e Henrique Correa da Sylva, e Contador mór o Doutor João Pinto Ribeiro. Ordenou huma Junta para o provimento das Provincias, a saber: D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira, D. João de Menezes, Rodrigo Botelho, do seu Conselho da Fazenda, Pedro Vieira da Sylva, seu Procurador da Fazenda, e D. Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede, que nella presidia, e por Secretario Affonso de Barros Caminha, Escrivão da sua Fazenda. Então, depois das Cortes, teve principio a Junta dos Tres Estados, como adiante diremos.

Era

Era o principal cuidado delRey a defenſa do Reyno, e aſſim tratou logo de nomear Generaes, e Cabos para as Provincias. Elegeo para Capitaõ General de todo o Reyno a D. Affonſo de Portugal, Conde de Vimioſo, em quem concorriaõ excellentes partes por ſer dotado de valor, de juizo, e de eleiçaõ; porẽm nãõ chegou a gozar as grandes preeminencias deſte poſto, porque o Secretario Francisco de Lucena, mudando o animo delRey, lhe aconselhou, que nãõ era juſto antepor com differença taõ deſigual hum Vaſſallo a tantos benemeritos, a quem devia iguaes finezas. Paſſou a Elvas a exercitar o ſeu poſto na Provincia de Alentejo, e para a meſma Praça foy mandado Mathias de Albuquerque com o titulo de Governador das Armas, em que ſuccedeo ao Conde, onde tinha por Fronteiro ao Conde de Monte-Rey, que aſſiſtia em Badajoz. Ao Reyno do Algarve ſe mandou por Governador, e Capitaõ General ao Conde de Obidos D. Vaſco Mafcarenhas, que fez a ſua refidencia em Caſtro Marim, Villa fronteira de Ayamonte, onde aſſiſtia como Governador General das Coſtas de Andaluzia o Duque de Medina Sidonia com o Marquez da meſma Villa, e outros Senhores. D. Alvaro de Abranches foy mandado governar a Beira com patente de Capitaõ General, e fez a ſua refidencia em a Villa de Pinhel, tendo por aquella parte viſinho o Duque de Alva. Entre Douro, e Minho ſe encarregou ao General D. Gaſtaõ Coutinho,

nho, que assistia em a Villa de Valença, fronteira de Tuy do Reyno de Galliza, que governava o Marquez de Val Paraíso. Traz dos Montes se dividio em dous Fronteiros môres, Ruy de Figueiredo, que assistia em Chaves, e Francisco de Sampayo em Villa-Flor.

O Castello de Lisboa, em que pertendeo ficar D. Alvaro de Abranches, por ter tomado posse delle em nome delRey no dia, em que o evacuarão os Castelhanos, ElRey o confirmou ao Conde de Monsanto, como cargo hereditario da sua Casa; a Fortaleza de S. Gíão se encarregou a D. Joseph de Menezes, e por seu Tenente Luiz de Lomba de Araujo; a Praça de Cascaes a Martim Affonso de Mello, de donde depois foy governar as Armas da Provincia de Alentejo, e por Mestre de Campo a Francisco de Madureira; a Torre de Belém a Antonio de Saldanha, e por seu Tenente Jacintho de Sequeira; a Torre da Cabeça Secca S. Lourenço ao Capitão Rolaõ, e por seu Tenente Bernardo Botelho; a Torre Velha a seu Capitão môr Ruy Lourenço de Tavora; em Peniche o Conde de Atouguia; no Castello de S. Philippe de Setuval D. Noutel de Castro, e a Fortaleza do Outão na mesma Villa a Antonio de Moura; e no Reyno do Algarve a de Sagres a Francisco Ribeiro; no Castello de S. João da Foz na Cidade do Porto o Conde de Penaguião, seu Donatario D. Francisco de Sá de Menezes; em Vianna Manoel Telles iirmaõ do

do Conde de Unhaõ ; em a Praça de Olivença o Mestre de Campo Francisco de Mello, e lhe succedeo Rodrigo de Miranda Henriques ; em Castello de Vide D. Nuno Mascarenhas ; em Serpa Manoel de Mello em lugar de seu pay Luiz de Mello, Porteiro mór ; para Béja foy mandado por Mestre de Campo D. Francisco de Sousa, sobrinho, e herdeiro do Conde de Prado, e à sua obediencia os Lugares visinhos ; para Moura o seu Alcaide mór Luiz da Sylva ; e em Mouraõ Francisco de Mendoça Furtado filho do Guarda mór da Pessão Pedro de Mendoça ; na Praça de Campo Mayor Fernaõ de Lima por Pedro de Alcaçova ; as Comarcas da Guarda, e Castello-Branco D. Fernando de Menezes ; na Villa de Monçaõ, e seus contornos Dom Afonso de Menezes à ordem de Gallaõ Coutinho ; Coimbra, e sua Comarca a Gaspar de Brito, a quem succedeo D. Luiz de Almada na Capitanía mór de Coimbra ; para Buarcos foy mandado Gonçalo da Costa Coutinho ; e para a Guarda Pedro de Mello ; para Alcoutim Fernaõ Pereira ; em Lamego ficou Bernardo Correa de Lacerda em lugar de D. Gomes de Mello, Capitaõ, e Alcaide mór da mesma Cidade. Nos Terços, que vagaraõ, entraraõ no de D. Miguel de Almeida D. Francisco de Noronha, e no de Henrique Correa da Sylva Antonio de Saldanha, e no de Martim Afonso de Mello D. Antonio Tello, a quem succedeo Ruy de Moura Telles, e o Generalato das galés se deu a Jorge de Mello ;

Mello ; e no Reyno se mandaraõ levantar quatro Terços, a Coimbra foy D. Antonio Luiz de Menezes, D. Joaõ de Sousa a Thomar, D. Joaõ da Costa a Evora, e o Balio de Acre Braz Brandaõ ao Minho. Estes foraõ os primeiros Generaes, e Cabos, que no anno de 1641 começaraõ a contrastar o grande poder dos Castelhanos, a que se seguiraõ outros muitos, que deixaraõ glorioso nome à posteridade.

Convocou ElRey Cortes para o dia 28 de Janeiro do referido anno de 1641 na Cidade de Lisboa, e concorreraõ todos os Póvos por seus Procuradores das Cidades, e Villas do Reyno, que tem voto nellas. Juraraõ os Tres Estados do Reyno a ElRey por legitimo Senhor destes Reynos, e por Principe, successor seu, ao Principe D. Theodosio. Dom Manoel da Cunha, Bispo de Elvas, em huma eloquente Oração representou a ElRey o amor dos Póvos, e a estes a magnanimidade, e resolução delRey em os querer defender, e amparar. Seguiu-se o juramento, em que se observaraõ todos os estylos antigos. No dia seguinte, em que foy a primeira proposição das Cortes, orou segunda vez o Bispo D. Manoel da Cunha, o qual referio, que ElRey havia por levantados todos os tributos impostos por ElRey de Castella: discorreo o Bispo com propriedade sobre a uniaõ, e desinteresse particular, e que ElRey deixava à eleição dos Tres Estados do Reyno os meys para a sua defen-

Tom.VII.

Q

sa,

sa, offerecendo para o dispendio da guerra todas as rendas do Patrimonio Real, exceptuando huma curta porção para a Casa Real, e todas as joyas, e prata lavrada, que havia no Theſouro da Casa de Bragança. A esta Oração respondeu o Doutor Francisco Rabello Homem, Vereador da Camera, por parte dos Póvos, em que rendeo as graças a El-Rey de anticipar aos Póvos a merce de lhe levantar os tributos, os quaes em gratidão de tão singular beneficio, lhe offereciaõ as vidas, e fazendas para defenſa, e segurança do Reyno. Acabado o acto das Cortes, mandou El-Rey, que os Tres Estados se ajuntassem divididos, em S. Domingos o Ecclesiastico, a Nobreza em Santo Eloy, e em S. Francisco os Procuradores dos Póvos; onde depois de diversas conferencias, concordaraõ nos subſidios para a despesa da guerra.

Entre os negocios do novo reynado, o que pedia mais prompto remedio era o avisar ao Serenissimo Infante Dom Duarte, irmão del-Rey, com tanta anticipação, que chegasse primeiro a noticia da restituição de Portugal ao Infante, do que aos Ministros de Castella, que residiaõ na Corte do Emperador Fernando III. em cujos Exercitos o Infante servia. Este era o primeiro negocio do cuidado del-Rey, avisar do seu reynado a seu irmão. Porém chegou ao Ministro de Castella primeiro o aviso da Acclamação, que ao Infante, porque a sua desgraça foy mayor, que a mesma prevenção; porque
como

como mostrou a experiencia , que ou se retardara na execuçaõ , ou no modo ; porque despachados os avisos por Flandes , Hamburgo , Hollanda , e Veneza , todos foraõ perdidos , tal vez , que por naõ se reduzirem tantas Cartas missivas a menos Enviados , que como Cartas vivas pudessem calar , ou dizer o successo , segundo a occasiaõ o pedisse ; mas por acaso o alvoroço , mais que a malicia , foy o culpado nesta inadvertencia , que depois com outra mayor foy punida como maldade , e naõ como advertencia. Em Lisboa se attribuiu à omissoõ do Secretario Francisco de Lucena , querendo-se dar antiga origem a este desconcerto , que nascia ser mal affecto ao Infante. Porém outros tambem chegaram a proferir houvera descuido em ElRey , sem razãõ , com que se costuma julgar de ordinario depois dos successos ; mas he certo , que foy fatal a desgraca , que se armou contra o innocente Infante : e por isso neste tempo o tinha attento o serviço do Cesar , e aquartellado no Paiz de Franconia , distante da Corte Imperial , e por esta causa do commercio , para que desfarmados todos os instrumentos da sua liberdade , perecesse com horrivel , e infame nota dos motores de hum taõ indigno negocio , como já deixámos referido no Capitulo XIX. do Livro VI.

Naõ era de menor consideraçãõ , que importancia , a materia das Embaixadas ; porém como ellas se expediraõ taõ proximas ao successo , naõ

Tom.VII.

Q ii

houve

houve lugar de procurar mais sufficiencia em alguns eleitos , que a fidelidade. Era a diversaõ da guerra de Catalunha huma das mais importantes seguranças do Reyno : pelo que mandou ElRey àquella nova Republica ao Padre Ignacio Mascarenhas da Companhia de Jesu , irmão do Conde de Santa Cruz , Religiofo , em quem concorriaõ virtudes , e letras , acompanhado do Padre Paulo da Costa. Aceitaraõ os Deputados a Embaixada , e voluntariamente aceitaraõ a confederaçaõ com Portugal. Ao mefmo tempo mandou por Embaixadores para França a Francisco de Mello , Monteiro môr , e ao Doutor Antonio Coelho de Carvalho , Defembargador do Paço , e por Secretario da Embaixada a Christovaõ Soares de Abreu , Defembargador do Porto. Partiraõ de Lisboa a 28 de Fevereiro , chegaraõ a Rochella a 5 de Março , aonde foraõ recebidos do Graõ Prior de França , da Ordem de S. Joaõ , Governador daquella Cidade , com especiaes demonstrações de affabilidade , e grandeza. Chegando a Orleans , mandaraõ o Secretario Christovaõ Soares dar noticia a ElRey da sua chegada , e duas legoas antes de chegar a Pariz acharaõ ao Secretario com huma Quinta prevenida por ordem delRey. Meya legoa antes de Pariz os esperava o Marichal de Chatillon , e outras pessoas principaes , com os coches delRey : em hum vinha o Duque de Chevreuse , e nelle os recebeo , e os conduzio a S. Germain , onde ElRey assistia.

Em

Franco na Relação desta Embaixada impressa em 1642.

Em 25 de Março tiveraõ audiencia delRey Luiz XIII. e do Cardeal de Richelieu, primeiro Ministro daquela Monarchia, que os tratou com agradaveis demonstrações de affecto, e excessiva cortezia. Tiveraõ audiencia da Rainha, e depois de varias conferencias ajustaraõ hum Tratado entre huma, e outra Coroa de paz perpetua, em que asentaraõ ambos os Reys de naõ ajudar aos inimigos de qualquer delles com gente, dinheiro, municiões, ou navios, deixando livre aos Hollandezes entrarem nesta confederaçaõ, quando a noticia della lhe parecesse conveniente. Que a guerra a El-Rey de Castella se faria com todo o vigor, e por todos os caminhos, que se offerecessem. Que El-Rey Christianissimo se obrigava a mandar a Portugal vinte navios nos ultimos do mez de Junho seguinte, para se unirem a outros tantos delRey de Portugal, esperando-se, que os Estados Geraes os auxiliaßem com igual numero. E que aquella Armada intentaria tomar a frota da nova Hespanha, e procuraria fazer todo o damno, que fosse possivel nos pórtos, e navios de Castella, sendo divididos igualmente os interesses. Que se continuaria o commercio entre os dous Reynos na mesma fórma, que no tempo dos antigos Reys de Portugal. E que ElRey Christianissimo permitiria, que pudessem livremente os navios Portuguezes comprar nos seus pórtos toda a sorte de municiões de guerra, e boca, que lhe fossem necessarias. Concluindo

Prova num. 6.

Prova num. 7.

do assim este Tratado, se despediraõ os Embaixadores com Cartas para ElRey, e voltaraõ a Portugal na Armada, que veyo a Lisboa, de que era General o Marquez de Berzé, sobrinho do Cardeal Richelieu.

Haviaõ sahido de Lisboa no mesmo dia, que os Embaixadores de França, os que ElRey mandou a Inglaterra, que foraõ D. Antaõ de Almada, e Francisco de Andrade Leitaõ, Desembargador do Paço, e por Secretario da Embaixada Antonio de Sousa de Macedo, e a 7 de Março chegaraõ a Plemut, sessenta legoas de Londres, para onde partiraõ, adiantando-se o Secretario a pedir licença a ElRey para entrarem na Corte. Intentou embaraçalla Dom Affonso de Cardenas, Embaixador de Castella, porém o Conde de Pembrave o atalhou com ElRey, que determinou, que entrassem com a solemnidade costumada, e permittida aos mayores Soberanos de Europa, havendo pedido primeiro, como satisfação da sua curiosidade, a Antonio de Sousa, que lhe declarasse por hum papel o direito, que ElRey D. Joaõ tinha à Coroa de Portugal, o que Antonio de Sousa fez logo com tanta elegancia, e clareza, que naõ só lhe mostrou o incontrastavel direito delRey D. Joaõ, mas a tyrannia de Castella. Depois estando no mesmo Reyno imprimio em Londres no anno de 1645 aquella sua estimadissima Obra de *Lusitania Liberata*, em que diffusa, e egregiamente mostrou quam clara era

era o direito delRey D. Joaõ. O Embaixador de Castella vendo desvanecida a sua pertençaõ, sahio da Corte, e os nossos a 7 de Abril fizeraõ a sua entrada, e foraõ recebidos delRey com demonstrações de alegria, achando o mesmo agrado na Rainha Henriqueta Maria, a qual era irmãa delRey de França. Conferiraõ com os Ministros, que se lhe deraõ, e ajustaraõ o Tratado de huma paz perpetua para si, e seus descendentes: que os seus Vassallos conservariaõ hum amigavel trato, e commercio: que poderiaõ os Portuguezes comprar munições em Inglaterra, e os Inglezes terem liberdade de poderem passar a servir na guerra em Portugal. Concluido o Tratado, voltaãõ os Embaixadores para Lisboa, ficando em Londres Antonio de Sousa de Macedo, Secretario da Embaixada, encarregado dos negocios, e depois foy Embaixador delRey na mesma Corte.

No mesmo dia, que sahiraõ do porto de Lisboa os Embaixadores para França, e Inglaterra, deu à vèla para Hollanda o Embaixador Tristaõ de Mendoça, levando por Secretario da Embaixada a Antonio de Sousa Tavares, Ministro de letras, e tanta sufficiencia, que se entendeo podia supprir a falta de Luiz Pereira de Castro, Chanceller da Casa da Supplicaçaõ, que fora nomeado para com o mesmo caracter, que Tristaõ de Mendoça, o acompanhar aquella Corte, ao que com justos motivos se havia escusado. Foy o Embaixador recebido com

com toda a solemnidade, e com grande satisfação de verem o formidavel poder de Hespanha diminuido, e o Throno de Portugal occupado pela Serenissima Casa de Bragança. He de saber, que no tempo da dominação de Castella, se haviaõ os Holandezes apoderado de diversas Conquistas do Reyno de Portugal, como na India de Malaca, e na Ilha de Ceilaõ das Fortalezas de Negumbo, e Gale, e já haviaõ em diversas partes edificado Fortalezas, e Povoações. No Brasil occupavaõ Pernambuco, Paraíba, Rio Grande, Ciará, as Ilhas de Tamaracá, e de Fernaõ de Noronha: e para a parte do Sul Porto Calvo, e Sageripe. Haviaõ formado huma Companhia, em que eraõ interessadas as pessoas de mayor poder dos Estados, sendo grande a utilidade daquelle commercio, que os obrigava a quererem conservar aquellas Conquistas, que possuaõ sem mais direito, que da usurpação, com que dellas se fizeraõ Senhores, approvada pelo silencio dos Ministros de Castella, quando nas Leys de primeiro possuidor tocavaõ de direito a ElRey D. Joaõ, como justo possuidor do Reyno. Concluiu o Embaixador huma tregoa por dez annos entre Portugal, e os Estados, que se ajudariaõ com todas as forças contra Castella, e de todos os seus Vassallos, entendendo-se este Tratado no Brasil, e na India, com outras condições pouco uteis ao Reyno; e que os Holandezes mandariaõ à sua custa huma Esquadra de vinte navios para

para se unirem aos delRey, o qual poderia tirar dos Estados de Hollanda todos os Officiaes de guerra, que lhe parecessem necessarios, os quaes elles mandariao à sua custa, e se obrigarao a soccorrer em quanto estivessem em Portugal, e que da mesma sorte poderiao tirar de Hollanda todas as munições, e instrumentos militares para a guerra. Deste Tratado, diz o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, que se fora manejado com mayor destreza, era indubitavel, que daquella paz se conseguiriao mayores utilidades, e se evitariao depois tao prejudiciaes controversias, que foraõ causa de innumeraveis damnos. Com effeito os Hollandezes mandarao a Lisboa a Armada, de que era Almirante Arnaldo Cyfêlis, que da parte dos Estados deu os parabens a ElRey da sua exaltação ao throno, revestido com o caracter de Embaixador Extraordinario. Na mesma Armada voltou a Lisboa Tristaõ de Mendoça, trazendo dous Regimentos de Cavallaria, e quantidade de Armas, e petrechos de guerra, que foy o melhor effeito da sua missao, pela muita falta, que entao havia dellas no Reyno.

Para a Embaixada de Dinamarca, e Suecia destinou ElRey a Francisco de Sousa Coutinho, fiel, e antigo servidor seu, em quem concorriaõ partes, e talento, que o habilitavao para os mayores negocios. Partio de Lisboa a 18 de Março em hum navio de Dinamarca, levando por Secretario

Tom.VII.

R

da

Ericeira, Portug. Ref-
taurado, liv. 3. p. 157.

da Embaixada a Antonio Moniz de Carvalho, Desembargador da Relação do Porto, e chegaram a 15 de Abril a Coppenhague, aonde foram recebidos, e tratados magnificamente pelo Governador daquella Cidade, à despeza delRey por espaço de hum mez, e conhecendo o Embaixador, que toda aquella dilação se havia gastado em escusas apparentes, que nascião das allianças, que ElRey de Dinamarca tinha com a Casa de Austria, e de dependencias, em que estava com ElRey de Castella, se resolveo o Embaixador em mandar a Antonio Moniz, para que claramente dissesse ao Governador, que elle tinha outros negocios importantes em outras Cortes, e que assim não se podia deter mais na de Dinamarca: pelo que, ou pedia audiencia, ou licença para se ausentar. O Governador usando de humas desculpas frivolas, mas attentas, disse, que seu Amo, ainda que desejava muito a amizade delRey de Portugal, o embaraçavaõ algumas difficuldades insuperaveis, pelos negocios daquella Coroa com a de Castella: que se elle quizesse conferir algum negocio, que ElRey lhe nomearia Ministro, com quem o tratasse, ao que ajuntou muitas expressões cortezes. O Embaixador lhe mandou dizer, que elle não pertendia mais, que a audiencia delRey, e que como lha não permitia, não tinha nada, que communicar aos Ministros de Dinamarca; e que reconhecendo as especiaes honras, com que o tinhaõ tratado, as agradecia como parti-

particular , e não como Embaixador , e que assim se lhe permittisse licença para se partir : e que no que tocava às offertas , que se lhe propunhaõ para Portugal , elle deixara o Reyno de sorte , que não necessitava de ninguem para se defender de seus inimigos. Entendendo o Governador a justa queixa do Embaixador , se declarou , dizendolhe , que El-Rey de Dinamarca não podia na presente conjunctura darlhe audiencia , porque serviria de pretexto para o Emperador romper com Dinamarca , e se perderem as dependencias , que aquella Corte tinha com a de Hespanha ; e com muitas razoens pertendeo satisfazer ao Embaixador , ao qual disse , que El-Rey lhe rogava , que quizesse ver o seu Castello de Fredesbourg , antes que sahisse de Dinamarca. No mesmo dia foy à casa do Embaixador hum Almirante , que o havia levado de Portugal , a entregarlhe da parte del-Rey dous mil cruzados , que recebera pela passagem. Não podendo o Embaixador vencer ao Almirante pela ordem , que trazia , os mandou repartir pelos Officiaes , e Soldados , que o haviaõ comboyado. No outro dia , conduzido do Governador , foy ao Castello de Fredesbourg , onde foy recebido pelos principaes Senhores da Corte , e andando divertido na excellente fabrica do Castello , e no rico adorno , com que se compunha o Palacio de singulares estatuas , e pinturas , neste tempo teve noticia , que El-Rey o esperava para lhe fallar. Foy logo o Embaixador

Tom. VII.

R ii

a bus-

a buscallo, e foy recebido com as mayores demonstrações de affabilidade. ElRey lhe pegou na mão, e lhe repetio o mesmo, que o Governador lhe dissera, a que o Embaixador satisfez com respeito, dizendo, que tantas demonstrações, como elle experimentava da benignidade de Sua Magestade, agradecia como favores particulares à sua pessoa, visto negarlhe a audiencia publica. Convidou ElRey a jantar ao Embaixador, e ficando aquelle na cabeceira da mesa, o poz à sua mão direita, e da esquerda ao Secretario da Embaixada, seguia-se João de Rochas de Azevedo, cunhado do Embaixador, que o acompanhou nesta jornada, o Conde de Val de Mar, filho delRey, o Governador de Coppenhague, e o Secretario de Estado. Durou largas horas a mesa, assistida dos Senhores da Corte, e dos Musicos da Capella delRey, que cantaraõ papeis Italianos; ElRey bebeo à faude delRey de Portugal, e perguntou ao Embaixador, que idade tinha ElRey, e quantos filhos: acabando-se a mesa, ElRey se levantou, e o Embaixador se despedio com as mesmas ceremonias, usando ElRey de Dinamarca com o Embaixador até o fim, das mais excessivas expressões, que cabiaõ na benignidade. Como Francisco de Sousa estava encarregado da Embaixada de Suecia, deste lugar continuou a jornada para aquelle Reyno, onde mandou logo pedir licença à Rainha para entrar na sua Corte. Foy grande a satisfação, e gosto, que a Rainha mostrou

mostrou desta Embaixada, ordenando, que fosse o Embaixador tratado pelos Lugares, donde passasse, magnificamente; e assim em as Provincias de Smolandie, Ostrogothie, e de Sudermanlandie, foy recebido com as mayores honras. Chegou à Cidade de Stochkolm, Corte da Rainha, e logo foy visitado da sua parte, e elle em breve se poz prompto para fazer a sua entrada publica. Foy conduzido em hum coche da Rainha com hum Senador, e Mordomo do Paço, ao qual seguiaõ todos os dos Embaixadores, que residiaõ naquella Corte, e de toda a principal Nobreza: desta sorte, com todas as ceremonias da mayor ostentaçaõ, entrou no Paço. Achou a Rainha Christina, que naõ contava mais que quinze annos, (viva imagem de seu heroico pay o grande Gustavo Adolfo) assistida de cinco Ministros eleitos para a regencia do Reyno; tinha junto da tarima da parte direita as Princezas suas primas, filhas do Conde Palatino de Deux-Ponts, e mais distantes as suas Damas, e os Senhores da Corte. Tanto, que o Embaixador appareceo à porta da ante-camera, se levantou a Rainha, e dando tres passos, lhe fez huma pequena inclinaçaõ. O Embaixador, depois de se haver coberto, deu a Embaixada em Latim, que ella entendeo perfeitamente: o Graõ Chancellor do Reyno respondeu ao Embaixador, assegurandolhe o quanto estimava a Coroa de Suecia contratar hum a solidã alliança com a de Portugal. Passada a audiencia

*Pulendorf De Ribus à
Carolo Gustavo Sue-
cic Rege, lib. 1. pag. 9.*

Prova num. 8.
Prova num. 9.

cia publica , começou logo a negociação , para que conduzio muito o Barão de Rotte , Embaixador delRey Christianissimo naquella Corte. O Graó Chancellor foy nomeado Ministro da conferencia , a que affiliaõ dous Senadores , e tiveraõ ellas poucas controversias , porque estavaõ unidas as vontades ; concluindo finalmente hum Tratado de alliança em cinco artigos na lingua Latina , que continhaõ observarfe entre as duas Nações igual correspondencia , e livre commercio em todos os pórtos de hum , e outro Reyno. Concluido o Tratado , recebeo o Embaixador as Cartas da Rainha de Suecia para ElRey de Portugal , o qual atravessando as Provincias de Uplandie , de Vefminie , de Nericie , e de Vestrogothie , em todas foy tratado pela despesa do Reyno. Concedeollhe a Rainha tres navios de guerra , em que pudessê conduzir artilharia , armas , e munições , para o que logo fez pagar seis mil escudos , segurando o mais em certo tempo nas varias drogas , de que Portugal abunda , e as suas Conquistas. Nesta Esquadra , que mandava o Almirante de Suecia , embarcou o Embaixador , e atravessando pelo Zonte , os Dinamarquezes os deixaraõ passar sem visitarem os navios. Chegou Francisco de Souza Coutinho a Lisboa , e dando conta a ElRey da sua Embaixada , foy applaudido por todos o bom successo da sua negociação.

Para Roma foy nomeado o Bispo de Lamego D. Miguel de Portugal , Prelado em quem se
ajun-

ajuntavaõ letras, virtudes, sangue, valor, e juizo, ainda que lhe faltava experiencia de negocios grandes: deu-felhe para lhe assistir Pantaleaõ Rodrigues Pacheco, do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio, Ministro em quem concorriaõ grandes letras, e eloquencia, declarando-o Agente dos negocios de Portugal na Corte de Roma, e por Secretario da Embaixada foy Rodrigo Rodrigues de Lemos, Desembargador do Porto, digno da occupação, de que o encarregavaõ. Partiraõ de Lisboa a 15 de Abril, e tomando o porto de Arochela, atravessando França foraõ a Pariz, e a 20 de Outubro se embarcaraõ em Toulon, e em poucos dias entraraõ em Civita-Vechia, porto, que dista treze legoas de Roma. Fez o Bispo aviso ao Marquez de Fontanay, Embaixador de França naquella Corte, da sua chegada, o qual mandou sem demora parte da sua familia bem armada para lhe assistir, a que se ajuntaraõ os Portuguezes, e Catalães, que residiaõ na Curia, para o defende-rem. Esta noticia causou desprazer ao Pontifice, porque o haviaõ de sentir os Hespanhoes, e ordenou ao Cardeal Antonio Barbarino, que fizesse segurar os caminhos; porque lhe havia constado, que os Castelhanos se haviaõ armado: o que vendo os Castelhanos, se contentaraõ com ameaçar ao Papa, que sahiriaõ de Roma, se admittisse o Embaixador de Portugal. Entrou o Bispo Embaixador bem acompanhado de hum grande numero de France-
zes,

zes, Portuguezes, e Catalães, e se foy apear ao Palacio do Embaixador de França, que o veyo receber à porta, e lhe deu a mão direita, sobindo atraz delle, fazendolhe todos os mais obsequios devidos ao seu caracter. Demorou-se por muitos dias em casa do Embaixador, e para passar para hum Palacio, que tomara na Praça Navona, lhe custou muito; porque o Embaixador de França estava encarregado delRey Christianissimo para o deter em sua casa até que conseguisse a audiencia do Papa, parecendolhe seria este o mais forçoso modo para controverter as negociações dos Castelhanos, e obrigar ao Papa.

Neste tempo residia em Roma por Embaixador delRey Catholico Dom Joaõ Chumacero, e dentro em poucos dias o rendeo o Marquez de los Velles com o caracter de Embaixador Extraordinario, e começou logo a trabalhar o modo de impedir a audiencia do Bispo de Lamego, convocando o partido dos Cardeacs, e dependentes de Hespanha, oppondo-se ao recebimento da Embaixada, para o que se deu ao mesmo tempo ao Papa hum memorial formado de calumnias, e falsas razoens. Pelo que o Papa nomeou para verem os negocios de Portugal aos Cardeacs Nepotes Francisco, e Antonio Barbarino, o Cardeal Gaetano, e o Cardeal Panfilyo, que com o nome de Innocencio X. succedeo ao Papa Urbano VIII. E sendo a primeira supplica, que Pantaleaõ Rodrigues Pacheco

co fez, nas apparencias bem admittida dos quatro Cardeaes encarregados daquelle negocio, o Cardeal Francisco lhe disse, que desejava ver qual era o direito, com que ElRey de Portugal se introduzira na Coroa. Pantaleão Rodrigues Pacheco, que era prompto, lhe respondeo, que ElRey seu amo não mandava hum Embaixada a Roma mais, que a dar obediencia ao Papa, Cabeça da Igreja Catholica, pertendendo só do Pontifice a benção Apostolica; porque da Santa Sé não queria mais, que reconhecesse o seu respeito, e a fiel obediencia de hum verdadeiro Catholico; porque o Reyno, de que era Senhor no temporal, era isento de todo o juizo humano. Com tudo, no dia seguinte satisfez Pantaleão Rodrigues à curiosidade do Cardeal com hum papel tão bem fundado, e claro, que se escureceraõ todas as insolentes proposições, que os Castelhanos haviaõ espalhado. E quando deste papel se podia esperar a resolução de se conceder a audiencia ao Embaixador, sahiraõ com novos pretextos, os quaes foraõ claramente respondidos. Neste tempo conseguiu o Bispo Embaixador visitar alguns Cardeaes, que o trataraõ com todas as ceremonias, e cortezias costumadas sómente com os Embaixadores Regios. Os Castelhanos se deraõ por tão sentidos desta demonstração, que o Marquez de los Velles entendeo, que o Bispo havia conseguido a audiencia do Papa, de que formou novas, e tão indecentes queixas, que são faceis em quem

Tom.VII. S nego.

negocia com politica pouco Christãa , querendo confundir a verdade com o poder , de que o Summo Pontifice tanto se preoccupou , que declarou , que não aceitava a Embaixada do Bispo de Lamego. Esta repulsa foy depois assumpto de diversos Tratados , que se escreveraõ em Portugal , manifestando o juízo sentimento da Christandade Portugueza , como foy depois aquella excellente Obra do *Tratado Analytico* , escrito pelo Doutor Manoel Rodrigues Leitaõ , Ministro de huma profunda litteratura , e eloquencia , o qual depois com admiravel vocação , deixando o ministerio Senatorio , que lhe promettia , pelo seu admiravel merecimento , os mayores lugares de letras no Reyno , com edificação geral , entrou na Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri , recém-estabelecida na Corte , donde depois foy Fundador da Casa da Cidade do Porto. O Marquez de los Velles ficou com tal vaidade da resolução , que o Papa tomara , que intentou insolente , e aleivosamente prender ao Bispo de Lamego , e remetello a Napoles , e para este horroroso attentado ajuntou em Roma duzentos bandidos , que viviaõ vagamundos espalhados por Italia , sendo tão imprudente , que publicamente dizia , que havia de matar ao Bispo de Lamego , e para este fim tirou de Napoles sessenta Soldados , e Officiaes , que o acompanhasssem ; e assim todas as vezes , que sahia , o acompanhavaõ armados. Sentiraõ-se os Ministros da Corte de Roma do desacordo

do do Marquez de los Velles, de que se seguio mandar o Papa, com grande numero de Soldados, segurar as partes suspeitosas, fazendo, que sahisssem sem dilação todos os vagamundos de Roma, com que ficou muy diminuida a familia do Embaixador de Castella. Ao mesmo tempo mandou rogar ao Bispo de Lamego pelo Cardeal Bichi, que se acompanhasse de pouca familia; porque elle lhe dava o seguro da sua palavra, a qual, e as prevenções, que mandava fazer, o podiaõ livrar de todo o receyo. O Cardeal Barbarino assegurou o mesmo a Pantaliaõ Rodrigues Pacheco na presença do Cardeal Bichi.

Confiado o Bispo de Lamego nesta palavra se não servia fóra de casa mais, que de dous Gentis-homens, e dous Lacayos, mostrando nesta resolução o quanto se conformava com a insinuação do Pontífice; porém conhecendo a insolencia dos Hespanhos, ordenou à sua familia, que disfarçada, o seguisse ao longe, para que o soccorresse em qualquer insulto, que na duvida, esta precaução lhe foy muy util. No dia 20 de Agosto sahio o Bispo às cinco horas da tarde a visitar o Embaixador de França. O Marquez de los Velles, que continuamente o observava, o fez seguir: reparando Diogo de Barcellos, hum dos Gentis-homens, que o acompanhava, que hum homem seguia o coche, conheceo ser espia dos Castelhanos, e avisando ao Bispo, ordenou este logo a hum confidente, que

Tom.VII.

S ii

lhe

lhe foubesse, o que passava em casa do Embaixador de Castella, e que achando novidade, lho avisasse em casa do Embaixador de França, onde teve logo a certeza, que os Castelhanos se estavaõ prevenindo de gente, e armas. Na mesma tarde Pantaleaõ Rodrigues Pacheco tendo audiencia do Cardeal Barbarino, soube delle a desordenada resolução, em que estava o Marquez de los Velles de buscar occasiaõ de se encontrar com o Bispo para o prender, ou matar, e que assim rogasse ao Bispo não sahisse aquella tarde de sua casa; a que elle lhe respondeo, que já quando elle sahira ficava fóra della; esta noticia, que o Agente levou logo ao Bispo, confirmou mais a que já tinha do desacordo do Embaixador de Castella: pelo que pareceo prevenirse contra qualquer insulto. O Marquez de Fontenay mandou ajuntar a sua familia à do Bispo, mandando ao seu Secretario, de quem muito confiava, o acompanhasse, a que se uniraõ alguns Francezes, Portuguezes, e Catalães, que se acharaõ, e faziaõ o numero de sessenta pessoas. Sahio o Bispo Embaixador, seriaõ sete horas da tarde, seguido de toda esta gente, conduzida em coches, e outros a pé, mas de forte repartidos, e caminhando de vagar, que todos se achassem juntos. Pouco havia andado o Bispo, quando encontrou ao Marquez de los Velles muy acompanhado, tomando toda a rua, por onde o Bispo havia de passar; andaraõ os Cocheiros, e vieraõ a toparse os coches dos
dous

dous Embaixadores. Gritaraõ os Castelhanos, que parassem ao Embaixador de Hespanha, e ao mesmo tempo os Portuguezes, e Francezes gritavaõ, que parassem ao Embaixador de Portugal: sem dilaçaõ sahiraõ os Castelhanos dos coches, e da mesma sorte os Portuguezes, e Francezes, com as espadas na maõ, e os carregaraõ furiosamente, disparando-se de huma, e outra parte quantidade de pistolas, e cravinas: os Portuguezes, e Francezes, se portaraõ com tanto valor, que os Castelhanos foraõ obrigados a retiraremse vergonhosamente, desamparando ao Marquez de los Velles, que em todo aquelle tempo naõ havia sahido do coche, de que lhe mataraõ dous cavallos, mas sahio do coche muito perturbado, e falto de alento, perdido o chapéo, e descomposto se recolheo à logea de hum biscouteiro, donde passou à casa do Cardeal Albernóz. Da parte do Bispo ficaraõ mortos hum Cavalleiro de Malta, sobrinho do Embaixador de França, e dous pagens seus, e hum criado de Panteleão Rodrigues, e tres, ou quatro Francezes feridos; da parte dos Castelhanos foraõ mortos oito, em que entrou o Capitaõ Dom Diogo de Vargas, que tinha grande opiniaõ de valeroso, e ficaraõ vinte feridos. O Bispo de Lamego revestido do valor, e constancia dos seus mayores, no principio da pendencia sahio do coche com huma cravina nas mãos, e com todo o acordo, em quanto durou a disputa, deu com a sua presença calor aos que o acom-

acompanhavaõ, e depois voltou à casa do Embaixador de França, donde se recolheu à sua casa. O coche do Embaixador de Hespanha despedaçado esteve dous dias no mesmo lugar da pendencia. O Cardeal Barbarino mandou hum Gentil-homem seu a visitar ao Embaixador de Portugal, onde concorreraõ o Duque de Brachiano, e muitos dependentes da Coroa de França, como tambem o fizeraõ os da facção de Castella ao Marquez de los Velles. O Cardeal Antonio Barbarino montou a cavallo com as guardas do Papa, e seguiu o bairro do Embaixador de Portugal, e de Hespanha. Esta violencia dos Hespanhoes perturbou o animo dos mais graves, e sezudos Senhores Romanos, que chegaraõ a ir a casa do dito Cardeal offereceremse para vingar a afronta, que haviaõ feito à Corte de Roma com a infracção da sua liberdade; e o Papa sentio tambem muito o excessõ per ver, que era contra o seu decóro, insultarse na sua Corte a hum Ministro publico, que seguro no direito das gentes o buscava. O Marquez de los Velles se retirou de Roma à Cidade de Aquila com os Cardeaes Albermoz, de la Cueva, e Montalto. O Embaixador de Portugal, que entendeo, que aquella occasiaõ podia justificar ainda mais a justiça, com que pedia ao Papa audiencia publica, e vendo cerrados os caminhos pelas cavilosas diligencias das Castelhãos, sem embargo de ter da sua parte ao Embaixador de França, que com vivas expressõens requeria,

queria, que de justiça o Papa o devia receber, se resolveo por ultimo desengano a fazer huma supplica ao Papa, em que com sólidas, e eloquentes razões lhe mostrava o direito indisputavel, que El-Rey tinha à Coroa de Portugal, que gozava em posse pacifica não só o Reyno, mas todas as suas dilatadas Conquistas, e a prompta humildade, com que lhe mandara dar obediencia, e que se havia passado já hum anno. Finalmente não se resolvendo o Papa a dissaborear a El-Rey Catholico, o Bispo de Lamego se embarcou em Leorne para Lisboa, onde, ainda que molograda a sua missão, foy recebido com o applauso, que mereciaõ as suas acções, ordenadas com prudencia, e valor; e durandolhe pouco a vida, acabou cheyo de virtudes, e merecimentos, que fizeraõ recommendavel a sua memoria na posteridade.

Naquelle mesmo tempo se ventilou no Conselho de Estado, se devia El-Rey fazer a mesma demonstração com os Principes, e Republicas de Italia, manifestandolhe por seus Embaixadores a sua exaltação ao throno. Porém a todos pareceo, que por intervenção dos Ministros Portuguezes, que estavam em Roma, se observasse primeiro a inclinação daquellas Potencias; porque dellas não podia receber outra utilidade o Reyno, que o commercio, o qual era tão util a ellas, como a Portugal, e que sendo atados aos seus interesses, não faltariaõ em os continuarem; e assim o confirmou a experiencia:

encia: porque Veneza, Genova, e Florença, na mesma forma, que antes, foraõ seguindo os seus negocios, e remettendo os seus effeitos a Lisboa sem alguma alteraçã; antes por bons meynos deiraõ a entender synceramente, que toda Italia queria ver no throno Portuguez a Magestade del Rey Dom Joaõ, e que fariaõ publica demonstraõ de amizade logo, que o Pontifice se declarasse a favor do Reyno. Estas foraõ as primeiras negociações, e os primeiros Ministros, que deiraõ a conhecer na Europa ao Serenissimo Rey D. Joaõ IV. cujos negociados politicos, e os que se seguiraõ no seu glorioso reynado, naõ pertencem tanto à Historia Genealogica, que sómente informa das acções, que o elevaraõ à herocidade, mostrando a justiça da causa, com que foy acclamado pelos Tres Estados do Reyno, e as principaes acções, com que o seu valor segurou a Coroa, castigando a infidelidade dos que o mereciaõ, e tambem defendendo a hospitalidade dos Principes Palatinos Roberto, e Mauricio, General de Inglaterra, contra o poder da mesma Coroa, que o impugnava.

Nas Provincias se continuavaõ as prevenções para a defensa do Reyno com tanto cuidado, zelo, e valor, como depois mostrou o tempo. Havia El Rey roto a guerra com poucos Gencraes experimentados, e menos Soldados veteranos, e fulto o Reyno de dinheiro, munições, e armas, contra hum poderoso inimigo, a quem sobrava tudo, o que

que a elle faltava. Era preciso , com prudente politica , não se fiar de todos , nem menos mostrar , que desconfiava de alguns de seus Vassallos , de que se seguiu confundirem-se as resoluções , e perecerem alguns negocios. Porém he de admirar em hum Rey criado no retiro de Villa-Viçosa , com diferentes exercicios , ver os acertos politicos , que manaraõ do seu governo , todos dignos de louvor , com que conseguiu immortal memoria. Com a Rainha D. Luiza consultava os negocios de mayor importancia da Monarchia , porque o seu peito era o centro do segredo , e o seu prodigioso talento tão sublime , que entre os mayores combates , e infortunios , que depois experimentou , lhe brillou sempre a prudencia , mostrando , que soube reynar para vencer , e vencer para reynar. Dos Ministros , de que ElRey se servia , e fazia mayor estimaçãõ , eraõ o Secretario de Estado Francisco de Lucena , e justamente merecida , porque além da intelligencia , e grandes experiencias , se ornava de huma perspicacia , que foy mais util para os negocios , do que para a sua conservaçãõ ; e Antonio Paes Viegas , zelosissimo , e fidelissimo Secretario da Casa de Bragança , (depois o foy de Estado) de quem ElRey justamente fiava os mayores negocios , o qual com entendimento maduro , zelo , e amor , aconselhava a ElRey , inculcandolhe para os pôstos , e lugares as pessoas de mayor prestimo , e capacidade : o qual escreveo em defenõa da aclama-

ção hum *Manifesto*, e hum livro dos *Principios de Portugal* em Castelhano, que se imprimio no anno de 1641, e foy universalmente estimado, e applaudido. Eraõ estes os que familiarmente tratavaõ a ElRey. Entre os mais Ministros preferia ElRey justamente ao Arcebispo de Lisboa, e ao Capellaõ mór D. Alvaro da Costa, no qual naõ faltava destreza para manejar os negocios, quanto no outro sobejava synceridade. Favorecia tambem ElRey ao Visconde D. Lourenço de Lima, ao Bispo de Elvas D. Manoel da Cunha, e ao Conde Cameireiro mór Joaõ Rodrigues de Sá, e depois com o tempo se foraõ introduzindo outros.

A Duqueza de Mantua, que vivia no Mosteiro de Santos, para donde a passaraõ do Paço de Xabregas, porque se entendeo ficava mais retirada para communicar os animos duvidosos, e fomentar os que seguiaõ a facção de Castella, o que em breve se veyo a conhecer; pois sem embargo de toda a cautella, ella havia sido a Authora das conspirações contra ElRey, que logo referiremos. Assim se resolveo o mandar-se dizer à Duqueza, se preparasse para passar a Madrid, a que ella respondeo, que o faria depois, que tivesse reposta da Carta, que havia escripto a ElRey Catholico, e naõ se lhe admittindo a replica, se lhe ordenou, se preparasse para partir, o que com effeito fez acompanhada de Luiz Gomes de Basto, Corregedor do Crime de Lisboa, e do Juiz do Crime Simaõ de Oliveira da

da Costa, e da sua familia. Em Elvas a recebeu Martim Affonso de Mello, Governador das Armas, vindo-a esperar duas legoas da Cidade com a Cavallaria, Officiaes, e pessoas de distincão da Praça, observando todas as ceremonias, e respeito devidos à sua pessoa; e na mesma forma a acompanhou, quando partio para Badajoz; e assim se despedio mais obrigada da cortezia dos Soldados, do que dos Ministros, que com imprudencia examinaraõ o seu fato, intentando, que na Alfandega pagasse direito, a que se oppoz Martim Affonso de Mello, obrigando-se elle, e Dom João da Costa à sua importancia; porém ElRey ordenou se não fallasse nesta materia.

Naõ tardou muito, que se não descobrisse a conjuraçãõ, que contra ElRey se fabricava. Era o primeiro motor deste desordenado intento o Arcebispo Primaz D. Sebastião de Mattos de Noronha, em quem concorria entendimento sagaz, animo intrepido, e liberalidade, com que facilitava as suas opinioens, e vivia em profundo descontentamento: o que penetrando o povo, porque as paixoens da alma são de ordinario reveladas pelos sinais exteriores, publicamente clamava contra a sua fidelidade. Já deixámos referido, que esta paixãõ começara naquella antiga queixa, que o Arcebispo, quando Bispo de Elvas, tivera delRey senão Duque de Bragança, no tempo das suas vodas, a qual conservada em hum coração activo, e incitada de

novos motivos , andava como o ar violento nas entranhas da terra , acometendo a sahida , ainda que à custa de algum publico terremoto ; não se lembrando , que depois daquelle successo , havia sido a intercessão delRey a causa do seu melhoramento do Bispado de Elvas para o Arcebispado de Braga ; e que depois de haver sobido ao throno , lhe havia feito tantos favores , que a não ser tão obstinado o seu animo , bastariaõ para o moderar da cega paixãõ , com que seguia a dominação Castelhana. Assim introduzio nas pessoas , que lhe pareceraõ dispostas a seguir as suas maximas , ou por queixosas do governo , ou por dependentes de Castella , a pouca permanencia , que podia ter o novo reynado , por serem poucas as forças para resistir ao formidavel poder delRey Catholico , que ameaçava fatal ruina a todos os que seguiaõ animosamente o novo governo.

O Marquez de Villa-Real D. Luiz de Menezes possuidor daquelle grande Casa , que com o appellido de Noronha , e Menezes , conservava a sua varonia delRey D. Henrique II. de Castella , e tinha o sangue delRey D. Fernando de Portugal , o qual se não dava interiormente por satisfeito da confiança , que delle fazia ElRey D. Joaõ ; porque vendo-se com annos aventajados entre os primeiros dos Grandes do Reyno , em nada se via preferido aos outros no Ministerio. Estava em Leiria quando ElRey foy acclamado , e não se lhe havia participado

cipado o segredo , porque o seu talento não lhe havia grangeado o credito , que elle imaginava merecia pelo seu alto nascimento. Era o Marquez facil em se persuadir , e assim se entregou todo à artificiosa industria do Arcebispo , com o qual este fabricou a sua ruina , e a da Casa do Marquez. Communicou este a seu filho D. Miguel de Noronha , Duque de Caminha , a sua queixa , e deliberação , o qual era dotado de animo nobre , e assaz moderado , e com mais valor , que fortuna , estranhou a seu pay a proposta , lembrandolhe o juramento , a que se obrigaraõ , e o quanto lhe seria mais glorioso sacrificarem as vidas pela liberdade da Patria , do que conservar a sua Casa gemendo no duro cativeiro de Castella. Persuadio o Arcebispo o mesmo delirio a seu sobrinho Ruy de Mattos , primeiro Conde de Armamar , e a D. Agostinho Manoel seu confidente , e a algumas outras pessoas , entre as quaes era a mais util aos seus intentos Pedro de Baeça , Thesoureiro da Alfandega , e homem de negocio , o qual , em serviço del-Rey Catholico , se offereceo assintir com grandes sommas de dinheiro , necessario a qualquer empreza.

He preciso saber , que já se fazia sospeitosa a fidelidade destes Grandes , porque Dom Duarte de Menezes , Conde de Tarouca , neto daquelle famoso Conde de Vianna , do seu proprio nome , era cunhado do Marquez de Villa-Real além de parente ,

rente, e amigo, o qual estava provido no governo de Tangere, e D. Joaõ Soares de Alarcão, Mestre-Salla, no de Ceuta, antes da acclamação; e porque ElRey não derogou merce alguma feita até este tempo por Castella, os mandou governar estas Praças. Havendo recebido os dous Capitaens Generaes de Ceuta, e Tangere, as ordens necessarias, concertaraõ a fogida para Castella, que podiaõ livremente conseguir com o fim da jornada dos seus governos o fahirem do Reyno; porém como esta deliberação fosse tão grande, e convidaßem a outros, he fama, que de todo este negoçado interveyo correspondencia com outros interessados do Marquez de Villa-Real, e Arcebispo, servindo-se para a negoção desta machina da industria, e authoridade de Fr. Manoel de Macedo, Religioso Dominico, de grande discrição, e com grande applauso da Nobreza; o qual não satisfeito com executar a sua commissão, passou adiante, persuadindo a outras pessoas de qualidade, e Senhores de boas Casas, os quaes por moços eraõ excessivamente resignados ao seu conselho, deixaßem a Patria, e passaßem a Castella.

Foraõ estes D. Pedro Mascarenhas, Veador delRey, filho herdeiro do Marquez de Montalvaõ, e seu irmão D. Jeronymo Mascarenhas, já Sacerdote, e Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, Ministro já acreditado por talento, e letras, como depois mostraraõ melhor os seus Escritos, do que

D. Francisco Manoel,
Tacito Portug. M. S.
liv. 5.

que então a eleição da sua ausência, em que viveo
tão conforme, que ainda depois da paz se mostrou
ingrato à Patria, conseguindo naquella Corte gran-
des lugares. Eraõ os outros D. Lopo da Cunha,
Senhor de Assentar, e seu filho unico herdeiro D.
Pedro da Cunha, ao qual por qualidade, e partes
naõ podiaõ tardar muito em Portugal os lugares,
que esperava; e Luiz da Sylva, proprietario do
grande officio de Regedor das Justiças de Portugal,
filho de Lourenço da Sylva, que por cego naõ ex-
ercitava a occupação de Regedor, para que o filho
esperava a idade. Todos estes, com applausos dos
conjurados, puzeraõ em effeito, naõ sem risco, a
sua fogida quasi à vista do povo, que os seguia no
navio, que levava os Governadores de Tangere,
e Ceuta, que com largas familias, mal aconselha-
dos, deixavaõ a Patria para sempre. Entraraõ em
Gibraltar, e juntos partiraõ de Sevilha para Madrid,
donde foraõ recebidos com todas aquellas demon-
strações, que pedia a resolução, que tomaraõ em
beneficio da Coroa de Castella, e em offensa da Pa-
tria: porém o tempo lhes mostrou, que se naõ ren-
dia Portugal a poucos lances, como elles diziaõ,
e que difficullosa lhe seria a restituição das suas Ca-
sas, de que nunca tiveraõ recompensa.

Foraõ terriveis os effeitos, que produzio aquelle
desconcerto, porque entendendo-se, que D. Fran-
cisca de Vilhena, Marquiza de Montalvão, mãy
de D. Pedro, e D. Jeronymo Mascarenhas, tivera
noticia

noticia da fogida de seus filhos, mandoulhe ElRey pór guardas em sua casa, e foraõ seus criados prezos, e sendo examinados, naõ lhe achando culpa, foraõ soltos: porém a Marqueza, que aos indícios accrescentava palavras contra o decóro Real, foy remettida preza ao Castello de Arrayolos: sendo toda esta defordem, a que arruinou com fatal desgraça ao Marquez de Montalvaõ, que tanta fidelidade havia mostrado no Brasil, o qual foy deposto do governo, que com innocencia entregou aos successores, que prezo o remetteraõ ao Reyno, por se dizer, que os seus o persuadiaõ entregasse o Estado do Brasil às Armas Castellhanas, que sedõ chegariaõ em seu soccorro. Da mesma sorte foy prezo Fr. Manoel de Macedo, e depois de rigorosa prizaõ, porque nenhum privilegio isenta o abominavel crime da traiçaõ, passados alguns annos o embarcaraõ para a India, e acabou a vida em Angola, arrependido do seu desatino. Também foraõ prezos Lourenço da Sylva, e sua mulher D. Maria de Vilhena, e soltos, passado algum tempo, por constar ignorarem a resolução de seu filho Luiz da Sylva, ao qual ElRey D. Philippe fez Conde de Vagos, e Mestre de Campo de Infantaria em Catalunha, e no soccorro de Lerida foy morto no anno de 1646. Seguirãõ logo este mesmo desaccordo D. Francisco de Menezes, Alcaide mór de Proença, onde assiltia, a quem chamaraõ o *Barrabás*, e Pedro Gomes de Abreu, Senhor de Rega-

Regalados. Requeero o Procurador da Coroa, que fossem citados por Edictos todos os que haviaõ passado a Castella, o que se executou: e sendo passado os termos, e feitas as diligencias escriptas nas Leys, foraõ declarados por incurfos no crime de leza Magestade, e confiscados os seus bens.

Muitas occasioens haviaõ dado ao sentimento del Rey aquelles, que agora se mostravaõ descontentes, tomando este pretexto para lhe fazerem novos deserviços; e parecendolhes, que já seriaõ manifestos os seus designios na Coroa de Castella, trataraõ de os pôr por obra. Alguns politicos, ou cegamente piedosos, se persuadiraõ a não serem estes os principios desta conjuraçaõ; porém facil he de interpretar, e de conhecer qualquer acçaõ regulada pelos primeiros successos, e ainda mais quando estes se lhe seguem como infallivel consequencia: pelo que parece injuria, e não piedade, querer enfeitar os procedimentos dos criminosos com supor, não tanto a malicia, como o temor, nos cumplices da conjuraçaõ; porque diziaõ serem muitos dos interessados de animo taõ focogado, que se considerassem seguro o novo reynado, se conformariaõ com a fortuna presente; porém tendo por certo a perda, e não menos o favor do Rey antigo, no caso de se opporem ao novo Rey, queriaõ antes porse nos perigos da contingencia com a firme esperança do premio seguro.

Havia Pedro de Baeça communicado, o que
Tom. VII. U tinha

tinha passado com o Arcebispo a Luiz Pereira de Barros, Contador da Fazenda, o qual havia sido favorecido de Miguel de Vasconcellos, e já arguido de ter correspondencia em Castella, pelo que fora prezo, e em breves dias solto, por justificar a sua innocencia. Porém Luiz Pereira, que mostrou a Pedro de Baeça se havia persuadido, passados poucos dias deu conta a ElRey da conjuraçãõ, e antes de o fazer buscou a Pedro de Baeça, e lhe disse, que elle reflectindo no que elle lhe referira, e considerando a importancia da empreza, se não resolvía a entrar nella sem primeiro saber os nomes dos conjurados, e o modo com que se dispunha a facçãõ. Elle lhe respondeo, que eraõ o Marquez de Villa-Real, seu filho o Duque de Caminha, o Inquisidor Geral, o Arcebispo de Braga, seu sobrinho o Conde de Armamar, D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, e outras muitas pessoas, e que a ordem para a execuçaõ se esperava de Madrid: todas estas noticias declarou Luiz Pereira a ElRey, dandolhe individual conta de tudo o que passara com Pedro de Baeça. ElRey lhe ordenou, que fosse a casa de Antonio Paes Viegas, e que por escrito lhe referisse tudo quanto lhe havia repetido: assim o fez Luiz Pereira, a quem ElRey remunerou a sua fidelidade com huma grande Commenda. Esta foy a primeira noticia, que ElRey teve da conjuraçãõ, depois se seguiraõ outras testemunhas, que se examinaraõ, e se averiguaraõ juridicamente, como

como foy Manoel da Sylva Mascarenhas, a quem o communicou Manoel de Vasconcellos, o que elle resolutamente estranhou, e obrigou a que logo o participasse a ElRey, o que com effeito fez.

Era chegado à Corte o Conde de Vimioso, já desobrigado do governo das Armas de Alentejo, em que lhe succedeo Mathias de Albuquerque, o qual visitando ao Arcebispo, se deliberou esse a tentarlhe o seu fidelissimo coração, tal vez por imaginar ao Conde queixoso de se lhe haver tirado o governo de Alentejo, se persuadio, se arrojará a ser parcial do seu designio. Entrou-se à pratica como Ministros, porque ambos eraõ do Conselho de Estado, e houve lugar de fallarem na fórma da defensão, e a pouca esperança, que havia em Portugal para resistir a Castella, e assim o pertendeo induzir a desesperar da conservação. Nesta fórma declamando o miseravel estado, em que se viaõ, lhe declarou o Arcebispo toda a machina, que havia ordido, ponderando os nomes dos conjurados, e accrescentando outros, que o não eraõ, cavillação taõ prejudicial, que deu motivo a se prenderem muitas pessoas sem culpa. O Conde, em quem o brio competia com o valor, revestido de prudencia rebateo a colera, que lhe causou taõ escandalosa pratica, e se despedio, e artificiosamente usou de palavras geraes para se separar do Arcebispo, a quem o respeito da Dignidade, e dos annos não davaõ lugar a outra cousa; e deu logo

Tom.VII.

U ii

con-

conta a ElRey , cujo coração ornado de grande valor , e prudencia , sentia , que houvesse Vassallos no seu Reyno tão cegamente precipitados , que se resolvião a trocar a gloria de se defenderem dos Castelhanos pela tyrannia do seu governo. E sendo denunciados Pedro de Baeça , Belchior Correa da Franca , e Diogo Brito Nabo , e depois de juridicamente ser provado o seu crime , se mandaraõ prender os tres denunciados , que depois pelas suas confissoens concordou tudo com o que Luiz Pereira de Barros havia deposto , e tomou ElRey nesta materia a ultima resoluçaõ.

No dia 28 de Julho determinou de ver fazer exercicio aos quatro Terços das Ordenanças , para o que mandou se formassem nas principaes praças da Cidade. Fezse aviso à Corte , que naquella tarde , que era Domingo , fosse ao Paço para acompanhar a ElRey , e juntamente aos Conselheiros de Estado , para que às tres horas da tarde se achassem no Conselho. O Marquez de Villa-Real , a quem a propria consciencia accusava , se pénétrou com as prizoens referidas , e ainda mais da admoestação de seu filho ; e tal vez arrependido , sahindo ElRey aquella mesma manhã da Tribuna de ouvir Missa , lhe disse , que o zelo , que tinha do seu serviço , não soffria dilatarlhe materias muy importantes , que lhe queria praticar. ElRey revestido de Magestade , com admiravel prudencia , sem a menor sombra de perturbaçaõ , lhe respondeo , que
às

às tres horas viesse ao Conselho de Estado. Assim o fez o Marquez, e sobindo a escada do Paço achou ao Porteiro môr, que o encaminhou ao aposento, onde estava Thomé de Sousa, o qual tanto, que o Marquez entrou, lhe disse, que ElRey ordenara, que o prendesse. Perturbado, sem replica, entregou a espada. Dom Rodrigo de Menezes, irmão do Conde de Cantanhede, e naquelle tempo Desembargador do Paço, prendeo na mesma forma ao Arcebispo de Braga; D. Pedro de Menezes, depois Bispo eleito do Porto, prendeo ao Bispo Inquisidor Geral, tambem pela mesma maneira; a prizaõ do Duque de Caminha se encarregou a Pedro de Mendoça, e a Antonio de Saldanha, que o esperavaõ antes, que chegasse às escadas do Paço; e sem lhe darem lugar, a que se apeasse, se meteraõ no mesmo coche, em que vinha, e o levarãõ à Torre de Belem, que governava Antonio de Saldanha.

No mesmo dia, e hora foraõ prezos em suas casas, e logo levados a differentes Torres, Nuno de Mendoça, Conde de Val de Reys, e Lourenço Pires de Carvalho na Torre de Belém; na de S. Philippe de Setuval D. Antonio de Ataide, Conde da Castanheira; na de Outaõ Gonçalo Pires de Carvalho, Provedor das Obras do Paço; na Fortaleza de Cascaes Antonio de Mendoça, Commisario Geral da Bulla da Cruzada; no Castello de Lisboa Ruy de Mattos de Noronha, Conde de
Arma-

Armamar; no Mosteiro de Belem, e depois passado para a Torre, Fr. Luiz de Mello, Religioso dos Eremitas de Santo Agostinho, Bispo eleito de Malaca, parente do Arcebispo de Braga; nas cadeas do Limoeiro prenderaõ a Paulo de Carvalho, Vereador da Camera, e seu irmão Sebastiaõ de Carvalho, ambos Desembargadores da Casa da Supplicação; Luiz de Abreu de Freitas, Escrivaõ da Camera delRey, Jorge Fernandes de Elvas, que havia poucos dias antes passado de Castella a este Reyno; Diogo Rodrigues Lisboa, Jorge Gomes de Aleme seu filho, e Simaõ de Sousa Serraõ, todos tres homens de negocio de grandes cabedaes; Christovaõ Cogominho, Guarda mór da Torre do Tombo, Manoel Valente, Escrivaõ da Camera de Setuval, e Antonio Correa, Escrivaõ mayor da Secretaria de Estado. No dia seguinte prenderaõ no Limoeiro a D. Agostinho Manoel, e do caminho de Coimbra para Braga trouxeraõ prezo à Torre de Belem ao Bispo de Martyria Dom Francisco de Faria, que fora Provisor do Arcebispo em Elvas, e era seu Coadjutor em Braga. Nesta tormenta padecio tambem Mathias de Albuquerque por muy leves indicios, e por mal entendidas, e peyor executadas as ordens delRey, o levou Manoel Lobo da Sylva a Setuval para o Castello de Outaõ, aonde as vozes do povo desordenadamente o perseguiaõ, o que sabendo ElRey, o mandou mudar para Belem. Nos mesmos dias prenderaõ pelos mesmos

mos indícios, na Torre de S. Giaõ, ao Padre Joaõ da Resurreiçaõ, Geral da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, a que chamaõ vulgarmente dos Lo-yos.

Tanto, que ElRey teve aviso, de que se haviaõ feito as prizoens, sahio magestoso com semblante triste a huma casa, onde a Corte toda o esperava, à qual manifestou o sentimento, com que procedera contra os conjurados, mostrando com solidas razoes a justiça, com que passara àquella demonstraçã; affirmando com expressões sinceras, que tratar da segurança do Reyno era mais, que amor da vida, amor de seus Vassallos, que o haviaõ buscado para defensão, e liberdade da Patria. E sendo de todos approvada a sua resolução, mostraraõ a satisfação, que recebiaõ do que naquella dia determinara. Recolheo-se ElRey, e espalhando-se pelo povo a noticia das prizoens, se alterou contra os Fidalgos, que com difficuldade se recolheraõ a suas casas, os que sahiraõ do Paço.

ElRey, que obrava com prudencia, querendo manifestar a equidade da sua justiça, mandou fixar Editaes nas portas da Cidade, que referiaõ o grande sentimento, que lhe custara o haver de mandar proceder contra os que estavaõ prezos; mas que a saude publica se antepunha à sua vontade, que era de fazer merce a todos: ordenando, que com socego se aguardasse a resolução, que havia tomado, segurando era ajustada com as obrigações

gações da justiça; e se por ventura contra esta ordem se levantasse algum rumor, ou succedesse alguma inquietação no povo, se daria por tão mal servido, que mandaria severamente punir os culpados, que alterassem o repouso do Reyno. Socegou-se o povo com este Edital da desordenada fúria, com que insultava aos Fidalgos, que passavaõ pelas ruas. Os Prégadores dos Pulpitos concorreraõ tambem muito ao seu socego, exhortando-os à uniaõ, mostrando os perniciosos effeitos do contrario. E ainda luzio mais a benignidade delRey, mandando fixar nos lugares publicos segundo Edital, declarando, que perdoava o delicto de qualquer pessoa, que diante dos Juizes nomeados manifestasse a noticia, que houvesse tido da conjuração. Servio a muitos comprehendidos este indulto, os quaes fizeraõ mayor a prova, dos que depois se castigaraõ.

Foraõ processados brevemente, observadas todas as regras do Direito, os culpados, os quaes attonitos com o subito golpe, que os ameaçava, escreveraõ diversas Cartas a EiRey, entendendo, que sem manifestação da verdade se não tomaria a ultima resolução em causa tão grande; toda a sua industria puzeraõ em desculpar a tenção, confessando a obra, com que assim foraõ os primeiros, que assinarãõ na sentença da sua morte. Mandaraõ os Juizes dizer aos reos allegassem a sua justiça no prazo de tres dias. O Marquez de Villareal,

Real, o Duque de Caminha, e o Conde de Armamar, declinaraõ para a Mesa da Consciencia, por serem Cavalleiros professos da Ordem de Christo; porém em 23 de Agosto os relaxaraõ à Justiça secular por lhe ser provado o crime de lesa Magestade da primeira cabeça. Eraõ os Ministros da Mesa D. Leão de Noronha, Francisco Lopes de Barros, Estevão Fuzeiro, e Simão Torrefaõ Coelho. O Procurador da Coroa Thomé Pinheiro da Veiga offereceo contra todos os reos hum Libello, para dentro em tres dias responderem conforme a Ley do Reyno. Finalmente se ajuntaraõ na Relação os Ministros nomeados para sentenciarem aos convencidos no dia 26 de Agosto, os quaes foraõ os Doutores Francisco Lopes de Barros, Juiz Relator, Francisco de Mesquita, Pedro de Castro, Gregorio Mascarenhas Homem, André Velho da Fonseca, Corregedor do Crime da Corte, Francisco de Almeida Cabral, Valentim da Costa de Lemos, Fernão de Mattos de Carvalhosa, Marçal Casado Jacome, Duarte Alvares de Abreu, Fernão Cabral, Chanceller môr, e João Pinheiro, Desembargador do Paço. ElRey querendo mostrar, que a sua benignidade justificava em tudo o seu Real animo em huma causa taõ importante, mandou hum Decreto, em que nomeava seis Fidalgos adjuntos nas sentenças do Marquez de Villa-Real, Duque de Caminha, e Conde de Armamar: foraõ estes Pedro de Mendoça Furtado, Fernão Telles

de Menezes, D. Pedro de Alcaçova, D. Miguel de Almeida, Henrique Correa da Sylva, e Antonio Telles de Menezes; e dando-se os tres ultimos por suspeitos, se nomearaõ no seu lugar Pedro da Cunha, Tristaõ da Cunha, e Pedro da Cunha, Veador da Rainha. Juntos todos os Juizes nomeados, sentencaraõ à morte ao Marquez de Villa-Real, ao Duque de Caminha, e ao Conde de Armamar. Na tarde do mesmo dia, os Desembarçadores nomeados, sem os adjuntos, condemnaraõ a que fosse degollado D. Agostinho Manoel, e que fossem arrastados, e enforcados, em forza mais alta do costumado, Pedro de Baeça, Belchior Correa da Franca, Diogo de Brito Nabo, e Manoel Valente. Christovaõ Cogominho foy remettido ao Juizo Ecclesiastico, e depois à Mesa da Consciencia; porém havendolhe mostrado naõ lhe valerem os privilegios, elle, e Antonio Correa foraõ os ultimos, que enforcaraõ a 9 de Setembro defronte do Limoeiro.

No dia 29 de Agosto de 1641 na Praça do Rocio appareceu hum theatro, onde se puzeraõ quatro cadeiras, a do Duque sobre tres degraos, a do Marquez com dous, a do Conde com hum só, e no pavimento a de D. Agostinho Manoel, buscando a vaidade humana distincções ainda na fatalidade de huma morte criminosa. Depois da huma hora se deu principio à execuçaõ, e foraõ degollados, e ao mesmo tempo padeceraõ em differentes forcas

forças os acima referidos, sendo castigados com mais espanto, que lastima dos circumstantes; porque o povo, approvando o castigo, gritou: *Viva ElRey D. João*. Ficaraõ no theatro os corpos dos quatro degollados até à meya noite, que a Tumba da Misericordia os levou à Igreja de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços. Contava o Marquez cincoenta e dous annos, o Duque seu filho vinte e sete, o Conde de Armamar vinte e quatro, D. Agostinho Manoel cincoenta e oito. Este tragico successo deu fim à Casa do Marquez de Villa-Real, huma das mayores de Portugal, pela origem, grandeza, e authoridade, com que se havia conservado por mais de dous seculos, não ficando successão ao Duque de Caminha, a quem pareceo, como alguns dos Juizes entenderaõ, que podia livrar do ultimo supplicio pela culpa, que só tinha de não accusar a seu pay. Sua irmã Dona Maria Brites de Menezes, casada com D. Pedro Portocarrero, VII. Conde de Medelhim, que não era Grande, ainda que dos mayores de Hespanha, tomou os titulos de Duqueza de Caminha, e Marquezia de Villa-Real, e seu marido, em razão delles, se cobrio Grande da primeira classe, e depois da paz pertenderaõ a successão da Casa de Villa-Real para seu filho D. Pedro Lugardo de Menezes, que foy VIII. Conde de Medelhim, Reposteiro mór delRey, e Gentil-homem de sua Camara. No dia das execuções sabio ElRey de luto à

Tom. VII.

X ii

casa,

caſa, em que aſſiſtia toda a Nobreza, e com elo-
quencia, e gravidade, manifeſtou em breves pala-
vras o ſeu grande ſentimento, e qual era a ſua juſ-
tiça.

ElRey, que com moderação moſtrou caſti-
gar o delicto, e não a queixa, lhe pareceo, ſe devia
logo deferir aos mais criminoſos, examinando-ſe as
culpas dos que ſe achavaõ prezos, e não ſe achando
fundamento, foraõ todos ſoltos, ainda que em
diverſos tempos. Sahiraõ da prizaõ os Condes da
Caſtanheira, e Val de Reys, e Gonçalo Pires de
Carvalho; e ſeu filho Lourenço Pires tivera o meſ-
mo ſucceſſo ſenaõ morrera na prizaõ; Antonio de
Mendoça foy mandado paſſar da Torre de S. Giaõ
para o Moſteiro da Trindade de Santarem, ſendo
reſtituido aos ſeus cargos; Mathias de Albuquerque
foy ſolto, e admittido logo à preſença delRey, a
quem queixoſo diſſe: *Tem V. Mageſtade aos ſeus
pés o mais leal Vaſſallo, que pôde deſejar*; a que El-
Rey benigno reſpondeo, que eſtava inteirado da ſua
innocencia, e com vontade de lhe fazer muita mer-
ce, o que brevemente ſe veyo a verificar. O Ar-
cebiſpo, e o Inquiſidor Geral eſtiveraõ prezos nas
caſas interiores do Forte do Paço, de donde os paſ-
faraõ para a Torre de Belem, e na de S. Giaõ veyo
a falecer o Arcebiſpo, arrependido de haver taõ
cegamente ſeguido a ſem razião daquella idéa. O
Inquiſidor Geral foy ſolto a 5 de Fevereiro de 1643,
e reſtituido logo aos ſeus lugares; o Biſpo de Mar-
tyria,

tyria , depois de estar muitos annos na Torre de Belem , o passaraõ para o Mosteiro de S. Vicente de Conegos Regrantes , onde acabou a vida. Finalmente ElRey seguiu a vida , e o Reyno , conseguindo applausos de prudente , e justo , igualmente dos naturaes , que dos Estrangeiros. Os Castelhãos discursando no modo do castigo , desconfiaraõ da Conquista de Portugal , dizendo , que ElRey D. Joaõ se não empenhara com tanta resolução a castigar pessoas taõ grandes , se duvidara da obediencia , e fidelidade dos seus Vassallos.

No dia 7 de Agosto entrou no Porto de Lisboa a Armada de França , que se compunha de vinte naos , de que era General o Marquez de Brezê , sobrinho do Cardeal de Rechilieu , e herdeiro da sua Casa , o qual vinha revestido do caracter de Embaixador delRey Christianissimo , para dar os parabens da sua exaltação ao throno a ElRey D. Joaõ. Teve logo audiencia , à qual entrou conduzido pelo Conde de Vimioso , que em hum bergantim bem adereçado o havia ido buscar. Recebeo ElRey ao Marquez com magnifico apparato , e com todas aquellas demonstrações de agrado , que podia dispensar a Magestade. Depois teve audiencia da Rainha , e do Principe D. Theodosio: recolheo-se o Marquez outra vez a bordo da Armada , recusando o aposento , que se lhe havia magnificamente preparado no Paço da Corte Real. ElRey lhe mandou hum grande refresco. Encorpou-se

rou-se a Armada de França com a Portugueza, que mandava Antonio Telles de Menezes, que chegando de governar a India, na mesma noite sobio a beijar a mão a ElRey, que o fez General da sua Armada, de que era Almirante Fernão da Sylveira irmão do Conde de Sarzedas. Conflava a Armada de treze navios, cinco muy possantes, e os mais ainda que pequenos, bem aprestados, e capazes de peleija. Era o intento, com que sahiraõ as duas Armadas, e a de Hollanda, que se esperava brevemente, interpende a Cidade de Cadiz na Costa de Andaluzia; porque o Cardeal de Richieu era de parecer, que a guerra a sentissem primeiro os inimigos delRey, que os seus Vassallos: porém aquella Praça bem preparada, e defendida, fez desvanecer a empreza.

Pouco depois a 10 de Setembro chegou a outra Armada auxiliar de Hollanda, igual à Franceza em numero de navios, e naõ na Nobreza, e galhardia dos aventureiros Francezes, de grande qualidade, e Soldados de estimaçaõ, que ficaraõ servindo neste Reyno. Della era General Adriano Gylfels, Soldado de grande valor, e experiencia, que na India havia cedido a Antonio Telles de Menezes, de quem foy vencido em huma batalha naval, e trazia titulo de Embaixador dos Estados. Deulhe ElRey audiencia, e foy conduzido pelo Barão de Alvito, e se recolheu à Armada, o qual sabendo da anticipaçãõ da jornada da nossa Armada, e France-

za,

za, procurou ir ser seu companheiro nella, e navegando ao Cabo de S. Vicente, chegou à vista de Cadiz, e não encontrando já as duas Armadas, voltou ao mesmo Cabo, donde fez aviso a ElRey, de que determinava esperar os galeoens da prata, que por Novembro costumavaõ buscar aquelle mar, pedindo a Sua Magestade quizeffe mandar engrossar a sua Armada com alguns navios da nossa. Quando chegou este aviso já a Armada Portugueza havia ancorado no rio de Lisboa; porém ElRey querendo contemporisar com os Hollandezes, lhe mandou quatro navios, e por Cabo a Ruy de Brito Falcaõ, o qual sahindo a 11 de Outubro, no mesmo dia tomou hum navio mercante Inglez, que os Mouros haviaõ tomado, carregado de ferro, e levavaõ para Salé: no outro dia encontrou o navio dos Mouros, que rendera ao Inglez, e lhe deu caça, obrigando-o a dar à costa; e seguindo a sua derrota chegou ao Cabo de S. Vicente, e não achando a Armada Hollandeza, informado do caminho, que tinha feito, tomou a mesma derrota; e gastando vinte e nove dias, a não pode encontrar, e recolhendo-se a Lisboa, já a achou refazendo-se do damno, que havia recebido do encontro, que tivera com a Armada Castelhana. Deteve-se a Armada de Hollanda no Porto de Lisboa até Janeiro do anno seguinte de 1642, tempo, em que voltou para Hollanda. ElRey mandou dar ao General huma caçca de ouro com hum anel de diamantes,

mantes, e ao Almirante outra, e outro anel de igual valor, e do mesmo feitio, e a cada hum dos Capitães da Armada huma cadea com o seu retrato em huma medalha de ouro.

Achavaõ-se em Carthagena de Indias algumas reliquias da poderosa Armada, com que o Conde da Torre passou à America em demanda da Conquista de Pernambuco, e na violenta divisaõ daquelle Armada, os melhor livrados foraõ aquellos navios, que tomaraõ o porto de Carthagena. E constando a ElRey, que Dom Rodrigo Lobo, General da Armada, que se mandara ao Brasil, havia chegado ao mesmo porto derrotado de hum temporal, e que com elle hia embarcado o Conde de Castello-Melhor Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, e outros Fidalgos dignos de toda a estimaçaõ, se resolveo a fazerlhe aviso, manifestandolhe a sua exaltaçaõ, e posse do Reyno, encarregandolhe, do modo possivel, voltassem ao Reyno com todo o poder, de que estavaõ encarregados, para que como bons Vassallos pudessem chegar a tempo, a ser participantes da defenõsa, e conservaçaõ da Patria.

O Conde de Castello-Melhor, que por sua condiçaõ, bondade, e boas partes, era a quem todos obedeciaõ, se via cercado de parentes, e amigos de grande valor, obedecido dos Officiaes peritos, e applaudido de tres mil Soldados Portuguezes, intentou huma taõ heroica acçaõ, que ainda naõ conseguida lhe será eternamente gloriosa; e
foy

foy a de querer ganhar os galeoens de prata, que de Porto Bello para Carthagená conduzia Francisco Dias Pimenta, e entrar com elles em Lisboa; desta acção diz o Conde da Ericeira na sua estimada Historia: *Que de toda a prata, que dos galeoens trouxessẽ, seria pouco para lhe fabricarem Estatuas.* Ericeira, Portug. Restaurado, tom. 1. liv. 3. pag. 175. Esta idéa já proxima ao effeito, sem que por algum respeito parecesse duvidosa a sua execucao, se frustrou com universal perigo de todos os Portuguezes, que alli se achavao; porque fallando Pedro Jaques de Magalhaens com hum Capitaõ de tres, que estavao alojados, para que entrassem na saccao, elles o revelarao ao Governador, e Ministros Castelhanos, a quem sendo o trato descoberto, procedeo a prizaõ contra o Conde, e Pedro Jaques, e seus confidentes, que todos foraõ asperamente atormentados com tratos, que a constancia venceo, negando tudo o de que os arguiaõ, com tanto valor, que mostrava bem prevenido, o que emprendiaõ. Sem embargo dos defeitos da prova, pela negaçaõ dos reos no tormento, foy Pedro Jaques sentenciado a dez annos de degredo fóra de Carthagená, e seu destricto, e tanto, que se lhe offereceo occasiaõ, passou a Cadiz, e desta Cidade a Lisboa, na qual ElRey lhe fez merce de huma Commenda, e depois cheyo de serviços occupou grandes póstos. O Conde de Castello-Melhor, que foy prezo no Castello de S. Philippe, e procedendo contra elle o Auditor da Armada com dous Ouvi-

Tom. VII. Y dores

dores por adjuntos, o sentencearaõ à morte, condemnando-o primeiro a levar tratos, de cuja sentença appellou o Conde, mostrando a nullidade na grandeza das prerogativas do titulo por falta de jurisdicção: e não valendo a razaõ contra a violencia, fizeraõ despir o Conde, e lhe deraõ sete tratos com o mayor rigor, que excogitou a malicia naquella occasiaõ; porém o Conde os soffreo com tanta constancia, que não pronunciou outra palavra mais, que a com que implorava o soccorro Divino. Os Juizes reconhecendo a falta de poder para o sentencearem, lhe aceitaraõ a appellação, e permitindo a Jorge Furtado a levasse a Madrid, em que elle trabalhou com toda a diligencia pela sua liberdade, e depois delle a conseguír, se passou a Inglaterra, e de Londres a Portugal. O Conde, ainda mal convalecido das feridas, intentou levantar-se com o Castello, em que o haviaõ segurado, mas por falta de meynos se desvaneeo a empreza, e depois por modo estranho sahio da prizaõ com alguns Soldados (de que se fiava) para o navio, que ElRey de Portugal lhe mandara, o qual depois cahindo em mãos de Cossarios, elle os reduzio a serem o meyo da sua liberdade: e havendo experimentado todos os desvarios de repetidos infortúnios, entrou em Lisboa, e foy recebido delRey com todas as demonstrações de honra, de que o seu merecimento o havia feito acredor, e lhe fez merce do titulo de Conde em duas vidas mais, e

as

as mesmas nos bens da Coroa, e Ordens, e huma Commenda, e o nomeou do Conselho de Guerra, e Governador das Armas da Provincia do Minho, onde com novos serviços conseguiu honrado nome; e premiando igualmente, conforme a sua categoria, a todos os que tiverão parte na liberdade do Conde, deu ao Capitão Hollandez seis mil cruzados, e huma cadea de ouro com huma medalha com o seu retrato, e o Conde, e a Condessa joyas, e outros presentes de valor.

Bem quizera ElRey, e Ministros de Castella, se achassem as suas Armas em tal estado, que de subito se convertessem contra Portugal, julgando utilissima a pressa, mas ella não lhe era menos impossivel, que conveniente. O Exercito, que em Hespanha se havia levantado com tanto dano, como se outro inimigo o fizesse, se occupava na reducção de Catalunha; porque esta guerra, que no principio fora voluntaria, já era precisa; porque os Francezes não perdendo occasião alguma contra os seus emulos, não tanto haviaõ acodido à defenfa dos Catalaens, quanto a cobrar o Condado de Roselhon unido àquelle Principado. Em Flandes havendo tambem occupado os Francezes opulentas Cidades, e os Hollandezes não menos afortunados davaõ com as suas operações calor às Armas Francezas: com tudo juntaraõ os Castelhanos gente capaz de guarnecer as suas Fronteiras.

Naõ era a guerra igualmente grata a todos os Hespanhoes. Aos Grandes, porque alguns delles sendo interessados com o sangue del Rey, e da Rainha de Portugal, naõ desprazia interiormente a sua elevaçãõ: e tal vez a todos pela conveniencia de ter por taõ visinho hum Rey Catholico de quem se valessem naquelles casos, que a fortuna traz consigo mayores aos mayores.

O Conde de Monte-Rey, que de Vice-Rey de Napoles naõ havia muito, que descansava na presidencia de Indias, foy nomeado Governador das Armas de Castella, e assistia em Merida, distante de Badajoz nove legoas, que governava o Marquez de Toral. Foy o primeiro movimento das Armas Castelhanas contra Olivença, que defendendo-se com valor, obrigou ao Conde de Monte-Rey a retirar-se, vendo que achava mayor opposiçãõ, do que suppunha, custandolhe o intento duzentos homens mortos, e feridos, em que entravaõ Officiaes de importancia. Depois conseguiraõ as nossas Armas com felicidade diversas acções, e emprezas, de forte, que em quasi todas as partes se viaõ as bandeiras Portuguezas vitoriosas, naõ só na Provincia de Alentejo, mas na Beira Fernaõ Telles de Menezes, que succedera a D. Alvaro de Abranches, ganhou o Castello de Goardaõ, e conseguiu no seu governo reputaçãõ em diversas emprezas, com que fez respeitadas as Armas, que mandava; Ruy de Figueiredo na Provincia de Traz dos

dos Montes, entrando pelo Reyno de Leão, ganhou diversos Lugares, saqueou outros, e depois no de Galliza, onde se apoderou das Villas de Vimbra, e Tamaguelos, e queimando diversas Aldeas, se recolheu não menos rico de opiniaõ, que os Soldados de despojos. D. Gastaõ Coutinho, que obrava com valor, e sorte semelhante, fez diversas entradas por Galliza, destruindo os inimigos com taõ valerosa resolução, que ficando em proverbio, durará sempre a gloria, que nesta Provincia conseguiu, fazendo temidas, e respeitadas as bandeiras do seu Rey.

No Algarve, por occasiã do terreno, se obrava menos, que nas outras fronteiras: com tudo de huma bataria opposta ao quartel de Alcoutim, foy mortalmente ferido o Mestre de Campo D. Francisco de Castellobranco, de sorte, que o precisou a huma taõ larga cura, que he digna de se escrever. Durou esta cura tres annos, e tantos o perigo da vida; porém Deos pagando a universal compaixã de D. Joã de Castellobranco seu pay, que com igual piedade soccorria a todos os necessitados, lhe assegurou a vida com aquelle remedio santo da esmola, de que elle foy muy observante; e seu filho vivendo veyo, sendo segundo, a ser successor da Casa, e depois Conde de Redondo, e faleceo no anno de 1686.

Eraõ grandes as despezas, que fazia a guerra, e curtos os meyoys, que se estabeleceraõ nas primei-
ras

Cortes do anno de
1642, impressas em
1645.

ras Cortes para a sua subsistencia: o que considerado, se convocaraõ segundas, que se celebraraõ a 18 de Setembro do anno de 1642 na sala dos Tudescos com as ceremonias costumadas. Ajuntaraõ-se os Tres Estados do Reyno, o da Nobreza em Santo Eloy, o Ecclesiastico em S. Domingos, e o dos Póvos em S. Francisco. Era a propoita, que ElRey mandou fazer, que os vinte mil Infantes, e quatro mil Cavallos, que eraõ necessarios para defender as Fronteiras do Reyno, se naõ podiaõ sustentar com menos de dous milhoens, e quatrocentos mil cruzados, e que para esta quantia se apontassẽ os meys mais suaves para se tirarem do Reyno. Foraõ varias as consultas, e finalmente concordaraõ, que as decimas era o tributo mais conveniente, e igual, em que todos entravaõ com proporçaõ; e depois de disputada em diferentes conferencias esta materia, concordaraõ os Tres Estados no tributo dos dous milhoens, e quatrocentos mil cruzados para as despezas da guerra.

Por este tempo formou o Conde Duque humma Junta, a que deu o titulo de *Intelligencias Secretas*, com tanta estimaçaõ, que lhe chamava o seu Esquadraõ, do qual vivia taõ satisfeito, que muitas vezes affirmou, que com elle havia de conquistar a Portugal primeiro, que com os Exercitos do seu Principe: e como no Mundo naõ faltaõ malevolos, naõ faltaraõ calumnias contra os innocentes, porque se prometiaõ grandes premios aos que desco-

descobrissem qualquer obra de infidelidade, e foy Providencia não perecerem todos. Assim se virão injustas prizoens, e ainda que não tragicas, muy penosas. D. Francisco Mascarenhas, que havia sido Vice-Rey da India, e Conselheiro de Estado na Corte, e D. João de Menezes, já graduado com ter já sido Governador da Ilha da Madeira por El-Rey D. Filippe, foraõ prezos na Cadea publica, sahindo de Madrid vindo para Lisboa, mais resolutos, que acautelados; Alvaro de Sousa filho de Gaspar de Sousa, Conselheiro de Estado, foy recluso em grande segredo; Affonso de Lucena filho do Secretario de Estado de Portugal, desapareceo aos olhos da Corte; semelhante violencia chegou às mayores pessoas, e outras de inferior fortuna, alcançando a todas a desgraça. Porém como com este meyo não se satisfazia a vingança, nem a restauração do Reyno, foy logo reprovado dos melhores Ministros, aos quaes se fazia penosa a carga de tantos Portuguezes, e alguns tão grandes, sem meyo algum para se sustentarem, o que havia de ser a custa da fazenda Castelhena, para assim animarem os Portuguezes.

Determinou-se, que das fazendas, que muitos dos que estavam em Portugal tinhaõ naquelles Reynos, se fizesse hum computo, e que mandando-as El-Rey cobrar por Ministros seus, se repartisse o rendimento pelos Portuguezes, que elles nomeavam fideis, que se achavam na Corte; e que a fazenda

da Real supprisse a falta daquelles effeitos. Assim se poz em execuçaõ, acodindo aos Titulos, Fidalgos, e Nobres, cada mez com suas pensoens proporcionadas, que não passavaõ de oitenta mil reis aos Grandes, e mayores, nem aos infimos desciaõ de seis: porém este soccorro brevemente começou a ser incerto, e pouco depois faltou pela difficuldade, que se experimentava na empreza do Reyno.

ElRey D. Joaõ em Lisboa tinha mandado tambem alimentar aos Ministros Castelhanos, de que alguns se excusaraõ, não com menor vaidade, que incommodo. Porém consideradas algumas razões, que não pareceraõ desconvenientes, se lhe foy dando liberdade, de cuja acçaõ ElRey cada vez mais satisfeito, foy alargando o indulto, chegando ainda àquelles, que alguns julgavaõ mais importantes a seu tempo este beneficio. Entre os Castelhanos de mais brio, que se achavaõ prisioneiros, foy D. Sebastiaõ Manrique, o qual passando ElRey pela Praça de Santarem, onde D. Sebastiaõ estava prezo, lhe cerrou a janella, o que se referio a ElRey, e mandou lha não abrissem mais: durou largo tempo na prizaõ, até que sendo informado ElRey por parte do prezo, que aquella acçaõ fora de modestia, e não de odio, como sinistramente se lhe interpretara, foy restituído à luz do dia, e pouco depois à liberdade da Patria.

Entre tanto nas Fronteiras de Portugal se lia obrando tanto mais, do que ao principio temiaõ os inimigos.

inimigos, e os mesmos Portuguezes esperavaõ, fazendo os Governadores das Provincias do Minho, e Traz os Montes atrevidas entradas nos Reynos de Galliza, Castella, e Leaõ, abrazando Lugares, e fazendo prisioneiros os moradores, com credito, e utilidade dos Soldados. Na Beira, e no Algarve, se passava com mais socego, mas na Provincia de Alentejo, como mais disposta, e opulenta, era o theatro da guerra, porque nunca socegavaõ as Armas, já temidas, ainda que tambem algumas vezes resistidas dos contrarios; os quaes primeiro estimulados mais do exemplo, do que da ira, procuravaõ com semelhantes correrias impedir, ou vingar, o que padeciaõ. Permanecia ainda na defensiva do Castello da Ilha Terceira D. Alvaro de Viveiros, seu Governador, que por quatorze mezes, com igual valor, que disciplina, resistio ao prolixo sitio, que os moradores da Ilha lhe haviaõ posto com mayor valor, que disciplina, e finalmente se rendeo o Governador a 16 de Março de 1642, sahindo com todas as honras militares, que elle mereceo na defensiva, que seguio até a ultima extremidade, sem mais culpa, que a desgraca; sendo o Author desta restauração Francisco de Ornellas da Camera, Fidalgo da mesma Ilha. Depois neste mesmo anno conseguiraõ os Soldados da Fortaleza de S. Philippe da dita Ilha huma boa empreza em dous navios de Indias, que chegando a ella na sé, de que se conservava na obediencia delRey de Castella,

Tom.VII.

Z

tella,

tella, se acharão enganados, e quando o reconheceriaõ, era já inevitavel o perigo, e foraõ remettidos a Lisboa, e interessou ElRey nelles consideravel fazenda.

Era grande a vigilancia, com que ElRey se applicava ao governo do Reyno, e querendo com a sua presença dar calor à guerra, resolveo passar à Provincia de Alentejo antes, que o Exercito sahisse à campanha, e assistir em Evora todo o tempo, que ella durasse. Feitas as prevenções necessarias declarou ElRey, que a Rainha ficava em Lisboa governando na sua ausencia, e nomeou para lhe assistirem no governo ao Bispo Capellaõ môr Dom Manoel da Cunha, a Sebastiaõ Cesar de Menezes, e ao Marquez de Ferreira. A 19 de Julho do anno de 1643 de tarde montou ElRey a cavallo, adornado, e os que o acompanhavaõ, de galas militares: foy à Sé a benzer o Estendarte, que entregou a D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, seu Alferes môr, e sem voltar ao Paço entrou no bargantim, e passou a Aldea-Gallega, e no outro dia fez jornada, e avisou a Evora, que havia entrar de noite na Cidade; sem embargo desta prevençaõ, o povo o foy esperar a larga distancia com incriveal alegria. Aposentou-se ElRey nas casas do Conde de Basto, que estavaõ prevenidas, e no dia 30 do mesmo mez entrou na Cidade publicamente com grande apparato, e foraõ excessivas as demonstrações na magnificencia, e grandeza de seus naturaes,

raes, de que entaõ se imprimio huma Carta em nome de hum Collegial do Real Collegio da Purificação para hum seu amigo de Lisboa. E porque neste tempo estava a Rainha em vespèras do parto, de que nasceo o Infante D. Affonso, que depois veyo a succeder no Reyno, passou ElRey encoberto a Lisboa a 7 de Agosto; porèm vendo, que a dilação era mayor, do que suppunha, tornou a voltar para Evora, e com admiravel attenção dispoz todas as prevenções, que faltavaõ, para sahír em Setembro o Exercito em campanha, governado pelo Conde de Obidos, de que era Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos, General da Cavallaria o Monteiro môr, e da Artilharia D. João da Costa. Sitiaraõ, e renderaõ a Praça de Valverde, em cuja acção o Governador declarou, que capitulava com o Conde de Obidos, Governador das Armas delRey de Portugal. Chegaraõ depois com o Exercito à vista de Badajoz, reconheceo a Cidade Joanne Mendes de Vasconcellos acompanhado de Mathias de Albuquerque, (que nesta Campanha exercitava o officio de Soldado, como se não houvera taõ pouco tempo governado aquelle Exercito) e do Padre João Paschasio Cosmader, Religioso da Companhia, natural de Lovayna, insigne Mathematico, o qual depois com a pratica foy excellente Engenheiro; mas depois com pouca memoria das obrigações do seu estado, faltando à fidelidade, veyo a acabar

desgraçadamente. Porém como já se avisinhava o Inverno, e o grande presidio, com que se achava a Praça, e outras difficuldades, que encontraraõ para poderse continuar o sitio, depois de ouvidos os Cabos, se resolveo retirar-se o Exercito, e a 20 de Setembro começou a desfalojar. O Conde de Santo Estevão, que governava em Badajoz, vendo, que o Exercito se retirava, fez sair toda a guarnição com o intento de na retaguarda poder conseguir alguma desordem: porém a terra era tão cortada de sanjas, e vallados, que guarnecendo-se de mangas de Mosqueteiros, impediraõ a resolução da Cavallaria, no que não conseguiu pequeno applauso Joanne Mendes pela disposição desta retirada. Não havia ElRey sabido, de que o Exercito marchara sobre Badajoz, senão depois, que o havia feito; e dissimulando então o enfado com as esperanças, que lhe deraõ de ganhar aquella Praça, ordenou todas as prevenções, que podiaõ conduzir ao fim da empreza começada; e vendo, que os mesmos, que a facilitaraõ, sem consentimento seu levantaraõ o sitio de Badajoz, despachou hum Correyo, em que ordenava ao Conde de Obidos, e a Joanne Mendes de Vasconcellos, se recolhessem a Lisboa, donde sem nova ordem sua não sahiriaõ de suas casas, e que o Exercito ficasse entregue a Mathias de Albuquerque; e naquella mesma noite os dous Generaes sahiriaõ do Exercito para Lisboa, e ficou entregue ao novo Governador das Armas com

com grande satisfação dos Soldados, de quem era sumamente amado, assim pelas virtudes, que lhe reconheciaõ, como pela attençaõ, com que procurava as suas commodidades. Não alterou Mathias de Albuquerque a disposiçaõ do Conde de Obidos, e no dia seguinte a 29 de Setembro foy sobre Alconchel, como já estava determinado. Estava dentro do seu Castello D. João de Menezes, Marquez de Castro-Fuerte, Senhor de Alconchel, e tinha trezentos Infantes de guarniçaõ, e todas as munições necessarias para hum largo sitio; porém depois de batido o Castello, e entrada a Villa, seguiu-se logo Figueira de Vargas, tres legoas de Alconchel, adonde Mathias de Albuquerque havia mandado a D. Rodrigo de Castro, a quem Dom Gabriel da Sylva, que governava o seu Castello, o entregou logo com a permissaõ de passar a Xeres, levando a sua familia, e os moradores com a sua roupa. Guarneceu-se o Castello com duas Companhias para segurança dos comboys, em quanto durasse a Campanha. Marchou depois o Exercito para Villa-Nova del Fresno, que sendo vigorosamente batida pela artilharia, se rendeo, o que foy muy sentido dos Castelhanos pela grande oppressaõ, que o presidio daquella Praça dava aos povos visinhos, custandolhe ainda mais a reputaçaõ, que logravaõ as Armas de Portugal, que viaõ prevalecer contra o mesmo Principe, que intentava dominallas. Recolheo-se o Exercito deixando presidida

da

da Villa-Nova , arrazado o Castello de Figueira de Vargas , destruida a Villa , executando o mesmo com Cheles , que os Castelhanos haviaõ despovoado , naõ podendo o rigor , com que entrara o Inverno , dar lugar a que Mathias de Albuquerque continuasse com a Campanha . Aquartelado o Exercito , passou Mathias de Albuquerque a Villa-Viçosa , onde ElRey se achava divertindo-se naquelle sitio . Recebeo-o com grandes honras , e na mesma fórma experimentaraõ o mesmo favor da sua grandeza os Generaes , e mais Officiaes do Exercito , que tiveraõ a honra de lhe beijar a maõ . Voltou ElRey para Evora , e a 5 de Outubro partio para Lisboa , onde foy recebido com applausos de vitorioso . Achou nascido o Infante D. Affonso , que sendo o segundo , veyo a succeder na Coroa , como adiante diremos . Depois já no anno de 1645 , quando ElRey teve noticia do grande Exercito , com que o Marquez de Legañes sahia em Campanha , havendo applicado os soccorros de Alentejo , e prevenido a defenõa de Lisboa , passou segunda vez àquella Provincia , e bastou sómente chegar a Aldea-Gallega para que a mayor parte da Nobreza partisse para a Praça de Elvas , havendo disposto o Exercito , que mandava o Conde de Castello-Melhor , Governador das Armas da Provincia de Alentejo , e feito todas as prevenções , com que rebateo os designios dos Castelhanos ; e depois de retirado o Exercito do Marquez de Legañes

gañes a Badajoz, sem que executasse facção de importancia, vendo ElRey alguma defuniaõ entre os nossos Generaes, resolveo, depois de ouvir os Cabos principaes, dividir o Exercito, e metello em quarteis, considerando, que o rigor do tempo não era já para empenhar o Exercito em empreza alguma. Nesta Campanha se achou ElRey das Ilhas de Maldiva, Senhor de muitas riquezas, o qual havia passado a Lisboa a pedir soccorro contra hum irmão seu, que se havia apoderado violentamente do Reyno. Joanne Mendes de Vasconcellos o tratou com grande respeito, ordenando, que se observasse com a sua pessoa todas as ceremonias, que na guerra se costumão praticar com os Cabos mayores, advertencia, que ElRey estimou. Fez-lhe ElRey merce de ser na India do Conselho de Estado, como se vê da Carta, que se lhe passou a 23 de Agosto de 1645, e ao mesmo tempo diversas mercês no mesmo Estado da India, humas uteis, outras honorificas, para elle, e seus descendentes, com que passou satisfeito a viver em Goa. De Monte-Môr, onde ElRey estava, passou a Setuval, onde detendo-se poucos dias, depois de ordenar a fortificação daquella Praça, entrou em Lisboa a 18 de Setembro, na qual foy festejada com grande satisfação, e gosto de seus Vassallos a sua restituição à Corte.

Corria com prospera fortuna a felicidade do reynado delRey D. João, porque a lealdade dos
corações

*Chancel. delRey D.
João IV. liv. 18. fol.
92.*

corações Portuguezes, auxiliados do poder Diviuo, haviaõ sacrificado, e offerecido liberalmente as vidas, e as fazendas pelo amor da Patria, e pela gloria do seu Principe; e desta sorte venceraõ com constancia aos valerosos Hespanhoes, que rara vez deixaraõ de pelejar com seus inimigos, que naõ fahissem vitoriosos em recontros, choques, e batalhas. Na de Montijo, que no anno de 1644 venceo o General Mathias de Albuquerque, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, à qual deu principio a nossa artilharia carregada de balas de mosquete, e palanquetas, com taõ venturoso emprego, que penetrando todo o corpo da Infantaria inimiga, a descompoz toda, padecendo igualmente os Officiaes, e Soldados hum terrivel estrago. Porém os Castelhanos, que naõ se embaraçaraõ com aquella primeira descarga, tornaraõ a compor a Infantaria, e depois de dispararem duas pessas com pouco effeito, o Baraõ de Molinguen, que mandava o Exercito Castelhanao, carregou com a Cavallaria do seu lado direito as nossas tropas do esquerdo com tal fortuna, que as descompuzeraõ de sorte, que voltaraõ as costas; a este desatino se seguiu outro de desbaratarem hum Terço: e conhecendo os Castelhanos a sua fortuna, a seguiraõ de sorte, que romperaõ a nossa Infantaria, e ganharaõ a artilharia, o que vendo a Cavallaria do lado esquerdo, se retirou antes de ter recebido damno algum. Os Castelhanos vendo os nossos Terços confundidos

confundidos deraõ a vitoria por conseguida, e se occuparaõ em roubar, e se começaraõ a dividir por toda a Campanha. O General Mathias de Albuquerque acodindo com incrível valor a todas as partes, lhe mataraõ o cavallo, o que vendo hum Official Francez chamado Henrique de la Morle, lhe deu o seu cavallo, sacrificando a sua vida por salvar a do seu General; porém com tal fortuna, que pelo seu valor cobrou depressa outro. Dom João da Costa, General da Artilharia, discorria como destrissimo Capitaõ com tanto valor, que excede ao mayor encarecimento, animando a huns, e unindo a outros, e encontrando-se com hum Capitaõ de Cavallos Castelhana, se investiraõ, e o matou às estocadas, recebendo das suas mãos huma grande cutilada na cabeça, e certo, que ao seu incançavel cuidado, e valor, se deveo a mayor parte do bom successo deste dia. Unio-selhe Mathias de Albuquerque, e se deliberaraõ a restaurar o damno perdido, ou sacrificar as vidas com taõ glorioso fim. Formaraõ a Infantaria, e com quarenta Cavallos, que juntou de la Morle, avançaõ aos inimigos com as espadas na mão com tanto impeto, que tornaraõ a restaurar a artilharia, que haviaõ perdido, a qual D. João da Costa fez voltar brevemente contra os inimigos com maravilhofo effeito; e dando sobre elles, obrigaraõ aos Castelhanos a se porem em fogida, largando o campo da batalha, que se via coberto de corpos mortos. Os nos-

fos os seguiraõ taõ picados de se terem visto taõ mal tratados no principio da batalha, que sem piedade os matavaõ, obrigando a muitos a lançarem-se ao Guadiana, onde afogados naõ tinhaõ melhor forte. Em fim ganharaõ os nossos a batalha, em que os Castelhanos perderaõ quatro Mestres de Campo, dous Sargentos môres, nove Capitaens de Cavallos, (o Conde de Montijo, e seu filho) quarenta e cinco de Infantaria, e outros muitos Officiaes, e entre mortos, e feridos foraõ mais de tres mil Soldados, tomaraõ-se quatro mil e quinhentas armas dos inimigos mortos, e dos que as largavaõ para mais levemente fogirem. Da nossa parte se perderaõ novecentos homens entre mortos, e feridos, em que entraraõ os Mestres de Campo Ayres de Saldanha, e D. Nuno Mascarenhas, Joaõ de Saldanha, Capitaõ de Cavallos, Bartholomeu de Saldanha, Capitaõ de Infantaria, Rodrigo Starh, Capitaõ de Cavallos Hollandez, e os Sargentos môres Belchior do Crato, e Jeronymo Ferrete, e oito Capitaens de Infantaria, tres, ou quatro da Cavallaria, e outros Officiaes. Os prisioneiros, que levarãõ, quando começou a batalha, foraõ o Mestre de Campo Eustachio Pique, os Capitães de Cavallos Fernaõ Pereira, e o Conde Francisco Fiefque, Genovez, Manoel de Saldanha, D. Diogo de Menezes, ferido com huma bala em huma perna, Jorge de Mello, Dom Francisco de Almada, ambos Capitaens de Infantaria, e Nuno da

da Cunha ; e Francisco Correa da Sylva , que serviaõ de Soldados , com muitas feridas.

Chegou a noticia da vitoria a Lisboa ; que ElRey recebeo com gofsto , e reconhecendo a mercede , que Deos lhe fazia , lhe foy render as graças à Sé , indo a pé com o Principe acompanhado de toda a Corte , Grandes , e Fidalgos , e seguido de muita gente nobre , e de immenso povo. Depois a mandou applaudir com demonstrações publicas de gofsto , e participar aos alliados o bom successo das suas Armas : espalhou-se , entre as mais Nações , a vitoria , e reputação das nossas Armas. A Mathias de Albuquerque fez ElRey Conde de Alegrete. Desta forte foraõ conseguindo em todas as Provincias do Reyno gloriosos progressos as Armas Portuguezas , que não só defendiaõ as suas Praças , mas entrando pelas fronteiras de Castella , destrui-raõ Praças , e ganharaõ outras , que conservaraõ por grande numero de annos ; de maneira , que alguns dos successos adversos , que experimentaraõ , foraõ motivo de conseguirem novas occasioens de reputação , e gloria.

Nas Conquistas foy ElRey acclamado , e obedecido , onde os nossos obraraõ milagres de valor contra os Hollandezes , que em odio de Castella invadiraõ algumas Praças do Estado da India , e da America ; e assim por quatorze annos sustentaraõ na Capitania de Pernambuco a guerra contra os Estados Geraes das Provincias Unidas , em que foraõ

Tom.VII.

Aa ii ven-

Anton. Coelho , Chronica delRey Dom João IV. m. 6.

vencidos por diversas vezes em particulares recontros, e nas duas celebres batalhas dos Gararapes, sendo General Francisco Barreto de Menezes; a primeira no anno de 1648, e a segunda no de 1649, devendo-se o principio desta restauração ao heroico, e generoso animo de João Fernandes Vieira no anno de 1645, em que começou a fazer guerra aos Hollandezes, em que teve igual gloria André Vidal de Negreiros, e a ambos fez ElRey diversas merces, com que honrou, e ennobreceo suas pessoas, a que se unirão D. Antonio Filippe Camarão, valeroso Brasiliano, Governador dos Indios da sua Nação, e Henrique Dias, Governador dos pretos seus naturaes, os quaes com acções de incrível valor deixarão na nossa Historia honrada memoria, com os quaes ElRey se houve tão grato, como elles satisfeitos; e assim lançarão fóra daquella Capitania aos Hollandezes, e veyo ElRey a ficar pacifico Senhor daquelle Estado. Na Africa o Reyno de Angola, em que a industria, e valor do General Salvador Correa de Sá e Benavides no anno de 1648 recuperou aquella Conquista do poder dos Hollandezes. Não seguiu a mesma fortuna a Ilha de Ceilão, porque ainda que na sua defensão se obração acções dignas de eterna memoria, que parecem incriveis na esfera do valor; a distancia, e a morte do Vice-Rey Conde de Sarzedas, D. Rodrigo Lobo da Sylveira, dificultava os soccorros necessarios a perigos mais urgentes, e cedendo o valor

valor à multidão reforçada por tantas vezes, veyo a ficar no dominio de Hollanda. Em Africa alcançou ElRey muita gloria, assim em Angola contra a Rainha Ginga, e outros Principes, como em Mazagaõ contra os Mouros, e em Tangere, donde se distinguiraõ desde o Conde de Sarzedas até o da Ericeira os seus valerosos Capitaens Generaes, fazendo este ultimo levantar o sitio com muita perda a Gaylap, que com vinte e cinco mil Mouros intentava ganhar esta Praça.

Entre as gloriosas acções do seu reynado será sempre admirada a protecção, com que generosamente soube conservar a Ley da hospitalidade contra o poder dos Parlamentarios, que a opprimiraõ, e occuparaõ violentamente a Coroa de Inglaterra, de que formaraõ huma Republica, sem que se embaraçasse do seu grande poder para deixar de acudir aos Principes Palatinos Roberto, Duque de Cumberland, General de Inglaterra, e seu irmão Mauricio, filhos de Federico V. Conde Eleitor Palatino, e de sua mulher a Princeza Isabel Stuard, irmã do infelice Carlos I. Rey da Grãa Bretanha, a quem serviaõ. Depois da tragica morte daquelle desgraçado Rey, seu filho ElRey Carlos II. andou discorrendo fugitivo com toda a familia Real para se livrar do tyranno Cromwel, de quem tambem os Principes Roberto, e Mauricio, por se livrarem, tomaraõ o porto de Lisboa por asylo da sua crueldade. Seguiu-os o General Blac, e apparecendo

recendo em Cascaes com a Armada Ingleza, composta de quinze navios, pertendeo se lhe entregassem os Principes. Sentio ElRey a ousadia, e lhe respondeo com Real resolução. E pervenindo-se de algum defacato, que pudesse intentar Blac, fez marchar de Alentejo tres Terços de Infantaria, e duzentos Cavallos, prevenindo os Lugares maritimos, nomeando para governar Peniche ao Conde da Ericeira Dom Fernando de Menezes, Setuval o Conde de Prado D. Francisco de Sousa, em Cascaes o Conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes, onde passou a mayor parte da Nobreza. Chamou ElRey o Conselho de Estado, em que elle assistio, a Rainha, e o Principe: vacillavaõ os Ministros nos discursos, sem poderem determinar-se na resolução. Alguns reconhecendo ser indispensavel a Ley da hospitalidade, diziaõ, que não podia haver modo de se poder violar sem injuria propria, e que era difficiloso de praticar o haver de desamparar huns Principes, depois de seguros, e admittidos na protecção delRey. Outros politicos, que não ignorando a sua devida observancia, passavaõ considerando o estado, e situação presente; assim tinhaõ por mais acertado attender à conservação propria, quando no risco de quebrar com os Parlamentarios, se lhe seguia o de ter por inimiga huma das Nações mais populosas da Europa, sustentando voluntarios huma guerra com Inglaterra ao mesmo tempo, que na Europa a tinhamos com
Castella,

Castella, e na America, e Asia com Hollanda, e na Africa com os Barbaros; e que assim podia muito bem servirmos de idéa o silencio de França, tão unida em sangue, e outras allianças com o perseguido Rey, e nem por isso soccorrerá ao parente, e ao alliado, e que este exemplo nos era tão favoravel, como a razaõ de evitarmos a nossa total ruina. Porém o Principe D. Theodosio dotado igualmente de hum espirito vivo, que de hum sublimengelho, cheyo de Real resolução, foy de differente parecer, mostrando com eloquencia, e solidas razoes, que ElRey devia amparar aos Principes Palatinos, quando perseguidos haviaõ buscado a sua protecção; a qual conservada, gozaria Sua Magestade na posteridade tão gloriosa memoria por esta acção, como merecia haver deixado illeso o sagrado direito da hospitalidade, que iniquamente pertendiaõ os Parlamentarios se violasse, e que era indubitavel, que conservando Sua Magestade a justiça, o Ceo defenderia a causa. E se os Parlamentarios pertendessem entrar no Porto de Lisboa contra sua vontade, por nenhum caso nos deviamos deixar opprimir das suas armas, antes as haviamos de rebater; porque sendo contrangidos, a defensão natural esperava infallivelmente a vitoria: e com outras muitas razoes bem ponderadas mostrou no seu voto o valor, e generosidade do seu animo.

ElRey confirmando a sua idéa com o voto do Principe, se persuadio à protecção dos Principes Palati-

Palatinos. Depois de haverem passado diversas propostas do General Blac , e persistindo elle na entrega, ou no rompimento de huma guerra, mandou ElRey guarnecer a Marinha, e apparellhar huma Armada de treze navios , que em breves dias se puzeraõ prestes para dar à véla. Nomeou por General a Antonio de Sequeira Varejaõ , e por Almirante a D. Pedro de Almeida irmão do Conde de Avintes, que havia pouco chegara por Capitaõ môr das naos da India. Os Principes Palatinos satisfeitos, e alegres ajuntaraõ os seus navios à Armada, e a 20 de Julho deraõ à véla. Os Parlamentarios tanto, que viraõ sahir a Armada, levarã as ancoras, e se fizeraõ ao mar. O General Antonio de Sequeira os seguiu, e sem outro progressõ se recolheo a Lisboa. Foy murmurada esta taõ prompta volta ao porto sem haver peleijado, o que poderia fazer com muitas ventagens. Alguns approvaraõ esta acçaõ, porém ElRey a condemnou, depondo-o do cargo, que deu a Jorge de Mello, que conservava o titulo de General das Galés, sem em toda a Armada haver outra mudança. Antonio de Sequeira embarcou por voluntario na Armada, que elle havia taõ pouco mandara. Dentro de poucos dias fizeraõ as duas Armadas segunda sahida, naõ com melhor successo. Os Ingleses voltaraõ a Lisboa, e Jorge de Mello querendo dar segunda vez caça à Armada, se foy chegando ao inimigo, mas apenas se havia alargado ao mar, teve

teve hum temporal tão rijo , que espalhou toda a nossa Armada, da qual alguns navios foraõ dar ao Algarve , padecendo os mais delles grandes incommodos por falta de mantimentos. Dom Francisco de Sousa, Capitaõ de hum dos navios da Armada, encontrou a do Parlamento , que o atacou , sustendo elle com valor desmedido huma cruel contenda , não se rendendo o seu navio em quanto lhe durou a vida , e sendo morto , e a mayor parte dos seus , foy tomado o navio. O de Manoel Pacheco de Mello teve melhor fortuna , porque achando-se na barra entre a Armada do Parlamento , e fazendo-lhe esta sinal para que se rendesse , elle lhe respondeu com huma descarga da sua artilharia ; e carregando-o os Inglezes , elle se desembaraçou , e ganhou o porto de Lisboa. Continuou a Armada Ingleza em cruzar na nossa Costa , e encontrando a frota do Brasil , levarão quinze navios de commercio ; e porque o Inverno começava a entrar com grande rigor , largaraõ os nossos mares , desembarçando a sãhida dos Principes Palatinos , que seguirãõ a sua derrota , reconhecendo os grandes beneficios , que haviaõ recebido delRey , que nesta acção mostrou tanto valor , como constancia , conservando na soberania o respeito devido à Magestade , o que eternamente será applaudido.

Finalmente elle se vio Senhor não só do Reyno de Portugal , e Algarves , mas de todos os Dominios Ultramarinos da Coroa Portugueza , não fi-

Tom.VII.

Eb

cando

cando em tão dilatadas Conquistas à Coroa de Castella mais, que a Praça de Ceuta em Africa. E vendo-se, que a sua fortuna era incontrastavel a todo o poder de Hespanha, intentaraõ os Ministros de Castella tirarlhe a vida, offerecendo-se para essa aleivosa acção hum Portuguez chamado Domingos Leite, e não sendo de humilde nascimento, era de animo perverso, e aleivoso, e intentou executar esse delicto no dia 20 de Junho de 1647, quando ElRey fosse acompanhando o Santissimo Sacramento na celebração da Festa do Corpo de Deos; e não podendo conseguir intento tão atroz, ou por preocupação do horror, ou por permissão Divina, voltou a Madrid, onde forjando varias desculpas lhe foraõ aceitas, e veyo segunda vez a Portugal com o mesmo proposito; e sendo descoberto anticipadamente por hum seu confidente chamado Manoel Roque, que com mayor reflexão conheceo a indigna execução, a que estava convidado, deu conta a ElRey do caso, e sendo prezo Domingos Leite, foy sentenciado, acabando com morte infame o author de delicto tão atroz, que fez mais detestavel o seu crime, o ser elle hum dos primeiros homens, a quem ElRey despachou com a mercede do officio de Escrivão do Crime da Corte. Deste beneficio rendeo ElRey as graças a Deos, e a Rainha em testemunho de tão assinalada mercede do Ceo, no mesmo lugar, em que se pertendeo tirar a vida atrevida, e aleivosamente a ElRey, mandando

dando edificar hum Convento com a vocação de *Corpus Christi*, que habitão os Religiosos de Santa Theresã. Edificou de novo o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, que dotou sobre as rendas, que já tinha, com huma larga quantia, para em quanto durassem as obras, que no reynado de seu filho ElRey D. Pedro se acabaraõ. No seu tempo se estabeleceraõ neste Reyno os Clerigos Regulares de S. Caetano, sendo o primeiro, que nelle entrou no anno de 1648 o Padre D. Antonio Ardizone vindo da India, onde havia sido Missionario Apostolico, e feito grandes serviços a Deos na conversão dos Infeis, o qual foy Varaõ douto, com grande zelo, e naõ menor talento. ElRey o favoreceo com Real benignidade, e sendo elle por nascimento Napolitano, era tal o seu modo de vida, que se fez grato à Magestade, que lhe concedeo, que os Religiosos Theatinos Missionarios, sem embargo de Estrangeiros, pudessem passar à India, embarcando-se em Lisboa nas naos, que todos os annos passavaõ àquelle Estado; e juntamente o poder ter hum Hospicio nesta Corte, por hum Alvará passado em Lisboa a 12 de Fevereiro de 1650. No qual depois de relatar os motivos, que o obrigaraõ a esta merce, sejamõ licito referir huma clausula do mesmo Alvará por testemunho do respeito, e grãtadaõ, que conservamos à piedade daquelle grande Rey, diz assim: *E tendo a tudo consideração, e particularmente à satisfação, que tenho do procedimen-*

Prova num. 10.

to, e virtude, e letras do dito D. Antonio Ardizone, e serem os seus Religiosos de muito exemplo, e a sua Religião bem recebida nesta Cidade de meus Vassallos, pelo grande fruto, que faz na Igreja de Deos, e raro exemplo de pobreza, que professa, por viver dependente da Providencia Divina. Neste Hospicio se conservaraõ os Clerigos Regulares por muitos annos, até que ElRey D. Pedro, sendo Regente, lhe concedeo licença para fundarem a Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, orago que já tinha o Hospicio, por Alvará de 11 de Outubro de 1681.

Tendo ElRey D. Joaõ reynado com prospera fortuna, celebrado diversas Cortes, em que poz na sua observancia as Cortes de Lamego, esquecidas de seus Predecessores, e estabelecido Leys utilissimas, que encorporou nas Ordenações do Reyno, restituiu o Paço à sua Real authoridade no exercicio dos Officiaes da sua Casa, do Reyno, Corte, e Casa, ordenando hum Regimento do modo de servirem a sua Real pessoa, que inalteravelmente era praticado, e outros utilissimos usos pertencentes ao modo das audiencias, que determinou certas nas terças, e quintas feiras de cada semana com muita authoridade, para evitar a confusão, e indecencia, e cada hum tivesse o lugar, que pela sua dignidade, e caracter lhe pertencia, publicando hum Decreto para o Porteiro môr, feito em 23 de Dezembro de 1640, e outro para o Mestre

Prova num. 11.

Prova num. 12.

Prova num. 13.

o Mestre Salla. Erigio novos Tribunaes para maior utilidade de seus Vassallos: a saber, o Conselho de Guerra por Decreto de 11 de Dezembro de 1640, ao qual concedeo huma grande authoridade, e preeminencias, ordenandolhe Regimento, feito em 22 de Dezembro de 1643. As pessoas, que El-Rey nomea para Conselheiros de Guerra não tiraõ Carta, ou Patente do lugar, o qual exercitaõ sómente pelo aviso, que lhe faz o Secretario de Estado. Não tem este Tribunal Presidente, porque nelle sómente preferem huns aos outros, não pelo tempo do Conselho, mas pelas preeminencias da grandeza, e authoridade dos seus titulos, ou empregos, de sorte, que todos os Conselheiros de Estado, o são de Guerra, como se vê declarado no §. 10. do Regimento, que diz: *Quando os Conselheiros de Estado forem ao Conselho, tomarão lugar conforme a sua preferencia &c.* Porém estes por hum Decreto delRey D. Pedro II. de 9 de Outubro de 1691 preferem nas Juntas, e nos Tribunaes, e em todas as partes, a que forem por ordem delRey, a todos os que não forem Conselheiros de Estado. Costumava ElRey ir a este Tribunal quando lhe parecia, para o que tem sempre docel, e cadeira no topo, e pelas ilhargas bancos de espaldas para os Conselheiros: e quando ElRey hia ao Conselho, dispoem o mesmo Regimento, que se abaixaráõ os espaldares dos bancos, e se tirará a cadeira do Secretario, (que he raza) o qual estará em pé, e quando

Prova num. 14.

quando houvesse de escrever, seria de joelhos em hum bafete pequeno, que para isso haverá no Tribunal; sendo este Tribunal, em que o Secretario o he delRey, e não do Tribunal. Ordenou El-Rey mais no Regimento, que quando os Conſelheiros forem chamados ao Paço por ElRey, teráõ o aſſento, que lhes será aſſinalado, de ſorte, que eſte Tribunal he de grande respeito; porque os Conſelheiros de Guerra ſão ſempre as peſſoas de mayor authoridade em grandeza, e illuſtre ſangue, como pelos póſtos Militares, e com honras Militares: e pela nova Ley de 1739 ſeráõ todos Meſtres de Campo Generaes, e poderáõ ſer tratados por Excellencia.

Prova num. 15.

E por hum Alvará de 18 de Janeiro do anno de 1643 erigio o Tribunal da Junta dos Tres Eſtados, conformando ſe nelle ao que ſe havia aſſentado nas Cortes do anno antecedente; e ſoraõ os primeiros Miniſtros o Doutor Sebaſtiaõ Ceſar de Menezes, do ſeu Conſelho, e do Geral do Santo Officio, Deſembargador do Paço, e Biſpo eleito do Porto, D. Antão de Almada, do ſeu Conſelho, que havia ſido Embaixador na Corte de Grãa Bretanha, e D. Alvaro de Abranches da Camera, do ſeu Conſelho de Guerra, que eraõ nomeados pelo eſtado da Nobreza, e o Biſpo D. Manoel da Cunha, ſeu Capellaõ môr, pelo eſtado Eccleſiaſtico, e Francisco Carvalho, Conſelheiro da Fazenda, os quaes começaraõ o deſpacho daquelle Tribunal, a que

que
com
cret
Fid.

por
taõ
çãõ
do (
civa
ſelhe
rãõ]
João
loqu
que
haver
deu
gar
Rey
igua
Faze
larga
hãõ de
de S.
tes U
da M
ſida
das d
Guer

que pertencia a administração dos tributos, e mais assignações pertencentes à guerra, nomeando Secretario da Junta a João Pereira de Castello Branco, Fidalgo da sua Casa, e Escrivão da sua Camera.

Erigio o Tribunal do Conselho Ultramarino por Decreto de 16 de Julho de 1643, dandolhe então por Presidente o Vedor da Fazenda da repartição da India, que era o Marquez de Montalvão, do Conselho de Estado, e por Secretario hum Escrivão do Conselho da Fazenda, creando dous Conselheiros de capa espada, e hum de letras, que foram Jorge de Albuquerque, Jorge de Castilho, e João Figueira Delgado, Inquisidor Apostolico da Inquisição de Lisboa, e dous Porteiros, dizendo, que seriaõ dos da Casa da Casa Real, e dandolhe hum casa no Paço para o Tribunal: depois selhe deu Presidente separado do Vedor da Fazenda, lugar que sempre occuparaõ as mayores pessoas do Reyno, e o Secretario, ainda que com a mesma igualdade de Carta, differente dos Escrivaens da Fazenda, e mayor numero de Ministros. He muy larga a jurisdição deste Tribunal, porque comprehendendo os Estados da India, e Brasil, Guiné, Ilhas de S. Thomé, e Cabo-Verde, e todas as mais partes Ultramarinas, excepto as Ilhas dos Açores, e da Madeira, e lugares de Africa. Por elle se consulta a provisão de todos os Bispos, e governos das ditas partes, officios de Justiça, Fazenda, e Guerra: por elle se passaõ as Cartas, e Provimientos,

Prova num. 16.

tos, que delles se fazem, e as Patentes, e despachos dos Vice-Reys, Capitaens Generaes, Governadores, que passaõ às ditas Conquistas, excepto as Cartas das nomeações dos Bispos, que se enviaõ a Roma, porque estas correm pelo Secretario de Estado, as quaes sãõ lavradas pelas Portarias feitas pelo Secretario do Conselho, e assinadas pelo Presidente. Este, os Conselheiros, e Secretario do Conselho, gozaõ dos privilegios concedidos na Ordenação ao Regedor, e Desembargadores da Casa da Supplicação, e aos mais Tribunaes, e Ministros declarados nas ditas Ordenações do Reyno, de sorte, que logra todas as preeminencias, que sãõ concedidas aos mayores Tribunaes, como se vê do Regimento, que ElRey lhe mandou dar, feito a 29 de Janeiro de 1643. A sua origem tambem he mais antiga, porque nelle foy restabelecido o Tribunal do Conselho da India, que creou ElRey D. Philippe III. como se vê do Regimento, que lhe deu, e está na Torre do Tombo, o qual acaba assim: *E mando, que passe pela Chancellaria, e que se imprima, e dê huma copia impressa a cada hum dos Conselheiros, e Secretarios do dito Conselho. Valhedolid a 25 de Julho, Antonio de Almeida o fez 1604, e eu Martim Affonso Mexia, Secretario de Estado, o fiz escrever.* Este Tribunal da India parece naõ durou muitos annos, pelo que ElRey Dom João, que achou as Conquistas do seu Reyno invadidas de inimigos na India, Brasil, e Angola, quando recuperou

Torre do Tombo liv. 3.
das Leys, fol. 7.

cuperou a Coroa, considerando a sua utilidade, o renovou, erigindo o Tribunal do Conselho Ultramarino.

A Companhia da Junta do Commercio, de que então resultaraõ grandes utilidades ao Reyno, teve principio por hum Alvará por modo de contrato, que ElRey mandou passar a 6 de Fevereiro de 1649, em virtude do qual os homens de negocio desta Corte instituirão com certas condições a Junta do Commercio, sem que a fazenda Real entrasse com cousa alguma, na qual podiaõ entrar todas as pessoas de qualquer qualidade, assim Portuguezas, como Estrangeiras, com a quantia de vinte cruzados para cima, o qual contrato duraria vinte annos; e no caso de o quererem reformar por mais dez annos, ficaria logo reformado, que dentro em dous poriaõ trinta e seis naos de guerra no mar em duas esquadras, cada huma de dezoito naos de vinte até trinta peffas de artilharia para comboyarem as frotas do Brasil, concedendolhe ElRey por Estanco certos generos comestiveis, a que depois se ajuntou a administração do pao do Brasil, e que a Junta seria independente de todos os Tribunaes, com livre administração, e sómente immediata a Sua Magestade. Depois commutando-se os referidos generos em outros direitos, e conveniencias, se reduzio a obrigação do Comboy a dez naos de guerra sómente, e foraõ os cabedaes da Junta por Decreto de 19 de Agosto de 1664 encorporados à

Tom.VII. Cc Co-

Prova num. 17.

Coroa , e às partes interessadas se deraõ conigna-
ções para o seu pagamento , dando-se à Junta ou-
tra fôrma com Presidente , de que foy o primeiro o
Conde de Atouguia Dom Jeronymo de Ataide , e
com certos Deputados , e Ministros para Tribunal ;
e porque no Regimento de 21 de Setembro de 1663,
quando se reformou , e reduzio a Tribunal , se não
acodio a tudo o que era conveniente , se lhe deu
novo Regimento feito a 19 de Setembro de 1672 ,
e nesta fôrma durou muitos annos : porém consi-
derando-se depois , que a instituiçaõ , e convenien-
cias do Tribunal não correspondiaõ às utilidades
passadas , foy totalmente abolido este Tribunal por
hum Alvará com o vigor de Ley , passado no pri-
meiro de Fevereiro de 1720.

Prova num. 18.

Tambem para mayor expediente , e divisaõ
dos negocios Politicos , Militares , e Mercês , que
corriaõ pela Secretaria de Estado , lhe deu ElRey
D. Joaõ IV. huma nova fôrma , dividindo as ma-
terias , que lhe haviaõ de pertencer , e as que ha-
viaõ de tocar à Secretaria , que chamou das *Mer-
cês* , e *Expediente* , como se vê de hum Alvará fei-
to em Lisboa a 29 de Novembro de 1643 , e nesta
occupaçãõ foy empregado Gaspar de Faria Seve-
rim. E para mais alivio dos Secretarios , e utilida-
de dos seus Vassallos creou novo Secretario para a
Assinatura , a quem eraõ remettidos todos os papeis
lavrados pelo expediente dos Tribunaes , e deviaõ
ser affinados por ElRey , excepto os das Secretarias
de

Prova num. 19.

de Estado, e das Mercês, porque estes mesmos os levavaõ à presença delRey, e nesta fórma duraraõ estas Secretarias até o anno de 1736; porque ElRey D. João V. lhe deu melhor ordem, creando tres Secretarios de Estado, como diremos em seu lugar.

Desejou muito pôr as Ordens Militares na observancia das suas Definições, Bullas, e costumes, para o que nomeou Commendadores môres. Ao Infante Dom Duarte seu irmaõ fez Commendador môr de Christo, e pela sua ausência em Alemanha nomeou seu Tenente a Dom Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, do Conselho de Guerra. Ao Infante D. Affonso seu filho, que depois foy Rey, nomeou Commendador môr de Santiago, e pela sua menoridade, por seu Tenente a Pedro de Mendoça Furtado, Alcaide môr de Mouraõ. E de Aviz, de que era Commendador môr D. Francisco Luiz de Lencaestre, que se achava ausente em Castella, nomeou por seu Tenente a Fernaõ Telles de Menezes, do Conselho de Guerra. Aos Religiosos de S. Bernardo restituiu as rendas, que se lhe tinhaõ dividido, com titulo de Abbadia Commendataria do Real Mosteiro de Alcobaça, mandando passar Carta Patente aos Dons Abbades de Alcobaça do cargo de Esmoler môr, feita em Lisboa a 18 de Agosto de 1642, e nella diz: *Que por outra de 4 de Fevereiro do dito anno, restituirá ao Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça os bens, e*

Torre do Tombo, liv.
14. da sua Cancellaria
fol. 7.

Tom.VII.

Cc ii ren-

rendas, e jurisdicções, que se haviaõ desannexado, o cargo de esmolero mór, e lho dá para os Abbaes Gerões quando estiverem presentes, e para a sua ausencia nomearão por escrito para em virtude della lhe mandar passar Carta. O que na mesma fórma se pratica. Tambem ordenou, que no mesmo Mosteiro se restituísse o *Lausperenne*, que em tempos antigos tinha havido naquella Casa, e se observa hoje com grande veneração do Santissimo Sacramento, em cuja presença estão Religiosos de dia, e de noite em todo o anno occupados em louvores de Deos. Não teve effeito esta devoção no seu reynado, mas veyo-se a dar a ella cumprimento no anno de 1672 no reynado de seu filho. Com o mysterio da Purissima Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa teve tão grande devoção, que nas Cortes, que celebrou em Lisboa no anno de 1646, a declarou por Padroeira, e Defensora dos Reynos, e Senhorios de Portugal. Pelo que em o dia, que a Igreja celebrava a festa da Annunciação da Senhora, que foy no Domingo de Ramos do anno de 1646, pelas tres horas da tarde jurou a Conceição Immaculada, e para eterno padraõ da sua piedade, lançaremos aqui a propria Provisão, que mandou passar, e he a seguinte.

„ Dom João por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, daquem, e dalem mar, em
 „ Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio de Ethiopia, Arabia, Per-
 „ sia,

Santos, *Allegação illustre*
Paula, tit. 18. pag. 552.

„lia, e da India, &c. Faço saber aos que esta mi-
„nha Provisão virem, que sendo ora restituído
„por merce muito particular de Deos Nosso Se-
„nhor à Coroa desses meus Reynos, e Senhorios
„de Portugal, considerando, que o Senhor Rey
„D. Affonso Henriques, meu Progenitor, e pri-
„meiro Rey deste Reyno, sendo aclamado, e le-
„vantado por Rey, em reconhecimento de tão
„grande merce, de consentimento de seus Vassal-
„los, tomou por especial Advogada sua a Virgem
„Mãe de Deos, Senhora nossa, e debaixo de sua
„sagrada protecção, e amparo lhe offereceo a todos
„seus successores, Reynos, e Vassallos, com par-
„ticular tributo em final de feudo, e vassallagem.
„Desejando eu imitar seu santo zelo, e a singular
„piedade dos Senhores Reys meus predecessores,
„reconhecendo ainda em mim aventajadas, e con-
„tinuas merces, e beneficios da liberal, e poderosa
„mão de Deos Nosso Senhor, por intercessão da
„Virgem Nossa Senhora da Conceição. Estando
„ora junto em Cortes com os Tres Estados do
„Reyno, lhe fiz propor a obrigação, que tinha-
„mos, de renovar, e continuar esta promessa, e ve-
„nerar com muito particular affecto, e solemnida-
„de a festa de sua Immaculada Conceição. E nel-
„las com parecer de todos assentámos de tomar
„por Padroeira de nossos Reynos, e Senhorios a
„Santissima Virgem Nossa Senhora da Conceição,
„na fôrma dos Breves do Santo Padre Urbano Oi-
„tavo,

„tavo, obrigandome a haver confirmação da San-
„ta Sé Apostolica, e lhe offereço de novo em meu
„nome, e do Principe Dom Theodosio meu sobre
„todos amado, e prezado filho, e todos meus des-
„cendentes successores, Reynos, e Vassallos à sua
„Santa Casa da Conceição sita em Villa-Viçosa,
„por ser a primeira, que houve em Hespanha des-
„ta invocação, cincoenta cruzados de ouro em
„cada hum anno, em final de tributo, e vassalla-
„gem. E da mesma maneira promettemos, e ju-
„ramos com o Principe, e Estados de confessar, e
„defender sempre, (até dar a vida sendo necessario)
„que a Virgem Maria Mãe de Deos foy concebi-
„da sem peccado original, tendo respeito a que
„a Santa Madre Igreja de Roma, a quem somos
„obrigados seguir, e obedecer, celebra com parti-
„cular Officio, e Festa sua Santissima, e Immacu-
„lada Conceição; salvando porém este juramento
„no caso, em que a mesma Santa Igreja resolva o
„contrario. Esperando com grande confiança na
„infinita misericordia de Deos Nosso Senhor, que
„por meyo desta Senhora Padroeira, e Protectora
„de nossos Reynos, e Senhorios, de quem por hon-
„ra nossa nos confessamos, e reconhecemos Vassal-
„los, e tributarios, nos ampare, e defenda de nos-
„sos inimigos com grandes accrescentamentos des-
„tes Reynos, para gloria de Christo nosso Deos,
„e exaltação de nossa Santa Fé Catholica Roma-
„na, conversão das gentes, e redução dos Here-
„ges.

ges. E se alguma pessoa intentar cousa alguma
contra esta nossa promessa, juramento, e vassalla-
gem, por este mesmo feito, sendo Vassallo, o ha-
vemos por não natural, e queremos, que seja lo-
go lançado fóra do Reyno; e se for Rey, o que
Deos não permitta, haja a sua, e nossa maldicaõ,
e não se conte entre nossos descendentes, esperan-
do, que pelo mesmo Deos, que nos deu o Rey-
no, e sobio à Dignidade Real, seja della abati-
do, e despojado. E para que em todo o tempo
haja certeza desta nossa eleicaõ, promessa, e jura-
mento, firmada, e estabelecida em Cortes, man-
damos fazer della tres Autos publicos, hum, que
será levado à Corte de Roma, para se expedir a
confirmaçaõ da Santa Sé Apostolica; e outros
dous, que juntos à dita confirmaçaõ, e esta mi-
nha Provisão se guarde no Cartorio da Casa de
Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, e
na nossa Torre do Tombo. Dada nesta nossa Ci-
dade de Lisboa aos vinte e cinco dias do mez de
Março. Balthesar Rodrigues Coelho a fez, an-
no do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo
de mil e seiscentos e quarenta e seis. Pedro Vi-
eira da Sylva a fez escrever.

REY.

E querendo manifestar mais este testemunho da sua
piedade, mandou pôr nas partes mais publicas des-
ta Cidade diversos Padroens, onde se lê :

ETER-

ÆTERNIT. SACR.
 IMMACVLATISSIMÆ
 CONCEPTIONI MARIÆ
 IOAN. IV. PORTVGALL. REX
 VNA CVM GENERAL. COMITIIS
 SE, ET REGNA SVA
 SVB ANNVO CENSU TRIBVTARIA
 PVBLICE VOVIT,
 ATQVE DEIPARAM IN IMPERII TVTELARĒ
 ELECTAM
 A LABE ORIGINALI PRAESERVATĀ PERPETVO
 DEFENSVRVM
 IVRAMENTO FIRMAVIT,
 VIVERET VT PIETAS LVSPAN.
 HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE
 PERENNE
 EXARARI IVSSIT
 ANN. CHRISTI M. DC. XL. VI.
 IMPERII SVI VI.

E para que se inflammassẽ os seus Vassallos
 em obsequio da Virgem Santissima, mandou bater
 huma medalha de ouro, e prata em louvor da Sa-
 grada Conceição da Virgem com a Imagem da Se-
 nhora, na fórma, que vay esculpida no Livro V.
 que por huma Ley mandou correr, a de ouro pe-
 lo valor de doze mil reis, e a de prata por seis to-
 toens; e tambem ordenou, que na Univerfidade
 de Coimbra ninguem pudesse ser unido ao seu cor-
 po,

po, tomando grao, sem primeiro jurar a Pureza da Senhora neste Myfterio. O que mandou intimar à Univerfidade por huma Carta de 17 de Janeiro de 1646, na qual ordenava, que todos os Lentes, e Eftudantes, quando tomassem qualquer grao, jurassem defender, que a Virgem Noíſa Senhora fora concebida em graça sem a macula do peccado original, como ſe obſervava na Univerfidade de Salamanca deſde o anno de 1618, e com a dita Carta mandou a fórma do tal juramento, que ſe imprimio no fim dos Estatutos da meſma Univerfidade. Leo-ſe a Carta em Claútro a 20 de Junho do dito anno, em que ſe aſſentou ſe fizeſſe o juramento com a mayor ſolemnidade poſſivel; e aſſim a 28 do dito mez (precedendo na veſpera à noite luminarias, e repiques na Univerfidade, e em todos os Collegios, e outras demonſtrações de applauſo) ſe ajuntaraõ os Lentes de todas as faculdades na Capella da Univerfidade, onde diſſe Miſſa de Pontifical D. Leonardo de Santo Agoſtinho, Geral dos Conegos Regrantes, e Cancellario da Univerſidade; prégoú Fr. Leaõ de Santo Thomás, Monge de S. Bento, Lente de Veſpera de Theologia igualado a Prima. Acabado o Pontifical, o Geral Cancellario ſe poz a hum lado do Altar com Mitra, e Bago, e fez o juramento lendo-o em voz alta, eſtando todos de joelhos, e elle em pé; e deſcendo os degraos do Altar, ſe aſſentou no plano em huma cadeira com hum Miſſal diante, e logo o

Tom.VII. Dd Rey.

Reytor acompanhado do Secretario, e Bedeis com maças, posto de joelhos, fez o juramento, e o mesmo fizeram os Lentes de todas as faculdades por sua ordem. Em memoria deste juramento se levantou huma pedra com huma Inscriptão, que está na Capella junto do Altar de Nossa Senhora, e desde então se observa inviolavelmente este obsequioso reconhecimento da devoção delRey.

Finalmente tendo feito liga com poderosissimas Potencias de Europa, em que enterteve os seus Embaixadores com grande luzimento, e recebido com magestade os dos seus Alliados; sendo dotado de tão religiosa piedade, que antepoz sempre as Leys Divinas aos interesses humanos, com tal veneração à Santa Igreja de Roma, que por justificar a sua obediencia buscou todos os meys, e fez as diligencias mais poderosas pela conseguir, não se persuadindo já mais das razoes, com que os Theologos o persuadirão na materia dos Bispos; e tendo vencido a seus inimigos em Europa, e tendo-se defendido em Africa, peleijado na Ásia, e triunfado na America, lhe sobreveyo huma supressão, em que não obrando os remedios da medicina, luzirão os da piedade Christãa em fervorosos actos de Fé, Esperança, e Caridade, corroborados com o Santissimo Viatico: e tendo com animo Real exhortado a seus filhos ao amor, e amizade, aos Vassallos de mayor distincão à concordia, e ao zelo do bem da Patria, pacificou as Familias, que estavam desavin-

desfavindas, aos Ministros de mayor caracter recom-
mendou as obrigações dos seus lugares, aos Gene-
raes, e Officiaes mandou, que partissem logo para
as suas Provincias, e chamou à sua presença ao
Conde de Soure, Governador das Armas da Pro-
vincia de Alentejo, ao qual advertio todos os acci-
dentes, que podiaõ occorrer depois da sua morte,
apontandolhe prudentissimos meynos para os ata-
lhar, e depois de lhe segurar a grande confiança,
que sempre fizera do seu zelo, valor, e prudencia,
lhe ordenou partissem logo para Alentejo. O Con-
de opprimido do sentimento, brotandolhe os olhos
affectuosissimas lagrimas, foraõ estas as mais elo-
quentes expressões, com que agradeceo a ElRey
a honra, com que repetia as virtudes, de que elle
se adornou, e separado delRey, sem interpolação,
passou para Alentejo.

Ordenou ElRey o seu Testamento com gran-
de piedade, e religião; porque nelle se vê o amor,
uniaõ, e estimação, que fazia da Rainha, que dei-
xou por sua Testamenteira, nomeando-a por Tu-
tora, e Curadora do Principe, e Infantes seus fi-
lhos, e Regente, e Governadora, em quanto du-
rassse a menoridade do Principe. E porque no ca-
so de succeder, que falecesse a Rainha, ainda na
menoridade do Principe, mandou, que a Rainha
neste caso pudesse nomear Tutor, ou Tutores, Cu-
rador, ou Curadores, e Governador, ou Governadores
dos seus Reynos, como a ella lhe parecesse,

Prova num. 20.

Tom. VII.

Dd ii

o que

o que tudo se compriria como se elle o mandara. Esta substituição authorisou com o poder Real, e absoluto, dispensando as Leys, ou Ordenações, que dispuzessem o contrario. Mandou, que o seu corpo fosse sepultado no Coro da Capella môr do Mosteiro de S. Vicente de Fóra, no lugar, que parecesse mais decente à Rainha, ordenando, que ao mesmo Mosteiro seriaõ trasladados os ossos do Principe D. Theodosio, e da Infanta D. Joanna seus filhos, que estavaõ em deposito no Mosteiro de Belem, instituindo quatro Missas quotidianas, que diriaõ os Religiosos, duas pela sua alma, e duas pela do Principe, e Infantes seus filhos. Deixou nomeada à Rainha a pessoa, que havia de ser Ayo do Principe. Deixou tambem hum papel de couzas particulares, o qual se cumpriria como parte do seu Testamento, e era assinado por ElRey, e pelo Bispo eleito do Japaõ, seu Confessor, pelo Bispo eleito da Guarda, pelo Padre Joaõ Nunes, Confessor da Rainha, Antonio Cavide, e o Doutor Pedro Fernandes Monteiro. Finalmente ao arbitrio da Rainha entregou todas as suas disposições mais particulares com grande confiança, como se vê deffas formaes palavras: *Nomeo por minha Testamenteira, executora desta disposição, e dos descargos de minha alma à Rainha, minha sobre todas muito amada, e prezada mulher, e lhe rogo pelo amor, que lhe tenho, e pela grande estimação, que sempre fiz da sua pessoa, e de suas virtudes, se lembre, que a muita*
confi-

confiança, com que lhe entrego a minha alma, os Reynos, e os filhos, merece achar tudo isto nella, a correspondencia, que sempre experimentey no seu amor. As Missas, as esmolas, e mais suffragios da alma, e a fôrma do meu enterramento deixo à disposição da Rainha minha Testamenteira, de quem tenho por muito certo fará tudo melhor, e com mais largueza, do que eu o declararia; e recommendoulhe a educação de seus filhos, e o amparo dos seus criados, e outras memorias dignas de hum Rey prudente, e Christão: e concluindo com as ultimas clausulas do seu Testamento, faremos o mayor elogio da sua pessoa, porque ellas abonão o acerto das suas acções, mostrão a grandeza do seu coração, o amor, que teve aos seus Vassallos, a justiça, com que reynou, e sobre tudo a Christandade, com que obra-va, de sorte, que estas virtudes, que o fizeraõ digno de hum Imperio, devemos piamente crer lho conseguiraõ mais glorioso na eternidade. Saõ as suas proprias palavras as seguintes: Os Principes saõ mais obrigados, que os outros homens, a justificar seus procedimentos para com o Mundo, principalmente quando delles resulta honra, e credito para a sua Nação, e Vassallos: por esta razão tenho por conveniente declarar neste lugar, que pela hora, em que estou, e pela conta, que hey de dar a Deos, me resolvi a restituirme a esta Coroa, sem nenhum respeito particular da minha pessoa, senão por livrar os Reynos, que me pertencem, das misérias, que lhe via pa-
decer

decer em estranha sujeição, e por entender era obrigado a isso em minha consciencia, sujeitandome por esta causa, a vida, e trabalhos, poderaõ ser diferentes da minha inclinação; e como o meu intento foy tão justo, tenho, e tive sempre por certo da bondade, e justiça de Deos, se pague muito delle, e assim o experimentey, e lho desejey merecer no governo de meus Reynos; porque pela mesma hora, em que estou, afirmo, que não fiz nelle cousa contra o que entendi, assim no governo commum, como em requerimentos particulares de meus Vassallos, a que desejey contentar, e fazer merce, quanto a justiça, e estado das cousas do Reyno o permittiraõ. Foy feito o Testamento em 2 de Novembro de 1656, escrito pelo Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, ao qual foraõ presentes, e testemunhas nomeadas por ElRey, o Marquez de Niza, do Conselho de Estado, o Marquez Mordomo môr D. João da Sylva, o Bispo Capellaõ môr, do Conselho de Estado, o Conde de Odemira, do Conselho de Estado, e Presidente do Conselho Ultramarino, o Conde de Villar-Mayor, do Conselho de Estado, o Conde de Villa-Pouca de Aguiar, do Conselho de Estado, o Conde de Miranda, o Conde Camereiro môr, do Conselho de Estado, o Conde de Soure, do Conselho de Guerra, Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado, e Vêdor da Fazenda, o Visconde de Villa-Nova da Cerveira, o Conde de Prado, Estribeiro môr, Luiz de Mello, Porteiro môr, D. João

João de Almeida, Vêdor da Casa delRey, D. Antonio de Mendonça, Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, eleito Arcebispo Primaz, Gaspar de Faria Severim, do Conselho de Sua Magestade, e seu Secretario do Expediente, Rodrigo de Figueiredo de Alarcão, Dom Rodrigo da Cunha, Chantre de Lisboa, Luiz de Sousa, Pedro Severim de Noronha, o Padre Confessor de Sua Magestade, Bispo eleito do Japão, o Doutor Pedro Fernandes Monteiro, do Conselho de Sua Magestade, e seu Desembargador do Paço, Pedro Vieira da Sylva, do Conselho de Sua Magestade, e seu Secretario de Estado, Antonio Cavide, Secretario de Sua Magestade, e do Conselho da Fazenda. E no mesmo dia fez hum papel de algumas cousas, que ordenava, que escreveo o mesmo Secretario. Aggravava-se cada dia a doença, e tendo recebido o Santissimo Viatico com grande devoção da mão do Bispo Capellão mór D. Manoel da Cunha, assistido da Rainha, Principe, e Infantes, e depois ultimamente o Sacramento da Unção, e repetindo fervorosamente o Nome de Jesus, e da Virgem Immaculada da Conceição, morreo na Corte de Lisboa em huma segunda feira 6 de Novembro de 1656, tendo de idade cincoenta e dous annos, sete mezes, e dezoito dias, dos quaes foy vinte e seis Duque de Barcellos, dez Duque de Bragança, e dezaseis, menos vinte e quatro dias, Rey de Portugal, coroado de vitorias, e gloriosos successos, que

que o fizeraõ amado dos seus, e respeitado dos inimigos, de sorte, que nada pode perturbar a felicidade deste grande Principe, do que a morte de seu filho o Principe D. Theodosio, em quem se viaõ as virtudes unidas delRey seu pay, e da Rainha sua mãy, perda a Portugal a mais sensível, em quem as virtudes o faziaõ ainda mais digno da possessaõ da Coroa.

Creou de novo diversos titulos, confirmou todos os que se haviaõ dado na dominaçaõ de Castella, e alguns, que se extinguiraõ por falta de successaõ, os renovou em pessoas da mesma Familia, fazendo-lhe nova merce.

Ao Principe D. Theodosio herdeiro do Reyno ordenou por huma Carta Patente se chamasse Principe do Brasil, e Duque de Bragança, annexando este grande Estado para sempre ao successor da Coroa em quanto naõ succedesse nella: foy a Carta passada em Lisboa a 27 de Outubro de 1645, que está na Torre do Tombo no livro 13. fol. 357 da sua Chancellaria. Por sua morte se passou Carta de Confirmaçaõ por successaõ ao Principe Dom Affonso seu irmão, feita a 23 de Mayo de 1654, que está no livro 27. fol. 20.

Ao Infante D. Pedro seu filho fez Doçaõ da Cidade de Béja com o titulo de Duque, renovando esta dignidade, que tivera ElRey D. Manoel antes de ser Rey, por merce delRey D. Joaõ II. Foy passada a Doçaõ em Lisboa a 11 de Agosto de

de 1654, que está na Chancellaria do dito anno, fol. 99, de que se lhe passou tambem Carta de assentamento feita a 7 de Mayo do anno de 1655, e nella diz: *Faço saber aos que esta minha Carta virem, que havendo respeito a ter declarado ao Infante D. Pedro, meu muito amado, e prezado filho, Duque de Béja. Hey por bem, e me praz, que tenha, e haja de minha fazenda com o dito titulo de Duque setecentos e cincoenta mil reis de seu assentamento,* liv. 25. fol. 143.

A D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, creou Duque de Cadaval, de que se lhe passou Carta feita em Lisboa a 18 de Julho de 1648, que está na dita Chancellaria, livro 2. fol. 99 vers. Ao mesmo Duque, vivendo seu pay, e não sendo então mais, que Conde de Tentugal, lhe fez merce deste Condado de juro, e herdade para sempre, com as mesmas prerogativas, que tivera o Conde de Alcoutim filho do Marquez de Villa-Real, com duzentos e setenta mil reis, que lhe pertenciaõ, e diz, que o fazia *pelo divido, e parentesco*, que tinha com ElRey. Foy passada a 20 de Março de 1641, e está no livro 3. fol. 186.

A.D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, fez Marquez de Aguiar, de que tirou Carta passada a 8 de Setembro de 1643, que está no liv. 17. fol. 114; e nella diz: *Do meu Conselho de Estado, e meu muito amado sobrinho.*

Tom.VII.

Ee

A D.

A D. Alvaro Pires de Castro, VI. Conde de Monsanto, creou Marquez de Cascaes, de que se lhe passou Carta a 19 de Novembro de 1645, que está no dito livro fol. 45.

A D. Vasco Luiz da Gama, V. Conde da Vidigueira, do seu Conselho de Estado, Embaixador Ordinario a França, fez Marquez de Niza, de que se lhe passou Carta a 18 de Outubro de 1646, que está no dito livro fol. 287, e ao mesmo fez merce para seu filho D. Francisco Balthazar Luiz Antonio da Gama do titulo de Conde da Vidigueira de juro, e herdade para sempre, segundo a forma da Ley Mental; e que daquella merce por diante todos os successores, que conforme a Ley Mental herdassem a Casa, se chamariaõ Condes da Vidigueira, sem para isso ser necessario tirar Carta, Provisão, ou licença dos Reys seus successores, a quem na forma desta Carta os Vêdores da Fazenda lhe fariaõ passar o Padraõ do seu assentamento. Foy feita a Carta a 24 de Outubro de 1646, e está no livro 17. fol. 285.

A Joaõ da Sylva Tello de Menezes, I. Conde de Aveiras, do seu Conselho de Estado, e Regedor da Casa da Supplicação, quando foy segunda vez por Vice-Rey do Estado da India, lhe fez merce, entre outras, do titulo de Marquez de hum dos Lugares, de que elle era Senhor, quando chegasse da India, e que pelo referido Alvará se lhe passaria Carta, o qual foy passado a 9 de Fevereiro de

de 1650, que está no livro 15 fol. 265. E lhe fez merce do titulo de Conde de juro, e herdade para elle, e seus successores, conforme a Ley Mental, e em quanto se lhe não passava Carta de Marquez, se chamaria o Conde Joaõ da Sylva, a qual merce foy feita a 9 de Fevereiro de 1650; e tambem lhe fez a do Officio de Regedor, em que o proveria quando voltaſſe da India.

A D. Joaõ da Sylva, II. Marquez de Gouvea, VI. Conde de Portalegre, e seu Mordomo môr, a quem dá o tratamento de sobrinho, fez merce entre outras do titulo de Marquez de juro para elle, e seus descendentes, conforme a Ley Mental, em attençaõ aos serviços do Marquez seu pay, e de estar casado com D. Luiza de Menezes, Dama da Rainha: foy passada a Carta em Alcantara a 20 de Mayo de 1655, e está no livro 16 fol. 422.

A D. Francisco de Faro fez Conde de Odemira de juro, e herdade, conforme a Ley Mental, dandolhe as Villas de Mortagua, e Penacova, por Carta passada a 9 de Julho de 1646, que está no livro 19 fol. 145: dalhe nella o tratamento de meu *muito amado sobrinho*, com o assentamento, que costumaõ ter os Condes, que tem parentesco com os Reys. Este titulo havia caducado em D. Sancho de Noronha, Conde de Odemira, por não deixar successão, de quem Dom Francisco ainda que parente transverſal, e em grao muito remoto, supposto, que da mesma Real varonia da Serenissima

Tom. VII.

Ec ii

Casa

Casa de Bragança, quiz ElRey continuar este titulo.

A Mathias de Albuquerque, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, creou Conde de Alegrete, de que se lhe passou Carta em Lisboa no primeiro de Junho de 1644, que está no livro 16. fol. 241. vers.

A D. Fernando Mascarenhas, Marichal do Reyno, creou Conde de Serem, como se vê da Carta desta merce feita a 18 de Abril de 1643, que está no livro 16 fol. 112.

A D. Francisco de Sousa em virtude da renuncia, que nelle havia feito seu tio o Conde de Prado D. Luiz de Sousa deste titulo, e das Villas de Prado, e Beringel, lhe mandou passar Carta de Conde de Prado, feita a 17 de Março de 1644, que está no livro 17. fol. 41.

A D. Fernando de Menezes confirmou o titulo de Conde da Ericeira, que seu tio o Conde D. Diogo de Menezes tinha nomeado nelle, em attenção aos seus serviços, e tambem por casar com D. Leonor Filippa de Noronha, Dama que fora da Rainha, e para o filho, que nascesse daquelle matrimonio. Foy feita a Carta a 11 de Abril de 1646, e está no livro 17. fol. 270.

A Antonio Telles de Menezes, do seu Conselho de Estado, e General da Armada, creou Conde de Villa-Pouca de Aguiar, de que tirou Carta feita a 5 de Agosto de 1647, que está no livro 18. fol. 263. A

A D. Miguel de Almeida creou Conde de Abrantes, renovando este titulo, que já tiveraõ seus antepassados, como se vê da Carta feita a 12 de Novembro de 1645, que está no livro 18. fol. 80.

A Dom João da Costa, do seu Conselho de Guerra, e Mestre de Campo General do Exercito de Alentejo, creou Conde de Soure, de que se lhe passou Carta feita em Lisboa a 15 de Outubro de 1652, que está no livro 22. fol. 206.

A Fernão Telles de Menezes, do seu Conselho de Guerra, Regedor da Casa da Supplicação, e Gentil-homem da Camera do Principe D. Theodosio, creou Conde de Villar-Mayor, de que se lhe passou Carta a 29 de Agosto de 1652, que está no livro 22. fol. 228.

A D. Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, a quem passou Carta deste titulo, que tinha por Castella, se passou a de Conde sobrinho com o assentamento, que por ella lhe pertencia, a 19 de Mayo de 1646, e está no livro 17. fol. 271.

A D. Vasco Lobo, Barão de Alvito, creou Conde de Oriola, de que se lhe passou Carta a 19 de Dezembro de 1652, que está no livro 25. fol. 63.

A D. Antonio de Noronha creou Conde de Villa-Verde, de que era Senhor, e se lhe passou Carta a 10 de Dezembro de 1654, que existe no livro 27. fol. 32.

A Dom Martinho, Principe de Arração, que era

era filho delRey de Chitigaõ , e neto do de Arracaõ , Principe herdeiro de seus Reynos, pelos serviços feitos a esta Coroa no Estado da India, depois que fora trazido para Goa de idade de cinco para seis annos, e ter recebido a agua do Baptismo, fez merce da Capitanía de Goa por Alvará de 19 de Março de 1645 por nove annos, com enterenimento do Paço de S. Lourenço: e do Conselho de Estado da India, com o tratamento de Senhoria, por Alvará de 11 de Janeiro de 1646, que está no livro 17. fol. 233, e nelle diz: *Hey por bem de declarar, que se lhe falle por Senhoria, e que assim seja tratado daqui em diante no Reyno, e fóra delle, em geral, e particular, &c.*

A D. Pedro de Castellobranco fez Visconde de Castellobranco junto a Sacavem, de que se lhe passou Carta a 25 de Setembro do anno de 1649, que está no livro 20 fol. 336.

Seguindo o mesmo methodo, que temos observado nas vidas dos Reys, seus predecessores, referiremos os Fidalgos, que no seu Reynado achámos serviraõ os officios da Casa Real, Corte, e Reyno, sem que pertendamos dar hum Catalogo exacto, como já outras vezes declarámos; os quaes referimos sem preferencia, mas só como os achámos na sua Chancellaria, ou em outros documentos.

D. Francisco de Mello, Marquez de Ferreira, do seu Conselho de Estado, servio de Condestavel
na

na solemnidade do auto, em que foy levantado Rey a 15 de Dezembro de 1640. E depois no da ratificação do Juramento, que os Tres Estados do Reyno fizeraõ a ElRey, em que tambem foy jurado herdeiro da Coroa o Principe D. Theodosio, na Cidade de Lisboa a 28 de Janeiro de 1641, fez o mesmo Marquez o officio de Condestavel. Depois no auto das Cortes não assiste o Condestavel, e sómente a insignia, que he o Estoque, que leva na mão levantado o Copeiro môr, como entãõ no dia 29 do referido mez levou Martim de Sousa de Menezes, Copeiro môr, por preeminencia do seu officio, e tem differente lugar, que o Condestavel; porque este tem o seu lugar no estrado pequeno, em que fica o throno delRey, e o Copeiro môr está no segundo estrado. E porque no referido auto das Cortes todos os Grandes Seculares, e Ecclesiasticos, os Donatarios, Alcaldes môres, e Procuradores das Cidades, e Villas, todos estaõ assentados, assim o esteve o Marquez no lugar, que lhe competia pela dignidade de Marquez: e por esta razão parece he que não costuma haver mais, que no dia da solemnidade do Juramento a assistencia do Condestavel, que está em pé, e descoberto, como todas as mais pessoas, que assistem, ainda que sejaõ Infantes, estaõ em pé, e descobertos, como se vê nos Autos das Cortes, que se imprimiraõ. E para que não equivoquem o officio de Condestavel, como às vezes succede, entendendo-se, que porque
o Co-

o Copeiro môr tem o Estoque, faz o officio de Condestavel, mostramos a differença, que vay de huma a outra occupação; e assim se vê, que nunca o Copeiro môr faz o officio de Condestavel, cuja occupação se deu muitas vezes aos Infantes, e sempre às mayores pessoas do Reyno, como já deixámos escrito no Capitulo XX. do Livro VI.

D. Alvaro da Costa, Doutor em Theologia, Conco Magistral da Sé de Coimbra, que havia sido Collegial do Collegio Real de S. Paulo, e Reytor daquella Universidade, foy seu Capellaõ môr, lugar, que occupou até 13 de Fevereiro de 1642, em que faleceo, estando nomeado Bispo de Viseu. Consta do Auto do Levantamento.

D. Manrique da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, foy seu Mordomo môr, lugar, que exercitou até o anno de 1647, como adiante se verá, e consta do referido Auto.

D. Joaõ da Sylva, Conde de Portalegre, depois Marquez de Gouvea, foy Mordomo môr por Carta feita em Alcantara a 18 de Mayo de 1647, a qual está no livro 16. da sua Chancellaria, fol. 522. Succedeo ao Marquez D. Manrique seu pay, como refere a mesma Carta, dizendo: *Por ser filho do Marquez de Gouvea, do meu Conselho de Estado, &c. e haver o dito seu pay renunciado o dito officio.* O qual no Auto do Levantamento de 15 de Dezembro de 1640 exercitou já o seu officio.

Luiz de Miranda Henriques, Commendador de

de Cabeço de Vide, Alter Poderoso, e Hospital da Granja na Ordem de Aviz, foy seu Estribeiro môr, como se vê no Auto referido das Cortes de 1641.

Pedro Guedes de Miranda, Senhor de Murça, Branchaes, Agua-Reves, e Torre de Dona Chama, Commendador de Cabeço de Vide, e das mais Commendas de seu pay, succedeo no officio de Estribeiro môr, de que tirou Carta feita em Lisboa a 20 de Junho de 1647, que está no livro 18. fol. 370 da dita Chancellaria.

D. Joaõ de Sá e Menezes, Conde de Penaguião, que depois foy do Conselho de Estado, e Embaixador a Inglaterra, foy seu Camereiro môr, como se vê no Auto das ditas Cortes, acima allegado, e depois tirou Carta passada a 24 de Abril de 1647, que está a fol. 97 do livro 20 da sua Chancellaria.

Pedro de Mendoça Furtado, Alcaide môr de Moura, foy Guarda môr da sua pessoa, como se vê no referido Auto das Cortes.

Bernardim de Tavora, foy seu Reposteiro môr, lugar, que já tinha, e exercitou no seu tempo, como se vê no Auto referido das Cortes acima allegadas, e teve Carta passada no primeiro de Agosto de 1644, que está no livro 16. fol. 254 da sua Chancellaria.

Fernão Telles de Menezes, Commendador de Moura na Ordem de Aviz, e outras, e depois
Tom.VII. Ff Con-

Conde de Villar-Mayor, servio de Alferes mór no Auto do Levantamento delRey, como nelle se vê.

Luiz de Mello, Alcaide mór de Serpa, Commendador de Santa Maria de Algodres na Ordem de Christo, e de Serpa na de Aviz, foy Porteiro mór delRey, como se vê no Auto referido das Cortes. Foy tambem seu Capitaõ da Guarda.

Francisco de Mello, Commendador do Pinheiro, e de Santiago de Santarem, e dos Casaes da Feiteira na Ordem de Christo, e outras, que depois foy Embaixador a França, e o primeiro General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, foy Monteiro mór do Reyno, como se vê no referido Auto das Cortes.

D. Joaõ Soares de Alarcão, Alcaide mór de Torres-Vedras, Commendador de S. Pedro na mesma Villa, da Ordem de Christo, foy Mestre Salla, officio, que exercitou no Auto das Cortes, em que ElRey foy levantado, como nelle se vê, e o teve pouco tempo.

D. Pedro da Costa, Commendador de S. Vicente da Beira na Ordem de Aviz, foy Armeiro mór delRey, como refere o dito Auto das Cortes.

D. Joaõ de Castellobranco, Commendador de S. Gabriel da Granja de Ulmeiro, da dos Casaes de Palião, e Casa Velha na Ordem de Christo, e da Espada de Elvas da Ordem de Santiago, servio de Meirinho mór na ausencia de seu irmão Dom Fran-

Francisco de Castellobranco, Conde de Sabugal, de quem era este officio, o que consta do Auto das referidas Cortes.

Dom Lourenço de Sousa, Commendador da Ordem de Christo, foy seu Capitão da Guarda, como se vê no referido Auto.

Pedro da Cunha, Commendador de Monforte na Ordem de Christo, Alcaide môr da Villa de Aldea-Galleja da Merciana, foy Trinchante, como se vê no referido Auto.

Manoel de Sousa da Sylva, Commendador do Casal, e S. Martinho do Bispo na Ordem de Aviz, servio de Aposentador môr, como refere o mesmo Auto das Cortes, e era Mestre Salla do Principe D. Theodosio, e depois foy Veador da Casa da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

D. Pedro Mascarenhas, no referido anno de 1640, foy Veador da Casa delRey, como se vê no referido Auto das Cortes allegado.

Thomé de Sousa, foy Veador da sua Casa por Carta de 22 de Janeiro de 1646, e della consta, que este lugar estava vago, como se vê no livro 13. da sua Chancellaria, fol. 359. Já havia sido seu Trinchante, o qual lugar vagou por Pedro da Cunha passar ao de Veador da Casa da Rainha, e se lhe passou Carta a 22 de Abril de 1641, que está no livro 11. fol. 302 da sua Chancellaria.

D. Francisco de Sousa, Conde do Prado, do seu Conselho, foy Veador da Casa Real, de que Tom. VII. Ffii se

se lhe passou Carta em Lisboa a 17 de Janeiro de 1650, que está no livro 15. fol. 262.

Fernaõ de Sousa, foy Veador da Casa Real por Alvará feito em Lisboa a 15 de Janeiro de 1650, e nelle diz: *Tendo respeito aos merecimentos de Thomé de Sousa, que Deos perdoe, Vêdor da minha Casa, &c. e principalmente aos que elle me fez depois da minha restituiçã à Coroa, &c.* lhe faz merce da propriedade do dito officio.

D. Affonso de Menezes, foy Mestre Salla, de que se lhe passou Carta de propriedade feita em Lisboa a 22 de Abril de 1646, que está no livro 18. da sua Chancellaria, fol. 107.

Dom Nicolao Monteiro, Prior de Sedofeita, eleito Bispo de Portalegre, foy Mestre dos Infantes, como se vê no Alvará do seu ordenado, passado a 13 de Abril do anno de 1650, que está no livro 19. fol. 365.

D. Antonio da Sylveira, foy seu Pagem da Caldeirinha, como se vê no Alvará passado em Lisboa a 13 de Outubro de 1647, em que succedeo a Francisco de Mello, livro 20. fol. 36.

Christovaõ de Almada, foy Pagem da Caldeirinha, que vagou por D. Antonio de Noronha, como se vê no Alvará feito a 28 de Outubro de 1649, que está no livro 20. fol. 18 vers.

D. Antonio de Noronha, foy Pagem da Campainha, em que succedeo a Jeronymo de Mendoga, como se vê no Alvará feito em Lisboa a 27 de Julho

Julho de 1649, que está no livro 21. fol. 186.

D. João Mascarenhas, Conde de Palma, foy Meirinho môr por Alvará feito em 17 de Outubro de 1653, e nelle diz : *Que vagara por seu avô Dom Francisco de Castello Branco, Conde de Sabugal, de quem era legitimo successor, &c. fazendolhe merce da propriedade, que começaria a servir quando tivesse idade*; está o dito Alvará no livro 22. da sua Chancellaria, fol. 320.

Dom João Mascarenhas, Conde de Sabugal, servio de Meirinho môr pelo Conde de Palma ser menor, como se vê em hum Alvará feito em Lisboa a 19 de Dezembro de 1653, que está no livro 25. fol. 64.

Dom João de Almeida, foy Veador da Casa por Alvará feito em Lisboa a 18 de Outubro de 1653, e diz, que o fazia por servir o Conde de Prado de Estribeiro môr, o qual Alvará está no livro 22. fol. 321.

D. Francisco de Mello, foy Trinchante por serventia de Diogo de Brito Coutinho, a quem El-Rey tinha feito merce do dito officio, como se vê em hum Alvará passado em Lisboa a 9 de Janeiro de 1651, que está no livro 23. fol. 194.

D. Lucas de Portugal, foy Mestre Salla, de que tirou Carta de propriedade, feita em Alcantara a 12 de Abril de 1652, que está no livro 23. fol. 17.

D. Francisco de Sousa, Conde de Prado, Veador de sua Casa, e do seu Conselho de Guerra, servio

vio de Estribeiro môr por Alvará feito em Lisboa a 22 de Setembro de 1653, e nelle diz: *Por lho pedir Pedro Guedes no seu Testamento*, o qual Alvará está no livro 26. fol. 10.

Gonçalo Pires de Carvalho, do seu Conselho, foy Provedor das Obras do Paço: consta de certa merce, que lhe fez em Lisboa a 4 de Agosto de 1644, que está no livro 18. fol. 59.

Dom João Mascarenhas, Commendador de Mertola, e Alcaide môr de Montemôr o Novo, o qual foy depois Conde de Santa Cruz pelo seu casamento, foy Veador da sua Casa por Carta passada a 2 de Abril de 1641, e nella diz: *Havendo respeito aos merecimentos, e qualidades, que concorrem na pessoa de D. João Mascarenhas, Fidalgo de minha Casa, meu muito amado sobrinho, &c.* Está no livro 11. fol. 99.

Fr. Dionysio dos Anjos, Eremita de Santo Agostinho, foy seu Confessor, como se vê no Alvará do seu ordenado feito em Lisboa a 18 de Março do anno de 1641, que está na dita Chancellaria, fol. 117 do livro 10.

Martim de Sousa de Menezes, foy seu Copeiro môr, por Carta feita a 2 de Abril de 1641, della consta succedeo a seu pay Jorge de Sousa. A dita Carta se conserva no livro 11. fol. 122. Achou-se no Auto do Levantamento delRey.

Diogo de Brito Coutinho, foy seu Trinchan-te, de que se lhe passou Carta feita em Lisboa a 20 de

de Setembro de 1641. Nella se vê, que succedeo neste officio a D. Diogo Lobo seu tio, e está no livro 12. fol. 206.

Francisco de Lucena, foy seu Secretario de Estado por Carta feita a 31 de Janeiro do anno de 1641, e nella diz: *Do meu Conselho, havendo respeito à qualidade da sua pessoa, merecimentos, e serviços, continuados por espaço de trinta annos.* Livro 12. fol. 42.

D. Fernando Mascarenhas, foy Capitão môr dos Ginetes do Reyno, por Alvará de 27 de Março de 1641, na ausencia de seu irmão o Conde de Santa Cruz; está no livro 12. fol. 66.

Dom Jorge de Mello, foy Mestre Salla por Carta de 2 de Abril de 1641, na qual diz, que aquelle lugar se achava vago; e está no livro 12. fol. 87.

Dom Luiz de Portugal, Conde de Vimioso, foy Almirante do Reyno, de que tirou Carta passada em Lisboa a 9 de Setembro de 1646, que está no livro 20. fol. 56.

Dom Carlos de Noronha, foy Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, por Carta feita a 6 de Janeiro de 1641, que existe no livro 12. fol. 8.

Dom Lourenço de Brito, Visconde de Villanova de Cerveira, do seu Conselho de Estado, foy Presidente do Defembargo do Paço, de que tirou Carta passada a 8 de Janeiro de 1641, que está no livro 13. fol. 6.

Jorge

Jorge de Mello, do seu Conselho, foy Capitão General das Galés desta Coroa por Alvará de 8 de Janeiro de 1641, e nelle diz: *Por estar ausente em Castella o Marquez de Porto-Seguro. Existe o dito Alvará no livro 12. fol. 7.*

D. Antonio Luiz de Menezes, do seu Conselho de Estado, foy Vêdor da sua Fazenda da Repartição do Reyno, por Carta de 16 de Outubro de 1651, que está no livro 15. fol. 382.

Joaõ da Sylva Tello, Conde de Aveiras, do seu Conselho de Estado, foy Regedor das Justiças, o que consta da merce deste officio, quando passou à India, feita em Lisboa a 9 de Fevereiro de 1650, que se conserva a fol. 265 do livro 15.

D. Joaõ de Menezes, do Conselho de Guerra, foy Governador da Relação do Porto por Alvará de 13 de Março de 1648, que está no livro 15. fol. 212.

D. Joaõ de Castellobranco, foy Presidente da Camera de Lisboa, como se vê na Carta, que se lhe passou a 14 de Abril de 1644, e nella diz: *O qual cargo servio atégora o Conde D. Pedro (he o Conde de Cantanhede) o qual o terá em quanto eu houver por bem. Está no livro 16. fol. 260.*

D. Francisco de Faro, Conde de Odemira, foy Vêdor da Fazenda por Carta de 18 de Setembro de 1648, e já o havia sido tres annos. Existe a dita Carta no livro 19. da sua Chancellaria, fol. 311.

D.

Me
a D
fud.
no lBal
Pre
que
re a
de tElla
Paço
de tdo t
me
ro
em
Naõ
te foRair
que
na fu
que

Con

Dom Rodrigo de Mello, foy Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, em que succedeo a D. Carlos de Noronha, como se vê na Carta passada em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1649, que está no livro 21. fol. 90 vers.

Antonio de Mendoça, Commissario Geral da Bulla da Cruzada, eleito Bispo de Lamego, foy Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, em que succedeo a D. Rodrigo de Mello, como refere a sua Carta passada em Alcantara a 14 de Abril de 1654, que está no livro 22. fol. 369.

D. Pedro de Lencastre, do seu Conselho de Estado, foy Presidente da Mesa do Desembargo do Paço por Carta feita em Lisboa a 7 de Novembro de 1651, que está no livro 21. fol. 120.

D. Rodrigo da Sylveira, Conde de Sarzedas, do seu Conselho, foy Presidente do Senado da Camera, em que succedeo a Luiz de Mello, Porteiro mór, como se vê na Carta, que se lhe passou em Lisboa a 4 de Março de 1654, livro 26. fol. 75. Não acabou a Presidencia, porque no anno seguinte foy mandado por Vice-Rey da India.

Dom João de Sousa da Sylveira, Veador da Rainha, foy Presidente do Senado da Camera, em que succedeo ao Conde de Sarzedas, como se vê na sua Carta feita em Lisboa a 14 de Abril de 1655, que está no livro 26. fol. 295 vers.

Dom Vasco da Gama, Marquez de Niza, do Conselho de Estado, foy seu Vedor da Fazenda
Tom. VII. Gg por

por Carta feita em Alcantara a 16 de Abril de 1654, que está no livro 22. fol. 370.

Ruy de Moura Telles, do seu Conselho de Estado, Veador da Rainha, foy Vêdor da Fazenda da Repartição de Africa, consta da Carta passada a 22 de Fevereiro de 1649, que está no livro 15. fol. 172: e por outra passada em Lisboa a 2 de Março de 1652, que está no livro 17. lhe foy conferido o mesmo lugar, e depois por outra a 18 de Março de 1655 se lhe reformou a mesma occupação.

O Doutor Fr. Francisco Brandaõ, foy Chronista mór por Carta feita em Lisboa a 19 de Janeiro de 1649, e diz, que o dito lugar vagara pelo Doutor Fr. Antonio Brandaõ. Está no livro 16. fol. 155.

Fr. Francisco de Macedo, foy Chronista Latino deste Reyno por Carta feita a 8 de Abril de 1650, que está no livro 20. fol. 271.

O Padre André Fernandes, Bispo eleito do Japaõ, e do seu Conselho, foy seu Confessor, o que consta da Carta, que tirou de Conselheiro, passada em Lisboa a 28 de Janeiro de 1655, que está no livro 25. fol. 144.

O Doutor Francisco de Carvalho, do seu Conselho, e seu Desembargador do Paço, e Chanceller da Casa da Supplicação, foy Chanceller mór, lugar, em que succedeo ao Doutor Affonso Furtado de Mendoça, como se vê na Carta, que tirou, passada

passada em Lisboa a 6 de Outubro de 1656, que está no livro 25. fol. 193.

D. Jorge Mascarenhas, Marquez de Montalvaõ, foy Mestre de Campo General junto à pessoa, por Patente de 17 de Julho de 1648, que está nos livros de papeis varios do Duque.

Antonio Paes Viegas, Commendador de Nossa Senhora da Caridade na Ordem de Christo, Alcaide mór de Barcellos, achamos, que fora Secretario de Estado, mas devia ser sómente de serventia, porque não encontrámos a Carta.

Antonio Cavide, foy seu Secretario, consta de varios documentos, e do Testamento delRey, em que elle assina, dizendo: *Antonio Cavide, Secretario de Sua Magestade, e do Conselho da Fazenda.* Havia sido Escrivaõ da sua Camera, e seu Mantieiro, Commendador de S. Pedro de Babe, e da dos Azeites, e Lagares da Villa de Soure na Ordem de Christo, Alcaide mór de Borba, e Provedor das Obras, que se fizessẽ por conta da Fazenda Real.

Pedro Vieira da Sylva, foy Secretario de Estado, o que consta de certa merce feita a 18 de Outubro de 1645, que está no livro 18. fol. 124, na qual diz, que era: *Meu Moço Fidalgo, que serve de Secretario de Estado,* e servio até a morte delRey; porque no seu Testamento se acha assinado: *Pedro Vieira da Sylva, do seu Conselho, e seu Secretario de Estado.*

Tom.VII.

Gg ii

Mar-

Martim de Tavora de Noronha, teve Alvará de Secretario de Estado, que foy passado a 24 de Março de 1653, que está no livro 25. fol. 63, e nelle diz: *Havendo respeito à satisfação, com que Pedro Vieira da Sylva, do meu Conselho, serve o officio de meu Secretario de Estado de muitos annos a esta parte, e desejando eu pelos mesmos respeitos de lhe fazer merce, hey por bem de lha fazer da propriedade do mesmo officio para seu filho Martim de Tavora de Noronha, meu Moço Fidalgo, para que lhe succeda nelle depois dos dias da sua vida, tendo para isso toda a capacidade, para o que desde logo irá continuando na Secretaria, e tomando noticia dos papeis.*

Gaspar de Faria Severim, foy Secretario das Mercês, e Expediente, como se vê na Carta de Confelheiro do dito Rey, onde diz: *Que ora serve de Secretario das Mercês, e Expediente:* foy passada a 20 de Dezembro de 1645, e está no livro 13. da sua Chancellaria, fol. 375.

Pedro Severim de Noronha, teve Alvará de Secretario das Mercês, e Expediente, feito a 24 de Setembro de 1653, e foy passado a Gaspar de Faria Severim, Secretario das Mercês, seu pay, na mesma fórmula do proximamente referido; e existe o dito Alvará no livro 25. da Chancellaria do dito Rey, fol. 65.

Antonio Pereira da Cunha, foy seu Secretario do Conselho de Guerra por Carta feita em Lisboa a 21 de Janeiro do anno de 1641, que está no
livro

livro 13. fol. 13, e nella relatando os seus merecimentos, diz: *Hey por bem de lha fazer do cargo de meu Secretario do Conselho de Guerra.*

Pedro da Sylva, Conde de S. Lourenço, foy Regedor das Justiças, de que teve Carta passada a 8 de Janeiro de 1641, que está no livro 10. fol. 3.

Garcia de Mello, foy Monteiro môr do Reyno, officio, em que succedeo a Francisco de Mello, do seu Conselho: consta da merce das rendas de Aguiar da Beira, Sataõ, Redemoinhos, e Se-leiro de Queiraõ, a qual foy feita a 18 de Setembro de 1652, e está no livro 8. fol. 339.

Dom Jorge Mascarenhas, Conde de Serem, foy Marichal do Reyno por Carta de 27 de Janeiro de 1650, a qual está na Chancellaria delRey D. Affonso VI. livro 28. fol. 239, e diz a Carta, que pelos serviços do Conde D. Fernando seu pay, do Conselho de Guerra, o qual faleceo no anno de 1649, tendo sido General da Beira.

Jaz o seu Real corpo em magnifico Mausoleo no Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, em Tumulo com duas faces, que fica debaixo do Sacra-rio, e da parte do Altar tem este Epitafio: Prova num. 21.

Siste Hospes: Regum virtutes quæris in uno?

Joannes Quartus conditur hoc Tumulo.

Hic Lyfiam offeruit, servavit, rexit, & auxit:

Jure, armis, nutu, limitibusque novis.

Da

Da face da parte do Coro o seguinte:

*Impia sacrilegi peteret cum dextra Joannem ,
In niveo Custos adfuit orbe Deus.
Ergo vel in Tumulo Rex hanc se fikit ad aram ,
Custodem ut Custos excubet ante suum.*

No pavimento immediato à Real Urna, mandou o Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes sepultar o seu coração, e se lhe gravou em memoria de taõ insigne Varaõ estes disthicos:

*Hic, ubi Lusitadum jacet Inſtaurator in Urna ,
Pignus habet positum Cor Marialva suum.
Corde suum sequitur Regem Marialva sepultum,
Ut vitam credas, non periſſe fidem.*

Foy ElRey de meãa estatura, muy gentil-homem antes das bexigas, que alguma coula lhe diminuiraõ este dote, o cabello era louro, os olhos azues, alegres, e agradaveis, a barba mais clara, que o cabello, o corpo grosso, e taõ robusto, que senaõ tivera desordem no alimento, parece seria mayor a sua duraçaõ. Naõ fez caso da pompa no vestir, antes applicou grande diligencia, porque se naõ alteraſsem os trages: pelo que costumava dizer, naõ queria, que as outras Nações se fizessẽ Senhoras dos seus Vassallos pelos trages, e que todo o alimento sustentava, e todo o pano cobria.

Na

Na conversação foy discreto, agudo, e prompto nas repostas; e não sendo as palavras as mais polidas, usava dellas com tal arte, e galantaria, que ainda hoje se applaudem em muitos despachos, que se vem da sua propria mão. Delle vimos diversos papeis excellentemente lançados, e dignos de se perpetuarem: entre elles he huma memoria, que deixou à Rainha sua esposa quando no anno de 1643 passou à Provincia de Alentejo, e lhe encarregou o governo do Reyno na sua ausencia, em que com admiravel providencia previo tudo o que podia occorrer, e o modo como se havia de haver, deixando tudo ao arbitrio, e prudencia da Rainha, em que muito confiou a diliberação, quando não houvesse tempo de elle poder ser ouvido. Este Original se conserva na Livraria manuscrita do Duque de Cadaval, e outro, que ElRey mandou lançar nas Cortes com nome supposto, o qual tambem he Original escrito da propria mão delRey: nelle se vê a vigilancia, cuidado, e politica, com que procurava o mayor bem do Reyno, sendo elle o mesmo, que advertia a si mesmo, mostrando os descaminhos, e o modo de evitallos, explicando-se com tanta energia, e enfase, que sendo o estylo claro sem algum artificio, se reconhece a prudencia, que faz mais brilhante o seu admiravel talento, de que deu singulares provas, no que temos referido. Não foy menor a politica da idéa de prevenir os animos dos seus Vassallos para os ter contentes,

Prova num. 22.

Prova num. 23.

tentes, e satisfeitos, com os bons successos das suas armas; e assim elle mesmo compunha as Relações, que naquelle tempo se imprimião, e ditando-as, as escrevia Antonio Cavide seu criado, que occupou grandes lugares, e de quem fez grande confiança, para que assim espalhando-se pelo Reyno, e Conquistas, chegasse à noticia de todos os seus Vassallos a gloriosa defença, com que as suas Tropas triumphavaõ dos seus inimigos, e são as que se vem impressas, e comprehendem desde o anno de 1641 até o de 1653. Amou a Musica com tanto gosto, e inclinação, que foy eminente nesta Arte, sendo tanta a curiosidade, que nem as grandes occupações de Rey lha puderaõ diminuir para deixar de a seguir em quanto viveo: assim todos os dias se levantava às cinco horas, e até às sete se empregava no estudo da Musica, depois continuava com os negocios, e governo de seus Reynos, e tanto que acabava de jantar, nas horas de festa, que eraõ para o descanso, se empregava em provar as Musicas, que lhe vinhaõ de fóra para ver as que havia de mandar cantar na sua Capella, e com os finaes, que lhe punha, as approvava, ou reprovava, e sempre concluía esta prova com hum *Miserere*. Não queria, que os seus Musicos de ordinario cantassem obras humanas, senão Musica de Igreja, porque a outra afeminava as vozes. Compoz as Obras seguintes: *Defensa de la Musica moderna contra la errata opinion del Obispo Cyrillo Franco*, que se imprimio

primio em quarto, sem anno, nem lugar. Depois se imprimio em Lisboa em 1649, tambem sem o lugar da edicão. Outra vez traduzida na lingua Italiana se imprimio em quarto sem dizer onde; porém entende-se, que foy impressa em Roma no anno de 1655. Neste livro se vê no principio hum Soneto do mesmo Author em louvor da Musica moderna, e nas letras iniciaes dos quatorze versos se lê: *El Rey de Portugal*. He dedicado a Joaõ Lourenço Rebello seu criado, taõ insigne na Musica, que mereceo este singular favor del Rey, o qual era Fidalgo da sua Casa, Commendador de S. Bartholomeu de Rabal na Ordem de Christo, e no fim da Dedicatoria se vem estas duas letras: *D. B.* que querem dizer: *Duque de Bragança*. O Padre Joaõ Alvares Frowo, Capellaõ, e Bibliothecario del Rey, Mestre da Sé de Lisboa, imprimio no anno de 1662 em Lisboa hum livro em quarto intitulado: *Discursos sobre a perfeicão do Diathesaron, e louvores do numero Quartenario, em que se contém hum Encomio sobre o papel, que mandou imprimir o Serenissimo Senhor El Rey D. Joaõ o Quarto em defesa da Musica moderna, e reposta sobre os tres breves negros de Christovão de Morales; nelle vem no fim o referido encomio. Compoz mais: Respuestas à las dudas, que se puieron à la Misa: Panis, quem ego dabo, del Palestina; as quaes correm impressas no livro quinto das suas Missas, que se estamparaõ em Lisboa no anno de 1654 em quarto. Depois se*

Tom.VII.

Hh

imprimio

imprimio esta Obra separada em Roma por Mauricio Balmonti em 1655 em quarto, traduzida em Italiano. Compoz mais dous Motetes, que andão impressos no fim das Obras de Joaõ Lourenço Rebello, que se imprimiraõ em Roma, e foraõ ouvidos com admiração dos professores, por se naõ fazer crível, que hum Rey compuzesse com tanta sciencia. Fez tambem huma *Magnificat* a quatro vozes; o Psalmo *Dixit Dominus* a oito vozes; o Psalmo *Laudate Dominum omnes gentes* a oito vozes; hum Concerto sobre o Canto-Chaõ do Hymno *Ave maris Stella*, e outras Obras miudas. Tinha composto hum livro de Musica, e quando morreo recommendou se mandasse imprimir, o que se naõ executou. Pelo que, elle foy taõ sciente na Musica, que podera ser hum dos mais celebres professores desta taõ estimada Arte, de que ajuntou a famosa Livraria, que se conserva, a que deixou subsistencia para augmentarse. Foy naquelle seculo muy valida dos Principes a Musica, em que se distinguiraõ tambem o Emperador Fernando III. e ElRey D. Filippe IV. de Castella, os quaes naõ só foraõ intelligentes desta suave Arte, mas compuzeraõ Motetes, que ElRey D. Joaõ tinha na sua Livraria da Musica; e entre outros era hum Soneto, que ElRey D. Filippe compuzera, e havia posto em Solfa, que começa:

*Haze a los pies de aquel sagrado Leno
Bañada en tiernas lagrimas Maria.*

A Rai-

A Rainha Christina sabendo o gosto, que ElRey fazia da Musica no principio do seu Reynado, lhe mandou hum manuscripto antigo de Guido Aretino, celebre Author, que reduzio a Musica ao estado presente das seis vozes: *Ut, re, mi, fá, sol, lá*, e destas, e de outras excellentes Obras deixou enriquecida a sua famosa Livraria da Musica, da qual se principiou a fazer hum excellente Catalogo, de que o primeiro tomo corre impresso com o titulo: *Primeira parte do Index da Livraria da Musica do muito Alto, e Poderoso Rey D. João IV. nosso Senhor. Por ordem de Sua Magestade, por Paulo Craesbeck anno 1649 em quarto com 521 paginas.* Referemse neste Index os livros, que se guardavaõ numerados em quarenta caixoes, dos quaes huma grande parte saõ manuscriptos de notavel estimacão, e compostos pelos mais peritos Authores das Nações Portugueza, Castellhana, Italiana, Franceza, Ingleza, Alemãa, e Hollandeza. Ao exercicio da caça teve ElRey grande propensão, e em huma, e outra foy excellente, destro, e bizarro. Amou a justiça sem declinar em severo, de que alguns delinquentes se atreveraõ ao culpar, o que muitas occasioens desmentio com a piedade, com que se houve com os culpados. Da sua devoçãõ, e piedade deixou immortaes monumentos nos publicos testemunhos da sua Religiaõ, e no ardente zelo, com que tomando por Protectora de seus Reynos a Virgem Santissima no soberano Myste-

Prova num. 24.

rio da sua Immaculada Conceição, os fez juntamente tributarios à Igreja deste titulo de Villa-Viciosa, como já deixamos dito; e aquella grande Doação, com que restituiu as rendas do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, que estava unidas à Abbadia Commendataria, tornando-as aos Monges na mesma forma, em que lhas dera o seu invicto avô, e predecessor o Santo Rey D. Affonso I. confirmando-a, e ratificando a dita Doação com generosa piedade: e foy passada a Carta a 4 de Fevereiro de 1642, com condição, e obrigação de sempre terem o Santissimo Sacramento exposto no Altar à publica veneração em Lausperenne, assistido de Monges em turmas, continuando sem interrupção de dia, e de noite os Divinos louvores, o que se verificou no tempo del Rey D. Pedro seu filho. Finalmente compunha-se de tão invencivel valor, como se vio na empreza, que intentou, e conseguiu com tão poucos meys: mas com a industria, e com a despesa, resgatou a vida de seus Vassallos, e neste politico segredo despendeo thesouros em publica utilidade: e assim a sua memoria será sempre saudosa, e servirá de admiração aos seculos futuros, pois as suas virtudes o fizeram digno de mais largo Imperio.

Casou em 12 de Janeiro do anno de 1633 com a Rainha D. Luiza Francisca de Gusmao, então Duquesa de Bragança, a qual havia nascido em hum Domingo 13 de Outubro de 1613 na Cidade de

de São Lucar de Berremeda , a qual havia ganhado ElRey Dom Affonso o Sabio no anno de 1264 aos Mouros, povoação agradável pela situação, e fertilidade, que tendo contado depois huma larga serie de annos na Casa de Medina Sidonia , ElRey Philippe IV. a unio à Coroa no anno de 1645 nas desconfianças, que teve com esta grande Casa, até que no anno de 1700 lhe restituiu as alcavallas o Catholico , e generoso Rey Philippe V. sendo esta a primeira merce, que fez depois de entrar na Monarchia de Hespanha. Era filha de D. João Manoel Peres de Gusmão , VIII. Duque de Medina Sidonia, e da Duqueza D. Joanna de Sandoval. Foy o seu nascimento festejado com extraordinarias demonstrações de seus pays, em cuja Casa, se refere, havia hum Mouro cativo, que entre os seus se jactava de bem nascido, e estimado por Astrologo Judiciario, com engenho agudo : e desejando conseguir a sua liberdade, e dar da sua sciencia huma demonstração, fallou aos Duques dizendolhe, que observada a hora, e a dominação, e conjunção dos Astros de quando nascera a Senhora D. Luiza, indicavao, que seria coroada Rainha. Ouviraõ os Duques o prognostico, e sem mais credito, do que deviaõ à pouca fé do Mouro, o despediraõ. Espalhou-se na Cidade a noticia, e com aquella costumada leveza, com que o vulgo discorre, disputavaõ nas conversações qual seria a Coroa, com o fundamento, que naõ era a primeira, que do sangue de Gusmão

Gusmaõ sobiria ao throno de Hespanha. Esta tradiçãõ ainda hoje se conserva na Corte de Madrid entre as pessoas grandes della, e referida pelos seus mayores, como constante na Casa de Medina Sidonia. Durou esta pratica até o dia do seu casamento, em que deraõ por desvanecido o prognostico; mas não falta quem affirme com memorias daquelle tempo, que nas ultimas expressões do carinho do Duque seu pay, quando se despedio da Senhora D. Luiza, ao ultimo abraço lhe dissera, por lhe aliviar as saudades: *Ide filha muito contente, que não ides para Duqueza, senão para Rainha*; alludindo à grandeza da Casa de Bragança, que no trato, e magnificencia parecia Real, se he que não lhe manifestava com occultas idéas o direito da Coroa Portugueza: porém o que entãõ a casualidade referia, sem que parecessê podia ter cumprimento, veyo o tempo a segurar em realidade. Não sendo na Historia approvado este vaticinio, não he difficiloso o successo, nem menos se faz difficiloso a crença de poder ter sido vaticinado pelo Mouro, porque não era profecia; e ainda estas vimos expressadas pela boca da gentildade, e era formado sobre sciencia, que ainda que fallivel, tem muitas regras, de que lemos admiraveis testemunhos, e fosse, ou não verdade o referido, nada implica à possibilidade. Concertou-se o seu casamento, e recebidos por procuraçãõ, se ajustou o dia da partida para Portugal, e sahiraõ de Villa Viçosa

Viçosa o Duque de Bragança acompanhado de seus irmãos os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, como já deixamos dito. Foy esta Princcza dotada de excellentes virtudes, e prudencia, com grande viveza de espirito, com notavel animo, e coraçaõ, naturalmente elevado à gloria de desejos grandes, e magnificos; de forte, que não falta quem diga, que assim que entrou a ser Duqueza de Bragança, começou a pôr os olhos no throno, que pertencia ao Duque seu marido, a quem revestia destas maximas, ainda quando mais affectava o retiro. Todo o tempo, que assistio em Villa-Viçosa, foy venerada como Oraculo, e tão respeitada do Duque seu marido, que na duvida de aceitar a Coroa, o resolveo com a generosa opiniaõ, e prudente maxima, de que era mais conveniente perigar Rey, que Vassallo. ElRey em quanto viveo, lhe communicou os negocios mais graves da Monarchia, em que muitas vezes o seu parecer acreditava a felicidade dos successos, de que nunca fez jaçlancia de se deverem ao seu discurso, porque só amava a gloria delRey, que em tudo lhe mostrou o grande affecto, com que a estimava; e assim lhe fez Doaçãõ amplissima de muitas Villas, e Lugares, que ficaraõ hereditarios para as Rainhas destes Reynos. Na morte delRey lhe ficou encomendada a regencia do Reyno, para o que instituiu para as materias do governo a Junta nocturna, composta dos Ministros mais zelosos, e mais experimentados, os
quacs

quaes ouvia, e resolvia com tal acerto, que a pezar do formidavel poder de Castella, sustentou a guerra com tanta reputação das suas Armas, victoriosas, e triunfantes, que seguraraõ a Coroa na sua descendencia. Sustentou a Rainha o grande pezo da Monarchia no tempo, em que os embarços domesticos, e externos, a combateraõ com mayor força, naõ servindo de perturbação àquelle varonil animo as desattensões, que experimentou em El-Rey seu filho, que dominado de ambiciosas vontades, deu occasião a que lhe largasse o governo antes de tempo no anno de 1662: e vivendo no Paço algum tempo sem governar, com igual Magestade àquella, que soube mostrar quando imperava; movida de mayores pensamentos se recolheu ao Mosteiro de Religiosas Descalças de Santo Agostinho, que ella fundou, e dotou. No dia 17 de Março de 1663 sahio a Rainha do Paço acompanhada del-Rey D. Affonso, do Infante D. Pedro, e de toda a Corte: sahio em publico em hum coche de veludo negro, com duas Senhoras de Honor nos estribos, o coche de respeito, a que se seguia o del-Rey, precedidos ambos do do Infante, que hia com El-Rey, e o Estribeiro môr no estrivo da parte direita, e no da esquerda o Camereiro môr, e quatro coches de Damas. Tanto que a Rainha se apeou, El-Rey, e o Infante a acompanharaõ até à casa do docel, que estava no seu quarto, e alli se despedio de seus filhos, e das Damas, ficando só Dona Isabel

Prova num. 25.

bel de Castro na Clausura, duas Dónas da Camedra, e algumas criadas inferiores, o Conde de Santa Cruz seu Mordomo mór, Ruy de Moura Telles, Estribeiro mór, D. Joaõ de Sousa, Veador da sua Casa, e o Doutor Belchior do Rego de Andrade seu Secretario, porque a Rainha do Mosteiro governava a sua Casa, e os tres Fidalgos, e Secretario continuaraõ aquella assistencia fóra da Clausura: a ella reduzio toda a Real grandeza, occupando-se em virtuosos exercicios, que piamente cremos lhe abriraõ as portas da Eternidade. Faleceo no dia 27 de Fevereiro de 1666 em hum Sabbado às nove horas da noite, tendo recebido o Santissimo Viatico, e a Unção, com tantas demonstrações de piedade, que manifestavaõ a pureza do espirito. Fez a protestaçaõ da Fé, e com vós clara, e intelligivel pedio perdaõ aos seus criados, que todos consternados da dor da sua falta, respondiaõ com copiosas lagrimas mostrando a sua fidelidade. Havia feito o seu Testamento por maõ do seu Secretario Belchior do Rego de Andrade, e approvedo a 25 de Fevereiro do dito anno, no qual nomeou por seu Testamenteiro, e herdeiro a ElRey seu filho, a quem recommendou os Fidalgos, que a serviraõ, e que lhe agradeceffe o cuidado, e amor, com que a haviaõ servido, e juntamente lhe lembra os despachos dos seus criados, e criadas, dizendo: *Que ficão muito desamparadas, esperando, que Sua Magestade o faça, como delle espero.* Recommen-

da se acabem as suas fundações, e com poucas clausulas deu o Testamento por acabado, o qual affinou; porém como a doença era mortal, a debilitou de forte, que já não o pode fazer na approvaçãõ, e por seu mandado o fez o Conde de Santa Cruz seu Mordomo mór, e foraõ testemunhas o Marquez de Marialva, o Marquez Almirante, o Conde dos Arcos, Ruy de Moura, Antonio de Mendoga, o Bispo de Targa, Gaspar de Faria Severim, e D. Lucas de Portugal. Em virtude do seu Testamento foy o seu Real corpo depositado na Igreja de *Corpus Christi*, no Hospicio dos Carmelitas Descalços, em quanto se não acabava a Igreja do Mosteiro das Religiosas Descalças de Santo Agostinho, que ella havia fundado, e dotado. Para o que logo se ajuntou o Conselho de Estado, aonde se ordenou o seu funeral, ordenando-se tudo o que se havia executado no delRey seu marido. Pegaraõ no caixãõ o Marquez de Marialva, o Marquez de Niza, os Condes de Miranda, Ericeira, S. Joãõ, Arcos, Santa Cruz, Villa-Verde, Unhaõ, e Ruy Fernandes de Almada. Cantou a Missã de Pontifical o Bispo de Targa, e os Resposos o Arcebispo eleito de Braga, os Bispos eleitos de Leiria, do Porto, Esmoler mór, e o Bispo Confessor. Foy a Rainha D. Luiza ornada de heroicas virtudes, e huma das mais excellentes Princezas, que vio o Mundo, com admiravel constancia, grande resoluçãõ, e animo taõ varonil, que nada a perturbave.

bava. Amou com extremo a ElRey seu marido, o qual lhe correspondeo de forte, que nas empresas mais arduas seguio o seu parecer, que estlimou tanto, que ao seu arbitrio deixou as disposições da Monarchia, que ella seguio na regencia do Reyno com tanta fortaleza, como sentimento da sua falta; mas com taõ grande coraçã, que a pezar dos embaraços domesticos, triumphou das Armas de Castella, e dos seus negociados no casamento da Infanta sua filha com ElRey de Inglaterra, com tanta politica, como authoridade. Teve hum entendimento sublime com grande discrição; os seus papeis eraõ excellentemente lançados, de que vimos diversos: alguns se conservaõ na Livraria do Duque do Cadaval, e para gloria da sua memoria, e satisfacção dos curiosos, lançaremos nas Provas hum, Prova num. 26. que escreveo, quando quiz deixar o governo do Reyno, que regeo com Christãas, e uteis maximas, que faraõ recommendavel na posteridade o seu Real nome.

Como a obra do Mosteiro, que a Rainha fundava, era grande, se mudou o seu corpo do lugar, em que primeiro fora posto, por ordem del-Rey D. Pedro seu filho no anno de 1691. Para o que no mez de Fevereiro foraõ nomeados para irem à Igreja de *Corpus Christi* fazer a mudança do corpo da Rainha, os Conselheiros de Estado, a saber: o Cardeal de Lencastre, o Marquez de Arronches, o Marquez de Alegrete, o Conde de Val de

Tom.VII.

li ii

Reys,

Memorias m. f. do Duque de Cadaval li. N.º no, to m. 1. dos Copiadores, pag. 235.

Reys, e o Conde de Alvor, e para servir o officio de Reposteiro môr Fernaõ de Souza Coutinho, Veador da Casa Real, e Lourenço Pires Carvalho, do Conselho de Sua Magestade, que servia de Provedor das Obras do Paço, e Roque Monteiro Paim, que servio de Secretario de Estado. E estando juntos às tres horas da tarde na Igreja do dito Hospicio com as portas fechadas, vieraõ os Religiosos com Cruz, e vélas accesas, com tres Padres revestidos com Pluvias de veludo negro com o fundo de ouro, e cantaraõ hum Responso: acabado elle, chegaraõ à Eça, onde estava o caixaõ com o corpo da Rainha, assistido dos Conselheiros de Estado, e tirando o Reposteiro môr de cima do caixaõ a almofada, e Coroa, a poz em hum prato de prata dourada, que tinha nas mãos o Guarda da Tapeçaria: tirou depois o pano, que deu ao mesmo Guarda da Tapeçaria, e elle aos Reposteiros; e o Provedor das Obras do Paço tinha as chaves para se abrir o caixaõ, que era de veludo negro com quatro fechaduras douradas, duas por banda, e sendo aberto, tirou a tampa, que se deu a dous Reposteiros, e chegando-se os Conselheiros de Estado, e os Officiaes da Casa Real, pegaraõ nos cordoens, que estavaõ prezos nas seis azas de outro caixaõ, que estava dentro, que tambem era forrado de veludo negro com quatro fechaduras, e o levarãõ para debaixo do Sacrario no lugar, que se havia preparado para o deposito, ao que ajudaraõ

raõ oito Reposteiros a respeito de fer muito o pezo do caixaõ; e posto naquelle lugar, o Provedor das Obras mandou logo pôr grades para resguardado, de que o Secretario de Estado fez hum termo, que os Ministros todos assinação, e o Prelado do Hospicio. Depois, que se acabou a Igreja do Mosteiro de Santo Agostinho de Religiosas Descalças, que ella fundara, e em que vivem com grande aspereza, e continuo silencio, sem trato, nem communicacão alguma com o Mundo, ordenou El-Rey Dom Joaõ V. seu neto, que em virtude, do que a Rainha sua avó mandara no seu Testamento, se trasladasse o seu corpo para aquelle lugar, encarregando esta mudança ao Duque de Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, e ao Secretario de Estado Diogo de Mendoça Corte-Real; assim em hum Sabbado, que se contavaõ 17 de Junho do anno de 1717, se trasladou o caixaõ, em que estavaõ os ossos da Rainha na Igreja de *Corpus Christi*, para a de Santo Agostinho, onde jaz de traz do Altar môr. A sua Real pessoa serviraõ entre outras muitas, as que referiremos, que casualmente encontrámos, e são as seguintes.

Prova num. 27.

Dona Filippa de Vilhena, Condeffa de Atouguia, foy sua Camereira môr com o titulo de Marquiza de Atouguia, e depois foy Aya delRey D. Affonso VI. e delRey D. Pedro.

Foy tambem sua Camereira môr a Marquiza de Ferreira D. Joanna Pimentel, occupação, que

que começou a exercitar sendo casada, quando a Rainha veyo de Villa-Viçosa, em que continuou até que faleceu no Paço a 11 de Setembro de 1657.

D. Sancho de Noronha, VI. Conde de Odemira, foy seu Mordomo môr, o qual sendo nomeado a 25 de Dezembro de 1640, se lhe passou Carta em nome da Rainha a 6 de Dezembro de 1641, que está no livro 10. da Chancellaria delRey D. João IV. fol. 60.

D. Francisco de Mello, Marquez de Ferreira, do Conselho de Estado, foy seu Mordomo môr, de que teve Carta passada pela mesma Rainha, feita a 4 de Janeiro de 1642, que está no dito livro fol. 337.

D. Miguel de Almeida, Conde de Abrantes, do Conselho de Estado, foy Mordomo môr, lugar, que exercitava no anno de 1656, como se vê no Auto do Levantamento delRey D. Affonso VI. que se imprimio.

Fernão Telles da Sylva, I. Conde de Villar-Mayor, do Conselho de Estado, foy seu Mordomo môr.

D. João Mascarenhas, III. Conde de Santa Cruz, que havia sido Veador da Casa delRey seu marido, foy Mordomo môr, como se vê no Testamento da Rainha, que affinou com este cargo, e depois o foy da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, como se vê no Juramento do Principe

cipe D. Pedro Regente, feito a 27 de Janeiro de 1668, que se imprimio.

D. Luiz de Noronha, Alcaide môr de Monforte, Commendador na Ordem de Christo, foy seu Estribeiro môr, e já o havia sido delRey seu marido sendo Duque de Bragança, de que se lhe passou Carta feita no primeiro de Janeiro de 1641, que se pôde ver na dita Chancellaria fol.197.

D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, foy Estribeiro môr da Rainha, e faleceo estando com ElRey em Salvaterra, em attençaõ do que não foy ElRey naquelle dia à caça.

Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado, Vêdor da Fazenda, foy seu Estribeiro môr, e havia sido Veador da sua Casa, e já exercia este lugar no anno de 1656, em que acompanhou ao Infante D. Pedro nas Cortes, que entãõ se celebraraõ, como se vê no Auto, que entãõ se imprimio.

He certo, que outras muitas pessoas de grande nascimento se empregaraõ no seu Real serviço; porém como não fazemos Catalogo dellas, sómente referimos as que casualmente encontrámos em documentos, que não padecem duvida.

Desta Real uniaõ nasceraõ os filhos seguintes.

18 O PRINCEPE D. THEODOSIO, de quem no Capitulo II. se fará mençaõ.

18 A SENHORA D. ANNA, nasceo em Villa-Viçosa a 21 de Janeiro de 1635, e no mesmo dia pagan-

pagando o tributo à morte, voou à eternidade, e jaz no Coro das Religiosas do Mosteiro das Chagas de Villa-Viçosa, onde tem este Epitafio:

Aqui jaz a Senhora Dona Anna, filha do Duque Dom João II. deste nome, e de sua mulher a Senhora Donna Luiza de Gusmão, nasceu, e faleceu a' 21 de Janeiro de 1635 annos.

18 A INFANTA D. JOANNA, nasceu em Villa-Viçosa a 18 de Setembro de 1636, e no ultimo dia do mez recebeu o sagrado Baptismo na Capella Ducal, administrado por Antonio de Brito de Sousa, Deão da mesma Capella: foy seu Padrinho pela devoção, e piedade dos Duques Fr. Antonio da Covilhãa, Sacerdote professô da Provincia da Piedade, Religioso de grande observancia, de muita oração, e asperas penitencias, que depois acabou com fama de santidade. A natureza dotou a Infanta de agradavel fermosura, e estando na flor da idade, depois de dilatada doença, acabou a 17 de Novembro de 1653, e jaz no magnifico Mosteiro de Belém, juntamente com seus irmãos.

18 A INFANTA D. CATHARINA, Rainha da Grãa Bretanha, como se dirá no Capitulo III.

18 O SENHOR D. MANOEL, nasceu em Villa-Viçosa a 6 de Setembro de 1640, e no mesmo dia

dia regenerado pela graça com o Santo Baptismo, passou ao Ceo, e jaz no Convento dos Religiosos de Santo Agostinho no enterro dos Duques.

18 ELREY D. AFFONSO VI. de quem se tratará no Capitulo IV.

18 ELREY D. PEDRO II. que occupará o Capitulo V.

Teve ElRey fóra do Matrimonio

18 A SENHORA D. MARIA illegitima, que viveo recolhida no Mosteiro de Santa Theresá das Carmelitas Descalças de Carnide, Lugar distante huma legoa da Cidade de Lisboa. ElRey estimou muito a esta filha, porque não só a declarou no seu Testamento, mas nelle lhe fez merce da Comenda mayor da Ordem de Santiago, e das Villas de Torres Vedras, e Collares, e dos Lugares da Azinhaga, e Cartaxo, que juntamente fez logo Villas com jurisdicção à parte, e estas Doações de juro, e herdade para sempre, fogeitas à Ley Mental: e se no decurso do tempo pudesse haver alguma duvida, ordenava ao Principe seu filho, e successor, lhas houvesse de satisfazer em quantia equivalente. Além disto lhe deu mais cincoenta mil cruzados em dinheiro para compor a sua casa; porque ElRey cuidou em dar estado a esta filha, como elle refere no seu Testamento, dizendo, que tudo sabia Antonio Cavide (pessoa de quem muito confiou) e que assim pedia à Rainha, que se informasse delle para seguir a sua mesma vontade. Depois El-

Tom.VII.

Kk

Rey

Rey D. Affonso por hum Decreto confirmou esta Doação em observancia, do que seu pay ordenara, e accrescentava : *E pela boa vontade, que tenho a D. Maria minha muito amada, e prezada irmã; foy feito em Lisboa a 18 de Novembro de 1656, o que logo passou o mesmo Rey por nova Doação a huma Carta feita em Lisboa a 25 de Novembro de 1656 por Luiz Teixeira de Carvalho, e sobrescrita por Pedro Vieira da Sylva. Antes delRey seu pay falecer lhe escreveu a Carta seguinte, que lancey para demonstração do amor, e equidade deste grande Rey: Minha filha, foy Deos servido, que a primeira vez, que tendes Carta minha seja despedindome de vós, e dandovos a minha benção, acompanhada com a de Deos, que fique convosco, e lembraivos sempre de mim, como eu o fiz de vós: escrita em Lisboa a 4 de Novembro de 1656. (e de propria mão) Vosso Pay, que fica com grande sentimento de não vos ver. REY. Os Reys, e Rainhas, que depois se seguirão, a trataram com grande attenção, distinguindo-se muito ElRey D. Pedro, que muito estimou esta irmã. A Rainha D. Maria Francisca a foy ver a Carnide, e para que se saiba a formalidade, com que os Reys costumão honrar aos seus irmãos, ainda que illegitimos, diremos o modo, com que a Rainha D. Maria Francisca de Saboya o fez com esta Princeza, quando a primeira vez foy ao Mosteiro de Carnide. A Senhora D. Maria esperou a Rainha na portaria da parte*

Memorias m. f. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom. IV. pag. 135.

parte de dentro , e se poz de joelhos para lhe beijar a mão , a Rainha com grande agrado a fez levantar , e indo para o Coro a fazer oração , havia no sítial , que estava para a Rainha , huma almofada , que estava descoberta , mais alfastada , para a Senhora D. Maria se pôr de joelhos. Acabada a oração , foy a Rainha para o aposento da Senhora D. Maria , e postas no estrado as almofadas para a Rainha , no mesmo estrado se poz huma almofada para a dita Senhora defronte da Rainha , mais chegada , do que se costuma às Duquezas. Merendou a Rainha , e assentando-se para comer ficou em pé a Senhora D. Maria , não de traz da cadeira , mas na ilhargá ; e quando chegou a confeitadeira , deu a Rainha hum bocado de doce à Senhora D. Maria , e quando Sua Magestade tomou a copa para beber , a Senhora D. Maria lhe quiz dar a toalha , o que a Rainha não consentio. Era tratada pela Corte de Alteza , tornando Excellencia aos Grandes , e Senhoria aos Fidalgos de qualidade , que não eraõ Titulos. Viveo sempre neste Mosteiro em habito de Religiosa , ainda que era de materia mais fina. Fez a Igreja , que ornou com retabolos , e ricas alfayas , preciosa Custodia para expor o Santissimo , em que gastou mais de cincoenta mil cruzados ; mandou lavrar os doús Córos das Religiosas , a quem deu quarenta mil cruzados para se empregarem em renda para o Mosteiro , em que fez outras muitas obras de grande custo , de sorte , que

Tom.VII.

Kk ii

veyo

veyo a ser Padroeira delle, como o he do Mosteiro de Religiosos da mesma Ordem no Lugar de Carnide da invocação de S. João da Cruz. Morreo a 6 de Fevereiro de 1693, e jaz no Coro debaixo, onde tem o seguinte Epitafio:

*Maria inclyti Joannis IV. Lusitaniae
reparatae Regis filia jacet hic sepulta
sub saxo: sex annis Infans Claustrum
ingressa, condito Templo, & Virginum
Coro fure patronatus fecit esse suum:
expletis denique quinque decennis finem
vitae fecit viam pacis habens ut
mortua in pace requiescat. Obiit 7 idus
Februarii Anni Domini M.DC.XCIII.*

Por sua morte se recolheu ElRey por cinco dias; e tomou luto de capa comprida por hum mez, e à Corte se fez aviso para assim o observar. Ao seu enterro foraõ assistir alguns Conselheiros de Estado, e Titulos, mas sem ser por ordem mais, que por obsequio devido a tal pessoa: para o que advertidamente acabado o Conselho de Estado, se disse, que era justo acharemse no seu funeral, para que cada hum o participasse aos seus parentes, e amigos para assistirem a esta funcão.

A Rai.

A Rainha
Dona Luí-
za Francis-
ca de Gus-
mão, mu-
lher do
Rey Dom
João IV.

D. João Manoel Peres de
Gutmao, n.
a 7 de Janeiro
de 1579,
VIII. Duque
de Medina Si-
donia, Con-
de de Niebla,
Cavalleiro do
Tufão, &c.

A Duqueza
D. Joanna de
Sandoval.

D. Alfonso Pe-
res de Gutmao,
VII. Duque de
Medina Sido-
nia, Cavalleiro
do Tufão, &c.
+ em Julho de
1615.

A Duqueza D.
Anna da Sylva
e Mendoza.

Dom Francisco
de Sandoval, I.
Duque de Ler-
ma, + Cardeal a
17 de Mayo de
1625.

A Duqueza D.
Catharina de
Lacerda.

D. João Calros de
Gutmao, IX. Con-
de de Niebla, +
em vida de teu
pai no anno de
1554.
A Condesa Dona
Lconor de Zuniga
e Sotomayor.

Ruy Gomes da
Sylva, Príncipe
de Melito, I. Du-
que de Paltrana,
nascido em 1516.
D. Anna de Men-
doça de Lacerda,
Princesa de Meli-
to, + a 2 de Fe-
vereiro de 1592.

Dom Francisco
de Sandoval, IV.
Marquez de Denia,
+ em 21 de
Março de 1574.

A Marqueza D.
Isabel de Borja.

Dom João de Lacerda,
IV. Duque de
Medina Celi,
Mordomo mór da
Rainha D. Anna
de Austria.

A Duqueza D. Jo-
anna Manoel.

Dom João Alfonso de
Gutmao, VI. Duque
de Medina Sidor-
nia, + em 1550.
A Duqueza D. Anna
de Aragão.

D. Francisco de So-
tomayor, V. Conde
de Belalcazar, III.
Duque de Bejar, &c.
+ no anno 1544.
A Duqueza D. The-
reza de Zuniga e Gus-
mão, + a 25 de No-
vembro de 1565. II.

Francisco da Sylva,
III. Senhor da Cha-
muica, e Ulme, &c.
+ em 1566.
D. Mana de Noro-
nha, + em 1552.

D. Diogo Furtado de
Mendoza de Lacer-
da, Príncipe de Me-
lito, &c., + a 19 de
Março de 1578.
A Princesa D. Ca-
tharina da Sylva, +
em 1576.

D. Luiz de Sando-
val, III. Marquez de
Denia, &c. Mordomo
da Rainha Dona
Joanna, + em 1570.
A Marqueza D. Ca-
tharina de Zuniga.

S. Francisco de Borja,
IV. Duque de
Gandia, &c. Geral
da Companhia, + o
1. de Outubro. 1572.
A Marqueza D. Leon-
or de Castro, + a
27 de Março 1546.

D. João de Lacerda,
II. Duque de Medi-
na Celi, &c., + a 20
de Janeiro de 1544.
A Duqueza D. Maria
da Sylva, + a 16 de
Agosto 1544. 2. m.

D. Sancho de Noro-
nha, Conde de Ode-
mira.
A Condesa D. An-
gela Fabia, Came-
reira mór da Empe-
ratriz, 2. mulher.

D. João Alfonso de Gusmão, nascido em Fevereiro de 1464, III. Duque de Medina Sidor-
nia, + a 16 de Julho de 1507.
A Duqueza D. Isabel de Velasco.
D. Affonso de Aragão, Arcebispo de Caragoça.

Anna Urrea.
D. Affonso de Sotomayor, IV. Conde de Belalcazar.

A Condesa D. Isabel de Castro.
D. Francisco de Zouiga e Gutmao, II. Marquez de Ayamonte, + a 26 de Março de 1525.
A Marqueza Dona Leonor Manrique, + em 1516.
João da Sylva, II. Senhor da Chamuica, &c., + em Fevereiro de 1520.

D. Joanna Henriques.
Roy Telles de Menezes, V. Senhor de Unhão, &c. Mordomo mór da Imperatriz D. Isabel, + em 13 de Outubro de 1528.
D. Guiomar de Noronha.
D. Diogo Furtado de Mendoza, I. Conde de Melito.

A Condesa D. Anna de Lacerda, Senhora de Miedes, Paltrana, &c.
D. Fernando da Sylva, IV. Conde de Cifuentes, + a 16 de Set. 1445.
A Condesa D. Catharina de Andrad-
a e Zuniga, + em 1538.
D. Bernardo de Sandoval, II. Marquez de Denia, Conde de Lerma, + em 1536.

A Marqueza D. Francisca Henriques.
D. Francisco de Zuniga e Velhane-
da, Conde de Miranda, Mordomo mór da Imperatriz.
A Condesa D. Theresia Henriques.

D. João de Borja, III. Duque de Gandia, + em 1451.

A Duqueza D. Joanna de Aragão.
D. Alvaro de Castro, Senhor do Morgado do Torrao.

D. Isabel de Mello.

D. Luiz de Lacerda, I. Duque de Medina Celi, + a 25 de Novembro de 1501.
D. Catharina Rique de Orrejon, 1. m.

D. João da Sylva, III. Conde de Cifuentes, + em 1512.
A Condesa D. Catharina de Toledo.

Dom Affonso, Conde de Faro, + em 1487.

D. Maria de Noronha, Condesa de Odemira, II.

Gaspar Fabra, Senhor de Parigadu em Sardenha, Embaixador del-Rey Catholico a Portugal.
D. Isabel de Centellas, 2. mulher.



CAPITULO II.

Do Principe D. Theodosio, berdeiro da Coroa de Portugal, Principe do Brasil, e Duque de Bragança.

18



STE insigne Principe nasceo em Villa-Viçosa a 8 de Fevereiro de 1634, Duque de Barcellos, às quatro horas da tarde, e foy baptizado a 27 do mesmo mez na Capella Ducal pelo seu Deaõ Antonio de Brito de Sousa, na fórma já referida, e levado à pia por Ruy de Sousa, Fidalgo velho de muita authoridade, que havia sido Copeiro mór do Duque seu pay: foy seu Padrinho o Senhor Dom Duarte seu tio,

tio, depois Infante de Portugal: foylhe posto o nome de Theodosio em memoria de seu avô; e fobindo ElRey seu pay ao throno, foy jurado Principe, e herdeiro do Reyno a 28 de Janeiro de 1641.

Prova num. 28.

Depois por huma Carta patente, passada a 2 de Mayo de 1642 o nomeou Coronel da Nobreza, com quatro Terços, dos quaes tres se formariaõ de oito Companhias cada hum da Nobreza, para o que se haviaõ tirado listas no anno antecedente, e o quarto seria das Companhias dos privilegiados, naturaes, e estrangeiros da Cidade de Lisboa, e foraõ nomeados Tenentes do Principe, e Governadores dos quatro Terços, o Marquez de Montalvaõ, os Condes da Torre, Unhaõ, e da Calheta. No anno de 1645 por outra Carta patente feita a 27 de Outubro, o declarou Principe do Brasil, e Duque de Bragança, fazendolhe Doação de todo o Estado desta Casa, com todas as jurisdicções, rendas, Padroados, e datas, que pertenciaõ aos Duques de Bragança, na mesma fórma das Doações da Casa, pelas quaes elle a possuira até o tempo, em que fora restituído à Coroa destes Reynos, e que na mesma fórma a possuira o Principe, e passaria a todos os Príncipes herdeiros do Reyno, ordenando, que em nenhum tempo se pudesse unir à Coroa, da qual totalmente a separava, e que os successores dos Reys deste Reyno se chamariaõ Príncipes do Brasil, e Duques de Bragança; declarando, que no tempo, que faltasse Principe, os Reys governassem

Prova num. 29.

o Es-

o Estado da Casa de Bragança com a mesma divisaõ de Ministros do seu Tribunal, independente de todos os outros, na fórma, que nella se praticava. E para corroborar esta sua disposiçaõ, usou de poder Real, e absoluto, de motu proprio, dispensando, e abolindo quaesquer Leys, Ordenaçõs, Regimentos, Capitulos de Cortes geraes, ou especiaes, que houvesse em contrario, dando pela dita Carta patente todas por derogadas para a sua validade: em virtude da qual foy o Principe D. Theodosio Duque de Bragança, e depois o foraõ sempre os Principes presumptivos herdeiros do Reyno.

A natureza, e a graça ornaraõ este Principe de virtudes heroicas, porque fundando o edificio da sua vida em santo temor de Deos, se admirou nelle veneraçãõ ao culto Divino, piedade, e grande religiaõ, inviolavel castidade, com que conservou a sua alma pura, com tal modestia, que se offendia de ouvir palavras obscenas, e nunca mais tornou a conversar voluntariamente com a pessoa, a quem ouvio termos immodestos; liberal com a pobreza, magnanimo, liberal, admiravel juizo, e igual valor, e sobre tudo observantissimo da Ley de Deos. Nos annos da sua puericia lhe foy dado por Mestre D. Pedro Pueros, Cavalhero Irlandez, que o instruiu nas bellas letras; e de poucos annos soube, e fallou perfeitamente a lingua Latina, deixando nella compostos alguns Tratados curiosos, e eruditos de diversas materias, que a sua anticipada morte naõ deixou

deixou aperfeiçoar para se imprimirem, os quaes se intitulão : *Aureum Seculum*, outro *Macareopolis*, nome Grego, que val o mesmo, que Bemaventurada Cidade, de que o Original se conserva na Livraria, que foy do Cardeal de Sousa, e possui o Duque de Lafoens. Este livro foy glorioso instrumento para que a Rainha Christina de Suecia seguisse a Religião Catholica Romana; com esta doutíssima Rainha teve o Principe communicacão litteraria, e este foy o motivo da felicidade referida; outro *Historia Universal do Mundo*, semelhante à do Padre Tursselino; outro particular de *Suecia*, e outro finalmente de *Sacramento Altaris*, que ambos dedicou, e mandou à Rainha Christina de Suecia, que contribuião muito para a sua conversão, e pela estimacão, que fez destes livros, tratou o seu casamento com o Principe, querendo vir para Portugal viver em hum Reyno Catholico, pois não podia no de Suecia por causa da Religião. Teve sufficiente noticia da lingua Grega, de cujos caracteres, feitos pela sua propria mão, illustrava os seus escritos; e da Hebraica não teve menos: entendia a Franceza, e Italiana, e fallava com energia a Castelhana. A sciencia, a que mais o genio o levava, foy a da Mathematica, em que teve por Mestre ao Padre João Paschasio Sciermans, chamado na nossa Historia *Cosmander*, Flamengo de nascimento, e professor insigne desta sciencia, o qual costumava dizer, que quando entrara a lhe dar lição, o acha-

ra mais Mestre, que Discipulo; e na verdade elle tendo excellentes Mestres, parece que só o foy de si mesmo nesta faculdade, em que foy insigne com admiração dos que o trataraõ. Soube com excellencia a Philosophia, e Theologia; naõ contava ainda dezafete annos, quando estava senhor destas sciencias, com tanta vastidaõ, como se as professara para o Magisterio. Da Medicina, e da Chymica teve bastante luz, especulando os termos, com que disputava com os Medicos. Do Direito Canonico, e Civil, tocante às Leys Municipaes, aprendeo o que lhe era necessario para administração do governo do Reyno. Nas Artes liberaes era muy versado, jogava as armas com perfeição, e destreza, e assim no manejo dos cavallo, e na architectura militar se exercitava, delineando, e riscando perfeitamente as fortificações: ainda as Artes mechanicas lhe deveraõ curiosidade, obrando relogios, e tomando ovados, como o mais pratico, e forjando espadas de admiravel tempera. Na lição da Historia humana, e Sagrada era erudito, lendo-a com tanta reflexaõ, que apontava com a penna os lugares mais notaveis, colhendo desta sorte copioso fructo da mais alta doutrina. Naõ perdeo de vista os livros politicos, em que se ensina a arte de reynar; porém destes escolhia a politica Christãa, abominando aquelles, que a encontravaõ. Estimava aos Varoens doutos em qua'quer faculdade, ou arte liberal; admittia os eruditos à sua presença, e os tra-

Monconys Voyages 1.
part. pag. 129 da edi-
ção de Paris de 1695.

Tom. VII,

Li

tava

tava com singular benevolencia , favorecendo-os nas suas pertencções. Aos Soldados de conhecido valor generosamente amparava, sentindo, que algum benemerito se achasse sem premio digno do seu merecimento , como se vio no breve tempo, que assistio na Praça da Cidade de Elvas.

Esta jornada intentou o Principe aconselhado sómente do seu valor, e sem mais companhia, que a de D. Luiz de Portugal, Conde de Vimioso, e João Nunes da Cunha, seus Gentis-homens da Camera; sahio do Paço de noite, passou a Aldea-Galega, onde João Nunes tinha prevenido o que era necessario para a jornada, a qual executou a 2 de Novembro de 1651, e chegando à venda do Duque, achou ao General da Cavallaria André de Albuquerque com alguns Cavallos, e a Tropa de Diogo de Mendoça, que bastava para a segurança daquelle passo, naquelle tempo pouco arriscado. E passando de Estremoz a Elvas, o esperavaõ quinze Tropas, e na Fonte dos Çapateiros tres Terços de Infantaria, com os quaes entrou em Elvas com pompa. André de Albuquerque lhe offereceo as chaves da Cidade, e montado o Principe a cavallo, debaixo de hum Pallio, o levou de redea Dom João da Costa, que governava as Armas da Provincia na ausencia do Conde de S. Lourenço. Chegou à noticia delRey a jornada do Principe, e ouviu o Conselho de Estado, em que foraõ diversas as idéas dos Conselheiros. ElRey lhe mandou escrever

crever logo no mesmo dia huma Carta, em que lhe dizia, que assim, que foubra da sua partida para a Fronteira, ordenara a D. João da Costa, que estava encarregado do governo das Armas daquella Provincia, obedecesse, e executasse as suas ordens, da mesma maneira, que o havia de fazer às suas, dizendo estas palavras: *Encomendovos muito tomeis o trabalho de querer governar as Armas dessa Provincia em quanto a visitardes, obrando nella tudo, o que vos parecer, sem exceção de caso, ou de negocio algum: espero me deis conta, do que vos parecer capaz de o fazedes.* O Conde de Miranda Henrique de Sousa Tavares, e o Conde dos Arcos D. Thomás de Noronha, seus Gentis-homens da Camera, o seguirão com beneplacito delRey, e todos os mais, de que se compunha a sua Casa: o mesmo fez huma grande parte da Nobreza. O Conde de S. Lourenço, que conservava o titulo de Governador das Armas de Alentejo, intentou seguir ao Principe para lhe assistir, mas não lho permittio ElRey. O Conde da Ericeira referindo esta jornada diz, que se entendeo, que ElRey levado de particular inclinação, que tinha à grande prudencia, e zelo de D. João da Costa, não quiz, que entre o Principe, e D. João se interpuzesse outro poder: a que possô accrescentar, que tambem foy a vontade do Principe, que lhe fosse immediato D. João da Costa; porque em huma Carta delRey de 9 do mesmo mez de Novembro, respondendo ao

Prova num. 30.

Ericeira, Portug. Restaurado, tom. I. liv. I. f. 1. pag. 745.

Prova num. 31.

Tom. VII.

Lii

Prin-

Principe com importantes direcções às perguntas, que lhe fizera, diz: *Aqui tenho mandado responder ao Conde de S. Lourenço o mesmo, que me advertis.*

Prova num. 32.

Passados alguns dias, depois do Principe estar em Elvas, lhe escreveu ElRey de propria mão huma larga Carta, feita a 26 do referido mez, mostrando-lhe os inconvenientes da jornada, e o quanto poderia ser prejudicial à mesma defensão do Reyno, com razoes tão concludentes, como nascidas das prudentissimas maximas da sua politica; nella se lê em estylo claro, e agradável, a recta intenção daquelle grande Rey. Tambem a Rainha lhe havia anticipadamente escrito outra da sua propria mão

Prova num. 33.

a 11 de Novembro com differente methodo; porque sómente explica carinhosa, e discretamente o seu amor, e a sua saudade, de sorte, que na Carta delRey se admira, o que diz, e na da Rainha, o que calou, e em ambas se vê o brilhante daquelles sublimes talentos. Estes Anedoctos verão os curiosos nos Tomos das Provas. De Elvas passou o Principe a Villa-Viçosa, e da montaria, que fez, remetteo a ElRey dous porcos montezez, que matou na Tapada, lisongeando a ElRey com a sua mesma inclinação, que lhe respondeo, que sem a sua companhia nada lhe era agradável, e que o defafiava para os porcos de Salvaterra, porque era justo fazella nos bosques, quando a razão pedia suspendella nas Fronteiras. Vendo o Principe, que por nenhum caminho podia vencer a deliberação delRey,

direcções às perguntas,
 tenho mandado responder
 mesmo, que me advertia
 do Príncipe estar em
 y de propria mão hum
 o referido mez, molhos
 a jornada, e o quento po-
 elma defensão do Reyno,
 entes, como nascidos dis
 da sua politica; nella se li-
 vel, a recta intenção da-
 mbem a Rainha lhe havia
 urra da sua propria mão
 differente methodo; por-
 nhosa, e discretamente o
 e, de sorte, que na Carta
 diz, e na da Rainha, o
 se vê o brilhante daque-
 lles Anedoctos veraõ os
 provas. De Elvas passou
 e da montaria, que fez,
 rcos montezes, que mado
 do a ElRey com a sua
 respondeo, que sem a
 ra agradavel, e que o
 Salvaterra, porque era
 ando a razao pedia suf-
 endo o Principe, que
 a vencer a deliberação
 delRey,

da Casa Real Portug. Liv. VII. 271

delRey, voltou para Lisboa nos ultimos dias de Dezembro do referido anno, com grande satisfação das Magestades, e applauso da Corte, e povo.

Naõ tardou ElRey em attender ao gosto do Principe, porque o declarou Generalissimo das Armas de todo o Reyno, de que se lhe mandou passar Patente, ficando todos os postos Militares, e Consultas, que tocavaõ à guerra, ao seu arbitrio, com a mesma jurisdicção, e faculdade, que competiaõ a ElRey, passando as Patentes em seu nome, privando, diminuindo, e accrescentando tudo, o que lhe parecesse. Para o que se mandou ordem ao Conselho de Guerra, Junta dos Tres Estados, Contadoria Geral, Governadores das Armas, e a todos os mais Officiaes, assim de Guerra, como de Fazenda de todo o Reyno, para que ao Principe dirigissem suas Consultas, e negocios, e todos os mais Vassallos de qualquer qualidade, e preeminencia, lhe obedeceriaõ nas materias de guerra, e fazenda della, sem limitação alguma. E que esta Patente, pela preeminencia della, se naõ registaria em livro algum, porque em virtude das Cartas, e Decretos mandados aos Tribunaes, Governadores das Armas, e Cameras principaes do Reyno, seria a todos notoria, a qual foy passada em Lisboa a 25 de Janeiro de 1652, o que elle soube administrar com admiravel prudencia, e justiça. Entaõ fez o Regimento, a que chamaõ do *Principe*, para administração dos tributos, que ainda hoje na Junta dos

Prova num. 34

dos Tres Estados se observa. No dia, em que tomou posse deste emprego soberano, fez a seguinte Oraçãõ, que todos os dias recitava de joelhos diante da Imagem de Christo Crucificado, de quem esperava com fé os acertos.

„Domine, qui potestates, & regna toti terrarum Orbi dispensas, præs exercitibus, & Dei „Sabahot nomine dignaris, tu de tua immensa bonitate mihi, etsi vilissimæ creaturæ tuæ, Regnum „istum Lusitanum tuendum dedisti, quod & ad „maiores laudem tuam suscepi, & pro charitate, „quâ tua gratia fretus, intendo, nil aliud volo, „quam quod tuo Sanctissimo nomini gloriosius, & „decentius fuerit. Unde, potentissime Deus, qui „omnia diligenti Te in bonum cessura promissisti, „qui Salomoni regendi scientiam dedisti, Davidi, „& Josue militarem fortitudinem induisti: Te precor per Unigenitum Filium tuum, Dominum „meum Jesum Christum, ut dum hoccemet munere fungere velis, sic fortem, & sapientem me „geram, ut plurimas inde tibi referam gratias, quod „de me spondeo, semper facturus. Amen.

Amou de tal sorte a Nobreza, que quando via a ElRey seu pay desgostado com algum Fidalgo, não cessava sem o restituir à sua graça: com o povo parecia pay, mostrando-se com os pobres compassivo, e com todos clementissimo, e amava tanto o de Li-boá, que poucos dias antes de morrer chamou o Juiz do Povo, e lhe disse: *Dizey ao povo,*

povo, que se Deos me der vida, toda hey de galgar em sua defenſa, e ſenão, que mais efficaamente o defenderey no Ceo. E muitas vezes coſtumava repetir: Que ſenão houveſſe tempo de ver ſeus Vaſſallos livres das oppreſſoens, que padecião, qne não queria ſer Rey de Portugal. Eſtas expreſſoens do amor, que mostrava aos Vaſſallos, o ſaziaõ igualmente reſpeitado, que amado, de ſorte, que não havia peſſoa, que lhe fallaffe huma vez, que o não deſejaſſe repetir muitas, pela aſſabilidade, e portentoſa graça, e genio deſte Principe. O ſeu talento foy tão ſublime, e elevado, que de treze annos começou a aſſiſtir no Conſelho de Eſtado, em que de ordinario o ſeu voto era o mais ſeguro, e mais bem fundado, com diſcurſos tão ſolidamente ponderados, que ſe ouviaõ como vozes de Oraculo. Quando contava quinze annos, já ElRey lhe fiava os negocios mais graves da Monarchia, eſperando no ſeu voto o mais ſeguro conſelho, ou foſſe nas materias Politicas, ou Militares. Não ſó no Conſelho ouvia ElRey ao Principe, mas domeſticamente lhe participava importantiſſimas materias, dizendo eſtas palavras: *Quero ouvir o meu Sala-mão*; termo, que repetia em ſemelhan-tes occaſioens. Delle ſe conservaõ votos nas materias Politicas, e Militares mais importantes, que nas Provas ſe veraõ, tirados dos Originaes eſcritos da ſua propria mão, que ſe conservaõ na Livraria do Conde da Ericeira, os quaes já deixámos referidos no

Prova num. 35.

Capitulo

Capitulo I. deste Livro, quando fallámos na vinda dos Principes Palatinos a este Reyno.

Principiava o dia com exercicios santos, em que gastava muitas horas em profunda contemplação, e vivendo sempre abraçado no amor Divino, persuadia aos que tratava familiarmente a considerarem, que cousa era Deos, sobre o que fazia humildemente altissimas contemplações. As palavras, que ordinariamente repetia, eraõ: *Que grande Deos temos, que immensa fermosura he a sua.* Todas as vezes, que o Relogio dava horas, fazia hum fervoroso Acto de contrição; confessava-se quasi todos os dias, e commungava todos os Domingos, e todas as festas mayores do anno de Christo, Nossa Senhora, e Santos de sua mayor devoção. Nelle se anticipou o uso da razão por especial graça, porque não contava quatro annos, idade incapaz da culpa, quando já a reconhecia para se confessar della. Continuou delde os primeiros annos com tão admiravel impulso a penitencia, que se recreava com a solidão, retirando-se como Eremita no tempo, que assistia na Quinta. Castigava asperamente o seu corpo com cilicios, disciplinas, e jejuns; e assim se exercitava em obras de mortificação, não havendo cousa alguma, em que não desejasse imitar aos mais perfeitos Heroes da Santidade. Ornado de tão admiraveis virtudes, veyo a enfermar, e aggravando-se a doença, apuraraõ os Medicos os remedios: e elle abraçando de todo o coração os Divinos, tendo

tendo recebido com profunda humildade, e terníssima devoção os Sacramentos, desde o dia 9 de Mayo até 15, que gastou em santos exercicios, resignado na vontade Divina esperava alegre a ultima hora, e abraçado com huma Imagem de Christo na Cruz, repetindo fervorosamente: *Præbe mihi cor tuum, & ego dabo tibi cor meum: sicut desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te, Deus;* elevado em profunda contemplação, rendeo a sua ditosa alma nas mãos de seu Redemptor, em que lhe tributou o Sceptro, e a Coroa a 15 de Mayo de 1653 para ser coroado entre os Espiritos por toda a eternidade. Jaz no Mosteiro de Belem, depositado na Capella môr debaixo do Sacrario. El-Rey seu pay ordenou no seu Testamento, que fossem os seus ossos trasladados para o Mosteiro de S. Vicente de Fóra com os de sua irmã a Infanta D. Joanna, onde manda lhes fação sepulturas magnificas, e instituindo quatro Missas quotidianas naquella Igreja, diz: *Duas por mim, e duas pelo dito Principe, e Infantes meus filhos, com Responso, &c.* Foy este virtuoso, e excellente Principe de estatura proporcionada, e de galharda presença, com o rosto grave, branco, e córado, olhos, e cabellos negros, o corpo robusto, antes que os achaques o debilitassem. O seu casamento tratou a grande politica delRey seu pay com a Infanta de Hespanha D. Maria Theresa, depois Rainha de França, e esteve muy adiantada esta delicada negociação, ma-

Tom.VII.

Mm

nejan-

nejando este negocio o grande talento do Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesu, que passou a Napoles com grandes creditos, e prudentes instruções: e se o Duque de Guisa soubesse conservar-se, e o tumulto daquelle Reyno se não dissipasse, se ajustaria sem duvida este tratado, e o da paz com Hespanha com condições muy ventajosas a Portugal. A sua Vida compoz em Latim o Padre Manoel Luiz, da Companhia de Jesu; e o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes fez huma larga Dedicatoria à sua memoria, que anda na Vida del-Rey D. João I. Delle trata como de Varão Santo Jorge Cardoso no *Agiologio Portuguez* a 15 de Mayo, e com a sua costumada elegancia o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes no primeiro Tomo do seu *Portugal Restaurado*, que testemunha muitas cousas particulares por se haver creado com este Principe, que fez saudosa a sua memoria entre os seus naturaes. Luiz de Sousa, depois Arcebispo de Lisboa, e Capellaõ mór, e Cardeal da Santa Igreja de Roma, que entre os favorecidos deste Principe conhecidamente teve a sua graça, estampou hum livro com o titulo de *Tumulus Theodosii*, o qual acabou com este Cenothafio:

EPI.

EPITAPHIUM.

DEO,

Qui aufert

Spiritum Principum

S.

M. E.

THEODOSIUS,

Princeps Lusitanie,

Et Brasiliæ

Imperator vix dum adolescens :

Spei summæ :

Expectationis maxime,

Sed victæ :

Nostri nec ævi, nec moris,

Sed prisçi.

Intra florem ætatis maturus :

Ante canos senex :

Citra disciplinam doctus :

Supra mortalem excelsus :

Ultra hominem ingeniosus :

Vix imbutus, cum perfectus :

Ægre in limine,

Jam in limite constitutus :

Acerba morte ereptus,

Non immatura præreptus,

Ante diem,

Tom. VII.

Mm ii

Sed

Sed post lucem.

*Magua commendatione famæ
Ingenti splendore gloriæ
Occidit innocenti morte.*

Rea vitæ,

Quæ destituit,

Cum pondus virtutum

Ferre uon posset;

Sed hæc provocavit ad Superos,

Qui ornarunt: pene culpans,

Quod obruerunt.

Constat nullam in ejus morte

Fuisse culpam, fuisse causam,

Caduca oderat.

Immortalia anhelabat:

Humanum modum excessit:

Cælum attigit. Pulsavit.

Receptus est.

Quem terra non caperet

Ingressus est æternitatem,

Aliena reliquit,

Sua repetiit.

Ne lugem viator

Illius haud lugenda mors est,

Cujus vita fuit admiranda.

Vixit

Annos XIX. votis suorum

Parum, suis diu,

Famæ satis,

Dotibus

da Casa Real Portug. Liv. VII. 279

Dotibus nimium.

Desiderio æternum vivet.

Ei

Gratie, officii, obsequii, amoris,

Doloris ergo

Unus ex intimis Aulæ

maximissimus

Aloysius à Sousa

Comitis Mirandæ filius

H. Cænot. P.

Anno M. DC. LIII.



CAP.



CAPITULO III.

*Da Infanta D. Catharina , Rainha da Grãa
Bretanha.*

18



AVENDO em todas as idades a Casa Real Portugueza dado Rainhas , e Princezas às mais poderosas Coroas , e Soberanos de Europa , como fica referido ; tinha passado mais de hum seculo , em que se suspendera esta felicidade , sendo a ultima do Real sangue Portuguez a Infanta D. Maria , mulher de Dom Filippe , Principe herdeiro da Monarchia Castelhana , que pela falta da successão do infeliz Rey D. Sebastião , se apoderou da Coroa de

Portu-

Portugal, de que depois de hum intruso dominio, que durou sessenta annos, foy restituída pelo valor dos seus meismos naturaes ao Magnanimo Rey D. João IV. que sendo casado com a Rainha Dona Luiza, delle Real conforcio, como temos dito, nasceo terceira filha a Infanta D. Catharina, ornada de taõ excellentes virtudes, que depois com o exercicio dellas illustrou a Coroa da Grãa Bretanha. Vio a primeira luz do dia no Paço de Villa-Viçosa a 25 de Novembro do anno de 1638 das oito para as nove horas da noite, dia, em que a Igreja celebra a festa da gloriosa Santa Catharina Virgem, e Martyr. A devoção de seus pays lhe quiz conservar o nome como feliz auspicio, dando huma Santa Princeza, e douta, por Protectora da recém-nascida Princeza, e o tempo depois acreditou a eleição, vendo-se a prudencia, e sabedoria da Infanta D. Catharina, em quem concorreraõ tantas virtudes, que fizeraõ glorioso o seu nome na Grãa Bretanha. Foy bautizada na Capella Ducal de Villa-Viçosa em hum Sabbado 12 de Dezembro deste referido anno, administroulhe este Sacramento o Deaõ da mesma Capella Antonio de Brito e Sousa, Fidalgo em quem concorriaõ merecimentos para aquella Dignidade, e foy seu Padrinho o Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, que com notavel pompa, e ostentação se achou neste acto, mostrando o gozo, com que recebia a honra do novo parentesco espirital, que contrahia com o Duque

Duque de Bragança sobre os repetidos do sangue, estimando agora esta demonstração, com que o Duque manifestava o seu affecto, como premio da boa correspondencia, que a sua Casa conservava em todos os tempos no respeito da Serenissima de Bragança.

Contava poucos dias sobre dous annos, quando trocando a fortuna de Vassallos pela incomparavel felicidade da soberania, passaram as Magestades de seus pays de Villa-Viçosa para Lisboa, e sendo creada com as prudentes maximas Chriistãs daquella admiravel Heroína a Rainha D. Luiza sua mãe, a estimou com notavel carinho, e não menos ElRey seu pay, de que ella se fazia digna acredora: assim o testemunhou ElRey na grande Doação, que lhe fez, dandolhe a Ilha da Madeira com todos seus Lugares, a Cidade de Lamego, e seu Termo, a Villa de Moura, e seu Termo, com todas as suas rendas, fúros, e tributos, officios, datas de Castellos, e Padroados, excepto as Alfandegas, e cisas, e o provimento dos Bispos de Lamego, e Funchal; porque esta nomeação sempre seria da Coroa, como era ao presente: e que gozaria da mesma sorte, que ElRey possuía a Ilha da Madeira, Cidade de Lamego, e Villa de Moura, com toda a jurisdicção, Crime, e Civil, mero, e mixto imperio, e todas as mais prerogativas, que tem as Doações da Casa de Bragança, que alli deu por expressadas, entendendo as que são incorpora-

Prova num. 36.

Tom. VII.

Nn das

das na Casa para os successores, e não as pessoas, que por outra Doação concederia à Infanta, como convinha à sua pessoa, e lhe concederia seus successores aos da Infanta; e lhe fez mais merce dos Celleiros de Moura, que pertencem à dita Villa, da mesma maneira, que concedera ao Infante D. Pedro os de Serpa, de que era Donatario. E de mais lhe fez Doação do Paul de Magos, tudo de juro, e herdade na forma da Ley Mental, para ella, e seus successores, varoens legitimos, em que preferio o neto filho de filha mais velha, falecido antes de succeder, ao tio filho segundo, e mais filhos do ultimo possuidor; querendo seguir o mesmo, que já na Serenissima Casa de Bragança se tinha declarado, como em seu lugar fica escrito. Por obviar embaraços, manifestou ElRey, que a Doação da Ilha era somente no que pertencia à Coroa, salvando o direito dos Donatarios, que nella havia, que ficaria em seu vigor em quanto durasse o termo das suas Doações; e que acabando elles, e havendo de os ditos lugares, bens, e jurisdicções, e o mais, que possuissem, de voltar à Coroa, não vagaria para ella, senão para a Infanta, e seus successores, para os possuirem na forma, em que ElRey delles lhe fizera Doação: com declaração, que havendo de casar a Infanta fóra do Reyno, dando-lhe a Coroa hum justo equivalente por estas merces, seria a Infanta obrigada a desistir dellas. E porque os Benefícios da Ilha eraõ providos, como perten-

pertencentes à Ordem de Christo, pela Mesa da Consciencia; ElRey os dava à Infanta, e seus successores para os possuirem como Donatarios daquelles Padroados, e o uso delles, da mesma forte, que a Casa de Bragança provê algumas Commendas da mesma Ordem, o que fazia ElRey de juro, e herdade, e quando nisto pudesse haver duvida, a dava em tres vidas na melhor forma, que pudesse ter effeito; e que sendo necessario se supplicaria a Sua Santidade para supprir o que preciso fosse. Determinando, que se em alguma parte não pudesse ter effeito esta Doação, se lhe suppriria com outra equivalente, de sorte, que se inteirasse o valor da merce, que nesta Doação fazia à Infanta, no que obrava de motu proprio, certa sciencia, poder Real, e absoluto, a qual foy feita na Cidade de Lisboa no primeiro do mez de Novembro de 1656.

Governava a Monarchia Portugueza a Rainha D. Luiza como Regente do Reyno na menoridade delRey D. Afonso seu filho, e achando-se a Infanta D. Catharina com hum bom dote na Doação, que referimos, e com idade para se lhe dar estado, e considerando, que convinha ao Reyno darlhe hum esposo, com cuja alliança se pudessem fazer os interesses communs; depois de varias proposições em diversas partes, concluiu o casamento da Infanta com Carlos II. Rey de Inglaterra, por meyo do zelo, e intelligencia do seu Embaixador

Tom. VII.

Nn ii

xador

Ericcira, Portug. Ref.
tavor. tom. 2. lib. 6. pag.
369.

Ciolo, *Hist. de Port.*
t. 2, p. 708.

Prova num. 37.

Prova num. 38.

xador Francisco de Mello, depois Conde da Ponte, que a pezar das negociações dos Castelhanos, deu feliz conclusão a este negocio; porque não admittio ElRey da Grãa Bretanha as varias proposições, que lhe fizeraõ para a escolha de esposa, de diferentes Princezas, que se lhe nomearaõ, nem menos as ventajosas condições, com que ElRey de Castella o persuadia, a que aceitasse qualquer das Princezas Protestantes, a quem para este fim lhe promettia outro tanto dote, como às Infantas de Hespanha. Tendo ElRey da Grãa Bretanha ajustado o seu casamento com a Infanta D. Catharina, e approvado pelo seu Conselho de Estado, o manifestou ao Parlamento no dia 18 de Agosto de 1661 com huma pratica; e elle com outra chea de reverentes expressões, agradeceo a honra daquella tão agradavel noticia, e o Chancellor de Inglaterra visitou ao Embaixador, levandolhe os papeis das resoluções, que se haviaõ tomado nas Camaras dos Senhores, e dos Communs, que se veraõ nas Provas com outras do mesmo negocio. Seguiu-se hum Tratado de paz, e casamento de vinte artigos publicos, e hum secreto, que continhaõ: Que todos os Tratados feitos do anno de 1641 até aquelle tempo entre as Coroas de Portugal, e Grãa Bretanha, se ratificariaõ, e confirmariaõ por aquelle Tratado: Que ElRey de Portugal faria entregar a Cidade, e Fortaleza de Tangere a ElRey da Grãa Bretanha com tudo o que lhe pertenceisse; e para esse effeito manda.

mandaria ElRey da Grãa Bretanha cinco naos de guerra ao porto de Tangere, e que a entrega se effeituaria depois de celebrado o casamento, concedendo-se aos Soldados, e moradores, ou a passagem livre para Portugal, ou ficarem vivendo em Tangere com exercicio livre da Religiaõ Catholica Romana, e todos os bens, que na dita Cidade possuissem: Que ElRey mandaria a Lisboa a sua Armada com toda a preparaçõ, e decencia para conduzir a Rainha a Inglaterra: Que ElRey de Portugal se obrigava a dar em dote a sua irmãa dous milhoens de cruzados Portuguezes, hum que em dinheiro, e generos iria na Armada, e outro, que pagaria no termo de hum anno: Que ElRey permittia a toda a familia da Rainha o livre exercicio da Religiaõ Catholica Romana, para cujo effeito a Rainha em todos os Palacios, em que vivesse, teria Capella com todos os Capellães, que fossem necessarios para o exercicio, e decencia do culto Divino; e que ElRey não persuadiria, nem constrangeria a Rainha por si, ou por outra alguma pessoa, nem lhe daria molestia na profissãõ da Religiaõ Catholica Romana: Que dentro de hum anno, depois da chegada da Rainha, lhe constituiria ElRey, e estabeleceria de Doaçãõ, em razãõ do casamento, trinta mil libras esterlinas Inglezas cada anno, e hum Palacio, em que a Rainha residisse, ornado, e guarnecido com todas as alfayas convenientes à sua grandeza, as quaes lograria em sua

sua vida, ainda que excedesse em dias a seu marido: Que a sua familia se comporia de todos os criados, e grandeza, que havia tido a Rainha Mãe: Que succedendo viver mais a Rainha, que ElRey, e quizesse tornar para Portugal, ou ir para alguma outra parte, o poderia fazer livremente, e levar comsigo todas as suas joyas, bens, e moveis, para cujo effeito ElRey da Grãa Bretanha se obrigava a si, e a seus herdeiros, e successores, os quaes mandariaõ conduzir a Rainha honorificamente, e com toda a segurança à sua propria custa, e despeza, com o decóro conveniente à grandeza da sua pessoa; obrigan lo juntamente a seus herdeiros, e successores a pagarem à Rainha as trinta mil libras cada anno, como se estivera em Inglaterra: Que ElRey de Portugal concedia a ElRey da Grãa Bretanha a Ilha de Bombaim na India Oriental, com todas as suas pertenças, e Senhorios, para ficarem daquelle porto mais promptas as suas Armadas para soccorro das Praças de Portugal na India, ficando livre aos moradores, que não quizessem sahir das suas casas, o uso da Religiaõ Catholica Romana: Que os Mercadores Inglezes, não excedendo o numero de quatro familias, poderiaõ residir em todas as Praças da India dos Dominios de Portugal, e em todas as Cidades principaes da America: Que restaurando-se a Ilha de Ceilaõ, daria ElRey de Portugal ao da Graõ Bretanha o livre dominio do porto de Gálee, ou se recuperasse a dita Ilha com

as Armas de Portugal, ou com as Armas de Inglaterra, ficando livre a Praça de Columbo, e todo o mais Senhorio da Ilha a ElRey de Portugal: Que em consideração de tantas ventagens como Inglaterra recebia no casamento da Rainha, prometia, e declarava, com consentimento do seu Conselho, trazer sempre no intimo do coração as conveniencias de Portugal, e de todos os seus Dominios, defendendo-o de seus inimigos com as mayores forças do seu Reyno, assim por mar, como por terra, como à mesma Inglaterra; e que à sua custa mandaria a Portugal dous Regimentos de quinhentos cavallos cada hum, e dous Terços de Infantaria cada hum de mil Infantes, armados à custa delRey da Grãa Bretanha; porém depois de chegarem a Portugal, seriaõ pagos por conta delRey Dom Afonso; e no caso de se diminuirem na guerra, se haviaõ de reenchet com novas levas à custa delRey da Grãa Bretanha, assim a Cavallaria, como a Infantaria: Que ElRey da Grãa Bretanha prometia, com consentimento, e deliberação do Parlamento, assistir a Portugal com dez navios de guerra, os de mayor força, e mais bem apparelhados da sua Armada, todas as vezes, que fosse invadido de quaesquer Nações; e que sendo infestadas as Costas de Piratas, mandaria todos os annos tres, ou quatro naos de guerra com mantimentos para oito mezes, que se contariaõ do dia, que dessem à véla de Inglaterra, para seguirem as ordens delRey de Portugal;

tugal; e em o caso, que ElRey de Portugal quizesse, que estes navios se derivessẽ nas Costas do seu Reyno mais de seis mezes, seria obrigado a fornecellos de mantimento todo o tempo da dilação, e mais hum mez para a viagem de Inglaterra; e que dado caso, que ElRey de Portugal fosse mais estreitamente apertado das Armadas de seus inimigos, todas as naos delRey da Grãa Bretanha, que em qualquer tempo estivessem no mar Mediterraneo, ou porto de Tangere, teriaõ ordens para obedecerem a tudo o que ElRey de Portugal lhe mandasse, assistindo nas partes, onde fossem necessarias para a sua ajuda, e soccorro; e em virtude das sobreditas concessões, os herdeiros delRey da Grãa Bretanha, e seus successores, em nenhum tempo já mais pediriaõ satisfação alguma por estes soccorros: Que além da faculdade, que ElRey de Portugal tinha de fazer gente em Inglaterra em virtude dos Tratados passados, ElRey da Grãa Bretanha pelo presente Tratado se obrigava, no caso, que Lisboa, a Cidade do Porto, ou outra qualquer Praça maritima fosse sitiada, ou apertada pelos Castellhanos, ou outros quaesquer inimigos, de dar soccorros convenientes de Soldados, e naos, conforme os accidentes, que sobreviessem, e a necessidade de Portugal o pedisse: Que ElRey da Grãa Bretanha, com consentimento do seu Conselho, proteitava, e promettia, que elle nunca faria paz com Castella, que lhe pudesse directa, ou indirectamente ser inimigo

nimo impedimento a dar a Portugal pleno, e inteiro soccorro para sua necessaria defenſa, e que nunca reſtituiria Dumquerque, ou Jamayca a ElRey de Caſtella, nem ſe deſcuidaria já mais de fazer tudo o que neceſſario foſſe para ajuda de Portugal, ainda que por qualquer reſpeito ſe achaffe obrigado a fazer guerra a ElRey de Caſtella. Acordou-ſe tambem, e ſe ajultou por ElRey da Grãa Bretanha, que em virtude do dote, que recebia delRey de Portugal com a Rainha ſua mulher, renunciava todas as ſuas heranças, e direitos, aſſim paternos, como maternos, ou qualquer herança, que pudeſſe ter de terras, caſas, moveis, joyas, ou dinheiro, que por qualquer via de direito, ou titulo lhe pertenceſſem, conforme as Leys de Portugal; e que ſó exceptuava não renunciar os titulos, que lhe pertenceſſem em direito na falta de ſucceſſor à Coroa de Portugal, na qual entraria a Rainha, e ſeus deſcendentes. E finalmente por Artigo ſecreto ſe ajultou, que ElRey da Grãa Bretanha ſe obrigava a mediar a paz entre ElRey de Portugal, e os Eſtados de Hollanda; e que não o podendo confeſguir, mandaria huma Armada à India, que tomaffe poſſe de Bombaim, e fizeſſe guerra aos Hollandezes. Foraõ eſtas Capitulações firmadas ſolemne-mente por ElRey com todas as ceremonias legais de Inglaterra a 23 de Junho de 1661, e pelo Embaixador Conde da Ponte, que brevemente paſſou a Portugal com ellas, onde foy recebido com gran-

Tom.VII. Oo de

de contentamento da Rainha Regente, e differentes affeitos da Nobreza, e povo; porque a Rainha a todo o custo lhe parecia barato conseguir o casamento da Infanta com ElRey de Inglaterra; porém os Póvos sentiaõ vivamente a entrega de Tangere, e Bombaim, por verem ultrajada a Religiao Catholica Romana com os erros da heresia. O Conde da Ponte assim que chegou a Lisboa, tendo feito a ratificaçaõ dos Tratados, principiou com todo o segredo a dispor com a Rainha a entrega de Tangere, e Bombaim, e de se ajuntar dinheiro para a satisfacaõ do dote, e aprestos da Casa da Rainha, que no anno seguinte de 1662 partio de Lisboa a 23 de Abril.

Rapin Thoyras *Histoire de Angleterre*, t. 8. l. 23. pag. 201. impress. em 1711.

Relacion de las Fiestas, que se hicieron en Lisboa con la ocasion del casamiento de la Serenissima Infanta de Portugal D. Catharina Reyna de la Gran Bretaña con el Rey Carlos II. impress. em 1662.

Celebrou-se o ajuste deste casamento com magnificas festas de fôgos, luminarias, e touros, em que tourearaõ com grande luzimento, e destreza da arte, os Condes de Sarzedas, e da Torre, e D. Joaõ de Castro, Senhor do Paul de Boquilobo. A Rainha em attençaõ deste negociado fez Marquez de Sande ao Conde da Ponte. Chegou a Armada de Inglaterra ao porto de Lisboa a 10 de Março, a qual havia conduzir a Rainha, que constava de quatorze naos de guerra, e cinco sumacas, e huma barca, de que era General Duarte de Montaigne, Conde de Sandwich, revestido com o caracter de Embaixador Extraordinario, para conduzir a Rainha a Inglaterra. Mandou-o ElRey visitar a bordo por D. Pedro de Almeida, Veador da sua

sua Casa, que foy em huma salua muy bem adereçada, em que entraraõ alguns criados seus, e em outra hiaõ os de mais da sua comitiva, todos com luzidas galas. Assim, que a salua esteve perto da Capitania, o Embaixador o esperava ao portaló, aonde havia huma bem lançada escada, que o Embaixador desceo quasi toda a receber a D. Pedro, salvando-o ao mesmo tempo com vinte e sete pessas. Sobiraõ a escada, chegaraõ à camera, dando-lhe sempre a porta, e a melhor cadeira, e depois de se cobrir, estando sentado, se levantou, e desco-brindo-se, deu o recado delRey, em que lhe significava o contentamento, que tinha da sua chegada, e a este mesmo tempo se deu outra descarga de artilharia de vinte e sete pessas: e respondendo o Embaixador com grande apreço à honra, que ElRey lhe fazia, se sentaraõ, e conversaraõ algum tempo. D. Pedro de Almeida se despedio, e o Embaixador o acompanhou até o ultimo degrao da escada, e tanto, que passou a salua, lhe deraõ tres boas viagens, e o salvaraõ com outra descarga de artilharia como a primeira. Depois foy o Embaixador hospedado por tres dias nas casas da Corte-Real do Marquez de Castello-Rodrigo com grande magnificencia, regalo, profusão, e abundancia, aonde o conduzio em hum coche da Casa Real D. Duarte de Castellobranco, depois Conde de Redondo, e era Veador da Casa Real, e daqui fez a sua entrada publica, sendo seu Conductor o Marquez de

Tom.VII.

Oo ii Gouvea,

Prova num. 39.

Prova num. 40.

Prova num. 41.

Gouvea, do Conselho de Estado, e Mordomo môr. Teve audiencia formal delRey, e passados dous dias a teve tambem da Rainha Mãy, e da Rainha da Grãa Bretanha, entregandolhe huma Carta delRey seu esposo, escrita na lingua Castelhana, chea de affectuosas, e attentas expresssoens, e outra à Rainha D. Luiza, que logo lhe respondeo, todas dignas de se perpetuarem na estimacão daquelles, que sabem avaliar semelhantes descobrimentos: pelo que irão lançadas nas Provas. Acompanharão a Rainha nesta jornada o Marquez de Sande, Embaixador Extraordinario, Nuno da Cunha, Conde de Pontevel, D. Francisco de Mello, depois Embaixador a Hollanda, e Inglaterra, Francisco Correa da Sylva, com as mais pessoas da sua familia, que passavaõ de cem; Duarte de Montaigne, primo do General, como Estribeiro môr da Rainha, Henrique Zevout, Veador da Rainha Mãy de Inglaterra, a cujo cargo vinha toda a despeza, que fazia por conta delRey, Ricardo Russel, Bispo eleito de Portalegre, como seu Esmolero, Dom Patricio, Clerigo Irlandez, com o mesmo cargo, e Monsieur Alse destinado para Estribeiro menor, e outras pessoas de qualidade. Feita a funcão da entrada, partio a Rainha a 23 de Abril, na fórma seguinte. Sahio da antecamera da Rainha à sua mão direita, e dous passos adiante ElRey, e o Infante D. Pedro, e os Officiaes da Casa, Grandes, e Fidalgos. Desceraõ pela escada do quarto, que entãõ era da Rainha,

nha , e baixaraõ à falla dos Tudescos , e chegando ao topo da escada , que vay para o pateo da Capella , se deteve a Rainha Regente ; e como era o lugar das ultimas despedidas da Rainha sua filha , pretendeo esta beijarlhe a maõ , (o que naõ consentio a Rainha) e abraçando-a , lhe lançou a sua bençaõ. Baixou a Rainha da Grãa Bretanha a escada entre ElRey , e o Infante seus irmãos , e fazendo instancias para que a Rainha Mãe se recolheße , antes de chegar o ponto de lhe voltar as costas , o naõ conseguiu , porque a Rainha esperou , que ella entrasse no coche , o que fez depois de huma profunda reverencia , a que a Rainha lhe correspondeo com outra bençaõ , e voltou as costas antes , que seus filhos entrassem na carroça , onde ElRey dando a maõ direita à Rainha , o Infante D. Pedro tomou o assento de diante ; e acompanhados de toda a primeira Nobreza com luzidissimas carroças , e custosas galas , seguindo a carroça Real os Capitães da Guarda , que a cobria , foraõ pela rua nova à Cathedral , entre duas alas de Infantaria , que guardava as ruas , que estavaõ ricamente adereçadas com arcos custosamente fabricados. A este tempo se ouviaõ repetidas salvas de artilharia das Fortalezas , e navios , que estavaõ ancorados no rio , e os repiques dos sinos dos Mosteiros , e Freguesias da Cidade , encontrando-se pelas ruas diversas danças , que entre instrumentos , trombetas , e charamellas , faziaõ hum gostosa consonancia. Chegaraõ a Sé pelas

pelas nove horas da manhã, a qual estava ricamente ornada, e entrando na Capella môr, se cantou o Hymno *Te Deum laudamus*: os Reys se recolherão à cortina, precedendo sempre a Rainha de Inglaterra no melhor lugar. Em quanto durou a Missa, se encommendou a varios Fidalgos entretivessem nos Claustros da Sé ao Embaixador de Inglaterra, o Estribeiro môr, Veador da Rainha, e outros Ingleses de qualidade, que vinhaõ na Armada para acompanhar a Rainha, por serem de differente Religiaõ. Acabada a Missa, tornaraõ os Reys a entrar no coche, e vieraõ buscar o Terreiro do Paço, achando as ruas, por onde novamente passavaõ, com riquissimos adereços, naõ inferiores aos antecedentes, e com arcos de differentes architecturas. Chegaraõ ao Paço pela parte da Campainha, aonde era o jardim, junto à Ribeira das Naos, e no muro se abriu huma porta de boa architectura, por onde entrou sô o coche dos Reys, e todos os Senhores, que hiaõ no acompanhamento, se apearaõ, e sahiraõ por outra porta do jardim a huma ponte soberbamente adereçada, que cahia sobre o mar, onde estavaõ os bargantins Reaes. A' Rainha de Inglaterra, antes de embarcar, beijaraõ a mãõ todos os que a acompanhavaõ, e querendo fazer a mesma cerimonia a ElRey, o naõ consentio em obsequio da Rainha sua irmã. Entrou a Rainha no bargantin magnificamente preparado, levando-a ElRey pela mãõ: seguia o Infante aos Reys, e depois

po
me
hai
da
da
da
pe
Iny
fali
em
Re
na
Re:
o C
e si
pre
M
ca
e
D:
na
D:
de
do
ve
te
A
d
rr

pois de todos sentados, entraraõ no bargantim a Camereira môr, Damas, e Senhoras de Honor, o Embaixador de Inglaterra, Estribeiro môr, e Veador da Rainha, Inglezes, o Marquez de Sande, Nuno da Cunha, Conde de Pontevel, Francisco Correa da Sylva, e D. Francisco de Mello, que eraõ as pessoas principaes, que acompanhavaõ a Rainha a Inglaterra, e os Officiaes da Casa delRey em varias faluas, e em outras embarcações bem adereçadas embarcou a Nobreza, que tinha acompanhado aos Reys. Tanto, que o bargantim Real começou a navegar, se repetiraõ as salvas da artilharia até a Rainha chegar à Capitania de Inglaterra, chamada o *Graõ Carlos*, que tinha oitenta peffas de bronze, e seiscentos homens de guarniçaõ. Nella estaya prevenida huma escada commoda para sobirem as Magestades: e entrando na camera, que estava ricamente ornada, se despediraõ da Rainha ElRey, e o Infante seus irmãos, e lhe beijaraõ a maõ as Damas. A's que foy sómente permittida esta jornada de passarem a Inglaterra com a Rainha, foraõ: D. Elvira de Vilhena, Condesa de Pontevel, filha de D. Joaõ de Souza, Alcaide môr, e Commendador de Thomar, Veador da Casa da Rainha, e Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes, que hia já recebida com Nuno da Cunha de Ataide, que por ella teve este titulo, e D. Maria de Portugal, Condesa de Penalva, que sem casar morreo em Inglaterra, e era irmã de D. Francisco de

de Mello , que foy Embaixador naquella Coroa , Alcaide môr de Lamego , e Trinchante delRey , com a grandeza dos titulos de Condeffas , em attençaõ à jornada , e à eſtimaçaõ , que dellas fazia a Rainha , a qual acompanhou feus irmãos até o primeiro degrao da eſcada da Capitania , não querendo voltar para a camera , por mais iſtancias , que ElRey lhe fez , ſem que elle , e o Infante entraſſem , e ficaffem debaixo do toldo do bargantim ; e deſpedido do navio , ſeguiu a ElRey todo o acompanhamento. Voltaraõ tambem a Camereira môr , Damas , e Senhoras de Honor Portuguezas em huma falua , que lhe eſtava prevenida. Navegou ElRey para o Paço , e toda a Armada ſe fez à véla. Compunha-ſe eſta de quatorze naos de guerra : a Capitania , como diſſemos , era o *Graõ Carlos* ; a Almiranta chamada *Henrique* , em memoria do Duque de Eſcoſteſter , com ſeſſenta peſſas de bronze , e quatrocentos homens de guarniçaõ , nella embarcaraõ alguns criados da Rainha , que por não caberem todos na Capitania , ſe dividiraõ por todos os navios da Armada : mandava a Almiranta D. Joaõ de Menezes , Fidalgo velho , deſcendente do ſeu illuſtre appellido , de grande experiencia , e valor. A Fiſcal era a nao *Jaques* , denominada do Duque Jore , com cincoenta peſſas de bronze , e quinhentos homens de guarniçaõ. A nao *Monteguit* , em que hia a recamera da Rainha , com cincoenta e quatro peças de bronze , e trezentos homens ; e as naos

York ,

York, Lion, Princeza, Breda, Rubi, todas com a mesma lotação, e peſſas, *Duran* com trinta, *Colcheſtre*, o mesmo, e tres de trinta, em que embarcavaõ mil caixas de aſſucar; porẽm o tempo naõ deu lugar à Armada a fazer viagem, ſenaõ no dia 25 de Abril, dilatando-se mais tres dias no porto de Lisboa, em que a Rainha inceſſantemente mandou ſaber como paſſava a Rainha ſua filha com os deſcommodos do navio, e ElRey, e o Infante ſe embarcavaõ de noite, levando comſigo varias ſalvas de Muſica para divertir a Rainha. Sahio finalmente a Armada para fóra da barra, e navegando com ventos pouco favoraveis, por ſerem rijos os Nordeſtes, em que alguns navios padeceraõ, foy preciso entrar em huma Bahia chamada *Monts-Bay*, ou Bahia dos Montes, a 18 de Mayo, e ſoſsegado o vento, tornou a ſeguir a ſua viagem. Neſta Bahia começaraõ a ter principio os obſequios da Naçaõ Ingleza à ſua nova Rainha, celebrando o felice depoſitorio delRey, e a fortuna daquelle Reyno; e aſſim por toda a Coſta reſplandeciaõ no ar artificios de fogo, e ſe ouviaõ em toda a parte retumbar os eccos das ſalvas da artilharia. Antes de entrar em *Portsmouth* ſe aviſtaraõ cinco fragatas de guerra, com que o Duque de York, irmaõ delRey, andava naquelle lugar eſperando a Armada. Aſſim que reconhecco a Capitania, mandou lançar fóra hum batel, em que mandou o ſeu Secretario *Ventrich* a pedir licença à Rainha para lhe beijar a maõ; reſ-

Tom.VII.

Pp

pondeo.

pondeolhe, que qualquer dilação lhe seria penosa. Sahio o Duque de York do seu navio na lancha do General da Armada, acompanhado do Duque de Ormond, Mordomo delRey, do Conde de Cheshfield seu genro, Camereiro mór da Rainha, do Conde de Solfolk, e do Conde de Carlinsford, Irlandez, Mestre das Ceremonias da Rainha, e de outros Cavalheros, e entrou na Capitania acompanhado desta luzida comitiva, com ricas, e vistosas galas. O Marquez de Sande, Conductor da Rainha, e os mais Fidalgos o vieraõ esperar: recebeo-o a Rainha no ultimo gabinete da camera da popa, que por ser o mais interior, era o mais proprio para a cerimonia da familiaridade da visita. Esperou-o a Rainha assentada, vestida à Ingleza de téla côr de cana, guarnecida de rendas de prata, e quando entrou o Duque, o sahio a receber tres passos fóra do docel, e querendo o Duque beijarlhe a mão, ella o levantou nos braços, e voltando ao seu lugar, efftiveraõ hum pouco em pé fallando, sendo interprete o Bispo eleito Russel. Depois instando a Rainha com o Duque para que se sentasse em huma cadeira de espaldas, que lhe estava prevenida, e recusando-a elle, puxou huma raza, em que se sentou à mão esquerda da Rainha, e fóra do docel. Havia o Duque fallado em pé na lingua Ingleza, e sentado continuou na Castelhana, e depois de largas expressões do seu affecto, e protestações do seu rendimento, a que a Rainha correspondeo com agrada-

e
ja
m
ff
ff
p
a
tr
q
p
ze
p
er
er
g
q
g
el
v
af
lh
a
e
hr
M
re
g
q

agradavel urbanidade , se levantaraõ. Entrou a beijarlhe a maõ o Duque de Ormond, que lhe deu huma Carta delRey , e se seguiraõ o Conde de Cheffrefield , eleito seu Camereiro mór, e outras pessoas principaes. A Rainha antes do Duque se despedir, lhe apresentou os Fidalgos Portuguezes, que a acompanhavaõ, dizendolhe quem eraõ, que elle tratou com grande urbanidade. Despedio-se o Duque de York, e a Rainha deu tres passõs, e naõ podendo o Duque impedilla, como intentou, dizendolhe, que reparasse Sua Magestade, em que por elle ser General, aquella casa, em que estava, era sua, a que a Rainha respondeo, que a sua casa era muito mayor, e que o que naõ devesse por obrigação, queria ella fazer por affecto, reposta, de que o Duque muito se obrigou. Todos os dias seguintes veyo o Duque visitar a Rainha, a quem elle havia rogado se vestisse à Portugueza para a ver naquelle trage: ella em huma visita o recebeo assim, o que o Duque applaudio dizendolhe, que lhe parecera muito bem: neste dia fallou a Rainha a todos os Officiaes da nao, que lhe beijaraõ a maõ, e por já estarem muito perto do porto, mandou hum collar de ouro ao Capitaõ, e ao Piloto, e Mestre huma porçaõ de dinheiro, e outra, que se repartio por todos os Marinheiros. Começou logo a Rainha a accommodarse aos estylos da Naçaõ Ingleza, e assim lhe fallava no apofento, em que tinha o leito. Mandava a Rainha correspon-

der às visitas do Duque de York pelo Conde de Ponteval, D. Francisco de Mello, e Francisco Correa. Entrou a Armada em Portsmouth a 24 de Mayo, seguida a Capitania do navio do Duque de York, e desembarcou a Rainha, levando-a pela mão o Duque a embarcar em hum bargantim dourado, e custosamente adereçado. Acompanhou-a a Condesa de Ponteval, e a de Penalva ficou no navio sangrada seis vezes, mas logo foy conduzida a terra. Estava na praya o Governador, as Justiças, e pessoas principaes, e os da governança com maças douradas. Entrou a Rainha vestida à Ingleza em huma carroça, e passando pelas ruas principaes, começaram os seus Vassallos a satisfazerse da sua Real, e galharda presença. Apeou-se nas casas, que lhe estavaõ prevenidas com magnificos adornos. Esperava-a a Condesa de Solfolk, sua Camereira môr, e quatro Damas, e a familia inferior. No dia seguinte lhe disse Missa Mylord de Aubing, seu Capellaõ môr. Os dias seguintes mandou ElRey saber da Rainha, escrevendolhe varias Cartas. Sobreveyo à Rainha, depois de estar tres dias em terra, huma defluxaõ na garganta, que lhe não permittia levantar-se da cama; porém teve taõ facil remedio, que se não deu do achaque conta a ElRey. Chegou este a Portsmouth a 30 de Mayo, acompanhado de toda a Corte com galas custosissimas. O Marquez de Sande o esperou no pateo com todos os mais Portuguezes, que ElRey recebeu

b
b
q
e
u
r
fi
q
d
di
re
P
x
te
d
u
e
2
n
t:
ti
p
se
fi
n
C
P
F
n

beo com grande agrado , e ao Marquez de Sande honrou com notaveis expressoens , dizendolhe o quanto o estimava ver naquelle Reyno na occasiaõ da sua mayor fortuna. Ao sobir da escada intentou o Principe Palatino Ruberto , que tinha vindo na carroça com ElRey , adiantarse ao Embaixador , ficando mais immediato à pessoa delRey. O Marquez de Sande , que não ignorava as prerogativas do seu caracter , pegandolhe no braço , o deteve , dizendo a ElRey , que lhe dèsse o seu lugar , ao que respondeo , que tinha muita razãõ , e mandou ao Principe , que se apartasse , e dèsse lugar ao Embaixador , o que o Principe reconheceo tanto , que no tempo , que ElRey se dilatou em se vestir , antes de entrar a ver a Rainha , buscou ao Conde de Ponteval , D. Francisco de Mello , e Francisco Correa , e ao Secretario da Embaixada Francisco de Sá de Menezes , e os tratou com grandes cortezias. Entrou ElRey na Camera da Rainha , que ainda estava na cama , porque os Medicos lhe não permitiaõ , que se levantasse : ElRey com finissimas expressoens lhe manifestou o seu contentamento , que se diminuiria , se do seu achaque o não tiveraõ informado os Medicos com seguras affirmações , que não merecia o seu cuidado , e lhe fallou na lingua Castelhana , e a Rainha lhe respondeo com tanta prudencia , e discriçaõ , que depois delRey voltar para o seu quarto , manifestou a satisfacão da fortuna do seu desposorio. Toda aquella noite se gastou em

em festas , e banquetes , e no dia seguinte se levantou a Rainha já melhorada ; e estando prevenido tudo , o que era preciso para esta solemnidade , no dia 31 de Mayo se effeituou o desposorio ; e depois de jantar sahio ElRey com a Rainha pela mão a huma grande falla , onde debaixo de hum docel estava hum throno com duas cadeiras , em que os Reys se sentaraõ , e diante de toda a Nobreza , e Povo , que concorreo a esta celebridade , leu o Secretario delRey o Instrumento , que o mesmo Monarca havia dado ao Embaixador , e o Secretario Francisco de Sá e Menezes , o que o Embaixador deu a ElRey ; e acabada esta cerimonia , disse o Bispo de Londres em voz alta , que aquella era a mulher , com quem ElRey estava casado , e todos com alegria responderaõ , que vivessẽ infinitos seculos. Levantou-se ElRey , e tornou a levar a Rainha pela mão ao seu quarto , onde entraraõ a beijarllhe a mão todas as Damas , e pessoas principaes da Corte ; e a Camereira môr observando o estylo daquella Coroa em semelhantes actos , tirou os laços de fitas azues , que a Rainha levava em hum vestido de téla encarnado à Ingleza , naõ lhe deixando nenhum , e deu o primeiro ao Duque de York , e repartio os mais pelos Officiaes , Damas , e Titulos de mayor supposiçaõ. Como a Rainha estava mal convalecida , por conselho dos Medicos se tornou a deitar na cama , despindo-a a Camereira môr , que desde o primeiro-dia começou a exercitar

c
g
c
o
b
t
n
e
F
te
ni
a.
A
fo
R

n
f.
t.
v.
ra
lb
p
te
ri
c.
d
c.
le

citar o seu officio com todas as mais Senhoras Inglezas , e as duas Damas Portuguezas. Veyo a cea da Rainha , e ElRey , que em tudo mostrou o quanto estava della agradado , ceou com ella sobre a cama , soando ao mesmo tempo diversos instrumentos. Os dias , que a Corte assistio em Portsmouth , mandou ElRey hospedar ao Embaixador , e a todos os Portuguezes , que acompanharaõ a Rainha , pelo Conde de Manchester , magnificamente. Nesta occasiaõ recebeo huma Carta da Rainha Henriqueta de França , mãy delRey , que se achava em Pariz , a qual entregou o Conde de Sant-Alban , seu Escribeiro môr , com grandes expressões , e conhecimento das suas virtudes , a que a Rainha respondeo com igual affecto , e estimaçaõ.

Detiveraõ-se os Reys poucos dias em Portsmouth , porque a 6 de Junho passaraõ para a Casa de Campo de Hamptoncurt , onde chegaraõ de tarde. As Companhias de pé , e de cavallo estavam todas em duas alas , por entre as quaes passaraõ as Magestades , que sahiraõ do coche , em que lhe foraõ assistindo as Condessas de Ponteval , e Penalva , e Miledy Solfolk , que servia de Camareira môr , e os Officiaes da Casa. O Paço estava ricamente ornado com tapeçarias de ouro , e seda , camas , doces , e cadeiras riquissimamente bordadas , e quadros de pinturas de grande preço : o toucador da Rainha era todo de pedras de ouro excelentemente trabalhadas. O Graõ Chancellor , e todos

Relaçãõ Dittia da jornada da Rainha da Grã Bretanha Dona Catharina , de Lisboa a Londres. Imprensa em 1662.

dos os Tribunaes de Justiça, e o Conselho de Estado, forão dar à Rainha os parabens da sua chegada, e beijarlhe a mão, e na mesma fórma todos os mais, e os Ministros Estrangeiros a felicitaraõ igualmente do seu casamento, e da sua chegada àquelles Reynos. A Duqueza de York veyo de Londres em huma gondola, ElRey a foy buscar à porta do Jardim, que cahia para o rio Thamafis, e a trouxe pela mão à presença da Rainha, que a recebeo na sua Camera: a Duqueza lhe quiz beijar a mão, mas a Rainha o não consentio, e levantando-a nos braços a saudou com a paz. Assentaraõ-se os Reys, e os Duques junto da cama da Rainha, onde efftiveraõ conversando nas Magestades Portuguezas. Continuava ElRey nas demonstrações do seu agrado multiplicando as finezas em diversos divertimentos, indo huns dias ao campo, e aos Parques, nas noites com Comedias, Musicas, e Saraos, em que entraraõ ElRey, e Suas Altezas, e muitas Damas, e Senhores, a que ElRey excedia no ar, e na graça, com que dançava, o que a Rainha celebrou com grande satisfação delRey. Não faziaõ os divertimentos esquecer à Rainha as devoções, com que fora creada; e assim ouvia Missa todos os dias, para o que tinha bem concertado, e servido Oratorio. Não deixava a Rainha de satisfazer em tudo, no que ElRey mostrava gosto; porém com a mudança dos exercicios taõ diversos, era necessario ao Embaixador pôr toda a diligencia, e rogos, para

para vencerlhe a repugnancia , que tinha de sahír fóra em publico todas as vezes , que ElRey desejava. Mas o novo trage Inglez , a que se não accommodava facilmente , lhe ficava ainda assim tão naturalmente , que lhe accrescentou muito o affecto daquella Nação. A 8 de Agosto chegou a Granvich (Villa , que dista duas legoas de Londres) a Rainha , mãy delRey , que havia vindo de França , e no dia seguinte a foy visitar ElRey , e a Rainha acompanhados de toda a Corte : ao Conde de Pontevel , e Francisco Correa da Sylva mandou Sua Magestade hum coche para que os acompanhassẽ : o Embaixador Marquez de Sãde , e D. Francisco de Mello , o não puderaõ fazer por estarem doentes.

Chegaraõ os Reis pouco depois delhaver jantado a Rainha Mãy , que veyo esperar a visita à primeira porta do Paço , depois de sobida a escada , e fazendo a Rainha D. Catharina acção de se pôr de joelhos , e beijarlhe a mão , a levantou nos braços com grande carinho , e mostras de amor , repetindolhe diversas vezes a paz. Entrando na casa , em que se havia de tomar a visita , a Rainha Mãy disse à Rainha , que evitasse todos os cumprimentos , porque ella não passara àquelles Reynos mais , que por ter a ventura de a ver , e de a amar como filha , e servilla como Rainha , e Senhora daquelles Reynos. Satisfez a Rainha com iguaes expressões de respeito , e estimação , mostrando o grande gof-

Tom. VII.

Qq to,

to, que tinha de a ver, e segurando, que o tempo lhe mostraria, que no amor, e obediencia de fervilla, não lhe havia de exceder nem ElRey, nem o Principe seus filhos. Acabados os primeiros cumprimentos, a Rainha Mãy se sentou em huma cadeira de espaldas à mão direita da Rainha, que estava em outra em tudo igual, ElRey se sentou em huma cadeira raza, a Duqueza de York em outra, e o Duque seu marido ficou em pé. Todos os que se acharão presentes beijaraõ as mãos à Rainha com grande satisfação. Offereceolhe a Rainha Mãy de merendar, que não aceitou, porque havia pouco tinha jantado antes, que partisfse de Hamptoncurt: durou a visita quatro horas, em que a Rainha Mãy fez quantas demonstraões dicta o gosto, em obsequio, e attençaõ da nora. Despediraõ-se as Magestades, e a Rainha Mãy as acompanhou até o mesmo lugar, em que as recebera, e com huma hora de noite chegaraõ a Hamptoncurt, onde a Rainha ceou com ElRey em publico, com extraordinaria alegria de todos os que a viaõ. No dia seguinte foy ElRey a Londres, e na tarde foy a Rainha acompanhada dos Officiaes da sua Casa a encontrar a ElRey ao caminho, galantaria, que ElRey estimou tanto, que com finas expressões mostrou agradecerilha, o que foy muy applaudido na Corte. Voltou a Rainha Mãy de Londres em coche, acompanhada de huma grande parte das guardas delRey, a visitar as Magestades. ElRey a foy

foy buscar onde ella se apeou, e a levou pela mão até onde a Rainha a esperava. Tanto, que sobiraõ ao ultimo degrao da escada, sahio a Rainha a recebella, e depois de se cumprimentarem com reciprocas mostras de alegria, entraraõ em huma antecamera, e se sentaraõ ambas as Rainhas debaixo de hum rico docel em cadeiras, ficando à mão direita a Rainha Mãy, e à esquerda a Duqueza de York hum pouco afastada, ElRey esteve em pé, e o Duque de York seu irmão, e hum, e outro serviraõ de interpretes às duas Rainhas. Jantaraõ juntas as Magestades; o Duque, e Duqueza de York, acabado o jantar, passaraõ para a Camera da Rainha, aonde entraraõ os seus Musicos, que a Rainha Mãy applaudio muito.

A grandeza, e a commodidade do Palacio de Hamptoncurt, e a frescura do sitio deu motivo às Magestades passarem nelle todo o Veraõ. Determinando ElRey fazer a sua entrada em Londres pelo rio Thamasis a 3 de Setembro, embarcaraõ em hum dos bargantins Reaes, em que entraraõ o Duque, e a Duqueza de York sua esposa, o Principe Roberto, e o Principe Duarte seu irmão, que tambem não havia muito, que chegaraõ de França com a Rainha Mãy, e a Condeßa de Solfolk, primeira Dama da Camera da Rainha, e não foraõ as Condeßas de Penalva, e Pontevel por estarem doentes, e em outros bargantins hiaõ as Damas da Camera, e Officiaes da Casa Real. Toda

Tom.VII.

Qq ii a dis-

a distancia, que era de sete legoas, estava occupada de Soldados, e gente do povo. Em Brefort, lugar, que dista oito milhas de Londres, esperava hum bargantim grande, que não podia sobir pelo rio acima, guarnecido todo de vidraças, com toldo carmezim bordado de ouro, para as Damas de Honor, e mais criadas da Rainha; e em Potnem, tres milhas de Londres, estava outro bargantim, em que os Reis haviaõ de fazer a entrada, com vinte e quatro remeiros vestidos de escarlate, com as Armas no peito, e nas costas, o qual era todo dourado, com hum toldo de brocado de ouro, por dentro, e por fóra, guarnecido de franjas, e passamanes de ouro, sustentado em quatro pilares, abertos por todos os lados, para melhor verem, e serem vistos de todos, e seguidos de outros muy luzidos, e de diversas embarcações empavezadas. Chegaraõ pelas seis horas da tarde a Londres, e desembarcaraõ em huma ponte, que se havia preparado junto ao Paço, onde a Rainha Mãe esperava, e toda a Corte, e Nobreza do Reyno adornada com riquissimas galas. Seguirãõ-se notaveis festas, em que se mostrou a grandeza do poder, e luzimento, com que a Nação Ingleza se não deixa vencer das mais celebres da Europa. A Casa da Rainha formou El-Rey de pessoas de grande qualidade, e diremos as que achámos em memorias daquelle tempo, além das já referidas. Foy sua Camereira mór a Condesa de Arlington; Damas da Camera a Duqueza de Clere.

Clereland , a Condeſſa de Tindal , a Condeſſa de Manchester , a Condeſſa de Hertford , a Condeſſa de Linzit , a Condeſſa de Clarendon ; Mordomo mór o Conde de Cheſterfield , Eſtribeiro mór Joaõ Arundel , ſeis Conſelheiros , todos titulos , e Chancellor , todas peſſoas de qualidade. Theſoureiro Thomás Tim , Camereiro menor Monſieur Serrans , Secretario Ricardo Belim , Monſieur Ropor , e Monſieur Portor , Gentis-homens da Camera privada ; mais quatro Cavalheros com o meſmo emprego , quatro Eſtribeiros , dous Copeiros , ou Trinchantes , que ſerviaõ quando comia em publico , quatro Pagens de Honor , e outros de inferior foro ; criadas para toucarem , e outras para diverſos empregos , e na meſma fórma homens pertencentes ao ſerviço da ſua Caſa , que era tratada com a mayor magnificencia , e Mageſtade , que ſe pôde imaginar.

Naõ paſſou muito tempo , que naõ começafſe a Rainha a ſentir os illicitos divertimentos del-Rey , o que tolerava com tanta prudencia , que deu a conhecer ao Mundo ſer o exemplar da mayor conſtancia , aſſim como o manifeſtava na prudencia , e virtudes Catholicas , que deſejava ſe exercitaſſem com mais liberdade. Inflammada no zelo da Fé conſeſguio , com intervençaõ do Chancellor , e diligencia do Marquez de Sande , que mandafſe El-Rey da Grãa Bretanha a Roma hum Irlandez chamado Belling , Catholico de conhecida virtude , e in-

e intelligencia de largas experiencias, para que observando as intelligencias daquella Corte sobre as cousas de Portugal, soubesse o estado, em que se achavaõ as differenças entre o Pontifice, e ElRey de França, sobre o sabido successo do Duque de Creguy, Embaixador em Roma ao Pontifice Alexandre VII. e que de tudo dêsse particular noticia ao Chancellor. A Rainha escreveu ao Papa huma larga, e bem formada Carta, que continha haver chegado a Inglaterra, e que havendo aceitado aquella Coroa pela grandeza da Monarchia, era nella mais poderoso o desejo de servir a Religião Catholica Romana: e que nos poucos mezes da sua residencia vira manifestado pela misericordia de Deos effeitos, que passando de naturaes, pareciaõ milagrosos; felicidade, que ella attribuia ao zelo da Religião do Real sangue de Portugal, de que ella nascera: razão porque se achava obrigada a representar aos pés de Sua Santidade, que não mereciaõ menos attençaõ da Sé Apostolica os serviços dos fidelissimos Catholicos de Portugal, que a infidelidade dos estragos de Inglaterra, e nesta consideração se achava obrigada a expor ao Pontifice pela importancia da Igreja, e pela justiça clara, e manifesta, as muitas, e forçosas causas, que o obrigavaõ a acudir a Portugal; e tirando o escandalo, que dava aos Catholicos, e o motivo, que tomavaõ os Hereges, (ainda que fosse falso) de espalharem não ser a justiça da Cadeira de S. Pedro com a equi-

equidade, que se segurava na infallivel assistencia do Espirito Santo: e que estes motivos, que ella experimentava, não só como Infanta de Portugal, mas como Rainha de Inglaterra, a obrigaraõ, além da veneraçã de beijar o pé a Sua Santidade, a mandar em qualidade de Enviado a Beling, a quem poderia dar inteiro credito, e fé, a tudo quanto da sua parte lhe representasse, segurando a Sua Santidade, que na sua mão estava sómente abrir a porta a grandes felicidades da Igreja nos Reynos de Inglaterra, para o que se achavaõ tantas disposições opportunas, que lhe seguravaõ ditofo fim; reconhecendo assim os Hereges, que a summa justiça de Sua Santidade começava a abrir caminho ao remedio de Portugal, e que succedendo o contrario, o que não podia esperar, protestava a Sua Santidade o imminente perigo, a que expunha não só os principios da reducção de Inglaterra, senão o risco da constancia de Portugal, de que a uniaõ temporal, em que se achava com Inglaterra, pudesse passar (o que Deos não permitisse) a damnos espirituaes, e que a Sua Santidade, como Vigario de Christo, tocava ponderar, e attender madura, e desinteressadamente à disposiçã do estado da Religiaõ Portugueza, e Ingleza; huma para sustentar-se, outra para se melhorar, e que da justiça, juizo, clemencia, e bondade de Sua Santidade, esperavaõ os dous Reynos o mais seguro remedio: e que succedendo abandonar-se tão bem fundado discursõ,

curso, tomava a Deos por testemunha, de que o unico motivo, que a persuadira a ser Rainha de Inglaterra, fora mais, que de Sceptros, e Coroas, o desejo de servir a Religião Catholica Romana, que confessava, e esperava confessar até os ultimos alentos da vida. Nesta mesma substancia escreveu a Rainha aos Cardeaes, e principalmente ao Cardeal Ursino, recommendandolhe tambem a Milord de Aubing, seu Capellaõ mór, para que fosse nomeado Cardeal pelas suas grandes virtudes, e elevados merecimentos. ElRey de Inglaterra tambem escreveu a muitos Cardeaes, com quem tinha particular correspondencia, pedindo na pertençaõ de Portugal reposta formal, que era a da nomeação dos Bispos, de que temos tratado.

Depois da Rainha despedir o Enviado para Roma, applicou cuidadosamente todas as diligencias possiveis a favor dos Catholicos de Inglaterra, contra a poderosa opposição dos Protestantes, espalhando estes, que as affectuosas diligencias da Rainha persuadião a ElRey a se declarar Catholico: e entendendo ElRey, que em tempo tão perigoso, e entre animos tão obstinados, era necessario temperar com a prudencia movimentos revoltosos, chamou o Parlamento, onde deu por escrito huma proclamação, que continha circumstancias essenciaes para melhor direcção do governo do Reyno; e chegando a fallar nos Catholicos, em hum dos Capitulos; dizia por palavras expressas as razoes seguintes,

guintes, inspiradas pela efficaz diligencia, e zelo da Rainha, como escreve o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes. „ Com a mesma liberdade confessamos ao Mundo, que a nossa tenção não he „ excluir da nossa piedade nossos subditos Catholicos Romanos, que tão igualmente se portarão „ em beneficio nosso nos successos passados, que „ os fizeram merecedores por suas acções de nossas „ Reaes promessas, esperando da prudencia do nosso Parlamento nos assista à fórma, que lhe parecer conveniente para alivio de tenras consciencias; porque não seria menos semjustiça, que „ aquelles, que foram merecedores de premio, se „ lhes negasse alguma parte da misericordia, que temos mostrado aquelles, que procederam em muito differente fórma; e além destas razoes são „ tão fortes as Leys capitaes, que estão estabelecidas contra elles, que supposto, que fossem justificadas no seu rigor pelos tempos, em que se „ promulgarão, confessamos, que nos seria pezado „ vir na execução dellas, dando morte a alguns dos „ nossos subditos somente pelas materias da Religião. Porém no mesmo tempo, em que declaramos o mal, que nos parece effusão de sangue, „ e nossas graciosas tenções sejam para aquelles nossos subditos Catholicos Romanos, que viverem „ pacificamente sem escandalo; queremos, que elles todos entendão, que devem fazer aquillo, a „ que são obrigados pela sua lealdade, e pelo nosso

Tom. VII.

Rr

„re-

Ericeira, Portug. Reftaurado, tom. I. liv. 9.
pag. 600.

„reconhecimento , não offendendo as Leys , que
„já estaõ , ou se fizerem para impedir , ou espalhar
„sua doutrina em prejuizo da Religião Protestan-
„te , ou se pela nossa declaração , conforme a qua-
„lidade Christãa de nos não parecer bem effusão
„de sangue sómente por Religião , os Sacerdotes
„tomarem confiança de apparecerem , e se darem a
„conhecer em offensa , e escandalo dos Protestan-
„tes , e das Leys em seu vigor contra elles , de
„pressa conhecerão , que sabemos ser severos , quan-
„do a prudencia o requiere , assim como somos bran-
„dos , quando a caridade , e o conhecimento dome-
„rito o pede. „ Desta maneira soube a Rainha ir
dispondo o animo delRey , para que o tempo com
as diligencias espiritalmente politicas fossem com
o seu poder enfraquecendo as forças dos Hereges ,
sendo para estas disposições a Rainha gloriosa ex-
ecutora da grande prudencia , e incançavel disvelo ,
com que lhas ministrava o Marquez de Sande , Em-
baixador , o que ella depois soube tão bem mane-
jar , como mostrou o tempo em perigosas conjun-
cturas , que nelle acontecerão , não só no seu rey-
nado , mas depois na revolução daquella Coroa ,
conservando sempre illeso o respeito pelas maximas
da sua prudencia.

Em diferentes occasioens experimentou a Rai-
nha a opposição dos Inglezes Protestantes , irrita-
dos com a viva suspeita , de que introduzira no ani-
mo delRey as verdades Catholicas , e com a cer-
teza

teza de que contribuiu muito para a conversão de seu cunhado o Duque de York, que depois reynou com o nome de Jacob II. e perdeu o Reyno de Inglaterra por ganhar o do Ceo: e se como seguiu os conselhos da Rainha no verdadeiro zelo, se governasse pela prudencia, com que ella os moderava, pôde ser, que conservasse o Reyno em grande beneficio da verdadeira Religião. E tanto reconheceo o Principe de Orange (que em 1668 tirou a Coroa a ElRey seu sogro) as virtudes da Rainha, que apezar de hum partido tão contrario, lhe conservou o mayor respeito nos cinco annos, que ella residio em Londres, depois que o Principe com o nome de Guilherme III. occupou aquelle throno, tendo-se ausentado para França com toda a sua familia ElRey Jacob II. Antes havia padecido a Rainha grandes contratempos, chegando a ser publicamente accusada no Parlamento por fautora da nobre culpa de querer introduzir a Religião Catholica em Inglaterra, e por outras, que com mais falsidade fomentou a inveja, sendo a esterilidade huma das causas, com que os Protestantes pertendiaõ o divorcio, com horriavel exemplo de Henrique VIII. que repudiou outra Rainha do mesmo nome, e igualmente Catholica, e não infecunda. ElRey defendeo a Rainha com grande constancia, e ainda com perigo, estando muito na memoria a horrenda tragedia, e partecidio delRey Carlos I. seu pay, e o exemplo da fatal memoria

Tom.VII.

Rr ii

da

da Rainha Maria Stuarda, sem que a nenhum privilegiasse a innocencia, e o sagrado da Magestade. O Conde de Castello-Melhor Luiz de Vascellos e Sousa, que mais por infelice, que por culpado vivia ausente da sua Patria em Inglaterra, servio à Rainha com tanto valor, e zelo, que esperava ao entrar do Parlamento aos mesmos Deputados, que votavaõ se lhe cortasse a cabeça, o que ella remunerou com preciosas joyas, e grossas quantias, de que o Conde perpetuou o agradecimento, fundando com ellas hum Morgado, que intitulou de *Santa Catharina*, que deixou aos seus descendentes. Prevaleceo finalmente a virtude contra a malicia, e ficou a Rainha triunfante; e se merecessem fé as Memorias de Burnet, Bispo de Salisbury, mais credulo nas noticias incertas do povo, que nas verdades infalliveis da Religião, se achariaõ nas suas Memorias alguns successos particulares, ainda que inverosímeis, da vida da Rainha, que sem outras provas mais, que a sua pouca averiguação, ainda que no essencial a vem a justificar, refere, que propuzeraõ a ElRey repudiasse a Rainha, mas elle o abominou, como merecia taõ sacrilego projecto. Eraõ os atrevidos fautores desta machina, que passaraõ de temerarios a publicos accusadores, Hostk, e Belhó, e era em summa a accusação, que a Rainha por suggestaõ do Papa, e de outros Principes Catholicos, sendo occultos instrumentos deste negociado Filipe Houvard, Cardeal de Norfolk,

Burnet, *Histoire des
Dernieres Revolutions
de l'Angleterre*, tom. 1.
pag. 419, &c. Impresi-
na illoya em 1713.

folck, e Thomás Whit, Superior da Companhia de Inglaterra, com outros muitos Padres da mesma Companhia, como de outras Religioens, machinava contra a pessoa delRey seu esposo, contra a Religiaõ Protestante, e estado publico de Inglaterra, com o fim de introduzir naquelle Reyno a Religiaõ Catholica Romana, para cujo effeito se tinha prevenido o Medico delRey com veneno, e com armas Milord Arundel de Wardour, destinado Graõ Chancellor de Inglaterra, o Conde de Powisgran, Thesoureiro, Milord Rellasis, General da Armada, Milord Peters, Mestre de Campo General, e o Visconde de Stafford, Commissario Geral, e Thesoureiro da mesma Armada. A que accrescentavaõ, que morto ElRey, exaltariaõ ao throno o Duque de Yorck por ser Principe Catholico; sendo o primeiro movel desta detestavel, e blasfema accusaçaõ Milord Herbert Cherbury, que sobre a aversaõ, que tinha à Religiaõ Catholica Romana, aborrecia mortalmente ao Duque de Yorck, sentido de em certa occasiaõ o haver tratado mal com as mãos, e palavras na sala do Parlamento, como elle merecia. Esta exacranda novidade chegou à noticia da Rainha, sem outra prevençaõ, que a sua innocencia; e vendo-se em taõ imminente perigo, em que poderia triunfar a falsa perfidia daquelles Vassallos, participou ao Principe Regente D. Pedro seu irmaõ, por hum Expresso, o estado, em que a ambiciaõ, e odio da Religiaõ Catholica puzera o seu

Sousa Moreira, *Theat.*
Hist. Geneal. da Casa
de Sousa, pag. 940.

seu Real decóro. Mandou logo o Principe Regente à Corte de Inglaterra ao Marquez de Arronches a assistir à Rainha, que partio desse Reyno a 9 de Fevereiro de 1680, e chegando a Londres a tempo, que havia pouco sahira desterrado daquella Corte o Duque de Yorck com o pretexto de haver descompoito no Parlamento a Milord Cherbury, ficaraõ com a ausencia daquelle Principe desassombrados os traidores, e forçando intrepidamente a accusação de sorte, que já era formidavel o semblante desta perfidia. Porém Deos, que nos mayores perigos sómente póde firmar a felicidade, serenou tanto a tempo esta taõ terrivel tormenta, que se vio ultrajada a calumnia, e sem perigo a innocencia; porque ElRey seu esposo, que por maligna suggestaõ havia cinco annos, que faltava não sómente às attenções de esposo, mas tambem às que devia à sua Real pessoa, lhas restituiu fino, e attento, com pleno conhecimento, do que merecia a sua amada Conforte. Bellhó, hum dos accusadores, teve com morte apressada castigo infame; Hossk exposto na praça publica à irrisaõ, sobreviveo à sua deshonra: ao Doutor Hequemá por premio da sua innocencia, lhe foy restituído não só o credito, mas a graça, e merce delRey. Cherbury, que havia sido o primeiro movel desta detestavel machina, e o que a movia, e animava, vendo, que não prevalecia a perfidia, passou a huma impiedade, inslando no Parlamento pelo repudio da Rainha

Rainha com o exemplo, que temos referido acima, delRey Henrique VIII. Mas finalmente vendo, que o amor, com que ElRey tratava a Rainha, destruiu, e arruinara as suas machinas, antes que cahissem na sua pessoa, se passou a Hollanda, aonde em breve tempo acabou, mas não tão apressadamente, que não visse primeiro restituído à Corte o Duque de Yorck, para que vivamente sentisse acabar sem honra, nem visse satisfeita a vingança, que intentara. Este he em summa todo aquelle terrivel contratempo, que cercou a Magestade da Rainha, em que triumphou não menos a innocencia, do que a constancia, e brilhou o amor do Principe Regente seu irmão na prompta resolução, com que entrou neste negociado, a que a sua Real fortuna conseguiu tão feliz conclusão.

Foy a Rainha D. Catharina de estatura pequena, grossa, e de agradável presença, ornada de excellentes virtudes, grande Christandade, e devoção, honesta, prudente, e entendida: fallava pouco, mas com bellas palavras, magnifica, liberal, benigna, grandemente esmoler, e com generoso animo, e larga mão fazia este serviço a Deos, e ao proximo, e muito agradável, sem embargo de estar sempre revestida da Magestade. A larga ausencia, que fez da Patria, não lhe pode trocar a gravidade dos costumes, em que fora criada; e praticando todos os decentes da Nação Inglesa com Magestade, era com tal suavidade, que se fazia grata

grata à melhor, e mayor parte dos seus Vassallos, de sorte, que nelles experimentou amor, que ella sabia conciliar com natural agrado, sem que lhe diminuisse a affabilidade, com que estimava a Nação Ingleza, o conhecimento daquella natural inconstancia, que ella por qualquer leve accidente costumava usar com os proprios Reys, a qual a Rainha supportou com constancia admiravel, ainda quando esteve exposta a evidentes perigos pelo augmento da Religião Catholica Romana. ElRey seu marido a estimou com publicas demonstrações, como se vio na commissão, que por seu respeito mandou a Roma, e em outtas occasioens, e ella se fazia merecedora dos mais reverentes obsequios, porque o amou ternissimamente. Na doença, de que ElRey morreo, foy tal a sua efficacia, que introduzindolhe Ministros Catholicos, abjurou ElRey a heresia, e morreo reconciliado com a Igreja Catholica Romana a 16 de Fevereiro de 1685. A Rainha, em quanto viveo, lhe mandava dizer pela sua alma neste dia hum grande numero de Missas em todas as Igrejas de Lisboa. Quando desta Princeza não foubemos outra cousa mais, que esse importante negociado, em que fez, quanto cabe na fé humana, feliz a alma de seu esposo, trocandolhe a Coroa, que perdia, por huma eterna; esta acção sómente basta para a fazer huma das mais celebres Heroínas, que se coroarão com a Magestade. Burnet referindo a reconciliação del-

Rey

Burnet, *Histoire des
Derniers Revolut. de
Anglet.* tom. 2. liv. 2.
pag. 643.

Rey Carlos com a Igreja Catholica Romana, declama furiosamente contra ElRey, como costuma sempre, que se lhe offerece occasião de fallar na Religião Catholica; de que se vê, que daqui nasce o motivo, porque tão arrojadamente se atreveo contra o Real decóro destes Reys. Porém como neste Author vivia o espirito da soberba, e opposição contra a Religião Catholica, não admira, que rompesse a sua má vontade nos absurdos, que escreveu contra a Rainha; porque na Obra, que tambem imprimio da *Historia da Reformaço*, escreveu tão cegamente preocupado da sua má vontade, que deu motivo ao illustre Prelado Jaques Benigno Bossuet, Bispo de Meaux, para que na sua admiravel Obra da *Historia das variações das Igrejas Protestantas*, impressa no anno de 1688 em dous volumes de quarto, convencesse os erros de Burnet com o mesmo, que elle havia escrito: e sendo tão estimaveis as Obras do insigne, e douto Bossuet, nesta parte merecem ainda mayor applauso pela evidencia, com que convenceo a arrogancia daquelle Author. Tambem o Abbade Joachim le Grant convenceo com muita energia a Burnet na *Historia*, que escreveu, do *Divorcio de Henrique VIII. e da Rainha Catharina*, refutando os primeiros livros de Burnet, impressa em Pariz em 1688 em tres volumes de doze; e nas Notas, e Observações, que fez à Carta de Burnet para Thevont, que imprimio no referido anno, desfez as calumnias

Tom.VII. Ss daquel-

daquelle Sectario. O erudito Poeta Pedro de Azavedo Tojal em hum Poema Heroico de doze Cantos, que intitolou: *Carlos reduzido: Inglaterra illustrada*, e se imprimio em Lisboa no anno de 1716, eternifou com grande elegancia a memoria desta Princeza, louvandolhe as suas virtudes, e descrevendo as festas do seu casamento, do qual formou a idéa para a composiçãõ desta Obra.

Refidio a Rainha na Corte de Londres na companhia delRey seu marido vinte e dous annos, nove mezes, e oito dias, e depois da sua morte mais de sete annos, até que saudosa da patria escreveu a ElRey Dom Pedro seu irmão, que desejava recolherse a Portugal. Como ElRey entendeu, que podia ser possivel lograr a companhia de sua irmãa, promptamente dispoz tudo o que podia pertencer à vinda de Sua Magestade Britanica para Portugal. Segurou a Rainha as suas rendas com a Corte de Londres na fórma das Capitulações do seu casamento, e deixou por effeito da sua generosidade, e não por obrigação, assignada subsistencia para os ordenados dos criados, que a haviaõ servido naquelle Reyno, pagandolhe em Portugal pontualmente duzentos e quarenta mil cruzados cada anno, que se continuaraõ quasi treze, que viveo neste Reyno. Entrando ElRey Jacob II. como dissemos, a reynar em Inglaterra em 1685, e vendo a Rainha com grande goisto florescer a Religiaõ Catholica, sentio, como tambem já ponderámos, que o zelo se
naõ

naõ moderassẽ com a prudencia ; o que deu occasiãõ , a que os Inglezes chamassẽ , entrando a mayor parte da Naçaõ nesta idéa , a Princeza Maria , mulher de Guilherme de Nassau , Principe de Orange , Statouder de Hollanda , pelos motivos , que foraõ causa da liga de Ausburg contra o grande poder de Luiz XIV. Rey de França , e vendo a Rainha as consequencias , que podia ter esta mudança , e que ElRey Jacob havia de passar com a sua familia para França , cuidou em recolherse a Portugal , para onde já no dito anno de 1685 tinha vindo o Conde de Castello-Melhor com permissãõ del-Rey D. Pedro. Este nomeou depois em 1688 para conduzir a Rainha a Nuno da Cunha de Ataíde , Conde de Ponteval , Estribeiro mór da Infanta D. Isabel. Partio o Conde para França por terra com seu sobrinho Nuno da Cunha de Ataíde , hoje Cardeal , e Inquisidor Geral , que o acompanhou até Pariz , donde voltaraõ por mudar a Rainha entãõ de parecer , vendo podia ser util aos Catholicos a sua assistencia em Londres ; e experimentando depois no Principe de Orange , já novo Rey com o nome de Guilherme III. e na Rainha sua mulher toda a attençaõ , que mereciaõ as suas grandes prerogativas , determinou a sua jornada. Sahio de Londres , e fazendo caminho por França , e Hespanha , entrou em Portugal pela Provincia da Beira. Nomeou ElRey para a conduzir ao Marquez de Arronches Henrique de Sousa , do Confe-

lho de Estado, que já fora seu Embaixador na Corte de Londres, cuja pessoa era grata à Rainha. Partio o Marquez para Almeida anticipadamente a esperalla acompanhado do Marquez de Arnonches, Principe do Sacro Romano Imperio, casado com sua neta, de D. Joseph de Menezes, e do Marquez de Tavora seus genros, de D. Diogo de Menezes, D. Antonio de Noronha, e do Conde de S. João seus netos, e do Conde da Calheta, em quem concorria a mesma razaõ por ser casado com sua neta, e de huma boa comitiva de criados muy luzidos. Teve o Marquez Conductor noticia das jornadas, que fazia a Rainha, e de que chegando a Matapossuelos, Lugar da Coroa de Castella, enfermara de huma erysipela: tanto, que o Marquez de Arnonches teve esta noticia, mandou à Universidade de Coimbra buscar o Doutor Antonio Mendes, Lente de Prima de Medicina, e Medico da Camera delRey, hum dos mayores professores, que teve aquella sciencia. Tanto, que elle chegou a Almeida, partio o Marquez com elle a Matapossuelos, a Rainha agradeceo muito ao Marquez o seu cuidado, justamente merecido do seu zelo; e convalecida a Rainha, continuou a sua jornada para Almeida: governava as Armas daquella Provincia, com Patente de General da Artilharia, o Visconde de Barbacena Jorge Furtado de Mendoça. Desta Praça continuou a Rainha a jornada para Lisboa, achando por toda a parte aquelle amor, que

os Portuguezes costumão tributar aos seus Principes. Entrou em Lisboa a 20 de Janeiro de 1693 entre vivas, e acclamações do povo. ElRey D. Pedro seu irmão a foy buscar ao caminho, e sahio do Paço da Corte-Real às nove horas da manhã acompanhado de toda a Corte, e se encontraraõ na calçada do Lumear, e não dando o sitio lugar de voltar o coche, emparelhou o em que ElRey hia com o da Rainha: do delRey desceraõ logo o Conde de Vianna seu Estribeiro môr, o Marquez de Marialva, Mordomo môr, e o Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera; sahio ElRey do seu coche, e chegando ao estribo do coche da Rainha, lhe mostrou com agrado, e com expressões o grande gosto, que tinha de a ver: depois de Sua Magestade Britanica agradecer o affecto delRey seu irmão, com igual contentamento passou a entrar no coche delRey, e tomando o lugar da mão direita, se continuou o acompanhamento na fórma costumada. Foy conduzida à Quinta de Alcantara, aonde a esperava a Rainha D. Maria Sofia, que a veyo receber ao topo da escada, e depois de se cumprimentarem com grandes mostras de contentamento, se despedio a Rainha D. Maria; e a Camereira môr, as Senhoras de Honor, e Damas, e Officiaes da Casa, que a acompanhavaõ, beijaraõ a mão à Rainha da Grãa Bretanha, e ElRey voltou com a Rainha sua mulher para o Paço. Foy magnifica a hospedagem, que durou por muitos

Memorias m.f. do Duque de Cadaval L. N.º 11, tom. XI. p. 209.

tos dias. Depois quando as Rainhas se avistavaõ, cada huma na sua casa, cedia huma à outra o melhor lugar, e assim se visitavaõ muitas vezes, crescendo tanto na amizade, que em effeito della, e do parentesco assentaraõ, que não sahiriaõ da casa, em que cada huma se achasse, o que seria reciproco em ambas; e tambem em demonstração da amizade, e carinho assentaraõ fallaremse por vós. Com todo este amor, e humanidade se trataraõ estas duas Rainhas, ornadas ambas de excellentes virtudes. Assistia a Rainha D. Catharina na Quinta de Alcantara, e depois buscando sitios accommodados ao seu genio, e saude, occupou alguns Palacios, depois do de Alcantara. Foy primeiro para o do Conde de Redondo junto a Santa Martha, depois para o do Conde de Soure, de donde foy para o do Conde de Aveiras em Belem, e ultimamente edificou hum novo Palacio, Capella, e Quinta no sitio da Bemposta, onde viveo, e para donde só se apartou dos poucos dias, que residio no Palacio da Corte-Real com ElRey seu irmão, e antes tinha feito no mez de Fevereiro do anno de 1699 huma jornada a Villa-Viçosa, onde esteve com gosto, e depois na Cidade de Evora, na qual a 4 de Mayo fez entrada publica; e sendo recebida com magnificas festas, ricos arcos, e com todas as ceremonias devidas à Magestade, voltou para Lisboa, aonde chegou a 8 do referido mez. Conserveu sempre alguns criados, e criadas Inglezas, e tendo

tendo voltado para Inglaterra a Condeſſa de Fingal com huma filha ſua, Senhoras Irlandezas Catholicas, e de muita qualidade, recebeo com o exercicio de Cameriſtas, e largos ordenados, Senhoras Portuguezas da primeira qualidade, que foraõ as Condeſſas da Ericeira, de Pombeiro, e S. Lourenço, todas viuvãs; D. Archangela Maria de Portugal, irmã do Conde de Sarzedas, viuva de Dom João de Caſtro Telles, D. Ignês Antonia de Tavora, filha do Morgado de Oliveira, e viuva de João de Saldanha de Souſa, D. Joanna de Tavora, viuva de Simão de Vaſconcellos e Souſa, Governador da Caſa do Infante D. Pedro, e filha de João Gomes da Sylva, Regedor das Juſtiças.

No anno de 1704, em que o Archiduque Carlos com o nome delRey D. Carlos III. de Caſtella paſſou a Portugal, pouco depois de chegado, enfermou a Rainha de huma eryſipela, que a teve muito tempo de cama, e mandando ElRey Catholico ſaber della por hum Gentil-homem da ſua Camera, e dando o recado à ſua Cameriſta, que eſtava de ſemana, lhe repreſentou juntamente o grande deſejo, que ElRey tinha de ver a Sua Mageſtade: pelo que a Rainha ordenou ao Duque de Cadaval, que diſſeſſe a ElRey Catholico, que ella o eſperava com grande deſejo de o ver, que o dia, e hora deixava à eleição de Sua Mageſtade. Dous dias depois aviſou o Almirante de Caſtella ao Duque, que no Domingo 13 de Abril havia ElRey Catho-

Catholico de ir cumprimentar a Rainha da Grãa Bretanha. Avisou-se pela Secretaria de Estado aos Grandes, e Officiaes da Casa delRey, para que se achassem no Paço da Rainha de Inglaterra, e por parte da Rainha se avisaraõ todas as Senhoras para que se achassẽm no seu Paço, com o que esteve numerofo, e luzidissimo o concurso da Corte. O Conde de Vianna, Estribeiro môr, teve ordem para mandar os coches, que fossem necessarios para ElRey Catholico, que foy em hum coche da pessoa delRey de Portugal, com outro de respeito. Entraraõ no coche, na cadeira de diante, o Principe de Lichtenstein, Ayo, e Mordomo môr, à mão direita, e da esquerda o Almirante de Castella, e no estribo esquerdo o Principe de Darmstadt: hia o coche coberto com a sua guarda de Corpo, e a mais comitiva se meteo nos coches, e o Conde de Assumar se adiantou no seu, naõ indo no acompanhamento, como nunca fez quando era em coche, pelo seu naõ ser precedido pelo dos Cameristas delRey Catholico.

A fôrma, que se observou nesta visita foy, que na porta da falla estava Rodrigo de Almeida, Guarda das Damas do Paço delRey de Portugal, seguia-se a primeira, e segunda casa, em que ficou toda a Corte, e à porta da terceira casa estava André Mendes, Porteiro da Camera da Rainha, com ordem para naõ deixar entrar dalli para dentro nenhum Fidalgo: estavaõ nesta terceira casa todas as
Senho-

Senhoras. A porta da Camera da Rainha estava
João Carneiro Brum, tambem seu Porteiro da Ca-
mera. Tanto, que ElRey Catholico chegou, to-
da a Corte o foy buscar a baixo, e o tornou a acom-
panhar até o coche. ElRey hia descoberto, e por
esta causa o foraõ tambem os Grandes de Portu-
gal, e sómente o acompanhou até a Camera da
Rainha o Principe de Lichtenstein, seu Ayo, e
Mordomo mór, que lhe chegou a cadeira, e sahio
para fóra a esperar à porta da Camera, que era a
mesma casa, em que estavam as Senhoras; e vendo,
que o Almirante estava à porta da casa de fóra,
disse ao Porteiro João Carneiro, que deixasse en-
trar o Almirante, ou o deixasse sair; porém elle
observante da ordem, que tinha, respondeo, que
Sua Excellencia tinha alli, que fazer, e o Almiran-
te não, que se quizesse sair o podia fazer, mas que
o Almirante não podia entrar; porque aquella ca-
sa era reservada às Senhoras, e elle não tinha alli
occupação. Entrou ElRey na Camera da Rainha,
onde estava posta hum cadeira de veludo negro
em distancia competente da cama, e chegando-lhe
a cadeira o seu Ayo, se sentou. Na Camera esta-
va só D. Ignez Antonia de Tavora, Camerista de
semana, assistindo aos pés da cama da Rainha, e
tanto, que ElRey Catholico chegou para se sen-
tar, se affastou até chegar à parede. Acabada a vi-
sita, se levantou ElRey Catholico sem esperar, que
lhe affastassem a cadeira, e se despedio da Rainha

Tom.VII

Tt

com

com grande cortezia, que foy muito bem correspondida, tendo-se observado huma singular ordem, e advertencia naquella Paço, que dava a reconhecer, que era habitação de huma Rainha tão prudente, e de tantas virtudes, como foy a Rainha D. Catharina.

No mesmo anno de 1704 quando ElRey D. Pedro seu irmão passou à Beira, lhe encarregou a regencia dos seus Reynos, para cujo effeito baixaraõ Decretos a todos os Tribunaes, e ordenou ao Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, que ficasse em Lisboa (ainda que ao depois resolveo o contrario, como adiante se verá) com a incumbencia de assistir ao Principe, e Infantes seus filhos. E em hum papel, que ElRey mandou à Rainha sua irmãa pelo seu Confessor o Padre Sebastião de Magalhaens, da Companhia, entre outras cousas lhe recommendava, que em todas as cousas do governo se servisse das largas experiencias do Duque de Cadaval, e da grande fidelidade, e zelo, com que se havia empregado sempre no seu Real serviço. Deixou tambem em Lisboa para assistirem no Conselho de Estado, além do Duque, a seu filho o Duque D. Jayme, os Marquezes de Cascaes D. Luiz Alvares de Castro, o de Niza D. Francisco Balthazar da Gama, o Inquisidor Geral D. Fr. Joseph de Lencastre, os Arcebispos de Lisboa D. João de Sousa, e de Braga Ruy de Moura Telles, os Condes de Val de Reys Lourenço

Prova num. 41.

renço de Mendoça, e o de Sarzedas Dom Luiz da Sylveira, o Monteiro môr do Reyno Garcia de Mello, e D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda Alemã, o Secretario de Estado Dom Antonio Pereira da Sylva, Bispo de Elvas, e para Secretario das Mercês, e Expediente a D. Thomás de Almeida, (hoje digníssimo Cardeal, e Patriarca de Lisboa) substituindo a Diogo de Mendoça Corte-Real, de quem era o cargo, o qual acompanhava a ElRey seu irmão, exercendo a occupação de Secretario de Estado, e assistia tambem o Secretario Roque Monteiro Paim, o que sempre tinha feito à Rainha. Depois segunda vez no anno de 1705 teve a Rainha D. Catharina a regencia do Reyno pela perigosa enfermidade, que padeceo ElRey seu irmão, concorrendo para a guerra com tanta actividade, que naquella Campanha se ganharaõ Valença de Alcantara, Albuquerque, Salvaterra, e Çarça. No mesmo anno faleceo a Rainha de huma colica em huma quinta feira às dez horas da noite do dia 31 de Dezembro do anno de 1705, havendo cumprido sessenta e sete annos, hum mez, e seis dias. Mandou-se depositar no Real Mosteiro de Belem junto ao Principe D. Theodosio seu irmão, declarando, que em caso, que os seus ossos, se trasladassem para o Convento de S. Vicente de Fóra, como dispuzera no seu Testamento ElRey seu pay, era sua vontade, que os seus se trasladassem na mesma fórma, e se lhe dèsses sepultura na

Tom.VII.

Tt ii

Ca-

Prova num. 43.

Capella mór do dito Mosteiro. Tinha muy antipadamente ordenado o seu Testamento em 14 de Fevereiro de 1699, em que instituio por seu universal herdeiro a ElRey Dom Pedro seu irmão, a quem pedia fosse seu Testamenteiro, e reduzindo a hum papel, em que faz menção dos legados, e esmolas aos Mosteiros pobres, e recoletos della Cidade, e de Villa-Viçosa, e outros legados pios, com que satisfazia a sua devoção, e a sua familia, porque de toda se lembrou liberalmente: com poucas regras deu por acabado o Testamento, que escreveo Roque Monteiro Paim, do Conselho delRey seu irmão, e seu Secretario. Dotou, e mandou edificar hum Casa aos Religiosos da Companhia para nella se criarem pessoas para as Missões da India, que fica fóra da Cidade de Lisboa no sitio, que chamaõ *Arroyos*.

ElRey Dom Pedro, que havia ido assistir à Rainha, se recolheu a Alcantara depois das nove horas da noite, e ordenou, que o Conselho de Estado ficasse no Paço da Bemposta, para que dispuzesse tudo o que fosse necessario no caso, que morresse a Rainha. Depois da sua morte, logo na presença do Conselho de Estado, se leu o seu Testamento, o qual abriu por especial ordem delRey o Secretario de Estado D. Thomás de Almeida, e o Conselho de Estado resolveo a fórma do enterro, e tambem assentou, que os Officiaes da Casa delRey seu irmão haviaõ de assistir ao serviço do funeral da Rainha. No

No-mesmo Paço se fez o Officio de corpo presente , em que celebrou Pontifical D. Antonio de Saldanha, Bispo de Portalegre, eleito da Guarda, assistido dos Bispos do Algarve Dom Antonio Pereira da Sylva, do do Maranhão D. Fr. Timotheo do Sacramento, do de Bona D. Fr. Pedro de Foyos, e do de Hypponia D. Fr. Antonio Botado, e cada hum dos quaes cantou seu Responso. De tarde todo o Clero, Religioens, e ainda as Monacaes, e as que por privilegio não costumão acompanhar, estavaõ distribuidas desde o Paço da Bemposta, seguindo-se pela rua de Santo Antonio dos Capuchos, S. Joseph, Annunciada, ao Rocio até a Esperança. Quando houve de começar o enterro tirou o pano, que cobria o caixão, Manoel de Vasconcellos e Sousa, que fazia o officio de Reposteiro môr por seu irmão o Conde de Castello-Melhor. Pegaraõ no caixão o Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes, o Conde de Sarzedas D. Luiz da Sylveira, o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora, o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, o Conde de Villa-Verde D. Pedro Antonio de Noronha, o Conde de Alvor Francisco de Tavora, o Conde das Galveas Diniz de Mello de Castro, e D. Francisco de Sousa, todos do Conselho de Estado; e assim foy posto na liteira, e levado a Belem com o acompanhamento, e fórma observada nos enterros das pessoas Reaes, e servido de toda a Casa delRey seu irmão; e os mesmos Conselheiros de Estado,

Estado, que levarão o caixão à liteira, o tirarão em Belem, e no adro da Igreja o entregaram à Irmandade da Misericordia, conforme se pratica com os dos Reys. O Principe do Brasil com os Infantes D. Francisco, e Dom Antonio lhe foram deitar agua benta ao Paço da Bemposta, e acompanharam o corpo até se meter na liteira, a cuja cerimonia ElRey não assistio por lho não permittirem os achagues, que padecia, de que finalmente veyo a falecer. Em demonstração do sentimento tomou luto a Corte com as suas familias por hum anno, mandando-se suspender por oito dias o despacho dos Tribunaes, e que os Ministros delles, e as suas familias tomassẽ luto na mesma fórma, que a Corte.



Carlos

Carlos II.
Rey da Grã
Bretanha, ca-
sado com a
Infanta D.
Catharina,

Carlos I. Rey
da Grã Bre-
tanha, nasceu
a 19 de No-
vembro de
1600, e a
30 de Janei-
ro de 1649.

Jacobo Stuart,
Rey da Grã
Bretanha, na-
ceu a 19 de Ju-
nho de 1566,
+ a 17 de Mar-
ço de 1625.

A Rainha Anna
de Dinamarca,
+ a 2 de Março
de 1619.

A Rain. Hen-
riqueta Ma-
ria de Fran-
ça, + a 10
de Agôsto de
1669.

Henrique IV.
Rey de França,
n. a 13 de De-
zembro de 1553,
+ a 14 de Ma-
yo de 1572.

A Rainha Ma-
ria de Medicis,
+ a 1 de Julho
de 1642.

Francisco de Me-
dicis, Grão Du-
que de Toscana,
+ a 9 de Outubro
de 1587.
A Grão Duqueza
Joanna de Aultra,
+ a 6 de Abril de
1578.

Henrique Stuart,
Barão de Darnley,
Duque de Roth-
say, depois Rey
de Escócia, + a 20
de Fev. de 1567.
Maria, Rainha de
Escócia, + a 18
de Fev. de 1587.

Federico II. Rey
de Dinamarca, e
Noruega, + a 4
de Abril de 1588.
A Rainha Sofia de
Mekelbourg, + a
4 de Outubro de
1631.

Math. Stuart, Con-
de de Lenox, Re-
gente de Escócia, +
em 1572.

A Condesa Marga-
rida Douglas, + a 10
de Março de 1578, II.

Jacobo V. Rey de
Escócia, nasc. a 15
de Abril de 1512, +
a 13 de Dezembro
de 1542.
A Rainha Maria de
Lorena, + em 10 de
Junho de 1560.

Christiano III. Rey
de Dinamarca, + em
o primeiro de Janeiro
de 1559.
A Rainha Dorothea
de Saxonia, + a 7 de
Outubro de 1571.

Ulrico, Duque de
Mekelbourg, + a 14
de Março de 1601.
A Duqueza Isabel de
Dinamarca, + a 4 de
Outubro de 1586.

Carlos de Bourbon,
Duque de Vandoma,
nascido a 2 de Junho
de 1489, + a 25 de
Março de 1517.
Francisca de Alen-
son, Duqueza de Bu-
sumont, + a 18 de
Mayo de 1513.

Henrique de Albret,
Rey de Navarra, n.
em 1501, + a 25 de
Mayo de 1555.
A Rainha Margarida
de Valois, + a 1 de
Dezembro de 1549.

Cosme de Medicis,
Duque de Florença,
+ em 21 de Abril de
1574.
A Duqueza D. Leo-
nor de Toledo, + em
1562.

Fernando I. Empe-
rador, + a 26 de Ju-
lho de 1564.
Anna de Hungria,
Rainha de Hungria,
+ em 1517.

João Stuart, Conde de Lenox, +
em Setembro de 1527.

A Condesa Isabel Stuart.

Archimbaldo, Conde de Angus.
A Condesa Margarida de Ingla-
terra.

Jacobo IV. Rey de Escócia, nasc.
a 16 de Março de 1472, + a 10
de Setembro de 1513.
A Rain. Margarida Tudor, filha de
Henr. q. VII. Rey de Ingl. + 1539.
Claudio de Lorena, Duque de Gui-
se, n. a 20 de Outubro de 1496,
+ a 12 de Abril de 1550.
A Duqueza Antonia de Bourbon,
+ em 1581.

Federico I. Rey de Dinamarca, e
Noruega, + a 3 de Abril de 1533.
A Rainha Anna de Brandebourg,
+ em 3 de Mayo de 1514.
Magno II. Duque de Saxonia La-
wenbourg, + em 1547.
A Duqueza Catharina Brunswik,
+ em 1565.

Alberno V. o Fermoço, Duque de
Mekelbourg, + a 10 de Jan. 1547.
Anna de Brandebourg, + a 19
de Junho de 1567.

Federico I. Rey de Dinamarca.

A Rainha Anna de Brandebourg.

Francisco de Bourbon, Conde de
Vandoma, nasc. em 1470, + a 3
de Outubro de 1495.
Maria de Luxemburg, Condesa
de S. Pauln, + o 1. de Abril 1546.
Renato, L'ucque de Alençon, +
em o 1. de Novembro de 1492.
A Duqueza Margarida de Lorena,
+ em 1521.

João de Albret, Rey de Navarra,
+ a 17 de Junho de 1566.
Catharina de Fox, Rainha de Na-
varra, + a 17 de Fev. de 1517.
Carlos de Valois, Conde de An-
goulême, + em 1496.
A Condesa Luiza de Saboya, +
em 1511.

Luiz dito João de Medicis, + em
Novembro de 1526.

Maria de Salviati.

D. Pedro Alvares de Tol. Vice-Rey
de Napol. + a 22 de Fev. de 1553.
Dona Maria Olorio Pimentel, II.
Marquiza de Villa-Franca.

D. Filipe I. Rey de Castella, +
em 25 de Setembro de 1506.
D. Joanna, Rainha de Castella, H.
+ a 4 de Abril de 1555.
Ladislao, Rey de Boheemia, e Hun-
gria, + em 1516.
A Rainha Anna de Fox, + em
1506.



CAPITULO IV.

Del Rey D. Affonso VI.

18



ANTICIPADA morte do Principe D. Theodosio, como fica escrito, deixou para herdeiro do Reyno de Portugal ao Infante D. Affonso seu irmão, o qual nasceo na Cidade de Lisboa em huma festa seira 21 de

Agosto de 1643 pelas oito horas da manhã, estando neste tempo ElRey seu pay na Cidade de Evora: foy bautizado a 13 de Setembro do mesmo anno na Capella Real pelo Bispo Capellaõ mór D. Manoel da Cunha, e por seu mandado benzeo a agua o Doutor Vicente Feyo Cabral, Prior da Fregue-

Freguesia de S. Juliaõ, e foy levado à pia pelo Marquez de Ferreira, Mordomo mór da Rainha, que hia com opa de brocado rico debaixo do Palio, acompanhado de todos os Senhores, e Nobreza da Corte : levavaõ as varas do Palio D. Miguel de Almeida, e Henrique Correa da Sylva, Védores da Fazenda, D. Carlos de Noronha, Prescidente da Mesa da Consciencia, e D. Antaõ de Almada, Governador das Armas da Corte, que tinha sido Embaixador a Inglaterra: levava o faleiro o Marquez de Cascaes, a véla o Marquez de Aguiar, a toalha, e veste candida o Conde de Cantanhede, o gomil o Conde de Villa-Franca, e o maçapaõ o Conde de S. Lourenço. Foy Padrinho o Principe D. Theodosio, que hia atraz do Palio, vestido de chamalote anogueirado picado sobre branco, com os cabos brancos, transefim de ricas perolas, e huma rosa de diamantes no chapeo de grande valor, e junto a elle o Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro, para o advertir das cousas, a que havia de responder na celebração daquelle Sacramento: hia junto do Principe a sua Aya D. Marianna de Lencastre, viuva de Luiz da Sylva Telles, Védor da Fazenda, e do Conselho de Estado. Na Tribuna assistio a Rainha sua mãy com as Infantas em quanto durou a função, que foy celebrada com notavel pompa. Foy jurado Principe successor da Coroa Portugueza a 22 de Outubro do anno de 1653.

Era

Era curta a idade, em que o Principe do Brasil, e Duque de Bragança D. Affonso se achava, quando pela morte delRey seu pay sobio ao throno. Para o que se destinou o dia 15 de Novembro de 1656 para o auto do levantamento, e juramento, que os Grandes, Seculares, e Ecclesiasticos, e mais pessoas lhe haviaõ de fazer. Era aquelle dia huma quarta feira, na qual pelas tres horas da tarde baixou ElRey do seu aposento à falla dos Tudescos, e sahio a huma varanda, que corria immediata ao Paço, delde o lado do Forte até o outro da varanda, que fica da parte da terra, que estava magnificamente adereçada. Vinha ElRey com opa roçagante de téla de prata com flores de ouro, forrada de carmesim, e vestido de téla de ouro, e pardo, guarnecido de rendas de prata, e ouro, com abotoadura de pedraria, e hum collar ao pescoço de grande valor, e delle pendente o habito da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo em hum circulo de diamantes, espadim dourado, e mangas de téla branca lavrada de ramos de ouro, e no chapeo huma joya de diamantes, que prendia a aba do mesmo chapeo: trazialhe a cauda da opa Joaõ Rodrigues de Sá, Conde de Penaguiaõ, do Conselho de Estado, e seu Camereiro mór: immediato a Sua Magestade vinha o Infante Dom Pedro descoberto fazendo o officio de Condestavel com o estoque desembainhado, e levantado em ambas as mãos, e junto a elle Ruy de Moura Telles, do Conselho

Tom. VII.

Uu de

de Estado , e Vêdor da Fazenda , Estribeiro mór da Rainha D. Luiza , para lhe ajudar a sustentar o estoque por ser o Infante de oito annos. Nomeou a Rainha ao Infante para exercitar este officio por evitar a contenda , que havia entre o Duque de Cadaval , e Conde de Odemira , que com fortes motivos pertendia hum preceder ao outro ; porém era claro o direito do Duque no proximo parentesco da Casa Real Reynante. Antonio Telles de Menezes , Conde de Villa-Pouca de Aguiar , General da Armada Real , e do Conselho de Estado , hia adiante fazendo o officio de Alferes mór com a bandeira desenrolada , e a elle se seguia D. João da Sylva , Marquez de Gouvea , do Conselho de Estado , e Guerra , seu Mordomo mór , e na mesma igualdade D. João Mascarenhas , Conde de Sabugal , fazendo o officio de Meirinho mór , e mais adiante D. Rodrigo de Menezes , Regedor das Justicas , e o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva , e assim se hiaõ seguindo os mais officiaes da Casa Real : à mão direita delRey vinha o Duque de Aveiro D. Raymundo de Lencastre , do Conselho de Estado , e à mão esquerda o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello , ambos em hum andar , tres , ou quatro passos mais adiante delRey : ao Duque de Aveiro se seguia o Marquez de Cascaes D. Alvaro Pires de Castro , Alcaide mór de Lisboa , e ao Duque de Cadaval o Marquez de Niza D. Vasco Luiz da Gama , do Conselho

lho de Estado, e Vêdor da Fazenda, e assim se seguia por hum, e outro lado os Condes, observando da mesma sorte as suas precedencias, que são reguladas conforme a antiguidade das Cartas das suas Dignidades, e no meyo delles os Officiaes da Casa. Todos os Grandes, e Senhores hiaõ vestidos de gala com collares, e cadeas ao pescoço, e descobertos, por assim ser costume em semelhantes actos. Depois delRey estar no seu throno, e todos em seus lugares, e preparado assim tudo, e depois delRey ter jurado, e promettido de guardar os fóros, costumes, privilegios, graças, e merces, liberdades, e franquezas, que pelos Reys seus predecessores foraõ dadas, concedidas, e confirmadas, disse o Rey de Armas Portugal: *Manda ElRey nosso Senhor, que neste acto venhaõ jurar, e beijar a mão os Grandes, Titulos Seculares, e Ecclesiasticos, e mais pessoas da Nobreza assim como se acharem, sem precedencias, nem prejuizo do direito de algum.* A primeira pessoa, que jurou, foy D. Miguel de Almeida, Conde de Abrantes, Mordomo môr da Rainha, mãy de Sua Magestade, em cujo nome fez o dito juramento, por virtude da Carta de poder, e procuraçaõ, que para esse effeito lhe deu a mesma Senhora, a qual foy lida em voz alta, e intelligivel pelo Secretario de Estado. A segunda pessoa, que jurou, foy o Infante D. Pedro, jurando neste lugar como Infante; porque se o fizesse como Condestavel havia de ser no penultimo, e largando o

Tom. VII.

Uu ii esto-

estoque a Ruy de Moura em quanto jurava. Depois se seguirão o Duque de Aveiro, e o Duque de Cadaval, o Marquez de Cascaes, o Marquez de Gouvea, e o Marquez de Niza, a que se seguirão logo os Condes, sem entre elles haver precedencia, e depois de jurarem os Grandes, foram jurar os Bispos, e os mais Bispos eleitos, nesta forma continuando pelos Ministros dos Tribunaes, e Donatarios da Coroa, Alcaldes môres, e Fidalgos, e mais pessoas de Nobreza, os quaes foram jurar assim, que podião chegar, sem entre elles se guardar ordem de precedencias, e depois de todos, em ultimo lugar, jurou o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva. Acabado este acto com as demais ceremonias costumadas, descendo ElRey do seu throno com o Sceptro Real na mão encostado ao peito, voltou pela mesma parte acompanhado sómente, dos que com elle tinhão vindo, pelo declarar em voz alta o Rey de Armas Portugal, que elle assim o mandava, e foy à Capella, aonde se cantou o *Te Deum* com geral contentamento dos seus Vassallos.

Ficou ElRey debaixo da tutela daquella sãbia, e prudente Matrona a Rainha D. Luiza, que não innovando cousa alguma, se servio dos mesmos Ministros, e Secretarios, e lhe nomeou por Ayo a D. Francisco de Faro, Conde de Odemira, em que concorrião grandes virtudes, e declarou a Rainha, que ElRey seu marido antes da sua morte

te lhe havia communicado aquella eleição: deu-lhe quarto no Paço, e ficou Nicolao Monteiro, Prior de Cedo-Feita, depois dignissimo Bispo do Porto, continuando no exercicio de Mestre delRey, e de seu irmão o Infante D. Pedro, que já lograva. Começaraõ logo a luzir a fortuna do filho, e a virtude da mãy em prosperos successos do seu reynado, vendo-se as nossas armas em todas as Provincias vencedoras das de seus inimigos, de que sãõ gloriosos testemunhos a batalha do Forte de S. Miguel em Badajoz, conseguida no anno de 1658, sendo Governador das Armas Joanne Mendes de Vasconcellos, General da Cavallaria André de Albuquerque, Mestre de Campo General D. Rodrigo de Castro, Conde de Misquitella, e outros subalternos, que todos obraraõ com valor. Nesta occasiaõ ficou ferido o Duque de Cadaval, que se achava como particular, com huma perigosa bala em hum hombro, e outra ferida mais leve; e Diniz de Mello de Castro, Tenente General da Cavallaria, com sete feridas. No mesmo anno sahio o Exercito Castelhano mandado por Dom Luiz Mendes de Haro a pôr sitio à Cidade de Elvas, e poz em aperto aquella Praça por ser poderoso o Exercito; e pela falta de numero de defensores, e de mantimentos, esteve reduzida à ultima miseria, de que a livrou a fortuna, e valor de D. Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, a quem a Rainha Regente encommendou o governo do nosso

Prova num. 44.

Prova num. 45.

nosso Exercito , buscando elle os inimigos dentro das suas mesmas linhas , que forçadas rompeo com fatal estrago do Exercito Castelhana , e grande gloria das nossas armas a 14 de Janeiro de 1659. Governava a Praça de Elvas Dom Sancho Manoel , e foy mandado meter nella o Conde de Prado , contribuindo tambem muito para a sua defenſa o General da Artilharia Pedro Jaques de Magalhaens , e a Cavallaria governada pelo Commiſſario geral D. Joaõ da Sylva , e o Capitão das Guardas do General D. Luiz de Menezes com a sua companhia , fazendo a guarnição da Praça huma fortida , que contribuiu muito para a vitoria. Sendo vencidos os Hespanhoes , ficou livre a Praça do ſitio , e os nossos vitoriosos com tão glorioſa acção deraõ fim à Campanha. Os Castelhanos tiveraõ huma das mayores perdas , que em muitos annos haviaõ experimentado dentro de Hespanha ; porque depois de no ſeu Exercito haverem entrado de ſoccorro trinta e ſeis mil homens , não achou D. Luiz de Haro mais , que quatorze mil Infantes , e tres mil e quinhentos Cavallos ; e paſſando ſe moſtra em Badajoz no dia depois da batalha , ſe não acharaõ mais , que cinco mil Infantes , e mil e trezentos Cavallos , de que muitos ainda pereceraõ com o rigor do Inverno , e incommodidades do ſitio. Ficaraõ prifioneiros mais de cinco mil , em que entraraõ grande numero de Officiaes mayores , vivos , e reformados , e muitas peſſoas de qualidade. Perderaõ treze peſſas

fas de artilharia , tres morteiros , cinco petardos , quinze mil armas , muitas bandeiras , quantidade de munições , e mantimentos , que se conduziraõ para a Praça de Elvas. Dos nossos morreo o Mestre de Campo General , e General de Cavallaria André de Albuquerque , perda que se fez muy sentida pelo seu valor , e sciencia militar , tendo adquirido geral opiniaõ , e amor nos Soldados. Naõ foy menor a perda na morte de Fernaõ da Sylveira , irmaõ segundo do Conde de Sarzedas , Conselheiro de Guerra , que depois de ter servido em Flandes , e neste Reyno em muitas occasioens com distincão , acabou gloriosamente. O Mestre de Campo Luiz de Sousa de Menezes morreo das feridas , que recebeu na batalha , onde pereceraõ tambem os Capitaens de Cavallos Joaõ Ferreira da Cunha , e André Gatino , dez Capitaens de Infantaria , dous Ajudantes , dez Alferes , e cento e sessenta e sete Soldados. Ficaraõ feridos os Mestres de Campo Conde de S. Joaõ , o Conde da Torre , Simaõ Correa da Sylva , Miguel Carlos de Tavora , Joaõ Furtado de Mendoça , Bartholomeu de Azevedo Coutinho , Antonio Galvaõ , Ascensõ Alvares , Tenente do Mestre de Campo General , Luiz Francisco Correa Baharem , quatro Sargentos mōres , hum Ajudante de Tenente , vinte e tres Capitaens de Infantaria , oito Ajudantes , vinte e dous Alferes , trinta e dous Sargentos , e seiscentos Soldados , tendo todos obrado com tanto valor , como constancia,

cia, de sorte, que gloriosamente rompendo aos seus inimigos dentro das linhas, os venceraõ, e totalmente derrotaraõ. Tambem no principio do sitio ficando doente no ultimo perigo o Conde Camereiro môr no Convento de S. Francisco fóra de Elvas, morreo entre os Castelhanos, perdendo o Reyno hum varaõ de grande valor, e fidelidade. Chegou a noticia a Lisboa a tempo, que ElRey estava assistindo ao Sermaõ da festa, que a Nobreza costuma fazer ao Santissimo Sacramento em desagravo do defacato commettido na Freguesia de Santa Engracia; e logo se cantou o *Te Deum laudamus*, e voltou ElRey ao Paço entre applausos do povo, que alegres acclamavaõ a vitoria. O Conde de Cantanhede passou a Lisboa a lograr o applauso, que merecia a vitoria, conseguida pelo seu valor. Quando o Conde chegou à casa, em que ElRey o esperava, deu alguns passos a recabello, honra singular, mas merecida do seu esclarrecido procedimento.

Eraõ grandes as despesas do Reyno, as quaes suavizavaõ os prosperos successos, que em todo elle alcançavaõ as nossas armas contra as de Castella, das quaes se viaõ triunfantes nas batalhas de S. Miguel, e Linhas de Elvas, logrando geral applauso entre as Nações; porém não se podiaõ dissimular as faltas de gente, e cabedades para se proseguir huma guerra taõ dilatada. A Rainha Regente attenta aos interesses do Reyno considerava prudentemente

mente o quam preciso era conseguir soccorros de alguma Potencia estrangeira, e que de França seria mais facil pela guerra, que tinha com Castella, a qual poderia fazerlha ainda mais dura com as Tropas auxiliares, que mandasse a Portugal. A esse fim nomeou Embaixador Extraordinario a El Rey de França o Conde de Soure, do qual era taõ conhecido o valor, como o talento para os negocios politicos, fiando do seu louvavel zelo esta importante negociaçaõ: e agradecendo o Conde à Rainha a escolha, que delle fizera, sacrificou pelo bem publico os pezares, que sentia, e depondo as queixas, e superando os achaques, que padecia, se dispoz a partir para França a 13 de Abril de 1659 em huma Nao Ingleza, levando por Secretario da Embaixada a Duarte Ribeiro de Macedo, pessoa de conhecida estimaçaõ, que depois foy Enviado na mesma Corte. Já quando o Conde chegou a França tinha noticia, que o Tratado de paz entre as Coroas de França, e Castella se dava por ajustado; porque em Flandes se havia publicado huma suspensãõ de armas até nova ordem. Deu grande pena ao Embaixador esta noticia, porque a verdade della alterava toda a substancia das suas instrucções; porque de todas ellas eraõ os mais importantes pontos, que a Rainha lhe recommendava, representar a perigosa conservaçaõ do Reyno, ainda que victorioso, com a perda das muitas Tropas veteranas nas Campanhas, e sitios de Badajoz, Elvas, e Monçaõ,

motivo , que a obrigava a pedir a ElRey Christia-
nissimo soccorro de quatro mil homens de Infanta-
ria, e mil Cavallos, que seriaõ pagos por Sua Ma-
gestade Christianissima , e de lhe permittir escolher
dous Officiaes Generaes de conhecida opiniaõ para
occuparem os póstos de Mestres de Campo Gene-
raes, dos quaes a fidelidade, e prestimo seriaõ ap-
provados pelo Cardeal Mazarino, e que ao mesmo
tempo pedisse licença para levantar igual numero
de gente por conta delRey, entregandolhe logo
creditos para este effeito, e ultimamente a conclu-
sãõ da liga offensiva, e defensiva das duas Coroas
contra a de Castella, materia já tratada nas Embai-
xadas antecedentes, e sempre differida.

Continuava o governo da Monarchia de Fran-
ça a Rainha D. Anna de Austria, toda entregue
às disposições do Cardeal Mazarino, seu primeiro
Ministro, que havia elevado França ao mais alto
cume da gloria com as continuas vitorias, que ha-
via conseguido o Marechal de Turene, hum dos
mais scientes Generaes, que teve a Europa, cujo
nome será sempre glorioso nos Fastos daquella Mo-
narchia. Era o mayor cuidado daquella Corte o
casamento delRey Luiz XIV. que entrava na ida-
de de vinte e dous annos, para o qual se propu-
nhaõ quatro Princezas, a Infanta D. Catharina de
Portugal, que depois foy Rainha da Grãa Breta-
nha, Henriqueta de Inglaterra, depois Duqueza de
Orleans, Margarida de Saboya, que depois veyo a
ser

fer Duqueza de Parma, e D. Maria Thereſa Infanta de Caſtella, a qual preferia a todas no goſto da Rainha, ſendo apparentes todas as mais diligencias, que ſe faziaõ, e ſõmente dirigidas a dar ciumes à Coroa de Caſtella, encaminhando-ſe todo o poder das armas de França a fazer preciſa a paz por eſte matrimonio. E mandando a Rainha a Madrid o Senhor de Lionne para tratar da paz, declarou eſte aos Miniſtros delRey D. Filippe IV. que naõ eſperaſſem a concluaõ daquelle Tratado ſem eſta condiçaõ. E ao meſmo tempo mandou a Rainha ao Conde de Cominges, ſeu Embaixador em Portugal, negocear publicamente o caſamento delRey Luiz com a Infanta D. Catharina. E logo publicou, que caſava a ElRey em Saboya, para o que paſſava a Leaõ com ElRey ſeu filho para ſe aviſtar com a Duqueza de Saboya ſua cunhada, e ajuſtar eſta alliança com ſua filha a Princeza Margarida, e com effeito partiraõ de Turim, e ſe aviſtaraõ; e chegando eſta noticia a Madrid ao tempo, que a Rainha havia dado à luz huma Infanta, ſe concluiu o Tratado do Matrimonio entre a Infanta D. Maria Thereſa, e ElRey Luiz XVI. Todas as noticias deſtes negociados achou o Conde de Soure em Avre de Grace, e que a tregoa eſtava em pratica, e já declarado o dia da jornada do Cardeal Mazarino para as conferencias com D. Luiz de Haro nos Pyreneos. Partio o Embaixador para Leaõ, onde recebeu hum aviſo de Feliciano

Dourado, Ministro de Portugal, que residia em Pariz, que lhe dizia, se não adiantasse sem elle chegar a buscillo, o que logo fez, e lhe disse, que participando ao Cardeal a sua chegada, lhe advertira, que convinha passasse elle incognito a Pariz para tratar os seus negocios; porque não era conveniente receber huma Embaixada publica de Portugal no tempo, em que o Tratado da paz com Castella fazia precisó não amparar os interesses de Portugal.

Neste perigoso estado, em que se achavaõ os negocios, partio o Embaixador de Leão para Pariz, e teve audiencia do Cardeal, a quem expoz brevemente o fim da sua Embaixada; mas que via naquella Corte taõ varios accidentes, que lhe parecia necessario fallar primeiro nelles, que no soccorro dos Cabos, que hia buscar; que ouvia estar ajustada a paz de Castella com exclusão de Portugal, o que lhe parecia incrível, sabendo o quanto Sua Eminencia attendia aos interesses da Monarchia Franceza, houvesse de sacrificar Portugal aos interesses delRey Catholico; e com hum discurso elegante, e nervoso discurreo mostrando, que não devia desamparar França naquella conjunctura a Portugal: a que respondeo o Cardeal allegando os motivos, que o obrigavaõ àquelle Tratado, concluindo, que no Tratado da tregoa, que conseguira por tres mezes, tinha resolutio mandar hum Gentil-homem a Portugal com proposições, que avaliava praticaveis, e que quando fosse tempo lhe daria parte

te das instrucções, que levava. Defenganado o Embaixador de poder melhorar o empenho naquelle Congresso, suspendeo as diligencias até saber das proposições, que se mandavaõ a Portugal, e dando conta à Rainha Regente de tudo o que passara com o Cardeal, tratou de buscar todos os meios, que lhe pudessem ser uteis à sua negociação.

Neste tempo chegou à Corte de França o Visconde Marechal de Turene de novo vitorioso com a batalha de Dumquerque, em que totalmente havia derrotado o Exercito de Castella, mandado por D. João de Austria. O Marechal de Turene, que em todas as occasioens havia mostrado a estimação, que fazia do valor dos Portuguezes, costumava dizer, com o exemplo do Duque de Rohan, que era tão importante a França desunir Portugal de Hespanha, como Hespanha do Imperio. O Conde de Soure com a occasião da sua chegada o visitou, e elle o recebeu com huma singular estimação, offerecendo-lhe para da sua parte lhe procurar todos os Officiaes, que elle reconhecesse de mayor merecimento, para mandar a Portugal, e o primeiro, que fez partir para este Reyno, foy Jeronymo Giovet por Coronel de hum Regimento de Cavallaria, o qual servindo com distincão em quanto durou a guerra, passou depois à Alemanha ao serviço do Principe de Brunswik Lunebourg, e occupou o posto de Mestre de Campo General.

O Ma-

O Marechal de Turenne em huma pratica, que teve com o Cardeal sobre a paz de Hespanha, lhe disse, que elle não podia considerar mayor erro, do que expor Portugal à invasião dos Castelhanos, que sempre seriaõ inimigos dos Francezes, e ainda mais, quanto mais poderosos fossem; e que com esta resolução perderiaõ a confiança dos seus alliados, acompanhando o seu discurso de razoes tão solidas, que o Cardeal se persuadio: porém a Rainha, que desejava ver no throno de França sua sobrinha, não deu attençaõ alguma ao que lhe representou o mesmo Cardeal.

Teve-se neste tempo noticia, de que D. Luiz de Haro havia partido de Madrid para Fuente Rabia, e logo dispoz o Cardeal a sua jornada, com a qual pretendia acabar as longas dissensões de França com Hespanha, e duas horas antes de partir deu audiencia ao Conde de Soure; e tornando-lhe a representar a inclusã de Portugal no Tratado da Paz, os Cabos, e soccorros, lhe pediu licença para o seguir tanto, que recebesse novas ordens de Portugal, que já lhe não podiaõ tardar. O Cardeal lhe disse o quanto desejava assistir aos negocios do Reyno, tanto pelos interesses de França, como pelo respeito, com que elle venerava as virtudes da Rainha Mãe de Portugal; porém que elle se achava na presente conjunctura muito embaraçado para lhe nomear Cabos Francezes; porque seguindo-se a paz, seria o primeiro motivo de se ter por huma infracção

fracção do Tratado : porém que elle lhe nomeava dous fôgeitos , com quem se poderia ajustar , que eraõ o Conde Frederico Schomberg , Alemão de Nação , e o Conde de Inchiquin , Irlandez , pessoas , que haviaõ occupado os póstos de Mestres de Campo Generaes nos Exercitos de França , e adquirido grande opiniaõ de praticos , e valerosos Soldados , e que para o de mais ficava tempo. Approvou o Marechal de Turene as pessoas nomeadas para Mestres de Campo Generaes , e o primeiro , que partio, foy o Conde de Inchiquin , e embarcando na Arrochella , foy atacado de hum cossario Argelino na Costa de Portugal , e depois de hum vigoroso combate , o Conde com hum filho seu foraõ cativos a Argel , e a nossa Rainha o resgatou. E vindo ao Reyno , passou à Alentejo , mas apenas chegou a esta Provincia , teve aviso da restituicão de Carlos II. ao throno de Inglaterra , o que lhe facilitou poder voltar à sua Patria , e entrar na posse dos seus Estados , que havia perdido por seguir o seu partido.

Neste tempo fez o Conde de Soure a sua entrada publica. Sahio de Pariz com toda a magnificencia devida ao seu caracter , e lhe deu ElRey audiencia em Fontainebleau , onde se achava a Corte , e no caminho o esperavaõ as carroças delRey , da Rainha , e Duque de Orleans , e entrando na delRey , na qual vinha o Marechal Duque de Aumont , o conduzio a hum quarto do Paço , que lhe esta-

estava preparado. No seguinte dia o veyo buscar o Conde de Soissons, filho do Principe Thomás de Saboya, e o levou à audiencia delRey, e da Rainha. E depois no mesmo dia o Marechal du Plessis, que havia sido Ayo do Duque de Orleans, o levou à casa deste Principe, de donde partio para Pariz. Aqui querendo dissipar os falsos motivos, que os Ministros da Corte de França haviaõ publicado, a fim de se escusarem dos interesses de Portugal, publicou o Conde hum Manifesto na lingua Franceza, que continha vinte e sete razoes, que elegantemente concluiaõ, que o mayor interesse de França, era não ajustar a paz com Castella, sem a inclusãõ da de Portugal. Foy geralmente applaudido o Manifesto com tanta aceitaçaõ, que o Cardeal julgou ser preciso supprimir este papel, passando ordem para que se recolhesse, e para ser prezo o Impressor, e tambem aquelle, que o traduzira da lingua Portugueza na Franceza; mas elle se acolheu à casa do Conde de Soure, donde o livrou a immuniidade do Embaixador. Ao mesmo tempo o Senhor de Briene, Secretario de Estado, buscando ao Conde Embaixador, lhe disse da parte do Cardeal, que a materia daquelle papel poderia alterar o socego publico da Corte; que lhe rogava se dignasse mandallhe entregar todos os exemplares, porque as razoes, que continhaõ, só pertenciaõ a ElRey seu amo, e aos seus Ministros, e não à censura publica, concluindo, que se queixaria a Portugal.

tugal. O Conde de Soure lhe respondeo, que o seu intento fora sómente na publicação daquelle papel instruir aos Ministros delRey de França, e expor as justas razoes, em que se fundava a pertença delRey seu Senhor contra as injustas pertenças de Castella, totalmente ignoradas naquella Corte, e que não podia entender, que pudesse alterar o repouso publico com a impressão de hum papel, que continha conveniencias reciprocas a ambas as Coroas; e que por não faltar à boa harmonia mandava entregar os exemplares, que tinha, os quaes foraõ oito, havendo-se espalhado mais de quinhentos. Ultimamente o Cardeal se deu por tão pouco satisfeito, que se queixou à Rainha do Conde de Soure, que ouvindo as suas razoes se deu por bem servida, e lhe agradeceo, e approvou tudo quanto tinha feito. Foraõ muy delicados os pontos desta missão, que omittimos, e o Conde de Soure os manejou com tanta destreza, que deixou da sua prudencia, e talento, famoso nome naquella Corte, como se vio quando sahindo occultamente de Portugal o Duque de Aveiro, passou a França para seguramente fazer o caminho de Castella, procurando com grande efficacia dissuadir ao Duque dos errados intentos, de que depois sem remedio se veyo arrepender, porque não corresponderaõ as atensões da Corte de Madrid às idéas do Duque.

Finalmente junto aos Pyreneos, onde acabaõ, e começaõ a dividir França de Hespanha, se fabricou
Tom.VII. Yy cou

cou huma especie de Palacio de madeira na Ilha dos Fayzoens entre Fuente Rabia, ultima Praça de Guipuscoa, e Andaya ultimo lugar da Biscaya: aqui se ajuntavaõ os dous Ministros a conferir, e depois nelle se virao os dous Monarcas de França, e Castella, e em fim se veyo a concluir o matrimonio da Infanta D. Maria Theresá com ElRey Luiz XIV. Chegando o Conde de Soure a S. João da Luz, o Cardeal o mandou cumprimentar por hum seu Gentil-homem, e o mesmo fizeraõ todos os Ministros Estrangeiros. Seguio-se logo ter o Conde de Soure huma conferencia com o Cardeal, e depois de discorridos diversos pontos com a destreza, e engenho, de que eraõ dotados aquelles dous Ministros, disse o Cardeal, que conveniencias se poderiaõ propor aos Castelhanos, para que elles admittissem a Portugal no Tratado da Paz. O Conde Embaixador, que era prompto, sem se alterar, respondeo: *Tudo o que D. Luiz de Haro propuzer, e Vossa Eminencia approvar, sulva a soberania, e independencia da Coroa, tenho poderes para o ajustar.* O Cardeal disse, que elle empregaria todos os bons officios para este negocio, e depois de hum largo discurso concluiu, que tinha nomeado ao Marquez de Choup para o enviar a Portugal com as condições, que mandava à Rainha Regente. Esta conferencia acabou de persuadir ao Embaixador, que o Cardeal não estava de boa fé.

Chegou neste tempo a S. João da Luz Carlos

los IV. Duque de Lorena , depois de huma larga
prizaõ em Castella , noticia , que chegando a Pa-
riz , fez , que o Duque de Guise , e o Conde de Har-
court o fossem logo buscar . Tanto , que o Duque
de Lorena chegou , mandou o Embaixador pedir
hora para o visitar , de que o Duque se desculpou
com as dependencias dos Castelhanos ; e para mos-
trar mais justa a sua escusa , mandou visitar ao Con-
de pelo Duque de Guise para lhe segurar o seu as-
fecto , e de toda a sua Casa aos interesses de Portu-
gal , de que era boa demonstraçaõ a proposta de
mandar servir a este Reyno seu filho o Conde de
Vaudemont com dous mil homens pòstos em Por-
tugal à sua custa ; e que o Conde de Harcourt se
offerecia para ir mandar as armas de Alentejo com
o posto de Capitaõ General , levando dous Re-
gimentos de Infantaria , de que seriaõ Mestres de
Campo seus dous filhos , e para o effeito desta jor-
nada lhe bastava sòmente huma tacita permissaõ de
França . O Conde Embaixador rendeo as devidas
graças ao Duque de Guise das proposições , que
lhe havia feito , e participando-as à Rainha , chegou
a ajustar os Tratados , que depois se desvaneceraõ ;
porque os ajustes do Duque de Lorena se dilataraõ
tanto em França , que não teve meynos de levantar
os Regimentos , e o Cardeal negou ao Conde de
Harcourt não só a tacita licença de passar a Portu-
gal , mas lhe disse , que se persistisse naquella reso-
luçaõ , perderia o grande officio de Estribeiro mór

delRey, cuja merce já tinha para seu filho o Conde de Armagnac, deixando-se assim conhecer quaes eraõ as apparentes demonstrações do Cardeal Mazarino: porque sendo os dous pontos mais apertados do Tratado da paz a exclusão de Portugal, e a restituição do Principe de Condé, ambos conseguiraõ os Castelhanos com a inclinação da Rainha Mãe, ficando o Principe restituído à graça delRey, e aos seus Estados: e sendo declarado em hum dos artigos da paz, que França, nem directa, nem indirectamente assistiria à defenſa de Portugal, este artigo foy abominado de toda a França, como offensivo à gloria da Nação; porém o Cardeal passou pela murmuração geral, porque já era tido por parcial dos Ministros de Castella, e ainda mais abominado, porque de todo julgou Europa por infallivel a ruina de Portugal, que depois o tempo mostrou, que rompendo pelo mesmo, que parecia impossivel, fez mayor a gloria da defenſa coroando-a de triunfos.

Determinado o Cardeal a enviar a Portugal ao Marquez de Choup, mandou communicar as instrucções ao Conde de Soure, o qual com generoso desprezo, confessando, que as vira, disse ao Cardeal, que lhe rogava escusasse daquella viagem ao Marquez, porque lhe assegurava, que ElRey seu Senhor não daria nunca ouvidos a semelhantes proposições, o que se verificou em breve tempo; porque passando a Portugal o Marquez de Choup, depois

pois de ser tratado com toda a attençaõ por Minif-
tro de taõ grande Principe, lhe nomeou a Rainha
Regente aos Condes de Odemira, e Cantanhede
para conferentes, e assistia a esta conferencia o Se-
cretario de Estado Pedro Vieira da Sylva. E de-
pois de ouvidas as suas proposições, ordenou a Rai-
nha ao Conde de Prado buscasse ao Marquez, e
que entendesse delle se trazia poderes mais amplos,
do que as materias, que havia proposto; e confes-
sando ao Conde, que não trazia mais poderes, do
que para aquella commissãõ, o despedio a Rainha
com admiravel resoluçaõ, e o Marquez voltou pa-
ra França.

Desfeitas as conferencias, e ajustado o Trata-
do da paz entre os Reys Christianissimo, e Catho-
lico, voltou este para Madrid, e o outro para Pa-
riz. O Conde de Soure seguiu a Corte, sem em-
bargo de que pela Capitulaçaõ da paz ficava Por-
tugal totalmente separado dos interesses de França:
gastou alguns mezes no ajuste dos Officiaes, que
haviaõ de passar a Portugal com o Conde de Schom-
berg, escolhendo Artilheiros, e Mineiros, que en-
tre todos faziaõ o numero de seiscentos, a pezar
de todas as diligencias do Conde de Fuent-Salda-
nha, Embaixador de Castella; porém a assistencia
do Marechal de Turenne dissipava todas aquellas di-
ligencias. Teve o Conde audiencia de despedida,
que o Ministro Castelhano pertendeo não fosse pu-
blica, mas tambem inutilmente; e não sómente a
confe-

conseguiu com todas as honras costumadas, mas foy recebido delRey com grande agrado, e estimaçãõ, e na mesma fórma do Cardeal: e para mayores demonstrações da singular estimaçãõ, que faziaõ da sua pessoa, ElRey lhe mandou huma joya de sobido preço, e o Cardeal (contra o costume) hum presente de grande valor, sendo ainda mayor o concito, em que tinha as suas virtudes. Pois chegando a Pariz o Cardeal de Rets, lhe perguntou o Cardeal Mazarino se tinha visto o Embaixador de Portugal, e dizendolhe, que não, lhe replicou, que o vísse, antes que partisse, para conhecer hum homem de tão grande merecimento, que era digno de ser conhecido de todos os que amaõ as virtudes. O Cardeal de Rets o tratou, e conheceo ser o Conde hum Varaõ cabal, e digno da mayor estimaçãõ.

Deixando o Conde de Soure a Corte, passou a Havre de Grace, onde se deteve algum tempo, esperando os tres navios, que havia fretado em Inglaterra o Conde de Schomberg para a sua passagem para Portugal, para donde fizeraõ viagem com os de mais Officiaes, Soldados, e Gentis-homens Francezes, que passavaõ a servir neste Reyno, e embarcando a 29 de Outubro do anno de 1660, chegaram a Lisboa a 11 de Novembro. A Rainha recebeu ao Conde de Soure inteiramente satisfeita da sua missãõ, e toda a Corte igualmente applaudia a prudencia, e sabedoria, com que elle se houvera em

Clede, *Hist. de Port.*
liv. 3 1. pag. 245 tom. 8.

em França. Ao Conde de Schomberg tratou com iguaes honras, e aos de mais Francezes, de forte, que todos ficaraõ satisfeitos do agrado, e modo da Rainha Regente.

Havia cumprido ElRey dezaseis annos, e resolveo a Rainha ordenarlhe Casa, o que se executou com toda aquella pompa, com que a Magestade deve ser servida: assignou para a sua habitação hum quarto do Paço, que novamente se havia fabricado à borda do Tejo. Nomeoulhe para Gentis-homens da Camera ao Marquez de Gouvea, ao Conde de Prado, a Garcia de Mello, Monteiro môr do Reyno, a Luiz de Mello, Porteiro môr, e a Dom João de Almeida: servia o Marquez de Gouvea de Mordomo môr, Garcia de Mello de Camereiro môr, o Conde de Prado de Estribeiro môr, e passando este a governar as armas da Provincia de Entre Douro, e Minho, lhe succedeo o Visconde de Villa-Nova da Cerveira, e a D. João de Almeida, que servia de Reposteiro môr pelo Conde de Castello-Melhor. Depois se augmentou este numero com as pessoas dos Condes de Aveiras, Val de Reys, e Obidos, D. Thomás de Noronha, e Francisco de Sousa Coutinho, por cuja morte succedeo o Conde de Pombeiro, ficando o Conde de Odemira com a preeminencia de Ayo, e assim furaõ nomeados outros Officiaes, e criados inferiores para assistencia da Casa delRey. Entrou este a servirse de algumas pessoas, que com diferentes moti-

Clelle, *Hist. de Portugal*, tom. 1.º pag. 725.

motivos se serviaõ do seu favor , e lhe inspiraraõ maximas pouco decorosas à Magestade ; entre os mais favorecidos era conhecidamente Antonio de Conti, que da humilde occupaçaõ , em que vivia, passou ao Paço a ser cortejado de todos os Grandes. Sentia a Rainha Regente as desordens, que cresceraõ depois da morte do Conde de Odemira seu Ayo, que havia sido a 15 de Março do anno de 1661 , e vendo , que quasi eraõ irremediaveis, desejava dar conclusaõ ao casamento da Infanta D. Catharina com ElRey de Inglaterra, materia sobre que ultimamente tinha voltado àquelle Reyno o Embaixador Francisco de Mello, já Conde da Ponte, como já deixámos largamente referido, quando tratámos da Infanta, e tambem o dar Casa ao Infante D. Pedro com a authoridade, que convinha a hum Principe immediato successor do Reyno, para que livre destes dous pontos, que a embaraçavaõ, entregar a ElRey o governo do Reyno , e passar a viver retirada em hum Convento, ainda que naõ obrigada à Religiaõ: e desta virtuosa resoluçaõ deu conta por hum discreto papel escripto da sua letra, que entregou à conferencia de alguns Ministros, do qual já fizemos mençaõ ; e sendo diversos os discursos, que sobre aquelle papel entaõ se fizeraõ, naõ pode ter effeito, por urgentes razoes, a deixaçaõ, que a Rainha pretendia fazer naquelle tempo.

Adiantaraõ-se as negociações de Inglaterra, e se

se effeituoou o Tratado do casamento delRey Carlos com a Infanta Dona Catharina, e no anno de 1662 embarcou a Infanta já Rainha da Grãa Bretanha no porto de Lisboa em huma Armada, que ElRey seu esposo mandara para a conduzir, e no mesmo anno deu Casa ao Infante D. Pedro, que começou a servir-se com os criados, que lhe nomearaõ, e entrou a 4 de Junho no quarto, que se lhe tinha preparado, e no mesmo ponto começou a Rainha a dispor a entrega do governo do Reyno a ElRey, mandando declarar pelo Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva aos Ministros, e Tribunaes, que no mez de Agosto, dia de S. Bernardo, determinava pôr o governo nas mãos delRey, o que havia dilatado pelos continuos embaraços militares, e politicos, em que o Reyno se achava, e pela pouca applicação, que ElRey mostrava ao governo da Monarchia, em que quizera, que elle entrasse bem instruido: e que não permittindo Deos pelos seus peccados, que lograsse o fim dos seus bons intentos, os deixava nas mãos de Deos para que amparasse esta Monarchia, e com outras prudentissimas razoes mostrava o zelo, e amor, que a interessavaõ na conservação do Reyno. Eraõ varios os discursos sobre a resolução da Rainha, e respondendo os Ministros, que ella mandara consultar, disseraõ, que todos os Estados do Reyno se achavaõ taõ cabalmente satisfeitos das sabias heroicas acções de Sua Magestade, assim na vigilancia

Tom. VII.

Zz

da

da guerra, como nos negocios politicos, como eraõ as allianças de Inglaterra, e as assistencias de França, a paz de Hollanda, e outros muitos, de que se seguiriaõ as mayores felicidades aos interesses da Monarchia, que com tanta gloria sua havia conservado, triumphando dos seus inimigos. E que agora seria expolla a algum funesto incidente; porque ainda que ElRey se achava com idade para se lhe entregar o governo, a pouca applicação o fazia incapaz, porque entregue aos seus divertimentos, seria deixar a Monarchia às disposições dos seus favorecidos, que dominandolhe a vontade, seriaõ muy perniciosas as consequencias, que se seguiriaõ ao Reyno; e que ao menos ficassem dissipadas aquellas nuvens, que eclipsavaõ a Magestade, e entaõ poderia a Rainha seguir a sua determinação. Naõ se venceo de todo a Rainha, sem que o Conselho de Estado, a Nobreza, e os Tribunaes, dessem meyo à presente oppressão.

Dissipadas as revoluções de Inglaterra, e restituido ao throno da Grãa Bretanha seu legitimo Senhor ElRey Carlos II. depois de varios negociados se celebrou o contrato do casamento da Infanta D. Catharina, ainda na regencia da Rainha sua mãy, como deixámos escripto no Capitulo III. deste Livro. Determinou-se tambem o modo de se apartarem da pessoa delRey aquellas, que eraõ prejudiciaes com a sua assistencia, e se resolveo, que no tempo, em que ElRey estava no despacho com
a Rai-

a Rainha, se prendessem, e se degradassem para fóra do Reyno. Este negocio se communicou ao Duque de Cadaval, aos Marquezes de Gouvea, e Marialva, aos Condes de Soure, e S. Lourenço, ao Bispo de Targa, a D. Rodrigo de Menezes, a Jorge de Mello, a Nicolao Monteiro, ao Padre Antonio Vieira, e ao Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva. Era Antonio de Conti a primeira pedra do escandalo: pelo que se determinou, que o prendessem dentro do Paço. A Rainha para facilitar aquella execução, entrou com ElRey para o despacho em hum Sabbado 20 de Junho de 1662, e o Duque de Cadaval com o Porteiro môr Luiz de Mello, e seu filho Manoel de Mello, levando comfigo a Duarte Vaz de Orta, Corregedor da Corte, para prender Antonio de Conti, e ao mesmo tempo estava ordenado, que prendessem a seu irmão Joaõ de Conti, e a outras pessoas da mesma facção, e categoria: e supposto, que Antonio de Conti se fechou por dentro na casa, que tinha junto da camera delRey, intentando poder avizallo, onão conseguiu, porque o Duque de Cadaval, vencendo alguns obstaculos, o obrigou a que se entregasse; porque do contrario se seguiria, que abrindolhe violentamente as portas, perderia sem duvida a vida, cujo ameaço o fez render com o receyo de perder a vida, na confiança da palavra, que o Duque lhe tinha dado de lha conservar: e sendo ao mesmo tempo prezos os outros, os em-

Tom.VII.

Zz ii bar-

barcaraõ com Antonio de Conti em hum navio, que hia para o Brasil, no qual já estava embarcado seu irmão, e assim que os recebeo deu à véla, e seguiu a sua viagem.

Tanto, que a Rainha teve noticia de que estava executado, o que se tinha ordenado, mandou entrar na casa do despacho, em que estava com ElRey, aos Grandes, Fidalgos, Tribunaes, Senado da Camera, e Casa dos Vinte e Quatro, e na presença de todos leo o Secretario de Estado hum papel, que continha o motivo, porque a Rainha se encarregara da regencia do Reyno, que fora por satisfazer aos preceitos delRey seu marido, e pelo amor, que tinha a ElRey seu filho, e nelle relatava tudo, o que tinha obrado até aquelle tempo: e que temendo, o que podia succeder em grande prejuizo da Monarchia, mandara chamar a todos os que estavaõ presentes, para que pedissem a ElRey, que lembrando-se de si, e do Reyno, se empregasse com cuidado, e disvello nos negocios publicos, gastando o tempo em occupações dignas da sua Real pessoa, para poder governar por si mesmo, não expondo a sua vida, como por tantas vezes havia feito, havendo introduzido no Paço, e junto à sua Real pessoa, algumas de inferior qualidade, e de taes costumes, conselhos, e artes, que por estabelecerem a sua fortuna, haviaõ semeado dissensões entre os Grandes, e feito outras perturbações prejudiciaes à Corte, que a todos eraõ notorias,

torias, as quaes tal vez se ElRey as foubra, as castigaria como mereciaõ. Acabada esta representaçãõ, beijaraõ todos a maõ a ElRey, e à Rainha, e se recolheraõ. ElRey naõ havendo percebido nada, perguntou ao Monteiro mór, se aquelle ajuntamento foraõ Cortes. Respondeolle, que as publicas queixas de todo o Reyno, assim de Antonio de Conti, como de outras pessoas semelhantes, que haviaõ posto em evidente perigo a vida de Sua Magestade, com diminuiçãõ da sua authoridade, obrigaraõ à Rainha a ordenar os separassem da companhia de Sua Magestade, o que se executara com o conselho dos Vassallos mais zelosos, de que lhe dera conta na presença dos Tribunaes naquelle papel, que lera o Secretario de Estado. ElRey entrando em colera, perguntou ao Monteiro mór, onde estava Antonio de Conti, que o queria ir buscar. Respondeolle com palavras de respeito, moderando-o muito, que havia embarcado para a Bahia em hum navio, que já se fizera à véla pela barra fóra, e ElRey ficou por entaõ moderado.

Naõ durou muito aquelle socego em ElRey, porque inspirado com novas idéas, que lhe haviaõ suggerido, se retirou para a Quinta de Alcantara com o Conde de Castello-Melhor, ordenando, que o seguissem o Conde de Atouguia, (descontente por se lhe haver tirado o governo das Armas de Alentejo) e Sebastiaõ Cesar de Menezes, que ElRey Dom Joaõ IV. deixara prezo por culpas de pouca

pouca fidelidade, e depois da sua morte sahira sobre o indulto de seis carcereiros. Logo se deu a conhecer esta resolução delRey, que era para tomar posse do governo do Reyno. Porém a Rainha, que nunca intentou encontrar esta determinação, ainda que sentia o modo dos authores daquella machina, a não quiz castigar, havendo quem lhe aconselhava, que antes de dimittir o governo o fizesse. Forão grandes as machinas, que logo daquelles tres Ministros se começaraõ a forjar; mas o generoso animo da Rainha revestida de huma singular prudencia, evitou toda a dissenção, que se podia seguir, mandando pelas dez horas da noite ao Bispo de Targa, Capellaõ mór, com huma Carta a ElRey, que dizia:

„Muito alto, e poderoso Principe, Eu a
„Rainha envio muito a saudar a Vossa Magesta-
„de, como aquelle, que sobre todos meus filhos
„muito amo, e prézo. Agora soube, que haviéis
„passado à Quinta de Alcantara, e que mandareis
„levar cama, chamar Fidalgos, e alguns Officiaes
„de vossa Casa, o que junto a me não dares noti-
„cia desta jornada, parecem indícios de intentares
„separarvos da minha companhia, e supposto, que
„eu não saltey até agora às obrigações de mãy,
„me chego a persuadir, que vos podereis arrojear a
„saltar à obediencia de filho, e neste sentido vos ro-
„go muito, que para fazer cessar o rumor desse
„povo, vos queiraes logo recolher ao Paço, certi-
„ficando-

ficando-vos, que nenhuma das pessoas, que vos
assistem, vos tem tanto amor como eu, nem de-
sejaõ mais, que eu a vossa conservaçaõ, e aug-
mento, sem me obrigar a este affecto nenhum rei-
peito particular, porque todos dedico ao mayor
interesse, e credito vosso; e se esta vossa acçaõ se
encaminha a querer entrar a governar estes Rey-
nos, sabe Deos, que o desejo muito mais, que
vós, e que só a este fim se encaminharaõ algumas
resoluções, de que vós sem causa justa tomarieis
sentimento. Comigo deveis tratar esta materia,
porque assim podereis conseguir o vossõ intento
sem estrondos, nem inquietações, e com a sua-
vidade, e obediencia, que deveis a Deos, e a
vossos pays. Vossos saõ estes Reynos, e eu os
governo em vossõ nome, e se foraõ meus, só pa-
ra vós os quizera. Vinde, como vos peço, e
aqui juntaremos o Reyno, como for possivel, e
elle, que me entregou este governo, vo lo entre-
gará, antes que qualquer desuniaõ, que entre nós
haja, o entregue a nossos inimigos, que se achaõ
com tres Exercitos poderosos, e com este, se ago-
ra se levantar, mais poderoso, que todos, a quem
sem duvida se seguirá a total ruina. Querey pe-
lo amor de Deos, pelo amor de vossos Vassallos,
e pelo que vos mereço, considerar esta materia
com madura reflexaõ, pois he taõ importante, e
tanto para encommendar a Deos, que guarde a
Vossa Magestade, muito alto, e poderoso Prin-
cipe,

„cipe, meu sobre todos amado, e prezado filho,
„e o encaminhe como muito muito desejo, e lhe
„peço. Escrita em Lisboa a vinte e hum de Ju-
„nho de mil e seiscentos sessenta e dous. Vossa
„boa mãy.

RAINHA.

A esta Carta respondeo ElRey com outra de sua
propria mãõ, de que vi a Original, e a mandou
pelo Conde dos Arcos à Rainha, e era a seguinte:

„Muito alta, e muito poderosa Princeza Rai-
„nha de Portugal, e dos Algarves, daquem, e além
„mar em Africa, Senhora de Guiné, da Conquis-
„ta, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e
„da India, minha sobre todas muito amada, e pre-
„zada mãy, e Senhora, Eu ElRey envio muito a
„laudar a Vossa Magestade.

„Tendo respeito ao estado, em que este Rey-
„no se acha pelos Exercitos do inimigo, e deter-
„minar acodir a elles, como obediente filho de
„Vossa Magestade, compadecido do continuo tra-
„balho, que Vossa Magestade depois da morte del-
„Rey meu Senhor pay governa estes Reynos a-
„via, cuja conservação se deve ao desvello, e pru-
„dencia de Vossa Magestade, me resolvi a aliviar
„a Vossa Magestade, pois segundo as Leys do
„Reyno excedo muito nos annos destinados à Tu-
„toria, esperando com o favor Divino, e approva-
„ção de Vossa Magestade, assistência, e conformi-
„dade

„dade com o Serenissimo Infante D. Pedro meu
„irmaõ, satisfazer a meus Vassallos, e triunfar dos
„inimigos da Coroa destes Reynos de Portugal.
„Muito alta, e muito poderosa Princeza Rainha
„de Portugal, e dos Algarves, daquem, e de além,
„mar em Africa, Senhora de Guiné, da Conquista,
„ta, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, da
„India, minha sobre todas muito amada, e preza-
„da mãy, e Senhora. Nosso Senhor aja a Vossa
„Magestade em sua guarda, escrita em Alcantara
„aos 21 de Junho de 1662.

„Beija a Real mãõ de Vossa Magestade

„Seu muito obediente filho.

REY.

A esta Carta se seguiraõ outras, em que a Rainha
com justificadas, e prudentissimas razoes lhe dizia
voltaße para o Paço, para da sua mãõ receber nos
Sellos do Reyno o governo. A este fim mandou
ao Infante D. Pedro a Alcantara para que o persua-
disse, e lhe dissesse, que voltaße ao Paço, e nelle
se lhe entregaria logo o governõ, ao que ElRey
deu taõ pouca attençaõ, que o Infante voltou pa-
ra a Corte-Real. Estando ElRey em Alcantara
creou seis Conselheiros de Estado, que foraõ o
Marquez de Cascaes, o Conde de Atouguia, o
Conde dos Arcos, o Visconde de Villa-Nova da
Tom.VII. Aaa Cer-

Cerveira, o Conde de Obidos, e Antonio de Mendoça. Com esta impensada novidade houve muitas conferencias sobre o modo, com que ElRey pretendia tomar posse do governo, sem a formalidade costumada, e depois de se vencerem as duvidas com o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, que acordou o modo, segurando, que a Rainha não tinha duvida alguma em dimittir o governo, e só procurava, que em huma acção tão séria se não confundisse a authoridade, e para livrar a ElRey de toda a duvida, lhe mandou ella huma Carta, que levou o Conde de Pombeiro, em que dizia: *Muito alto, e poderoso Principe, &c. à manhã às dez horas do dia terão recado os Tribunaes para em sua presença vos entregar os Sellos, e com elles o governo destes vossos Reynos na fôrma, que se costuma; e porque nesta materia não haverá duvida alguma, vos rogo muito vos queiraes recolher à vossa Casa. Muito alto, e poderoso Principe, &c.* Em virtude desta Carta voltou ElRey ao Paço acompanhado do Infante D. Pedro, e entrando na casa, em que a Rainha o esperava, revestida de Magestade, que com tão agradável severidade, e constancia mostrava quaes eraõ as heroicas virtudes, que tão perfeitamente sabia praticar, se sentou ElRey à mão direita, e o Infante à esquerda, e entraraõ tambem os Grandes, Tribunaes, Fidalgos, e algumas pessoas do povo. Depois do Reposteiro môr pôr diante delRey huma cadeira raza de veludo carmesim com almofada do

Ericeira, *Portug. Ref-taur.* liv. 7, pag. 490.

do mesmo, e o Secretario de Estado sobre ella hum
ma bolsa, em que estavaõ os Sellos Reaes, a Rai-
nha tomando-os na mesma bolsa, os entregou, di-
zendo estas formaes palavras: *Estes são os Sellos,*
com que os Reynos de Vossa Magestade me entrega-
raõ o governo em virtude do Testamento delRey meu
Senhor, que Deos tem: entrego-os a Vossa Mage-
stade, e o governo, que com elles recebi, prazu a
Deos, que debaixo do amparo de Vossa Magestade
tenham as felicidades, que eu desejo. ElRey os re-
cebeo sem dizer palavra, e beijandolhe a mão to-
dos os que se acharaõ presentes, se acabou esta ce-
remonia em o dia 23 de Junho do referido anno de
1662.

Seguiu-se logo ordenar-se, que os Gentis-ho-
mens da Camera delRey naõ tivessem exercicio,
deixandolhe sòmente as entradas livres nas horas des-
occupadas. Ordenou-se a Francisco de Sá de Me-
nezes, Marquez de Fontes, serviisse o seu officio de
Camereiro mór, e ao mesmo tempo nomeou El-
Rey a Henrique Henriques de Miranda Tenente
General da Artilharia do Reyno, e Provedor dos
Armazens, satisfazendo-se a propriedade deste offi-
cio a Luiz Cesar de Menezes, que o exercitava,
e havia sido de seus avós, com o lugar de Alferes
mór. Seguirãõ-se outras merces a varias pessoas de-
pendentes dos tres Ministros, sendo escolhido Hen-
rique Henriques para assistir a ElRey nos exercicios
domesticos.

Tom. VII.

Aaa ii

Destá

Deſta forte diſpuzeraõ o ſerviço delRey, e querendo ſe elles deſembaraçar de peſſoas, que pela ſua authoridade lhe poderiaõ ſervir de obſtaculo, com o pretexto de haverem aconselhado à Rainha no papel, que ſe deu a ElRey, e prizaõ de Antonio de Conti, (que foy depois reſtituido ao Paço, e ſeu irmaõ Joaõ de Conti, e outros homens, a quem a fortuna ſem algum merecimento havia levado à graça delRey) foraõ deſterrados para os lugares mais remotos do Reyno o Duque de Cada-val, o Conde de Soure, Manoel de Mello, o Montei-ro môr, o Conde de Pombeiro, o Secretario de Eſtado Pedro Vieira da Sylva, o Padre Antonio Vieira, e Luiz de Mello teve ordem para não entrar no Paço, havendo ſelhe primeiro feito merce do officio de Porteiro môr para ſeu filho Chriſto-vaõ de Mello, que entaõ governava Mazagaõ, e o de Capitaõ da Guarda para Manoel de Mello ſeu filho ſegundo, ſendolhe negociado eſte deſpacho pelo Conde de Atouguia. O Marquez de Gouvea Mordomo môr, vendo ſe deſtituido dos ami-gos, e deſfraudado nas preeminencias do ſeu officio, pedio licença para ſe retirar da Corte, que ſe lhe negou, e inſtando, ſe lhe concedeo com a clauſu-la de não poder voltar a ella ſem ordem delRey. Para o lugar de Secretario de Eſtado eſcolheo o Con-de de Caſtello-Melhor a Antonio de Souſa de Mac-edo, em quem concorriaõ partes dignas da occu-paçãõ; e porque ſe havia retirado o Prior de Cedo-

Feita

Feita para a sua Igreja, foy nomeado para Confessor delRey, e eleito Bispo de Angra Fr. Pedro de Souza, Religioso de S. Bento, tio do Conde de Castello-Melhor.

Estava o governo entregue à pessoa do Conde de Castello-Melhor, Ministro cheyo de zelo, vigilancia, e com admiravel capacidade, a qual mostrou em tantas occasioens, que o constituirão Atlante da Monarchia, porque nelle descansavaõ os negocios politicos, e militares do Reyno: para o que ElRey o mandou passar com a sua familia para hum quarto do Paço, que havia occupado o Principe D. Theodosio, sem mudança alguma nas portas das serventias interiores, mandandolhe passar Carta de Escrivaõ da Puridade feita a 12 de Julho do anno de 1662, e com poder absoluto de governar o Reyno, e grandes preeminencias, e que em todos os Tribunaes levaria as propinas dos Presidentes, como se vê no Regimento, que lhe foy dado a 12 de Março do anno de 1663. Prova num. 46. Prova num. 47.

Celebrada a paz entre ElRey Filippe IV. e ElRey Luiz XIV. vendo-se os Castelhanos desembaraçados de tão poderoso inimigo, começaraõ a seguir com todo o calor a guerra contra Portugal, e emprenderaõ pôr nella todo o cuidado, e esforço, e com esta resolução entrou pela Provincia de Alentejo D. Joaõ de Austria, filho naõ legitimo delRey D. Filippe IV. com hum Exercito tão poderoso, como pedia o empenho de pessoa tão grande,

de, que o mandava com o posto de Capitão General, e tinha já ganhado Arronches em 1662, e Juremenha depois de huma vigorosa defenſa, e honroſa capitulação, que fez Manoel Lobato Pinto, que a governava, e pondo ſitio no anno de 1663 à Cidade de Evora, cabeça daquella Provincia, a rendeo; porém não conſervaraõ muito tempo aquella Cidade, porque depois de huma glorioſa vitoria a recuperou o Conde de Villa-Flor, que governava as Armas, auxiliado do valor, e ſciencia do Conde de Schomberg, Meſtre de Campo General dos Exercitos Portuguezes, que havia paſſado a eſte Reyno com o Conde de Soure, e as Tropas Francezas, que vieraõ a ſoldo delRey de Portugal, como já deixámos referido, o qual depois o creou Conde de Mertola, e lhe fez outras merces, de que os ſeus relevantes ſerviços o tinhaõ feito acredor. Feita depois a paz com Caſtella, paſſou a França, e foy Marechal daquella Coroa, a quem ſervio, até que por não abraçar a Religião Catholica Romana, quando Luiz o Grande de França revogou o Ediçto de Nantes no anno de 1685, mandando deſpejar os Hugonotes de ſeus Reynos, voltou a Portugal, de donde paſſou ao ſerviço do Eleitor de Brandebourg, e delle ao ſerviço delRey Guilherme III. da Grãa Bretanha, e acobrou heroicamente, ſendo morto no anno de 1690 na batalha de Boyne.

Buscou o noſſo Exercito o de Dom João de Auſtria,

Austria, e atacada, e desfeita huma parte delle, se puzeraõ os de mais em desordenada fogida. Dem Joaõ de Austria fez tudo o que manda a arte pelos ordenar, e meter outra vez no conflicto, mas inutilmente; porque abandonando a artilharia, e bagagem, venceraõ os nossos huma completa batalha, porque foy grande a mortandade, e mayor o numero dos prisioneiros. Ficaraõ dos inimigos na Campanha mais de quatro mil mortos de todas as Nações, de que se compunha o seu Exercito, e os prisioneiros passaraõ de seis mil, em que entraraõ dous mil e quinhentos feridos. Dos prisioneiros foraõ os Officiaes de mayor supposiçaõ, cinco Mestres de Campo Castelhanos, dous Coroneis Alemaens, quatro Commissarios Geraes de Cavallaria, hum Tenente de Mestre de Campo General, onze Capitaens de Cavallos, sessenta e cinco de Infantaria, vinte e dous Reformados, trinta Alferes, grande numero de Officiaes menores, e de pessoas de qualidade o Marquez de Liche, o Mestre de Campo D. Anelo de Gusmaõ filho do Duque de Medina de las Torres, o Conde de Escalante D. Joaõ Henriquez, e das Tropas Estrangeiras o Conde de Fiesco, o Conde de But, o Conde de Locesquin, e outras pessoas de qualidade. Tomou-se o trem da artilharia, que constava de dezoito peßas, hum morteiro, grande quantidade de armas, mil e quatrocentos cavallos, mais de dous mil carros carregados de feto precioso, em que entrava quantidade de

de prata, ouro, e joyas, dezoito carroças, tres del-
las de D. João de Austria, a sua Secretaria com to-
dos os seus papeis, que continhaõ segredos impor-
tantissimos, os livros das contas das Védorias do
Exercito, e artilharia, doze bandeiras de Infanta-
ria, muitos estandartes da Cavallaria: entre tantos
despojos foy o de mayor estimação o estandarte de
D. João de Austria com as Armas Reaes de Castel-
la de huma parte perfeitamente bordadas, e da ou-
tra huma empresa, que continha o Sol em campo
Celeste, dando resplendor à Lua entre Estrellas,
com esta letra: *Si nõ es Sol, será Deidad.*

Esta vitoria taõ gloriosa conseguida no dia 8
de Junho de 1663 custou entre outros Cabos de dis-
tinação a vida de Manoel Freire de Andrade, Ge-
neral da Cavallaria da Beira, que nella morreo: e
se naõ logrou com os vencedores os applausos dos
triunfos daquelle dia, em que o seu valor teve taõ
grande parte, que fez precisa a batalha, atacando
primeito com grande vigor aos inimigos; naõ dei-
xará de lograr eternamente gloriosa memoria, que
elle soube adquirir em repetidas occasioens pelo va-
lor do seu braço. Esta alegre nova mandou logo o
Conde de Villa-Flor a ElRey por Jeronymo de
Mendoça, que às onze horas da noite entrou no
Paço, de donde ElRey logo baixou à Capella a
dar graças a Deos por huma taõ insigne vitoria,
que as suas Armas alcançaraõ, e com piedosa atten-
ção mandou fazer suffragios, e celebrar muitas Mi-
sas

fas pelos Officiaes, e Soldados, que morrerão na batalha. Depois desta vitoria determinarão os Generaes recuperar a Cidade de Evora, para onde marchou todo o nosso Exercito, em que tambem se achou mandando outro Exercito, que sahio de Lisboa, o Marquez de Marialva, e reconhecendo a guarnição da Cidade, que não podia esperar socorro, se rendeo (capitulando dentro no prazo, que lhe foy dado) a 24 de Junho do referido anno, e o Conde de Villa-Flor, depois de rendida a Cidade, passou a Lisboa. Esta foy a celebre batalha chamada do *Amexial*, e do *Canal*, pelo sítio, em que se deu junto a Estremoz, e libertou a Provincia de Alentejo, de que huma grande parte tinha D. Joao de Austria posto em contribuição; e pela perda de Evora houve em Lisboa hum motim, em que o povo saqueou injustamente as casas de alguns Fidalgos illustres, e outras, sendo huma dellas a do Marquez de Marialva, que constante desprezou esta ingratitude, e concorreo para a liberdade da Patria, tendo sido hum dos motivos principaes desta vitoria o estrago, que os Castelhanos padecerão na passagem do rio Vegeve, em que D. Luiz de Meneses, General da Artilharia, a fez plantar com rara actividade nos lugares mais imminentes da Serra visinha, e Diniz de Mello de Castro com a Cavallaria obrou como sempre; sendo estes dous Generaes a causa principal de dar-se, e vencer-se a batalha, em que se distinguio o Conde de Schomberg, e ou-

Tom.VII.

Bbb

tros

tros Generaes , e Officiaes , que se não individuaõ pelas muitas Relações impressas , que entaõ se imprimiraõ desta Campanha.

Entrou o anno de 1664, e foy entregue o governo das Armas da Provincia de Alentejo ao Marquez de Marialva com Patente de Capitaõ General, e por alguns motivos, que tinhaõ queixoso ao Conde de Schomberg, o accommodaraõ com o titulo de Governador das Armas Portuguezas, e Estrangeiras. Sahio à Campanha o Marquez com hum Exercito luzido, e formado diante de Badajoz, aonde Dom Joaõ de Austria assistia, resolveo com os Cabos do Exercito sitiar Valença de Alcantara, que rendeo em huma terça feira, dia de S. Joaõ Bautista, em que se contava hum anno, que os mesmos Soldados entraraõ vitoriosos em Evora, e agora o faziaõ naquella Praça, que se rendeo com as condições, se dentro em quatro dias não fosse soccorrida com derrota do nosso Exercito, às sete horas da manhã se entregariaõ as portas, e Castello da Praça, onde só aceitariaõ a guarniçaõ Portugueza, concedendo ao Governador fahir com huma peça de artilharia do calibre, que escolhesse, e que os Religiosos, e Religiosas ficaria a seu arbitrio, fahirem, ou ficarem nos seus Conventos, e que aos Soldados, e Paizanos se fariaõ as commodidades costumadas. Seguio-se logo, que os moradores do Lugar de S. Vicente, os de Santiago, Caruajo, e outros, dessem obediencia ao Marquez, que

que em nome delRey de Portugal os reconheceo por seus Vassallos, de que fizeraõ hum termo publico.

Em todo o Reyno era igual a fortuna delRey Dom Affonso, porque havendo o Duque de Ossuna sitiado Castello-Rodrigo na Provincia da Beira a 7 do mez de Julho do mesmo anno, Pedro Jaques de Magalhaens, Governador das Armas daquella Provincia, o obrigou a levantar o sitio, derrotandolhe o Exercito em huma batalha, em que lhe ganhou a artilharia, e bagagem do Exercito do Duque de Ossuna. Hum Author Estrangeiro padeceo equivocacão neste, e em outros grandes successos das nossas armas; porque esta batalha de Pedro Jaques a attribue ao Conde de Villa-Flor, como tambem a de Montes Claros, que foy ganha da pelo Marquez de Marialva, como logo se verá. Na Provincia de Alentejo intentou Alexandre Farnesio, Principe de Parma, General da Cavallaria Estrangeira, que servia à Coroa de Castella, ganhar por entrepreza a Valença; porém sendo sentido da Praça, foraõ tantas as balas, que se retirou com muito grande perda. Este foy o principio do anno de 1665, em que as nossas armas chegarão ao ponto da mayor gloria dos Portuguezes. Eraõ grandes as prevenções de Castella, e estas noticias obrigaraõ ao Conde de Castello-Melhor, primeiro Ministro, e Valido delRey D. Affonso, de quem dependiaõ os negocios mayores da Monarchia, pro-

Tom.VII.

Bbb ii

curar

Mançin. Abrege de l'Histoire de Portugal. Cap.LXXIIII.pag.410, e 411, Imp. em 1699.

curar com incessante cuidado desarmar as idéas dos Castelhanos, e com fortuna, e diligencia, o conseqüo com felicidade. Nomeou ElRey de Castella D. Filippe IV. ao Marquez de Carracena por General do Exercito da Estremadura, pelo que se retirou D. João de Austria para Consuegra pouco satisfeito: e havendo o Marquez de emendar os erros da Campanha passada, entrou com hum grande Exercito pela Provincia de Alentejo com tanta soberba, como quem se hia no poder das suas armas. Poz sitio ao Castello de Villa-Viçosa, que o defendeo valerosamente Christovão de Brito Pereira: e sabendo, que o Marquez de Marialva sahia de Estremoz com Exercito a foccorrella, deixando guarnecidas as linhas, intentou desbaratallo na marcha, e encontrando-se no campo de Montes Claros, se deu huma das mais disputadas batalhas, que até àquelles tempos se vio, o que acreditaraõ o valor, e sciencia dos nossos Generaes diante de tantas Nações da Europa, que se acharaõ militando de huma, e outra parte, e foy esta a ultima batalha das seis, que os Portuguezes ganharaõ aos Castelhanos depois da feliz acclamação do Senhor Rey D. João IV. e a vigesima depois da fundação do Reyno, conseguida no dia 14 de Junho do referido anno.

Foy grande a perda do Exercito de Castella, porque na Campanha ficaraõ mais de quatro mil mortos, e de seis mil prisioneiros. Tomaraõ-se tres mil

mil e quinhentos cavallos, que se dividirão pelas Companhias, e pelo Reyno. As pessoas de mayor distincão, que ficaraõ prisioneiras, foraõ: o General da Cavallaria D. Diogo Correa, D. Gaspar de Haro, filho do Conde de Castilho, genro do Marquez de Carracena, e Capitaõ das suas Guardas, que morreo em Estremoz das feridas, que recebeu na batalha, padecendo a mesma desgraça os Generaes de batalha Dom Manoel Carrafa, e Nicolao de Langres, que tambem ficaraõ prisioneiros, D. Francisco de Alarcão, filho de D. João Soares de Alarcão, os Tenentes Generaes da Cavallaria Dom Belchior Portocarrero, e D. Joseph de Reategui, os Commissarios Geraes da Cavallaria D. Joseph Roguera, e D. Garcia Sarmiento, o Principe de Chalé, Coronel de hum Regimento de Cavallaria Franceza, D. Francisco Flanquet, Coronel de Infantaria, o Tenente Coronel Fiderico Henrique de Ganceut, os Sargentos môres Claudio Cubim e Tiburt, D. Antonio Gindaste, Mestre de Campo Reformado, D. Gonçalo da Guerra, Governador das Guardas do Marquez de Carracena, o Conde de S. Martim, o Baraõ de Estubeque, quatro Capitães de Cavallos, trinta de Infantaria vivos, vinte e sete Reformados, dezanove Tenentes, e seis Ajudantes de Cavallaria, cinco de Infantaria, sessenta e dous Alferes vivos, dezafete Reformados, quatorze Forrieis, sessenta e dous Sargentos, os Administradores Geraes do Exercito, e do Hospital, quatorze pessoas
de

de artilharia , dous morteiros , com grande quantidade de ballas , todas as armas da Infantaria , porque toda , a que se achou na batalha , ficou em Portugal , oitenta e seis bandeiras de Infantaria , dezoito estandartes da Cavallaria , os timballes do Marquez de Carracena , e do Principe de Parma , todos os fornos , e instrumentos de expugnação , que trazia o Exercito.

Com a noticia da vitoria mandou o Marquez de Marialva à Corte a Simão de Vasconcellos , que chegou no outro dia , e foy grande a alegria , e geral o contentamento do povo. ElRey acompanhado do Infante , e da Corte , baixou à Capella a render as graças ao Deos das vitorias por huma tão manifesta felicidade : houve Sermaõ , que disse com a sua costumada discrição Fr. Domingos de Santo Thomás , hum dos insignes Oradores , e Letrados daquelle tempo. Depois houve Procissão , em que ElRey sahio da Capella acompanhando ao Santissimo Sacramento , que levava o Bispo de Targa , que servia de Capellaõ môr , eleito Bispo de Lamego , e foraõ à Sé , de donde voltou ao Paço acompanhado da Nobreza , e seguido de innumeravel povo , que em alegres expressoens congratulavaõ a ElRey da felicidade da vitoria , com que as suas Armas de novo triunfaraõ de seus inimigos. No mesmo dia despachou o Conde de Castello-Melhor pela posta hum Correyo com Carta delRey para o Marquez de Marialva , em que ElRey lhe engrandecia o valor ,
e dif-

e disposição, com que havia ordenado a batalha, e outras na mesma forma para os Generaes, e Cabos mayores, com ordem, que deixava no seu arbitrio os progressos da Campanha, e a utilidade das suas Armas.

Não foy menos glorioso nas mais Provincias o anno de 1666 às nossas Armas; porque na Provincia do Minho, de que era Governador das Armas D. Francisco de Sousa, III. Conde de Prado, depois I. Marquez das Minas, entrou por Galliza quasi sem opposição, e sitiou a Villa da Guarda, que deixando rendida, a guarnecio depois de hum vigorosa defenſa, tendo ganhado outras Praças. Intentou recuperar esta Praça o Condestavel de Castella, que governava as Armas no Reyno de Galliza; porém o Conde de Prado se lhe oppoz com vigilancia, e fortuna. Na Provincia de Traz os Montes conseguiu o Conde de S. João Luiz Alvares de Tavora, depois Marquez de Tavora, os frutos merecidos do seu valor. Na Beira Pedro Jaques de Magalhaens com dura guerra opprimia aos inimigos, saqueandolhe os Lugares, e destruindolhe muitos, tomou Redondo, e Umbrales, em que estava D. João Sallamanques, General da Artilharia, que capitulando livre a sua pessoa, e de alguns Officiaes, e cento e sessenta Cavallos, tudo o mais entregou à merce. Em todas as Provincias os Generaes, Cabos, e Officiaes procedião de forte, que a sua memoria será sempre gloriosa nas nossas

histo-

historias. Desta torrente de prosperidades, com que os nossos triunfaraõ em memoraveis recontros, e finaladas acções, mereceo ElRey D. Affonso o titulo de *Vitorioso*, sem que lhe pudesse diminuir tanta gloria a perda, que na India recebeo aquelle Estado dos Hollandezes. E sem duvida, que se o governo politico da Corte correspondera às felicidades da Campanha, seria incomparavel a grandeza desse Principe. Porém nos primeiros annos da sua idade hum accidente de ar, que se seguiu a huma febre maligna, que lhe tomou ametade do corpo, o deixou leso, e menos livres, e quasi confusas as deliberações do entendimento, de que se seguiraõ varias desordens, que a Rainha Regente intentou evitar: porém ElRey, que era colerico sem causa, e demasiadamente com ella, se sentio de maneira, que saltou àquella attenção devida à Rainha sua mãy chea de virtudes, que lhe tinha conservado a Coroa combatida de taõ poderosos inimigos, pelo que dimittio a Rainha de si o governo, como fica escrito. Desembaraçado do respeito da Rainha Mãy, correrãõ sem limite as desordens de alguns daquelles, que com o favor delRey, e com a sua protecção se atreviaõ a commetter crimes gravissimos, sem que a prudencia do Valido pudesse modificar hum genio absoluto, e sem reflexão, como era o delRey, em quem as operações do entendimento mostraraõ a lesão, que padecia nos negocios mais arduos, e ainda de mayor empenho, como
depois

depois se vio quando a Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya se retirou para a Esperança, em que entrando primeiro em colera, com leve motivo se esqueceo daquelle successo, entregando-se aos divertimentos, em que inutilmente gastava o tempo.

Era o negocio de mayor importancia o casamento delRey: e sendo diversas as Princezas, que entao se apontaraõ para esposas, foy escolhida a Princeza Maria Francisca Isabel de Saboya, a quem chamavaõ *Madamoiselle de Aumale*, em quem concorriaõ sobre fermosura singulares virtudes, que a faziaõ merecedora da Coroa. Ajustados os Tratados do Matrimonio entre Francisco de Mello, Conde da Ponte, Marquez de Sande, Embaixador delRey, como seu Procurador, e o Duque de Estrees Par, e primeiro Marechal de França, e Cesar de Estrees, Bispo Duque de Laon, Par de França, como Procuradores da Princeza, e o Duque de Vandôme, e Madama de Vandôme, tio, avô, e Tutores da Serenissima Princeza; dotou-se a Princeza com seiscentos mil escudos da moeda de França, que faziaõ a quantia de hum milhaõ, e oitocentas mil libras Tornezas, a saber: quatrocentos mil escudos, que seriaõ levados em dinheiro a Lisboa, cem mil libras, que já tinhaõ sido entregues em a dita Cidade por Monsieur Gravier à ordem do Conde de Castello-Melhor; e dos cem, que faltavaõ para a dita somma, se poriaõ noventa mil libras em as

Prova num. 48.

Tom.VII. Ccc mãos

mãos da Princeza para os gastos da viagem , e para outras coufas , que lhe fossem convenientes ao tempo da partida , e que assim seria o dote sem diminuição da dita somma. ElRey se obrigou a dar-lhe o mesmo , que tiverão as mais Rainhas deste Reyno ; e que em quanto não succedesse no Dominio da Cidade de Faro , e nas Villas de Alenquer , Cintra , e outras Villas , Castellos , Governos , Jurisdicções , Abbadias , e outros Beneficios annexos aos Estados das Rainhas , que gozava a Rainha sua mãy , lhe daria certas rendas para os seus gastos , e outras condições , que se podem ver neste Tratado , assinado em Pariz a 24 de Fevereiro de 1666 pelo Marquez de Sande , o Duque de Estrees , e Cesar de Estrees , Bispo , e Duque de Laon , Par de França. Em virtude do que se tinha ajustado , dispoz o Marquez de Sande com grande diligencia a sua volta para o Reyno.

Partio a Princeza para Arrochella acompanhada de sua avó a Duqueza de Vandôme , viuva de poucos mezes , e de seu filho o Duque de Vandôme. Esperava-a fóra de Pariz o Marquez de Sande com luzido acompanhamento , e o Duque de Estrees , Marechal de França , e seus filhos o Marquez de Coewres , e o Bispo Duque de Laon , Par de França , e Monsieur de la Nauve , Conselheiro del-Rey no Parlamento de Pariz , Curador da Rainha , e Superintendente da sua Casa , e outras muitas pessoas principaes. Chegou em vinte e dous dias a Arrochella,

rochella, (distante cento e vinte legoas de Pariz) aonde a esperava fóra da Cidade o seu Governador o Duque de Novaylhes, Par de França, com toda a Cavallaria, e Infantaria da sua guarnição, e com todas as ceremonias militares, e politicas, que se costumavaõ fazer nas entradas dos Reys de França, o que se havia praticado com a mesma solemnidade em todas as Villas, e Cidades por ordem delRey Christianissimo. Estava prevenido hum sumptuoso Palacio para assistencia da Rainha, e depois de haver descansado da jornada, deu audiencia publica ao Marquez de Sande em hum Domingo de tarde, que se contavaõ 27 de Junho: Chegou o Embaixador à presença da Rainha, que estava com a Duqueza de Vandôme, assistida das principaes Senhoras de Arrochella, e lhe entregou a Carta de Crença, que levava delRey. E baixando à Capella, onde estava o Duque de Laon, o Bispo de Xaintes, o Bispo de Lucon, o Vigario Geral da Cidade, o Parocho da Freguesia, o Duque de Vandôme, o Duque de Novaylhes, e outras muitas pessoas, e Damas, que concorreraõ das Cidades visinhas, se leu a Procuração delRey, que o Marquez de Sande apresentou, e o Duque de Vandôme a da Rainha, e em virtude dellas o Bispo Duque de Laon celebrou o casamento na fórma, que ordena a Igreja Romana.

Tanto, que se acabou esta funcão, foraõ todos, os que nella se acharaõ, aonde a Rainha os
Tom.VII. Ccc ii espe-

esperava , que era em huma grande sala , sentada debaixo de hum docel de brocado sobre hum throno de quatro degraos , e no segundo estava sentado o Duque de Vandôme em hum tamborete , lugar , que lhe competia diante da Rainha de França. O Marquez Embaixador , depois das costumadas ceremonias , chegou aos pés da Rainha , a quem cumprimentou com hum largo , e bem composto discurso , e lhe entregou huma Carta delRey , mandada para aquella occasião , e beijandolhe a mão , e toda a sua comitiva , o fizeraõ muitos Gentis-homens Francezes. E tomando o Marquez de Sãde o lugar , que lhe tocava , entrou o Duque de Novaylhes revestido do caracter de Embaixador delRey Christianissimo a dar o parabem à Rainha. Seguiu-se hum Gentil-homem delRey de Inglaterra com huma Carta de seu amo , e depois o Enviado de Saboya , e ultimamente o Magistrado da Cidade da Arrochella ; e acabado este acto , se recolheu a Rainha , declarando , que havia de embarcar na quarta feira seguinte , que se contavaõ 30 de Junho. No dia determinado sahio do Paço em huma cadeira de tãla verde debaixo de hum Pallio , do qual levavaõ as varas os Magistrados da Cidade , e em outra cadeira se seguia a Duqueza de Vandôme , servindolhe de guarda toda a Infantaria , e Cavallaria da Cidade , e rodeando a cadeira da Rainha toda a Corte a pé , e chegando ao barcantim , se despedio da Duqueza sua avó. O Duque

que de Novaylhes acompanhou a Rainha até a bordo da Capitania, e toda a Armada solemnizou a sua chegada com repetidas salvas, entrando em huma excellente camera ricamente adereçada. Para que a viagem fosse sem susto a respeito da guerra de França com Inglaterra, lhe deu ElRey da Grãa Bretanha hum salvo conducto. Por causa do tempo não partiraõ, senão a 4 de Julho, e depois de alguns contratempos, de que se não livraõ as Magestades pela inconstancia do tempo, chegou ao porto da Cidade de Lisboa em a manhã do dia 2 de Agosto de 1666, conduzida em huma Armada de França composta de dez navios de guerra, de que a Capitania jogava oitenta peças de bronze com setecentos homens de guarnição, da qual era General o Marquez de Ruvigni, pessoa de quem ElRey de França fazia merecida estimação, e os Capitães dos navios eraõ pessoas de grande qualidade. Deu fundo defronte da praya da Junqueira. Forão muy repetidas as salvas dos navios, e Torres, e em quanto ElRey se prevenia para ir buscar a Rainha, foraõ logo a bordo da Capitania o Conde de Castello-Melhor, e a Marqueza sua mãy, que já ElRey tinha nomeado Camereira mór, e o Conde de Santa Cruz D. João Mascarenhas para seu Mordomo mór, Manoel de Soufa da Sylva, que servia de Aposentador mór, e D. João de Soufa, que depois foy Graõ Prior do Crato, Veadores de sua Casa. Na tarde pelas seis horas sahio ElRey do

Ericcira, *Portug. Refe-*
taurido, tom. 2, liv. 12,
 pag. 833.

do Paço custosamente vestido, acompanhado do Infante D. Pedro, e embarcarão em hum bargantim entalhado, e dourado, soberbamente adereçado com cortinas, e almofadas de brocado carmesim franjadas de ouro, e prata, com trinta remeiros vestidos de damasco carmesim guarnecido de galloens de ouro, e prata. Entrarão no bargantim o Infante, os Conselheiros de Estado, e entre elles o Marquez de Niza D. Vasco da Gama, Vedor da Fazenda da repartição dos Armazens, e India, que exercitou no mar, precedendo a todos nas preeminencias desta occupação naquelle lugar: seguia-se o bargantim do Infante, e outros, que fazião agradável, e vistoso o acompanhamento. Assim, que chegou o bargantim delRey à Capitania, em que a Rainha vinha embarcada, que estava com os de mais navios da Armada Franceza, empavezados, e ornados de flumulas, e galhardetes de diferentes cores, abateo a Capitania a bandeira, disparou toda a artilharia, e o mesmo fizeram os de mais navios da sua conserva. Desceo o Marquez de Sandede, Conductor da Rainha, a beijar a mão a ElRey, e ao Infante, seguio-se o Bispo de Laon (depois Cardeal de Eslrees) com grandes expressoens da grande honra, que a sua Casa recebia naquelle dia. Sobio ElRey, e o Infante por huma escada, e no primeiro degrao della estava o Marquez de Ruvigni, General da Armada, a quem ElRey agradeceo o cuidado, e disvello da viagem. A Com-

Companhia do Conde de Mare, que com licença delRey havia passado a casarse em França, e voltando nesta occasião, trazia cem Soldados de Cavallo, que se haviaõ de montar neste Reyno, com fardas de pano verde guarnecidas de prata, dos quaes cincoenta estavaõ com cravinas, e cincoenta com partazanas, postos em ala do portaló até à porta da camera, em que estava a Rainha, onde ElRey, e o Infante entraraõ, e depois de passados os primeiros cumprimentos, com todas as demonstrações de agrado, que o Marquez de Sande explicava, chegou o Infante a beijarlhe a mão, e não consentio, que se puzesse de joelhos: seguirãõ-se todas as pessoas Grandes, que o acompanharãõ, e o Morgomo mór, e Camereira mór lhos hiaõ dando a conhecer. Detiverãõ-se as Magestades na camera hum breve espaço, e ElRey sahio logo com a Rainha ao bargantim, em que entrou ElRey, e a Rainha, o Infante, a Marqueza Camereira mór, e Madama de Puy, que veyo de França com a occupação de Subgovernante, o Marquez de Fontes, Camereiro mór, o Conde de Castello-Melhor, Reposteiro mór, Simão de Vasconcellos e Sousa, Gentil-homem da Camera, e Governador da Casa do Infante, que estava de semana, o Porteiro mór, e o Marquez de Sande. Tanto, que o bargantim se apartou da Capitania, tornou a disparar a artilharia, e o mesmo fizeraõ os navios da Armada Franceza, as Torres, e os mais navios, que estavaõ

vão furtos neste porto, com repetidas salvas de artilharia. Chegou o bargantim a ponte, que magnifica, e custosamente estava levantada na praya da Junqueira, digna de hum tal recebimento, e nella esperava toda a Nobreza, e Grandes da Corte com ricas, e luzidissimas gallas. Desembarcarão os Reys, e entraraõ em hum magnifico coche com o Infante, e em outro a Marqueza Camereira môr, e acompanhados de toda a Corte, se apearaõ na Igreja das Religiosas Flamengas da primeira Regra de Santa Clara, Convento que fica junto da Quinta delRey, que estava preparada para a sua assistencia nos dias, que fossem precisos para fazerem a sua entrada em Lisboa. Na porta da Igreja, por ser já noite, estavaõ os Moços da Camera esperando com tochas accensas, e tanto que chegou o coche, em que vinhaõ as Magestades, sahiraõ da Igreja as Damas, Meninas, e Guarda Mayor D. Violante Henriques, e as Dónas de Honor, que estavaõ nomeadas para servir a Rainha, e no adro da mesma Igreja beijaraõ a mão aos Reys. Da parte de dentro estava o Bispo de Targa, eleito de Lamego, Capellaõ môr, revestido de Pontifical debaixo de Pallio com a Reliquia do Santo Lenho, que Suas Magestades beijaraõ, tendolhe prevenido almofadas para ajoelharem; e entoado o *Te Deum laudamus*, que seguiraõ os Musicos da Capella, foraõ até à Capella môr, onde estava preparado o fical, e o Bispo lançou as benções aos desposados: e feita
esta

esta cerimonia com toda a solemnidade, tornaraõ as Magestades a entrar no coche, e se apearaõ na Quinta de Alcantara, que estava magnificamente adereçada. O Infante acompanhou aos Reys até à porta da segunda antecamera, e se recolheu à Quinta de Luiz Cesar de Menezes, que tinha prevenida. A Rainha ceou em publico, assistida das Damas, Camereira môr, e Officiaes da Casa, e El-Rey no seu aposento, onde entertido com os seus continuos assistentes, se divertio tanto da oppressão, que tivera no tempo daquella função, que chegadas as horas, em que havia de voltar para o quarto da Rainha, não houve diligencia, nem persuasão, que o obrigasse, tomando varios pretextos de indisposições, que deraõ logo, que sentir à Rainha, ainda que El-Rey com galanteos, e musicas as pertendia encobrir; porém estas apparentes finezas se encontravaõ com notoria incongruencia, de sorte, que crescia na Rainha o justo pezar da infelicidade, em que se via, sem que a elevação da Coroa pudesse diminuir a adversidade da fortuna, de que taõ depressa começava a ver os effeitos da inconstancia. No dia seguinte foy o Conde da Torre buscar ao Bispo Duque de Laon em hum coche de Sua Magestade, e o aposentou nas casas de D. Antonio de Alcaçova: ao General Marquez de Rovuigni foy conduzir Dom Lucas de Portugal, Mestre Salla, e ordenou Sua Magestade, que todos os Titulos, e Conselheiros de Estado tratastem

Tom.VII.

Ddd

de

de Excellencia ao Bispo, e que elle a restituiria sendo igual, e reciproco o tratamento.

Em hum Domingo 29 de Agoſto entraraõ os Reys em Lisboa, e sahindo da Quinta de Alcantara ao meyo dia, se deu principio ao acompanhamento pelos dous Procuradores do Senado com todos os mais Ministros da sua jurisdicção, montados em cavallos bem adereçados, com as librès dos Lacayos vistosas, e todos luzidamente vestidos. Seguiaõ-se os Porteiros delRey com as maças aos hombros, os Reys de Armas, Arautos, e Passavantes, com as suas Cortas de Armas, e cadeas de ouro, e a estes os Corregedores do Crime da Corte com as garnachas forradas de téla branca, os Juizes do Crime, e mais Justicas, todos luzidamente vestidos. Continuavaõ-se os coches, e liteiras douradas, e guarnecidas com todo o primor, e capricho, e o mesmo se admirava nas librès, seguindo-se sem precedencia os da Nobreza até chegar ao do Estribeiro môr delRey, que seguiaõ os de respeito do Infante, da Rainha, e delRey, e no ultimo hiaõ as Magestades. Hia ElRey sentado à mão direita da Rainha, e o Infante na cadeira de diante, e no estribo da parte esquerda a Camereira môr. Naõ levava o coche tejadilho, e reparava o Sol hum chapeo de damasco carmesim guarnecido de ouro, que levava Rodrigo de Almeida, Moço da Camera, e assim era vista a Rainha de todas as janellas com applauso da sua fermosura. Seguiaõ o coche

os Capitaens da Guarda , Tenentes , e Soldados , e Moços da Estribeira. Era a librè da guarda Real verde , guarnecida de galoens verdes , e prata. Estavaõ as ruas armadas com admiraveis tapeçarias , e com bellos , e ricos arcos levantados pelas nações Franceza , Alemãa , Ingleza , Italiana , Flamença , e os Misteres dos officios da Cidade. Estava o primeiro às portas de Santa Catharina junto às casas do Marquez de Marialva , onde esperava o Senado da Camera , e o Vereador mais antigo Christovaõ Soares de Abreu fez a falla em nome da Cidade , e acabada , o Presidente da Camera Ruy Fernandes de Almada entregou as chaves a ElRey , que lhe ordenou as dèsse à Rainha , que accitando-as , lhas tornou a restituir , e caminharão à Sé , que estava magnificamente armada: cantou-se o *Te Deum laudamus* , e entre os repiques dos sinos , e salvas de artilharia , e vivas do povo voltaraõ ao Paço. Passou-se Decreto ao Desembargo do Paço para perdaõ geral aos prezos , em que se não comprehendia os prizioneiros de guerra , nem os de inconfidencia , e certos crimes exceptuados. Pirmittio-se licença ao Marquez de Liche , a D. Anelo de Gusmaõ , e a D. Belchior Porto-Carrero , para verem a entrada da casa do Enviado de Inglaterra , que morava nas casas da rua direita , que vaõ dar ao poço dos negros no beco , que chamaõ do *Carrasco* , e depois passearaõ as ruas com Gonçalo da Costa de Menezes , Mestre de Campo da Guar-

Tom.VII.

Ddd ii

niçaõ

nição da Cidade , no seu coche , e jantaraõ com elle.

No tempo, em que com mayor contentamento se applaudia o casamento delRey , em que o seu genio se pudera moderar , naõ pode a modestia do Infante Dom Pedro tolerar mais algumas desattenções, de sorte, que se retirou a assistir na Quinta de Queluz , donde vinha todos os dias saber da Rainha, que estava doente, a qual persuadida do Conde de Castello-Melhor , disse ao Infante , que por evitar trabalho de taõ largo caminho , ao menos em quanto durava a sua molestia , quizesse ficar na sua casa da Corte-Real, a que o Infante obedeceo. Socegados por entaõ os incidentes , que tanto desgostavaõ ao Infante, e havendo melhorado a Rainha, continuaraõ com alvoroço as prevenções das festas, e entre outras se ordenou huma festa de Canas, que se jogaraõ no dia 15 de Outubro no Terreiro do Paço. Tanto, que as Magestades appareceraõ na tribuna , que lhe estava preparada , e regada a praça , entrou D. Francisco de Sousa, Capitaõ da Guarda Alemãa, com grande luzimento a despejar a praça da grande multidão do povo, que a embaraçava , e tanto, que sahio da praça, entraraõ nella Henrique de Sousa Tavares, Conde de Miranda, Governador das Armas, e Relação do Porto, do Conselho de Estado, e D. Diogo de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, Escribeiro mór delRey, e do seu Conselho de Estado, Presidente da

da Junta do Commercio, que eraõ os Padrinhos. Depois de haverem cumprido com todas as obrigações devidas naquella função, de pedir licença a ElRey, tornaraõ a sahir da praça, e immediatamente voltaraõ, seguidos cada hum de quatro quadrilhas. Eraõ os Quadrilheiros oito, a saber: Dom João da Sylva, Marquez de Gouvea, Mordomo môr delRey, e do seu Conselho de Estado, a quem sahio nas sortes das cores, que se tiraõ na Secretaria de Estado, a de pardo, e ouro; Luiz de Vasconcellos e Soufa, Conde de Castello-Melhor, Escrivão da Puridade, azul, e ouro; D. Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva, do Conselho de Estado, Vêdor da Fazenda, Capitão General de Alentejo, Governador das Armas de Lisboa, e Provincia da Estremadura, anogueirado, e prata; Luiz da Sylva Tello e Menezes, Conde de Aveiras, Gentil-homem da Camera do Infante, e Regedor das Justiças, branco, e ouro; D. João Mascarenhas, Conde da Torre, Gentil-homem da Camera do Infante, do Conselho de Guerra, e Mestre de Campo General da Corte, e Provincia da Estremadura, acamurçado, e prata; D. João Mascarenhas, Conde de Sabugal, Meirinho môr do Reyno, do Conselho de Guerra, encarnado, e prata; D. Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor, do Conselho de Guerra, alaranjado, e prata; Luiz Alvares de Tavora, Conde de S. João, Gentil-homem da Camera do Infante, do Conselho de Guerra, Go-

verna-

vernador das Armas da Provincia de Traz os Montes, Mestre de Campo General de Entre Douro, e Minho, verde, e ouro. Cada hum dos Quadrilheiros nomeou cinco Fidalgos seus parentes, e amigos, com que todas as quadrilhas se formaraõ de quarenta e oito Cavalleiros. Havia ordem de naõ poder exceder nenhum, dos que entravaõ nas Canas, de dous Lacayos, nem os Padrinhos de vinte e quatro. Eraõ as librès, e jaezes, tudo taõ luzido, e rico, que a todos se fazia agradavel a bizzaria, e destreza dos Cavalleiros, e o custo, e dispendio, com que brilhavaõ nas invenções, e primores da arte. Houve diversos, e differentes artificios de fogo, e tres dias de Touros: tocou o primeiro dia ao Conde da Torre, que levava doze Lacayos com alamares de ouro batido ao martello; o segundo a D. Joaõ de Castro, Senhor de Boquilobo, que levou cento e sessenta Lacayos vestidos de trages de diversas Nações, de differentes sedas, guarnecidas de passamanes de ouro, e prata; o terceiro tocou ao Conde de S. Joaõ, e a seu irmaõ Francisco de Tavora, depois Conde de Alvor, que levavaõ trezentos homens vestidos de diversas télas, e chamalotes de prata, guarnecidos de passamanes de ouro, e prata, e todos com excellentes cavallo, clinas, e jaezes de muito custo, de sorte, que igualando à despeza a bizzaria dos Cavalleiros, brilharaõ no primor da arte, e nas admiraveis sortes, e manejo dos cavallo.

Naõ

Não passou muito tempo, que se não comes-
çassem logo a sentir os passados desconcertos em
domesticos dissabores, sendo o mayor a incapacida-
de delRey para o matrimonio, a que se seguirão
diversos incidentes, que pondo em afflicção a Rai-
nha, depois de haver consultado Letrados, tomou
a resolução de se recolher ao Mosteiro da Esperan-
ça da Ordem de Santa Clara, por ser habitado de
Religiosas da primeira Nobreza do Reyno, e de
exemplar obervancia, onde entrou a 2 de Novem-
bro de 1667, e logo tratou do divorsio, e separa-
ção. As desordens do governo, e a notoria inca-
pacidade delRey para o thalamo, obrigaraõ aos
Vassallos mais zelosos da saude da Republica, que
viaõ correr infallivelmente à ultima ruina, a que
procurassem remedialla com tempo, buscando ao In-
fante D. Pedro, para que nas tuas virtudes evita-
se a sua prudencia os imminentes damnos, que en-
taõ ameaçavaõ ao Reyno. Assim se conseguiu com
tanta felicidade, que ElRey dimitto o governo
por hum papel assinado por elle, e escrito por An-
tonio Cavide, que servia de seu Secretario de Es-
tado, tendo-se deposto do lugar Antonio de Sou-
za de Macedo, pelo desacordo, com que fallou à
Rainha. Huma das mayores difficuldades para es-
ta mudança era a presença do Conde de Castello-
Melhor; porém elle com admiravel constancia, sa-
crificando toda a sua fortuna particular, e publica
do Reyno, não só não usou dos meynos violentos,
que

Prova num. 49.

que podiaõ fomentar huma guerra civil , mas tolerou os pretextos , que se buscaraõ para a sua deposição , achando-se innocente em muitos , que entaõ se allegaraõ ; deixou a Corte , e entre grandes perigos , de que se naõ livrou sem prodigios , sahio do Reyno , aonde deixava a sua casa , mulher , e filhos , e atravessando occultamente toda Hespanha , achou em Pariz singular estimaçaõ em ElRey Luiz XIV. e a mesma teve em Turim , aonde assistio à Duqueza de Saboya , irmã da Rainha , e ultimamente fixou a sua residencia em Londres , onde tambem buscou a protecçaõ de huma Rainha , irmã do seu Rey , a quem servio , como já deixamos dito , e depois recolhendo-se a Lisboa , teve com huma larga vida a estimaçaõ , que sempre mereceo. Finalmente foy ElRey recluso em hum quarto do Paço em 23 de Novembro de 1667 , e tomou o Infante D. Pedro o governo do Reyno com o titulo de Principe Regente , com approvaçaõ das Cortes , que foraõ logo convocadas , e em 27 de Janeiro de 1668 foy o Infante jurado pelos Tres Estados do Reyno Principe herdeiro da Coroa , a qual lhe offereciaõ ; porém elle revestido de huma singular modestia , a naõ aceitou. Depois por alguns motivos politicos , que entaõ se ponderaraõ , se tomou a resoluçaõ de ir ElRey para o Castello da Cidade de Angra na Ilha Terceira , aonde naõ residio muito tempo , e voltou para o Reyno , e sendo aposentado no Palacio de Cintra , nelie acabou

bou a vida de hum repentino accidente em hum Domingo 12 de Setembro do anno de 1683 estando ouvindo Missa. Em pouco espaço foy absolvido pelo seu Confessor, com actos de contração, e arrependimento, e suffocado de hum tuberculo, espirou, sem dar o mal tempo, a que se applicassem remedios. Tolerou com grande paciencia os trabalhos da sua vida, que lhe seguraraõ a eterna, como piamente podemos crer, e o testemunharaõ Varoens de grande exemplo acreditados em virtudes. He fama, de que S. Bernardo, de quem foy cordeal devoto, lhe apparecêra em fôrma visível, e tambem he constante, que nos seus ultimos dias se lhe aclarou o entendimento da lesaõ, que havia padecido, quando no tempo, que contava sómente cinco annos, teve hum febre maligna, que o deixou leso da parte esquerda, como dissemos, a qual foy a infelice causa da inhabilidade, porque foy deposto. Naquelle pequena idade o nomeou ElRey seu pay Inquisidor Geral destes Reynos. Manifestou ElRey D. Pedro (successor immediato de seu irmão na Coroa, que em sua vida não admittio) com vivas lagrimas, e as mayores demonstrações de sentimento, a dor da morte delRey, que amava como irmão, e venerava como Rey: e porque não teve lugar de fazer Testamento, fez executar promptamente tudo o que entendeo elle poderia determinar, mandando fazer pela sua alma todas as obras pias, e suffragios, que se julgaraõ mais necessários.

Tom. VII.

Eee

O

O seu corpo foy levado com Real pompa na fórma, que se observara nas mortes dos Reys seus antecessores, ao Mosteiro de Belem, onde jaz depositado.

Foy ElRey D. Affonso de estatura proporcionada, de agradável presença, alvo, olhos azues, nariz perfeito, o cabello louro, e comprido, com grande memoria, que não applicando em nenhuma lição, ainda desta sorte era tão prodigiosa, que fez della em algumas occasioens admiraveis provas. Teve animo Real, e generoso em fazer merces, liberal para todos; e sem embargo da lesão, que padecia em meyo corpo, era muy forte a cavallo, exercicio, de que gostava, sahindo algumas vezes em publico. Firmou Tratados de confederações importantissimas, como foraõ a gloriosa alliança, e correspondencia, que sustentou com Inglaterra, que se governava como Republica, no anno de 1659 aceitando a Embaixada publica de Francisco de Mello; e depois ainda conseguiu mayores utilidades, quando foy a restituição de seu legitimo Rey Carlos II. em que o mesmo Francisco de Mello no anno de 1660 teve a honra de ser recebida a sua Embaixada primeiro, que a de outros Ministros, que a pertenderaõ. O dos Hollandezes, que celebrou no mesmo anno o Conde de Miranda, depois primeiro Marquez de Arronches, e outros muitos gloriosos do seu reynado, e o Tratado da liga offensiva, e defensiva com França, que se celebrou

lebrou em Lisboa em 1666. Na sua morte o Papa Innocencio XI. celebrou solemnes Exequias em Roma; com esta occasião o Cardeal de Estrees, Protector de Portugal, na presença do Papa, junto o Sacro Collegio em Consistorio, fez huma eloquente Oração, rendendo as graças ao Papa, em que mostra o quanto eraõ benemeritos os Reys de Portugal da attenção da Sé Apostolica, e os grandes serviços, que havião feito em seu obsequio, e da Religião, desde o seu principio sem intermissão alguma: O famoso Padre Fr. Jeronymo Vahia, Monge Benedictino da Congregação Portugueza, em hum Poema Heroico, que compunha, intitulado: *Alphonseida*, empregou a suavissima melodia da sua admiravel Musã no Elogio, e na Historia das acções, e virtudes Reaes, e Christãs, de que El-Rey se adornou. Delle se conserva huma copia na Bibliotheca Cadavalense. Na Villa de Santarem edificou ElRey hum Templo à Virgem Santissima com o titulo da *Piedade*, a quem a devoção commua attribuiu a vitoria do Canal, affirmando-se por sentença da Relação Ecclesiastica de Lisboa dada em 11 de Dezembro de 1663, que sendo aquella Imagem formada de barro, se virão nas vespersas daquelle memoravel dia na Imagem Sacrosanta movimentos sobrenaturaes à vista do povo. Passou ElRey a esta Villa a lançar a primeira pedra na Igreja, que lhe dedicava, situada no Chaõ da Feira. Entrou ElRey na Villa acompanhado de to-

Prova num. 50.

Vasconcellos, *Hist. de Santarem*, part. 2. liv. 1. cap. 12.

Tom. VII.

Ecc ii da

da a Nobreza da Corte a pé, levando-o de redea D. Diogo Fernandes de Almeida, Alcaide môr da dita Villa, a quem tocava este exercicio, e fô o Visconde de Villa-Nova de Cerveira, que exercitava o officio de Estribeiro môr, hia a cavallo. No dia seguinte, que era festa feira, em que se contavaõ 25 de Janeiro, lhe lançou a primeira pedra com as ceremonias, que manda o Ritual Romano, onde se lia a seguinte Inscriptaõ:

*Deiparæ Virgini à Pietate denominatæ
Alphonsus VI. Lusitanie Rex,
Quod ejus cpe ad miraculum insigni
Joannem Austriacū Philippi IV. Castellæ Regis filium
Pugua Canalensi,
Sexto Idus Junias an. Dñi M. DC. LXIII.
Circa Stremotium commissa
Profligaverit,
Multos hostium interfecerit, plures ceperit,
Tormentis, armis, impedimentis
Potitus sit:
Hoc Sacellum
Impensis suis faciendum curavit,
Primumque fundamentorum lapidem
Propria manu
In æternum, grati, devotique animi monumentum
Posuit
Seq. anno octavo Kalend. Februar.*

Creou

da Casa Real Portug. Liv. VII. 409

Creou de novo os titulos seguintes :

A D. Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, do seu Conselho de Estado, e Guerra, e Vêdor da sua Fazenda, Governador das Armas da Cidade de Lisboa, e Estremadura, creou Marquez de Marialva, em duas vidas, por Carta passada em Lisboa a 11 de Junho de 1661, que está no livro 19 da sua Chancellaria. Depois por Carta de 14 de Mayo do anno de 1663 lhe fez merce deste titulo de juro, e herdade, dispensado humma vez na Ley Mental; e que casando seu filho, o mais velho se pudesse logo cobrir com o mesmo titulo, como consta da Carta, que está no livro 37 da sua Chancellaria. Ao mesmo Marquez fez merce do titulo de Conde de Cantanhede de juro, e herdade, assim como he a sua Casa duas vzes sóra da Ley Mental. Foy feita a merce a 15 de Junho de 1661, e está no dito livro 19, fol. 152.

A Francisco de Mello, Conde da Ponte, do seu Conselho de Guerra, e seu Embaixador a Inglaterra, fez Marquez de Sande, de que tirou Carta passada a 21 de Abril de 1662, que está no livro 25, fol. 277, e ao mesmo havia já feito Conde da Ponte por Carta de 16 de Mayo de 1661, que está no livro 24, fol. 154; e depois por Carta de 10 de Outubro de 1665 fez merce do Condado da Ponte de juro, dispensado duas vezes na Ley Mental, a seu filho Garcia de Mello e Torres, a qual existe no livro 26, fol. 107.

A D.

A D. Francisco de Sá e Menezes, Conde de Penaguiaõ, seu Camereiro mór, fez Marquez de Fontes, de que se lhe passou Carta a 2 de Janeiro de 1659, como se vê no seu assentamento, que está no livro 23, fol. 56. vers.

A Antonio Telles de Menezes, Conde de Villa-Pouca de Aguiar, do Conselho de Estado, lhe fez merce do titulo de Marquez, quando voltasse de Vice-Rey da India para onde foy naquella anno, e não teve effeito por falecer. Foy esse Alvará passado a 2 de Março de 1657, e está no livro 25, fol. 36.

A Dom Rodrigo de Castro creou Conde de Mesquitella por Carta passada a 14 de Mayo de 1658, como se vê no seu assentamento, que está no livro 21, fol. 120.

A D. Sancho Manoel creou Conde de Villa-Flor, de que tirou Carta passada a 23 de Junho de 1661, e está no livro 24, fol. 188. vers.

A João Nunes da Cunha creou Conde de S. Vicente no anno, em que passou por Vice-Rey do Estado da India, aonde, logo que chegasse, se chamaria Conde. Foy a Carta passada a 2 de Abril de 1666, que está no livro 20, fol. 80.

A Nuno da Cunha de Ataíde fez Conde de Pontevel em virtude da merce, que havia feito a sua mulher D. Elvira Maria de Mendoça, Dama da Rainha, por passar a Inglaterra no serviço da Rainha da Grã Bretanha D. Catharina, de que
tirou

tirou Carta passada a 15 de Abril de 1662, e está no livro 19, fol. 19.

A D. Pedro de Castellobranco, Visconde de Castello-Branco, fez Conde de Pombeiro, de que tirou Carta passada a 6 de Abril de 1662, que está no livro 26, fol. 163.

A D. Manoel da Camera fez Conde da Ribeira Grande de juro, e herdade, conforme a Ley Mental, mudando neste titulo o de Villa-Franca, por Carta de 15 de Setembro de 1662, que está no livro 27, fol. 366.

A D. Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, do seu Conselho de Estado, quando passou ao Brasil por Vice-Rey, lhe fez merce deste Condado de juro, e herdade para elle, e seus successores, conforme a Ley Mental, de que tirou Carta feita a 14 de Abril de 1663, e está no livro 25 fol. 211.

A Dom Luiz de Almeida, do seu Conselho, creou Conde de Avintes, de que tirou Carta passada a 17 de Fevereiro de 1664, que está no livro 25 fol. 323.

A Lourenço de Sousa da Sylva, seu Apofentador mór, fez Conde de Santiago de Biduido, de que se lhe passou Carta a 12 de Novembro de 1667, que está no livro 28, fol. 444 da sua Chancellaria.

A Affonso Furtado de Mendoca, do seu Conselho de Guerra, fez Visconde de Barbacena, de que se lhe passou Carta a 19 de Dezembro de 1661, que está no livro 41, fol. 133.

A

A Martim Correa de Sá fez Visconde de Afseca, de que tirou Carta feita a 15 de Janeiro de 1666, que está no livro 20, fol. 36.

A Luiz de Soufa de Macedo, filho de Antonio de Soufa de Macedo, do seu Conselho, e Secretario de Estado, fez Barão da Ilha Grande de Joannes, de que se lhe passou Carta feita a 27 de Setembro de 1666, que está no livro 28, fol. 219.

Temos observado nas vidas dos seus antecessores fazer menção dos Officiaes da Casa Real, e do Reyno, sem preferencia das prerogativas dos lugares: agora referiremos os de que achamos noticia serviraõ no tempo do seu reynado.

D. Francisco de Faro, Conde de Odemira, do seu Conselho de Estado, e Presidente do Ultramarino, foy seu Ayo; e supposto logo, que El-Rey Dom Affonso succedeo na Coroa, entrou o Conde a servir de Ayo, como temos referido, a Carta se lhe passou a 15 de Mayo de 1659, que está no livro 23 da sua Chancellaria, fol. 165 verso.

João Rodrigues de Sá e Menezes, Conde de Penaguiaõ, do Conselho de Estado, foy seu Camereiro mór, de que tirou Carta passada a 4 de Dezembro de 1656, que está na dita Chancellaria, livro 19, fol. 2.

D. Francisco de Sá e Menezes, Marquez de Fontes, succedeo no officio de Camereiro mór ao Conde seu pay, de que tirou Carta passada a 3 de Janeiro

Janeiro de 1659, que está no livro 23 da dita Chancellaria, fol. 215.

D. João da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, foy seu Mordomo môr, como se vê no Auto do Levantamento do mesmo Rey, celebrado a 15 de Novembro de 1656, que então se imprimio, e já o havia sido delRey seu pay, como fica dito.

João Guedes de Miranda, Senhor de Murça, a quem foy feita merce de Estribeiro môr por morte de seu pay, teve Carta passada a 8 de Abril de 1657; porém não exercitou por ser de menor idade, e morreo moço: está no livro da dita Chancellaria, fol. 18.

D. Francisco de Sousa, Conde de Prado, do seu Conselho de Guerra, servio de seu Estribeiro môr, e já havia servido a ElRey seu pay, como deixámos escrito. E sendo mandado o Conde governar as Armas da Provincia do Minho, lhe mandou ElRey passar hum Decreto, para que em vol-
Prova num. 51.
tando tornasse a servir o dito officio de Estribeiro môr, e teria na Camera delRey a mesma assistencia, que tinha antes de ir ao governo, o qual Decreto foy passado a 25 de Agosto de 1669.

D. Diogo de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conselho de Estado, servio de Estribeiro môr, e succedeo ao Conde de Prado.

Luiz de Vasconcellos e Sousa, Conde de Castello-Melhor, foy Escrivão da Puridade por Carta
Tom. VII. Fff de

de 21 de Julho de 1662, como deixámos referido, e se conserva no livro 19, fol. 162 da sua Chancellaria; e era seu Reposteiro môr, e seu Gentil-homem da Camera.

O Doutor Nicolao Monteiro, Bispo eleito de Angra, foy seu Mestre, e Confessor, como refere a Carta do ordenado de Confessor, passada a 25 de Dezembro de 1663, que está na dita Chancellaria, liv. 20, fol. 224.

D. Diogo de Menezes, servio de Reposteiro môr por Alvará de 7 de Agosto de 1659, e nelle diz, que serviria esta occupação *na menoridade do filho mais velho do Conde de Castro-Dairo D. Gaspar de Tavora e Souza, a quem tinha feito a merce da propriedade*, o qual Alvará está na dita Chancellaria, livro 19, fol. 78.

Lourenço de Souza da Sylva e Menezes, foy seu Aposentador môr, e o era no anno de 1659, como se vê em hum Alvará de 6 de Outubro do dito anno de certa moradia, que está no livro 25 da sua Chancellaria, fol. 136 vers.

D. Lucas de Portugal, foy seu Mestre Salla, de que tirou Carta passada a 11 de Dezembro de 1656, que está no livro 27, fol. 11 da dita Chancellaria.

D. Joaõ de Almeida, foy Veador da sua Casa, como consta do Auto do Levantamento do dito Rey.

D. Pedro de Almeida, depois Conde de Afumar,

sumar, foy Veador da sua Casa, de que se lhe paf-
sou Alvará a 15 de Julho de 1661, que está no liv.
19 da dita Chancellaria, fol. 151.

D. Duarte de Castellobranco, foy Veador da
sua Casa, e depois foy setimo Conde de Redondo
por sua mãy ser herdeira da Casa de seu pay Dom
Joaõ Coutinho, quinto Conde de Redondo.

Luiz de Mello, foy seu Porteiro môr, e Ca-
pitaõ da Guarda Portugueza, como refere o alle-
gado Auto do Levantamento, e Juramento.

Manoel de Sousa da Sylva, que servia de Apo-
sentador môr, servio de Reposteiro môr a ElRey
D. Affonso no anno de 1656, como se vê no Auto
do Juramento daquelle anno, e depois foy Veador
da Rainha D. Maria Francisca Isábel de Saboya.

D. Joaõ Mascarenhas, Conde de Sabugal,
servio de Meirinho môr, como refere o sobredito
Auto.

D. Antonio Alvares da Cunha, foy Trinchan-
te, lugar, em que succedeo pela renuncia de Simaõ
da Cunha, de que tirou Carta passada a 31 de Ju-
lho de 1658, que está no livro 27 da dita Chan-
cellaria, fol. 207.

D. Lourenço de Sousa, foy Capitaõ da Guar-
da Alemãa, e com o mesmo lugar havia servido a
ElRey seu pay, e no Auto do Levantamento do
anno de 1656 se achou servindo a mesma occupa-
ção.

D. Francisco de Sousa, foy Capitaõ da Guar-
Tom.VII. Ffii da

da Alemãa, em que entrou a servir por seu tio D. Lourenço de Sousa, por Alvará do primeiro de Agosto de 1662.

Garcia de Mello, foy Monteiro môr do Reyno, e já o era no anno de 1656, como se vê no Auto do Juramento allegado.

Henrique Carvalho, Senhor da Azambugeira, foy Provedor das Obras do Paço, por Carta feita a 4 de Novembro de 1661, como se vê da merce das tendas da Capella, que está no liv. 22, fol. 269.

Fernaõ de Sousa Coutinho, foy Veador da sua Casa por Carta passada a 15 de Março de 1664, succedendo no mesmo lugar a seu pay Thomé de Sousa, e está no livro 52, fol. 20.

D. Pedro da Costa, foy seu Armador môr, e se achou no Auto do Levantamento do anno de 1656, e já havia servido a seu pay.

Francisco de Faria da Sylva, foy Almotacé môr do Reyno, e o tinha sido tambem del Rey D. Joaõ seu pay, como se vê no Auto referido.

Martim de Sousa de Menezes, foy seu Copeiro môr, que tambem havia servido a El Rey seu pay, e como tal o nomea o referido Auto.

D. Theodosio de Mello, irmão do Duque de Cadaval, foy seu Sumilher da Cortina, e como tal faz delle menção o allegado Auto.

Antonio de Mendoga, do seu Conselho, e Presidente da Mesa da Consciencia, foy tambem seu Sumilher, como se vê no dito Auto.

D.

Conf
mo t
que f
to.ga,
1656Estado
de Jun
da sua
que a
lebrotado,
ca di
no ar
rameda Fa
rio de
27 de.
sua ChI
de que
que ef

Cruz,

D. Manoel da Cunha, Bispo de Elvas, do seu Conselho de Estado, foy seu Capellaõ mór, e como tal exercitou no anno de 1656 no juramento, que se fez a ElRey, como se vê no allegado Auto.

D. Francisco de Sottomayor, Bispo de Tar-ga, foy Deaõ da sua Real Capella, e o era em 1656, como consta do dito Auto.

Dom Vasco Luiz da Gama, do Conselho de Estado, foy Védor da sua Fazenda por Carta de 11 de Junho de 1660, que está no livro 27, fol. 226 da sua Chancellaria, e já o era no anno de 1656, que assistio ao Auto do Juramento, que nelle se celebrou.

Pedro Vieira da Sylva, foy Secretario de Estado, e já o havia sido delRey seu pay, como fica dito em seu lugar, e servindo este lugar se achou no anno de 1656 no Auto do Levantamento, e Juramento, que nelle se fez.

Antonio de Soula de Macedo, do Conselho da Fazenda, e Juiz das Justificações, foy Secretario de Estado, como se vê de hum Alvará passado a 7 de Setembro de 1662, que está no livro 27 da sua Chancellaria, fol. 371.

Luiz Cesar de Menezes, foy seu Alferes mór, de que se lhe passou Carta a 23 de Julho de 1664, que está no livro 20 da dita Chancellaria, fol. 44.

A Dom Joaõ Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, que havia sido Mordomo mór da Rainha
sua

sua mãy, lhe confirmou o posto de Capitão mór dos Ginetes, e Cavalleiros da sua Guarda, por Carta de 18 de Janeiro de 1660, que está no livro 5 da sua Chancellaria, fol. 79.

D. Rodrigo de Menezes, foy Regedor das Justiças, e se achou com este lugar no Auto do Levantamento, e Juramento, que se fez no anno de 1656, e o foy no anno de 1663, de que se lhe pafsou Carta a 29 de Julho, que está no livro 25 da dita Chancellaria, fol. 29.

Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado, foy Presidente do Paço por Carta de 4 de Fevereiro de 1660, que está na dita Chancellaria, livro 19, fol. 83.

D. Diogo de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, foy Presidente da Junta do Commercio por Carta de 27 de Julho de 1666, lugar, em que succedeo ao Conde de Atouguia: a qual está no livro 22 da dita Chancellaria, fol. 127.

Antonio Cavide, Alcaide mór de Borba, foy Secretario de Estado da Casa de Bragança, como se vê na Carta da dita Alcaidaria mór, feita a 11 de Fevereiro de 1664, onde diz: *Meu Secretario do Estado da Casa de Bragança*, a qual está no livro 25, fol. 93, da dita Chancellaria: e sendo testemunha no Testamento delRey D. Joaõ IV. diz: *Antonio Cavide, Secretario de Sua Magestade, e do Conselho da Fazenda.*

Dom Joaõ de Castro, Senhor de Retis, &c.
foy

foy
Ab
livr

de
me
do
de:

do,

felh
mar
de
fol.

do
ma
qui

foy
nade
de S.
Gov
mea
raes
cell.

vo,

foy Almirante de Portugal por Carta feita a 26 de Abril de 1662, que está na dita Chancellaria no livro 27, fol. 366.

O Doutor Fr. Francisco Brandaõ, Religiofo de S. Bernardo, Chronista mór do Reyno, foy Esmoler mór por Carta de 27 de Junho de 1660, sendo Abbade Geral de S. Bernardo Fr. Constantino de Sampayo. Livro 45, fol. 73.

Fr. Luiz Coutinho, Religiofo de S. Bernardo, foy tambem Esmoler mór.

D. Joaõ da Costa, Conde de Soure, do Conselho de Guerra, foy Presidente do Conselho Ultramarino, de que se lhe passou Carta a 6 de Agosto de 1661, que está na dita Chancellaria, livro 24, fol. 180.

D. Thomás de Noronha, Conde dos Arcos, do Conselho de Estado, foy Presidente do Ultramarino por Alvará de 12 de Dezembro de 1663, que está na dita Chancellaria, liv. 25, fol. 239.

Luiz de Sousa, Deaõ do Porto, (que depois foy Arcebispo de Lisboa, e Cardeal) foy Governador da Relaçã do Porto por Carta passada a 23 de Setembro de 1659 no tempo, em que seu irmão, Governador proprietario daquella Relaçã, foy nomeado Embaixador Extraordinario aos Estados Geraes, existe a dita Carta no livro 21 da dita Chancellaria, fol. 82.

Ruy Fernandes de Almada, Senhor de Ilhavo, Gentil-homem da Camera do Infante D. Pedro,

dro, foy Prefidente da Camera, de que se lhe paf-
fou Carta a 27 de Julho de 1667, que eftá na dita
Chancellaria, livro 22, fol. 199.

Francifco Pereira da Cunha, foy feu Secreta-
rio do Confelho de Guerra por Carta de 21 de Ju-
nho de 1660, fuccedendo a feu pay Antonio Pe-
reira, e eftá no livro 22 da fua Chancellaria, fol. 272.

Cafou em 27 de Junho de 1666 com a Rai-
nha D. Maria Francisca Ifabel de Saboya, a qual
apartando-fe delRey feu marido, como fica dito,
e pondo em juizo a caufa do divorcio, fe procef-
fou, e nomeou por feu Procurador ao Duque de
Cadaval D. Nuno, e feguio-fe a caufa até final
fentença, para a qual foraõ nomeados Miniftros
Varoens de grandes letras, coftumes, e integrida-
de, a faber: D. Francisco de Sottomayor, Bispo
de Targa, Coadjutor, e Provisor da Igreja Metro-
politana de Lisboa, os Doutores Valentim Feyo
da Motta, Conego da dita Cathedral, e Vigario
Geral do Arcebifpado, e Pantaleaõ Rodrigues Pa-
checo, do Confelho delRey, e do Geral do Santo
Officio, eleito Bispo de Elvas, o qual falecendo an-
tes da fentença, entrou em feu lugar Antaõ de Fa-
ria da Sylva, Conego da dita Sé de Lisboa, De-
putado do Santo Officio, e da Mefá da Confcien-
cia, e Ordens, e para efcrever na caufa Sebaftiaõ
Diniz Velho, Defembargador da Relação Eccle-
fiaftica, Prior da Igreja de Santa Marinha; e paffa-
dos os termos legaes, e conclufio o processo a final,
de

de q
além
nha,
Fran
ral e
Nun
Met
Bispa
Inqui
todos
dores
Meni
pois.
Ihaen
mé,
Arce
Na C
proca
acore
declat
facto,
que be
na fôr
Amad
Saboy
Nem
Marq
de Gi
nhor

T

de que era Relator o Bispo Coadjutor, votando, além do que o haviaõ actuado, Manoel de Saldanha, Sumilher da Cortina, depois Bispo de Viseu, Francisco Barreto, do Conselho delRey, e do Geral do Santo Officio, depois Bispo do Algarve, Nuno da Cunha de Eça, Conego Doutoral na Sé Metropolitana de Lisboa, que depois recusou o Bispado de Miranda, Pedro de Ataide de Castro, Inquisidor Apostolico da Inquisição de Coimbra, todos Conegos da Sé de Lisboa, e os Desembargadores da Relação Ecclesiastica Gaspar Barata de Mendoça, Prior da Igreja de Santa Engracia, e depois Arcebispo da Bahia, Joaõ de Passos de Magalhães da de S. Juliaõ, Joaõ Serrão da de S. Thomé, depois Provisor, e Vigario Geral do mesmo Arcebisado, todos Juizes nomeados pelo Cabido. Na Casa delle, e na sua presença foy examinado o processo por cada hum dos Juizes, e com maduro acordo proferiraõ sentença a 24 de Março de 1668, declarando por nullo o matrimonio contrahido de facto, e naõ de direito; pelo que poderiaõ fazer, o que bem lhe parecesse, e que haveria divisaõ de bens na fórma dos seus contratos. Era filha de Carlos Amadeo de Saboya, ramo da Serenissima Casa de Saboya, o qual nasceo no anno de 1624 Duque de Nemours, de Genebra, de Aumale, Par de França, Marquez de S. Sorlin, e de S. Rambert, Conde de Grifors, Baraõ de Foucigny, e de Beaufort, Senhor de Poncin, de Cedron, e de Bray sobre o Se-

422 *Historia Genealogica*

na, Coronel General da Cavallaria ligeira de França, o qual foy morto em hum duelo a 30 de Julho de 1652 por seu cunhado Francisco de Vandôme, Duque de Beaufort: casado com a Princeza Isabel de Vandôme, que faleceo a 19 de Mayo de 1664, filha de Cesar de Bourbon, Duque de Vandôme, e de Mercoeur, de Pentheure, de Beaufort, e de Estampes, Principe de Anet, e de Martignes, Par de França, filho delRey Henrique IV. de França, e de Gabriela de Eistrees, Duqueza de Beaufort, e da Duqueza Francisca de Lorena, filha de Philippe Manoel de Lorena, Duque de Mercoeur, e de Pen-thievre, ramo da Serenissima Casa de Lorena. Não teve ElRey filhos, ainda que fóra do matrimonio lhe quizerão attribuir algum; porém com evidencia se mostrou ser ficção, levantada com fins particulares.

Ribeiro, *Pareg. Hist. Genealog. da Casa de Nemurs*, impress. em Paris em 1669.
Guichenon, *Hist. General de Savoye*, liv. 3. cap. 21. pag. 1072.

J. Rinha
L. Moura
Francisca
Isabel de
Savoye.



A Rai-

A Rainha
El. Maria
Francisca
Isabel de
Saboya.

A Duq. Iſa-
bel de Van-
dome, + em
19 de Mayo
de 1664.

A Duq. Fran-
cisca de Lorena.

Henrique de Sa-
boya, nasc. a 2
de Novemb. de
1572 Duque de
Neomurs, + em
10 de Julho de
1632.

A Duqueza Ana-
na de Lorena,
+ a 14 de Mayo
de 1638. II.

Jaques de Saboya,
nasc. a 12 de O-
tub. de 1531 Du-
que de Neomurs,
+ em 15 de Junho
de 1585.

A Duqueza Anna
de Este, + a 7 de
Mayo de 1606.

Carlos de Lorena,
Duque de Auma-
le, nascido a 5 de
Janeiro de 1555,
+ em 1618.

A Duqueza Maria
de Lorena.

Henrique IV. Rey
de França, e de
Navarra, n. a 13
de Dezembro de
1553, + a 14 de
Mayo de 1610.
Gabriela de Es-
treci, Duqueza de
Beaufort, + a 10
de Abril de 1595.

Filippe Manoel de
Lorena, Duque de
Mercour, nascido
em 1559, + a 19
de Fev. de 1602.
A Duqueza Maria
de Lucembourg,
II.

Filippe de Saboya, n.
em 1490 Duque de
Neomurs, &c. + a
25 de Nov. de 1531.
A Duqueza Carlota
de Orleans, + a 8
de Setemb. de 1549.

Hercol. de Este, Du-
que de Ferrara, &c.
nasc. a 4 de Abril de
1508, + em 3 de
Outubro de 1558.
A Duqueza Renata
de França, + a 12
de Junho de 1557.

Claudio de Lorena,
Duque de Aumale,
n. em 01. de Agolto
de 1516, + a 14 de
Mayo de 1573.
A Duqueza Luiza de
Brezé, II.

Renato de Lorena,
Duque de Elbeuf,
n. a 14 de Agolto de
1516, + em 1566.
A Duqueza Luiza de
Kieux, + em 1550.

Antonio de Bourbon
nasc. a 12. de Abril
de 1518 Duque de
Vandome, Rey de
Navarra, + a 17 de
Novemb. de 1562.
Joanna de Alret,
Rainha de Navar. +
a 9 de Junho, 1512.

Antonio de Estreci,
Senhor de Cocures.

Francisca de Babou.

Nicolao de Lorena,
Duque de Mercour,
Con. de Vaudemont,
n. em 1519, + a 23
de Janeiro de 1577.
A Duqueza Joanna
de Saboy, + a 4 de
Julho de 1568.

Sebastião de Lucem-
bourg, Senhor de
Penthievre.

Maria de Beaucaire.

Filippe Duque de Saboya, Rey de
Chipre, nascido a 5 de Fevereiro de
1418, + a 7 de Nov. de 1497.
A Duqueza Claudia de Brosse, + a
13 de Outub. de 1513, 2. mulher.
Luiz I. Duque de Longueville, +
em 1516.

A Duqueza Joanna Botelin, + em
1504.

Afonso de Este, Duque de Ferrar-
a, Modena, &c. n. a 11 de Junho
de 1476, + a 13 de Out. de 1534.
A Duq. Lucrecia de Borja, + a 20.
Luiz XII. Rey de França, nascido a
27 de Junho de 1462, + no 1. de
Janeiro de 1515.

A Rainha Anna de Bretagne, + a
20 de Janeiro de 1511.

Claudio de Lorena, Duq. de Guise,
n. a 20 de Outubro de 1496,
+ a 12 de Abril de 1550.

A Duqueza Antonia de Bourbon,
+ a 20 de Janeiro de 1581.

Luiz de Brezé, Conde de Manle-
vriev.

A Condesa Diana de Poitiers.

Claudio de Lorena, Duque de
Guise.

A Duqueza Antonia de Bourbon.

Claudio de Rieux, Conde de Hier-
court, + em 1532.

A Condesa Suiena de Bourbon,
2. mulher.

Carlos de Bourbon, Duque de Van-
dome, n. a 2 de Junho de 1489,
+ a 25 de Março de 1517.

Francisca de Alençon, Duqueza de
Beaumont, + a 18 de Mayo, 1513.

Henrique II. Rey de Navarra, +
em 1555.

A Rainha Margerida de Valois, +
em 1548.

João de Eftrees, Senhor de Val-
lieu, + em 1567.

Catharina de Bourbon Vandome.

Jacobo de Babou, Senhor de Bor-
udassiere.

Francisca Robert.

Antonio Duque de Lorena, e de
Bari, nasc. a 4 de Junho de 1489,
+ a 15 de Junho de 1544.

A Duqueza Renata de Bourbon.

Filippe de Saboya, Duque de Neo-
murs.

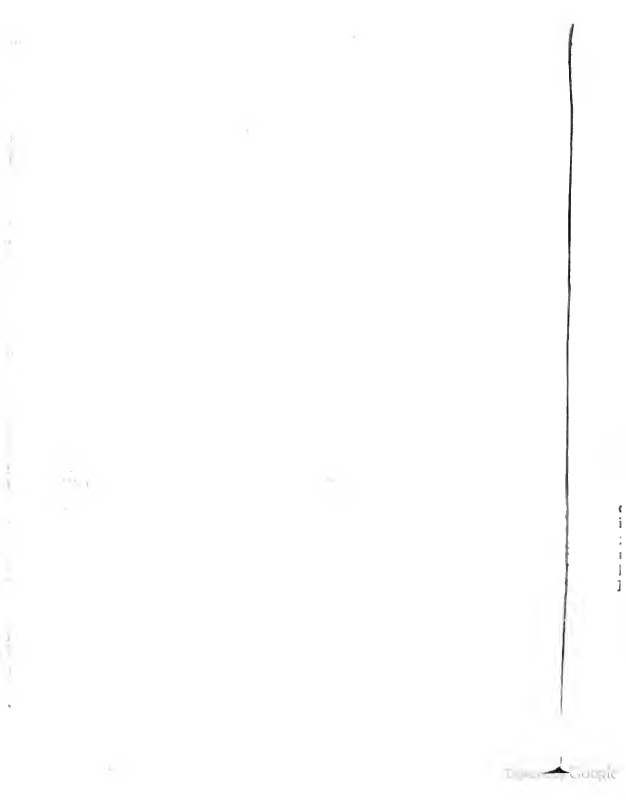
A Duqueza Carlota de Orleans.

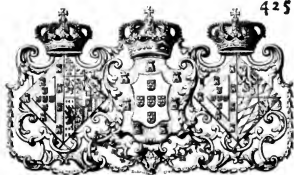
Francisco de Lucembourg, Vis-
conde de Marigue.

Carlota de Penthievre.

João de Beaucaire.

Ggg ii N.





CAPITULO V.

Del Rey D. Pedro II.

18



EIXAMOS escrito no Capitulo I. deste Livro, que do Real thalamo dos Augustos Reys D. Joaõ IV. e D. Luiza fora o terceiro filho o Infante D. Pedro, que nasceu em Lisboa em hum Domingo 26 de Abril, em que a Igreja Bracharense celebra a festa de seu illustre Prelado S. Pedro de Rates, do anno de 1648. Foy celebrado o seu nascimento por muitos dias com grandes demonstrações de alegria, e bautizado a 25 de Mayo com Real pompa pelo Bispo Capellaõ môr D. Manoel da Cunha, eleito Arce-

Arcebispo de Lisboa ; foraõ Padrinhos o Principe D. Theodosio, e a Infanta D. Joanna, sendo levado nos braços de D. Miguel de Almeida, Conde de Abrantes, do Conselho de Estado, e Mordomo mór da Rainha, que com opa roçagante hia debaixo do Palio, de que levarão as varas Francisco de Mello, Monteiro mór do Reyno, D. Francisco de Castello Branco, Pedro de Mendoça Furtado, Guarda mór da pessoa delRey, e D. Alvaro de Abranches. Levarão as insignias, principiando pelo mais moderno, D. Antonio Luiz de Menezes, III. Conde de Cantanhede, huma toalha em huma falva ; D. Luiz de Portugal, VI. Conde de Vimioso, o gomil ; Dom Fernão Mascarenhas, I. Conde de Serem, outra toalha em huma falva ; e D. Jeronymo de Ataide, VI. Conde de Atouguia, o gomil, os quaes eraõ para servirem a Infanta, e ao Principe, para que depois, que tocassem, lavassem as mãos ; Joaõ da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras, do Conselho de Estado, Regedor das Justiças, levou a fogaça ; Dom Fernão Mascarenhas, I. Conde da Torre, do Conselho de Estado, a véla com a offerta ; D. Francisco Coutinho, VI. Conde de Redondo, o faleiro, e praticando-se tudo na fórma de semelhantes funções, acompanhou à Infanta a Aya D. Luiza de Menezes, a Guarda mayor, Senhoras de Honor, e Damas. A Rainha esteve na Tribuna vendo todo o tempo, que durou a cerimonia.

Contava

qu
di
ra
ife
de
di
re
qu
qu
gu
de
g
te
fi
n
I
g
C
s:
te
do
ma
co
qu
tr
to
ce
ria

Contava o Infante pouco mais de seis annos, quando ElRey seu pay lhe formou hum Estado digno da sua pessoa, a que chamou *Casa do Infanzado*, ao qual concedeo todos aquelles privilegios, isenções, e prerogativas, que gozava o da Casa de Bragança. Para o que lhe fez Doação da Cidade de Béja, declarando-o Duque daquella Cidade, renovando na sua pessoa esta mesma Dignidade, que tivera seu terceiro avô ElRey D. Manoel, a quem elle succedera na Coroa pelo direito do sangue, querendo nesta acção conservar a memoria daquelle grande Rey, não só na Coroa, que elle gozava, e nos seus descendentes primogenitos; mas tambem a de Duque de Béja, que elle havia possuido antes de succeder no Reyno, que agora nomeava no Infante D. Pedro, para mais com huma Real linha multiplicar os seus descendentes, e segurar nella a conservação, e defensão do Reyno. Com este bem considerado motivo, lhe fez Doação da Cidade de Béja, e seu Termo, e juntamente de todas as Villas, Lugares, Castellos, Padroados, datas, terras, fóros, tributos, com tudo o mais, que se havia confiscado para a Coroa, pela condemnação do Marquez de Villa-Real, e Duque de Caminha seu filho; concedendolhe entre outras prerogativas, que o primogenito do Infante, e todos os mais dos seus successores, logo, que nascessem, se chamassem Duques de Villa-Real, e teriaõ as rendas, e jurisdicção pertencentes à dita Villa.

Prova num. 52.

Prova num. 53.

- Villa. Foy feita esta Doação a 11 de Agosto do anno de 1654. A esta merce se seguirão outras, a saber: a da Quinta de Queluz com as suas pertenças, então confiscada para a Coroa, de que se lhe passou Alvará a 17 de Agosto de 1654. E por humma Carta se lhe mandou assentar a quantia, que lhe pertencia do titulo de Duque, como tinhaõ os demais Duques do Reyno, que venceria da data do dia da Doação acima, a qual Carta foy feita a 7 de Mayo de 1655. E por outra lhe fez merce da Villa de Serpa, seu Termo, e parte dos Celleiros, que foy feita a 16 de Setembro de 1655, e já lhe havia conferido a Dignidade de Commendador mór da Ordem da Cavallaria de Christo, na mesma fôrma, e com as rendas, com que a havia nomeado no Infante Dom Duarte seu irmão, como se vê de hum Alvará passado a 22 de Dezembro de 1654. E porque os possuidores da Casa de Villa-Real alcança-
 raõ por humma Bulla do Papa S. Pio V. passada em Roma no primeiro de Julho do anno de 1556, a faculdade de tirarem certos frutos das Igrejas do seu Padroado, com que formaraõ os Prestimonios, que o Papa lhe concedeo por modo de Beneficios simples, os quaes pertenciaõ de presente ao Infante, lhe concedeo ElRey os conferisse com a Ordem de Christo para ficarem em Commendas na mesma fôrma, que se proviaõ as que pertenciaõ à Serenissima Casa de Bragança, como consta de hum Alvará feito a 22 de Dezembro de 1654. Deulhe tam-
 bem
- Prova num. 54.
- Prova num. 55.
- Prova num. 56.
- Prova num. 57.
- Prova num. 58.
- Prova num. 59.

bem as Lezirias da Golegãa, de Borba, Mouchoens, e Sylveira, sitas por baixo de S. Liborio no Termo de Santarem, de que se lhe passou hum Alvará feito a 3 de Novembro do anno de 1655. E Prova num. 60.
por outro lhe declarou, que podiaõ os Ouvidores das terras da sua Casa prover todas as serventias dos officios de Justiça, assim como o podiaõ fazer os Corregedores das Comarcas, conforme a Ordenaçãõ, e Ley do Reyno: foy feito a 23 de Julho de 1656. Fezhe tambem ElRey seu pay Doaçãõ das Saboarias da Cidade do Porto, Villas, e Lugares das Comarcas de Traz os Montes, e Entre Douro, e Minho, que foy feita a 12 de Outubro de 1656. Prova num. 61.
Depois da morte delRey seu pay, ElRey D. Afonso VI. seu irmão mandou à sua instancia, que os Ouvidores do Ducado de Béja, e Casa de Villa-Real, pudessem passar Cartas de Seguro na mesma fórma, que as passavaõ os da Serenissima Casa de Bragança; foy feito o Alvará a 12 de Fevereiro do anno de 1658: e por outro de 14 de Novembro do dito anno concedeo aos Ouvidores das terras da Casa do Infantado outras prerogativas. Depois Prova num. 62.
lhe fez o mesmo Rey merce por hum Decreto de 20 de Agosto de 1662, de poder mandar tirar todos os annos do Estado do Brasil mil quintaes de pao, chamado *Brasil*, cuja quantia lhe dobrou depois por hum Decreto de 2 de Janeiro de 1665. Confirmou Prova num. 63.
ElRey D. Afonso VI. a Casa do Infantado por huma nova Carta de Padraõ, e Doaçãõ, em que Prova num. 64.
Tom. VII. Hbh en- Prova num. 65.
Prova num. 66.
Prova num. 67.

Prova num. 68.

incorporou a delRey seu pay, e todas as mais merces, que até àquelle tempo se lhe haviaõ feito, tudo de juro, e herdade para sempre, a qual foy passada em Lisboa a 15 de Setembro de 1663. O Infante D. Pedro logrou a Casa do Infantado ainda depois de Rey, e em quanto viveo, a qual augmentou muito em Villas, Lugares, Padroados, e rendas, e fez della Doação ao Infante D. Francisco seu filho, como adiante veremos.

Pela morte delRey seu pay ficou o Infante debaixo da tutela da sábia Rainha D. Luiza, Regente do Reyno, sua mãy, que o amou muito, e elle se soube fazer acreedor de todo o seu carinho. No anno de 1662 vencendo a Rainha as difficuldades, que se lhe oppunhaõ, e já deixamos tocadas no Capitulo antecedente, que a obrigaraõ à resolução de querer largar a Regencia, que entaõ não teve effeito, e vendo, que o Infante havia chegado à idade de quatorze annos, ornado de excellentes virtudes; porque reconhecendo-se nelle valor, e entendimento, se admirava huma docilidade, que a todos se fazia agradável. Pelo que, a Rainha se via justamente obrigada de o apartar, quanto lhe fosse possível, de algumas das pessoas, que indignamente continuavaõ na assistencia da Camera delRey, inculcandolhe indecentes divertimentos, determinou dar casa ao Infante, resolução, que approvaraõ os Ministros de mayor supposição; e assim elegeo para quarto do Infante as casas do Marquez

quez de Castello-Rodrigo sobre o Tejo, no sítio chamado *Corte-Real*, nome, que tomou do appellido do primeiro, que as possuio. E sendo o costume dos antigos Reys de Portugal, quando davaõ Casa separada aos Infantes, nomearem-lhe Officiaes de igual qualidade aos dos Principes, nomeou para seus Gentis-homens da Camera a Martim Affonso de Mello, Conde de S. Lourenço, do Conselho de Estado, e Vêdor da Fazenda da repartição de Africa; a D. João da Costa, Conde de Soure, do Conselho de Guerra, e Presidente do Conselho Ultramarino; Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado, Presidente do Paço, e Estribeiro môr da Rainha; Dom Rodrigo de Menezes, Regedor da Justiça; Jorge de Mello, do Conselho de Guerra, e General das Galés; João Nunes da Cunha, Governador das Armas de Setuval, e Deputado da Junta dos Tres Estados; e para Sumilher da Cortina Rodrigo da Cunha de Saldanha, Chantre da Sé de Lisboa, e por Secretario Antonio de Sousa Tavares, Desembargador do Paço: e porque as molestias de Nicolao Monteiro, Prior de Sedoiteira, o desobrigaraõ do exercicio de Mestre, foy escolhido Francisco Correa de Lacerda.

Foy geralmente approvada a referida eleição, porque as pessoas nomeadas, assim na qualidade, e merecimentos, eraõ as mais capazes do Reyno para a perfeita educação de hum Principe. Estes forã os primeiros criados, que teve o Infante, e

Tom.VII.

Hhh ii

de-

depois por diversos impedimentos lhe deu ElRey outros ; porque o Conde de Soure estava injustamente desterrado , Joaõ Nunes da Cunha Entre Douro , e Minho , o Conde de S. Lourenço , e Ruy de Moura Telles com mais politica , que motivo , tomaraõ o pretexto das suas occupações , ficando só Jorge de Mello. Pelo que foraõ nomeados Gentis-homens da Camera o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes , Pedro Cesar de Menezes , Ruy Fernandes de Almada , Rodrigo de Figueiredo , D. Diogo de Menezes , e Antonio de Miranda Henriques , pessoas nas quaes concorriaõ merecimentos para aquella occupação.

As domesticas dissensoens , e os extraordinarios dissabores , que a Rainha D. Luiza experimentou depois , que ElRey D. Affonso entrou a governar , excedendo a mesma tolerancia , com que as dissimulava a prudencia desta sãbia Heroína , a obriga-
raõ a recolherse no Mosteiro das Agoſtinhas Descalças no anno de 1663 para acabar a vida neste retiro , como já temos referido. O Infante D. Pedro revestido de huma natural modestia , sentia em extremo os dissabores da Rainha sua mãy , que não podia remediar , nem menos os defabrimentos , que experimentava em ElRey seu irmão. Continuavaõ os Gentis-homens da Camera no serviço do Infante , excepto o Conde da Ericeira , que por justo motivo se havia despedido d'elle , quando foy nomeado Simaõ de Vasconcellos , Gentil-homem da

da Camera, e Governador da sua Casa, occupação, que privava quasi totalmente aos Gentis-homens da Camera das suas prerogativas; e assim se foraõ separando do serviço do Infante, Pedro Cefar de Menezes, Jorge de Mello, Rodrigo de Figueiredo, Antonio de Miranda, D. Diogo de Menezes, e Ruy Fernandes de Almada, que foy occupado na Presidencia da Camera, e no seu lugar foy nomeado seu filho Christovão de Almada, e ao mesmo tempo em Secretario do Infante, de que se havia escusado Antonio Cavide, João de Roxas de Azevedo, entãõ Desembargador dos Aggravos, e depois Desembargador do Paço, e Secretario da Assignatura, merecedor de todos os grandes empregos.

Adiantava-se o Infante nos annos, e juntamente no conhecimento, do que convinha à sua consciencia, e à sua reputação para se separar dos escrupulosos divertimentos delRey; e assim sem que faltasse ao respeito, se foy desviando quanto lhe foy possivel da sua assistencia, gastando o tempo proveitosamente na lição da Historia, e no conhecimento pratico das fortificações. Jogava as armas com admiravel destreza; no manejo dos cavallos se havia taõ bizarro, como sciente; frequentava a caça destro, e robusto, e a estas, e a outras louvaveis doutrinas o inclinava a vigilancia, e cuidado de seu Mestre Francisco Correa de Lacerda. E quando estes exemplos poderiaõ servir a ElRey de huma

Ericeira, Portug. Ref-tançado, tom. 2. liv. 9. pag. 597.

humã louvável emulação às virtudes, degeneraraõ em inveja, que se augmentou de forte, que sendo publico o desprazer, cresciaõ as circumstancias do desabrimento; e quando podiaõ ser perigosas as consequencias da Monarchia em tempo taõ delicado, brilhou de forte a modestia do Infante, que conseguiu resistir aos combates de taõ poderosos inimigos, evitando humã fatal ruina, e tirando dos perigos humã immortal Coroa.

No anno de 1666 acompanhou o Infante a ElRey a Salvaterra, aonde tiveraõ a noticia, de que aggravando-se as queixas da Rainha sua mãy, ficava já deplorada, e sem esperanças de vida: neste estado escreveu a seus filhos por ultima despedida, e a Carta, que mandou ao Infante, dizia:

„Filho, o tempo, que me póde durar a vi-
„da, he taõ pouco, que por instantes me vejo aca-
„bar. Sou vossa mãy, e estando de caminho pa-
„ra a sepultura, naõ vos quero deixar sem a minha
„benção. Com ella vos encomendo o temor de
„Deos, e a obediencia de vossõ irmaõ, em que
„vos fica toda a felicidade; e ultimamente, que de-
„pois da minha morte vos lembreis da minha al-
„ma, que tudo deveis ao meu amor. Deos vos
„guarde felices, e dilatados annos. Xabregas 26
„de Fevereiro de 1666.

RAINHA.

Causou ao Infante grande sentimento esta Carta,

ta , augmentando-selhe na dilação , com que desejava partir no mesmo instante a tomar-lhe a benção , o que lhe impedio outros motivos , que ainda acrescentavaõ mais a sua dor , e havendo de lhe responder , mandou por Simão de Vasconcellos , Governador da sua Casa , huma Carta para a Rainha , que he a seguinte :

„ Minha mãy , e Senhora , se em tão poucas
„ regras pudera explicar as ancias , com que fica o
„ meu coração , depois de haver recebido a Carta ,
„ que Vossa Magestade me fez merce escrever , co-
„ nhecera Vossa Magestade o como correspondem
„ as lagrimas exteriores ao sentimento , que a al-
„ ma padece na consideração da falta de huma tão
„ grande mãy , como Vossa Magestade ; e de hum
„ tão obediente filho , como eu sou , se pôde crer ,
„ que pela doutrina de Vossa Magestade não falta-
„ rey nunca no temor de Deos , e na obediencia
„ delRey , meu Senhor. Fio da misericordia Di-
„ vina , que me não castigue tão rigorosamente , e
„ que ha de dilatar a V. Magestade por muitos an-
„ nos a vida , que hey mister. A Real pessoa de
„ V. Magestade guarde Deos como eu mais , que
„ todos desejo. Salvaterra 26 de Fevereiro de 1666.
„ Filho mais obediente de Vossa Magestade.

O INFANTE.

Esta Carta , que chegou juntamente com a delRey , ouvio a Rainha ler com grande ternura ,
conhe-

conhecendo-se huma ancia de ver seus filhos antes de espirar. Os quaes chegaram a tempo, em que já destituída de forças; não lhe pode responder mais, que com os affectos, que se lhe observaraõ nos olhos, e beijandolhe a mão o Infante com copiosas lagrimas, por testemunho do seu amor, se recolheu com ElRey ao Paço. Com a morte da Rainha experimentou o Infante mayor contradicção, seguindo-se a hum pezar outros; porque ElRey dominado dos seus divertimentos, havia entregado o governo ao Conde de Castello-Melhor, que com a morte do Conde de Atouguia, e haver ElRey mandado para o Castello da Feira a Sebastião Cesar de Menezes, ficou o Conde de Castello-Melhor com absoluto dominio na Monarchia, e desembaraçado de toda a controversia, e para se livrar do cuidado, que o Infante lhe poderia causar, pois via, que se adiantava nas virtudes, entendeo, que o segurava com a assistencia de seu irmão Simão de Vasconcellos, a quem o Infante estimava; porém em breve tempo conheceo o seu engano, porque o Infante vendo-se com poucos criados ao tempo, que se esperava a Rainha, pediu licença a ElRey para nomear Gentis-homens da Camera, a qual lhe concedeo, e assim nomeou a Dom Luiz da Sylveira, Conde de Sarzedas; a Miguel Carlos de Tavora, (depois Conde de S. Vicente) General da Artilharia da Provincia de Traz os Montes; a D. Vasco Lobo, Conde de Oriola, e Barão de Alvito; e a D. Lou-

L
pa
e l
me
m
de
da
Pr
di:
Pa
tar
ab
ra
al
di
fa
d
e
C
Pr
Vi
Re

R:
me
ha
Gi
ao
a f

Lourenço de Lencastre. Publicada a nomeação, passou o Infante à Camera delRey a agradecerlha, e lhe respondeo, que tinha motivos para dilatarlha, mas que lhe concedia a nomeação dos dous ultimos, o que o Infante não aceitou, sem lhe conceder a dos outros dous. Sentio o Infante esta novidade, e sem mostrar perturbação alguma sahio da presença delRey, a quem com a noticia, que no dia seguinte chegara de haver a Rainha partido de Pariz, tornou com novo motivo a fazer nova instancia a ElRey, que lhe respondeo com tanto desabrimento, que o Infante se vio precisado a separar-se (sóra das funções publicas) totalmente da sua assistencia, e deste seu retiro se levantaraõ novas dissensões; porque se espalhou no povo, que o Infante pertendia, revestido de modestia, e affabilidade, ganhar os animos dos mal satisfeitos da condição delRey, e excessos do seu governo; e diz o Conde da Ericeira, que este temor veyo a ser a primeira disposição, que tiveraõ os espiritos dos Varoens esclarecidos, e prudentes a livrarem o Reyno do precipicio, a que caminhava.

Ericeira, Portug. Ref-tor. liv. 12. pag. 822. Passarel, De Ello Lusitano, lib. 10. p. 450.

Neste tempo chegou ao porto de Lisboa a Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, como deixámos referido no Capitulo antecedente; e havendo de voltar a Armada de França, de que era General o Marquez de Ruigni, pediu audiencia ao Infante para lhe fallar, e despedir-se. Achava-se a sua Casa sem mais criados, que D. Rodrigo de

Menezes, porque naquella tempo haviaõ adoeci-do Simaõ de Vasconcellos, e Christovaõ de Alma-da : pelo que mandou ElRey a alguns Grandes, que assistissem na casa, em que o Infante dava au-diencia ao General. Acabada esta funcão, mandou o Infante ao seu Secretario Joaõ de Roxas de Aze-vedo, dissesse ao Conde de Castello-Melhor, que representasse a ElRey, lhe permittisse poderem as-sistir no seu serviço os Gentis-homens da Camera, que havia nomeado; porque era contra o seu decó-ro, que faltandolhe criados proprios, ficar depen-dente dos que o naõ eraõ, para lhe assistirem nas funcões publicas.

Descuidou-se o Conde de Castello-Melhor de fazer a diligencia, de que o Infante se deu por mal satisfeito; porque quando o fez foy inutilmente, pois havendo-se encontrado o Infante com ElRey na praya da Junqueira a tempo, que naõ havia pre-cedido a diligencia, de que tinha encarregado ao Conde de Castello-Melhor, lhe disse ElRey seve-ro, que pois tinha dado em ser teimoso, que elle tambem estava determinado em teimar. O Infan-te lhe respondeo, que naõ havia dado causa algu-ma para aquella proposição, nem podia entender pudes-se nascer mais, que da instancia, que havia fei-to para se servir dos criados, que havia nomeado com permissaõ de Sua Magestade; e que sendo taõ benemeritos, como todos reconheciaõ, privallo da assistencia delles, naõ podia ter outra causa, do
que

que a de o desgostarem , e que sem criados não podia assistir na Corte com aquelle decóro , que era justo : pelo que pedia licença a Sua Magestade para se retirar della. ElRey lhe respondeo, que elle o não mandava sahir da Corte, mas que se quizesse , o podia fazer. Beijoulhe o Infante a mão com a resolução de se recolher à Quinta de Queluz tanto , que passasse a entrada publica dos Reys na Corte , entendendo prudentemente , que seria justamente notado se faltasse a assistir a ElRey em quanto estava com a Rainha em Alcantara. Dila-
tou-se o Infante, e ElRey motejando a sua dilação, lhe disse por varias vezes, como não havia partido, a quem respondeo com modestia, que a causa era sómente por não faltar à obrigação de acompanhar a Sua Magestade no dia, que entrasse em Lisboa. Não pezava ElRey as graves consequencias , que se podiaõ seguir dos pezares , que dava ao Infante, o qual sentia interiormente tudo quanto podia, ainda que algumas vezes desaffogava o seu sentimento.

Passava hum dia o Infante da Quinta, em que estava, para a delRey, em hum coche, em que o acompanhava D. Rodrigo de Menezes, e Simão de Vasconcellos, e disse, que estava persuadido, de que em todo o desabrimento , que reconhecia em ElRey , era comprehendido o Conde de Castello-Melhor, porque os affectos naturaes delRey erão a seu favor, antes de communicados ; e depois

todas as resoluções eraõ contrarias: pelo que folgaria, que Simaõ de Vasconcellos dissesse a seu irmão, que puzesse cuidado em emendar tantos desacertos, porque o naõ precisassem a tomar outra resolução. Simaõ de Vasconcellos, que era de natural arrebatado, quando devia brandamente moderar o dislabor do Infante, atalhando as consequências, que poderiaõ seguirse, lhe disse, que visto Sua Alteza fazer taõ contrario conceito, do que seu irmão merecia, se achava obrigado a despedirse do seu serviço. O Infante revestido de prudencia lhe respondeo, que o advertia lhe naõ tornasse a fallar por aquelles termos. Porém cego da paixãõ replicou, que estava firme na resolução, que proferia. O Infante lhe disse, que a considerasse bem, para o que lhe dava de prazo o tempo, que se detivesse no Paço, e que se o naõ achasse moderado, como esperava, que estivesse certo, que a porta, que tantas vezes achara franca para entrar, havia de experimentar cerrada para sempre. E quando eraõ bastantes para moderar a colera de Simaõ de Vasconcellos as prudentes palavras, com que o Infante pertendeo modificalla, levado della, naõ esperou, que o Infante voltasse para o acompanhar até o coche, e depois de haver aquelle entrado nelle, lhe ordenou tomasse o seu lugar, e escusando-se de lhe obedecer, instou o Infante, e naõ se persuadindo, mandou andar o coche com firme resolução de o naõ admittir mais ao seu serviço, para o que se naõ

naõ deixou vencer das diversas diligencias, que depois se fizeraõ para o obrigarem a mudar de resolução, com grande sentimento do Conde de Castello-Melhor, que bem via, que a colera de seu irmão era a primeira porta, por onde entrava a desgraça, abatendo a sua fortuna; pois tinha por infallivel, que o Infante naõ havia de despedir a Simaõ de Vasconcellos sem causa justificada, e que em quanto elle continuasse na sua assistencia, raras seriaõ as pessoas, que se resolvessem a tratar com o Infante cousa alguma, que naõ fosse a favor do Conde, o qual depois de ter tentado todos os caminhos para moderar o Infante, tomou a resolução de lhe fallar, buscando o pretexto de lhe communicar alguns negocios politicos. Assim foy huma tarde à Quinta buscar ao Infante, e depois de huma larga oração, em que referio os serviços, que havia feito ao Reyno, e os que particularmente fizera ao Infante, concluiu, pedindolhe fosse servido de se persuadir da sua sincera justificação, admittindo-o na sua graça, e no seu serviço a Simaõ de Vasconcellos. O Infante lhe respondeo, referindo, que as repetidas semrazoens, que tinha experimentado em ElRey, tinhaõ sido o motivo do seu justo escandalo, e que se elle conhecera o industriofo author daquella zizania, com a vida lhe fizera pagar os seus atrevidos desconcertos; porém se o Conde se pertendia justificar no que lhe havia relatado, na sua mão tinha o remedio, moderando as acções delRey, governa-

vernadas conhecidamente pela sua direcção ; e que conseguida na experiencia a sua diligencia , d aquelle ponto se esqueceria totalmente de tudo o que havia passado , dando-o inteiramente por justificado , e que para então reservava responderlhe sobre tornar a admitir ao seu serviço a Simão de Vasconcellos.

Naõ tirou o Infante fructo algum desta pratica , porque naõ experimentou mudança alguma no trato delRey , motivo , que lhe augmentou o escandalo , e o sentimento. Naõ achou então o Conde inconveniente em o Infante se apartar da Corte , como depois conheceo ; e assim naõ lhe embaraçou a partida , como pudera. Sahio o Infante da Corte-Real para Quéluz acompanhado sómente de Dom Rodrigo de Menezes , e da familia inferior ; porque Christofoão de Almada estava mal convalecido de huma queixa , que padecera , e Simão de Vasconcellos se havia separado do exercicio de Gentil-homem da Camera. Tanto , que na Corte se espalhou a noticia da ausencia do Infante , passaram a Quéluz aquelles mesmos , que sem attenção a dependencias , costumavaõ assistirhe na Corte-Real. Causou esta novidade perturbação no Reyno , e nos Castelhanos , que estavaõ prisioneiros , huma alegre esperanza , de que por huma guerra civil poderiaõ conseguir pelos mesmos Portuguezes , o que em vinte e seis annos naõ puderaõ alcançar as suas armas.

O Con-

O Conde de Castello-Melhor conhecendo na deliberação do Infante o perigo , que ao principio desprezara , entrou em justo cuidado , como quem reconhecia tambem a incapacidade delRey ; e ponderando maduramente a delicadeza da materia , buscou todos os caminhos para persuadir ao Infante voltasse para a Corte , e com effeito valendo-se de huma opportuna occasião , que se lhe offereceo na queixa da Rainha , conseguiu por ella , que o Infante ficasse na Corte , ao menos o tempo , que lhe durasse a molestia , como já deixamos referido. Nos dias , que o Infante se deteve , crescerão as negociações , e ultimamente se lhe propoz , que para se desvanecer o principio da desconfiança da falta , com que se achava de Gentis-homens , que contentando-se com quatro , os poderia nomear , não entrando nelles o Conde de Sarzedas , e Miguel Carlos de Tavora. Este meyo pareceo difficuloso ao Infante , porque tinha empenhado a sua palavra na nomeação dos primeiros Gentis-homens , dignos por virtudes , e grande qualidade de toda a attenção ; porém ponderando as consequencias , que se seguiaõ da separação , em que estava delRey , que todas resultariaõ em damno da Monarchia ; porque já constava , que os Castelhanos punhaõ toda a diligencia em fomentar a discórdia , superando todos os embaraços com beneplacito dos mesmos excluidos , nomeou para seus Gentis-homens da Camera a Luiz Alvares de Tavora , Conde

de de S. Joaõ ; a D. Joaõ Mascarenhas , Conde da Torre ; a Luiz da Sylva Tello , Conde de Aveiras , e Regedor das Justças ; e a Manoel Telles da Sylva , Conde de Villar-Mayor. Não foy do agrado del-Rey esta eleição , nem dos Ministros , que familiarmente lhe assistiaõ ; mas por se evitar outros novos inconvenientes , ficou approvada por ElRey , e evol-tou o Infante para o Paço da Corte-Real com geral satisfação da Corte , e do Reyno , mandando-se suspender as prevenções , que se haviaõ mandado fazer na Villa de Almada , onde determinava passar o Inverno. No dia seguinte , em que entraraõ os Gentis-homens da Camera , se despedio do serviço do Infante Christovão de Almada , que era muy parente do Conde de Castello-Melhor , com termos taõ cortezãos , e pretextos taõ decorosos , que o Infante os louvou , confessando o muito , que sempre se dera por satisfeito da sua assistencia , pelo amor , e zelo , e acerto , com que o servira ; o que acreditou depois no serviço das Rainhas D. Maria Francisca , e D. Maria Sofia , logrando nas assistencias do Paço , as acclamações de singular Cortezaõ.

Não durou muito esta serenidade , porque foy alterada logo com novas desconfianças , pois a aver-saõ , que ElRey mostrava ao Infante , era já publica , ainda que este a dissimulava com rara prudencia , e ao mesmo tempo cresciaõ as defordens , de sorte , que chegaraõ a violar o soberano respeito da Rainha , não só em domesticos dissabores , mas
ainda

ainda na imprudente inadvertencia , com que o Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo se houve com a sua Real pessoa , fallandolhe com desconcertadas vozes , e pertendendo-a deter quando não o querendo ouvir , lhe voltou as costas , o que com escandalo universal se sentio , e mais quando se determinou satisfazer à queixa da Rainha com se mandar abster a Antonio de Sousa do officio de Secretario por poucos dias para logo tornar ao exercicio da sua occupação. Fazendo-se ainda mais sensível entre tantas desordens , ver o quanto se augmentavaõ , o que o Infante pertendeo atalhar pelo modo mais suave , livrando o Reyno dos eminentes perigos , a que por outro modo ficava exposto.

Eraõ grandes as desordens , e já passavaõ a escandalo universal , de forte , que o Infante estimulando daquelle excessõ , e de outros , que se haviaõ executado contra o decóro da sua pessoa , e o risco a que estava exposto o Reyno , que taõ vigorosamente havia sido combatido de seus inimigos , se determinou depois de ter louvavelmente soffrido a irregularidade do humor , que dominava o animo inconstante , fogoso , e colerico delRey , a livrar a patria do precipicio , a que caminhava. Communicou a resolução , em que estava , aos Gentis-homens da sua Camera , a seu Mestre Francisco Correa de Lacerda , ao seu Secretario João de Roxas de Azevedo , que ajustaraõ se communicasse ao Marquez

de Marialva , ao Conde de Villa-Flor , ao Conde de Sarzedas , a Miguel Carlos de Tavora , Luiz de Mendoça Furtado , Francisco Correa da Sylva , e D. João da Sylva , e estes a seus amigos , e parentes , e ao mesmo tempo a Dom Luiz de Menezes , que se achava desterrado na Villa de Santarem por esta causa , donde logo veyo occulto a casa de D. João da Sylva , participando-se ao Duque de Cadaval , que havia poucos dias tinha chegado da Praça de Almeida , onde injustamente tinha estado desterrado ; e todos os referidos , e outros muitos se foram unindo à justa resolução do Infante , dispondo-se a fórma de se executar com o segredo , que necessitava materia tão grave. Com tudo não foram estas disposições tão occultas , que não chegassem , ainda que confusamente , à noticia do Conde de Castello-Melhor , que persuadindo-se ser elle o alvo , contra quem se movia toda aquella machina , se resolveo a armar o Paço com todas as chamadas patrulhas delRey , dobrar as guardas , e ter prompta a Cavallaria nos quarteis. Estas demonstrações , não occultas , escandalizaram de sorte o animo do Infante , que fazendo aviso aos Fidalgos já nomeados , e de mais ao Conde de Villa-Verde , achando-se todos na Corte-Real , se resolveo fazer por escrito huma larga proposta a ElRey , que continha o seu sentimento em ver se armava o Paço , novidade já mais vista até aquelle tempo em Portugal , e resolução , que o deixara muy confuso , por se

se lhe não participar o motivo ; mas que recorrendo aos antecedentes , já executados contra o seu respeito , entendia não haverem nascido das resoluções de Sua Magestade ; e assim estava no inteiro conhecimento , de que aquella demonstração tão arrojada fora effeito do mesmo author das machinas antecedentes , que elle havia desprezado ; e com outras razoes reverentes concluía , que prostrado aos Reaes pés de Sua Magestade , a quem respeitava como Rey , e amava como irmão , lhe rogava quizesse apartar da sua assistencia ao Conde de Castello-Melhor , ao qual como a primeiro Ministro devia attribuir aquella tão desusada novidade , executando nelle hum exemplar castigo , com que ficasse satisfeita a culpa commettida contra o seu decóro : e que succedendo , o que elle não esperava , não deferir Sua Magestade a tão justa supplica , se veria precisado a tomar a resolução de passar a Reynos estranhos.

Mandou o Infante aquelle papel por João de Roxas seu Secretario , que o entregou a ElRey , o qual sem o ver , o deu ao Conde de Castello-Melhor , e juntando-se o Conselho de Estado na presença delRey , e da Rainha , se procurou moderar o Infante com se lhe mandar dizer pelo Marquez de Marialva , que por justas razoes ElRey mandara armar o Paço , e dobrar as guardas , e que o Marquez procurasse modo de ver se o Infante admittiria a demonstração de o Conde de Castello-

Toma.VII.

Kkk ii

Me.

Melhor ir beijarihe a mão, e deitar-se aos seus pés, para que constando ao Mundo aquella submissão do Conde, ficasse dissipada a queixa do Infante, e justificado o procedimento do Conde. Aceitou o Marquez a commissão, de que nada conseguiu; porque o Infante justamente mostrou, que a sua queixa pedia outro genero de satisfação, da que se lhe insinuava, com tanta constancia, que accrescentou em ElRey o receyo, e no Conde de Castello-Melhor mayor cuidado na desgraça, que o ameaçava.

Portugal Restaurado,
tom. 2. liv. 12. p. 868.

O Infante vendo, que não era a todos manifestada a razão do seu sentimento, se delibou a dar conta aos Tribunaes, ao Senado da Camera, e Casa dos Vinte e Quatro, manifestandolhe as justificadas razões da sua queixa, e de tudo quanto havia representado a ElRey; e no mesmo dia, que foram estes papeis, mandou recado aos Conselheiros de Estado, e mais Nobreza, que lhe fossem falar, e a todos os que chegaraõ à sua presença, informou individualmente de tudo o que havia passado. Chegou à noticia delRey o caminho, que o Infante tomara de satisfazer à Corte, e ao Reyno todo do seu justificado procedimento, e ordenou ao Marquez de Marialva, ao Marquez de Sande, e Ruy de Moura Telles, que da sua parte dissessem ao Infante, que tanto, que lhe manifestasse a pessoa, que conspirava contra a sua vida, sem dilação a mandaria juridicamente examinar, e que se-
ria

ria logo castigado o delinquente, ou convencido o delator de faliario; e que era razaõ, que entendesse o quanto convinha à conservaçãõ do Reyno a sociedade de ambos. O Infante reconhecendo as dissimulações daquellas propostas concluiu, que não podia haver razaõ para se tratarem materias tão graves, permanecendo o Conde de Castello-Melhor no lugar, que occupava de primeiro Ministro, sendo já notorio, que se constituia parte, porque do seu poder eraõ todos dependentes para a liberdade, dos que houvessem de ser Juizes naquella materia, sem o soborno da dependencia.

Não conseguido o fim daquelle meyo, nem de outros, que entãõ se tomaraõ, para que ElRey separasse da sua assistencia ao Conde de Castello-Melhor, chegando a declarar, que aquelle pleito do Infante era seu, e não do Conde, prohibio a muitos Fidalgos a assistencia do Infante, e já dominado da colera mandou chamar o Juiz, e Escrivaõ do Povo, a quem notificou o que havia resolutio. Ao mesmo tempo se despacharaõ proprios a todos os Governadores das Armas, a quem ElRey escreveu a resoluçãõ, que havia tomado, e com especialidade ao Conde de S. Joãõ, ordenandolhe, que não se apartasse da sua Provincia sem expressã ordem sua. E mandando participar ao Infante a referida resoluçãõ, a qual communicou, aos que mais familiarmente lhe assistiaõ, com admiravel constancia, e valor invencivel, respondendo

pondeo a ElRey, o que contém o papel seguinte:

SENHOR.

„Pelos Confelheiros de Eftado, o Marquez
„de Marialva, o Marquez de Sande, e Ruy de
„Moura Telles, foy V. Mageftade fervido man-
„dar-me dizer, que tinha refoluto, que o Conde
„de Castello-Melhor não fahiffe defta Corte para
„o fim de fe apurar a verdade das minhas queixas,
„fundando-fe Voffa Mageftade nos pareceres dos
„Letrados, que foy fervido mandar consultar, cu-
„jos votos me trouxeraõ, dizendome juntamente,
„que Voffa Mageftade me ordenava, que me re-
„folvesse a responder logo, por quanto o Reyno
„não podia eftar na perturbação, em que fe acha-
„va; e reconhecendo, que fou obrigado a me ac-
„commodar com a refolução de Voffa Mageftade,
„como fiz em todas as minhas acções, parece que
„fempre me fica falva a liberdade para pedir a V.
„Mageftade com todas as veras feja fervido tornar
„a mandar pezar esta materia, pois fendo licito em
„negocio de menor importancia, quanto mais o fe-
„rá neste, cujas conſeſquencias levaõ inſallivelmen-
„te a perder hum unico Infante, irmão, e fideliffi-
„mo Vaffallo de Voffa Mageftade? E inſiro defta
„refolução, que o intento, a que ſe encaminha,
„he averiguarſe a minha queixa com maõ armada,
„querendo-fe com a violencia amedrentar os ani-
„mos,

„mos, e disputar-se huma materia Civil, em que
„se entrou a votar com exquisitas diligencias ante-
„cedentes a som de tambores, e trombetas, vendo-
„se no congresso a minha proposição tão apressada-
„mente, que alguns, dos que votaraõ, a não per-
„ceberaõ, como se vê das declarações, que depois
„fizeraõ; e os que votaraõ a favor do Conde de
„Castello-Melhor, tomaraõ fundamentos contra a
„verdade, do que eu pedia, e contra o effeito,
„que de o conseguir resultava; porque nem eu pe-
„dia, que o Conde se desterrasse, nem de se apar-
„tar por alguns dias da assistencia de Vossa Magestade,
„como eu procurava, se lhe seguia perigo
„na honra, e neste sentido ficava satisfeita a justi-
„ça; porque se acaço se provasse a sua culpa, justo
„era, que perdesse honra, e vida; e quando se não
„averiguasse, tornaria para o si u lugar muito mais
„acreditado, do que se apartara delle: o que sup-
„posto parece, que com pressa, e perturbação se
„consideraraõ os fundamentos de tão grave nego-
„cio; e deve-se inferir, que melhor o penetraraõ os
„Doutores Martim Affonso de Mello, João de
„Roxas de Azevedo, e Pedro Fernandes Montei-
„ro, mostrando este ultimo com a pratica de vin-
„te e sete annos, que tratou o crime de Magesta-
„de offendida, o exemplo de Francisco de Luce-
„na, que bastaraõ as queixas de alguns Fidalgos
„particulares para ser posto em custodia em huma
„prizaõ; e resolve-se agora, que não basta a mi-
„nha

„nha queixa para que o Conde se retire das suas
„occupações por alguns dias, deixando por defen-
„sor da sua innocencia não menos, que o favor,
„e grandeza de Vossa Magestade, e a seus Reaes
„lados seus parentes, confidentes, e feitoras, cujo
„numero accrescentou neste mesmo tempo a per-
„turbação publica, achando, que era melhor ficar
„com a nota, de que se desviava da averiguação,
„que por se em hum perigo da prova, e contéguido,
„que Vossa Magestade declarasse ser a sua causa
„particular, propria de Vossa Magestade, sendo
„eu o contendor queixoso; mostrando Vossa Ma-
„gestade nesta resolução, que são os interesses do
„Conde inseparaveis da Coroa, ainda a respeito
„meu, unico Infante, e hoje immediato successor
„de Vossa Magestade em quanto à successão, que
„espero ha Vossa Magestade de conseguir o não
„alterar, e crescendo de sorte o favor, que Vossa
„Magestade lhe faz, que sóbio a prohibir V. Ma-
„gestade, que não viessem assistirme aquelles Fi-
„dalgos, que o costumavaõ fazer, armando-se,
„com nota de minha pessoa, e de toda a Nobreza,
„o Paço, e Corte com Cavallaria, e Infantaria,
„justificando-se agora aquella minha primeira quei-
„xa, que posto, que Vossa Magestade entendesse
„fora outra a causa, verifica o successo, que aquel-
„le seria o pretexto, com que Vossa Magestade
„fora persuadido; pois com evidencia se alcança,
„que são contra mim as armas, que se preparaõ;
„por.

„ porque, ou eu sou author, e causa de motim, ou
„ entro no perigo delle? Se o primeiro; contra mim
„ se tomaõ as armas: se o segundo; eu sou huma
„ das pessoas Reaes, a quem se havia defender, por
„ cuja causa devia Vossa Magestade mandarme cha-
„ mar para me advertir, que me segurasse do peri-
„ go, que nos ameaçava, e para me mandar, que
„ fosse o primeiro, que assistisse à defensão da Casa
„ Real, e a este passo se me devia dar parte, de
„ que por crescer o receyo, se accrescentaõ as pre-
„ venções no augmento das armas, e como todo o
„ procedimento deste successo tem sido taõ con-
„ trario, venho claramente a conhecer, que todo
„ este ruidoso estrondo das armas he contra mim, e
„ que por minha causa à vista da Nobreza, e Povo
„ deste Reyno se atemoriza, e perturba o estado
„ politico, para que se não obre com o juizo livre
„ em huma causa, em que he parte hum irmão de
„ Vossa Magestade: porém, Senhor, a fortuna des-
„ te titulo, e o alento deste sangue me fazem des-
„ prezar as armas, que me ameaçaõ, e sendo taõ
„ estimavel, rasgara as veas para o esgotar, senaõ
„ correspondesse às obrigações, com que nasci, pa-
„ ra imitar os Reys progenitores de Vossa Mage-
„ stade; e por conclusaõ torno com todo o devido
„ respeito assegurar a Vossa Magestade, que se V.
„ Magestade for servido resolver, que se me negue
„ o que tenho proposto, que sem falta alguma bus-
„ carey em domicilio alheyo a igualdade da justiça,

Tom.VII.

LII

„ que

„que me falta na Patria propria, onde ao menos
 „terey segura a minha vida, a dos meus criados,
 „e a das mais pessoas, que generosamente pertem-
 „dem acompanhar-me, e terey por premio desem-
 „baraçar o Reyno, e Vassallos de Vossa Magestade da perturbação, que padecem.

Manifesta a resolução do Infante sahir da Corte, se della não separassẽ ao Conde de Castello-Melhor, se introduzio na Nobreza, e Povo hum bem fundado zelo de atalhar os inevitaveis damnos, que se poderiaõ seguir, o que obrigou a ElRey a escreverlhe huma Carta, supposto, que chea de expressoens muy affectuosas, não lhe offerecia partido algum, que pudesse suavisar a resolução, que tinha determinado. Esta demonstração fez de novo conhecer ao Infante serem escusadas todas as diligencias, e assim respondeo a ElRey com o ultimo desengano da sua partida. Nesta grande confusão se achava a Corte no anno de 1667, e ao mesmo tempo embaraçado todo o Reyno, quando o Conde de Castello-Melhor com resolução admiravel, e a todas as luzes grande, se determinou a sacrificar os interesses proprios pela saude da Patria, cedendo às proposições do Infante, persuadido das prudentissimas negociações da Rainha, que era dotada de grandes virtudes, e de sublime talento; e querendo atalhar as terriveis consequencias, que ameaçavaõ ao Reyno com a ausencia do Infante, lhe mandou dizer pelo seu Confessor o Padre Francis-
co

co de Ville, da Companhia de Jesus, que antes de pôr em execução a sua jornada, ella desejava satisfazer com a sua mediação as suas justas queixas. O Infante com admiravel respeito respondeu o quam prompto estava para obedecer a Sua Magestade; e assim se effeitvou o negocio, sahindo o Conde de Castello-Melhor da Corte, e em pouco tempo incognito do Reyno, que havia governado com grande fortuna, e acerto, acreditando depois nas Cortes Estrangeiras, onde residio, o seu admiravel talento, e amor da Patria.

Pertendeo o Infante congratarse com ElRey apartandolhe todo o receyo, e desconfiança, que se lhe havia introduzido; porém por mayores, que foraõ as diligencias, que o Infante fez, todas sahiraõ baldadas; porque ElRey inspirado dos que o dominavaõ, faltava ao reconhecimento do carinho, e submissão, com que o Infante o respeitava; de sorte, que considerado com maduro conselho o estado, em que se achava o Reyno com a incapacidade natural delRey, havendo-se já retirado a Rainha para o Mosteiro da Esperança, e convencido o Infante de taõ justificados motivos, se resolveo a libertar a Patria da oppressão, que padecia, depois de haver ElRey feito desistencia do Reyno na pessoa do Infante. Deu este principio ao seu governo por hum Decreto, que mandou aos Tribunaes, *Prova num. 69.* que he hum Manifesto da sua recta intenção, e hum admiravel prova do justificado motivo de se en-

carregar da Regencia do Reyno, em quanto as Cortes não tomassem assento no modo do governo. Foy passado a 24 de Novembro de 1667.

Convocaraõ-se Cortes, em que o Infante foy jurado Principe, e successor da Coroa na tarde de 27 de Janeiro de 1668, na qual baixou do seu quarto acompanhado dos Officiaes da Casa, e dos Grandes, e Titulos do Reyno, vestido de pinhella negra guarnecida de rendas de ouro, e por cima outras negras, chapeo negro com duas rosas de renda de ouro, volta Franceza, e punhos com rendas bordadas, e no peito o habito de Christo de diamantes prezo de fitas negras, e encarnadas, espada dourada, e meyas negras. Hia diante o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, do Conselho de Estado, fazendo o officio de Condestavel destes Reynos, e logo se seguia o Mordomo môr D. Joaõ da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, e Presidente do Desembargo do Paço, e adiante D. Joaõ Mascarenhas, Conde de Sabugal, que fazia o officio de Meirinho môr, continuando-se assim os Officiaes da Casa com as insignias dos seus cargos, e entre elles vinhaõ os Grandes do Reyno sem precedencia, todos vestidos com custosas galas, collares, e cadeas ricas, e descobertos, como he costume em semelhantes autos. A traz de Sua Alteza hia o Conde de S. Joaõ Luiz Alvares de Tavora, Gentil-homem da sua Camera, e do Conselho de Guerra, que estava de
sema-

Auro do Jurament. Imp.
presso em 1669.

semana, e fez o officio de Camereiro môr, e Dom Francisco de Sottomayor, Bispo de Targa, o de Capellaô môr, e os Sumilheres da Cortina. Sentado Sua Alteza, se poz à sua mão direita na ponta do estrado pequeno o Duque de Cadaval, que fazia o officio de Condestavel, e de traz da cadeira o Conde de S. Joaõ, que fazia o officio de Camereiro môr, e da parte esquerda o Mordomo môr com a sua insignia na mão, e logo mais abaixo o Meirinho môr, e no meyo do estrado hum pouco para a parte esquerda o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, do Conselho de Sua Magestade. E tendo todos tomado os lugares, que lhe competiaõ, depois de fazer a falla D. Manoel de Noronha, Prior môr da Ordem de Santiago, Bispo eleito de Viseo, leu o Secretario de Estado a fórmula do juramento, que he a seguinte:

„Juramos aos Santos Euangelhos corporal-
„mente com nossas mãos tocados, e declaramos,
„que reconhecemos, e recebemos por nosso verda-
„deiro, e natural Principe, e Senhor, ao muito al-
„to, e muito excellente Principe D. Pedro, filho
„legitimo delRey D. Joaõ IV. e da Rainha D.
„Iuiza sua mulher, e irmão do muito alto, e mui-
„to poderoso Rey D. Affonso VI. nosso Senhor,
„seu verdadeiro, e natural successor na Coroa des-
„tes Reynos, e como seus verdadeiros, e natu-
„raes subditos, e Vassallos, que somos, lhe faze-
„mos pleito, e homenagem, e promettemos, que
„depois

„depois dos dias de Sua Magestade, falecendo sem
 „filhos legitimos o reconheceremos, e receberemos
 „por nosso verdadeiro, e natural Rey, e Senhor
 „destes Reynos de Portugal, e dos Algarves, da-
 „quem, e dalém, mar em Africa, Senhor de Gui-
 „né, e da Conquista, Navegação, Commercio de
 „Ethiopia, Arabia, Persia, e India, &c. e lhe obe-
 „deceremos em tudo, e por tudo, e a seus man-
 „dados, e juizos no alto, e baixo, e faremos por
 „elle guerra, e manteremos paz a quem nos man-
 „dar, e não obedeceremos, nem reconheceremos
 „outro algum Rey, salvo a elle, e tudo o sobre-
 „dito juramos a Deos, e a esta Cruz, e aos Santos
 „Euangelhos, em que corporalmente pomos nossas
 „mãos, de assim tudo, e por tudo o guardar, e em
 „fmal da submissão, e obediencia, e reconhecimen-
 „to do dito Senhorio Real beijamos a mão a Sua
 „Alteza, que está presente.”

Entraraõ os Tres Estados do Reyno a dar principio aos congressõs, propondo ao Principe sublimallo ao Throno pela notoria incapacidade de seu irmão; mas foy tal a sua modestia, que recusou o coroar-se Rey, não se deixando persuadir das repetidas instancias, com que as Cortes, em nome de todo o Reyno, lho pediraõ, não admittindo mais, que ser Governador do Reyno, e assim sendo já Principe: depois se determinou a tarde de 9 de Junho de 1668 em hum Sabbado, na qual os Tres Estados do Reyno fizeraõ o Juramento de Regem-

Auto do Juramento do
 Regente o Principe D.
 Pedro, impresso em
 1669.

Regente, e Governador destes Reynos, não querendo usar de outro Titulo em quanto viveo ElRey seu irmão, sem embargo das vivas instancias, que depois se lhe fizeram nas Cortes do anno de 1674, em que constantemente o recusou.

Havia-se neste mesmo anno de 1668 proferido a sentença do divórcio entre a Rainha D. Maria Francisca de Saboya, e ElRey D. Affonso VI. como já dissemos, e vendo-se a Rainha desembaraçada dos laços do matrimonio, mandou declarar aos Tres Estados do Reyno, que em virtude da sentença dada a seu favor, estava resoluta sem dilação voltar para França, o que não podia pôr em execução, sem ser entregue da restituição do seu dote, e que reconhecendo a inteireza das Leys, e equidade dos Portuguezes, esperava se lhe fizesse sem demora a entrega. Quando a Rainha se recolheu no Mosteiro da Esperança, e principiou a causa do seu divórcio, mandou a França a Luiz de Verju, que assistia em Lisboa com o titulo de Enviado do Duque de Vandôme, para informar naquella Corte a ElRey, e a seus parentes das justificadas acções do seu procedimento, e com a certeza, com que se achava de ter a seu favor a sentença do divórcio, a qual tanto, que foy proferida, a mandou pela posta, e referindo, que muito tempo antes de ella tomar a resolução referida, era notoria a incapacidade delRey.

Mandou-se entregar em cada hum dos Tres
Esta-

Estados do Reyno, que estavam juntos em Cortes, o papel da Rainha com a copia da sentença dada a seu favor na separação do matrimonio. Uniformemente se entende, que convinha à conservação do Reyno, o celebrar-se o casamento do Principe com a Rainha, não só pelas grandes virtudes, que nella resplandecia, mas por se conseguir com mayor brevidade, sendo a sua Real pessoa a unica esperança da successão do Reyno, e tambem pela difficuldade, que se considerava em restituir com brevidade à Rainha o seu dote, que se havia dispendido nas guerras antecedentes; e assim depois de dilatadas conferencias, em que maduramente se consideraraõ todos os motivos, porque convinha este matrimonio ao Principe, fez cada hum dos tres braços dos Estados do Reyno a sua consulta ao Principe, em que ultimamente lhe pediaõ com grande efficacia se quizesse accommodar ao commum consentimento dos seus Vassallos, e ao mesmo tempo o Senado da Camera fez igual representação. O Principe depois de ver as propostas, que lhe haviaõ feito, e fazer encommendar a Deos fervorosamente por pessoas de vida exemplar o acerto daquella resolução, ouvindo o parecer dos homens mais doutos, dos Ministros mais interessados no bem da Monarchia, e do Conselho de Estado, se conformou com o seu parecer, dizendo, que estava prompto para executar o que fosse mais do serviço de Deos, e utilidade do Reyno, precedendo

dendo a vontade da Rainha, a quem os Tres Estados, tanto que tiveraõ a reposta do Principe, representaraõ o desejo universal de todo o Reyno, e o quanto estimariaõ de a ter por Senhora; e ella depois de ter feito encommendar a Deos este negocio, que ponderou com a prudencia, de que era largamente dotada, respondeo, que obrigada do affecto, que devia aos Portuguezes, e das razoes politicas, que lhe representaraõ da conservaçaõ do Reyno, se ajustaria ao que parecesse mais justificando, e de mayor utilidade ao bem commum. Com a resoluçaõ da vontade dos Principes, e geral contentamento de todos os Vassallos, se determinou se fizesse o Tratado deste matrimonio, para o que o Principe nomeou por seus Procuradores ao Marquez de Niza, Conde da Vidigueira, Almirante da India, do Conselho de Estado, e Vêdor da Fazenda; e D. Rodrigo de Menezes, seu Gentil-homem da Camera, e seu Escribeiro mór; e a Rainha nomeou ao Duque de Cadaval, Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, e ao Marquez de Marialva, Conde de Cantanhede, do Conselho de Estado, e Vêdor da Fazenda, os quaes em virtude dos seus poderes ajustaraõ o Tratado deste Matrimonio a 27 de Março de 1668. A Princeza se dotou com hum milhaõ de cruzados da moeda do Reyno de Portugal, o qual dote quando veyo de França fora entregue aos Ministros deputados para o receberem: pelo que a Co-

Prova num. 70.

Tom.VII. Mmm roa

roa estava obrigada à restituição; e assim se dava por entregue da dita quantia. O Príncipe para mostrar a estimação desta alliança lhe dotou todas as Villas, terras, jurisdições, e Padroados, com todos os mais, que possuir a Rainha D. Luiza sua mãy, e outras condições costumadas em semelhantes Tratados, que se podem ver nelle.

No tempo, em que se concluia este Tratado em Portugal, succedeo acharse o Cardeal Duque de Vandôme, Legado à Latere em França, com poderes amplissimos do Papa Clemente IX. e em virtude delles, à instancia de Luiz de Verju, que se achava na Corte de Pariz, já informado da vontade do Reyno para o effeito deste negocio, recorreo ao Cardeal Legado, o qual passou hum Breve, em virtude da sentença proferida a favor da Rainha na separação do matrimonio, no qual dispensava o impedimento da publica honestidade para se poder effectuar o casamento entre os Principes D. Pedro de Portugal, e D. Maria Francisca Isabel de Saboya, o qual foy passado em Pariz a 15 de Março de 1668. Com este Breve voltou pela posta a Portugal Luiz de Verju com Cartas del Rey de França, e de todos os parentes da Rainha, em que applaudiaõ o acerto da resolução do casamento do Príncipe, e foy recebido com geral contentamento na nossa Corte, e logo se dispoz a fórma da celebridade do casamento do Príncipe, que não quiz entã mais, que as indispensaveis para a validade do Sacramento.

Prova num. 71.

to. Nesta conformidade, na primeira Oitava da Pascoa, que se contavaõ 2 de Abril de 1668, os recebeu o Bispo de Targa, que servia de Capellaõ mór, em virtude das procurações, que tinha do Principe o Marquez de Marialva, e da Rainha o Duque de Cadaval, a que sòmente assistiraõ os Gentis-homens da Camera do Principe. Depois no dia determinado às tres horas da tarde sahio o Principe do Paço acompanhado de toda a Corte, e foy ao Mosteiro da Esperança, e apeando-se, achou a Princeza na Portaria, e sahindo della entraraõ ambos os Principes no coche, e passaraõ para a Quinta de Alcantara, onde, tanto que chegaraõ, entraraõ no Oratorio, em que esperava o Bispo de Targa, e receberaõ as benções matrimoniaes na sórma, que determina a Igreja, de que em breve se viraõ conseguidas felices esperanças da desejada successaõ na fecundidade da Princeza; a qual supposto, que no Breve do Legado do Papa lhe seguravaõ os Letrados a validade do matrimonio, com tudo querendo em negocio taõ grave a mayor justificaçaõ, e a mayor segurança da consciencia, mandou a Roma ao seu Confessor o Padre Francisco de Villes, da Companhia, darlhe conta do que havia, para que o Papa declarasse tudo o que fosse mais conveniente, para que naõ pudesse haver o menor escrupulo, ao que o Papa respondeo muy benignamente com hum amplo Breve, passado em Roma em Santa Maria Mayor a 10 de Dezembro de 1668, o qual

Tom.VII. Mmm ii com-

Prova num. 72.

commetteo a Diogo de Sousa, primeiro Inquisidor por authoridade Apostolica no officio da Inquisição contra a heretica pravidade nos Reynos de Portugal, e Algarve; Antonio de Mendoça, Commissario Geral da Bulla da Cruzada, Deputado no mesmo officio da Inquisição; Martim Affonso de Mello, Deão da Igreja Metropolitana de Evora, Deputado no mesmo officio da Inquisição; Luiz de Sousa, Deão da Igreja do Porto; e Manoel de Magalhães de Menezes, Arcediago da Igreja de Evora, os quaes depois de justificadas as premissas proferirão a sentença em Lisboa a 18 de Fevereiro de 1669.

Prova num. 73.

Começou o Principe Regente o seu governo pela felicidade da paz, conseguida com grande satisfação dos seus povos, depois de mais de vinte e sete annos de dura guerra, sendo ainda mais gloriosa esta paz por ser negociada pelos mesmos Castelhanos, que se achavaõ prisioneiros no Castello de Lisboa, sendo o de mayor supposição o Marquez de Eliche, a quem a Rainha Regente da Monarchia de Castella concedeo poderes para negociar com o Principe o Tratado de Paz. Tanto, que o Marquez recebeu este aviso, o que lhe pareceo mais conveniente foy publicar em Lisboa, e em todo o Reyno, quanto lhe foy possível, que tinha poderes da Rainha de Castella para tratar da paz com todos os interesses, que Portugal quizeffe. Soaraõ estas vozes nos corações dos povos, já cansa-

dos de huma prolixa guerra, com taõ vigorosas forças, que foraõ bastantes estes clamores para que o Principe naõ seguisse os impulsos do seu generoso animo, que o inclinavaõ a continuar a guerra, indo governar os seus Exercitos.

Duvidava entaõ o Principe prudentemente entrar no Tratado da Paz com Castella considerando os interesses da Coroa. Sendo o primeiro motivo de querer deferir entrar neste Tratado o da liga offensiva, e defensiva, que ElRey D. Alfonso havia celebrado com ElRey Christianissimo pelo seu Embaixador o Abbade de S. Romain, que havia mandado a este Reyno tratar este negocio. Tanto, que este teve noticia do que o Marquez de Eliche propuzera, representou com todo ardor ao Principe as forçosas razoes, que tinha para sustentar em todo o seu vigor o Tratado, que ElRey seu irmaõ havia feito com França, pois tomara com o Reyno as obrigações d'elle, ajuntando outros motivos, com que sustentava a sua proposta. Naõ tardou em chegar às mãos do Marquez de Eliche a proposta do Embaixador de França, e fazendo hum papel, em que contradizia as proposições do Abbade de S. Romain, logo o espalhou pela Corte, e pelo Reyno todo. No tempo, que mais vivamente discorriaõ os Ministros, debatendo por huma, e outra parte o mais conveniente à Coroa, entrou em Lisboa, sem haver precedido aviso, o Conde de Sanduick Duarte Montegu, Embaixador Extra-

Extraordinario delRey da Grãa Bretanha na Corte de Madrid, a quem a Rainha Regente de Castella obrigara a esta jornada, para que encobrando o intento della, unido com o Marquez de Eliche, solicitasse a conclusaõ deste Tratado, o que se seguiu taõ felizmente, que admittindo-se as proposições, nomeou o Principe para Plenipotenciarios ao Duque de Cadaval, aos Marquezes de Niza, Marialva, Gouvea, o Conde de Miranda, e ao Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, e depois de varias conferencias, que os Plenipotenciarios tiveram com o Marquez de Eliche, superadas as difficuldades de huma, e outra parte com a mediação do Embaixador de Inglaterra, se deraõ por ajustados os artigos do Tratado a 10 de Fevereiro de 1668, e se assinaraõ a 13 no Convento de Santo Eloy de Lisboa pelos referidos Ministros, e o Conde de Sanduick o fez como mediador, e fiador em nome delRey Carlos II. de Inglaterra, de quem tinha poderes: e depois de ratificados, e trocados os Tratados, se publicou a paz na Cidade de Lisboa a 2 de Março do referido anno, com condições muy ventajosas à nossa Coroa, e reciprocamente se mandaraõ Embaixadores desta Corte, e da de Madrid, para onde partio o Conde de Miranda, depois Marquez de Arronches, a 13 de Junho de 1669, de donde tambem veyo por Embaixador o Baraõ de Bataville, Conde de Corbiers, Marquez de Ufiá, Gentil-homem da Camera delRey Catholico, e do
Confe-

Conselho de Guerra, e do Estado de Flandes, e de Borgonha, a residir na nossa Corte. Entrou nella a 12 de Novembro de 1668, e depois de ser hospedado magnificamente por tres dias na Quinta do Duque de Aveiro em S. Sebastião da Pedreira, fez a sua entrada publica a 13 de Fevereiro de 1669, sendo conduzido em coche do Principe pelo Conde de Obidos D. Vasco Mascarenhas. Neste anno a 6 de Janeiro nasceo a Infanta D. Isabel Luiza Josefa com universal contentamento de todo o Reyno. Achava-se nesta Corte o Abbade de S. Romain, Enviado da de França, e com esta occasião se declarou Embaixador para dar aos Principes os parabens do nascimento da Infanta, e a 2 de Março fez a sua entrada publica, sendo conduzido à presença do Principe pelo Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes em hum coche da pessoa do Principe.

Mandou o Principe a Roma a D. Francisco de Sousa, Conde de Prado (depois Marquez das Minas) por Embaixador Extraordinario a dar obediencia ao Papa Clemente IX. que então residia na Cadeira de S. Pedro, e partindo de Lisboa fez em Roma a sua entrada publica a 22 de Mayo do anno de 1670, que foy huma das mais magnificas, que vio aquella Corte, residindo já na Cadeira de S. Pedro o Papa Clemente X. por falecer o seu antecessor estando já em Roma o Embaixador. No referido dia fez Antonio Moniz de Carvalho, Secretario

cretario da Embaixada, no Consistorio publico a Oração, conforme o costume das Embaixadas de Obediencia. Nomeou o Principe Prelados para as Igrejas deste Reyno, e suas Conquistas, que todas se achavaõ vagas, e sem Pastores, que as governassem. Em virtude da nomeação do Principe conferio o Papa Clemente X. no anno de 1671 o Arcebispado de Braga em D. Verissimo de Lencastre, do Conselho Geral do Santo Officio, Sumilher da Cortina; o de Lisboa em Antonio de Mendça, do Conselho de Estado, Commissario Geral da Bulla da Cruzada, Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens; no de Evora a Diogo de Sousa, do Conselho de Estado, e do Geral do Santo Officio; em Capellaõ mór a Luiz de Sousa, Deaõ, e Governador do Porto, e Bispo titular de Bona. Nos Bispados de Coimbra a D. Manoel de Noronha, Prior mór da Ordem de Santiago; no de Viseu Manoel de Saldanha, Conego da Sé de Lisboa, Sumilher da Cortina; no Porto Nicolao Monteiro, Prior da Collegiada de Sedofoita; em Miranda André Furtado de Mendça, Deaõ da Sé de Lisboa, Chancellor mór do Reyno; na Guarda Fr. Alvaro de S. Boaventura, Religioso Capucho da Provincia de Santo Antonio; em Lamego D. Luiz de Sousa, Sumilher da Cortina, Lente de Prima de Theologia na Universidade de Coimbra; em Leiria Pedro Vieira da Sylva, Secretario de Estado; em Portalegre Dom Richardo Russel, Inglez; no Algarve Francisco Barre-

Barreto, do Conselho de Sua Magestade, e do General do Santo Officio. Dos Ultramarinos, foy Bispo do Funchal D. Fr. Gabriel de Almeida, da Ordem de Cister; de Angra D. Fr. Lourenço de Castro, da Ordem dos Prégadores; Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente D. Fr. Christovão da Sylveira, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho; Bispo da Bahia (ainda então não erigido em Arcebispado) D. Estevão dos Santos, Conego Regrante de Santo Agostinho; de Angola D. Fr. Pedro Sanches, da Ordem de Christo; de S. Thomé D. Fr. Manoel do Nascimento, da Ordem de S. Jeronymo; de Malaca D. Fr. Antonio da Paz, Monge de S. Bento; de Cabo Verde D. Fr. Fabião dos Reys, Carmelita Calçado; de Meliapor D. Fr. Antonio de S. Dionysio, da Ordem Serafica da Provincia de Portugal, e outros; com que todas as Igrejas do Reyno, e das Conquistas ficaraõ regidas por proprios Pastores. Estes negociados felices do cuidado do Principe Regente accrescentava em os Póvos o amor de forte, que crescendo o contentamento, e o gosto de lograrem em doce tranquillidade a suavidade da paz por muitos annos, ao mesmo tempo, que na Europa ardia huma sanguinolenta guerra: pelo que mereceo ElRey D. Pedro o titulo de *Pacifico*, em que permaneceu até o anno de 1704, como veremos.

Corria com prospera fortuna a Regencia do Principe, e applicado aos negocios domesticos, flo-

Tom. VII.

Nnn

recia

recia o commercio com grande utilidade , e abundancia dos Vassallos. Achava-se o Principe casado havia annos , sem que lograsse outro fruto do Real thalamo, do que a Infanta D. Isabel: pelo que convocando-se Cortes , foy jurada herdeira do Reyno a 15 de Janeiro de 1674. Nestas Cortes o Estado da Nobreza propoz aos Póvos por hum papel , que mandou pelo Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello , e o Conde de Villar-Mayor Manoel Telles da Sylva , para se dar ao Principe , que dizia : „ Unidos ditosamente o Estado do Povo , e „ o da Nobreza , foraõ duas vezes gloriosos restauradores da Monarchia Lusitana, huma apoyando „ a valente resolução del Rey D. João I. outra defendendo a justiça violentada do Senhor Rey D. „ João IV. Sendo estes os braços , que só podem „ tirar os Reynos aos Principes intrusos, estranhos, „ e violentos , saõ os que só devem , e podem dar „ as Coroas aos Principes justos, naturaes, e suaves, „ como Vossa Alteza. Estes saõ os dous braços, „ com que offerecemos a Vossa Alteza esta Coroa, „ a Nobreza com a authoridade do seu amor , do „ seu merecimento , e da sua prudencia ; os Póvos „ com huma assistencia Divina no concurso dos seus „ clamores. Unidos os pareceres dos dous braços com os de muitos Bispos , que se achavaõ na Corte , persuadirãõ ao Principe , que aceitasse a Coroa. Ajuntou-se o Conselho de Estado a 21 de Fevereiro , aonde o Principe mandou se vissem as Consultas,

Memorias m. f. do Duque de Cadaval D. Nuno, t. VI. pag. 40.

tas, que o Estado da Nobreza, e Povo lhe rogavaõ accitasse a Coroa: o Marquez das Minas D. Francisco de Sousa, e o Duque de Cadaval votaraõ com tal energia, e solidas razoes, que todo o Conselho de Estado se conformou com o seu parecer, entendendo, que o Principe devia coroarse Rey: eraõ os Conselheiros Ruy de Moura Telles, o Visconde de Villa-Nova da Cerveira Dom Diogo de Lima, o Marquez de Niza Dom Vasco Luiz da Gama, o Marquez das Minas, e o Duque do Cadaval. E sem embargo dos Estados da Nobreza, e Povo estarem conformes, e o Ecclesiastico, que naõ insistia com ardor, naõ o impugnou; porẽm o Principe com louvavel modestia, naõ quiz admittir a offerta, conservando-se em quanto seu irmaõ viveo, com este titulo, no que mostrou o seu admiravel talento livre, e o quam longe estava de ambiçaõ.

Era a Infanta D. Isabel Luiza Josefa herdeira presumptiva da Coroa, jurada nas referidas Cortes, e achando-se os Principes, ainda que moços, sem esperanças de mais successaõ, determinaraõ darlhe estado, e sendo diversos os Principes sobre que entaõ se votou, foy preferido o Duque de Saboya Victor Amadeo de Saboya seu primo com irmaõ, por ser filho de Madama Real Joanna Bautista, irmã inteira da Princeza D. Maria Francisca. Opunha-se a este fim a Ley fundamental do Reyno das Cortes de Lamego, que dispoem, que as filhas

Tom.VII.

Nnn ii

her-

herdeiras não caíem fóra do Reyno, de que então os Tres Estados do Reyno juntos em Cortes, dispensarão por aquella vez sómente, em virtude do que se desposou a Infanta com o Duque de Saboya no anno de 1682.

Para conclusão deste Tratado mandou o Duque de Saboya a Lisboa por seu Embaixador Extraordinario ao Marquez de Ornano, que a 10 de Março do mesmo anno fez a sua entrada publica com grande pompa, sendo conduzido pelo Marquez de Fronteira D. Joaõ Mascarenhas, do Conselho de Estado, Gentil-homem da Camera do Principe, Védor da sua Fazenda, e Mestre de Campo General da Provincia da Extremadura. Concorrerão todos os coches dos Grandes, e Nobreza da Corte, como he costume, com os seus Gentis-homens; a este cortejo se seguiaõ quatro coches de respeito da Princeza, e cinco do Principe, e em hum da sua pessoa hia o Embaixador à mão direita do Marquez Conductor, com dezoito Lacayos com librés de pano azul fino guarnecidas de passamanes de prata, fitas amarellas, e espadins dourados, oito pagens com uniformes vestidos do mesmo pano, mas com mais custosa guarnição. Levava huma liteira forrada por dentro, e por fóra de veludo carmesí, com grandes franjoens de ouro, e o primeiro coche na mesma fórma, tirado por seis fermosos cavallos bayos; no segundo, que tambem era rico, hiaõ seis Gentis-homens com luzidas galas; no terceiro,

ceiro, que imitava no custo ao segundo, hiaõ alguns Cavalheros Saboyardos, que acompanhavaõ o Embaixador, vestidos de capa de varias sedas de ouro, e prata, guarnecidas de passamanes da mesma qualidade: e depois de ter tido audiencia do Principe na grande sala do Forte no Paço do Terreiro, passou ao da Corte-Real, onde teve audiencia da Princeza, assistindo a ella a Infanta D. Isabel. No dia 25 do referido mez teve o Embaixador segunda funçaõ; porque neste dia se haviaõ de celebrar os desposorios da Infanta com o Duque de Saboya, e foy conduzido em hum coche da pessoa do Principe pelo mesmo Marquez de Fronteira, que havendo dado na primeira conducçaõ libré a vinte e cinco Lacayos, sahio neste dia de sua casa às duas horas da tarde com o mesmo numero, e nova libré de pano fino verde cuberta de rendas de ouro, e prata, fitas encarnadas, plumas brancas, e junto aos estribos doze Pagens em corpo com galas de admiravel seda negra, multidaõ de fitas amarellas, e plumas da mesma cor, e todos os Lacayos diante, precedidos de dous trombetas a cavallo, vestidos de melanca verde, guarnecidos de rendas de prata, e ouro, fitas encarnadas, e plumas brancas. Detraz do coche hia o seu Estalbeiro montado em hum soberbo cavallo, seguiaõ-se quatro Pallaferneiros vestidos como os trombetas com outros tantos cavallos à mão, com ricas sellas, e jaezes bordados de ouro, e prata; e logo huma liteira, hum coche
de

de respeito, e tres mais, todos de custo, de sorte, que não era facil de decidir qual dos estados era mais luzido. O Embaixador com o mesmo estado, mas differente libré; porque a dos Lacayos era de pano azul guarnecida de passamanes de ouro, fitas cor de fogo, e plumas brancas, os Pagens com capas do mesmo pano, e quatro ordens de passamanes, gibbens de téla amarella, calças Imperiaes com diversas fitas, e plumas de varias cores, os Gentilhomens com galas de capas tão cobertas de rendas de prata, e ouro, que mal se divisavao as sedas, de que erao os vestidos. Entrarao os coches do Principe, e do Embaixador no pateo do Paço, onde o esperou D. Francisco de Sousa, Capitaõ da Guarda Alemã, e D. Lucas de Portugal, Mestre Sal-la: sobirao à sala dos Tudescos, e dahi se encaminharao à casa do Forte, onde no seu throno estava o Principe, e a Princeza debaixo de docel com grande magnificencia: no terceiro de grao estava o Marquez de Gouvea, Mordomo môr, exercitando o seu cargo, e o Conde de Villar-Mayor, Gentilhomem da Camera, que estava de semana, ficou detraz da cadeira do Principe: no segundo degrao estava hum bofete coberto com rico pano, e junto a elle o Duque de Cadaval, o Embaixador, e o Bispo D. Fr. Manoel Pereira, Secretario de Estado; seguiaõ-se os Grandes Seculares, e Ecclesiasticos com a sua costumada precedencia: da mesma parte no fim da tea, que cerca a casa, estavaõ os
cama

camaradas, e familia do Embaixador; da parte da cadeira da Princeza à mão esquerda ficava a Camereira môr, Senhoras de Honor, Damas, e Officiaes da sua Casa, dando entrada à porta da tea Manoel de Mello, que servia de Porteiro môr por feu sobrinho Luiz de Mello, admirando-se em todos o custoso das galas, a riqueza dos adereços das Senhoras, de admiraveis diamantes, e preciosas perolas, que tudo fazia huma gostosa, e prodigiosa vista. Leu o Secretario de Estado huma Carta do Duque de Saboya, que o Embaixador entregou, na qual promettia achar-se neste Reyno na Primavera do anno de 1682, e logo huma procuração com o poder para o Embaixador celebrar os Esposaes. Lidos estes papeis, o Marquez Embaixador fez as devidas reverencias aos Principes dandolhe os parabens, e o Marquez Conductor, D. Francisco de Sousa, e D. Lucas de Portugal lhe beijaraõ a mão, e despedidos passaraõ à Corte-Real, onde teve audiencia da Senhora Infanta, a quem o Embaixador, e todos os da sua familia lhe beijaraõ a mão, e o Embaixador lhe entregou humas perolas de grande valor, que se disse serem as mesmas, que ElRey D. Manoel dera à Infanta D. Brites, quando casou com Carlos Duque de Saboya.

Era hum dos artigos, que se contratarã, que o Duque seria conduzido a este Reyno em huma Armada Portuguesa; e assim mandou o Principe Dom Pedro buscar ao Duque de Saboya em huma
das

das mais ricas Armadas , que vio sobre si o mar Oceano , e Mediterraneo , de que era General Pedro Jaques de Magalhaens , Visconde de Fonte Arcada : compunha-se de oito grandes naos , de que era Capitania S. Francisco de Assis , a que chamaraõ o *Monte de ouro* , em que se via igualmente competir a riqueza com o delicado do gofio , e perfeição. Era o seu primeiro Governador (nome , que naquella occasião se deu aos Capitaens) Dom João de Lencastre ; o segundo Manoel Jaques de Magalhaens , filho do General da Armada ; primeiro Tenente Pedro de Figueiredo de Alarcão. Nesta nao embarcou o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello , Embaixador Extraordinario , para conduzir o Duque de Saboya , com a prerogativa de o General , e todos os mais Cabos da Armada irem à sua ordem. Servia de Almirante o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora , que embarcou em S. Benedicto , e o seu Governador era Lourenço Nunes ; as demais eraõ Santa Clara , em que hia por Fiscal Gonçalo da Costa de Menezes ; da Conceição Luiz Lobo da Sylva ; de Santo Antonio de Padua o Marquez de Fronteira D. Fernando Mascarenhas ; de S. Francisco de Borja Victorio Zagallo ; de Santo Antonio de Flores D. João de Castro ; e de S. Boaventura o Conde de Coculim D. Francisco Mascarenhas. Embarcaraõ voluntarios Francisco de Brito Freire , que havia sido General da Armada do Commercio , e Al-

e Almirante da Armada Real , Tristaõ da Cunha de Ataide, Senhor de Povolide , depois Conde daquella Villa, D. Joaõ Diogo de Attaide, hoje Conde de Alva, e outros, e foraõ os Officiaes da Casa Real para servirem ao Duque de Saboya , D. Joaõ de Almeida, Veador da Casa delRey, depois Conde de Assumar; Trinchante D. Antonio Alvares da Cunha, Senhor de Taboa ; Sumilher da Cortina D. Joaõ de Sousa, que depois faleceo Arcebispo de Lisboa; Escrivaõ da Cofinha Balthasar Rebello; doze Moços da Camera, dezoito Reposteiros , e todos os mais Officiaes , de que se compoem a Casa Real.

Chegou a Armada a Niza com prospera viagem , havendo sahido de Lisboa a 23 de Mayo de 1682. Daquella Cidade passou o Duque de Cadaval a Turim acompanhado de muitos Senhores , e Cabos da Armada , e foy recebido com aquellas demonstrações de obsequio, e gosto, que pedia hum negocio , em que Madama Real se empenhava. Achou ao Duque de Saboya mal convalecido de huma febre, que padecera por quarenta dias com grande perigo da vida, e dilatando-se a restituicaõ da saude mais, do que se desejava, mostrou o Duque de Cadaval a impossibilidade da Armada invernar nos portos de Italia, e assim voltou para Lisboa. Este foy o fim de huma negociaçaõ taõ desejada pela Princeza Dona Maria Francisca , que quasi parecia indubitavel a sua conclusaõ. Porém

Ericeira, Compendio da
Vida da Rainha Dora
Maria Francisca, msa.

Deos, que tinha decretado a felicidade da nossa Monarchia, dispoz, que o Duque de Cadaval, então arrebatado do amor do seu Principe, lhe persuadissem o quanto devia valer-se da occasião, que Deos lhe offerecia para desvanecer aquelle castamento, o que depois acreditou o tempo, como vimos. O Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes tão excellente Escriitor, como Politico, referindo este successo, diz: *Desempenhou o Duque nesta acção as obrigações do seu sangue, e o zelo, e amor da Patria, que com a espada defendeo, e assegurava com a prudencia.*

No anno seguinte de 1683 faleceo a 12 de Setembro ElRey D. Affonso VI. em cuja vida não quiz o Principe mais titulo, do que o de Regente, como temos dito, e depois comezou a ser conhecido pelo de Rey D. Pedro II. de Portugal. No mesmo anno a 27 de Dezembro faleceo a Rainha D. Maria Francisca de Saboya, o que ElRey sentio com tanto excessso, que penetrado da dor de sua falta, passaraõ annos sem que consentisse praticar sobre haver de passar às segundas vodas, de que tanto pendia a felicidade do Reyno; e como já se dilatava muito, assentou o Conselho de Estado de lhe fazer huma representação, e no dia 6 de Janeiro de 1685, em que cumpria annos a Infanta D. Isabel Luiza Josefa, foy o Conselho de Estado à presença delRey manifestarlhe a obrigação, que tinha Sua Magestade de casar segunda vez. Tocou

ao Duque de Cadaval não só por mais antigo, mas
tambem pelo seu titulo, que o preferia aos de mais
Conselheiros, para que em nome daquelle esclare-
cido corpo fizesse huma tão justa representação, a
qual reduzio o Duque a huma breve supplica, di-
zendo-lhe: „Que o Conselho de Estado junto na
„sua Real presença, pedia fosse Sua Magestade
„servido de apressar o importante negocio do seu
„casamento; porque em a sua Real successão esta-
„vão em perigos os seus Reynos, pois a necessi-
„dade, que havia do seu effeito, não era sómente
„do Conselho de Estado, porque era commua a
„todos os seus Vassallos, e tambem à mayor parte
„da Europa. Que o Nuncio do Papa, e os Minis-
„tros Estrangeiros, que residiaõ nesta Corte, lhe
„tinhaõ referido as diligencias, que com Sua Ma-
„gestade tinhaõ feito da parte dos seus Amos. E
„assim o Conselho de Estado confiadamente espe-
„rava de hum Principe tão prudente, como era
„Sua Magestade, que obedecesse ao Papa, e satisf-
„zesse aos Reys seus parentes, e Alliados, ampa-
„rando, e remediando assim a huns Vassallos, que
„com trabalho mais, que ordinario, buscaraõ na
„pessoa de Sua Magestade a conservação do nome,
„e da gloria Portugueza.” O Duque em quem
„concorriaõ annos, e authoridade, lhe disse: „Que
„Sua Magestade lhe havia de permittir, que valen-
„do-se da confiança de o haver trazido nos seus
„braços, lhe pudesse dizer, que a Princeza, que
Tom.VII. Ooo ii „ti-

„tivesse a dita de Sua Magestade a escolher para
„esposa, já era nascida; porque parecia concorria
„Deos naquelle dia com o Conselho de Estado;
„porque não sem mysterio tinha permitido, que
„em dia de Reys fossem aos Reaes pés de Sua
„Magestade pedir-lhe felicissimos Reys para este
„Reyno. „

Esta eloquente, e tão justa supplica, e outras
semelhantes ajudou muito a poderosa interposiçãõ
da Santidade do Papa Innocencio XI. que movido
do paternal amor, com que especialmente amava a
ElRey D. Pedro, entre os mais Principes Catholi-
cos, lhe enviou hum Breve, em que o exhortava,
e prudentemente persuadia para que contrahindo se-
gundas vodas, segurasse a sua Real descendencia,
da qual se seguia universal contentamento aos seus
Vassallos, e socego à Christandade. Communica-
va ElRey com homens doutos, e de sãa conscien-
cia esta materia, e todos lhe representavaõ a obri-
gaçãõ, que tinha de casar segunda vez, em que
teve grande parte o Padre Manoel Rodrigues Lei-
taõ, da Congregaçãõ do Oratorio de S. Philippe
Neri, Fundador da Casa do Porto, aonde foy man-
dado buscar para este negocio, e foy Varaõ emi-
nente em letras, e costumes, dotado de eloquencia,
e igualmente desinteressado: finalmente lavrou tan-
to no coraçãõ delRey a razaõ, que desferrou a
magoa, e determinou escolher esposa. Propuze-
raõ-lhe de todas as Princezas de Europa aquellas
que

que pela soberania do nascimento, e pelo claro das virtudes se faziaõ dignas do Real conforcio, fazendo-se a este fim diversos negociados por parte das mayores Coroas da Europa por meyo dos seus Ministros residentes na nossa Corte, que interpuze-
raõ poderosos officios a favor de varias Princezas. Porém ainda que todas eraõ dignas de se coroarem no Real thalamo, foy preferida pelas prerogativas, e partes, que concorriaõ na sua pessoa, a Serenissi-
ma Princeza Eleitoral Maria Sofia Isabel, filha do Eleitor Palatino do Rhim Philippe Vilhelmo de Neubourg. E antes de se entrar neste negocio, mandou ElRey à Corte de Heidelberg incognito ao Doutor Antonio de Freitas Branco, entãõ Des-
embargador da Casa da Supplicação, e depois do seu Conselho, e da sua Fazenda, a fim de se infor-
mar sómente da saude desta Princeza, o que este Ministro fez na fórma, que se lhe havia encarrega-
do; e entendendo-se dos seus avisos, que a disposi-
ção da Princeza era a melhor, que se podia desejar, e das insinuações, que da parte delRey havia feito
ao Eleitor seu pay dos intentos, que Sua Mage-
stade tinha de se aparentar com a sua Casa, foraõ
recebidas todas com particular agrado, e estimação.
E tendo dado fim à sua missãõ o Doutor Antonio
de Freitas se recolheo a Lisboa, e para a conclusãõ
deste negocio nomeou ElRey por Embaixador Ex-
traordinario ao Conde de Villar-Mayor Manoel
Telles da Sylva, do seu Conselho de Estado, e
Guerra,

Guerra, Gentil-homem da sua Camera, e Vêdor da sua Fazenda, depois Marquez de Alegrete.

No dia 8 de Dezembro de 1686 sahio de Lisboa o Embaixador, passou o Tejo a Aldea-Gallega, e além da luzida comitiva de criados, o acompanharaõ seu filho João Gomes da Sylva, depois Conde de Tarouca, que com poucos annos de idade começou a observar aquelles mefmos Paizes, que depois foraõ glorioso theatro, em que brilhou o sublime do seu talento por espaço de muitos annos em diversos empregos, até que faleceo em Vienna de Austria. Eraõ os outros Fidalgos Jorge Furtado de Mendoça, Visconde de Barbacena, depois do Conselho de Guerra, e Mestre de Campo General dos Exercitos desta Coroa, e Fernão Correa de Lacerda, filho de Francisco Correa de Lacerda, que havia sido Secretario de Estado; e por Secretario da Embaixada foy Antonio Rodrigues da Costa, em quem concorriaõ partes, que o habilitaraõ para grandes empregos, e ultimamente acabou no de Conselheiro do Conselho Ultramarino. A 13 do referido mez passou o Embaixador o rio Caya, que divide o nosso Reyno do de Castella, e seguindo a sua jornada chegou a Alemanha; e depois de haver concluido o Tratado Matrimonial, o assinou a 22 de Mayo do anno de 1687 em virtude do seu pleno poder, como Procurador del Rey: e por parte do Eleitor foraõ Procuradores Wolfgang Theodorico, Conde do Sacro Romano Imperio,

perio, Senhor de Castcl, do Conselho de Estado do Eleitor, e seu Mordomo môr, Burgario em Alzey, e Joaõ Fernando de Yösch, Senhor hereditario de Castro Mazen, do Conselho de Estado do Eleitor, Chanceller môr, Presidente da Camera Neoburgica, e Governador da Corte Feudal de Neoburg, e do Senhorio de Reycherzhovienfe. Deu o Eleitor de dote à Princeza sua filha cem mil florins do Rheno, (que era o mesmo dote, que havia dado à Emperatriz Leonor sua filha, quando casara com o Emperador Leopoldo) e ElRey lhe prometteo a mesma Casa, rendas, Villas, Lugares, e prerogativas concedidas às outras Rainhas deste Reyno, com outras condições commuas, e reciprocas em semelhantes Tratados, o qual depois foy ratificado por ElRey.

Prova num. 74.

Teve o Embaixador audiencia publica no primeiro de Julho para nella fazer a funcão de pedir a Princeza Maria Sofia para esposa delRey D. Pedro, na fórma, que se tinha ajustado. O Eleitor o veyo esperar à primeira porta da casa, por onde se entrava para o seu quarto, e dandolhe sempre a mão direita, e entrada, o conduzio ao quarto da Eleitritz, que estava com a Princeza Maria Sofia; e fazendo o Embaixador a supplica a Suas Altezas Eleitoraes com o obsequio devido à Princeza, respondeo o Eleitor com grande satisfacão desta alliança, e respeito à pessoa de Sua Magestade: e tanto, que proferio, que estava concedida a Princeza para esposa de Sua Magest-

Magestade , se levantou o Embaixador , e se poz em pé , reconhecendo-a já como sua Soberana , e depois de cortezes expressões do Embaixador , e dos Principes , se acabou a audiencia.

Antonio Rodrigues da Costa, Embaixador do Marquez de Alegrete, e conjução da Rainha D. Maria Sofia, impressa em 1694.

No mesmo dia à tarde se declarou publicamente a Princeza Maria Sofia, Rainha de Portugal , para o que o Conde Embaixador à hora , que se tinha determinado , acompanhado de toda a sua luzida familia , tanto , que recebeu o recado , que lhe levou o Conde de Castel , sahio do seu quarto , e achou ao Eleitor , que o esperava na parte costumada , e o tratou com as mesmas ceremonias , e dandolhe sempre a mão direita , e a porta , o conduzio à principal antecamera do Palacio , que estava riquissimamente ornada , e tinha os retratos dos Principes da Casa Palatina , e alliados della , em que já se via o delRey D. Pedro com singularidade ornado. Estava a Rainha debaixo de hum rico docel , e ao lado direito, fóra delle , a Eleitriz sua mãy , e Principes de ambos os sexos , e ao esquerdo a Camereira môr, Aya , e Damas das Princezas ; o Eleitor conduzio o Embaixador até a tarima , que beijando a mão à Rainha , se seguiu o Eleitor seu pay a darlhe os parabens , mostrando querelhe beijar a mão , o que a Rainha não consentio , e se seguiu a Eleitriz , e mais Principes a fazerem a mesma demonstração , e depois delles se seguiu a Camereira môr , Guarda mayor , Damas , e a estas os Fidalgos Portuguezes , Gentis-homens , e mais familia

familia do Embaixador, e todos os mais Senhores da Corte do Eleitor.

Tanto, que se deu fim ao acto, deu o Eleitor o braço à Rainha, e lhe levou a cauda da roupa Real a Princeza Dorothea sua irmã, (depois Duqueza de Parma) e o Embaixador deu o braço à Eleitriz, e recolhendo-se com todo o acompanhamento ao seu quarto, depois de estar na ultima antecamera, lhe offereceo o Embaixador a joya, que ElRey lhe mandava, que a todos pareceo digna da sua Real grandeza, e a Rainha a recebeo com grande estimaçaõ. Na noite houve Comedia Italiana, e se seguiraõ diversos festins, com que se applaudia o gosto desta Real alliança. No dia 2 de Julho em virtude da procuraçaõ, que o Conde Embaixador tinha, se fez o acto do recebimento na Capella Eleitoral de Heidelberg, onde o Bispo Coadjutor de Spira revestido em Pontifical o celebrou com grande solemnidade, na sófma ordenada pela Igreja Romana, sendo applaudido com tres salvas de artilharia, e mosquetaria da Praça. Neste dia, e no seguinte repartio o Embaixador ricas joyas pelas Damas, e Senhoras da Corte do Eleitor, e repartio tambem, conforme o costume de Alemanha, grossa quantia de dinheiro por toda a familia inferior, mostrando em tudo a Real grandeza, e poder de Sua Magestade Portuguesa. E tendo o Embaixador audiencia de despedida, no dia 5 de Julho pelas sete horas da tarde sahio a Rai-

Tom.VII.

Ppp

nha

nha daquella Praça em publico em hum coche, em que hia sómente na cadeira de detraz, e na de diante os Sereníssimos Eleitores seus pays, o qual cobriaõ na dianteira duas tropas de Dragoens, a que se seguiaõ quatorze coches do Eleitor, tirados por seis cavallos cada hum, e acompanhada de luzida Nobreza, entraraõ em Manheim, onde a Rainha foy recebida com todas as demonstrações de gosto, entretenendo-a com festa de fúgos, de grande artificio, e despeza, em que se via a magnificencia do Soberano, e o primor dos artifices. Aqui se deteve a Rainha tres dias, que se gastaraõ em disposições para a jornada. E no dia 10 destinado para lhe dar principio, sahio o Embaixador dos seus aposentos com todo o seu magnifico trem de carroças, e cavallos, na mesma fórma, que havia entrado em Heidelberg, e chegando à margem do Rhim, que fica pouco espaço fóra da Cidadella, em que estavaõ os bargantins, em que haviaõ de embarcar, se apeou com toda a sua comitiva, esperando, que chegasse a Rainha, que não tardou, e vinha com hum grande, e luzidissimo acompanhamento em hum rico coche com Suas Altezas Eleitoraes seus pays na mesma fórma, que viera de Heidelberg. Entraraõ no bargantim, que estava prevenido para a Rainha, e aqui se despedio de seus pays, e irmãos com reciprocas, e affectuosas demonstrações de ternura, que a natureza descobre, ainda quando se previne a dissimulaçaõ, e distinguio-se o affecto da

da Princeza Marianna sua irmã, (depois Rainha de Hespanha) querendo-a acompanhar até Dusseldorp. Entraraõ no bargantim a Condeffa de Wifel, que servio a Sua Mageftade de Camereira môr até Hollanda, donde se não atreveo a passar pelo temor do mar, a Condeffa de Gravenek, que servia de Guarda mayor, fez o officio de Camereira môr até Lisboa, e as Baronezas de Speth, e de Retz, Damas da Rainha; accommodaraõ-se no mesmo bargantim algumas Moças da Camera, e a outra familia feminina inferior do serviço da Rainha em outros bargantins. Veyo servindo tambem à Rainha por ordem do Eleitor, o Conde de Castel, seu Mordomo môr, e os Baroens de Creuter, e Novellis, Gentis-homens da sua Camera, e quatro Pagens do Eleitor, que na qualidade, e foro correspondem o de Moços Fidalgos. O Embaixador embarcou em hum bargantim do Eleitor de Treveris, em que arvorou as Reaes Armas Portuguezas, que levarãõ os demais bargantins, e barcos, em que hia a sua familia, e futo.

Tanto, que a Rainha entrou no bargantim, e se despediraõ os Eleitores, começou a artilharia da Praça com continuas salvas, até que dando à véla o bargantim, em que hia a Rainha, seguido dos mais, perdeo em breve tempo a vista daquella Cidade, e seguiu a sua viagem, sendo comprimentada por todos os Soberanos dos dominios das Cidades, e Praças, por onde passavaõ, não desembar-

cando em nenhuma , e sómente o fez em Dusseldorp, Corte do Principe Eleitoral João Guilherme, Duque de Juliers , seu irmão mais velho , onde com a Archiduqueza Marianna Josefa, sua primeira mulher, filha do Emperador Fernando III. a esperaraõ na margem do Rhim , e seus irmãos os Principes Francisco Luiz , entaõ Bispo de Breslau Governador de Sillesia , depois Eleitor de Treveris , e Alexandre Segismundo , entaõ Bispo Coadjutor, e depois Proprietario de Ausburg , acompanhados de grande numero de Nobreza , de Cavalheros , e Damas, todos com ricas galas. Depois de se haver entretido nesta Corte com magnificos obsequios daquelles Principes , chegou a Rotherdaõ , onde teve noticia , de que a Armada Ingleza, que ElRey da Grãa Bretanha mandara pôr prompta para conduzir a Rainha a Portugal, era chegada a Brila. Os Estados Geraes a comprimentaraõ pelos seus Deputados , e o Principe de Orange, que depois foy Rey da Grãa Bretanha , com grandes obsequios mostrou o quanto estimava aquella occasiaõ. O Duque de Grafton Henrique Fitz Rey, General da Armada , filho delRey Carlos II. Almirante de Inglaterra, Coronel de hum Regimento de Infantaria das Guardas delRey , Cavalleiro da Jarretiere, veyo logo visitar a Rainha da parte de Sua Magestade Britanica , e lhe entregou huma Carta, em que a congratulava dos seus felices desposorios , dizendo, que mandava aquella
Arma-

Armada à sua ordem , a que o Duque ajuntou reverentes expressões da summa estimação , que fazia da honra , que lhe resultava de servir , e obedecer à Rainha. No dia 26 de Julho, desembarcando Sua Magestade do bargantim , entrou em hum Yate Inglez por ser mais seguro para entrar no mar alto , onde estava a Armada , porque não podia sobir mais acima , pelo perigo dos baixos daquelle porto ; e assim no mesmo dia pelas duas horas da tarde abordou o Yate a Capitania Real , que estava toda empavezada , em que entrou a Rainha , sendo recebida com tres salvas de artilharia , e vozes , como he costume no mar , e com feliz viagem a 11 de Agosto entrou no porto de Lisboa , havendo sido salvada das Torres com tres descargas de artilharia , a que o Duque de Graffion mandava responder. Pouco depois do meyo dia deu fundo a Capitania Ingleza defronte da Igreja de S. Paulo , e dando huma salva geral com todos os navios da Armada , lhe responderão os Portuguezes , e todos os mais navios , que estavam furtos no rio. Não havia ainda acabado de entrar a Capitania , quando chegou a ella o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes , Vêdor da Fazenda da repartição da Marinha , em hum excellente bargantim , com huma luzida comitiva , que se compunha de dez Gentilhomens , e seis Pagens , todos excellentemente vestidos , e depois de offerecer da parte de Sua Magestade ao General da Armada tudo o que fosse necessário

cessario dos Armazens Reaes para provimento da Armada, passou a beijar a mão à Rainha, e seu filho primogenito D. Francisco Xavier de Menezes, depois Conde da Ericeira, no qual brilhava já em poucos annos o sublime engenho, com que depois havia de assombrar o Mundo com a sua larga erudição; porque explicou à Rainha o seu obsequio em hum breve discurso formado de cinco linguas, a que ella respondeo nas mesmas. Não tardou em chegar o Conde de Santa Cruz Dom João Mascarenhas, Mordomo môr da Casa Real, a comprimentar da parte de Sua Magestade a Rainha, ao qual acompanhavaõ oito Gentis-homens, e seis Pagens, vestidos todos magnificamente; e depois de receber a resposta da Rainha, voltou ao Paço a dar conta a Sua Magestade. Quasi ao mesmo tempo chegou o Conde de Val de Reys Nuno de Mendoça, do Conselho de Estado, Presidente do Ultramarino, e Mordomo môr da Casa da Senhora Infanta D. Isabel, que da parte de Sua Alteza hia significar à Rainha o grande alvoroço, com que esperava a Sua Magestade, e o quanto festejava a sua feliz chegada, e hia ricamente vestido com oito Gentis-homens, e seis Pagens, todos com grande luzimento; e depois de ter beijado a mão à Rainha, e recebido a resposta do seu recado, voltou ao Paço, havendo visitado da parte delRey a Henrique Fitz Jemes, filho delRey Jacobo II. da Graõ Bretanha, que vinha na Armada.

Não

Não se deteve ElRey em ir buscar a Rainha mais tempo, que o que foy preciso para se ajustar huma magnifica escada na Capitania para a Rainha poder desembarcar por ella, commoda, e seguramente, como era conveniente. Embarcou ElRey no Paço da Corte-Real em hum bargantim muy rico, e de custosa fabrica, entalhado, e dourado, a camera toda guarnecida de vidraças crystal-linas, com toldo, e cortinas de setim de ouro, e carmesim, cadeiras, almofadas, e alcatifa do mesmo, com vinte e dous remeiros vestidos ao uso Africano de escarlata, e galoens de ouro. O Patraõ vestia de bocado encarnado com a mesma guarnição, e o Patraõ môr de pano custosamente guarnecido de ouro, com o Estandarte Real ricamente bordado com as Armas Reaes: hiaõ os Trombetas na proa do bargantim com trombetas de prata, e bandeirollas com as Armas Reaes bordadas. Acompanhavaõ a ElRey os Grandes do Reyno, Officiaes da Casa Real, Presidentes dos Tribunaes, e mais pessoas, que costumãõ acompanhar os Reys em semelhantes occasioens, que para isso tiveraõ aviso, indo todos com os vestidos cobertos de ouro, e prata, taõ magnificos, que esgotavaõ o primor da arte.

ElRey, que era de huma soberana, e galharda presença, excedia na bizarrria natural aos mesmos adornos da arte. Levava huma casaca cor de fogo bordada de ouro de inestimavel preço, espadim, e

bastaõ

bastão guarnecido de riquíssimos diamantes, sendo de incomparavel valor hum, que levava na garavata, e os que ornavaõ o habito de Christo, e chapéo. Os que entraraõ no bargantim Real foraõ o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, Vêdor da Fazenda; D. Pedro de Menezes, Marquez de Marialva, Gentil-homem da Camera delRey; D. João Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, seu Mordomo môr; D. Joseph de Menezes, seu Estribeiro môr; D. Francisco Mascarenhas, Estribeiro môr da Rainha; Manoel de Mello, Graõ Prior da Ordem de S. João em Portugal, Porteiro môr; D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque de Cadaval, do Conselho de Estado, Mestre de Campo General junto à pessoa de Sua Magestade, Mordomo môr da Rainha; Henrique de Sousa Tavares, Marquez de Arronches, do Conselho de Estado; Luiz de Sousa, Arcebispo de Lisboa, Capellaõ môr, e do Conselho de Estado; D. Luiz de Sousa, Arcebispo Primaz das Hespanhas, do Conselho de Estado; Nuno de Mendoga, Conde de Val de Reys, e D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira, ambos do Conselho de Estado; o Bispo D. Fr. Manoel Pereira, Secretario de Estado: entrou tambem no bargantim Real por especial graça de Sua Magestade D. Fr. Domingos de Gusmaõ, Arcebispo de Evora, porque todos os mais pelas prerogativas dos seus ministerios lhe era concedida aquella honra.

Depois

Depois delRey ter embarcado no bargantim Real com as pessoas referidas, entraraõ os mais Grandes em vinte e quatro bargantins muy bem equipados, e adereçados de toldos de sedas de diferentes cores com grande numero de remeiros, todos vestidos à proporçaõ do mais, e diversos côros de trombetas: e vogando com pressa se adiantaraõ todos ao bargantim Real, que hia em ultimo lugar. Tanto, que ElRey entrou no bargantim, a Capitania Real colheo a bandeira, e disparou tres vezes toda a artilharia, que se alternou com outras tantas cargas de mosquetaria, e o mesmo fizeram todos os mais navios da Armada.

Chegou ElRey à Capitania, e assim que sobiraõ os Grandes, baixou ao bargantim Real o General Duque de Grafton, a quem ElRey fallou com grande agrado, e attençaõ, como merecia a sua pessoa, e posto. Ao mesmo tempo baixou tambem o Conde Embaixador, e Conductor a beijar a maõ a ElRey, que o recebeu com especial honra, mostrando o quanto se dava por bem servido da sua commissaõ, como depois mostrou, fazendolhe a merce do titulo de Marquez de Alegrete. Sahio ElRey do bargantim, e havendo baixado o Conde da Ericeira, Vêdor da Fazenda, a exercitar a sua occupaçaõ, sendo huma das preeminencias do seu officio dar a maõ a Sua Magestade ao sahir do bargantim, succedeo, que quando houve de pôr o pé na escada da Capitania, onde estava o Duque

Tom.VII.

Qqq de

de Graffton ; ao mesmo tempo , que o Conde da Ericeira foy dar a mão a Sua Magestade , fez o mesmo o Duque , e ElRey com discreta promptidão deu a mão aos dous , dizendo , que a dava a ambos , não querendo faltar em satisfazer ao hospede , e honrar ao Vassallo. Subindo à Capitania , o esperavaõ no bordo os Fidalgos Inglezes , e Alemaens , que acompanhavaõ a Rainha , aos quaes fallou com agradavel benevolencia , e muy especial a Henrique Fitz Jayme. Entrou ElRey na camera , em que estava a Rainha vestida de riquissima téla de ouro branca , ornada de muitos , e custosos diamantes de inestimavel valor. Feitos aquelles decorosos cumprimentos , que passaraõ nesta primeira vista , em que foy reciproca a satisfação das Magestades , disparou neste tempo a Capitania , e mais navios da Armada toda a artilharia , e todos os mais , que estavam no rio ; e sabindo ElRey , e a Rainha , e as Damas , que a acompanhavaõ , e a Marqueza de Alenquer D. Catharina Barbara de Noronha , Camereira môr , que antes de chegar ElRey havia entrado a beijar a mão à Rainha , e exercitar a sua occupação , acompanhada de seus sobrinhos o Conde de Aveiras João da Sylva Tello , e o Conde de Villa-Verde D. Pedro de Noronha : na camera do bargantim não entraraõ mais , que as duas Magestades , e de mais dos Grandes , que haviaõ ido nelle , foy o Embaixador Conductor. A Marqueza Camereira môr entrou logo no bargantim , em que havia

havia vindo , e as Damas Alemães em outro , em que as conduzio o Conde de Oriola , Barão de Alvito , Veador da Casa da Rainha ; estes dous bargantins se adiantarão aos mais para que a Camerleita mór , e Damas , pudessem acompanhar a Rainha quando desembarcasse.

Chegou o bargantim Real a huma ponte , que se havia fabricado na da Casa da India de admiravel architectura , a qual se communicava com o pateo da Capella Real , por onde se encaminharaõ as Magestades acompanhadas de todos os Grandes , e de mais Nobreza , Ministros , Fidalgos particulares , todos luzidamente vestidos , e a Guarda Real : quando chegaraõ ao pateo acharaõ ahi a Senhora Infanta D. Isabel , acompanhada de todas as Damas , e Senhoras de Honor , que havia baixado do Paço a buscar a Rainha. Vestia primavera de ouro sobre setim encarnado , ricamente ornada ; e sobre a riqueza da gala se via huma prodigiosa fermosura , com que a natureza a havia dotado , e as Damas assim da Rainha , como da Infanta , estavaõ vestidas de borcados guarnecidos de rendas de ouro , e prata , com diversas , e magnificas invenções. Intentou a Infanta em demonstração do seu respeito beijar a mão à Rainha , que com grande agrado naõ o consentio , e levando-a nos braços , com carinhosas expressões mostrou o seu affecto , que foy reciprocamente correspondido. Sobiraõ à Capella , que estava soberbamente ornada , e rece-

Tom.VII.

Qq ii beraõ

beraõ Suas Magestades as benções nupcias do Arcebispo Capellaõ môr, e baixando, sobiraõ ao Paço, e foraõ ao quarto da Rainha, onde estavaõ esperando as mais Senhoras da Corte com differentes, e ricos vestidos. Na noite houve luminarias, e salvas da artilharia das Torres, e dos mais navios, e Armada, que estavaõ no rio, que por tres dias repetiraõ.

Passados poucos dias teve o Duque de Grafton audiencia delRey, e foy conduzido à sua Real presença por D. Joaõ de Sousa, Veador da sua Casa, e juntamente com Henrique Fitz Jayme seu primo; falloulhe ElRey em hum gabinete interior, e aos mais Officiaes, e pessoas de qualidade da Armada com demonstrações de grande benevolencia, particularizando os dous primos, como filhos de dous Reys de Inglaterra, hum que reynava, e outro, que havia pouco occupara o mesmo throno. Haviaõ-se prevenido casas para os hospedarem com toda a magnificencia, como pediaõ as eminentes prerogativas das suas pessoas; e assim tanto, que a Rainha desembarcou entraraõ na Capitania Dom Joaõ de Sousa, e D. Joaõ de Almeida, Veadores da Casa delRey, que os mandava convidar, D. Joaõ de Sousa ao Duque de Grafton, e D. Joaõ de Almeida a Henrique Fitz Jayme, e para os conduzirem às casas, que lhe estavaõ prevenidas, que eraõ as de Dom Diogo de Menezes, e as de Manoel de Sousa Tavares as Chagas: porém como as ordens do

do General não lhe permittiaõ dormir em terra, não desembarcou entaõ nem elle, nem o outro Principe; e Gonçalo da Costa de Menezes, Mestre de Campo de hum dos Terços da guarnição da Corte, conduzio os Fidalgos Alemaens às casas, que são de Ignacio Xavier Vieira Matoso, hoje General de Batalha, onde se lhe havia preparado a hospedagem, que se lhe continuou todo o tempo, que assistiraõ na Corte, até voltarem para Alemanha.

Quando sahiraõ os dous Principes da audiencia, os dous Veadores acima nomeados, os convidaraõ para as hospedagens, e como se não quiz separar do General o outro, os conduzio D. João de Sousa a ambos ao lugar, que estava prevenido para o Duque; e assim foraõ ambos com as suas comitivas tratados com a magnificencia, e regalo digno da mayor grandeza. Deu ElRey em outro dia audiencia separadamente ao filho delRey Jacobo, e lhe fallou no mesmo gabinete, com novas demonstrações de affabilidade, e de honra. Desejava ElRey, que aquelles Principes se detivessem para verem a entrada da Rainha, e as festas, mas as ordens, que o General trazia, lho não permittiraõ; e assim passados alguns dias partio a Armada, havendo-selhe primeiro mandado hum grande refresco com muita abundancia de carnes, frutas, e doces, que se repartio por toda a Armada. Ao Duque de Grafton mandou ElRey o mesmo espadim, e bas-

e baftão de diamantes , que havia levado quando foy ao mar , e ao outro Principe hum broche de grande valor , e joyas de preço a todos os Officiaes, e Cavalheros da Armada , e quantidade de dinheiro à familia inferior , que havia vindo no ferviço da Rainha.

Determinou-fe o dia 30 de Agofto para Suas Mageftades haverem de fazer a entrada publica do Paço à Sé a dar graças naquella Cathedral ao fupremo Author das felicidades , para o que fe erigiraõ vinte arcos de mageftofa fabrica , em que os naturaes , e Eftrangeiros com louvavel emulaçaõ quizerãõ mofttar a Suas Mageftades o gofto , com que celebravaõ as fúas auguftas vodas. Na tarde do dia referido às quatro horas baixaraõ Suas Mageftades , e a Senhora Infanta D. Ifábel do Paço ao pateo da Capella a entrar no coche Real , que era de huma magnifica fabrica , acompanhados de todos os Officiaes das fúas Cafas , Grandes , Presidentes dos Tribunaes , Fidalgos , e Miniftros , todos veftidos de ricas galas , e ornados de preciofas joyas. Seguio-fe o acompanhamento pela parte da Tancoaria , em que fem precedencia caminhavaõ os coches dos Grandes precedidos dos Corregedores da Corte , e mais Miniftros , e eftes dos Porteiros das Maças , Reis de Armas , Arautos , e Pallavantes com as fúas Cotas de Armas deſte Reyno , e fúas Conquiſtas. Depois de todos os referidos coches hiaõ os dos Eſtribeiros môres ; o primeiro , o da Senhora

nhora Infanta, em que não hia o Estribeiro môr de Sua Alteza, o Conde de Pontével, por ser precisa a sua assistencia no Senado da Camera, de que era Presidente: seguia-se atraz o do Estribeiro môr da Rainha D. Francisco Mascarenhas, e em ultimo lugar o do Estribeiro môr delRey, D. Joseph de Menezes, que depois foy Conde de Vianna, e logo immediatamente os coches de respeito com a mesma preferencia. Seguia-se o coche Real coberto com as guardas dos Archeiros em duas alas, guiadas pelos Tenentes Belchior Rodrigues de Mattos, e Francisco Rodrigues de Almeida, montados em bons cavallos com custosos adereços, e atraz do coche os Capitães das mesmas guardas o Conde de Pombeiro D. Antonio de Castellobranco, e D. Filippe de Sousa, montados em soberbos cavallos ajaezados com grande primor, e custo: hum pouco diante do mesmo coche hiaõ os Estribeiros Manoel Galvão, e Francisco Banha, e os Moços da Estribeira, e logo quarenta Moços da Camera de huma, e outra banda das portinholas do coche Real, todos vestidos com bellas galas: detraz do coche das Magestades, e das guardas marchavaõ as Camereiras môres da Rainha, e Infanta, a que se seguiaõ os coches das Damas, e Senhoras de Honor da Rainha, e Infanta.

Tanto, que o coche Real chegou defronte da porta de Santo Antonio, onde estava o Senado da Camera, o seu Presidente o Conde de Pontével

Nuno

Nuno da Cunha de Ataiê chegou ao coche com os Vereadores , a saber : os Delembargadores Joaõ Coelho de Almeida , Ignacio do Rego de Andrade , Antonio da Costa Novaes , Francisco da Fonseca Sifnel , Sebastiaõ Ruys de Barros , Francisco Ferreira Bayaõ , o Escrivaõ da Camera Antonio Rebello , e os Procuradores da Cidade Miguel de Mello , e Francisco Pereira de Viveiros , e os Procuradores dos Meesteres , com todos os mais Officiaes , e Ministros do Senado : e parando neste lugar o coche , o Doutor Joaõ Coelho de Almeida , hum dos Vereadores do Senado , a quem por mais antigo tocou representar a Suas Magestades em nome d'elle , e da Cidade , a alegria , que lhe causava aquelle dia , de que se havia seguir a felicidade de todos os seus Vassallos , o executou em huma Oração muy bem feita , o que o povo applaudio com alegres vivas . Acabada a arenga , o Presidente offereceo a Suas Magestades as chaves da Cidade em huma salva dourada em nome do povo della , El-Rey pegandolhe as tornou a entregar ao mesmo Presidente .

Entraraõ Suas Magestades na Sé , onde o mesmo Senado os recebeo com hum Paleo muy rico , em cujas varas pegavaõ o Presidente , e Vereadores : estavaõ à porta daquella Cathedral o Cabido com o seu Arcebispo debaixo de rico Paleo com a Reliquia do Santo Lenho , que Suas Magestades , e Alteza adoraraõ , para o que se poz huma alcatifa ,

fa, e almofadas, que os Reposteiros trouxeraõ no acompanhamento; e o Marquez de Alegrete Manoel Telles, Gentil-homem da Camera, que assistia de semana, accommodou a almofada para El-Rey ajoelhar, e o Duque de Cadaval D. Nuno a almofada da Rainha, e o Conde de Val de Reys a da Senhora Infanta. Feita a adoração, acompanharaõ Suas Magestades, e Alteza a Sacrosanta Reliquia até o Altar mór, onde estava hum rico sítial, em que Suas Magestades fizeraõ oração. Estava o Templo armado com a mayor grandeza, e custo, que se póde imaginar; e cantados os Hymnos, e Orações, que a Igreja costuma em semelhantes acções, volteraõ Suas Magestades pela mesma fórma pelo Terreiro do Paço, aonde se recolheraõ entre aclamações, e demonstrações festivas de toda a Cidade.

Segundo o costume do Reyno se continuaraõ as festas, em que houve tres dias de Touros, em que no primeiro toureou o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora, e no segundo Dom Lourenço de Almada, e no terceiro o Conde de Villa-Flor D. Christovão Manoel, em que sobre a destreza dos Cavalleiros em primorosas sortes, se admirou a grandeza na excessiva comitiva de criados, com que cada hum cobrio o corro, ricamente vestidos com excellentes invenções. Seguiu-se à festa dos Touros a de artificios de fogo, que com grande primor se executaraõ por tres dias no mar,

Tom.VII.

Rrr

e na

ena terra, feitos pela direcção do Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, Védor da Fazenda, em quem a grandeza do animo competio com as excellentes virtudes, de que foy ornado. Ao mesmo tempo se celebraraõ em todo o Reyno os Augustos desposorios de Suas Magestades.

Foy esta uniaõ abençoada por Deos, porque sobre a grande harmonia, em que viveraõ ditosamente estes Principes, a fecundidade da Rainha, a que se juntavaõ grandes virtudes, a faziaõ universalmente amada dos seus Vassallos; porque deste Real thalamo se seguiu a mayor ventura de Portugal. No dia 30 de Agosto, que se compria hum anno, em que os Reis haviaõ ido à Cathedral de Lisboa, renderlhe as graças daquella uniaõ, e pedirlhe a mayor felicidade della, que era a successão, deu a Rainha à luz hum Principe com grande satisfação dos seus Vassallos, que em breves dias sentiraõ a sua falta. Porém como aquelle naõ era o Principe, que Deos havia promettido para a perpetuidade da Monarchia Portugueza, em breve satisfez os votos de todos os seus Vassallos; porque a Rainha os encheo de huma viva esperança, que Deos satisfez no dia 22 de Outubro do anno seguinte de 1689 com o Principe D. Joaõ, seguindo-se depois, com alguma interpoção, tres Infantes, e duas Infantas, como adiante veremos, glorioso fruto deste Real thalamo, que com geral sentimento naõ chegou a durar doze annos perfeitos, sendo a pena del Rey inexplicavel. Esta

Esta continuada felicidade, que então applaudiaõ os Vassallos, se fazia ainda mais estimavel na doce tranquillidade, e na suavidade da paz, que por tantos annos gozaraõ, ao mesmo tempo, que na Europa ardia em toda a parte huma sanguinolenta guerra; e por esta causa mereceo então ElRey D. Pedro o titulo de *Pacifico*, como dissemos, nome, que os seus Vassallos repetiaõ com veneraçãõ.

Havia pouco, que respirava Europa da cruel guerra, que havia padecido, quando succedeo a morte delRey D. Carlos II. de Castella em o primeiro de Novembro de 1700, e aberto o seu Testamento se achou chamar à successãõ da sua larga Monarchia a Philippe de França, Duque de Anjou, seu sobrinho, que acclamado Rey em Madrid a 24 de Novembro, e entrando de posse, mostraraõ então os interesses do nosso Reyno ser conveniente reconhecer este Principe por verdadeiro possuidor daquella Monarchia, e nesta conformidade passou a Portugal com o caracter de Enviado D. Domingos Cappecellatro, e na Corte de Madrid continuou com o mesmo emprego Diogo de Mendoça Corte-Real, que já havia annos, que residia nella por Enviado Extraordinario delRey D. Pedro. Interessava-se na sua conservaçãõ ElRey Christianissimo Luiz XIV. a quem chamaraõ o *Grande*, avô delRey D. Philippe: e propondo a nossa Corte hum novo Tratado de alliança, o veyo finalmente a conseguir, e outro com Hespanha, e ambos se assina-

raõ no mesmo dia de 18 de Junho do anno de 1701, sendo hum dos artigos o auxiliar as nossas armas com huma Armada, que defendesse o porto de Lisboa de alguma invasão de inimigos, e se segurassem os nossos mares, em virtude do que a 21 de Setembro de 1701 deu fundo em Calcaes huma Esquadra, que mandava o Conde de Chaternau, Vice-Almirante da Armada de França, a qual se compunha de vinte e hum navios de guerra, de fogo, e serviço da Armada.

Memorias m. f. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom. X, pag. 192.

Entrou a Armada pela barra, salvando a nao do General as Torres de S. Lourenço, S. Juliaõ, e Belem, que lhe responderaõ com igual numero de tiros. Tanto, que a Armada deu fundo no rio, o Presidente Roville, que residia nesta Corte com o caracter de Embaixador de França, pedio ao Secretario de Estado audiencia de Sua Magestade, dizendo-lhe, que o Conde de Chaternau desejava ir à sua Real presença; porque naõ queria executar as ordens delRey Christianissimo, sem primeiro receber as de Sua Magestade, como elle lhe mandava. Havia ElRey neste dia sabido fóra, e chegando ao Paço à noite, se avisou ao Embaixador de França, que podia ir à audiencia com o General da Armada: foy esta audiencia particular, e sem as ceremonias costumadas. Entraraõ às nove horas da noite à presença delRey, que mandou cobrir sómente ao Embaixador, e ElRey honrou muito ao General com palavras de estimaçãõ, dizendo-lhe a muita,

muita , que fazia da sua pessoa , e o quanto lhe fora grata a eleição , que della fizera ElRey Christia-
nissimo , e outras semelhantes atenções , com que sahiraõ o Embaixador , e o General muy satisfeitos da sua presença. Ordenou-se a Joaõ Rebello de Campos , Corrector da Fazenda Real , que dispu-
zesse hum grande refresco para a Armada , a qual levou a 26 do referido mez , em tanta abundancia , que o General o mandou repartir por todos os na-
vios da sua Armada. A 3 de Outubro teve audi-
encia de Sua Magestade para pôr na sua Real pre-
sença os Cabos , Officiaes , e pessoas de mayor dis-
tinção da Armada. Foy o General conduzido nos
coches do Embaixador de França , e os Officiaes ,
que vieraõ nos seus escaletes , desembarcaraõ na
praya da Corte-Real. Estava ElRey na casa cos-
tumada do Paço da Corte-Real , coberto , assistido
dos Grandes , e dos seus criados , todos no lugar ,
que lhe competia. Entrou o Conde de Chateaufort
com cento e cincoenta Officiaes muy luzidos , e
depois de haver fallado a ElRey , lhos apresentou
todos , que enchendo a casa fizeraõ hum circulo :
ElRey honrou muito a todos com agradavel pre-
sença , e estava com o chapeo na cabeça , que nun-
ca tirou , e despedidos , satisfeitos da sua Real atten-
ção , se recolheraõ aos seus navios.

Era o fim desta Armada segurar o porto de
Lisboa de algum insulto da Armada Ingleza , que
governava o General Rook ; porque se tinha espa-
lhado ,

lhado, que os Inglezes sentidos do nosso Tratado com França emprenderiaõ alguma facção, sendo ella a que dèsse o primeiro aviso do rompimento. O que deu motivo a determinar-se a defenfa de Lisboa, e a prevenir os Lugares maritimos da nossa Costa. Foy logo guarnecida a Cidade de Infantaria, e Cavallaria, e encarregando-se o governo della a Generaes de grande valor, se distribuirãõ os empregos na fôrma seguinte. Na Ribeira desde a porta do Conde de Coculim até Xabregas, o Conde de Atalaya Dom Luiz Manoel de Tavora, do Conselho de Guerra; da Ribeira até à Boa vista o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, do Conselho de Estado; deste lugar até o Forte de Alcantara o Conde de Alvor Francisco de Tavora, do Conselho de Estado. A Torre de S. Juliaõ da Barra como mais importante, se entregou ao Marquez das Minas Dom Antonio Luiz de Sousa, do Conselho de Guerra, juntamente com todos os Fortes até o Paço de Arcos, e os mais, que se seguem até Cascaes, com o governo desta Praça. Os Fortes, que guarnecem toda a Marinha, se encomendaraõ a Officiaes experimentados, e pessoas da primeira grandeza. A Praça de Setuval foy governar Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa, e para Peniche foy o Marquez de Niza D. Francisco Balthazar da Gama, do Conselho de Guerra. A Armada Real se entregou ao seu General o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, de quem
era

era Almirante o Conde do Rio Grande Lopo Fur-
tado de Mendoga.

Desta forte se havia preparado o porto de Lis-
boa, quando se deu por certo, que a Armada In-
gleza, que governava o General Rook, se recolhe-
ra ao Canal, havendo somente expedido para fóra
trinta navios, cujo destino se ignorava. O Gene-
ral Chaternau com esta noticia, juntamente com o
Embaixador, pediraõ audiencia a Sua Magestade,
que lha concedeo particular à noite, na qual lhe
representaraõ, que era conveniente, que a Arma-
da, que se achava neste porto, passasse ao de Cadiz
a unir-se com a do Conde de Eñtrees, para toma-
rem noticia do rumo, que haviaõ seguido os trinta
navios Inglezes, que se apartaraõ do Almirante
Rook; e que no caso de ser necessario, que elle
fosse à altura das Ilhas dos Açores esperar as nossas
frotas, o faria seguindo as ordens, que tinha del-
Rey de França para este mesmo intento: e que
tambem se lhe constasse, que os navios Inglezes ti-
vessem tomado a derrota das Indias de Hespanha,
determinava ir em seu seguimento, (e na verdade
este era o intento, passar às Indias a conduzir os ga-
leões com os cabedões de Hespanha.) ElRey lhe
respondeo logo premtamente na mesma audien-
cia, sem ter ouvido o Conselho de Estado, dicen-
dolhe, que podia sahir com a sua Armada deste
porto quando lhe parecesse, porque não desejava
faltar a cousa alguma, em que ElRey de França ti-
vesse

vesse conveniencia ; e que assim queria , que o Conde de Chaternau fizesse , o que fosse mais util àquelle fim. Tratou logo o General de pôr corrente a Armada de tudo o que necessitava para se fazer à véla ; e ultimamente pediu audiencia o Embaixador de França para Chaternau se despedir , e agradecerem ambos a Sua Magestade a urbanidade , e grandeza , com que se houvera com a Armada de França neste porto. Era o Duque de Cadaval conferente do Embaixador de França , o qual lhe disse , que a marinhagem da Armada Franceza necessitava de algum tabaco de fumo , e que pedia a Sua Magestade lho mandasse dar no Estanco pelo seu dinheiro , e que fiasse do Embaixador , que aquelle tabaco não teria outro consumo , nem com elle se faria fraude à fazenda Real. Ordenou Sua Magestade , que se lhe dêsse logo graciosamente por conta da sua Real fazenda quinze mil arrateis de tabaco , que se mandaraõ pagar ao Contratador , e El-Rey mandou ao General huma joya de muito valor.

Despedido o Conde de Chaternau , levou ferro , e passando pela Capitania da Armada Portugueza , que estava por cima de Belem , em que se achava embarcado o Conde de S. Vicente , General della , a salvou com onze peffas , e lhe respondeo o Conde de S. Vicente com outras onze , e passando pela Torre de Belem lhe fez a mesma salva , e a Torre lhe respondeo igualmente ; e sahindo pela

pela barra a 20 de Outubro do referido anno de 1701 foy na volta de Cadis. Estava ordenado neste tempo a D. Joaõ Diogo de Ataide, Mestre de Campo de hum dos Terços da Guarnição da Corte, que se achava embarcado, para que sahisse a correr a nossa Costa com outro navio, que governava D. Luiz de Almada; e como D. Joaõ levasse ancora primeiro, que a Armada de França, não podendo sair naquella maré, deu fundo na bahia de S. Joseph: logo, que D. Joaõ passou a Torre, poz no mastro da mezena a bandeira, que pertencia ao seu posto; quando passou a Capitania de França a salvou D. Joaõ com onze peñas, e Chaternau lhe respondeo com outras tantas, e depois de terem os cumprimentos costumados no mar de se lhe agradecerem as salvas, se foraõ de ambas as partes diminuindo os tiros, até que ficou a Capitania de França em tres; e unindo-selhe na outra maré o navio de D. Luiz, foraõ ambos logo pela barra a correr a Costa. Nesta Armada se embarcou huma grande parte da primeira Nobreza.

No anno seguinte de 1702 em 15 de Julho chegou ao rio de Lisboa em huma fragata de guerra Ingleza o Principe Jorge Darmstad, primo com irmaõ da Rainha D. Maria Sofia, e dando fundo defronte das Tercenas, na mesma tarde desembarcou, e foy para casa do Conde de Valdefstein, Embaixador de Alemanha, que já havia tido a sua audiencia de despedida, e morava este Ministro nas

Tom.VII.

Sss

casas

casas do Visconde da Assica, que tem communicacão com a marinha; e assim na porta, que tem para o mar, desembarcou o Principe, e pediu audiencia a ElRey, que foy servido darlha no dia 29 às dez horas da manhã, aonde o conduzio o Conde de Assumar D. João de Almeida, Veador da Casa Real, e o esperou no primeiro degrao da escada do Paço da Corte-Real. ElRey estava na casa de dentro à em que dava audiencia, e nesta estavam alguns Officiaes da sua Casa, e alguns Grandes. Na Camera delRey se achavaõ o Marquez de Marialva, seu Mordomo môr, e Gentil-homem da sua Camera, que estava de semana; o Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera; o Conde de Vianna, Escribeiro môr, e tambem Gentil-homem da Camera; o Duque de Cadaval; e Joseph de Faria, que servia de Secretario de Estado, e entre estas pessoas não houve differença, nem preferencia de lugares. Entrou o Principe de Darmstad conduzido pelo Conde de Assumar, e ElRey estava encostado no bafete, e não poz o chapeo na cabeça, e lhe fallou com muito agrado, e quando se despedio, ficou no mesmo lugar, em que estava encostado ao bafete. O Conde de Assumar ficou na mesma casa em quanto durou a audiencia, e o tornou a conduzir ao mesmo lugar. A sua liteira entrou no saguaõ da Corte-Real; porém as guardas não lhe pegaraõ nas armas. Era o Principe de Darmstad muy addicto às conveniencias do Emperador, a quem servia,

servia, e como ElRey naquelle tempo havia feito a liga com França, e Hespanha, os Ministros destas Cortes, que eraõ o Presidente Roville, Embaixador de França, e o Enviado de Castella Dom Domingos Capecellatro, representaraõ a Sua Magestade, que não devia consentir na sua Corte hum Principe totalmente opposto às duas Coroas de França, e Hespanha, com quem Sua Magestade estava ligado, principalmente não tendo o Principe negocio, nem interesse proprio, que o trouxesse a Lisboa. Determinou ElRey mandarlhe hum recado pelo Secretario de Estado Joseph de Faria, que lhe dissesse, que a conjunctura presente não dava lugar à sua assistencia neste Reyno, e ainda que com muito pezar delRey; era preciso dizerlhe, que sahisse logo delle. O Principe de Darmstad lhe respondeo, que logo o faria, e a 16 de Agosto embarcou no navio Inglez, em que tinha vindo, que estava na bahia de Cascaes, a que se ajuntou outro, em que tinha vindo D. João Methuwin, pay de D. Paulo Methuwin, Enviado de Inglaterra, que residia nesta Corte, aonde já seu pay havia tido o mesmo emprego, que vinha revestido de grandes poderes, e começou logo a negociar com tão boa direcção, que elle foy o primeiro motor de entrar ElRey D. Pedro na grande alliança, que o Emperador havia feito com Inglaterra, e Hollanda, como adiante se dirá.

No mesmo anno entrou em Portugal pela Cidades
Tom.VII. Sss ii

dade de Miranda o Almirante de Castella D. Joaõ Thomás Henriques, e caminhando em direitura a Lisboa, parou no Lugar de Villa-Longa na Quinta do Conde de Val de Reys, de donde escreveu ao Secretario de Estado Mendo Foyos Pereira, dizendo-lhe, que por dependencias particulares suas deixava a Patria, e passara a Portugal, com animo de se pôr aos pés delRey, e buscar o seu Real amparo. O Secretario lhe respondeo com palavras geraes aconselhando-lhe, que ficasse naquelle sitio; porém elle lhe respondeo, que não tinha alli o necessario para a sua familia, pelo que passava a Belem para a Quinta (que então era) do Conde de S. Lourenço, onde já se achava parte do seu fato. Publicou então o motivo da sua resolução, que nascera, porque a Corte de Madrid o nomeara Embaixador Ordinario para residir na Corte de Pariz, contra o uso daquella Corte, que não permitia, que os homens da sua grandeza aceitassem, senão o caracter de Embaixadores Extraordinarios; e sendo compellido a fazer huma cousa contra a sua pessoa, e grandeza, se passara a este Reyno, e deixando o caminho para França, tomara o de Portugal, e remettendo pelo seu Secretario à Rainha de Castella todas as instrucções, e papeis da sua Embaixada, o despedio da sua companhia, mandando-o para Madrid. O Embaixador de Alemanha, que aqui se achava, tanto, que teve esta noticia, intentou persuadir, que o Almirante vinha determinado a reconhecer

nhecer o Archiduque Carlos Rey de Castella, e foy a Villa-Longa incognito a ver o Almirante; este lhe não quiz fallar, respondendo, que se presumira, que naquelle lugar se havia de encontrar com sua Excellencia, não viera por aquella estrada. Havia já o mesmo Embaixador tomado, e preparado as casas de Manoel Lobo da Sylva a Santa Apollonia, publicando, que eraõ para o Almirante, e mandandolhas offerrecer, não as quiz aceitar; e no dia 24 de Outubro do referido anno de 1702 chegou o Almirante a Lisboa, e foy pouzar a Belem na Quinta do Conde de S. Lourenço, onde depois o visitou toda a Corte. Havia trazido consigo a seu sobrinho D. Pascoal Henriques, filho herdeiro de seu irmão o Marquez de Alcaniças, o qual ou fosse suggerido pelo Almirante, ou por propria resolução do mesmo Fidalgo, buscou a casa do Enviado de Castella, que aqui se achava, e lhe disse, que elle queria passarse à obediencia delRey Dom Philippe, e ficando em casa do Enviado, pedio este Ministro a ElRey D. Pedro o mandasse segurar até Badajoz, e se ordenou ao Corregedor do Crime do Bairro Alto Crispim Mascarenhas, que o acompanhasse até o pôr na Raya de Castella, o que com effeito se executou. Não buscou o Almirante ao Enviado de Castella, nem ao Embaixador de França, e reve audiencia delRey. Achava-se na gallery o Porteiro da Camera, e entrando nella o Almirante, sem que fosse conduzido por pessoa alguma,

ma, nem menos haver entrado a sua carruagem no saguaõ do Paço, lhe disse, que se sua Excellencia pertendia fallar a Sua Magestade, daria recado ao Gentil-homem da Camera, que estava de semana, e respondendolhe, que isso pertendia, deu o Porteiro da Camera recado ao Conde de Vianna, e elle lhe ordenou dissesse ao Almirante, que Sua Magestade o esperava; e entrando, ElRey praticou com elle o mesmo, que com o Principe de Daimstad, estando em pé encoistado a hum bofete, onde tinha o chapeo, e fallandolhe com muito agrado, se despedio. Na Casa, que era a mesma já referida, estiveraõ o Conde de Vianna, Gentil-homem da Camera, que estava de semana, o Marquez de Alegrete, o Duque de Cadaval, o Secretario de Estado Mendo Foyos Pereira, e Joseph de Faria, que servia por elle a dita occupação. Teve depois audiencia do Principe, e Infantes, na qual se observou o mesmo, que na delRey; porque estavaõ em huma casa immediata à antecamera do quarto da Rainha, em que viviaõ, na qual havia hum bofete com duas cadeiras de cada parte, e encoistados ao bofete, e cadeiras estavaõ Suas Altezas; o Principe tinha à sua mão esquerda os Senhores Infantes D. Francisco, D. Antonio, e D. Manoel; de traz da cadeira do Principe estava a Condessa de Pombeiro, Senhora de Honor, na ausencia da Marqueza de Unhaõ, Aya de Suas Altezas; na casa assistiraõ sem preferencia o Duque Mor-
domo

domo môr, e os Veadores de Suas Altezas, e o Príncipe, e Infantes tinhaõ o chapeo na maõ. Na mesma tarde foy o Almirante à audiencia da Rainha da Grãa Bretanha D. Catharina, que estava na sua antecamera em estrado, assentada em cadeira debaixo do docel; acompanhavaõ-na da parte direita as Marquezas, Condesas, e muitas Senhoras, e da parte esquerda muitos Grandes, e Fidalgos, com a mesma ordem, e preferencia, que costumão ter na casa delRey, e como a Rainha não havia de mandar cobrir ao Almirante, não mandou cobrir aos Grandes. Entrando o Almirante achou a Rainha em pé encostada à cadeira, que estava no estrado debaixo do docel, e elle por obsequio quando chegou onde estava a Rainha, poz o joelho no chão, e dizendolhe a Rainha, que não estava assim bem, se levantou, e fallou em pé descoberto, e a Rainha lhe respondeo com igual agrado, que discriçaõ. Não tardou muito em se descobrir a devoçaõ do Almirante ao Emperador Leopoldo, a quem todo se havia offerecido, como elle declarou em hum Manifesto, que entaõ imprimio, em que vem as repostas das Cartas do Emperador. Em Castella se procedeo contra o Almirante, até que por sentença foy condemnado à morte, e confiscados todos os seus bens, e publicada a sentença no Conselho Real de Castella a 17 de Agosto de 1703. Havia já o Emperador Leopoldo I. feito huma liga offensiva, a que chamaraõ a *Grande Alliança*,
com

com Inglaterra, e Hollanda, na qual depois entrou Saboya, sendo o fim desta alliança meterem de posse da Monarchia de Hespanha ao Archiduque Carlos, filho segundo do Emperador.

Convidaraõ os interessados da grande alliança a ElRey D. Pedro a entrar naquelle Tratado, com o qual lhe offereceraõ condições muy ventajosas à nossa Coroa: e discorrendo os Ministros Portuguezes o estado da Europa, persuadiraõ muitos a ElRey, que abraçasse as proposições, que lhe facilitavaõ os Ministros, que tratavaõ este negocio. Eraõ elles Carlos Ernesto, Conde de Valdestein, Embaixador do Emperador, D. João Methwin, e D. Paulo Methuwin seu filho, Ministros de Inglaterra, e D. Francisco de Schonomberg, Ministro de Hollanda, que todos residiaõ nesta Corte, e trabalharaõ este negocio com grande cuidado. O qual finalmente depois de debatido por huma, e outra parte, se reduzio a hum Tratado de liga offensiva entre o Emperador, e ElRey de Portugal com as mais Potencias interessadas na grande alliança, o qual se assinou em Lisboa a 16 de Mayo de 1703, em que foraõ Plenipotenciarios por parte de Portugal o Duque de Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, o Conde de Alvor Francisco de Tavora, o Secretario de Estado Joseph de Faria, e o Secretario Roque Monteiro Paim, e da parte do Emperador o Conde de Valdestein, e no mesmo dia

dia se assinarão outros Tratados com Inglaterra, e Hollanda da mesma liga, em que foraõ os Plenipotenciarios, de Inglaterra D. Paulo Methwin, e de Hollanda D. Francisco Schonomborg, e de Portugal os mesmos referidos acima.

Pelo referido Tratado se obrigou ElRey de Portugal a sustentar à sua despeza sómente doze mil Infantes, e tres mil cavallos. E que para se formar hum Exercito de vinte e oito mil homens, levantaria ElRey mais treze mil homens de gente Portugueza, dos quaes seriaõ onze mil Infantes, e dous mil Cavallos, e seriaõ pagos pelos Alliados, para o que se obrigaraõ a dar a ElRey Dom Pedro hum milhaõ de patacas todos os annos em quanto durasse a guerra, o qual seria pago às mezadas, tendo principio a satisfação no rompimento da guerra. E além do dito milhaõ de patacas, se obrigaõ a dar quinhentas mil patacas para o apreito do Exercito, e mais cousas necessarias, as quaes se haviaõ de entregar ao tempo da ratificação deste Tratado. Os Alliados se obrigaõ a porem neste Reyno para servirem na guerra todo o tempo, que ella durasse, doze mil homens de Tropas Estrangeiras veteranas, a saber: dez mil Infantes, mil Cavallos ligeiros, e mil Dragoens, todos armados, e pagos à custa dos ditos Alliados, e que à mesma sua despeza mandariaõ hum trem de dez pegas de artilharia de bronze com tudo o que lhe pertenceffe, excepto as mulas. E que juntamente com as armas

Tom.VII.

Tt

para

para os onze mil homens Portuguezes dos treze, que se haviaõ mandar levantar, viria outro trem de dez peſſas de artilharia de bronze de calibre de doze até vinte e quatro, o qual trem, e armas haviaõ de ficar como proprias em Portugal, ſem ſe poderem repetir, nem pedir o custo dellas. E para ſervir na primeira Campanha mandariaõ os Alliados pôr em Portugal quatro mil quintaes de polvora. E em quanto duraffe a guerra, todos os annos poriaõ em Portugal o meſmo numero de quintaes de polvora à ſua custa, antes que ſe abriſſe a Campanha. E que com a gente Eſtrangeira, que viesſe de ſoccorro, viriaõ dous Meſtres de Campo Generaes, quatro Generaes de Batalha, quatro Officiaes de Cavallaria, dous Tenentes de Meſtre de Campo General, dous Tenentes Generaes da Artilharia, doze Engenheiros, quarenta Condeſtaveis, dez Officiaes de fogo, vinte Mineiros, todos pagos à custa dos Alliados. Com a declaração, que toda a gente Eſtrangeira, que os Alliados mandafſem a Portugal, eſtaria naõ ſó ſogeita ao mandado ſuperior del-Rey, mas tambem ao dos ſeus Generaes. E que as Potencias maritimas ſuſtentariaõ nas coſtas, e pórtos de Portugal competente numero de naos de guerra para as guardarem com ſegurança dos inimigos; e aſſim tambem tendo-ſe noticia, de que ſe pertendia fazer invaſaõ em algum dos pórtos de Portugal, mandariaõ a elle numero de navios ſuperior aos dos inimigos. E ſuccedendo fazer qualquer Potencia

tencia guerra nas Conquistas de Portugal, e seus Dominios, ou tendo-se noticia, de que a intentava fazer, dariaõ os Alliados todos os navios de guerra, que fossem necessarios para poderem impedir a tal guerra, o que fariaõ em quanto ella durasse. E estariaõ todos os navios de soccorro às ordens delRey para tudo o que lhe ordenasse; e que passando às Conquistas de Portugal, obedeceriaõ ao que se lhe ordenasse da sua parte pelos seus Vice-Reys, e Governadores nas ditas Conquistas, e Dominios. E tambem quando os navios de soccorro das duas Potencias, em qualquer occasiaõ, ou qualquer caso, que se unissem com os de Portugal, o Cabo da Armada, ou Esquadra Portugueza, seria o que faria os sinaes, e chamaria a Conselho, que se faria na Capitania de Portugal, e do que se determinasse passaria as ordens pelo Cabo da Armada, ou Esquadra Portugueza, as quaes executariaõ os Cabos dos navios auxiliares, cada qual na sua Esquadra. E que se naõ fariaõ pazes, ou tregoas, sem consentimento reciproco de todos os Alliados. E que o Archiduque Carlos viria a este Reyno a desembarcar com todos os soccorros, a que os Alliados se haviaõ obrigado pelo referido Tratado, e sem que tivessem chegado a este Reyno todos os soccorros, assim de gente, como de navios, naõ seria ElRey de Portugal obrigado a romper a guerra. E que tanto, que o Archiduque chegasse a este Reyno, Sua Magestade Portugueza o reco-

nheceria , e trataria como Rey de Hespanha , assim como a possuir a ElRey D. Carlos II. mas com declaração , que primeiro havia de constar a ElRey D. Pedro juridicamente , que o direito de ser Rey daquella Monarchia estava cedido , e transferido na pessoa do Archiduque ; e outras condições comprehendidas em vinte e nove artigos. Houve mais dous artigos secretos pertencentes à mesma liga , nos quaes o Archiduque se obrigava , que assim , que fosse revestido do direito de Rey de Hespanha , e Indias Occidentaes , cederia logo , e faria doação a ElRey Dom Pedro das Praças de Badajoz , Albuquerque , Valença de Alcantara na Provincia da Estremadura , e das Praças da Guarda , Tuy , Bayona , e Vigo no Reyno de Galliza , e todas estas Praças , Cidades , e Fortalezas , com o territorio de cada huma dellas *in perpetuum* para a Coroa de Portugal ; e o direito , que tinha , ou pudesse ter às terras sitas na margem Septentrional do rio da Prata , para que por aquella parte se dividissem os Dominios da America de huma , e outra Coroa. O que tudo por hum artigo secreto separado pertencente à liga se corroborou , e depois o Archiduque já revestido da dignidade Real , com o nome de Carlos III. os ratificou , como nelles se continha.

Neste tempo residia nesta Corte com o caracter de Enviado da Corte de Madrid D. Domingos Capecellatro , o qual com pouca reflexão entrou em hum empenho , de que sahio muy mal. Succedeo

cedeo ir a sua casa hum Castelhana, ao qual por ter com elle humas razoens, ou por outro motivo premeditado, o prendeo em sua casa, e a poucos dias de prezo, em huma noite o mandou violentamente embarcar em hum navio Francez: sabido este caso, e tambem, que hum criado Portuguez havia sido o que por sua ordem levava o Castelhana a embarcar, foy o dito criado prezo na Torre de Belem. O Embaixador de França o Presidente Roville se interpoz para compor este caso, dizendo ao Duque de Cadaval, seu conferente, que pedia a Sua Magestade se não queixasse a ElRey de Castella, como determinava; porque o Enviado reporia o Castelhana outra vez em Lisboa, e que rogava a Sua Magestade mandasse soltar o criado do Enviado. Respondeo-selhe, que a queixa a ElRey Catholico Sua Magestade a suspenderia, e que o criado do Enviado seria solto quando o Castelhana fosse reposto; porque do contrario correria a mesma fortuna, que o Castelhana, e que Sua Magestade suspendia o Enviado de poder ir à sua presença em quanto se não repunha em Lisboa o Castelhana. Esta resposta poz em grande consternação ao Enviado, porque correio bastante tempo na diligencia de se buscar o Castelhana. Ultimamente antes, que este chegasse a Lisboa, em 15 de Novembro de 1703 escreveu o Enviado ao Secretario de Estado dizendolhe, que ElRey seu amo o mandava recolher, e retirar da Corte, que pedia a Sua Magef-

Magestade o mandasse segurar até à Praça de Elvas, aonde esperaria, que chegasse a Badajoz o Enviado de Portugal, que estava em Madrid, para que hum, e outro se recolhessem às suas Cortes. ElRey D. Pedro sem dar audiencia ao Enviado, nem lhe mandar dar a joya costumada, pelo attentado, que havia commettido contra as Leys da hospitalidade, não quiz faltar em o mandar segurar até Elvas, e foy com elle o Ajudante da Cavallaria João Pereira Fidalgo com trinta Cavallos. Poucos dias antes do Enviado partir, o Castelhana, que elle havia prezo, e remettido a Castella, chegou voluntariamente a esta Corte a casa do Almirante, que mandou dizer ao Secretario de Estado, que em sua casa estava o homem, que o Enviado prendera. Tanto, que este teve noticia da chegada do homem, buscou ao Secretario de Estado, e lhe disse, que o Castelhana, que elle estava obrigado a repor, se achava em casa do Almirante, e que assim pedia se lhe mandasse soltar o seu criado; porém não se lhe respondeo, e o Enviado partio para Elvas, e depois foy solto o seu criado, que estava na Torre de Belem. Neste mesmo tempo se escreveu a Madrid ao Enviado Diogo de Mendoça Corte-Real, que se recolhesse a este Reyno. Poucos dias depois de lhe chegar esta ordem a Madrid, hum noite entrou em casa do Enviado hum Alcaide de Corte, e lhe disse, que se abstivesse de sair fóra, e com effeito o deteve em casa; e dando conta

Diogo

Diogo de Mendoça por hum Expresso , o Conde das Galveas, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, mandou pôr guardas, e fentinellas ao Enviado, mandandolhe dizer, que não tinha outros Alcaides de Corte, com que poder guardar ao Enviado ; porém este quiz tomar como obsequio as guardas, que eraõ reclusão. Achava-se nesta Corte já por Embaixador delRey de França o Marquez de Châteauneuf, que quiz com muita prudencia mostrar, que a Corte de Madrid não procedera contra o Enviado Diogo de Mendoça Corte-Real , porque como estando taõ proximo o rompimento da guerra entre as duas Coroas de Portugal, e Castella, tendo ElRey Catholico noticia, que o povo se alterava contra o Enviado Diogo de Mendoça, o mandara guardar, e segurar. Finalmente a 13 de Dezembro do referido anno entrou em Elvas o Enviado Diogo de Mendoça, e o Enviado D. Domingos Capecellatro passou a Badajoz.

Em quanto isto passava em Portugal, se apresentava na Corte de Vienna a jornada do Archiduque, para o que o Emperador seu pay o fez acclamar Rey de Hespanha, e dos mais Dominios pertencentes àquella Coroa a 12 de Setembro de 1703, com o consentimento das Potencias interessadas na grande alliança. E assim com o nome de Carlos III. Rey de Castella sahio da Corte de Vienna, e passando a Hollanda, embarcou em hum Armada, que

que os Alliados tinhaõ prompta para nella passar a Portugal com os soccorros, que se haviaõ estipulado no Tratado, de que fizemos menção. A 7 de Março em huma sexta feira do anno de 1704 amanheceo sobre a barra de Lisboa a Armada Ingleza, e Hollandeza, de que era Almirante o Cavalleiro Jorge Rook: entrou toda junta por achar vento, e maré, e foy salvada tres vezes com toda a artilharia das Torres, e Fortalezas da marinha, por onde passou, observando-se em cada huma das salvas colherse a bandeira. A Capitania não respondeo a nenhuma das ditas salvas em quanto não deu fundo, o que fez defronte de Pedrouços, e então salvou com huma andaina de artilharia de estibordo, e outra de bombordo; e tanto, que a Capitania deu fogo à primeira pezza, poz huma bandeira no estais do masto grande por final à Armada, a qual logo toda salvou, e continuando a salva juntamente por toda a Armada, fez huma sermosa, e agradável vista pelo bem compassado, com que todos os navios seguiraõ a Capitania. Achava-se nesta Corte o Marquez de Châteauneuf, Embaixador de França, que havia sido testemunha dos grandes aprestos, que se haviaõ feito para receber o Archiduque, de que se não deu por entendido, e de novo propoz huma neutralidade para o Reyno de Portugal, de que pedia a resposta no termo de quinze dias; neste negociado gastou algum tempo, até que chegando a dar fundo a Armada Ingleza, que condu-

Memorias do Duque
de Cadaval D. Nuno
m. 6. 4. XL pag. 215.

conduzia a ElRey Carlos III. havendo tido audiencia de despedida, partio de Lisboa no dia 8 de Março, passando o Tejo a Aldea-Galega para voltar a Pariz por Hespanha.

Estava ajustado o Ceremonial, que se havia de praticar não só entre ElRey Carlos III. e El-Rey D. Pedro II. mas entre huma, e outra Corte, de modo, que regulada a fôrma, não pudesse haver dissabor de nenhuma parte. Nesta conformidade o Conde de Villa-Verde, Vêdor da Fazenda da repartição da Marinha, foy logo no mesmo dia a bordo da Capitania, e offereceo ao General da parte delRey seu amo tudo o que pudesse necessitar para a sua Armada, que promptamente se lhe daria nos Armazens delRey; e passando a ver a El-Rey Catholico, o recebeu na sua Camera em pé, e descoberto, e despedindo-se, o General o acompanhou até o portaló com grandes cumprimentos de huma, e outra parte.

Encarregou ElRey ao Marquez de Marialva, seu Gentil-homem da Camera, que servia de seu Mordomo môr, a quem por este exercicio tocava cumprimentar da sua parte a ElRey Catholico, e ao Duque de Cadaval, Mordomo môr, que fora da Casa da Rainha sua mulher, e se conservava a mesma Casa no serviço de Suas Altezas, que fosse da parte da Rainha da Grãa Bretanha, sua irmã, e do Principe do Brasil, e dos Senhores Infantes, seus filhos, a dar a boa vinda a ElRey Carlos. Po-

Tom.VII.

Uuu

rém

rém o Marquez de Marialva se deteve tanto, que entendendo o Duque, que já teria feito a sua commissão, embarcou em hum bargantim acompanhado do General de Batalha Diogo Luiz Ribeiro, e Tristaõ de Mendoça, Tenente General da Cavallaria da Corte, e em outro bargantim hia hum grande numero de Officiaes de guerra. Chegou já de noite, e o General o esperou ao portaló, e o conduzio acima. Entre as pontes estava o Principe de Lichtenstein, Ayo, e Mordomo mór delRey D. Carlos, que o conduzio até a primeira Camera, dizendo-lhe, que hia dar recado a ElRey Catholico. Encontrou o Duque na segunda Camera, em que estava ElRey só, em pé, e descoberto, e tanto, que o Duque lhe fez a primeira reverencia, deu ElRey huns passos largos a recebello quasi até o meyo da Camera, e deulhe o Duque o recado, que levava: o primeiro foy o cumprimento da Rainha da Grã Bretanha D. Catharina, viuva de Carlos II. Rey daquella Coroa, querendo ElRey D. Pedro, que precedesse ao Principe, e deste foy o segundo, e o terceiro da parte dos Infantes. Depois delRey Catholico haver respondido aos referidos cumprimentos, o Duque fez hum da sua parte, a que ElRey respondeo com grande benevolencia; e tanto, que o Duque fez a reverencia para voltar, ElRey deu outros passos, como na entrada, e o Principe de Lichtenstein o acompanhou até o lugar, em que o havia recebido, e na mesma fórma o General da Armada.

mada. O Marquez de Marialva chegou à Capitania às onze horas da noite em hum bargantim, e outro, em que hiaõ os seus criados, a tempo, que ElRey Catholico estava já recolhido, e voltou sem lhe dar recado, o que fez no outro dia, que era Sabbado.

No Domingo, que se contavaõ 9 de Março, levou ferro a Capitania Ingleza, chamada a *Real Catharina*, em que vinha ElRey Catholico, e veyo dar fundo defronte da Corte-Real, sendo salvada de todos os Fortes da Marinha por onde passou, na mesma fôrma, que o fizeraõ as Torres, e mais Fortes na entrada da barra. Tanto que deu fundo, mandou ElRey Catholico ao Principe de Lichtenstein, seu Ayo, e Mordomo môr, a cumprir a ElRey, e darlhe o pezame da morte da Infanta D. Theresá sua filha, que a 16 de Fevereiro morreo de bexigas, poucos dias antes de cumprir oito annos. ElRey o recebeu na sua Camera só, e descoberto, e havendo-o tratado com grande benignidade, voltou com a reposta para a Capitania. Na hora, que se havia assentado, sahio ElRey do Paço da Corte-Real, (entaõ andava a Corte de luto pela morte da Senhora Infanta D. Theresá, o que ElRey suspendeo nesta occasiaõ, ordenando, que toda a Corte vestisse de gala por tres dias, e depois tambem aliviou o luto, permitindo, que vestisse de pano branco forrado de preto, que naõ fosse seda) e orlando-se ElRey da sua natural ga-

Tom.VII.

Uuu ii

lhar.

lhardia, brilhavaõ com ventura os adornos. Hia vestido em corpo com casaca de veludo cor de prata, forrada de seda adamacada cor de fogo, botoens do mesmo veludo, vestia de veludo cor de fogo, forrada da mesma seda, calções do mesmo, meyas da cor da vestia, çapatos negros com fivellas de diamantes, no chapeo centilho, e prizaõ, e o habito de Christo, tudo de diamantes de hum grande valor. Hia acompanhado de toda a Corte, e das pessoas a que he permittido acompanhar aos Reys em semelhantes occasioens, todas vestidas como elle, seguindo a Pragmatica, mas com grande luzimento, e despeza; e vindo pelo passadisso do Paço da Corte-Real para o do Forte, desceo à ponte, que se tinha fabricado do Forte até o mar.

Havia ElRey encarregado a obra desta ponte a D. Joaõ da Costa, III. Conde de Soure, seu Provedor das Obras, em quem concorriaõ excellentes partes; porque era naturalmente animado de hum espirito generoso, e com huma actividade tão viva, que nenhuma cousa lhe parecia difficil: tosa poder executar; e assim o seu cuidado em breves dias fez construir da parte do mar hum magnifico espaço com huma Cupula, ou Domo, tão bem executada pelos primores da arte, que era de agradável vista; no fim, aonde fazia principio a entrada da ponte, era dourada, e pintada com grande primor, e guarnecida com Estatuas, e Inscripções proprias do assumpto. O portico por onde se entrava no lagoaõ

guaõ do Forte era tambem de admiraveis talhas magnificamente dourado , e pintado. Era esta ponte, ou transito do mar para o Paço, espaçosa, e com tanta largura, e proporções geometricas, que sem confusão, nem embarço, antes com boa ordem, coube todo o grande acompanhamento de Sua Magestade. A guarda dos Archeiros na fórma costumada estava por hum, e outro lado, e na ultima escada, acõde batia o mar, estava o bargantim Real, e por huma, e outra parte os bargantins para os Grandes, Officiaes, e mais pessoas, que acompanhavaõ a ElRey.

Entrou Sua Magestade em hum bargantim todo ornado de huma bella talha dourada com a Camera guarnecida, e toldo de téla encarnada, e por dentro na mesma fórma com duas cadeiras da mesma téla, com vinte e quatro Remeiros vestidos de grãa guarnecidos de prata, e o Estandarte Real soberbamente bordado. Ao entrar ElRey no bargantim, o Conde de Villa-Verde, a quem pelo lugar de Védor da Fazenda da repartição da Marinha tocava a preeminencia de dar a maõ a Sua Magestade, cumprio com aquella cerimonia tendo o melhor lugar. Entraraõ no bargantim o Duque D. Jayme, genro delRey, que ainda naõ era do Conselho de Estado, e poucos mezes depois lhe fez ElRey esta merce; o Duque de Cadaval seu pay; o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Gentil-homem da Camera, ambos do Conselho de Estado;

Estado; Dom Antonio Pereira da Sylva, Bispo de Elvas, Secretario de Estado, e não se acharão mais Conselheiros de Estado nesta occasião por estarem impedidos; o Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes, Gentil-homem da Camera, que servia de Mordomo môr na menoridade do Conde de Santa Cruz D. Martinho Mascarenhas; o Conde de Vianna D. Joseph de Menezes, Estribeiro môr, e Gentil-homem da Camera, que estava de semana; e Alvaro de Sousa e Mello, Porteiro môr. Assim, que ElRey se embarcou no bargantim Real, os Grandes, e Officiaes da Casa entraraõ nos bargantins, e escaleres, que estavaõ promptos, sem que houvesse precedencias, e em cada huma das referidas embarcações estava hum Capitaõ de mar, e guerra, ou Tenente das naos da Croa. Todos os bargantins estavaõ toldados de varias sedas com os Remeiros vestidos de encarnado: o mar estava todo coberto de barcos, e diversas embarcações, que faziaõ huma fermosa vista, e pelas bordas da marinha grande numero de povo, soando de todos os navios huma harmoniosa confusão de instrumentos, e trombetas.

O Conde Vêdor da Fazenda mandou ao Patraõ môr fizesse vogar o bargantim Real, e o mesmo fizeraõ todos os de mais escaleres, que acompanhavaõ a ElRey, que havia pouco antes ordenado ao Conde, que mandasse ferrar o Estandarte Real, e ferrado elle pelo Patraõ môr, arreou a Capitanía

pitania a bandeira, largando ao mesmo tempo immensidade de flamulas pelas vergas, e enfarceas do navio, que ficou com bella vista. Tanto, que o bargantim Real chegou à escada, que na Capitania mandara pôr o Conde de Villa-Verde, sobiraõ diante todos os que acompanhavaõ a ElRey, ficando só detraz o Conde de Vianna, Gentil-homem da sua Camera, que estava de semana, e o Conde de Villa-Verde deu a maõ a ElRey ao sobir da escada. No portalõ da banda de dentro estava ElRey D. Carlos III. acompanhado da sua familia; e assim, que se avistaraõ os Reys, se deraõ os braços, e com hum breve cumprimento sobiraõ acima, ElRey Catholico deu sempre a maõ direita a ElRey de Portugal, e tambem a porta, e a melhor cadeira. Entraraõ as Magestades na Camera, em que naõ havia mais, que duas cadeiras, e hum bofete coberto com hum pano; a em que ElRey se sentou, lhe chegou o Conde de Vianna, seu Gentil-homem da Camera, a delRey Catholico o Principe de Lichtenstein seu Ayo, e Mordomo mór; e depois de estimarem ambas as Magestades reciprocamente a occasiaõ daquella vista, e uniaõ, disprou a Capitania toda a artilharia, e todos os mais navios da Armada seguiraõ a salva: acabada ella, deu o Conde de Villa-Verde, Védor da Fazenda, recado, que o bargantim estava prompto. Levantaraõ-se os Reys, e pelo mesmo caminho, porque haviaõ ido, chegaram ao portalõ, e fazendo ElRey cumpri-

cumprimento ao Catholico para que passasse primeiro, o fez assim, e na escada, que descia para o bargantim, lhe deu o Conde de Villa-Verde a mão, e fazendo o mesmo a ElRey de Portugal, entraraõ os Reys no bargantim Real, e o de Castella se apresentou à mão direita. O Conde de Villa-Verde mandou vogar o bargantim, e largar o Estandarte Real, e em quanto os Reys estiveraõ no mar, não largou a Capitania Ingleza a bandeira, que havia arreado. Entraraõ no bargantim Real de mais das pessoas, que haviaõ acompanhado a ElRey, os Principes de Lichtenstein, o de Darmstad, o Almirante de Castella, e o Conde de la Corfana. No bargantim Real nem à ida, nem à volta houve differença de lugares entre os Grandes, nem preferencia, e todos foraõ em pé. Tomaraõ os Grandes, e mais Senhores da Corte os seus bargantins, e escaletes, e vieraõ seguindo o Real. O Principe, e os Senhores Infantes D. Francisco, e D. Antonio, acompanhados dos seus Officiaes, e alguns Grandes, descerãõ do Paço, e vieraõ pela ponte ao mesmo tempo, que os Reys desembarcavaõ. As trincheiras, que desde Xabregas até o Forte de Alcantara estavaõ guarnecidas de Infantaria, deraõ tres cargas, e juntamente toda a artilharia. Chegaraõ Suas Altezas, e fazendo primeiro cortezia a ElRey seu pay, a fizeraõ a ElRey Catholico, a quem significaraõ o contentamento, que tinhaõ da sua chegada, e da sua presença, a que ElRey respondeo
com

com igual cerimonia, e attençaõ. Deu ElRey de Portugal a maõ direita ao de Castella, e a esquerda ao Principe seu filho, e seguiaõ-se os Infantes D. Francisco, e Dom Antonio: sobiraõ para o Paço, cobriraõ-se os Reys, Principe, e Infantes, e mandaraõ cobrir os Grandes de hum, e outro Reyno, e o fizeraõ o Almirante, os Príncipes de Lichtenstein, e de Darmstad, e naõ houve no acompanhamento preferencia. Por huma, e outra banda da ponte estava a guarda dos Archeiros, e as portas entregues aos Capitaens da Guarda, e Tenentes della. Passaraõ Suas Magestades, e Altezas pela sala dos Tudescos; os Terços, que estavaõ formados no Terreiro a cargo de Diogo Luiz Ribeiro, deraõ tres cargas de mosquetaria; e subindo pela escada principal, foraõ parar à Tribuna da Capella Real. Deitoulhe agua bema o Bispo Dom Fr. Joseph de Lencaestre, Capellaõ mór, e Inquisidor Geral, primeiro a ElRey Catholico, logo a Sua Magestade, ao Principe, e aos Senhores Infantes D. Francisco, e D. Antonio. Tirou o Capellaõ n.õr o sitial, e corraõ as cortinas os dous Sumilheres Nuno da Cunha de Ataide, que depois succed. o nos mesmos lugares, e no de Cardeal, e D. Joseph de Almada. Ouviraõ Suas Magestades o *Te Dum* de joelhos cantado pela Musica da Capella, e estavaõ na Tribuna as cadeiras postas nesta ordem: à maõ esquerda da delRey de Castella, a delRey de Portugal, à sua maõ esquerda a do Principe, e tam

Tom. VII.

Xxx

bem

bem à sua esquerda a do Infante D. Francisco, e em ultimo a do Infante D. Antonio. Detraz da cadeira delRey Catholico se poz o Principe de Lichtenstein, da delRey de Portugal o Conde de Vianna, da do Principe, Fernão de Sousa, Vêdor da Casa Real, da dos Infantes estavaõ Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, e D. Joseph de Menezes, os quaes haviaõ chegar as cadeiras quando as Magestades, e Altezas, se houvessem de assentar, e esta mesma ordem se observou todas as vezes, que os Reys, e Suas Altezas se ajuntaraõ na Tribuna. Acabado o *Te Deum*, se levantaraõ os Reys, e Suas Altezas, e se encaminharaõ à Camera do quarto, que estava preparado, e soberbamente adereçado para ElRey Catholico. Na Camera havia cinco cadeiras postas na fórma referida, mas a do Principe chegou-a o Duque de Cadaval. Acabada a visita se recolhêo ElRey, e Suas Altezas ao Paço da Corte-Real pelo passadisso, acompanhados de toda a Corte. Naquelle noite houve luminarias, e nas duas seguintes, com salvas de artilharia das Torres, e Fortes, que guarnecem a Cidade. Suspende-raõ-se os Tribunaes por tres dias, ordenando ElRey, que fossem à presença delRey de Castella a felicitaremno da sua vinda, e entraraõ assim como chegaraõ sem guarda, nem ordem, nem precedencia, e foy o primeiro, que entrou, o Senado da Camera, e o ultimo a Casa da Supplicação.

Havia-se assentado, que as Magestades Portugueza,

guezia, e Catholica, o Principe, e o Senhor Infante D. Francisco haviaõ de ceiar juntos em publico; e assim à hora determinada voltou ElRey com o Principe, e Infante, e entrando na Camera delRey Catholico, fahiraõ todos para a mesa: o Conde de Assumar, Veador da Casa delRey, que tinha sido nomeado para assistir a ElRey Catholico, ordenou aos Moços da Camera fossem buscar as iguarias, e depois de feita a cerimonia da prova, deu recado às Magestades, e pôstos os Reys, e Principes à mesa, antes de se assentarem, no topo da banda, aonde estava ElRey Catholico, benzeo a mesa D. Pedro de Sousa, Dom Prior de Guimaraens, Sumilher da Cortina, por impedimento do Capellaõ mór. D. Pedro Alvares da Cunha, Trinchante da Casa Real, fez à mesa o seu officio, e a ElRey Catholico servio o Conde de Althen, seu Gentil-homem da Camera. Mandou ElRey de Portugal cobrir os Grandes, e em quanto durou a mesa, os Musicos da Capella Real em huma casa separada cantaraõ muito suavemente. Acabada a mesa, o mesmo Sumilher posto no lugar referido, foy dar graças a Deos, e em quanto o fez, Suas Magestades, e Altezas, estiveraõ em pé, e acabadas as graças, se recolheraõ; e tornaraõ com ElRey de Castella até a sua Camera, e alli se despediraõ: ElRey Catholico sahio com Sua Magestade, e Altezas até a casa de fóra, e rogandolhe ElRey, que ficasse, o fez, e Sua Magestade com seus filhos se recolheo para o Paço

da Corte-Real, acompanhados na fôrma costumada.

No dia seguinte, que era segunda feira 10 de Março, foy ElRey D. Pedro acompanhado de toda a sua Corte visitar a ElRey Carlos, que o veyo esperar na terceira casa da Camera do Paço, em que estava, e sempre ElRey de Portugal lhe deu a porta, e a melhor cadeira, por huma convenção, que se havia assentado entre o Duque de Cadaval, e o Almirante de Castella, e havia sido firmada por ambos em nome de seus Senhores. Nella se declarava, que em todas as partes deste Reyno, teria a preferencia ElRey Catholico; porque tambem em todas as partes do seu Reyno, elle daria o melhor lugar a ElRey de Portugal. Entrou este na Camera delRey de Castella, onde os criados de cada hum lhes chegaram as cadeiras na fôrma, que se havia determinado; a casa se despejou, e depois de breve tempo, Sua Magestade Portugueza se levantou, e Sua Magestade Catholica veyo com elle até sahír da casa, em que lhe tomou a visita, que era aonde tinha a sua cama; e depois de passar a porta para a segunda casa, ElRey rogou a ElRey de Castella, que se deixasse ficar, e assim o fez. No outro dia foy ElRey Catholico ver a ElRey ao Paço da Corte-Real acompanhado da sua familia, e o veyo esperar à terceira casa acompanhado de toda a Corte, e voltaraõ para a em que tinha a cama, aonde só entraraõ os criados, que chegaraõ as cadeiras, obser-

obser-
ma vi
com
co,
dillo
Gran
thou
pap e
deira:
finte
rase
junta
maõ
mõe,
tara:
e de
dor.

a ter
tar:
Ber:
Met
dido
ve ti
berg
servi
mor
que
ben

observando-se o mesmo ceremonial em tudo, como na visita passada. Neste mesmo dia foy o Principe com os Senhores Infantes visitar a ElRey Catholico, e sahiraõ do Paço da Corte-Real pelo passadisso, acompanhados dos Officiaes da Casa, e dos Grandes, e nesta visita praticaraõ com ElRey Catholico o mesmo, que havia praticado ElRey seu pay com o mesmo Monarcha. Chegaraõ-lhe as cadeiras ao Principe o Duque de Cadaval, e aos Infantes os seus Veadores; e porque succedeo declarar-se, que havia bexigas no Paço da Corte-Real, jantaraõ Suas Altezas nas casas do Arco, que chamaõ do *Ouro*, de D. Antonio da Costa, Armeiro mór, e à noite se recolheraõ à Quinta de Alcantara acompanhados do Duque, seu Mordomo mór e de Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, seu Veador.

Neste mesmo dia o Almirante Rook mandou a terra o Contra-Almirante Dilkes para cumprimentar a ElRey da parte da Rainha Anna da Grã Bretanha, e foy levado à audiencia por D. Paulo Methwin: ElRey o recebeu com agrado, e despedido, teve depois audiencia delRey Catholico. Teve tambem audiencia delRey o Duque de Schomberg, General das Tropas Inglezas, que haviaõ de servir neste Reyno, e lhe apresentou a Milord Portmore, e todos os mais Generaes, e Officiaes daquelle Coroa, que acharaõ em ElRey huma doce benignidade, de que ficaraõ muy satisfeitos.

No

No dia seguinte, que era o de 12 de Março; mandou ElRey D. Pedro hum Gentil-homem da Camera saber como tinha passado ElRey Catholico. O Camerista entrou na sua Camera, e estando ElRey Catholico em pé, e descoberto, lhe deu o recado, e recebeu a resposta. Seguiu-se outra visita com a mesma formalidade da parte do Principe, e Infantes, cujo recado levou o Duque seu Mordomo mór; e todos os dias pela manhã mandavaõ os dous Reys saber hum do outro, e a satisfazer à visita do Principe, e Infantes, foy o Principe de Lichtenstein da parte delRey Catholico a Alcantara, os quaes o receberam em pé, e descobertos, e lhe deraõ a resposta com muita affabilidade. Neste mesmo dia desembarcou o Almirante Rook com todos os Officiaes principaes da sua Armada, e teve audiencia delRey no Paço da Corte-Real, e foy levado por D. Paulo Methwin, e Sua Magestade os recebeu com demonstrações de estimação, de quem o Almirante Rook se despedio muy obrigado.

Havia Sua Magestade mandado ao Conde de Assumar, Veador da sua Casa, para assistir a ElRey Catholico, exercitando o seu officio: e assim nomeou a D. Carlos de Noronha para servir de Porteiro mór, com os Porteiros da Casa necessarios para assistirem, e para Porteiro da Camera a Miguel Diogo da Gama; e a Joaõ de Seixas, seu Manticeiro, com os Moços da Camera, e Reposteiros necessa-

receb
dous
para
nesta
Rey
que l
servir
Man
ria, e
sa, e
quasi

fos p
bem
apose
Ficar
Dati
dos
des
que
Con
lbe c
ficar
mas
ria
Rey
o q
dei
leg

necessarios para aquella assistencia. Nos primeiros dous dias levarão os Moços da Camera as iguarias para a mesa delRey Catholico, e o serviraõ da mesma maneira, que he uso, e costume no nosso Reyno; porẽm depois o serviraõ os seus Pagens, que hiaõ com a sua guarda buscar as iguarias, e o serviraõ os seus criados à mesa, e sòmente ficou o Mantieiro delRey, Joaõ de Seixas com a mantearia, e Reposteiros, e por sua ordem se punha a mesa, e tudo o mais, que pertencia à mantearia, em quanto durou esta hospedagem.

No Paço se accommodaraõ os criados precisos para o serviço delRey Catholico, como tambem algumas pessoas de mayor supposiçaõ, que aposentou o Conde de Santiago, Aposentador mór. Ficaraõ no Paço os Principes de Lichtenstein, e Darmstad, o Almirante de Castella, e alguns criados Alemaens, de que eraõ os principaes os Condes de Althen, Colloredo, e Sinsendorf, e o Marquez da Laufrani, Gentis-homens da Camera, o Conde de Ulfeld, Capitaõ da Guarda, e a todos se lhe concertaraõ os seus quartos com grande magnificencia, e com o mesmo apparato foraõ servidos nas mesas, que eraõ differentes, conforme a categoria das pessoas, e dos lugares, sendo servidos pelos Reposteiros de Sua Magestade Portugueza; e tudo o que pertencia à hospedagem delRey Catholico, dentro no Paço, encommendou Sua Magestade se seguisse a direcçaõ, e ordem do Conde de Assumar,

que

que com admiravel disposiçaõ ordenou tudo de forte, que todos foraõ tratados com muita grandeza, e todo o tempo, que ElRey Catholico assiitio em Portugal, foy hospedado por conta, e despeza de Sua Magestade, que foy em tudo magnifica, com huma grande abundancia de iguarias, vinhos, e licores, e huma incrível profusaõ, de sorte, que se gastavaõ cada mez cem mil cruzados.

Haviaõ-se preparado os presentes, que ElRey, o Principe, e Infantes, haviaõ de mandar a ElRey Catholico: pelo que ordenou ElRey D. Pedro ao Conde de Vianna, seu Estribeiro mór, que da sua parte fosse offerecer a ElRey Catholico doze cavallos. Sahiraõ estes das Cavalhariças da Corte-Real com mantas de veludo carmesim guarnecidas com franjas de prata, e os quatro cantos bordados, e sobre a anca com humas cifras grandes de prata, e bridoens, e ferraduras tambem de prata: levavaõ-nos os moços, que tratavaõ delles, com hum Sota das mesmas Cavalhariças, que hia atraz a cavallo. O Conde de Vianna sahio do Paço da Corte-Real, e pelo passadisso entrou na Camera delRey Catholico a darlhe o recado de Sua Magestade. ElRey Catholico depois de agradecer, e eslimar muito os cavallos, disse, que os queria ver: o Conde o levou a huma janella, que cahia para o Terreiro do Paço, da qual vio os cavallos, e os gabou muito, e de novo os tornou a agradecer ao Conde, e logo alli ordenou ao Principe de Lichtenstein os mandasse

dasse recolher, e ter nelles grande cuidado. Mandou dar aos moços, que os levavaõ, duzentas moedas de ouro, do valor de quatro mil e oitocentos, que elles naõ accitaraõ, como tinhaõ por ordem.

No mesmo dia, que era hum Sabbado 15 de Março, foy o Duque de Cadaval, Mordomo mór de Suas Altezas, a offerecerlhe da sua parte o presente, que lhe mandavaõ. ElRey Catholico o recebeu na sua Camera, e depois de lhe dar o recado, e responder, ElRey dando as graças a Suas Altezas, disse ao Duque, que desejava, que lhe mostrasse, o que Suas Altezas lhe mandavaõ, e sahindo à casa de fóra os quatro Moços da Camera, que levavaõ as bandeijas, as puzeraõ sobre dous bostes, que estavaõ prevenidos. O presente do Principe era hum espadim de ouro guarnecido de diamantes, e o do Infante D. Francisco duas pistolas, todas guarnecidas de ouro, e diamantes, e o do Infante D. Antonio hum bastão guarnecido de diamantes, tudo obra de grande custo, e primor; e o do Infante D. Manoel constava de luvas, e outras cousas de ambar, feitas com admiravel perficção, e cada pessa destas hia de per si em huma bandeija de ouro, coberta com huma toalha de ló. Vio ElRey o espadim, e depois de o gaber muito, ordenou ao Principe de Lichtenstein, que lhe tirasse o que tinha à cinta, e lhe puzesse aquelle; e ficando com o bastão na mão, tornou a dizer ao Duque a eslimação, que fazia da attenção de Suas Altezas. Depois dis-

Tom.VII.

Yyy

to,

to, e poucos dias antes delRey D. Carlos sahír de Lisboa, em attençaõ das pessoas, que conduzirão estes presentes, mandou ao Duque huma fonte de prata, que tambem era relógio, e ao Conde de Vianna hum relógio tambem de grande artificio, guardado de prata, que tambem era espelho.

Desejava ElRey Catholico sahír ao campo, mas achava-se impossibilitado por não ter cavallos para montar a guarda de Corpo, que trazia, nem para a sua comitiva: e dando-o o Principe de Lichtenstein a entender ao Conde de Assumar, ElRey mandou ao Conde de Vianna, seu Escribeiro mór, que das Cavalhariças dêsse todos os cavallos, que fossem necessarios para a familia delRey Catholico, e ordenou ao Duque Mestre de Campo General, que das tropas de Lisboa mandassê para a guarda todos os necessarios, de sorte, que em huma segunda feira 4 de Abril pode ElRey Catholico sahír em publico a cavallo. Acompanhou-o o Almirante, o Principe de Lichtenstein, o Conde de la Corfina, e toda a Corte, não havendo naquelle acompanhamento preferencia, e só de traz delRey Catholico hia o Conde de Ulfeld, Capitaõ da sua guarda de Corpo, com huma esquadra de vinte cavallos. O Conde de Assumar, Veador da Casa Real, dizendo-lhe ElRey Catholico, que folgaria o acompanhamento, o fez, e assim foy até o sitio de Pedrouços. Em outro dia querendo ElRey Catholico ir ver o Convento de Belem, baixou do Paço acompanhado

panl
da C
deir:
Ayo
quer
Dan
che
de A
Rey
liqui
os B
nabr.
reter
collu
da C
acite
Cor
o P.
ElR
porq
lo q
te ce
Prin

ElR
Carl
te-P
de c
bur

panhado da sua Corte , e da sua Guarda ao pateo da Capella , e alli entrou no coche , levando na cadeira de diante ao Principe de Lichtenstein , seu Ayo , e Mordomo mór , à mão direita , e da esquerda o Almirante de Castella , e o Principe de Darmstad no estribo esquerdo , e levava outro coche com Gentis-homens da sua Camera : o Conde de Assumar se adiantou partindo primeiro , que El-Rey. Os Religiosos o receberam com Palco , Reliquia , e *Te Deum* , da mesma sorte , que recebem os Reys deste Reyno , menos na Oração : *Regem nostrum*. Vio o Convento , e os Religiosos lhe offerecerão hum refresco , que elle não accitou , e recolhendo-se ao Paço , o foraõ buscar doze Moços da Camera com tochas , e o vieraõ allumiando até acima. Teve ElRey D. Pedro noticia pelo seu Confessor o Padre Sebastião de Magalhaens , a quem o Principe de Lichtenstein havia representado , que ElRey Catholico se achava com falta de dinheiro , porque se retardavaõ as remessas , que esperava : pelo que ElRey D. Pedro lhe mandou gratuitamente cem mil patacas , que se entregaraõ à ordem do Principe de Lichtenstein.

Neste anno de 1704 a 26 de Abril comprio ElRey D. Pedro cincoenta e seis annos. ElRey Catholico pela manhã o foy ver ao Paço da Corte-Real com toda a sua Corte de galla , e depois de cumprimentar a ElRey foraõ ambos para a Tribuna da Capella , e juntamente o Principe , e In-

Tom.VII.

Yyy ii

fantes;

fantes; e acabada a Missa, se recolherão os Reys: Deve-se saber o modo, com que estes Reys se juntavaõ quando hiaõ à Tribuna. Vinha Sua Magestade do Paço da Corte-Real, e na casa, que lhe parecia, que costumava ser na que está antes da que chamaõ da *Gale*, se detinha em quanto ElRey Catholico chegava à casa, que tambem se chama do *Conselho de Estado*; e na outra casa, que se lhe segue, se encontravaõ os dous Reys, e quando voltavaõ, no mesmo lugar se despediaõ.

Na tarde do mesmo dia dos annos de Sua Magestade mandou ElRey Catholico ao Picadeiro os seus Trombetas, e Timbaleiros, vestidos com luzidas librés, a celebrarem os annos de Sua Magestade com os seus instrumentos, e lhe mandou dar huma consideravel somma de dinheiro, que elles não aceitaraõ. Nesta mesma tarde o Principe de Lichtenstein disse ao Conde de Assumar, que a Corte delRey Catholico desejava ter a honra de ir cumprimentar a Sua Magestade ao Paço da Corte-Real, para o que lhe pedia mandasse abrir o passadiffo: abriu-se este, e foy toda a Corte delRey Catholico vestida de galla com grande pompa, em que hia o Almirante de Castella, o Principe de Darmstadt, o de Lichtenstein, o Conde de la Corfana, já Grande de Hespanha, e os de mais Gentis-homens da sua Camera, e Officiaes, e pessoas de distincção, e paraõ todos na gallaria da Corte-Real. O Principe de Lichtenstein pedio pelo Conde de Vianna,

Vi
Mi
dar
Lic
am
Mi
dat
Ma
cer
zel
ceb
Co
tent
dos
Inar
do
alg
na
teri
veri
ao
serv
tão
rou
(qu
tuc
de
Ex
ru

Vianna, que estava de semana, audiencia a Sua Magestade, que sahindo à casa, aonde a costumava dar, lhe fallou sem pôr o chapeo. O Principe de Lichtenstein lhe disse, que ElRey Catholico seu amo mandava a sua Corte assistir no Paço de Sua Magestade, em obsequio daquelle dia, cuja celebridade elle festejava, como devia: e depois de Sua Magestade com palavras de estimaçãõ lho agradecer, passou ao quarto do Principe, e Infantes a fazerlhes as mesmas expressões, e Suas Altezas o receberam na mesma fórma, que ElRey seu pay. Da Corte delRey Catholico, só o Principe de Lichtenstein fallou a Sua Magestade, e Altezas, e todos se detiverão na gallaria até à noite, e se recolhêrão pelo mesmo passadisso, que estava allumiado com tochas em tocheiras de prata. Temos com alguma individuaçãõ referido o que entãõ se passou na vinda delRey Carlos III. a Portugal, como materia, que costuma ser poucas vezes succedida, ver-se a junçãõ de Reys; e assim se fará agradavel ao Leitor, o instruir-se do Ceremonial, que se observou, e de tudo o mais, que na nossa Corte entãõ se passou. No fim deste mez de Abril declarou ElRey Dom Pedro ao Duque de Schomberg, (que pouco durou no serviço deste Reyno por lhe succeder Milord Conde de Gallovay) e ao Barão de Fagel, por Mestres de Campo Generaes dos seus Exercitos, dando ao mesmo tempo a outros Generaes Inglezes, e Hollandezes, semelhante graduaçãõ

ção nas suas Tropas, conforme os póstos, que exercitavaõ nas suas, rolando a mesma igualdade com os nossos Cabos nationes, por evitar disputas, conforme o que se havia ajustado pelo Tratado, e tambem porque as pessoas, e experiencias militares os faziaõ dignos daquella merce.

Era o fim da vinda delRey Carlos, como já dissemos, introduzirse na Monarchia de Hespanha, o que facilitaraõ tanto os seus parçines, que lhe assistiaõ, que achavaõ escusados todos os aprestos, que se faziaõ para a Campanha; e em breve tempo se defenganaraõ, vendo os poucos, que estavaõ à sua devoção, como os malcontentes por fins particulares espalharaõ, dizendo estes, que o mesmo seria apparecer ElRey Carlos na Raya, que divide Portugal de Castella, que daremlhe obediencia os Póvos, e as mesmas Tropas passarem a unirse com as suas, porque raro seria dos Hespanhoes, que não seguisse a sua voz, acclamando a sua pessoa.

Memorias do Duque
de Cadaval m. c. tom.
XL pag. 140.

Depois de varios pareceres, e não conformes, resolveo ElRey D. Pedro partir para a Provincia da Beira, seguindo o projecto idendo de ser esta a parte, por donde se havia de introduzir ElRey Carlos naquella Monarchia, ainda que primeiro se fizeraõ as preparações da guerra pela Provincia do Alentejo. Depois delRey chegar a Santarem, fez huma promoção de Conselheiros de Estado, em que creou de novo os seguintes: a D. Joseph de Lencastre, Inquisidor Geral, e seu Capellaõ mór,

mór
D.
da C
Ma
Lui
Lui
da C
Me
ra,
Vill
cent
Lui
Cass
a G
co
dou
Du
gra
dáv
Atm
o de
pois
gro
tan
no
Ped
sep
co

môr, Ruy de Moura Telles, Arcebispo Primaz, D. João de Sousa, Arcebispo de Lisboa, D. Simão da Gama, Arcebispo de Evora; aos Marquezes de Marialva D. Pedro de Menezes, de Calcaes Dom Luiz Alvares de Castro, das Minas D. António Luiz de Sousa, e de Niza D. Francisco Balthazar da Gama; aos Condes de Vianna Dom Joseph de Menezes, de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora, de Val de Reys Lourenço de Mendoça, de Villa-Verde D. Antonio de Noronha, de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, de Sarzedas Dom Luiz da Sylveira, das Galveas Diniz de Mello de Castro, e o da Castanheira Simão Correa da Sylva; a Garcia de Mello, Monteiro môr, e a D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda Alemã, e havia dous mezes antes feito do Conselho de Estado ao Duque de Cadaval D. Jayme, seu genro. Neste grande lugar estava então sómente o Duque de Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira, o Marquez de Arronches, o de Alegrete, o Conde de Alvor, e o de Castello-Melhor, que antes o havia sido, e depois o exercitou. Encarregou na sua ausencia o governo dos seus Reynos à Rainha da Grãa Bretanha sua irmã.

Elegeo ElRey para o acompanharem a Manoel Telles da Sylva, Marquez de Alegrete, D. Pedro de Menezes, Marquez de Marialva, D. Joseph de Menezes, Conde de Vianna, D. Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, Dom
Anto-

Antonio Joseph de Mello, Conde da Ponte, D. Rodrigo da Sylveira, Conde de Sarzedas, Fernão Telles da Sylva, Conde de Villar-Mayor, Manoel Telles da Sylva seu filho primogenito, também Conde de Villar-Mayor, João Gomes da Sylva, Conde de Tarouca, Aleixo de Sousa, Conde de Santiago, D. Pedro de Noronha, Conde de Villa-Verde, D. João de Almeida, Conde de Assumar, D. Thomás de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, D. Pedro de Castello Branco, Conde de Pombeiro, D. Martinho Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, Dom Jeronymo de Ataíde, Conde de Atouguia, e Dom Rodrigo Telles de Menezes, Conde de Unhão, que de Santarem pediu licença para o acompanhar. Alguns destes também eram Officiaes da Casa, que he preciso nomear. O Marquez de Marialva, Mordomo-mór, e Gentil-homem da Camera, o Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera, o Conde de Vianna, Estrabeiro-mór, e Gentil-homem da Camera, o Conde de Assumar, Veador da sua Casa, D. Pedro de Sousa, Dom Prior de Guimaraens, Sumilher da Cortina, D. Joseph de Almada, Sumilher da Cortina, Fr. Pedro de Lencastre, Esmoler-mór, D. Pedro da Cunha, Trinchante, João Gonçalves da Camera Coutinho, Almotacel-mór, o Conde de Santiago, Aposentador-mór, Francisco de Mello, Monteiro-mór do Reyno, D. Lourenço de Almada, Mestre Salla, D. Antonio da Costa, Armador-mór, o Conde

Con-
gue-
ces,
Sect-
nio
Vill-
de l
pois
que
das
mas

da e
de t
veir
Gu-
da
Ca-
rici-
e da
as e
Co-
de l
D.
Jeri-
ma
Jur-
o?
Pa

Conde de Pombeiro, Capitão da Guarda Portuguesa, Diogo de Mendoça, Secretario das Mercês, e Expediente, para exercitar a occupação de Secretario de Estado; e de Fidalgos foraõ Antonio Telles da Sylva, filho segundo do Conde de Villar-Mayor, e Thomé de Soufa Coutinho, filho de Fernão de Soufa, Veador da Casa Real, depois Conde de Redondo. As pessoas referidas, que acompanharão a ElRey, tiverão Cartas firmadas da sua Real maõ, na fórma, que se pôde ver nas Provas.

Prova num. 75.

Havia nomeado para Capitaens da sua Guarda de Corpo aos Condes de Assumar, de Tarouca, de Sarzedas, e o Visconde de Villa-Nova da Cerveira, de que tiraraõ Patentes pelo Conselho de Guerra, com a graduacão de Tenentes Generaes da Cavallaria, os Tenentes com a de Capitaens de Cavallos, os Alferes com a de Tenentes, os Furrieis com a de Alferes, e os Cabos de Esquadra com a de Furrieis. Nomeou, já na Beira, para levarem as ordens com o nome de Ajudantes delRey, ao Conde de Villar-Mayor Fernão Telles, ao Conde de Prado D. João de Soufa, ao Conde de Atalaya D. Pedro Manoel, e ao Conde de Atouguia D. Jeronymo de Ataide. Para Governadores das Armas das Provincias tinhaõ sido nomeados a 24 de Junho do anno antecedente de 1703, para a Beira o Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Soufa, para o Minho o Conde de Atalaya D. Luiz Ma-

Tom.VII.

Zzz

noel,

noel, para Traz dos Montes o Conde de Alvor Francisco de Tavora, a de Alentejo governava o Conde das Galveas Diniz de Mello de Castro, todos do Conselho de Estado, e na da Estremadura ficava o Duque de Cadaval, Mestre de Campo General junto à Pessoa. O Reyno do Algarve governava o Conde de Avintes D. Antonio de Almeida. A D. Fernando Mascarenhas, Marquez de Fronteira, se encarregou o governo da Marinha de Belem até Cascaes: a Torre de Belem, na ausencia do Conde de Atalaya, ao Conde da Ribeira Grande Dom Joseph Rodrigo da Camera: para a Praça de Setuval foy Ayres de Saldanha de Sousa, e para a de Peniche D. Fernão Martins Mascarenhas, que havia sido Governador da India.

No mez de Abril passou ElRey D. Philippe V. de Madrid a Placencia para se pôr em Campanha. Naquella Cidade imprimio a declaração da guerra contra ElRey de Portugal, e o Archiduque Carlos, com a data de 30 de Abril de 1704, que se publicou em Madrid a som de trombetas, com a sua costumada formalidade. Sobre esta declaração, fez ElRey D. Pedro imprimir hum Manifesto a favor delRey D. Carlos III. mostrando os justos motivos, que o obrigavaõ àquella guerra, que logo fez imprimir na lingua Castellhana, e se espalhou por Hespanha, e para ser notorio a todas as Nações da Europa se imprimio outro na lingua Latina com este titulo: *Justa Lusitanorum*, pro
rindi-

vindicanda Hispanorum libertate Gallico dominatu oppressa; e continha mais largamente o mesmo, que o Hespanhol. Passou ElRey D. Filippe depois a Alcantara a 5 de Mayo, e marchou com o seu Exercito contra Portugal, o qual mandava o Duque de Berwik, Marichal de França, e era composto a mayor parte de Cabos, e Tropas Francezas. Não estavaõ as nossas cousas em estado de se poder formar promptamente o Exercito pela parte da Beira; e assim não lhe foy difficil occupar algumas pequenas Praças daquella Provincia, como foy Salvaterra, que era das mais expostas, e visinha de Alcantara, pelo que a 7 de Mayo a fez investir pelo Conde de Aguilar, e o Marquez de Thovi, e a 8 se rendeo o Governador com a guarnição prisioneira de guerra; e escrevendo o General ao Governador de Segura, seguiu aquelle mau exemplo, e lhe dizia, que não expozesse a guarnição a ser passada à espada, resistindo sem força a hum Exercito Real. Continuou o inimigo de se aproveitar da dilação, que as nossas Tropas tiveraõ de sair em Campanha; e assim tomaraõ alguns Castellos, e Povoações, sem resistencia alguma, excepto Monsanto, e Idanha a Nova, que foy por assalto. Entraraõ em Castello-Branco, e passando o Tejo em Villa-Velha, onde lançaraõ huma ponte de barcas, entrou o Exercito dos inimigos na Provincia de Alentejo, tendo primeiro já entrado na mesma Provincia o Principe de Tserclaes Tylli, e unindo-se os

Tom.VII.

Zzz ii

dous

dous Exercitos, ganharaõ Portalegre, e depois o Marquez de Villa Darias Castello de Vide, e se apoderaraõ de alguns Lugares abertos, e Praças de pouca defenſaõ, o que naõ conſervaraõ, porque logo deixaraõ humas, e outras, e ſe recuperaraõ tanto que os noſſos ſe puzeraõ em campo, e em eſtado de lhe diſputar aquellas emprezas. Como com effeito fez o Marquez das Minas, Governador das Armas da Beira, que vencendo algumas difficuldades, por ſe haverem feito os Armazens pela parte de Alentejo, ſahio de Almeida, e ſe poz em marcha a 2 de Junho, e chegando à Aldea da Ponte lhe foy preciso dilatarſe alli dous dias, para reſreſcar as Tropas das grandes marchas, que haviaõ feito: e tendo alli noticia, que a Villa de Fuente Ginaldo ſe achava com todo o precioſo dos moradores de Arganhaõ, que he huma das mais fetteis, e ricas campanhas do Reyno de Caſtella, ordenou ao Tenente General da Cavallaria o Conde de S. Joaõ Luiz Bernardo de Tavora, que com ſeiscientos Cavallos, e outros tantos Granadeiros, foſſe logo atacar aquella Villa. E ſuppoſto, que a povoação era de quatrocentos viſinhos, e eſtava bem guarnecida de Infantaria paga, e miliciana, com ſua trincheira, e paliçada, e muy boas cortaduras nas ruas; o Conde de S. Joaõ excitado do ardor do ſeu eſpirito, executou com tal valor, o que lhe mandaraõ, que ſem embargo da reſiſtencia, a entrou com o primeiro aſſalto, e a rendeo à merce, ſem

ſe
re
V
m
ſe
M
ſoy
do
do
pal
gra
gu
ma
do
qui
Lx
cit
M
Fr
de
dir
ſu
os
taõ
de
chi
G
de
ze

fem capitulaçãõ alguma, com tanta felicidade, que não perdeo mais, que hum Soldado. Deu-se a Villa a sacco aos Soldados, perdoando porém ao muito, que se havia recolhido às Igrejas, em que se não tocou por ordem, que o Conde levava do Marquez Governador das Armas; mas ainda assim foy o sacco rico, e tão importante, que os Soldados vieraõ bem providos, e contentes. A preza dos gados foy muy consideravel, porque os boys passaraõ de mil, e o numero do gado miudo com grande excessõ. E continuando a marcha, e chegando ao sitio das Tallicas, huma legoa de Penamacor, teve noticia, que o inimigo havia marchado de Castello-Branco para a Raya de Castella, e que as guarnições, que tinhaõ na Idanha, e alguns Lugares abertos, se haviaõ retirado para o seu Exercito. E supposto, que a guarnição da Villa de Monsanto, que constava de cento e cincoenta Francezes, tivesse ordem para se retirar, o não pode fazer, porque o Marquez se anticipou, mandando na noite de 9 do referido mez trezentos Infantes com os Paizanos daquelle Lugar a atacallos, os quaes degollaraõ todos os Francezes, que acharaõ fóra do Castello; e tendo os inimigos noticia, de que os nossos estavaõ atacando o Castello, marchou para os soccorrer D. Francisco Ronquillo, General deste Exercito, e que governava as Armas, do que teve noticia o Marquez no dia 11 pelas onze horas da manhã, e que o inimigo se poria em

poucas

poucas horas sobre a nossa gente, que atacava o Castello: pelo que mandou logo pegar nas armas, e marchou com a Cavallaria na vanguarda, dando ordem à Infantaria, que o fosse seguindo; e assim com huma arrebatada marcha se achou o Marquez com a Cavallaria formada diante do inimigo, e vendo, que já haveria pouco mais de huma hora de dia, marchou para elle ainda antes da Infantaria ser metida em batalha; mas estando já junto à segunda linha da Cavallaria, procuraraõ os inimigos pelo seu lado esquerdo, em que se achava a mayor parte dos Officiaes da sua Cavallaria, e o melhor della, atacar o nosso lado direito, em que estava o Marquez Governador das Armas; porẽm foraõ rechacados depois de hum vigoroso combate: e supposto, que fizeraõ hum grande esforço pelo seu lado esquerdo contra o direito, pertendendo por esta parte meter a nossa linha em confusão; o Marquez com todos os Cabos, Officiaes, e Soldados, se houve com tal valor, que não só rechacou os deste lado esquerdo, mas tambem os do direito, pondo-os em precipitada fogida, que foraõ seguidos da nossa Cavallaria, em quanto houve dia, para a parte da Idanha a Velha, onde de noite tomaraõ o caminho da Sarã para Castella com grande desordem, deixando muitas barracas, armas, e equipagens dos Officiaes, e tres Estendartes, que lhe ganhãmos, pondo fogo na Idanha a alguma parte da bagagem. Nesta derrota da Cavallaria inimiga perderãõ muita

ta

ta
deu
der
mei
ent
e ha
Ma
Ale
de .
Ma
taça
pass
eão
em l
rém
riar l
raõ .
e A
Pro
valo
os se
Prad
mas
mon.
Cast
rio
val
aia
F. 21

ta gente , entre elles seis Capitaens de Cavallos, seis Tenentes , e muitas pessoas de distincão , entendendo-se , que à sua parte entre mortos , e prisioneiros chegaria a trezentos homens. Dos nossos , entre mortos , e feridos , foram somente cinquenta , e hum dos feridos foy o Capitão das Guardas do Marquez João Dantas da Cunha , e o Ajudante Alexandre Palhares , e o Tenente da Companhia de Antonio Carlos de Castro. O Marquez das Minas não lhe soffrendo o ardor do seu grande coração satisfazer com as obrigações de General , passou a exercitar as de valeroso Soldado com tal esforço , que recebeu varias feridas , levando hum em hum braço , e hum contusão na cabeça: porém o inimigo , que o havia ferido , não pode gloriarse de o haver feito , porque acabou alli. Acharão-se tambem nesta occasião os Condes de Alvor , e Atalaya , que estavam com os soccorros das suas Provincias , e obraram com todo aquelle costumado valor , e prudencia , com que sempre acreditaram os seus nomes , e o mesmo fizeram os Condes de Prado , e Atalaya D. Pedro Manoel , e todos os mais Cabos , e Officiaes do Exercito. Depois , que mandou o Marquez das Minas atacar a Villa , e Castello de Monsanto , como fica dito a 9 do mesmo mez , continuaram os do Castello a defenderse valerosamente ; o que vendo o Marquez , o mandou atacar pelo Tenente do Mestre de Campo General Francisco Ferraõ de Castellobranco com quatrocentos

centos Granadeiros; e porque o sitio do dito Castello he quasi inexpugnavel, e se achava com muitos mantimentos, ordenou o Marquez ao Quartel Mestre Francisco Pimentel, que ajuntando algumas faxinas, procurasse queimarlhe as portas, o que assim se executou; e vendo os inimigos queimadas as portas, se retirou ao interior delle para fazer capitulaçãõ, o que o Marquez das Minas lhe não admittio, e ficaraõ prisioneiros de guerra, e rendido o Castello em 14 do referido mez. Constava a guarniçaõ de cento e cincoenta Francezes com dous Capitaens de Infantaria, quatro Tenentes, e hum Alieres: da nossa parte ficou morto o Sargento mór do Terço de Antonio de Sá de Almeida, e ferido em huma perna o Quartel Mestre Francisco Pimentel, e mais dez Soldados feridos. No Castello se acharaõ muitas armas, e bayonetas, e varias munições de guerra, e boca. Na Provincia de Alentejo, de que era Governador das Armas o Conde das Galveas, querendo reparar os damnos, que os inimigos no principio desta Campanha haviaõ feito no Termo da Villa de Serpa, e visinhança de Moura, destruindo a Aldea Nova, e Villa de Santo Aleixo, mandou a Francisco de Mello, Governador da Villa de Moura, que fizesse huma entrada pelo Condado de Niebla, e o puzesse à obediencia delRey Carlos; e assim com o Terço do Algarve, e com dous de Auxiliares, e algumas milicias, levando tres peças de artilharia, duzentos cavallos,

vallos, e quatrocentas egoas, que por todos os Soldados fariaõ o numero de quatro mil homens: entregou a Cavallaria a seu irmão Joseph de Mello; e no dia 25 de Julho chegarão à Villa de Alqueria, que por outro nome chamaõ *Puebla de Guzman*, povoação de mais de rovecentos visinhos, distante quatro legoas da nossa Raya, defendida com hum Forte regular de quatro baluartes, presidado por tres Companhias, o qual se poz em defenfa, ainda que não muy vigorosa: o que vendo Francisco de Mello, lhe mandou hum recado, que senão cessassem de atirar com a artilharia, havia de passar todos os seus moradores à espada; e avisinando-se Francisco de Mello, sem disparar tiro para o Forte, os cercados lhe mandaraõ algumas pessoas a dizer, que elles já se rendiaõ. Foy entrada a Villa, e havendo os seus moradores recolhido muitos moveis às Igrejas, mandou Francisco de Mello, que nellas se não entrasse, e que se guardasse o decóro ao sexo feminino, o que tudo se observou pontualmente; e foy saqueada toda a Villa, (excepto o que estava nas Igrejas) e mandou pôr fogo à povoação, eximindo as cas. s dos Ecclesiasticos, e recolhendo-se com trezentos prisioneiros, entre os quaes era o Governador da Praça, e dous Capitães, trazendo o Estandarte do Forte, e muitas armas; e vindo arrebanhando a Campanha, conduzio della mais de dez mil ovelhas, e o sacco foy muy consideravel por ser a Villa muy rica. Os

Tom.VII.

Aaaa

Sol.

Soldados Infantes todos trouxeraõ, o que puderaõ carregar, naõ só elles, mas hum grande numero de mulas, que alli tomaraõ: e os da Cavallaria trazia as garupas taõ cheas de despojos, que mal podiaõ com ellas; os Soldados tomaraõ muitas armas, e Francisco de Mello naõ quiz cousa alguma para si. Na mesma Provincia no mez de Agosto o General da Cavallaria D. João de Lencastre, com hum destacamento de mil e duzentos cavallos, rendeo Barcarota, pequena Praça junto de Olivença, e por naõ ser saqueada se compoz pela contribuiçaõ de sete mil patacas.

Em hum Sabbado, que se contavaõ 28 de Mayo do anno de 1704, sahio ElRey D. Pedro de Lisboa para a Beira, e baixando do Paço da Corte-Real acompanhado de toda a Corte, entrou no coche, e levando consigo ao Principe D. João, e aos Serenissimos Infantes D. Francisco, D. Antonio, e D. Manoel, foy fazer oraçaõ à milagrosa Imagem da Madre de Deos, e depois de feita oraçaõ, entrou no coche com seus filhos, acompanhado do Marquez de Marialva, Mordomo môr, e do Conde de Vianna, Estribeiro môr. Parou o coche ao chafariz de Arroyos, aonde se dividem as duas estradas de Sacavem, e Loures, aqui se apartou de seus filhos, e revestido de Magestade, com animo constante vencia o amor de pay; mas os poucos annos de Suas Altezas, naõ se podendo separar do pay, com todos os affectos indispensaveis

ao amor, se pegaraõ ao estribo do coche, rogando-lhe, que os levasse na sua companhia, porque era impossivel a separaçãõ. ElRey ultimamente dissimulando os affectos da natureza, e revestida a Magestade de severidade, imperiosamente mandou a seus filhos, que tomassem o coche, em que se haviaõ de recolher para o Paço: e fazendo caminho pelo da Rainha de Inglaterra sua tia, que acharaõ tambem magoada, e faudosa, se recolheraõ à Corte-Real acompanhados do Duque de Cadaval, seu Mordomo mór, e de Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, Veador da sua Casa. Continuou ElRey a sua jornada pela estrada de Loures, e foy dormir à Castanheira, e foy dentro de poucos dias a Santarem, onde visitou a milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Piedade, e foy adorar o Santo Milagre, que prodigiosamente se conserva por taõ grande numero de annos. Nesta Villa esperou a ElRey Carlos, que partio de Lisboa a 30 de Mayo, acompanhado da sua Corte, e conduzido pelo Conde de Assumar, Veador da Casa de Sua Magestade Portugueza, por cuja despeza se continuou o gasto da jornada da mesma maneira, que se fazia em Lisboa. O dia, que chegou àquella Villa ElRey Catholico, o foy Sua Magestade esperar hum quarto de legoa fóra da Villa acompanhado de toda a Corte, e marchando juntos, chegaraõ a Santarem. ElRey foy com ElRey Catholico até às casas de D. Francisco de Sousa, que lhe estavaõ pre-

Tom.VII.

Aaaa ii

veni-

venidas para seu aposento, e ElRey se recolheu às do Conde de Unhão aonde estava pousado. Nesta Villa se deteve ElRey até o mez de Agosto, no qual a 3 partio para Coimbra, deixando a ElRey Catholico molestado de hum leve queixa, que durou alguns dias. Havia ElRey ordenado ao Conde de Assumar, que o avisasse da desejada melhora delRey Catholico, como tambem do progresso, que corria a molestia, a que sobreveyo febre, e ultimamente se declarou tiricia, com que se suspendeo a jornada delRey Catholico para Coimbra. Sabendo-se da sua molestia em Lisboa, a Rainha da Grãa Bretanha, que havia ficado com a Regencia do Reyno, mandou logo a Santarem ao Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, para que da sua parte significasse a ElRey Catholico o grande cuidado, com que estava na sua queixa; e o Principe, e Infantes fizeram o mesmo por Gaspar Joseph da Camera Coutinho, seu Veador, os quaes dando os recados a ElRey Catholico, voltaram com as repostas a Lisboa, aonde tinham ficado muy poucos Fidalgos, que a pezar das instancias, que fizeram de acompanhar a ElRey, para o que todos estavam prevenidos, foram obrigados por Cartas firmadas por sua Real mão, assistirem à Rainha Regente, e Principe, prevenindo-se para alguma invasão, que pudessem haver por mar nas nossas Costas.

Sahio ElRey de Santarem no referido dia, que

que era hum Domingo, com toda a sua Corte, e foy dormir a Rio-Mayor, dando sempre pelo caminho mesa de Estado a todos os seus Criados, e Officiaes da Casa, e tambem aos Fidalgos, que voluntariamente queriaõ ir comer a ella. A primeira mesa era servida pelos Reposteiros, como he costume; e a segunda dos Capellaens da Capella, e Moços da Camera, pelos Moços da Prata. No dia seguinte entrou na Cidade de Leiria, e pousou nas casas do seu Bispo D. Alvaro de Abranches, o qual com muita grandeza mandou prover as ocharias de carnes, frutas, e doces, e o mesmo fez depois a ElRey Catholico. Deteve-se ElRey hum dia em Leiria, e seguindo a sua jornada, passou a Pombal, dahi a Condeixa, e foy a Coimbra. Antes de entrar na Cidade, como a estrada, que seguia, passava pelo Mosteiro de Santa Clara, pouco antes de chegar a elle, o esperava o Reytor da Universidade D. Nuno Alvares Pereira de Mello com alguns Lentes, que por ser tempo de ferias, e a mayor parte dos Lentes teremse recolhido a suas casas, por esta causa não fez a Universidade mayores demonstrações. Quiz ElRey entrar na Igreja, e apeando-se do coche a fazer oração à Rainha Santa Isabel, seguiu a jornada, e à entrada da Cidade estava a Camera de Coimbra em cerimonia, e depois de hum Oração, entregou as chaves a ElRey hum Vereador, como he costume; e com luminarias, e repiques, applaudio a sua chegada, obsequio,

sequio, que em toda a parte, que entrava, lhe faziaõ com fiel affecto os seus leaes Vassallos.

Determinou ElRey ver, e adorar o Sagrado Corpo da Rainha Santa Isabel, sua gloriosissima ascendente, que depois de tantos seculos se conserva incorrupto; e assim acompanhado de toda a Corte, foy à Igreja de Santa Clara, onde por ser a Tribuna pequena, ordenou, que ficassem na Igreja os Grandes, e Officiaes da Casa, e que só sobissem com elle os Conselheiros de Estado, que foraõ o Duque de Cadaval, os Marquezes de Marialva, e Alegrete, os Condes de Villa-Verde, e Vianna, e o Secretario de Estado Diogo de Mendoça Corte-Real, e D. Pedro de Sousa, D. Prior de Guimaraens, Sumilher da Cortina, que estava de semana: e porque haviaõ de ser seis dos Grandes, que tirassem o tempo do caixaõ, se avisou ao Conde de Santiago, que sobisse à Tribuna com Sua Magestade, a quem o Conde de Vianna pertendeo pelo cargo de Conselheiro de Estado preceder ao de Santiago; porém ElRey resolveo, que havia preceder o Conde de Santiago por mais antigo. Tem o caixaõ tres chaves, a primeira tem ElRey, a segunda o Bispo de Coimbra, e a terceira o Guardião de São Francisco da Ponte. Com a chave delRey o abriu Diogo de Mendoça Corte-Real, Secretario de Estado, com a do Bispo o Deaõ de Coimbra Antonio Monteiro Paim por se achar a Sé Vacante, e com a terceira o mesmo Guardião da Ponte, em cujo

cujo poder estava. Tirado o tampo do primeiro caixaõ, que he de prata com crystaes, se tirou tambem o caixaõ, em que está o Corpo, e aberto elle, beijou Sua Magestade a maõ à Santa Rainha, naõ só com a veneraçãõ merecida de sua Santidade, mas com o affecto, e memoria de sua ascendente: seguirãõ-se os Conselheiros de Estado na fórma, em que se costumaõ preceder, depois o Conde de Santiago, e o Sumilher D. Pedro de Sousa, e os mais Grandes pela sua antiguidade, e depois os Officiaes da Casa, havendo-se disposto tudo por avisos do Secretario de Estado. Encerrado o Santo Corpo, se recolheo ElRey com toda a sua Corte à Universidade. Depois foy ElRey em publico, acompanhado de toda a Corte, ao Mosteiro de Santa Cruz, e sendo recebido, na fórma do ceremonial, com grande authoridade, fez oraçaõ, vio os sepulchros dos Inviçtos Reys D. Affonso I. e D. Sancho I. seus gloriosos predecessores, e entrou a ver o Convento; e assim vio tambem outros Conventos na mesma Cidade.

Antes de Sua Magestade sahir de Coimbra, Prova num. 76. lhe pareceo fazer merce às Escolas de algum tempo por lho pedirem os Estudantes; e em attençãõ ao applauso, com que festejaraõ a sua entrada naquella Cidade, como tambem ao alvoroço, com que esperavaõ a ElRey Catholico, lhe fez graça de seis mezes aos naturaes do Reyno, e aos do Ultramar de oito: foy passado o Decreto a 17 de Agosto

Agosto de 1704. Achava-se a Cadeira da Igreja de Coimbra vaga pela morte do seu Bispo D. João de Mello, e o Cabido Sede Vacante mandou espontaneamente offerecer a Sua Magestade hum donativo de mil moedas, por duas Dignidades da sua Cathedral, que ElRey agradececo, e aceitou a offerta, e se entregaraõ à ordem de Sua Magestade; o Reytor da Universidade lhe offerececo quatorze mil cruzados das rendas da mesma Universidade, que ElRey aceitou, e agradececo, e ordenou, que se mandassem receber, e se applicassem da mesma maneira, que os doze mil cruzados do Cabido, para pagamento dos Soldados. A Abbadessa do Mosteiro de Santa Clara mandou a Sua Magestade hum magnifico presente de diversos doces, que Sua Magestade lhe mandou agradecer, e ordenou se repartissem pelos Grandes, Fidalgos, Officiaes da Casa, e Ministros, que o acompanhavaõ. A Camera da Cidade tambem lhe mandou outro grande presente em demonstração do seu rendimento. Sahio ElRey da Cidade de Coimbra a 23 de Agosto acompanhado de toda a sua Corte, e foy dormir à Vaccariça, e no outro dia, que era Domingo, foy a Bussaco, deserto dos Carmelitas Descalços, onde se vive em grande observancia. ElRey naturalmente pio, se agradou muito da amenidade do sitio, e dos santos exercicios, em que siequentemente se vive naquelle deserto, servindo a Deos; e depois de venerar aquelle Santuario, e de pedir aos

Reli-

Religiosos, que o encommendaſſem a Deos, ſe recolheo a Vacariça, de donde continuou a ſua jornada para a Cidade da Guarda, na qual entrou a 30 de Agoſto. Tinhalhe preparado a caſa para a ſua aſſiſtencia o Conde de Santiago, Apoſentador mór, como havia feito em todas as partes, em que ElRey pernoitou; e aſſim agora tinha preparado o Seminario da Cidade para habitação de Sua Mageſtade, entregandolhe a chave da ſua Camera por preeminencia do ſeu officio.

No dia 27 de Agoſto do referido anno, em huma quarta feira, chegou ElRey Catholico à Cidade de Coimbra, e ſe apoſentou no Palacio da Universidade. O Reytor o foy eſperar com os Lentes fóra da Cidade por cima de Santa Clara, aonde chamaõ Noſſa Senhora da Eſperança: alli ſe apeou o Reytor da ſua liteira, e acompanhado do corpo da Universidade cumprimentou a ElRey Catholico: parou elle o cavallo, e com o chapeo na mão, o ouviu, e reſpondendo ao cumprimento, o Reytor, e Lentes ſe puzeraõ a cavallo, e foraõ acompanhando a Sua Mageſtade Catholica, não havendo entré elles preferencia por aſſim o ter determinado ElRey de Portugal. Nas portas da Cidade da banda de dentro eſtava o Senado da Camera da Cidade, e o Vereador Manoel do Valle fez a pratica, e lhe entregou as chaves da Cidade: ElRey tirando o chapeo, lhe poz a mão, e diſſe ao Vereador as tornaſſe a recolher: e ſendo recebido com to-

das as demonstrações de alegria, danças, e folias, com que o povo applaudia a sua vinda, guatnecidas as ruas das Ordenanças da Cidade, passou por entre duas alas de Infantaria ao Palacio da Universidade, que lhe estava preparado. No dia 29 foy ElRey Catholico ouvir Missa ao Mosteiro de Santa Clara, e alli o receberão com Palio, e *Te Deum laudamus*, sem oração alguma, por ser esta cerimonia devida somente ao Rey natural. Passou ElRey Catholico da Igreja à Tribuna a adorar o Corpo da Santa Rainha, pera cujo effeito se mandou entregar ao Reytor da Universidade a chave, que tocava a Sua Magestade Portugueza, e as outras tinhaõ os mefmos a quem pertencia, como já dissemos. Sobio ElRey Catholico à Tribuna com o Almirante de Castella, o Principe de Lichtenstein, e outros seus criados, a quem ElRey encarregou o serviçem naquella funcão: aberto o caixaõ pelas pessoas, a quem tocavaõ as chaves, venerou ElRey Catholico com grande piedade aquella prodigiosa Reliquia, e permittio, que a sua familia sebiße à Tribuna a adoralla. Foy ElRey à Capella da Universidade ouvir Missa, aonde foy recebido com *Te Deum*, e Reliquia, e na mesma forma no Mosteiro de Santa Cruz, no Collegio da Companhia, e outros, que ElRey foy ver. O Cabido lhe offereceo hum presente, que constava de grande numero de caixas de doces, e o Geral de Santa Cruz lhe mandou outro grande presente de doces, frutas, caças, e ou-

e outras carnes. No primeiro de Setembro, em hum segunda feira, sahio ElRey Catholico de Coimbra tomando o caminho para a Cidade da Guarda, acompanhado do Reytor na mesma forma com os Lentes quando entrara na Cidade. Hum quarto de legoa mandou ElRey Catholico por hum Pagem dizer ao Reytor, que se podia recolher: apeou-se o Reytor da liteira, chegou ao coche delRey, que lhe fallou com o chapeo na mão, inclinado alguma cousa da cadeira, em que estava assentado, e assim se despedio. Antes de chegar à Cidade da Guarda, ElRey D. Pedro o foy esperar a cavallo com toda a Corte meyo quarto de legoa: avistara-se os dous Reys, e se fallaraõ com a costumada urbanidade. ElRey Catholico, que tambem vinha a cavallo, foy à mão direita delRey; o Almirante de Castella, e mais Senhores Alemaens, acompanharaõ a Suas Magestades adiante, sem haver preferencia, e atraz hia o Principe de Lichtenstein, e à sua mão esquerda o Conde de Vianna, Estribeiro môr, e o Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera, que estava de semana, e à sua mão esquerda Milord Conde de Galoway, que no principio de Agosto tinha chegado a este Reyno para General das Tropas de Inglaterra, o qual acompanhava a ElRey Catholico. Foy recebido com todas as demonstrações de obsequio, e na porta da Cidade o aguardava o Senado da Camera, onde o Vereador mais velho Antonio das Povoas de Brito

tinha em hum prato dourado as chaves da Cidade , e parando os Reys com os cavallos , se encaminhou p.ra ElRey de Portugal , que lhe disse as offereceffe a ElRey Catholico , e fazendo-o assim , ElRey Carlos as tomou , e tornou a pôr no prato : a Cidade o salvou com descargas da artilharia , e deixando ElRey de Portugal ao de Castella na casa , que tinha prevenido , se recolheo à sua. Havia ElRey declarado , que o Duque de Cadaval , Mestre de Campo General da Extremadura junto à sua pessoa , por hum Carta escrita a 28 de Junho de 1703 , exercitasse o mesmo posto junto à sua Real pessoa , em qualquer parte destes Reynos , onde se achasse ElRey : pelo que lhe ordenou , que em applauso da celebridade , com que naquelles tres dias se festejava a chegada delRey Catholico , lhe fizesse o obsequio de lhe ir tomar o Santo , e assim o fez naquelles tres dias ; porém na Campanha , o tomou sempre a ElRey de Portugal , e na mesma Tenda o passava ao Barão de Fagel , Mestre de Campo General : e duvidando os Inglezes recebello do Barão de Fagel , o Conde de Galoway , seu General , mandou ao seu Mestre de Campo General Windon o tomasse do Duque. No tempo , que os Reys se detiverão nesta Cidade , se visitaraõ reciprocamente , mandando-se cumprimentar com grande cuidado , na mesma fórma , que já temos dito.

Achava-se na Praça de Almeida o Marquez das Minas , Governador das Armas da Beira , maltratado

tratado dos olhos , por cuja causa se deteve em ir à Corte ; porém tanto , que cessou a enfermidade , foy logo informar a Sua Magestade de todas as couzas da sua Provincia. O Conde de Alvor , Governador das Armas de Traz os Montes , que se achava no Quartel de Trancofo , e o Conde de Atalaya , Governador das Armas do Minho , que estava no de Pinhel , foraõ ambos a beijar a mão a Sua Magestade , e na mesma fórma os mais Cabos , e Officiaes do Exercito , sahindo da sua Real presença satisfeitos , e contentes da honra , que experimentavaõ no agrado , e benevolencia delRey. Em hum Sabbatho 20 de Setembro sahiraõ os Reys da Guarda para o Exercito , que se achava junto da Praça de Almeida , e ainda que por diferentes caminhos , chegaraõ no mesmo dia. ElRey de Portugal chegou primeiro às quatro horas da tarde ao Exercito , que logo vio , passando pela vanguarda da primeira , e segunda linha , e depois foy esperar a ElRey Catholico , e o encontrou antes de chegar à ponte do Rio Coa , e passando ambos os Reys pelo Exercito , o de Portugal levou ao Catholico ao seu alojamento , e despedido delle , se recolheo à sua Tenda. Na Campanha , como nas outras partes , se visitaraõ os Reys da mesma maneira , que sempre. Tanto , que entraraõ nos Dominios da Coroa de Hespanha , logo ElRey Catholico cedeu o melhor lugar a ElRey de Portugal ; e assim continuaraõ até o Exercito tornar a entrar em Portugal. Em

26 do referido mez fez o Exercito a primeira marcha, e a pouco se reconheceo, que os inimigos tinhaõ occupado os póstos das passagens do Rio Agueda, que impedia totalmente a determinação da empreza de Ciudad Rodrigo. Determinou El-Rey de Portugal pôr em Conselho esta materia, e avisando a El-Rey Carlos, que esperava por elle para o Conselho, que no dia de antes estava assentado entre ambas as Magestades, veyo El-Rey Catholico à Tenda del-Rey de Portugal, em que entraraõ o Duque de Cadaval, o Marquez das Minas, ambos do Conselho de Estado; o Principe de Lichtenstein, Ayo, e Mordomo môr del-Rey Catholico, o Conde de Ulfeld, Capitão da sua Guarda, o Almirante de Castella, o Conde Galoway, General das Tropas Inglezas, o Marquez de Alegrete, do Conselho de Estado, D. João de Lencastre, do Conselho de Guerra, General da Cavallaria de Alentejo, o Conde de Villa-Verde, do Conselho de Estado, o Conde de Alvor, do Conselho de Estado, o Barão de Fagel, Mestre de Campo General do Exercito, e General das Tropas de Hollanda, o Marquez de Marialva, do Conselho de Estado, o Conde de Vianna, do Conselho de Estado, o Conde de la Corriana, e o Secretario de Estado Diogo de Mendoga Co.te-Real, e todos tiveraõ assento em cadeiras de couro razas, na mesma forma, que se usa no Conselho de Estado. E propondo-se, se se havia de continuar a empreza de Ciudad

C
d
R
ta
m
p
le
g
R
ve
m
o
o
na
tu
ze
fo
ri
fo
R
fo
o
te
p
t
va
gi
ti

Ciudad Rodrigo, se consideraraõ as difficuldades de ter o inimigo occupado os pórtos da passagem do Rio Agueda, e acharse com o seu Exercito encostado àquella Praça: pelo que pareceo uniformemente, que se continuassem as marchas, e se chegasse ao rio, para que tomando quartel perto delle, se observaria melhor os movimentos do inimigo, e com este parecer se conformaraõ os Reys. Porém ElRey de Portugal se achava já sentido de ver, que lhe faltava o que tantas vezes haviaõ promettido, e ratificado o Almirante de Castella, e o Conde de la Corfina, que tanto, que chegasse o nosso Exercito à Raya de Castella, não ficaria naquella Reyno pessoa, que se não passasse a Portugal, de que tambem alguns Ministros Portuguezes se haviaõ persuadido, dizendo a ElRey, que sem golpe de espada, haviaõ de conquistar Hespanha. Estas, e outras circumstancias na occasião presente, deraõ motivo a alguma impaciencia a ElRey: pelo que queria, que a todo o risco se forçasse os pórtos do Rio Agueda, e passasse o Exercito à outra banda: e cansado das persuaçoens, que o zelo, e amor dos seus Ministros lhe faziaõ, determinou reconhecer elle mesmo as difficuldades do porto. E tendo-o intentado, foy preciso, que voltasse, por não ser cortado dos inimigos, porque com valor incrível expoz a sua Real pessoa. No dia seguinte, quatro de Outubro, marchou o nosso Exercito ao rio: governava a linha da vanguarda o Duque

Duque de Cadaval, e a segunda o Conde de Alvor, e depois de duas horas de combate com a artilharia de hum, e outro Exercito, na mesma Campanha chamou ElRey a Conselho aos Ministros, e Generaes, que alli se achavaõ, a saber: o Duque de Cadaval, os Marquezes das Minas, de Marialva, e Alegrete, os Condes de Vianna, de Villa-Verde, de Alvor, de Atalaya, D. Joaõ de Lencastre, o Principe de Lichtenstein, o Almirante de Castella, Milord Galoway, e o Baraõ de Fagel, aos quaes ElRey D. Pedro quiz persuadir, que se não devia de desistir de passar o rio; porém a todo o Conselho pareceo (depois de ponderadas muitas razoes, e motivos) o contrario, excepto ao Marquez das Minas, que sustentava, se não devia de desistir de passallo: o Almirante de Castella o contrariou, e o Duque de Cadaval, mostrando, que se não devia intentar. ElRey Catholico approvando, o que se tinha vencido, disse, que os mesmos motivos, que se haviaõ discorrido, eraõ o fundamento para se conformar, reconhecendo o acerto, com que haviaõ votado aquelles Ministros, e Generaes, e que se dava por satisfeito, pois os interessados na causa commua entendiaõ, que era contra ella o que Sua Magestade pertendia executar; a que ElRey hum pouco sentido, respondeu ao Catholico, que daquella maneira não seria Rey de Hespanha, e voltaria para Alemanha. ElRey Catholico mostrou no semblante não lhe agradar reposta taõ desabrida.

Hum

Memorias do Duque
de Cadaval, tom. 2.
125.140.

Hum illustre Author muy conhecido pela sua muita erudição , que escreveu huns *Commentarios* desta guerra com admiravel estylo , padecco grande equivocação nas nossas cousas , trocando lastimosamente este , e outros successos , tal vez porque as diversas missoens , em que andou occupado fóra de Hespanha , fôssẽ o motivo de ser taõ mal informado , do que nella se passou. O successo , que referimos , succedeo na fórma , que acima fica escrito , contado pelos mesmos Generaes , que se acharaõ naquelle Real Conselho , de que só o Marquez das Minas se conformou com a vontade del Rey D. Pedro , votando se não retirasse o Exercito , e buscasse o dos inimigos , a que se oppuzeraõ todos os mais Generaes , que alli se acharaõ , Portuguezes , e Estrangeiros , com quem El Rey Carlos se conformou , como temos dito. E se , como refere o mesmo Author , foy prejudicial esta resolução aos interesses dos Aliados , que podiaõ entrar , como elle diz , livremente por Castella , e turballa muito ; claramente se tira , que Deos queria conservar no throno de Hespanha a El Rey Filippe , e por isso foraõ inevitaveis estes , e outros erros daquella guerra.

Estava o Exercito acampado junto ao Lugar de Guinaldo , e determinando-se , que não se devia continuar a Campanha , por se haver anticipado o Inverno , e serem grandes as chuvas , retrocedendo a marcha , acampou junto à Praça de Alfayates , de donde El Rey D. Pedro passou à Cidade da Guar-

Tom.VII.

Cccc

da,

Marquez de San Philipe , *Com. de la Guer. de España* , lib. V. p. 175.

da, e dalli continuou a jornada para Lisboa. Passou ElRey Catholico à Guarda, aonde já não achou a ElRey de Portugal, que tinha partido para Lisboa, e seguindo a jornada até a Villa de Santarem, achou a ElRey ainda nesta Villa, e nella ficou depois delRey continuar a jornada para Lisboa: e havendo passado alguns dias, depois de ElRey de Portugal estar na Corte, lhe mandou dizer, que desejava accommodar-se na Quinta, que o Conde de Aveiras tinha no sitio de Belem, a qual logo se lhe poz prompta. Na Provincia de Alentejo, por estar impedido o Conde das Galveas seu Governador das Armas, foy nomeado o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, Capitaõ General da Armada, do Conselho de Estado, para governar o Exercito, que acampou sobre o rio Sever, e poz em contribuição as Villas de S. Vicente, Ferrera, e outros Lugares.

Chegando ElRey D. Pedro a Lisboa a 17 de Novembro do referido anno de 1704, o Principe com os Infantes seus irmãos, o forão esperar ao Campo Grande, e depois de lhe tomarem a benção, e Sua Magestade ter o gosto de ver seus filhos, forão todos a fazer oração à milagrosa Imagem da Madre de Deos, e logo à da Senhora das Necessidades. Tendo ElRey cumprido com a piedade, e devoção daquellas visitas, passou com Suas Altezas ao Paço da Rainha da Grãa Bretanha, que com grande satisfação recebeu a ElRey seu irmão, e
acaba-

acabada a visita, se recolheu com seus filhos ao Paço da Corte-Real. A 17 de Dezembro, em huma quarta feira, chegou ElRey Catholico à Quinta do Conde de Aveiras, e logo no mesmo dia o foy cumprimentar da parte de Sua Magestade o Conde de Vianna, e depois de elle sahir, entrou o Duque de Cadaval a darlhe a boa vinda da parte da Rainha D. Catharina, do Principe, e dos Infantes. O Conde de Assumar teve ordem para assistir em Belem, o que elle fez continuando aquella assistencia, de forte, que merecia o agrado delRey seu Amo, justamente devido ao zelo do Conde, e ao modo, com que sabia agradar a ElRey Catholico. Continuaraõ os Reys sempre em boa correspondencia, mandando por muitas vezes reciprocamente saber hum do outro, e na mesma fórma, da Rainha de Inglaterra, do Principe, e Infantes; e assim se visitavaõ muitas vezes, e ElRey Catholico o fazia tambem algumas à Rainha da Grãa Bretanha.

Havia ElRey Dom Pedro muito antes de ir para a Campanha padecido humas somnolencias fóra do tempo, e horas do descanso, e ainda que ElRey facilmente cahia no somno, cresceo sempre de maneira, que nos despachos, e na força dos mayores negocios, se achava preocupado do somno em fórma, que o não podia vencer, e continuava o achaque, não sem grande cuidado, e reparo dos seus criados, e Ministros, que lhe assistiaõ, de que o zelo de alguns, revestido do amor, com que o ser-

Memorias m.f. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom.XL pag.158.

Tom.VII.

Cccc ii - viaõ,

viaõ, o advertiaõ, e naõ bastava a advertencia para diminuir a propensaõ, que se originava de vapores, que sobiaõ à cabeça; porque naõ era facil todo o cuidado de os poder emendar. Procedeo este achaque de hum defluxo de estillicido, a que El-Rey era sojeito muitas vezes, e durando mais tempo, dous mezes antes de partir para a Campanha, se queixou por vezes da garganta, até que ultimamente crescendo a inflammaçaõ, teve Sua Magestade difficuldade em engolir, e com ella se sojeitou a usar de alguns medicamentos leves, e os seus Medicos julgavaõ necessãrios outros, a que El-Rey se naõ queria sojeitar, já pela repugnancia natural, que tinha a remedios, como tambem por entender lhe deteria a cura a brevidade, com que queria ir à Campanha. Finalmente a 27 de Dezembro, se achou totalmente rendido da queixa, e se sojeitou à disposiçaõ dos Medicos, e antes de se principiar a cura, que lhe haviaõ determinado ser mais conveniente, se começou a aggravar a doença de sorte, que no dia primeiro de Janeiro, que era huma quinta feira, do anno de 1705, amanheceo Sua Magestade com muito somno, e mayor febre: foy logo sangrado naquella manhã, e seguiraõ-se a ella sangria mais tres. Aggravaraõ-se os symptomas no discurso do dia de maneira, que recearaõ os Medicos se constituisse apopletico, e foraõ uniformemente de parecer, que se sacramentasse. Participou o Padre Sebastiaõ de Magalhaens, Confessor del-Rey, o parecer

recer dos Medicos, e o que haviaõ assentado : Sua Magestade , que era naturalmente pio , quiz logo commungar da Freguesia , e fazendo-se Conselho de Estado , pareceo , que na sua Camera entrassem só os Conselheiros de Estado , e os Sumilheres da Cortina Nuno da Cunha de Ataide , e Dom Joseph de Almada , para exercitarem o seu officio , administrandolhe o Santissimo Viatico o Capellaõ mór D. Fr. Joseph de Lencastre , com assistencia dos referidos Sumilheres , o que assim se executou. E recebido o Santissimo Viatico com singular piedade delRey , e com grande edificação , dos que lhe assistiaõ , o Principe com toda a Corte acompanhou o Santissimo à Freguesia dos Martyres. Eraõ sete horas da noite , quando ElRey recebeu o Santissimo Viatico , e suspendeo-se a Unçaõ por parecer dos Medicos. Era neste tempo Nuncio Apostolico nestes Reynos D. Miguel Angelo Conti , Arcebispo de Tarso , (depois Cardeal , e Papa Innocencio XIII.) que se achava notificado por ordem da Rainha da Grãa Bretanha , quando na ausencia delRey ficou governando o Reyno , para que naõ entrasse no Paço , nem fosse admittido pelo seu Conferente a tratar negocio algum , por haver mandado notificar aos Padres da Companhia sobre a satisfação dos quindennios , que o Papa pertendia lhe pagassem de certas Igrejas , que a Companhia possuia em Portugal. No dia seguinte depois ao em que ElRey havia recebido o Santissimo Viatico ,
man-

mandou o Nuncio dizer ao Duque de Cadaval, que era seu Conferente, que desejava lhe houvesse permissão de Sua Magestade para ir a huma das antecameras do seu Paço, a saber do Gentil-homem da Camera, como Sua Magestade estava. O Duque lhe escreveu, que Sua Magestade dizia, podia ir à sua Real presença, e darlhe a absolvição, e Indulgencias concedidas no artigo da morte. Na mesma manhã da festa feira, foy o Nuncio ao Paço, e na casa immediata à Camera delRey, lhe poz a estola hum seu Capellaõ, e lhe deu o Ritual para a absolvição. Chegou à ilharga da cama delRey, e em pé, depois de repetir a Confissão, perguntou a Sua Magestade, se queria receber as Indulgencias, que elle lhe podia communicar naquella hora: ElRey lhe fez sinal com a cabeça, de que as queria receber, e por estar muy embaraçado da falla, se valeo a sua piedade daquella demonstração. Depois do Nuncio haver applicado a ElRey as Indulgencias, e acabada a cerimonia, lhe disse o seu grande sentimento de o ver naquelle estado: ElRey abraçou o Nuncio com grandes mostras de piedade, e o Nuncio lhe correspondeo com todas aquellas demonstrações, que cabiaõ no respeito, e no sentimento. Passou ElRey o dia com tanto trabalho, que os Medicos entenderaõ, que nelle acabava a vida; e assim às oito horas da noite tomou a Unção, que lha administrou o Parocho da Freguesia de Nossa Senhora dos Martyres, porque o Capellaõ

Capellaõ môr era muito velho: pelo que se determinou fosse o Parocho, assistindo D. Joseph de Almada, Sumilher da Cortina, que alimpava os Oleos. Na noite teve algum alivio, porém no dia seguinte começaraõ os Medicos a temer o mesmo, e lhe applicaraõ remedios violentos, que foraõ bem succedidos, principalmente a tintura do ouro potavel, que lhe mandou ElRey Catholico. Vendose ElRey taõ prostrado, nomeou a Regencia do Reyno na Rainha sua irmãa, na mesma fôrma, que quando fora para a Campanha. Neste mesmo dia, que era Sabbado 3 de Janeiro, foy ElRey Catholico saber de Sua Magestade: naõ lhe fallou, mas sim ao Principe, que o recebeo na casa do Docel, debaixo do qual se puzeraõ duas cadeiras. Neste mesmo dia veyo a Rainha da Grãa Bretanha, e na mesma noite, na presenca do Duque, e dos Cameristas, o Confessor delRey entregou ao Bispo de Elvas, Secretario de Estado, o Testamento, e Codicillo de Sua Magestade, o qual havia feito no anno antecedente na Cidade da Guarda. Fizeraõ-se preces publicas em todas as Igrejas da Cidade; em algumas esteve o Senhor exposto, e nellas concedeo o Nuncio por hum Edital Indulgencias a todos os que confessando-se, e commungando, rogassem a Deos pela faude delRey. Na Cidade se fizeraõ muitas Procissoens com Imagens milagrosas, e todas hiaõ à Capella Real: o povo em grande multidaõ, e com geral sentimento acompanhava
com

com muita devoção as Prociſſões, pedindo a Deos a vida delRey. A Santiffima Imagem do Senhor com a Cruz às Coſtas, que vulgarmente chamaõ dos *Paſſos*, veyo do Moſteiro de Noſſa Senhora da Graça, e ficou na Capella ſete dias, e concorrendo immenſa multidão de gente, ſe continuavaõ as preces.

Era ElRey muy devoto da milagroſa Imagem de Noſſa Senhora das Neceſſidades, que fica em huma Ermida fóra da Cidade, onde coſtumava ir todos os Sabbados a viſitalla, e pedir-lhe a ſua protecção: pelo que inflammado da ſua devoção, pediu, que lha trouxeſſem, e aſſim ſe executou, vindo a Santiffima Imagem em Prociſſão, e ſe collocou em hum Altar na meſma Camera de Sua Mageſtade, que ficou livre do perigo, mas continuou a doença com diverſos ſymptomas, que davaõ, que diſcorrer aos Medicos. Deſejou ElRey mudar de ſitio, e parecendo conveniente aos Medicos as caſas do Conde de Vimioſo, em hum Sabbado, que ſe contavaõ 14 de Fevereiro do referido anno, paſſou do Paço da Corte-Real para aquelle ſitio, onde ſobrevindo diverſos incidentes à ſaude de Sua Mageſtade, continuaraõ os remedios. O deſejo, que todos tinhaõ da ſaude, e vida delRey, fez entender pela mudança o deſejado effeito da melhora: pelo que o Senado da Camera fez huma Prociſſão publica, que ſahio da Cathedral de Lisboa em 20 de Fevereiro, acompanhada do Clero, e Religioens,

e ſe

e se recolheu na Igreja de S. Domingos. Pareceo a Sua Magestade, que se devia repor a Imagem de Nossa Senhora das Necessidades na sua Ermida, para o que se convocaraõ todas as Religioens ao Paço da Corte-Real, onde foy a Capella Real com Cruz, e se fez aviso aos Grandes, e a outras pessoas, na fórma do estylo; ordenou, que os Grandes, e Conselheiros de Estado, haviaõ de levar o andor, e depois da Capella cantar o *Te Deum*, se poz em ordem a Procissão, e sahindo do Oratorio do Paço da Corte-Real, foy levada a Imagem à sua Ermida em Domingo 28 de Fevereiro. O Principe, e Infantes acompanharaõ a Procissão, indo detraz do Andor vestidos de gala, para o que tambem teve aviso a Corte. No outro dia foiaõ Suas Altezas à Ermida de Nossa Senhora, acompanhados da mesma Corte, e houve Missa cantada em acção de graças, e préçou o Arcebispo de Cranganor D. Diogo da Annunciação Justiniano.

Vendo ElRey, que a mudança do sitio não tinha sido remedio, antes lhe tinhaõ sobrevindo outras molestias, cuidou em passar para Azeitão; porém não parecendo conveniente aos Medicos, e reconhecendo gosto em ElRey de ir-para a Quinta de Alcantara, onde lhe mostrava a experiencia, que padecia menos defluxos, não tiveraõ os Medicos duvida, em que fizesse a mudança, e em 12 de Março passou Sua Magestade das casas do Conde de Vimioso para aquella Quinta, onde com diversos

Tom. VII.

Dddd

me-

medicamentos, em poucos mezes, teve melhoria, conhecendo-se com mais forças, e mais nutrido, de forte, que começou a sahir fora, montar a cavallo, e ir à caça: pelo que se suspenderaõ por entaõ os remedios, que se tinhaõ determinado, que totalmente se deixaraõ, porque cessou o achaque, que taõ grande cuidado deu a todos os seus Vassallos.

Neste anno de 1705 faleceo a 5 de Mayo o Emperador Leopoldo I. Achava-se na nossa Corte ElRey Carlos seu filho, que logo mandou participar a ElRey D. Pedro esta noticia. E supposto se naõ tinha recebido ainda a conta delRey dos Romanos, como he costume entre todas as Coroas, serem semelhantes noticias mandadas pelos successores; pareceo a ElRey, que achando-se ElRey Catholico nesta Corte, que lha participava, e que pelo parentesco, que havia entre elles, Sua Magestade, e Altezas, deviaõ fazer as demonstrações costumadas. ElRey se encerrou por oito dias, que começaraõ a 16 de Junho do referido anno, tomando luto de capa comprida por dous mezes, e tres de capa curta; este luto se ellendeo a toda a Corte, somente nas pessoas, e naõ nas familias. Achava-se ElRey outra vez doente da grande molestia, que acabámos de referir: pelo que mandou ao Marquez de Alegrete, seu Gentil-homem da Camera, que fosse ao Paço delRey Catholico, que ainda estava na Quinta do Conde de Aveiras, e Sua Magestade na de Alcantara, para que da sua parte representasse

se a ElRey Carlos o grande sentimento, que tinha da morte do Emperador. E no dia seguinte foy o Duque de Cadaval da parte da Rainha da Grãa Bretanha, que se achava com a Regencia do Reyno, e tambem da parte do Príncipe, e Infantes; depois recebeu ElRey a Carta delRey dos Romanos, escrita da sua propria mão, que lhe levou o Príncipe de Lichtenstein.

Estava ordenado ao Conde das Galveas, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, que sahisse em Campanha com o Exercito daquella Provincia no principio da Primavera. E a mesma ordem teve o Marquez das Minas, Governador das Armas da Provincia da Beira; e executando os dous Generaes pontualmente as ordens de Sua Magestade, sahio o Conde das Galveas de Estremoz, e marchando dalli com a mayor parte do Exercito à Praça de Arronches, junto della se ajuntou o resto das Tropas, que estavaõ repartidas pelos quartéis; e acabando de formar o Exercito, entrou por aquella parte em Castella. Avistando a Praça de Albuquerque, a deixou, e passando a 2 de Mayo do anno de 1705, se poz à vista da Praça de Valença de Alcantara, huma das melhores, e mais bem fortificadas, que tinha Hespanha na Fronteira de Portugal. Era o General supremo deste Exercito o Conde das Galveas, do Conselho de Estado, e Governador das Armas de Alentejo, e Mestres de Campo Generaes o Conde de la Corfana, o Con-

*Letres Historiques an.
1705.*

Ultima noticia da expugnação da Praça de Valença de Alcantara, inq. t. em 1705.

de de Galoway, General tambem das Tropas Inglezas, que militavaõ no nosso Exercito ; o Baraõ de Fagel, a cujo cargo estava o mando das Tropas Hollandezas : eraõ tambem Mestres de Campo Generaes o Conde de Villa-Verde, do Conselho de Estado, com o governo da Cavallaria, e o Visconde de Barbacena, do Conselho de Guerra, com o governo da Artilharia. Achavaõ-se no Exercito o Conde de Alvor, do Conselho de Estado, e Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes, com o partido das Tropas da sua Provincia ; eraõ Generaes de Batalha Pedro Mascarenhas, depois Conde de Sandomil, D. Joaõ Diego de Ataide, depois Conde de Alva, o Conde de Monsanto D. Manoel de Castro, depois Marquez de Cascaes, o Conde de S. Joaõ Luiz Bernardo Alvares de Tavora, e o Conde do Rio-Grande Lopo Furtado de Mendoça, que sendo Almirante da Armada, para achar-se na Campauha quiz exercitar este posto. Formado o sitio, e plantadas as baterias debaixo do fogo da Praça, que era muito, e incommodava os nossos com algum damno, matando, e ferindo alguns Officiaes, e Soldados, e hum dos mortos foy o Capitaõ de Cavallos Ayres de Sousa de Castro ; começaram a 6 a jogar as baterias contra a Praça, das quaes a principal para abrir a brecha na face do baluarte constava de doze peças de calibre de vinte e quatro, e naquelle dia, e no seguinte, tirou dous mil e quinhentos tiros. Havia outra bateria de oito peças

da
peças de
tres, hum
pequenos.
destinada
por capaz
Praça Dor
Fuerre, e
resoluto a
Marquez e
mil Cavalle
so Exercito
mil Infante
poder socc
bendo o C
mas, refo
envellida
ços de Ir
Estrangei
dezes ; o
Lencastre
havendo
do Conde
te, despre
bala de m
nel Dunkir
Soldados,
Nação.
Brigadeiro
grande q

peças de Campanha, e outra de seis, e além destas tres, huma de sete morteiros grandes, e quarenta pequenos. Obrou com taõ bom effeito a bataria destinada para a brecha, que naquelles dous dias a poz capaz do assalto; e recusando o Governador da Praça Dom Alonfo Madariaga, Marquez de Villa Fuerte, entregalla por capitulaçãõ, porque estava resolutõ a defendella, esperando o soccorresse o Marquez de Bay, que havia chegado com quatro mil Cavallos a Piedra Buena, quatro legoas do nosso Exercito, onde elle pertendeo juntar mais tres mil Infantes, e todas as Tropas Francezas, para poder soccorrer esta importante Praça: o que sabendo o Conde das Galveas, Governador das Armas, resolveo mandarlhe dar o assalto; e assim foy envestida na manhã de 8 de Mayo por dous Terços de Infantaria Portugueza, e dous Regimentos Estrangeiros, hum de Inglezes, e outro de Hollandezes; o primeiro foy o de D. Francisco Naper de Lencastre, que ficou morto em cima da brecha, havendo procedido valerosissimamente. Seguiu-se o do Conde de Coculim, que procedeo da mesma forte, desprezando huma contusaõ, que lhe fez huma balla de mosquete, e a este o Regimento do Coronel Dunkinsen, que ficou ferido, e elle, e os seus Soldados, deixaraõ bem acreditado o valor da sua Naçaõ. Na retaguarda hia o Conde de Noyelles, Brigadeiro Hollandez, que todos corresponderaõ à grande opiniaõ do seu esforço. Durou o conflicto

na

na brecha hum bom espaço; e não podendo os Castelhanos já supportar os golpes da nossa gente, se retiraraõ ao Castello, onde logo fizeraõ sinal, largando bandeira branca, e mandou o Governador capitular: porém ao tempo, que se estavaõ propondo as condições da entrega, se houveraõ com tal desacordo, e perturbação os que estavaõ no Castello, que abriraõ as portas antes de ajustada a capitulação, e entrando por ellas os nossos Soldados, se fizeraõ inteiramente senhores de tudo. Os moradores haviaõ salvado no Castello as suas mais preciosas alfayas para as segurarem, e não se pode embaraçar, que os Soldados as tomassem, segundo o costume, e maximas da guerra. Da nossa parte houve além da perda do Mestre de Campo Dom Francisco Naper, morrer junto a elle hum valeroso Capitão de Infantaria do mesmo Terço, chamado Manoel Jorge de Figueiredo; e dos feridos de mayor consideração, foy o General de batalha D. João Diogo de Ataide, passado com huma balla no peito junto ao hombro, havendo procedido neste assalto com singular valor. No mesmo dia 8 de Mayo, em que foy ganhada a Praça, despedio logo o Governador das Armas a seu filho o Tenente General da Cavallaria Pedro de Mello de Castro, para participar a Sua Magestade esta eslimavel noticia, e Sua Magestade em attenção do bom serviço do Conde das Galveas, e remuneração do trabalho de seu filho Pedro de Mello, lhe fez merce de

de o mandar cobrir Conde, para que des'se logo lograsse as honras da grandeza em vida de seu pay. O Author dos Commentarios da Guerra de Hespanha referindo, que os nossos ganharaõ esta Praça, diz, que fora o Governador della obrigado a entregarla depois de cinco assaltos, com a guarnição prisioneira de guerra: o assalto não foy mais que hum, e montando-se a brecha, se rendeo na fórma, que deixamos dito; e accrescenta, que a guarnição, sendo prisioneira, fora enviada a Lisboa, escoltada por cento e trinta cavallos, e que deixando os Castelhanos, ainda que despídos, e defarmados, descuidar aos nossos, os ataraõ, e opprimiraõ repentinamente, e llic tomaraõ os cavallos, e fogiraõ. Se os successos, que este illustre Author escreveo, acontecidos aos Hespanhoes no theatro daquella guerra em diversas partes, saõ com semelhante verosimilidade, merecem muy pouco credito as suas memorias, pelo mal, que se informou; porque esta guarnição foy remettida a Castello de Vide, e não estava em estado da aventura, de que elle se persuadio, com hum Exercito taõ visinho, e vitoriozo, que occupava os passos da Raya por toda aquella parte. Demais, que despídos, e defarmados, como podiaõ atreverse aos Soldados armados, que elle suppoem descuidados pela arte dos seus? Na verdade, que me causa admiração, que hum homem, ainda que não militar, sendo erudito, se persuadisse de hum taõ inverosimil successo. De mais, que no mesmo lugar, diz,

Marquez de San Philippe, *Com. de la Guer. de Hespana*, lib. 6.º p. 183.

diz, que depois de se render Valença, tomaraõ os nossos Albuquerque, e deixando acima ao Marquez das Minas na Beira, a elle attribue o mando, e governo deste Exercito, de que era General o Conde das Galveas; e sendo este grande Varaõ taõ conhecido na Europa, não teve delle noticia, nem lha deraõ, que governava neste tempo as Armas da Provincia de Alentejo.

Depois do Conde das Galveas haver ganhado a Praça de Valença, e mandado para a de Castello de Vide cento e quatorze Officiaes, e duzentos e oitenta e tres Soldados prisioneiros, e ter reparado a Praça, em que se acharaõ muitas munições de boca, e guerra, e além da artilharia de ferro, dez peças de bronze, e hum morteiro grande; no dia 14 de Mayo mandou occupar o Lugar de S. Vicente, advertindo aos Soldados, que se abstivessem de lhe fazer qualquer violencia, por ter aquelle Lugar dado obediencia a Sua Magestade, como já se disse, e marchou logo o Exercito em duas linhas, cobrindo a artilharia, e era o Mestre de Campo General de semana o Conde de la Corriana, e General de Batalha o Conde do Rio-Grande Lopo Furtado de Mendoza. No dia 15 marchou o Exercito na fórma sobredita, e passando à vista do Castello de Piedra Buena, se mandou hum Alferes com hum partida para que examinasse os frutos, que alli estavaõ recolhidos, e se acharaõ mais de oitenta moyos de trigo, e cevada, muita quantidade de lãas,

e ou-

e ou
dos
ta d
nha.
legr
gos
no r
pug
com
bitas
Pato
tro é
seph
diqu
cias
por
Secu
Ter
Pell
desse
Gov
de de
Secul
ninhai
estava
devia
tem
com
mide

e outros generos, de que se aproveitaraõ os Soldados, e muitos Paizanos. Chegou o Exercito à vista de Albuquerque, e se aquartelou na sua campanha. Fica esta Praça em hum alto, distante tres legoas da Fronteira de Portugal, com muros antigos, mas de forte fabrica, e hum Castello situado no mais imminente da Praça, reputado por inexpugnavel, sendo o terreno fertil de frutos, e gados, com a visinhança do rio Gebra a meya legoa. Habitavaõ-na dous mil visinhos, repartidos em duas Parochias, com hum Convento de Frades, e outro de Freiras. Era governada a Praça por D. Joseph de Lofada, Coronel de hum dos Regimentos daquella Provincia, Soldado de valor, e experiencias militares. Mandoulhe o Conde das Galveas por hum Bolatim hum escrito, e outro ao corpo Secular, e outro ao Ecclesiastico, os quaes levou o Tenente de Mestre de Campo General Antonio Pessanha de Castro, em que lhe persuadia, se rendessem, sem chegar à violencia das armas, a que o Governador respondeo briosamente, que se havia de defender até a ultima gotta de sangue: o corpo Secular, e Ecclesiastico responderaõ, que elles não tinhaõ voto em materias de guerra, e que a Villa estava entregue ao Governador, cujas ordens elles deviaõ seguir. Depois dos Generaes reconhecerem a Praça, mandou o General segundo Bolatim com Carta sua, e havendo-se respondido na conformidade da primeira, foy nomeado o Conde de S.

Tom.VII.

Eeee

Joaõ,

Joaõ, General de Batalha, para ganhar os póstos com os Terços do Conde da Vidigueira D. Vasco da Gama, e do Conde de Alvor Bernardo Antonio de Tavora, em que hiaõ por particulares o Meilre de Campo Pedro da Cunha de Mendoça, D. Luiz Joseph da Gama, filho do Marquez de Niza, D. Fernando de Noronha, filho do Marquez de Cascaes, e Antonio de Miranda de Mendoça, e se ganharaõ os póstos com valor, e presteza, a pezar da resistencia dos inimigos, em que da nossa parte houve quinze mortos, e trinta feridos, e da outra mayor numero. No mesmo dia, que eraõ 16, foy nomeado o Conde de Soure D. Joaõ Joseph da Costa para com o seu Terço assistir ao principio dos ataques, e defender seiscentos homens trabalhadores, que lhe deraõ para o trabalho, o que fez com tanto valor, como actividade, deixando-os capazes de logo servirem. Entendeo-se, que o inimigo poderia fazer alguma sortida de noite: pelo que o Conde das Galveas mandou reforçar os dous Terços do Conde da Vidigueira, e Alvor, por outros dous, que foraõ os do Mestre de Campo Francisco de Abreu, e o que governava o Sargento mór Manoel Gomes, os quaes foy meter o Conde do Rio, General de Batalha. No dia 17 começou a artilharia a bater o muro, que cinge a Praça, e constava de seis peças, e tres morteiros, e se mandaraõ mudar os Terços dos arrebaldes pelos dos Inglezes, ficando duas Companhias de Portuguezes para guarda

da das Igrejas. Na noite se deu principio às minas, que pareceraõ serem precisas, pelo pouco effeito, que as ballas da artilharia faziaõ na muralha, que por antiquissima, resistia de sorte, que com pouco sentimento feu rebatia as ballas. Porém o Visconde de Barbacena, Mestre de Campo General, que governava a artilharia, esforçou a bataria com mais quatro meyo canhoens, e a fez laborar incessantemente de dia, acodindo a tudo com tal promptidão, que a elle se lhe deve justamente attribuir hum grande parte do bom successo desta empreza, como o havia tido na expugnação de Valença, acreditando assim o seu valor com as mesmas experiencias. No dia seguinte se mandaraõ pôr promptas mil e duzentas faxinas com novos trabalhadores para as minas, que adiantaraõ de tal forte, que no dia seguinte ficariaõ na sua ultima perfeição. Neste dia entrou de guarda nos ataques o Marquez de Fontes Rodrigo Annes de Sá, em cujo Terço serviaõ, como particulares, o Conde de Villar-Mayor Manoel Telles da Sylva, seu irmaõ Antonio Telles da Sylva, e Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, por que o Conde da Ericeira, que servia no mesmo Terço, foy nomeado no principio da Campanha Mestre de Campo, e Governador de Evora, e nesta occasião se acharaõ outros muitos Fidalgos; e no arrabalde entraraõ tambem de guarda os Mestres de Campo João de Saldanha da Gama, D. Antonio de Noronha, filho do Conde de Villa-Verde, e o Conde

de S. Vicente João Alberto de Tavora. Entrou de semana no dia 20 o Mestre de Campo General Conde de Galoway, e o General de Batalha Marquez de Montandre, e estando já a brecha aberta para se poder investir, pelas dez para as onze do dia fez final a Praça no sitio da brecha para capitular, e cessando as armas, desceo pela brecha hum Sargento mór para refens, e da nossa parte lhe mandaraõ os Sargentos môres dos Terços do Marquez de Fontes, e do Conde de S. Vicente; e entrando-se a capitular, propuzeraõ os inimigos, que entregariaõ a Villa, e naõ o Castello, cuja proposta foy logo regeitada, e outras semelhantes.

Concederaõ-lhe finalmente a de sair pela brecha a guarnição da Villa, e Castello, com balla em boca, bandeira solta, caixa batida, e huma peça de artilharia, e os mandaraõ conduzir com segurança até Merida, com huma bastante escolta. E que entregando-se a Villa, e Castello de Albuquerque, todos os moradores della, assim Ecclesiasticos, como seculares, seriaõ conservados no mesmo estado, em que se achavaõ, guardandolhe os seus privilegios, e sóros, que tinhaõ, até o tempo delRey D. Carlos II. gozando pacificamente todos os seus bens, assim moveis, como de raiz, o que seria inviolavelmente guardado, passando-se para isso ordens aos Cabos, Officiaes, e Soldados. Permittindo-se de mais a qualquer Paisano, morador na Villa, que quizesse sair della até o termo de oito dias,

dias, para onde lhe parecesse, o poderia fazer, levando todos os seus bens moveis, e se lhe daria passaporte. Que aos Officiaes de Capitaõ para cima, se concedia levarem suas bagagens, para o que lhe dariaõ as carruagens, que faltassem, por não as haver na Villa, e a guarniçaõ poderia conduzir o mantimento necessario para a marcha, a qual se executaria no dia 22 do mez de Mayo às duas horas da tarde. E que os Officias da Praça entregariaõ todos os prisioneiros, e desertores, que estavaõ ao presente na Villa. E para segurança da capitulaçaõ, entregariaõ na noite do mesmo dia 20 huma porta da Villa, e outra do Castello, e a parte exterior da brecha, os quaes postos seriaõ guarnecidos pelos Portuguezes até à sahida da Praça. Aceitadas estas capitulações pelo Governador, foy mandado o Marquez de Fontes com o seu Terço guarnecer os sobreditos lugares, o que executou, havendo-se com os rendidos com prudencia, e civilidade. Acharaõ-se nesta empreza, e na de Valença, além dos particulares já referidos, o Conde de Tarouca Joaõ Gomes da Sylva, e o Conde de Sarzedas D. Rodrigo da Sylveira, tendo adoecido o Visconde de Villa-Nova da Cerveira D. Thomás de Lima no principio da Campanha, e todos se fizeram dignos pelo seu valor do applauso commum do Exercito, e da estimaçaõ dos Generaes. As Tropas Inglezas, e Hollandezas, se houveraõ com incrivei valor em todos os conflictos, e accidentes deste

deste sitio, às quaes as nossas em nada lhe cederaõ, de sorte, que o Mestre de Campo General Conde de Galoway, recommendava aos Officiaes Portuguezes, que dessem os agradecimentos aos subalternos, e aos Soldados da actividade, desembaraço, e valor, com que se houveraõ. Esta agradável noticia mandou o Governador das Armas à Corte por seu neto D. João de Almeida, a quem ElRey fez merce de huma Commenda. Estas Praças conservaraõ os nossos até que Valença foy demolida em 1709, e ambas restituídas pelo Tratado da Paz de Utrech.

Estes gloriosos successos deixaraõ muy satisfeitos aos Generaes dos nossos Alliados, que serviaõ no mesmo Exercito, vendo o valor, com que os Soldados Portuguezes se expunhaõ destimidos aos mayores perigos. O nosso Exercito ficou quinze dias depois junto a Albuquerque, e discorrendo os Generaes, qual seria a empreza, a que se encaminhariaõ, foraõ diversos os pareceres: porque huns votaraõ, fosse o sitio da Praça de Alcantara, Villa forte, e rica, situada sobre o Tejo; porém a outros pareceo melhor sitiar Badajoz, que era a chave da Extremadura da parte de Castella, mostrando, que tomando-se aquella Praça, a de Alcantara, e outras, facilmente cahiriaõ por si mesmo, vendo-se cortadas para os soccorros: cada huma das partes sustentou o seu parecer, e como se não puderaõ concordar, se determinou mandarem à Corte

te ao Conde do Rio Grande, para que levasse as ordens, do que se havia de executar. Com a sua volta houve Conselho de Guerra, em que se resolveo, que no dia 2 de Junho marchasse o nosso Exercito para Badajoz. Haviaõ os Francezes fortificado aquella Praça com muito cuidado, e lhe meteraõ huma numerosa guarniçaõ. O Marichal de Tessé se tinha amparado junto da Praça com o principal Exercito de Castella, em que estava o Marquez de Bay, em tanto, que o Marquez de Thovy com outro menor, observava o pequeno Exercito do Marquez das Minas na Beira junto a Penamacor. Tudo isto difficultava o sitio de Badajoz, ao qual se fazia preciso dar-se-lhe principio para se offerecer huma batalha ao Marichal de Tessé, a qual os nossos Generaes resolveraõ se lhe desse, considerando, que estando o Marichal acampado desta parte do Guadiana, naõ recusaria o combate. Nesta esperança marcharaõ para o Exercito dos inimigos a 4 do referido mez, e chegaraõ à noite, duas legoas distantes do seu Exercito, que se achava com ventagem de lugar, e com superior numero de Tropas; porém como da outra parte eraõ os seus mayores interesses, e a perda de huma batalha podia ser de perniciosas consequencias a ElRey D. Filipe, e tambem causa de huma sublevaçãõ geral em Hespanha, naõ julgou o Marichal ser conveniente o expor-se a hum lance da fortuna, e fez que o seu Exercito repassasse o Guadiana, tendo tido a precauçaõ

cauão de fazer marchar diante as bagagens. E assim se retirou ao amparo da artilharia de Badajoz, que lhe ficava nas costas, e o Guadina defronte. Com esta disposição do Marichal de Tessé, perderão os nossos as esperanças do premeditado sitio de Badajoz, que deixaraõ, e marcharaõ no dia 5 da ribeira da parte de Elvas, e no outro dia passaraõ o váo, malogrando a resistencia do destacamento do inimigo, que havia intentado impossibilitarlhe o caminho. Depois foy o nosso Exercito acampar, tendo a direita a la Casa, e a esquerda a Campo-Mayor, e como sobrevieraõ huns calores excessivos, que na Provincia de Alentejo saõ nesta estação insoportaveis, e naõ permitem persistir na Campanha em quanto duraõ, se recolheo o nosso Exercito, e se puzeraõ as Tropas nos quarteis. Depois o Conde de S. Joaõ com hum destacamento recuperou a Praça de Marvaõ, muito forte pelo sitio, com quatrocentos homens de guarniçaõ. Estando já os Generaes na Praça de Eltremoz, faleceo de huma apoplexia a 29 de Junho Dom Joaõ Thomás Henriques, Almirante de Castella, que se havia achado naquella Campanha.

Havia ao mesmo tempo na Provincia da Beira sahido de Almeida o Marquez das Minas, Governador das Armas daquella Provincia, com hum pequeno, mas luzido Exercito, formado das Tropas daquella Provincia, e de muitas do Minho, naõ havendo nelle nenhuma das Estrangeiras; e fazendo
mar-

marcha pela Beira Baixa , e em algumas partes , além da nossa Raya , por terras de Castella , por poupar o proprio Paiz , chegou a 4 de Mayo junto à Praça de Salvaterra , que na Campanha do anno antecedente tinha sido o primeiro emprego do Exercito de Castella , mandado pelo Duque de Berwick , em que vinha ElRey D. Filippe. Nomeou o Marquez das Minas aos Mestres de Campo D. Joaõ Manoel de Noronha , (depois Conde de Atalaya) D. Braz da Sylveira , e Manoel Carlos da Cunha de Tavora , (depois Conde de S. Vicente) para ganharem a estrada encoberta , e se alojarem nella , o que fizeram galharda , e valerosamente , com que conseguiram hum singular applauso ; porque D. Joaõ Manoel se arrojou logo intrepidamente à estacada , cortando algumas estacas com a sua propria mão para se baldear dentro , como fez , e da mesma sorte D. Braz da Sylveira , que depois de estar na estrada coberta , mandou pedir escadas para escalar a muralha , como tambem o fez Manoel Carlos de Tavora , não obstante o fogo , que se fazia da Praça. Foy disputado o ataque , e a Infantaria sahio da Praça a impedir as operações dos nossos , e foy rechaçada com grande valor. Vendo o Marquez o fogo da Praça , mandou para o impedir marchar ao Terço de D. Luiz Manoel da Camera , (depois Conde da Ribeira) que chegou à operação no tempo do mayor fogo , havendo-se os Cabos , Officiaes , e Soldados , com grande resolu-

Tom.VII.

Ffif

ção ,

ção, e brio : e quando já estava prevenido hum pe-
tardo para romper a porta, que sahe à estrada co-
berta, fez chamada o Governador da Praça D. An-
tonio Lopes Galhardo, pertendendo capitular com
condições ventajosas, as quaes não quiz o Marquez
ouvir ; e assim foy forçoso tornar às armas, segun-
da, e terceira vez, porque o Marquez esteve con-
stante em lhe não conceder mais ventagem, que
aquella, com que se havia entregue no anno ante-
cedente, quando ElRey D. Philippe a rendeo pes-
soalmente, com que o Governador se entregou à
discrição do Marquez Governador das Armas,
com a guarnição prisioneira de guerra, que foraõ
trezentos e setenta e tres Soldados, dos quaes eraõ
quarenta e oito Officiaes, e entre elles dous Sar-
gentos môres, hum Tenente Coronel, seis Capita-
ens, e os mais eraõ Tenentes, Alferes, e Sargen-
tos. A perda dos nossos foy de trinta e dous Sol-
dados mortos, e quarenta e seis feridos, em que
entravaõ tres Capitaens ; dos offensores morrerão
muitos, e os feridos não passaraõ de vinte.

Havendo o Marquez das Minas conseguido
com tanta felicidade a recuperação da Praça de Sal-
vaterra, teve noticia, que no Lugar da Sarça, hum
dos mais ricos, e populosos daquelle partido, esta-
va alojado hum Regimento Francez de Sellerim,
unido com a muita gente do Lugar, com resolu-
ção de nelle se manter nas fortificações, que tinhaõ.
Marchou o Marquez com toda a Cavallaria, e cir-
co

co Terços de Infantaria a atacallo, mas os Francezes, e moradores, sendo avisados pelos seus batedores, que o Marquez os hia buscar, se retiraraõ com toda a pressa a Saclavim, passando em barcas o rio Alagaõ. Mandou o Marquez dar sacco livre à sua gente, que foy muy consideravel, e com os Soldados entrou tambem a saquear hum grande numero de payzaños Portuguezes, o que permittio o Marquez para os refarcir dos muitos damnos, que os da Sarça lhe haviaõ feito na Campanha passada, e mandou pôr fogo à Villa, demolir os edificios, e tudo o que tocava às fortificações. Acharaõ-se na Sarça tres peças montadas, huma de bronze de calibre de doze, duas de ferro, cincoenta carros manchechos, e trinta galeras, tudo com as armas delRey D. Philippe, ainda que sem rodas, por lhas haverem quebrado os Francezes; quarenta mil alqueires de cevada, grande quantidade de farinhas, e biscouto: e desta quantidade de mantimentos, e das carruagens, se entendeo, que da Sarça intentavaõ os inimigos fazer alguma operaçaõ, que os nossos lhe frustraraõ.

Neste anno de 1705 chegou à barra de Lisboa a Armada de Inglaterra, e Hollanda, da qual era Almirante o Cavalleiro Schowel, e deixando no porto de Lisboa huma Esquadra de quinze naos de guerra, se fez à véla com o restante para as Costas de Hespanha da parte de Gibaltar, e Cadiz. Ficou em Lisboa esta Esquadra às ordens de Milord

Tom. VII.

Ffif ii

Conde

Conde de Peterborough, General das forças marítimas, e terrestres de Inglaterra, o qual havia trazido huma Carta a ElRey Carlos da Rainha Anna da Grãa Bretanha, em que offerencia às suas ordens todas as forças da sua grande Armada, no caso de querer embarcar nella para emprender alguma facção, ou se achar com toda a invasão, que se intentava fazer nas Costas de Hespanha, o que elle aceitou persuadido dos seus, e resolveo embarcar na Armada, com o designio de desembarcar em Catalunha, onde se esperava o recebesse aquelle Principado: e participando esta resolução a ElRey D. Pedro, elle com muita prudencia, a não reprovou, nem menos o persuadio, deixando toda a resolução ao seu arbitrio, a qual veyo a seguir. Despedio-se ElRey Catholico delRey, da Rainha de Inglaterra, do Principe, e Infantes, com a formalidade costumada, e o Principe com seus irmãos lhe pagaraõ a visita. ElRey o não fez por continuarem as molestias, de que já temos feito menção. Tomou ElRey Catholico a visitar a ElRey de Portugal no dia 23 de Junho, em que embarcou, e dalli foy para o seu Palacio. O Principe com o Infante Dom Francisco, e o Infante D. Antonio, acompanhados do Duque de Cadaval, e de D. Joseph de Menezes, Veador da sua Casa, embarcaraõ na Junqueira em hum bargantim bem adereçado, e dourado, e mandou o Principe vogar para Belem; e chegando defronte da Quinta, em que assistia ElRey Catholico,

tholico, mandou a D. Joseph de Menezes lhe dis-
têsse, que estavaõ alli, para o conduzirem a bordo:
chegando ElRey Catholico, o Principe, e Infan-
tes, o receberam fóra do bargantim, e entraraõ jun-
tos, acompanhando a Suas Altezas, além do Du-
que, e D. Joseph de Menezes, o Conde de Assu-
mar D. Joaõ de Almeida, e da familia delRey Ca-
tholico, o Principe de Lichtenstein, hum Gentil-
homem da Camera, dous Cavalheiros mais, e o
Conde de Peterborough, General da Armada, os
quaes foraõ em pé, e descobertos. Chegou o
bargantim à Capitania, chamada Rnol, de oitenta
e quatro peças de artilharia, que era o mayor dos
navios, que haviaõ ficado da Esquadra. Sobio El-
Rey Catholico, o Principe, e Infantes, ao portaló
do navio, onde se despediraõ, e depois do Principe
fazer os cumprimentos a ElRey Catholico, de que
fosse para dentro, e ElRey ao Principe, que des-
cesse primeiro, se apartaraõ ao mesmo tempo, El-
Rey Catholico para a sua camera, e o Principe, e
Infantes para o bargantim. O General da Armada,
depois delRey recolhido, o salvou com toda a ar-
tilharia da Capitania, e de toda a Armada, e na
mesma fórma salvou ao Principe, e seus irmãos.
No dia seguinte mandou ElRey saber de Sua Ma-
gestade Catholica, e o mesmo fez a Rainha da Grã
Bretanha, o Principe, e Infantes. Havia-se preve-
nido mandar prover a ocharia delRey Catholico
com grandeza, e com a attençaõ, de que o provi-
mento

mento para o mar parecesse, que o era da mesma ocharia. Assim foy grande a abundancia de tudo, o que poderia ser necessario para a mesa delRey, e da sua familia, de tudo quanto se podia imaginar, e podia pertencer ao regalo; e todos os dias em quanto ElRey Catholico esteve embarcado no rio de Lisboa, se repetião os refrescos. No dia 26, que era Domingo, se fez a Capitania à vèla do sordidouro, em que estava defronte da Junqueira, e ao mesmo tempo levarão ancora todos os mais navios da sua Esquadra. A Torre de Belem salvou a ElRey, e todas as mais Fortalezas na fórma, que quando entrara em Lisboa. A Capitania lhe correspondeo com toda a artilharia; e no dia 28 sahio pela barra com toda a sua Esquadra.

Havia ElRey D. Pedro nomeado para assistir a ElRey Catholico com o caracter de Embaixador Extraordinario ao Conde de Assumar, com ordem para que depois de sahir de Lisboa, lhe dèsse a sua Carta credencial, seguindo as formalidades costumadas. Embarcou o Conde no navio Pembrock de sessenta e quatro peças de artilharia. No dia referido se poz a Capitania, e mais navios à capa, quasi defronte de Cascaes, esperando por alguns navios da sua conserva, que ainda tinhaõ ficado no rio de Lisboa. Neste tempo mandou o Conde de Assumar hum seu Gentil-homem com hum Carta ao Principe de Lichtenstein, em que referia haver chegado àquella Armada com o caracter de Embaixador

Diário da viagem, que o Conde de Assumar D. João de Almeida, fez na companhia delRey Carlos III. m. G. que mandou à Corte.

ad
par
que
por
go
que
ten
lher
da,
novi
serid
seria
dias
til-ly
Cart
as f
hore
llye
mar
ma
diem
to di
qualq
Final
do ti
são,
juas
encia
logo

xador Extraordinario a Sua Magestade Catholica, para o seguir, e acompanhar naquella expedição, a que o Principe de Lichtenstein respondeo tambem por Carta, dandolhe os parabens do novo emprego para hum ministerio de tanta importancia, de que era tão digno pela sua pessoa. Ao mesmo tempo mandou ElRey Catholico por hum Cavalheiro da sua Corte dar ao Embaixador a boa vinda, e significarlhe a grande satisfação, que tinha do novo caracter, que Sua Magestade lhe havia conferido, mostrando, que nenhuma outra pessoa lhe seria igualmente agradavel, e bem aceita. Poucos dias depois mandou o Embaixador o mesmo Gentil-homem ao Principe de Lichtenstein com outra Carta junta com a copia das suas credenciaes para as fazer apresentar a ElRey Catholico, pedindolhe hora para a sua primeira audiencia publica, a que lhe respondeo, que por ser o vento rijo, e estar o mar empollado, e Sua Magestade Catholica alguma cousa enjoado, lhe não era possivel datlhe audiencia naquella occasião; porém, que no primeiro dia de bonança, ou chegando a dar fundo em qualquer porto, faria o Embaixador a sua função. Finalmente depois de passados alguns dias, havendo tido recados muy honrados, e de grande estimação, que ElRey fazia da pessoa do Conde, e das justas impossibilidades, que haviaõ deferido a audiencia; no dia primeiro de Agosto, tendo avistado logo pela manhã terra da Costa de Hespanha, e

as montanhas, que estão visinhas a Cadiz, depois de terem embocado o estreito, mandou El Rey Catholico avisar ao Embaixador, que como o tempo era de bonança, e elle se achava melhor da cabeça, (em que muito havia padecido com o mar) lhe desejava dar audiencia na tarde daquelle dia, em que podia fazer a sua função publica. Mandou logo o Conde Embaixador vestir a sua familia de gala, e pôr tudo prompto com muito luzimento, e o participou ao Enviado de Inglaterra por hum Gentil-homem, que mandou hum escaler com outro Gentil-homem para o acompanhar. Estando a hora determinada, fez a Capitania final com dous tiros de mosquete, e sahio della o Conde de Altem, Gentil-homem da Camera del Rey Catholico, na chalupa Real com seu toldo, acompanhada de outras, e foraõ ao navio do Embaixador, que o recebeu ao portaló, elevou à Camera, dandolhe a mão, e a porta; e depois de se cumprimentarem, baixaraõ para a chalupa, em que o Embaixador entrou primeiro, e teve o melhor lugar, e toda a mais familia embarcou em outras, que estavaõ prevenidas. Chegou à Capitania, onde o Conde de Sizindorff, tambem Gentil-homem da Camera, o esperava na ultima escada, estando toda a guarnição em armas, que apresentou ao Embaixador, quando passou, e os Officiaes fizeraõ reverencia com a espada, tocando a marcha os tambores. Na segunda escada esperava ao Embaixador o Principe de Lichtenstein, e depois

depois de lhe fazer seu cumprimento, o conduzio à Camera delRey Catholico, que estava em pé, e coberto; logo, que o Conde Embaixador appareceo, se descobrio, e fazendo este as suas reverencias, deu ElRey tres passos a recebello, e tornando ao seu lugar, poz outra vez o chapeo, e mandou ao Embaixador fazer o mesmo, e depois de se cobrir deu a Embaixada, entregando a Carta de crença, e foy depois conduzido ao seu navio na mesma fórma, com que havia sahido, acompanhando-o o Conde de Altem até à sua Camera, aonde o Embaixador tinha prevenido hum refresco de frutas, e doces, e daquellas cousas, que o mar podia permittir, que lhe offereceo, havendo a mesma providencia para todos os que o haviaõ acompanhado, com varias castas de vinhos; e despedindo-se o Conde de Altem, o acompanhou o Embaixador até o portaló na fórma, que havia feito antes. Quando o Embaixador sahio da Capitania, depois de lhe darem varias boas viagens, como he costume no mar, o salvou com quinze peças, que o Conde Embaixador satisfez com igual numero, quanto que chegou ao seu navio. Havemos referido a formalidade desta Embaixada dada no mar, como materia rara vez succedida. A Armada seguindo a sua viagem, depois de varias escalas, deu fundo a vinte e dous de Agosto defronte de Barcellona, e pondo a gente de desembarque em terra, se deu principio à Conquista daquelle Prin-

Tom.VII.

Gggg

cipa.

cipado com se renderem algumas Praças.

Depois da gloriosa Campanha, que temos referido, na Provincia de Alentejo, o Conde das Galveas, Governador das Armas, passou à Corte a gozar os merecidos applausos dos triunfos, congedados nas Praças, e Lugares, que tomou aos Castelhanos, a quem sempre foy fatal o seu braço, como se vio em tantos successos gloriosos, com que na guerra passada da Acclamação havia triunfado delles; e assim mereceo ser o seu nome respeitado pelo seu valor, o qual lhe adquirio grande reputação entre as Nações Alliadas, e inimigas de Europa. Achava-se o Conde já em idade muy avançada, ainda que nelle o valor, com huma incrível viveza, animava as forças já attenuadas com os duros trabalhos da guerra, e com os muitos annos: a que attendendo ElRey Dom Pedro, querendo não abbreviar com novas fadigas huma vida, que estimava, e se fizera sempre merecedora da sua Real attenção, nomeou, sem que deixasse queixoso ao Conde, o governo das Armas de Alentejo no Marquez das Minas, e deu o governo das Armas da Beira, que elle mandava, ao Marquez de Fronteira D. Fernando Mascarenhas. Determinou o Marquez das Minas no mesmo anno de 1705 fazer huma Campanha no Outono, emprendendo sitiar Badajoz, o que com effeito poz em execução; e assim nos principios de Outubro, com o seu Exercito começou a sitiar a Praça, sendo aberta a trincheira a

tres

tres do referido mez. Acampou o Exercito de forte, que lhe ficava da parte esquerda o rio Guadiana, e da outra parte hum pequeno corpo de Tropas nossas entregues ao Conde de S. Joaõ. Distava duas legoas o Marichal de Tessé com o Exercito inimigo junto a Talavera. Postas as batarias, começaram a laborar contra a Praça, principalmente huma grande bateria, que lhe fazia hum continuado fogo; os inimigos se defendião canhoneando continuamente o nosso campo com a sua artilharia, e com as bombas, que tambem do nosso campo se lançavaõ na Cidade, com bastante damno. No dia onze, em que os nossos começaram a bater a Praça, perdeu o General Conde de Galoway do tiro de huma bala de artilharia o braço direito, que elle logo fez cortar, e foy preciso, para continuar a cura, passar do campo para Elvas. Neste accidente chegou da Corte ao Exercito o Baraõ de Fagel, Mestre de Campo General, para exercitar o seu posto; e assim no dia treze traçou huma trincheira desde o Guadiana até o Xevora, fazendo trabalhar nella com grande ardor, para concluir pôr a linha na sua perfeiçaõ, o que lhe não foy possivel conseguir, porque os inimigos na mesma noite se puzeraõ em marcha, e ao amanhecer do dia quatorze apparece-raõ diante do nosso flanco. He de saber, que na noite de treze para quatorze, às duas horas depois da meya noite, passaraõ huns desertores, e deraõ noticia, que os inimigos estavaõ em marcha desde

Tom.VII.

Gggg ii

o prin-

o principio da noite; porém não deraõ noticia por qual das partes do rio marchavaõ. O Marquez das Minas sem perder tempo, mandou pôr o Exercito em armas, e montar a Cavallaria para estar tudo prompto ao primeiro aviso, e os repetio aos Cabos, que estavaõ da parte da ponte; porém ou por casualidade, ou por descuido, como outros disseraõ, o Marichal de Teflé passou com o seu Exercito a ponte, sem ser sentido dos nossos, que estavaõ da parte do rio, e ganhou a ponte do Xevara, e se formou contra os nossos. Finalmente os Francezes passaraõ com o seu Exercito, e ficou soccorrida a Praça, depois dos nossos a haverem battido fortemente, de sorte, que pouco faltava para porem a brecha capaz de se dar o assalto. Não foy causa deste successo o descuido do Marquez das Minas, porque tinha dado as ordens com toda a distincção, e clareza, para que a Praça não fosse soccorrida; e não faltou quem attribuisse a alguns Generaes Estrangeiros este descuido, ou por falta do conhecimento do Paiz, ou por paixoens particulares, que tantas vezes tem sido motivo da ruina dos Exercitos. Poucos dias depois sobrevieraõ taõ grandes chuvas, que obrigaraõ ao Marquez, tendo ouvido aos Generaes, a levantar o sitio mais cedo, do que elle desejava: pelo que mandou pôr em marcha o Exercito, levando o trem da artilharia diante, e fazendo tirar não só o que havia servido nos ataques, mas com muito vagar tudo o que podia

dia ter uso aos nossos, e marchou para Elvas, devendo-se ao General da artilharia Pedro Mascarenhas a mayor parte da boa ordem, com que se retirou a mesma artilharia, que com a sua direcção tinha no sitio furiosamente laborado; e encarregando ao Sargento mór de batalha o Conde de Soure aquella diligencia, a executou com o acerto, que costumava, e o mesmo fizeram no sitio os mais Generaes, Cabos, e Soldados, ficando muitos destes mortos, e feridos, entre os quaes foy o de mayor distincção Mathias da Cunha, levandolhe huma balla de artilharia huma perna, e ferindo-o na outra, o que lhe não embaraçou continuar o serviço da guerra, primeiro em Portugal, depois em Alemanha, occupando varios póstos com muito valor, e capacidade.

Deixámos a ElRey D. Carlos III. chegado a Catalunha, de donde participou os progressos das armas dos Alliados naquelle Principado; e a ElRey D. Pedro a noticia, de que a Cidade de Barcellona, depois de ter soffrido hum vigoroso sitio, se rendera, capitulando a 9 de Novembro do mesmo anno de 1705. Nesta Cidade estabeleceo ElRey D. Carlos a sua Corte, aonde residio, até que por morte do Emperador Joseph seu irmão, passou a Alemanha, e sendo eleito Rey dos Romanos no anno de 1711, lhe succedeo no Imperio. A esta felice noticia, que agora dava ElRey D. Carlos, se ajuntou rogar a ElRey D. Pedro lhe enviasse alguns soccorros para poder

poder adiantar a sua Conquista, accrescentando pedir a ElRey, que augmentasse os seus progressos com os seus Exercitos, fazendo huma diversão a seu favor. Mandou ElRey fazer hum Conselho de guerra sobre o referido, e se resolveo com consentimento dos Generaes Inglezes, e Hollandezes, mandar a Catalunha huma parte das Tropas daquellas duas Nações, e que entretanto da parte de Portugal se fizesse tudo o que fosse possivel contra os inimigos, para que acodindo com as suas Tropas à nossa fronteira, se divertissem os soccorros contra Catalunha. Neste tempo chegou de Londres o Doutor Creigon, Medico Escocez, de grande reputação, e experiencias, o qual o nosso Enviado D. Luiz da Cunha com a noticia da queixa, que ElRey D. Pedro padecia, mandava para o curar; porém como já neste tempo ElRey tinha vencido a queixa, não se julgou conveniente seguir a sua direcção; e assim voltou para Londres no primeiro comboy Inglez, que sahio do porto de Lisboa, havendolhe ElRey mandado dar huma boa joya, além do dinheiro, que havia recebido em Londres, e foy muy satisfeito da attenção, que experimentara. No fim deste anno faleceo a Rainha da Grã Bretanha D. Catharina a 31 de Dezembro, como já deixámos escrito no Capitulo III. deste Livro, e sentio ElRey em extremo a morte da irmã; porque além de venerar as excellentes virtudes, de que a Rainha se adornava, era muy carinhosa a corresponden-

respondencia , com que reciprocamente se tratavaõ.

No principio do anno de 1706 no mez de Janeiro entrou no porto de Lisboa hum navio da Armada Ingleza, em que vinha embarcado Ben Hamet Caron , Embaixador delRey de Maquinez à Rainha Anna da Grãa Bretanha. Escreveo elle ao Secretario de Estado D. Thomás de Almeida, dizendo, que se seu Senhor soubesse, que elle havia de entrar no porto de Lisboa, certamente lhe daria Carta para Sua Magestade; e que já, que a casualidade o trouxera a Lisboa, desejava ter a honra de se pôr aos seus pés. ElRey lhe deu audiencia na Quinta de Alcantara sem formalidade alguma, sendo interprete Antonio Correa da Franca, Escrivão da Fazenda da Casa de Bragança. Neste anno começaraõ a ter effeito as promessas, que ElRey D. Pedro mandara segurar a ElRey D. Carlos III. de fazer huma vigorosa diversão contra os seus inimigos; e he certo, que se della se fouberaõ aproveitar os Alliados, que estavaõ da parte de Catalunha, seriaõ bem differentes os progressos das suas armas. Sahio o nosso Exercito à Campanha, de que era supremo General o Marquez das Minas, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, com os partidos das Provincias da Beira, Minho, e Traz os Montes, de que eraõ Governadores das Armas o Marquez de Fronteira, o Conde de Atalaya, e o Conde de Avintes. Governava a Cavallaria o Mes-

Letres Historiq. Moiz de May 1706, impressas na Haya no dito anno.

tre

tre de Campo General o Conde de Villa-Verde, e da Artilharia era General Pedro Mascarenhas, e General das Tropas Inglezas o Conde de Galoway, e das Hollandezas o Mestre de Campo General Monf. Frisheim, que havia succedido ao Barão de Fagel, a quem os Estados Geraes acordaraõ o mesmo soldo, e o Mestre de Campo General o Conde de la Corffana. Serviaõ no mesmo Exercito o Conde de S. Joaõ, General da Cavallaria de Traz os Montes, D. Joaõ Diogo de Ataide, General da Cavallaria da Beira, os Generaes de Batalha os Condes de Soure, S. Vicente, Tarouca, e D. Joaõ Manoel de Noronha, D. Rodrigo de Lencastre, Pedro de Vasconcellos e Soufa, e o Conde do Rio-Grande.

Formou-se o nosso Exercito a 25 de Março na Fonte dos Capateiros, e a 31 partio do Campo entre Caya, e Cayola, onde se ajuntou a nossa artilharia, que vinha pela parte de Arronches, escoltada com hum corpo de Tropas de Traz os Montes, que mandava o Conde de S. Joaõ, e foraõ a S. Vicente, e se apostaraõ junto a Membrio, e estas duas Povoações se renderaõ logo aos nossos: e fazendo alto o Marquez das Minas, mandou chamar o Alcaide, e Governança de Brossas, Villa mais populosa, que a de Alcantara, abundante de frutos, e trato dos seus moradores, para que viessem render obediencia a ElRey D. Carlos III. o que elles recusaraõ, dizendo, que o Duque de Berwick vinha a soc-

a focorrellos com hum grosso das suas Tropas, porque se achava junto da Villa. Na noite de 5 de Abril mandou o Marquez ao General de Batalha D. Joaõ Manoel de Noronha com hum destacamento para tomar posto sobre o rio Solor, que o nosso Exercito devia passar, para guardar os póstos, e o passo chamado dos *Cavalleiros*, que o nosso Exercito por força havia de atravessar, porque os inimigos tinhaõ derribado a ponte, que estava sobre este rio. E no dia 6. passou o Exercito, sem que houvesse quem lhe disputasse a passagem, atravessando despenhadeiros, e cerros, em que os Soldados Portuguezes fizeram hum caminho capaz de poder passar a artilharia, em que teve grande parte a actividade, e industria de Dom Joaõ Manoel, que os mandava. Teve aviso o Marquez das Minas, que o Marichal de Berwick fora para Brossas com as suas Tropas, pelo que resolveo de o atacar no outro dia. Assim a 7 o Marquez, com approvaçã dos mais Generaes, dividio o seu Exercito em dous corpos, e se poz diante da mayor parte da Cavallaria, e com dez Terços de Infantaria, e seis peças de Campanha, marchou em direitura a Brossas, deixando o resto do Exercito entregue ao Conde de Galloway, (o qual depois se unio ao Marquez das Minas) Conde de la Corisana, Mestre de Campo General, e o Conde de Tarouca, General de Batalha, para que segurassem a nossa artilharia, bagagens, e provisões do Exercito, que não haviaõ ainda passado o rio.

Tom.VII.

Hhhh

Mar-

Marcharaõ os nossos com diligencia ao pé das montanhas, a fim de que os inimigos não tivessem tempo de se porem em estado de defenfa ; mas tanto, que os nossos chegaraõ ao plaino, em que esta Villa fica situada, elles se retiraraõ precipitadamente, cobrindo-se com o bosque, que fica entre Brossas, e a Cidade de Carceres. O Marquez das Minas mandou hum pequeno destacamento à ordem do General de Batalha Dom João Manoel para tomar Brossas, (encarregandolhe a guarda do Convento das Freiras da Villa) onde se achou huma boa quantidade de trigo, e farinha. A nossa Cavallaria se avançou além do bosque, e a Infantaria, que se começou a sentir fatigada, por haver marchado desde as cinco horas da manhã até às quatro da tarde, teve ordem de a seguir do modo, que lhe fosse possível. Finalmente huma parte da nossa Cavallaria atacou a retaguarda dos inimigos com tanto vigor, que o Duque de Berwick, passando da vanguarda à retaguarda com tres Regimentos de Clavineiros, começaraõ a pelejar ; e rebatendo com valor a investida, foraõ finalmente taõ vigorosamente carregados os inimigos, que se retiraraõ com grande precipitação, ficando huma boa parte dos Soldados mortos, e feridos. Neste combate deixaraõ duzentos e quarenta cavallos, e oitenta prisioneiros, em que os principaes foraõ D. Diogo de Monroy, General de Batalha, a quem o Capitaõ de Cavallos Gonçalo Pires Bandeira havia rendido, havendo-se

com

com elle com toda a urbanidade, e o Conde de Cannillejas, particular, e outros Officiaes. Da nossa parte ficaraõ alguns mortos, em que entrou o General de Batalha Conde de S. Vicente João Alberto de Tavora, que durou poucas horas depois do combate, com geral sentimento, pelas esperanças, que promettiaõ a sua pouca idade; porque no mais florido della, se arrojou taõ destimidamente pelas Tropas dos inimigos, que dentro delles peleijou taõ valerosamente, que recebendo algumas feridas, de que veyo a perder de huma a vida, deixando-o afaz vingada no valor do seu braço. Os feridos foraõ o Tenente General da Cavallaria Pedro Machado de Brito, e os Commissarios da Cavallaria Antonio Passanha de Castro, Francisco Tavares, que morreo das feridas, e Francisco Paulo, sendo feridos de ballas, como foraõ quasi todos os nossos mortos. O Marquez das Minas se empenhou tanto, que se expoz a ficar cortado dos inimigos; porém o Conde de Atalaya D. Pedro seu sobrinho, o soccorreo promptamente, livrando-o do perigo. Acabou o combate já muy avançada a noite, e as nossas Tropas tornaraõ para o campo de Brossas. Os Condes de Atalaya, Avintes, Galoway, Villa-Verde, Marquez de Fronteira, Condes do Rio-Grande, de Soure, de S. João, e D. João Diogo de Ataide, obraraõ como se esperava das suas pessoas, e à sua imitação os mais Cabos, e Officiaes se houveraõ com singular valor, e naõ menos as Tropas

Tom.VII Hhhh ii das

das duas Nações Ingleza, e Hollandeza, que deraõ singulares provas, reconhecendo, que em nada lhe foraõ inferiores os Portuguezes. Os Condes de la Corfana, Tarouca, e Dom Joaõ Manoel, não se acharaõ neste conflicto, porque assistiaõ nos póstos, que acima dissemos lhe foraõ encarregados. Voltando o Marquez do combate já muito de noite pelos embaraços do bosque, chegou a Brossas, cujos habitantes haviaõ abandonado as casas, e fogido para o Duque de Berwick, e outros se haviaõ retirado às Igrejas, repugnando dar a obediencia: pelo que foy saqueada a Villa, e queimadas algumas casas, o que causou taõ grande terror nos visinhos, que grande quantidade de Lugares vieraõ dar a devida obediencia ao Marquez das Minas, que deixando no Castello hum Terço, mandou continuar a marcha para Alcantara, onde chegou a 9 de Abril pelas tres horas da tarde. He a Villa de Alcantara bem conhecida por ser cabeça da illustre Ordem Militar, que della tomou o nome, perdendo o antigo de S. Joaõ de Pereiro, quando foy segunda vez conquistada aos Mouros, e dada aos Cavalleiros daquelle Ordem, com que muito se ennobreceo, e tambem com a celebre ponte, que mandou fazer o Emperador Trajano sobre o Tejo, a cuja margem fica situada com mil e duzentos visinhos, dous Conventos de Frades, e outros dous de Freiras, guardada de bons muros para a sua defensão. Chegou o nosso Exercito à vista desta Praça às nove horas da

da manhã, e logo o Marquez soube por hum defertor, que chegou ao Exercito, que nella havia dez Terços de Infantaria, e no mesmo dia deu principio a sitialla, e as Villas de Rey, e Marilla lhe vierão render obediencia.

Foy o Marquez das Minas com outros Generaes a reconhecer hum alto visinho para formarem huma bateria, tendo sido sempre seguidos das ballas dos inimigos da Praça, em quanto durou esta diligencia, de que foraõ mortos alguns Engenheiros nossos, e outros feridos. Vindõ já na volta da Praça, recebeo o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora, Governador das Armas do Minho, e do Conselho de Estado, huma balla, que lhe sahio a huma ilhargá, e parecendo ao principio ser de pouco perigo, foy mortal a poucos dias, e della faleceo a 16 com geral sentimento de todo o Reyno, Exercito, e Cabos delle, porque era muito amado, e respeitado por sua grande authoridade, e valor, principalmente de todos os que haviaõ militado com elle, por haverem experimentado os effeitos da sua liberalidade, na providencia, com que os soccorria; porque havia sido o Conde ornado de excellentes virtudes, brilhando nelle igualmente a generosidade, e valor, partes, com que conseguio respeito, e reputaçãõ. Na manhã deste dia ordenou o Marquez ao General de Batalha D. Joã Manoel de Noronha, que com os Terços de Moura, de que eraõ Mestres de Campo o Con. de

de de Aveiras Luiz da Sylva Tello, e Dom Luiz Manoel da Camera, herdeiro do Conde da Ribeira Grande, e dous Regimentos, hum de Inglezes, de que era Coronel Blood, e outro de Hollandezes, que fôssẽ atacar o inimigo, que se achava occupando as imminencias, em que se havia pôr a artilharia, e o sitio de S. Francisco, que fica distante da Villa tiro de espingarda, que estava guarnecido por hum Capitaõ, e cincoenta Soldados; aos quaes investio com tanto vigor o Coronel Blood com os Inglezes, que foy tomado com a espada na maõ, fazendo dezaseis prisioneiros. Na tarde do mesmo dia chegou o resto do nosso Exercito, que conduzia a artilharia, e começaram os nossos a trabalhar em duas batarias, huma de oito peças de vinte e quatro, e sete de Campanha, e outra de cinco peças grossas, e sete Culebrinas, que se armaraõ contra a Praça, naõ obstante o muito fogo de artilharia, e mosquetaria, com que das muralhas o procuravaõ impedir: e porque o sitio de S. Francisco era de muita offensa à Praça, intentou o inimigo recuperallo com hum corpo de cem homens, que foraõ rechaçados com perda sua.

No dia antecedente haviaõ entrado na Praça dous Terços de Infantaria, com que os sitiados se animaraõ, e ainda mais com hum recado do Duque de Berwick, que lhe recommendava se defendessem, porque elle passava logo a soccorrellos; e assim com novo brio começaram a fazer hum incessante

sante fogo contra os que trabalhavaõ nas baterias, ferindo, e matando muitos. Aos nossos para desviar das muralhas os Mosqueteiros, que offendiaõ os que trabalhavaõ, foy necessario assestar contra a muralha seis peças de Campanha, por naõ estar ainda prompta a artilharia grossa, de que elles fizeraõ pouco caso; porém na mesma tarde de onze começou a laborar a primeira bateria grande, a que se ajuntou seis morteiros, a qual estava assistida dos Inglezes, e Hollandezes, o que faziaõ com tanto vigor, que era maravilhoso o effeito. A doze começou a atirar a segunda bateria com damno consideravel dos inimigos, a qual estava a cargo do General da Artilharia Pedro Mascarenhas, que livrou com bom successo de huma balla de vinte e quatro, que lhe tocou o chapeo, e naõ menos o Mestre de Campo Ignacio Xavier Vieira Matoso de huma de mosquete, que lhe levou o chapeo, e roçou o casco. E finalmente posta a terceira bateria, que laborando com as mais incessantemente, faziaõ hum horroroso estrondo com ruina nas muralhas, e as bombas a faziaõ nas casas, e edificios da Praça; os moradores entraraõ em tal consternação, que o Governador se vio confuso no remedio, que lhe pediaõ os moradores da cessão de armas.

Havia o Marquez das Minas, tanto que entrou no campo de Alcantara, premeditado a passagem do Tejo, para o que ordenou ao Quartel Mestre Francisco Pimentel, que fizesse diligencia sobre o sitio,

o sitio, em que se podia lançar a ponte de barcas pela parte, que fica abaixo da Praça, sendo certificado da impossibilidade pelos desfiladeiros, e rochas continuadas daquella parte; porém com a noticia de hum paizano avindo, passou o rio meya legoa acima de Alcantara, onde achando commodo para lançar a ponte, o participou ao Marquez General, que ordenou ao Marquez de Fronteira, e ao Conde de Soure, General de Batalha, que com as Tropas do partido da Beira, fossem com o Quartel Mestre, e procurassem lançar a ponte na parte mais conveniente. O que o Marquez de Fronteira executou com admiravel ordem, e acerto com o partido das Tropas da sua Provincia; e vencendo a difficuldade de passar tambem o rio Alagon, se aquartelou da outra parte do Tejo sobre a Praça a 12 de Abril, plantando outra bataria em sitio tão proporcionado, que conduzio muito para o rendimento da Praça, onde se lhe juntou o Visconde de Fonte-Arcada Manoel Jaques de Magalhaens, General da Artillaria da Beira, com quatorze Companhias de Cavallos, e oito Terços de Infantaria, com algumas peças de artilharia, e morteiros, com que daquella banda esperava ao Marquez. Não fatiffeito o Marquez desta tão importante operação, mandou ao General da Cavallaria daquella Provincia D. João Diogo de Ataide, que com seiscientos Cavallos, e outros tantos Infantes fosse reduzir à obediencia o Lugar de Seclavim, hum dos mayores daquelle

daquelle districto, rico, e bem povoado de gente valerosa, e guerreira, e o General o executou com grande actividade, e acerto, porque intentando os moradores a resistencia, elle se houve de sorte, que querendo os Soldados compenſar o trabalho com os despojos, o General não consentio, que se fizesse damno aos moradores, por ser esta a intenção del-Rey D. Pedro, tão recommendada nas suas Reaes ordens ao Marquez das Minas. Os inimigos vendo este corpo de Tropas, que mandava o Marquez de Fronteira, entenderão, que era o Duque de Berwick, que chegara com o soccorro, que lhe promettera, e lhe fizeram sinaes toda a noite; porém brevemente se virão desenganados, e lhe descahirão totalmente os animos, e resolverão de se render; porque havendo reconhecido, que era o nosso Exercito, se lhes augmentou o receyo, vendo tomadas todas as entradas da sua grande ponte; porque a artilharia, que o Marquez de Fronteira tinha encaregado ao Conde de Sourc, a fez sobir com a sua grande actividade para o alto de huma penha da parte dalém do Tejo, e era a de que recebiao mayor damno os sitiados, e foy a causa de tomarem a resolução de se renderem: e levantando bandeira branca na muralha, mandarao ao nosso Campo hum Tambor, pedindo refens, e tregoas por duas horas para capitularem, e seriao nove para dez do dia, quando vierao da Praça dous Coronéis para refens, e da nossa parte mandarao ao Mestre de Tom.VII. Iiii Cam.

Campo Antonio Carneiro , filho primogenito do Conde da Ilha , e ao Tenente Coronel do Regimento de Stewart ; mas como elles recusaraõ renderse do modo , que o Marquez das Minas lhes propunha , que era ficarem todos prisioneiros de guerra , e entregue toda a artilharia , se rompeo o tratado , e se retiraraõ outra vez. Depois do meyo dia , que eraõ treze do mez , começaraõ àtirar de novo as nossas batarias, ainda com mayor força, do que até alli tinhaõ feito contra a Praça. E fazendolhe novas proposições , se acordava aos sitiados, que elles seriaõ rendidos prisioneiros de guerra, e que todos os Officiaes, que quizessem assentar praça , seriaõ conservados nos mesmos póstos, em que se achavaõ , e lhe seriaõ pagos os seus soldos na fórma de Inglaterra; e que os que naõ quizessem servir na guerra , se poderiaõ retirar às suas casas, obrigando-se a naõ tomarem mais armas contra ElRey Carlos III. porque de outro modo seriaõ levados a Lisboa. Porém sendõ regeitadas estas condições, começaraõ as quatro batarias incessantemente a laborar com hum grande fogo, com tal estrago das vidas , e edificios da Praça , que bem mostravaõ qual era o brio dos valerosos Hespanhoes, que estavam sitiados ; e porque huma das batarias havia feito huma consideravel brecha , se começaraõ a dispor as cousas para se dar o assalto no seguinte dia.

A 14 pela manhã mandou o Marquez das Minas ao Conde de Tarouca à Praça , para de no-

vo

vo persuadir ao Governador a entrega, porque de outra sorte, nem a elle, nem à guarnição daria algum quartel. O Conde, que era dotado de viveza, discrição, e affabilidade, negociou de sorte, que o Governador se determinou às duas horas da tarde, e se deraõ os refens de huma, e outra parte, e convindo na capitulação, foy assinada reciprocamente a 14 de Abril de 1706, em que lhe concedeo o Marquez General, entre outras cousas, que a guarnição sahiria da Praça pela brecha, com todas as honras militares praticadas em semelhantes occasiões, e que seria logo desfarmada, e feita prisioneira de guerra, com condição, que os Officiaes, de Capitaõ para cima, seriaõ pôstos em liberdade depois de seis mezes. Assim ao amanhecer sahio a guarnição da Praça, conforme os artigos, com que fora a capitulação. Nomeou o Marquez General ao mesmo Conde de Tarouca para tomar posse da Praça, defendella das extorções, e expedir a sua evacuação, que foy no dia dezaseis, como se havia capitulado. Tanto, que foy desfarmada a guarnição, foy remettida com boa escolta a diversas Cidades, e Villas da Provincia da Beira, a qual consistia em dez Terços de Infantaria, que faziaõ o computo de quatro mil e duzentos homens, em que entrou o Governador da Praça Dom Miguel Gasco, Cavalleiro da Ordem de Santiago, General de Batalha, o Tenente da Praça D. Joaõ de Padilha, e o Sargento môr da mesma D. Agostinho de Tom. VII.

Aruntura e Benavente, Dom João Joseph Duran, Ajudante mayor, o Engenheiro mór Blond, e o Engenheiro Dedon, nove Coroneis, em que entrou o Marquez de Torrecusa, Grande de Hespanha, Gentil-homem da Camera, tres Capitaens Coroneis, treze Tenentes Coroneis, tres Segundo-Tenentes Capitaens, hum Subfede mayor Tenente Coronel, setenta e seis Capitaens de Infantaria, e tres Capitaens reformados. Acharão-se na Praça quarenta e sete peças de artilharia de diversos calibres, grande parte de bronze, duas mil novecentas e sessenta e huma espingardas, e outras muitas defarmadas, tres mil e novecentas arrobas de polvora, mil e oitocentas ballas de artilharia, trezentas e sessenta caixas de ballas de chumbo, seis morteiros, quatrocentos moyos de farinha, cento e tantos de cevada, duzentos toneis de vinho, mil e duzentas fardas novas para as Tropas, e cento e cinco cavallos, e outras muitas munições em grande numero para o serviço da guerra, de que se tomou conta pelos Officiaes da Vedoria do Exercito, a quem tocava. O Marquez das Minas mandou seu filho o Conde de Prado D. João de Sousa com estas agradaveis novas à Corte, e chegou pela posta a 16 de Abril. ElRey rendeo as graças a Deos pelos venturosos principios da Campanha, e houve luminarias por tres dias na Cidade. ElRey fez merce ao Conde de Prado do titulo de Marquez, para que em vida de seu pay lograsse as mesmas preeminencias,

nencias, que a esta dignidade são annexas neste Reyno. No mesmo tempo ganhou o Marquez de Fronteira a Praça de Moraleja, vizinha de Alcantara, com o destacamento, que mandava, a qual era forte por sitio, e com guarnição paga.

No tempo, que o nosso Exercito estava sitiando a Praça de Alcantara, e ella para se render, pois a 14 de Abril se assinou a sua capitulação, no dia antecedente teve noticia o Mestre de Campo General João Furtado de Mendoga, do Conselho de Guerra, que governava as Armas da Provincia de Alentejo na ausência do Marquez das Minas, que entre o Forte de S. Christovão, e Badajoz, se viaão algumas barracas, e que no dia seguinte o inimigo marchava com a Cavallaria, Infantaria, e bagagem, e de tarde se acampou a tiro largo de artilharia defronte da porta de S. Vicente da Praça de Elvas, ganhando alguns outeiros a tiro de mosquete da nossa estrada coberta; e sem mais aproches fez huma bateria de seis morteiros, dous de bombas grandes, e seis de granadas Reaes, e perto da noite começaram a bombear a Praça com mau successo; porque logo lhe rebentou hum morteiro grande com perda de quatro Bombardeiros, e a mayor parte das granadas Reaes rebentavaão ao sahir dos morteiros, e muitas no ar, no que continuaraão toda a noite, e sobre a madrugada do dia quinze lhe arrebentaraão dous morteiros mais pequenos. Da Praça se lhe fez hum grande fogo de artilharia, e mosque-

mosquetaria , e no outro dia se poz huma bataria de bombas, e outra de granadas Reaes , em que se continuou de huma , e outra parte até o meyo dia, sem que bomba nossa deixasse de lograr o seu effeito, cahindo sobre os ataques, em que lhe matao mais de quarenta homens com alguns Engenheiros de fogo, e hum dos Mestres de Campo, que estava de guarda, de sorte, que o inimigo começou a desfilir do ataque, e a retirar os morteiros: o que vendo Joaõ Furtado de Mendoça, mandou fahir vinte Soldados com ordem de se não empenharem, e somente observar se o inimigo tinha feito algumas trincheiras para pelear coberto; porque intentava fazer huma sortida, com que pretendia ganharlhe os morteiros, por ser para isso accommodado o sitio, em que os tinhaõ. Porém quando fahiraõ os vinte Soldados, já estavaõ carregando os ultimos morteiros sobre os carros matos, e acabando de enterar os mortos, desampararaõ o campo com tanta pressa, que deixaraõ ainda algumas ferramentas, bombas, barriz de polvora, e granadas. Da nossa parte não morreo Soldado, nem paizano de balla, ou bomba, e só nas casas da Cidade houve algum damno, de que ficaraõ maltratados poucos moradores. He de saber, que o inimigo intentou esta facção com onze Terços de Infantaria, e perto de setecentos Cavallos, e os Terços, ainda que pagos, cheyos de milicianos. A guarnição de Elvas consistava de tres Terços, o pago da Cidade, o de Peniche,

niche, e o dos Auxiliares de Niza, com os quaes, e seus Officiaes se achou o General João Furtado de Mendoça, sem mais algum outro Official, que o Tenente do Mestre de Campo General Manoel de Azevedo Fortes, que mal convallecido de huma doença, assistio com grande prestimo. Assim todo o trabalho se deveo ao cuidado, e sciencia militar de João Furtado de Mendoça, adquirida na guerra com grande reputação.

Para livrar a Provincia de Alentejo, de que os Castelhanos não intentassem outra semelhante acção, mandou ElRey, que se formasse hum corpo volante, para segurar a Provincia no seu respeito; e assim se formou hum Exercito, que se compunha de treze Terços de Infantaria, e trinta batalhoens, seis peças de campanha, e quatro morteiros grandes, o qual era mandado por João Furtado de Mendoça, que governava as Armas da Provincia. Tinha o posto de Mestre de Campo General o Visconde de Barbacena, servia de General da Cavallaria D. João de Lencastre, Governador, e Capitão General do Reyno do Algarve, de General da Artillaria Antonio de Albuquerque Coelho, Governador da Praça de Olivença, e de General de Batalha o Conde de Avintes D. Luiz de Almeida. No dia vinte e tres de Mayo marchou o Exercito sobre a Cidade de Xeres de los Cavalheros, a qual pertencio foccorrer o Marquez de Bay, que governava as Armas da Extremadura; porém foy rechaçado com

com perda de alguma gente, e a Cidade havendo experimentado algum damno da artilharia, e morteiros, se rendeo por capitulaçãõ. Depois de rendida a Cidade, discorrendo 'por toda aquella campanha o nosso Exercito, poz à obediencia delRey Carlos todas as Villas, e Lugares, que avistou, em que entrou Alconchel, cujo Castello deixou presidado, Barcarrota, que se rendeo a vinte e sete de Junho, ficando a guarniçaõ prisioneira de guerra, e os arrebaldees saqueados, fazendo-se o mesmo em Salva Leaõ pela sua renitencia, de que se livraraõ as Villas da Torre, Nogalles, Almen-dral, e Salvaterra: e porque a estaçaõ já era muy ardente, como he sempre naquelle tempo, e faltavaõ as aguas, foy preciso recolherse o Exercito aos seus quarteis nos principios do mez de Julho.

Depois de ter entrado o Marquez das Minas na Praça de Alcantara, onde se cantou o *Te Deum* na Igreja, em que havia nascido S. Pedro de Alcantara, com a solemnidade, e salvas costumadas, remetteo as bandeiras dos dez Terços à nossa Corte, e o pavilhaõ encarnado, semcado de flores de Lizes, do Regimento das Guardas delRey Dom Filippe, que entrava no numero dos dez. O Duque de Berwick, que havia marchado de Arroyo del Puerto com a sua Cavallaria, a buscar as barcas de Alconete para passar o Tejo, tendo noticia, que a Praça se rendera, as queirou, e voltou para o dito posto de Arroyo. O General Marquez das Minas deteve o seu

o seu Exercito no campo de Alcantara, em quanto lhe foy preciso para accommodar os prisioneiros, e segurar a Praça, em que deixou huma sufficiente guarnição. No dia 25 de Abril chamou o Marquez das Minas a Conselho todos os Generaes, e propondolhes a sua determinação, que era de marchar com o Exercito em direitura a Madrid, o approvação todos, e se resolveo continuasse a marcha para Placencia, onde estava o Duque de Berwick. Assim no outro dia se poz o Exercito em marcha, levando à mão direita o rio Tejo, e pondo à obediencia delRey Carlos todas as Cidades, Villas, e Lugares de huma, e outra margem do rio, e ainda as que ficavaõ em larga distancia, como eraõ as Cidades de Coria, Galisteo, Caceres, e Trugilho. A 28 se poz o nosso Exercito diante da Cidade de Placencia, e o Duque de Berwick com a chegada delle, se retirou às Ventas de Bazzagana, depois de haver persuadido aos moradores de Placencia, a que se defendessem, o que elles reccosos dos nossos recusaraõ: o Duque impaciente pertendeo destruir-lhe não só os seus provimentos, mas tambem os frutos, por ser aquella campanha muy fertil, e abundante de trigo, vinho, e gados; porém o Povo, e os Ecclesiasticos o não consentiraõ; e vendo, que nada podia conseguir, se satisfez com ameaçar no Governador, e ao Bispo. Porém tanto, que o Marichal se retirou, o Povo se declarou por ElRey Carlos, e no mesmo tempo os Lugares, e Villas

Tom.VII. Kkkk cir-

circumvisinhas. O Magistrado da Cidade, e o Cabido da sua Cathedral, vieraõ ao Exercito cumprimentar ao Marquez das Minas, e entregarlhe as chaves da Cidade, o qual acompanhado dos Generaes, e Officiaes principaes, entrou na Cidade, e indo à Cathedral foy recebido com *Te Deum*, cantado com muita solemnidade, e depois foy ElRey Carlos aclamado pelos Nobres, e Povo da Cidade. No dia 30 de Abril o nosso Exercito se moveo para ir atacar o inimigo, que estava entrincheirado da outra parte do rio Tietar, ou Bazzagana: o Duque de Berwick mostrando-se firme em o esperar, mudou depressa a resolução; porque o Conde de Soure, General de Batalha, apeando-se do cavallo com a espada na mão, se meteo ao rio seguido do Terço de Moura, de que era Mestre de Campo seu primo o Conde de Aveiras Luiz da Sylva Tello, e das Companhias de Cavallos, de que eraõ Capitães D. Luiz da Gama filho do Marquez de Niza, e Manoel da Costa; e assim debaixo do fogo dos inimigos passaraõ o rio, devendo-se esta famosa acção ao ardente espirito do Conde de Soure, que sendo cheyo de excellentes virtudes, lhe faltou tempo para as exercitar, por quanto no mais florido vigor da idade faleceo em Denia de huma maligna em 20 de Novembro do mesmo anno de 1706, naõ contando mais que vinte e nove annos, havendo conseguido reputação, e respeito, porque em gentil presença brilhava o valor, prudencia, generosidade, e sciencia.

sciencia Militar , de sorte , que na opiniaõ de todos , e ainda mais entre os Generaes , e Cabos Estrangeiros se lhe augurava , que elle viria a ser hum dos melhores Generaes da Europa , se a morte se lhe não anticipara . Ao mesmo tempo , que o Conde de Soure diffididamente passou com aquelle pequeno corpo , abalou todo o nosso Exercito , e passando o rio se apostou naquelle mesmo campo , em que havia tão pouco estivera o inimigo , ficando Placencia poucas legoas distante . Adiantado o nosso Exercito já a Almarás , Lugar distante trinta legoas de Madrid , e vinte e duas de Alcantara , do qual já o Duque de Berwick se havia retirado a Val Moral com quatro mil homens de pé , e cinco mil Cavallos , de que se compunha o seu Exercito , que o nosso foy levando em toda esta campanha diante de si , desejando por muitas vezes obrigar a hum accaõ , de que elle se escusava ; porque tambem lhe não faltavaõ noticias dos movimentos do nosso Exercito , o qual sabendo agora , que marchava para elle , deixando no campo alguma bagagem , se foy retirando para a parte de Talavera , e talando a propria campanha , poz fogo aos Armazens de provimento , assim Reaes , como particulares , ficando por esta causa difficullosa a continuação da marcha por aquella estrada : e vendo , que não podia obligar ao Exercito inimigo a vir ás mãos , tomou o nosso Exercito o caminho de Coria , onde chegando a 14 de Mayo , o Duque de Berwick , que lhe

Tom. VII. Kkkk ii obfer.

observava os movimentos, chegou no mesmo dia junto de Placencia. Porém seguindo o nosso Exercito a marcha, que determinava com bem differente fim, a 17 esteve à vista da Serra de Gata, de que se seguiu moverse o Exercito do Duque, e a 18 foy a Val de Fuentes.

Tinha o Marquez das Minas feito aquella contramarcha sômente para cahir sobre Ciudad Rodrigo, o que já haviaõ approvedo os mais Generaes; porque tomada aquella Praça, se abria huma estrada mais franca para Madrid, por ser o Paiz fertil, e abundante, cortando tambem por aquella banda grande parte das provisôens, que daquelles contornos se mandavaõ para o numerozo povo de Madrid. Era a determinação do Marquez das Minas sitiar com a mayor actividade Ciudad Rodrigo, e a do Duque de Berwick de lho impedir, ou ao menos de o incommodar quanto lhe fosse possível. A 22 do referido mez de Mayo se poz o nosso Exercito sobre a Praça de Ciudad Rodrigo, havendo feito largas, e apressadas marchas, para que o Duque de Berwick, que o seguia com a Cavallaria, se não pudesse adiantar a encostar-se à Praça, ou meter-lhe algum soccorro, com que dilatasse o rendimento. Havia-se avisado ao Visconde de Fonte-Arcada, que governava as Armas da Beira, que se unisse ao Exercito com seis mil homens, e com a artilharia grossa ao tempo, que o nosso chegasse àquella Praça, o que elle executou com grande acerto.

acerto. Deu-se fórma aos ataques, plantaraõ-le as baterias contra a Praça, em que havia hum Regimento pago, chamado das *Asturias*, e dous mil homens de milicias; e depois que a brecha esteve capaz de se assaltar, vieraõ os sitiados em se renderem, e a 26 se assinaaraõ as capitulações, em que se concedeo, entre outras, aos Regimentos pagos de se poderem retirar com honras militares, com a condiçaõ de por hum anno naõ servirem contra ElRey de Portugal, e seus Alliados; porém as milicias foraõ desarmadas, e se obrigaraõ a naõ tomarem nunca armas contra ElRey Carlos. O Marquez mandou comboyar os Regimentos pelo Capitaõ de Cavallos Gonçalo Pires Bandeira até S. Pedro del Rio.

Rendida a Praça de Ciudad Rodrigo foy precisa a dilaçaõ de alguns dias para se prover o Exercito para taõ dilatado caminho; mas a actividade do Marquez das Minas, e expediçaõ dos mais Generaes, e Cabos, foy de sorte, que o Exercito se poz brevemente em marcha, e já o Duque de Berwick se havia retirado para Salamanca, avisinhandose para a parte de Madrid. No dia 6 de Junho chegou o nosso Exercito huma legoa antes da celebre Cidade de Salamanca, e no mesmo dia recebeo o General Marquez das Minas huma Carta dos Magistrados, na qual lhe significavaõ o desejo, com que estavaõ de se submeterem à protecçaõ delRey Carlos III. Continuou o nosso Exercito a marcha, e no outro dia estava junto da Cidade de Salamanca,

ca, que dista dezaseis legoas de Ciudad Rodrigo. Tanto, que o Exercito chegou, vieraõ os Magistraldos em quatro coches, vestidos de gala, buscar o Marquez das Minas, e porse às suas ordens, rendendo obediencia a ElRey Carlos III. e voltando para a Cidade foy nella acclamado, e entrou o Marquez acompanhado dos mais Generaes a assistir ao *Te Deum*, que se cantou com grande pompa na Cathedral: deteve-se o Marquez com o Exercito em Salamanca até onze do referido mez, para nesta breve demora poder receber os comboys das munições de boca, e no outro dia se poz em marcha, caminhando para o Guadarrama. O Duque de Berwick, que observava pontualmente as marchas do nosso Exercito, mostrou querer disputarlhe a do rio Tormes, alojando-se com hum lado na Cidade de Alva, e outro no rio; porém no dia antecedente à chegada d'elle, o nosso Exercito, largando aquelle campo, se retirou à Villa de Penheranda, aonde não permaneceu; porque continuando a marcha mandou o Marquez hum Official à Villa a requerella para que desse obediencia a ElRey Carlos; e porque se houve com demora, e não o executou promptamente, lhe mandou hum destacamento, com que não só a obrigou a cumprir as suas ordens, mas castigou a sua renitencia com a multa de duas mil patacas. A Cidade de Avila mandou os seus Deputados a dar obediencia ao Marquez, por não querer ser visitada por algum destacamento.

O nosso

O nosso Exercito foy continuando a marcha sem opposiçaõ, até que ganhado o porto do Guadarrama, no qual são os passos muy asperos, e difficeis, aqui entendeo o Marquez, que o Marichal de Berwick lhe disputasse a passagem; porém no dia vinte e dous passou o Marquez o Guadarrama com toda a Cavallaria, e doze Terços, oito Portuguezes, dous Inglezes, e dous Hollandezes, tendo mandado diante ao General de Batalha D. Joaõ Manoel de Noronha com tres Terços, e os Grana-deiros, para segurarem a estrada, deixando o resto do Exercito, e a artilharia no Lugar de Espinar entregue ao cuidado do General Pedro Mascarenhas. Marchou o Marquez com o Exercito em duas columnas com toda a Cavallaria na vanguarda, e a Infantaria na retaguarda: e tendo noticia por hum defertor, que em Foncarral se achava ElRey D. Filippe, o Duque de Berwick, e o Conde de las Torres, com hum corpo de dezaseis mil homens, mandou o Marquez das Minas a Pedro Mascarenhas, que passasse o porto com o resto do Exercito, e artilharia; porém a pouco soube ser falsa a noticia, e que o inimigo se retirara.

Com esta torrente de prosperidades, em que o Marquez das Minas conseguiu huma immortal gloria na conquista de tantas Cidades, Villas, e Praças fortes; porque com huma felicidade incomparavel marchava por huma, e outra Castella com o seu Exercito, havendo submetido à obediencia de Carlos

Clede Hist. de Portug.
tom. 1. l. 32. pag. 788.

Carlos a mayor parte das Provincias da Extremadura, Castella a Velha, e Reyno de Leão, chegou a 21 com o Exercito ao Lugar de Espinar, e na madrugada do mesmo dia entre as tres e quatro da manhã sahio ElRey D. Filippe com a Rainha sua mulher, seguido de poucos Criados, e Officiaes da sua Casa. Os que o acompanharaõ foraõ os Ministros do Gavinete, o Duque de Medina Sidonia, o Duque de Montelhano, o Conde de Aguilar, ou Frigiliana, Grandes de Hespanha, e D. Francisco Ronquillo, Presidente de Castella: os Capitaens das suas guardas, que eraõ o Duque de Populi, e o Duque de Ossuna, e o Conde de Aguilar, o Principe de Sterclaes, e o Marquez de Aytona, que o era das guardas de Infantaria; o Conde de Benavente, Sumilher de Corpo, e os Gentis-homens da Camera, os Marquezes de Quintana, o de Jamaica, e o Conde de Santo Estevão de Gormas, o de Banhos, e D. Alonfo Manrique, (depois Duque del Arco.) Tambem o acompanharaõ o Mordomo môr Condestavel de Castella, e os Mordomos de semana, e dirigiraõ a sua marcha ao Lugar de Sopetran, onde estava acampado o Duque de Berwick, e seguio a sua derrota para Guadalaxara, e a Rainha foy depois para Burgos acompanhada dos Officiaes da sua Casa o Conde de Santo Estevão del Puerto, Mordomo môr, e o Marquez de Almonacid, Estribeiro môr. A 24 de Junho entrou o Exercito no sitio chamado *Nossa Senhora de Retamal*, distante quatro

quatro legoas da Corte de Madrid. Daqui mandou hum Trombeta à Corte a darlhe noticia da sua chegada, para o que o Mestre de Campo General Conde de Villa-Verde havia mandado destacar trezentos Cavallos à ordem de D. Pedro Amassa, Tenente General da Cavallaria, com o Commissario della Antonio de Covros, e os Capitaens de Cavallo Gonçalo Pires Bandeira, Manoel de Mello, Dom João de Almeida, e o Tenente do Conde de Atalaya Antonio de Castro, que marcharaõ até o Pardo, e junto ao Paço estava huma partida de Cavallaria dos inimigos, a qual D. Pedro Amassa mandou logo atacar por outra, que a foy carregando de forte, que se poz em fogida até se encorporar com a sua Cavallaria, que estava em Fonccarral com todos os Cravineiros, e era hum corpo de quatro mil Cavallos, que mandava o General Soufouille. Tanto, que os nossos avistaraõ Madrid mandaraõ o Trombeta, que foy bem recebido, e no mesmo dia mandou a Villa os seus Deputados ao Marquez das Minas, o qual conservou até nova ordem no seu emprego de Corregedor ao Marquez de Fuente Pelayo.

A Cidade de Segovia seguindo o exemplo da Corte, mandou os seus Regedores a dar obediencia, e poucos dias depois chegaraõ ao Campo quatro Regedores da Imperial Cidade de Toledo com a mesma submissaõ, e o Marquez os recebeu com particular agrado. Com a obediencia dos de Toledo.

Tom.VII. LIII do,

do, se seguiu as mais Villas do seu Reyno, e a da Talavera de la Reyna, como mais numerosa, mandou os seus Deputados, como tambem a Cidade de Huete, e todas as Cidades, e Villas, que se estendem desde Madrid até aquella Cidade. Residia na de Toledo a Rainha D. Marianna de Baviera, viuva del Rey D. Carlos II. a quem o Marquez, tanto que chegou, mandou cumprimentar com todo o obsequio devido à Magestade pelo Conde de Atalaya seu sobrinho, com hum corpo de Cavallaria para a sua guarda: cumprio o Conde este cortejo com tanto acerto, e luzimento, que mereceo o Real agrado da Rainha em satisfação do bem, com que se portara na sua commissão. Decampou o Exercito no dia 27, e se aquartelou nas visinhanças de Madrid, alojando-se desde a horta del Cerero até à quinta dos Padres Jeronymos, e alargando-se naquelles contornos, lhe ficava à esquerda o caminho do Pardo, immediato ao alojamento dos Generaes. Levava o Marquez o Exercito em tão boa ordem, e excellente disciplina, que comprava os viveres aos Paizanos pelos justos preços, sem que padecessem os Póvos alguma pequena extorção, punindo rigorosamente o mais leve furto, não tirando contribuições permittidas na guerra, e tal vez contra o parecer dos Generaes; porque a grandeza do seu animo, revestido de huma generosidade sem limite, o fazia desprezar os mayores interesses. E assim praticou o Marquez
das

das Minas com grande cuidado huma acertada maxima (nelle natural) de grangear os animos com a sua affabilidade, havendo-se com modo taõ agradável, e generoso, que os Hespanhoes o engrandeciaõ com louvores, obrigados da sua cortezia. No dia 29 dedicado à solemnidade do Apostolo S. Pedro, festejou o Exercito o nome delRey com tres descargas de toda a artilharia, e das Tropas, com grande contentamento, a que concorreo toda a Nobreza de Madrid de hum, e outro sexo em coches com luzidas galas a congratular o Marquez das Minas, que com magnificencia tratou a todos os Generaes, e Cabos, que cortejaraõ as Senhoras, e Damas com civil urbanidade.

Determinado o dia 2 de Julho para na Corte de Madrid se acclamar solememente a ElRey Carlos III. se executou com todas aquellas formalidades, que de antigo costume saõ usadas em Hespanha em semelhantes funções. Levou o Estandarte Real o Regedor D. Mattheus de Tovar, acompanhado de muita Nobreza, vestidos todos com ricas galas, e seguidos do numeroso povo daquella grande Villa. O Marquez das Minas, acompanhado do Conde de Galoway, estava vendo este pomposo acto de huma janella da Praça mayor, e justamente satisfeito da felicidade daquelle dia, que fará gloriosamente memoravel o seu nome à posteridade, mandou lançar ao povo quantidade de moedas de prata; e levado da sua natural generosidade, lançou

Tom.VII.

LIII ii

mui-

muitas de ouro com a sua propria mão. O Exercito celebrou aquelle acto com tres descargas de artilharia , e mosquetaria ; na noite houve vistosos artificios de fogo , vendo-se illuminada a Villa por tres dias : e para que não se interrompesse o curso dos negocios , e administração da justiça , mandou o Marquez , que os Conselhos , e Tribunaes proseguissem o seu exercicio até nova ordem delRey Carlos , e com effeito se começou a executar do dia 30 de Junho por diante. Assim despachou o Marquez as suas Consultas , e deu audiencia aos Vassallos daquella grande Coroa , e com muita expedição deu providencia aos muitos negocios , que então occorrerão. Esta grande acção foy com espanto nas Cortes da Europa , e na de Roma foy motivo para que o Papa Clemente XI. reconhecesse ao Archiduque Rey de Hespanha , o que até então resolutamente negara. Em Africa tambem se ouvio esta noticia com admiração , e Muley Ismael , Emperador de Marrocos , felicitou a ElRey D. Pedro este bom successo com huma Carta , que chegou depois da sua morte.

Preva num. 77.

Letres Historiq. Mois
c^o decet 1766

Despachou o Marquez das Minas com esta gloriosa noticia a ElRey Dom Pedro a seu filho o Marquez Dom João de Sousa. Milord Galoway mandou a Monsieur de Montagu , seu Official de Ordens , à Rainha Anna da Grã Bretanha , e o Barão de Fresheim a seu filho mais velho aos Estados Geraes de Hollanda , para lhe participarem a glorio-

gloriosa expedição do nosso Exercito, em que se achavaõ as suas Tropas auxiliares. Chegou à Corte de Lisboa o Marquez D. João de Sousa a 6 de Julho com esta noticia, que foy recebida com grande alvoroço, e applauso. ElRey acompanhado do Principe, e Infantes seus filhos, foy à Igreja Metropolitana desta Cidade em publico com toda a Corte assistir ao *Te Deum*, que se cantou com muita solemnidade. No dia 8 do referido mez fez ainda mais plausivel a celebridade do dia o geral contentamento, que teve o povo, de ser aquella a primeira vez, que viaõ a ElRey em publico, taõ bem restabelecido da grave doença, que padecera. Tanto, que chegou esta noticia, se espalhou pela Cidade com tal avoroço, e satisfação do povo de Lisboa, que correo em grande numero à Quinta de Alcantara, onde ElRey estava, a applaudir, e congratular o triumpho com vivas, e acclamações, e as mulheres da plebe com festins, e danças, chegaraõ ao mesmo tempo àquelle sitio; e he bem para admirar a generosa grandeza do coração delRey, que chegando a huma janella ao tempo, que as mulheres andavaõ folgando com as suas danças no terreiro, em que estã o Paço, lhe disse: *Aqui não, vão para casa da Marqueza das Minas*; querendo com esta publica demonstração honrar Vassallo taõ benemerito; e he certo, que esta acção eternizará com gloriosa memoria o nome deste General.

Naõ retardou o Marquez das Minas, assim que

que chegou ao Escorial, participar a ElRey Carlos, que estava em Catalunha, o que tinha obrado pelo servir, e pôr no throno de Hespanha, para o que estava já a Villa de Madrid, cabeça daquella Monarchia, despejada para nella poder entrar; e assim lhe rogava, que com as Tropas, que tinha naquelle Principado, passasse a unirse com o seu Exercito sem demora, porque qualquer lhe poderia fer de hum damno irreparavel. Recebeo ElRey Carlos esta venturosa noticia com grande satisfação, e respondeo ao Marquez com huma Carta escrita da sua Real mão, em que estimava o seu grande zelo, e actividade, com que havia obrado no progresso das armas dos Alliados, e nos interesses de Sua Magestade, explicando nesta primeira attenção o agradecimento devido à sua pessoa, e com estas, e outras expressões honrava justamente ao Marquez.

Havia elle mandado diversos Expressos a ElRey Carlos, e muitas partidas de Cavallaria ao Reyno de Valença, e outras ao de Aragoão, para que apressasse a sua jornada para Madrid, e juntamente lhe pedia ajuntasse todas as Tropas, que pudesse, e marchasse logo por Raquena para evitar, que os inimigos pudessem ter tempo de se aproveitarem das que haviaõ feito para o sitio de Barcellona, à qual depois de estar em grande aperto, levantou ElRey D. Filippe o sitio com muita perda; e as ditas Tropas a grandes jornadas marchavaõ para
Castella,

Castella, onde já o Conde de las Torres estava unido com o Duque de Berwick, a que se haviaõ juntado outras das Provincias: pelo que nos era preciso augmentar as forças do nosso Exercito, para conservarmos a superioridade, ou ao menos hum tal igualdade, que nos não excedessem no numero; porque ainda que em Madrid se havia acclamado a ElRey, e tantas Cidades, e Villas haviaõ seguido o seu exemplo; com tudo os Hespanhoes não se tinhaõ fogueitado taõ voluntariamente, que não dessem já linas de se inquietarem, para o que tinha contribuido muito a longa dilação delRey Carlos, e o movimento das Tropas delRey Dom Philippe. Não podia o Marquez, e os mais Generaes deixar de sentir a larga ausencia delRey; porque esta havia esfriado muito aos Hespanhoes na affeição de huns, e no ardor dos outros, redundando tudo em damno das nossas cousas. Para o que tambem se havia espalhado em Madrid, e Toledo, que era morto ElRey Carlos, não faltando Pregadores, que testemunhassem o terlhe assistido ao seu enterro, e que o viraõ sepultar. Pelo que muitos Officiaes Hespanhoes, os quaes haviaõ promettido declarar-se a seu favor, com aquella noticia se deraõ por desobrigados da palavra. Accrescentava-se o cuidado pelos avisos de haverem entrado por Navarra mais Tropas Francezas, e haver D. Francisco Ronquillo, Presidente de Castella, que entre o povo tinha grande sequito, incitado aos moradores de Arevalo a

toma-

tomarem armas; e com o seu exemplo fizeraõ o mesmo os de Segovia, e de novo em Toledo se havia acclamado ElRey D. Filippe, e tambem o haviaõ feito os de Salamanca, e os Lugares vizinhos, ficando desta sorte a communicacão do nosso Exercito cortada com Portugal: pelo que se persuadiaõ já os Póvos, que os nossos forçosamente seriaõ obrigados a se retirarem. Todas estas cousas punhaõ em grande consternacão aos nossos Generaes por verem, que sómente a dilacão era a causa de se malograr o seu trabalho.

Elegeo ElRey Carlos fazer a marcha por Çaragoça, e a 18 de Julho fez naquella Cidade a sua entrada publica, em que foy levado debaixo de palio rico pelos Deputados, e Conselheiros do Reyno de Aragaõ, de que aquella Cidade he Capital, levando-o de redea o primeiro Jurado, e o estoque o Conde de Saltago, como Camarlengo do Reyno, e acompanhado da Nobreza foraõ à Cathedral com grande pompa, aonde o Arcebispo com o Cabido o recebeu; e depois de se cantar o *Te Deum* com solemnidade, se sentou ElRey em huma cadeira rica debaixo do docel, posto em hum theatro, e alli jurou de guardar os fóros do Reyno nas mãos da Justica mayor de Aragaõ: e reflectindo os nossos no muito, que ElRey se detinha com as cousas de Aragaõ, mandaraõ a Bouger Quartel Mestre General com huma grossa partida de cavallos para representar a ElRey o estado dos negocios, e tambem

bem para positivamente saberem quaes eraõ as medidas, que havia tomado sobre esta taõ importante resoluçaõ. Vendo-se o Marquez, e mais Generaes sem reposta alguma, e informados, que os Francezes se augmentavaõ, e que os Póvos da sua visinhança mostravaõ já publicamente a sua inclinaçaõ a ElRey D. Philippe, pelo que tumultuosamente em Madrid, e Toledo, o acclamaraõ, resolveraõ assegurar aquelle posto, para poderem conservar a communicacaõ com Portugal, de donde só esperavaõ poder ter algum soccorro: e entendendo, que Toledo era o lugar mais a proposito para o seu intento, resolveraõ mandar hum destacamento com o pretexto de castigar os moradores daquella Cidade da sua rebelliaõ, e fazer alli hum armazem para pôr em seguro as bagagens grossas, e que o nosso Exercito se puzesse em marcha a observar o inimigo, e se retirasse a Toledo, quando lhe parecesse necessario. Porém como a 25 de Julho recebo o Marquez Cartas delRey Carlos, em que lhe dizia, que marchava, e a vinte e oito chegaria a Molina, mas como havia de passar treze legoas distante dos inimigos, era preciso lhe fizesse cobrir as marchas. Com este aviso se desvaneeo a idéa de Toledo, e se resolveo, que os nossos marchassem em direitura aos inimigos, que tinhaõ o seu principal corpo em Xadraque com o designio de os deterem de forte, que não pudessem ter tempo de mandar algum destacamento contra ElRey Carlos. Marcharaõ os

Tom.VII.

Mmmm

nosso

nosso em direitura aos inimigos, e sendo o terreno aspero, e cerrado, de forte, que não podiaõ de nenhuma maneira virem a huma acção geral, os nossos passaraõ tres dias em escaramuças, e alguns tiros de artilharia; mas conhecendo os nossos Generaes, que o numero dos inimigos se augmentava continuamente, resolveraõ tornar ao posto de Guadalaxara, que se julgou ser mais a proposito para cobrirem a marcha das Tropas, que se deviaõ ajuntar ao nosso Exercito, e por evitar hum combate, que os nossos não julgaraõ naquelle tempo conveniente antes da junção das outras Tropas.

*Entreos Historiq. Mois
de Decembre 1706.*

Finalmente a oito de Agosto chegou ElRey Carlos ao campo do nosso Exercito com huma Companhia das suas guardas, dous Regimentos de Cavallaria, e tres Batalhoens, a saber: dous de Hollandezes, e hum de Italianos, e o Regimento de Dragoens de Milord Raby, e huma parte do de Pierce, hum batalhaõ de Hespanhoes, e outro de Alemães, que chegaraõ dous dias depois. Houve logo hum Conselho de Guerra, no qual se considerou impraticavel o atacar aos inimigos, não só pela ventagem, que tinhaõ no posto; mas por nos serem muy superiores em Cavallaria, e Infantaria, porque nos excediaõ em vinte e cinco esquadroens, e treze batalhoens, estando os seus esquadroens em muito melhor estado, que os nossos. O Conde de Peterborough, que tinha acompanhado a ElRey, voltou para a sua Armada, e depois de muitos dias de estar

estar o nosso Exercito detido, a tiro de canhaõ dos inimigos, e se terem consumido as forragens, e provisões, se resolveo marchar para Chinchon, e Colmenar, para guardarmos estes póstos todo o tempo, que nos parecesse, e podermonos servir nas occasiões, com que a fortuna nos favorecesse. Depois de dous dias de marcha chegaram à dita paragem, e sem embargo, que os inimigos tiveraõ alguma pequena ventagem sobre as nossas partidas, e combois, o Exercito permaneceu mais de hum mez naquelle campo, onde não lhe faltou nada. Determinou-se, que antes, que comessem as chuvas a incommodar, e impossibilitar o Exercito, marchasse todo para as fronteiras de Valença a dispor os quartéis, de modo, que pudessem cobrir Aragoã, Valença, e Catalunha, assegurando as entradas em Castella, e conservando a communicacão com as costas do mar, com cujos soccorros nos podiamos augmentar. Porque da Península de Hespanha possuia ElRey Carlos tres Reynos, não lhe faltando mais, que huma pequena Praça em cada hum; em Catalunha, Rosas; em Valença, Peníscola; e em Aragoã, Xaca; porque as soccorreraõ os Francezes.

Mostrou a experiencia bem de pressa, que aos Póvos dos Reynos de Castella os havia submetido o medo, e não a vontade de outro dominio, que não fosse o delRey D. Philippe; porque declaradamente se puzeraõ à sua devoçãõ, tomando as

Tom.VII.

Mmmm ii

ar-

armas contra o nosso Exercito, malogrando as nossas operações com todos os modos de opposição. Assim no dia 15 de Agosto sahio o Exercito de Clinchon, e passou o Tejo em Fuente Dueña, sem algum embaraço dos inimigos, que atravessaram o rio quatro legoas distante dos nossos; e a 17 se ajuntou ao nosso Exercito em Velles o General Windham com tres batalhoens Inglezes, e o Regimento de Cavallaria do Conde de Peterborough, trazendo provisão de pão, e biscuito para quatro dias.

Marchou o inimigo com todo o seu Exercito em alguma distancia do nosso, adiantando hum corpo de Cavallaria para nos observar, sem que entendesse lhe convinha obrigarnos a vir às mãos, nem menos incommodarnos na marcha. No dia 25 de Setembro o Duque de Berwick ajuntou todas as suas Tropas, e marchou toda a noite, atravessando o rio Xucar, com o desígnio de atacar os nossos no campo de Iniesta, muy grande, e plano, aoavez do qual havíamos de passar para ganhar o rio Xabriel, e passarem as provisões, que havíamos deixado em Requena, para o que se avançou com tanta diligencia, que a sua vanguarda appareceu no campo ao mesmo tempo, que o nosso Exercito; porém este marchava em tão boa ordem, e com tanta firmeza, e resolução, que o Marichal não julgou serlhe conveniente o podernos atacar com alguma vantagem; porque alguns dos seus esquadroens,

droens, que o intentaraõ fazer, os rebatemos com tanta constancia, que foraõ obrigados a se retirar com bem pressa, e grande desordem. Não deixou o Marichal de Berwick de seguir o Exercito até o pequeno rio Imilta, onde se havia formado, e tinha huma boa occasiaõ de poder chegar a huma batalha decisiva; mas vendo a boa disposiçaõ, e admiravel constancia das Tropas dos Alliados, se não resolveo a emprender cousa alguma. Aqui succedeo hum caso digno de não ficar sepultado no esquecimento, e he, que formado o Exercito no referido campo, se nos adiantou a Corte do Exercito inimigo a observar o campo, e formatura do nosso Exercito; nelle estava no lado esquerdo da primeira linha ElRey Carlos III. aonde já haviaõ chegado duas peças de artilharia. Entre os Generaes, que alli estavaõ, era hum o Marquez de Fronteira, Governador das Armas da Beira, que apeando-se do seu cavallo, chegou a huma das peças, que elle mesmo apontou, e tanto, que o fez, lhe mandou dar fogo, com taõ certa pontaria, que a balla deu no ajuntamento da Corte, matando o General Amezaga; e fazendo segunda pontaria com a outra peça o mesmo Marquez, meteo o tiro na referida Corte, que incontinente se retirou com pressa, passando para lugar mais seguro: hindo depois alguns Soldados ao dito sitio, acharaõ o dito General, e o seu cavallo morto, e lhe tiraraõ as armas, e as trouxeraõ com a cella do cavallo. ElRey Carlos, que

que estava à ilharga do Marquez , não só o applaudio com todos os Generaes , e Cabos da nossa Corte; mas agradeceo ao Marquez com grandes expressões de destreza, desembaraço , e sciencia. Assim deixou o inimigo continuar ao nosso Exercito as suas marchas , sem que lhe dêsse algum incommodo , até que entrou em quarteis junto das Fronteiras de Valença , e Murcia. He certo , que os nossos Generaes Portuguezes , e os Estrangeiros, Cabos , Officiaes , e Soldados , que neste Exercito se acharão , em todas as muitas , e diversas occasiões , que tiverão em tão larga Campanha , deraõ bem a conhecer o valor , e a promptidão , com que executavaõ , o que se lhe ordenava , supportando com incrível constancia as fadigas , e os trabalhos , na esteiridade tantas vezes experimentada , devendo-se tudo à sábia direcção do Marquez das Minas , que era o General em Chefe , que os mandava , e ao zelo de Milord Conde de Galoway , que com singular desvello lhe assistio sempre , interessando-se igualmente na sua gloria.

Memorias do Duque
de Cadaval D. Nuno
m.d. torn. XL. p. 253.

Continuava ElRey D. Pedro a sua assistencia na Quinta de Alcantara para onde havia passado a convalecer da grande queixa , que deixamos referida , com tanta satisfação do sitio , que sendo preciso fazer algumas obras no Paço , se mudou para huma Quinta , que fica no mesmo lugar de Alcantara , que antigamente fora de Sebastião de Carvalho , e era do Desembargador Joseph Fiuza Correa. Deste lugar

lugar vinha ElRey algumas vezes a Lisboa, e a 5 de Dezembro de 1706 veyo pela manhã assistir na Tribuna da Capella Real aos Officios Divinos, e ouvir o Sermaõ, que era da segunda Dominga do Advento, e acabada a devoção se recolheo a jantar para Alcantara, alguma cousa quebrantado: de tarde lhe sobreveyo grande febre com huma somnolencia invencivel, não bastando para o acordar ventosas, e outros remedios asperos, que os Medicos entenderaõ serem convenientes. E conhecendo estes a grande debilidade da cabeça, e a força, com que o mal o acometera, lhe fizeraõ diferentes remedios, e depois de sangrado até quatro vezes, vendo, que a natural robustez delRey se havia prostrado com excessõ, lhe pareceo devia commungar por Viatico, o que lhe participou o seu Confessor o Padre Sebastião de Magalhaens, da Companhia, e ElRey com animo pio, devoto, e constante, quiz logo receber o Santissimo Viatico; e assim na terça feira às dez horas da manhã veyo o Santissimo da Freguesia, e o recebeo da mão do Bispo Capellaõ mór Nuno da Cunha de Ataide com muita devoção, em que se praticou a formalidade já referida na outra doença. Passou ElRey mal a noite por causa de huma pontada, que lhe sobreveyo da parte esquerda, que os Medicos capitularaõ por hum pleuriz legitimo: pelo que resolveraõ, que se sangraste no dia seguinte pela manhã, que era quarta feira, o que se executou; porém passou com tanta afflicção,

afflicção, ancias, e dores, que pelas oito horas da noite julgou o Doutor Lopo Gil, Medico da sua Camera, que estava de guarda, que Sua Magestade estava em perigo de vida, e devia receber o Sacramento da Extrema-Unção. Quiz ElRey, que logo se lhe administrasse, e o ungió o Capellaõ mór. Passado algum breve tempo chamou ElRey ao Principe, e Infantes, e com paternal amor disse ao Principe: *Que governasse estes Reynos, em que succedia, com a benção de Deos, e a sua; que tivesse grande cuidado em seus irmãos, conservando-os sempre no seu amor, e amizade, fazendolhe a merce, e honra, que devia como seu irmão, e como seu Rey.* Aos Infantes disse: *Que amassem ao Principe, e que com todo o devido respeito lhe obedecessem, porque desta maneira terião a benção de Deos, e a sua; e com o Infante Dom Manoel, que era de curta idade, que era só de nove annos, se enternecesse alguma cousa.* E depois do Principe, e os Infantes lhe beijarem a mão, sahirão para fóra, e chamou ao Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, a quem disse: *Que lhe agradecia havello servido com amor, lealdade, e que por este motivo, e por outros, lhe encomendava assistisse a seus filhos, e servisse ao Principe com as largas experiencias, que tinha das cousas do Reyno, e que encomendava favorecesse os seus criados em tudo aquillo, que elles necessitassem do seu favor.* O Duque lhe beijou a mão, rendendolhe as graças pela merce, que lhe fazia, honrando-o

do-o com tanta generosidade, merecida porém do amor, com que sempre assistira a Sua Magestade, a quem havia trazido nos braços, e servido como devia, e pediaõ as suas obrigações, e que em tudo obedeceria a Sua Magestade, como lhe mandava; mas que esperava, que Deos permittisse darlhe faude para que criasse a Suas Altezas, e amparasse aos seus criados. Fallou tambem ao Duque D. Jayme seu genro, o qual beijandolhe a mão, o abraçou ElRey com estimação, encommendandolhe, que consolasse muito a Senhora D. Luiza, a quem elle já havia fallado antes, que ao Principe, e Infantes. Ao Conde de Vianna, Marquezes de Marialva, e Alegrete, seus Gentis-homens da Camera, agradeceo tambem o grande amor, zelo, e cuidado, com que lhe tinhaõ assistido todo o tempo, que o serviraõ, de que se dava por obrigado, e satisfeito; e elles sentidos, e magoados do estado, em que o viaõ, lhe agradecerão aquella honra com mais respeito, que palavras. Com estas, e outras demonstrações de attenção com os seus Criados, e Vassallos, deu a conhecer ElRey a constancia, e a Religiaõ, conformando-se sem alguma perturbação no animo. Assistiaõ a ElRey o seu Confessor, e alguns Religiosos letrados, e outros de exemplar vida. Ao mesmo tempo fez aviso o Secretario de Estado D. Thomás de Almeida ao Nuncio Cardeal Conti, para que fosse dar a Sua Magestade a absovição do artigo da morte: às onze horas da noite entrou o

Tom.VII.

Nnnn

Car-

Cardeal, e depois de applicar as indulgencias, Sua Magestade com palavras de grande edificacão mostrou a sua christandade na obediencia, com que venerava a Santa Sé Apostolica, e a muita estimacão, que fazia da pessoa do Cardeal, que lhe agradeceo aquella honra com todo o respeito.

No dia seguinte, em que continuando o mal com precipitacão, que era huma quinta feira nove de Dezembro de 1706, à huma hora e meya depois do meyo dia, entre as preces, e orações de muitos Religiosos, actos de amor de Deos, repetidos com grande devoção, e fé, com hum grande conhecimento da morte, e defengano da vida, passou El-Rey da mortal à eterna na mesma casa, em que havia falecido o Principe D. Theodosio seu irmão, o que elle quasi advertio logo, que adoeceo; porque entrando Christovão de Almada, que sabia havia affilido ao Principe, lhe perguntou, em que casa falecera; porém Christovão de Almada, supposto quando entrou a reconheceo, como cortezaõ, e versado nas politicas do Paço, lhe respondeo, que se não lembrava. Viveo El-Rey cincoenta e oito annos, sete mezes, e treze dias, e reynou trinta e nove, mais de quinze como Principe Regente, e mais de vinte e tres como Rey. Tanto, que faleceo, o Marquez de Marialva, seu Gentil-homem da Camera, que estava de semana, lhe cerrou os olhos, e entrando os Medicos por ordem do Marquez, depois de reconhecerem, que havia espirado, o Mar-

o Marquez na mesma cama, com grande attenção, cobrio o corpo. Esta noticia, que logo se espalhou pela Cidade, foy recbida com grande sentimento de todos os seus Vassallos.

Estava no Paço de Alcantara o Conselho de Estado, em que então se acharão os Duques de Cadaval Dom Jayme, e D. Nuno, os Marquezes de Cascaes, e Marialva, os Condes da Castanheira, S. Vicente, Alvor, Vianna, e D. Francisco de Sousa, e na sua presença o Confessôr de Sua Magestade entregou ao Secretario de Estado o Testamento del-Rey, o qual tinha ordem do Principe para o abrir na presença do Conselho de Estado, e fazerlhe o termo com a formalidade costumada. Passou logo a Lisboa o Secretario de Estado, e o Duque de Cadaval, este a dar conta ao novo Rey, do que havia passado, e aquelle a levar o Testamento, que se abrija sem se ler, o qual logo ordenou, que o fizesse presente no Conselho de Estado.

Havia ElRey feito o seu Testamento muy Prova num. 73.
anticipadamente em tempo, que se achava com robusta disposição na Cidade da Guarda a 19 de Setembro do anno de 1704, o qual era escrito pelo seu Confessôr o Padre Sebastião de Magalhães, e approvado judicialmente pelo Secretario Diogo de Mendoça Corte-Real, que então servia de Secretario de Estado, por especial commissão, que para isso teve de Sua Magestade, e nelle foram testemunhas o Duque de Cadaval, o Marquez de Alegre-

Tom. VII.

Nnnn ii

te,

te, o Marquez de Marialva, o Conde de Villa-Verde, e o Conde de Vianna, todos do Conselho de Estado, o Conde de Villar-Mayor, o Conde de Assumar, Dom Rodrigo de Mello, (era filho do Duque de Cadaval) Francisco de Mello, Montei-ro môr, e D. Lourenço de Almada. Nelle se admira a piedade, religião, e devoção delRey, a caridade nos diversos legados pios, o amor de seus filhos, a quem paternal, e carinhosamente exhorta com uteis documentos. A Casa do Infantado, que elle possuira, e muito augmentara, fez della doação ao Infante D. Francisco, estabelecendo o modo da successão, para que nunca se possa unir à Coroa, e para que andasse na linha do Infante; e no caso de elle faltar, chama ao Infante D. Antonio, e depois ao Infante D. Manoel, declarando, que todas as vocações, que nella faz, se haõ de entender dos descendentes legitimos, nascidos de legitimo matrimonio: e somente no caso, que Deos não permitta, de se extinguirem as linhas legitimas de *todos os seus filhos*, poderão ter lugar os illegitimos, e bastardos, que delle descenderem. Mandou, que se dissesse hum grande numero de Missas pela sua alma, e que em todos os annos se digaõ quinhentas Missas, todas as que se puderem dizer em Altar privilegiado (o que se cumpre pontualmente; porque ElRey seu filho deu esta incumbencia ao Tribunal da Mesa da Consciencia, e Ordens, de donde o Presidente no dia seguinte lhe dá conta com as certidões,

doens, de que se celebraraõ.) Mandou, que se dis-
sessem cinco Missas quotidianas, deixando ao arbi-
trio de seus Testamenteiros a renda necessaria. Dei-
xou huma somma grande de dinheiro para fundo de
varias obras pias, para todos os annos se cumpri-
rem, a saber: esmolas para cinco cativos, dotes pa-
ra tres orfãos, e que o remanecente se distribua to-
dos os annos pelos criados da Casa Real, começan-
do pelos que serviraõ a sua Real pessoa, em quanto
vivessem, e depois se teria respeito a seus filhos, o
que tambem se cumpre todos os annos com louva-
vel distribuiçaõ; porque ElRey seu filho deu esta
administraçaõ ao Provedor, e Mesa da Santa Casa
da Misericordia. Mandou, que o sepultassẽm no
Mosteiro de S. Vicente de Fóra, junto do tumulo
da Rainha Dona Maria Sofia Isabel, sua chara, e
amada esposa. Nomea por Testamenteiros ao Prin-
cipe seu filho, e à Rainha da Grãa Bretanha sua
irmãa, encarregando ao Duque de Cadaval, e Mar-
quez de Alegrete, a execuçaõ desta sua ultima von-
tade. E declara finalmente, que deixa outras dis-
posições particulares, que mandara escrever pelo
seu Confessor, que se cumprãõ como parte do seu
Testamento, no qual se naõ vê clausula, que naõ
mostre qual foy a sua piedade. O referido papel
he huma declaraçaõ de seus dous filhos o Senhor D.
Miguel, e o Senhor D. Joseph, de que adiante fa-
remos mençaõ, e huma particular lembrança ao
Principe para os amparar como seus irmãos; e os
criados,

Prova num. 79.

criados, que o haviaõ servido, os recommenda ao Principe para que os favoreça: e que no caso de se naõ servir delles, lhe dê os mesmos ordenados, e mezadas, que elle lhe dava, de qualquer categoria, ou cor, que fõssẽ, deixando por sua morte livres a todos os seus escravos: foy feita a declaração, e assinada no dia 19 de Setembro do referido anno de 1704.

Lido o Testamento na presença do Conselho de Estado, e determinado tudo o que pertencia ao Real enterro, foy o corpo embalsamado, e quando se fez a operaçãõ se achou a regiãõ vital infectonada com varios achagues, o figado com huma grande inchaçãõ, e a cutis, que o cobria pela parte das costas, estava branca, e se deslacerava com os dedos, o hofe todo negro, e na concavidade tinha hum receptaculo, que teria tres onças de materia com todas as qualidades, que se requerem para o cosimento della: no fel se acharaõ trinta e cinco pedras da feiçãõ de dados, mayores, e menores, a pleura da parte esquerda estava esfacelada com huma grande porçãõ de sangue grumoso, no cerebro tinha algum sangue extravasado, e no ventriculo esquerdo alguma aguadilha. Foraõ os intestinos a enterrar à Igreja das Religiosas Flamengas, que ficaõ contiguas ao Paço, e levados de noite, com a decencia devida, por Antonio Rebello da Fonseca, que lhe servia de Porteiro da Camera. Acabada a operaçãõ dos Cirurgioens, o Marquez de Marialva

rialva mandou compor o cadaver, e o vestiraõ com hum vellido de cõr parda, com gatavata, e cabel-leira, barrete vermelho, borzequins, e esporas, e sobre o vestido o habito de S. Francisco, de que era Terceiro, e depois o manto de Cavalleiro da insigne Ordem da Cavallaria de Christo, de que era Governador, e perpetuo Administrador, e a espada à cinta, como determinaõ os Definitorios da mes-ma Milicia. Nesta fórma esteve o corpo delRey na Camera sobre a mesma cama, em que falecera, em que naõ entraraõ mais, que os Gentis-homens da Camera, o Duque de Cadaval, o seu Confessor, e os criados domesticos, que lhe assistiaõ. No dia seguinte avisou o Marquez de Marialva aos Offi-ciaes da Casa Real para que metessem o cadaver no caixaõ, na fórma do estylo, o que fizeraõ, e o puzeraõ sobre a Eça, que estava na casa, em que no outro dia se fez o funeral. Manoel de Vascon-cellos, que servia de Reposteiro môr por seu irmaõ o Conde de Castello-Melhor, cobrio o caixaõ com hum pano rico, e poz no primeiro degrao, em hum prato dourado, a Coroa, e o Sceptro Real. O Bis-po Capellaõ môr celebrou Pontifical, assistido de toda a Capella Real, que cantou o Officio; os Grandes tomaraõ a parede da parte direita, e os Officiaes, e Criados da Casa a esquerda, estando to-dos em pé, e descobertos. Fô'a da casa, em que estava o corpo, estava à porta Alvaro de Sousa e Mello, Porteiro môr, assentado em hum pequeno banco de páo sem cobertura. No

No Sabbado onze do referido mez à noite o Principe com os Infantes, acompanhados dos Officiaes da Casa, foraõ deitar agua benta no corpo del-Rey: disse o Responso o Capellaõ môr, e deu o hillope ao Principe, e Infantes. Depois o Reposteiro môr tirou o pano, e prato da Coroa, e Sceptro, e o entregou ao Reposteiro menor Joaõ de Leiros, e pegaraõ no caixaõ o Duque D. Jayme, o Duque de Cadaval, o Marquez de Marialva, o Marquez de Cascaes, o Marquez de Alegrete, o Conde da Castanheira, o de S. Vicente, o Conde de Val de Reys, o Conde de Alvor, e D. Francisco de Sousa, todos do Conselho de Estado. O Principe com os Infantes ficaraõ no mesmo lugar aonde deitaraõ agua benta, e foraõ depois acompanhando o corpo del-Rey detraz do caixaõ, todos com grande luto de capa comprida, descobertos, sem Moço Fidalgo, que os alumiasse: e tanto, que foy posto o caixaõ na liteira, o Reposteiro môr o cobrio com hum pano rico de brocado franjado de ouro. Assim, que começou a andar a liteira, o Principe, e Infantes lhe fizeraõ reverencia, e se recolheraõ acompanhados dos Criados da Casa da Rainha. Dentro no pateo estava o coche de respeito, os cavallos dos Duques, do Estribeiro môr, e do Capitão da Guarda o Conde de Pombeiro, e posto em ordem, caminhou o enterro para S. Vicente de Fóra. Diante do caixaõ hia o Mordomo môr o Conde de Santa Cruz com a sua insignia, da banda direita

reita o Duque D. Jayme, e da esquerda seu pay o Duque de Cadaval, logo a Capella Real em ordem com Cruz, e adiante os Grandes da banda direita, e os Officiaes da Casa da esquerda com suas insignias; à ilharga do macho da liteira hia o Estribeiro môr Conde de Vianna, e detraz da liteira o Capitaõ da Guarda Conde de Pombeiro; accompanhavaõ os Moços da Camera com tochas accesas, e diante da liteira hia o coche de respeito coberto com hum rico pano de brocado franjado de ouro, e atraz do coche os Tenentes da Guarda, e Antonio Rebello, que fazia o officio de Estribeiro, todos tres a cavallo, e logo a guarda dos Archeiros, que cobria o estado. Nas ruas da Cidade estavaõ os Terços pagos, e Ordenanças em duas alas, e todo o Clero, e Religioens de todos os Mosteiros da Cidade, com vélas accesas, dentro das mesmas alas.

Chegou o enterro a S. Vicente, e junto às escadas se tirou o caixaõ das andas, e se poz no Esquife da Irmandade da Misericordia, o qual estava sobre hum estrado coberto de veludo negro, em que se poz para se entregar aos Irmãos daquella Mesa. Aqui quebraraõ os Officiaes as insignias, a que vulgarmente chamaõ *Canas*, aquelles a quem pelas suas occupaões são permittidas. Cantaraõ os Capellaens da Irmandade hum Responso. Mandou o Escrivaõ da Mesa pegar no Esquife à Irmandade, e a Communidade dos Conegos Regrantes estava es-

Tom.VII.

Oooo

peran-

perando à porta; e assim levarão o Real corpo até o cruzeiro, onde em huma Eça de téla encarnada, que estava preparada, foy posito. O Capellaõ mór, reveellido de Pontifical, cantou o primeiro Responso com a Capella Real, o segundo os Religiosos da Casa, e o terceiro a Misericordia. Pegarão no caixaõ os mesmos Conselheiros de Estado, e o levarão à outra Eça, que estava em cima na Capella mór, junto da qual estava hum estrado alto, tambem forrado de téla encarnada; e o Conde Mordomo mór fez a entrega ao Prior da Casa na sóma seguinte: sobre o mesmo caixaõ se poz hum Misal, que trouxe o Prior da mesma Casa, e pondo sobre elle as mãos o Conde Mordomo mór, disse em voz intelligivel: *Juro aos Santos Evangelhos, que neste caixaõ está o corpo do muito Alto, e muito Poderoso Rey D. Pedro Segundo, meu Senhor; porque eu o vi meter nelle, e Vossa Paternidade dará conta do dito corpo, ou de seus ossos, a seus successores, para o que lhe entrego as chaves deste caixaõ; e o Prior jurou em seu nome, e de seus successores de assim o cumprir. Pegarão os Conselheiros de Estado no caixaõ, e o collocarão em huma Eça de tres degraos, metendo-o em outro caixaõ mayor, que sobre ella estava; o Reposteiro mór cobrio o tumulo com hum pano rico de téla encarnada franjado de ouro, e o Secretario de Estado fez o termo, que foy assinado pelos Conselheiros de Estado, e pelo Conde de Santa Cruz, Mordomo mór. Aquelle*

le esclarecido Sabio o Padre D. Manoel Caetano de Sousa, que deveo particulares merces à generosidade del Rey D. Pedro, empregando a sua penna no elogio das virtudes, de que foy adornada a sua Real pessoa, compoz o seguinte Epitafio, que se conserva na Collecção das suas Obras Poeticas:

*Hic jacet orbis amor, nulli pietate secundus
Petrus, regna beans, quis erat ipse Pater.*

Eraõ passados oito dias depois da morte del Rey, a 17 do referido mez de Dezembro, segundo o louvavel costume do nosso Reyno, se fez a cerimonia de quebrar os Escudos. Ajuntou-se o Senado da Camera, o Conde de Aveiras Joaõ da Sylva Tello, Presidente, os Vereadores, Cidadãos, e Ministros de vara pertencentes ao Senado, de cuja casa sahiraõ em boa ordem entre as dez, e onze do dia: dava principio a este acompanhamento hum dos Procuradores da Cidade a cavallo, coberto todo de negro, arrastando hum grande luto pelo chaõ, com huma bandeira negra com a hastea da mesma côr, a qual levava ao hombro, e hia arrastando hum grande parte por terra. Seguiaõ-se os Cidadãos em duas alas iguaes com varas negras nas mãos, e no meyo hiaõ tres Ministros divididos, a saber: hum Juiz do Civel, e dous Juizes do Crime, sem varas, e cada hum levava hum Escudo preto, e logo o Tribunal do Senado em cerimonia com varas pretas, e todos hiaõ a pé. Tanto, que che-

Tom. VII.

Oooo ii garaõ

garão junto às escadas da Sé, estava huma Tarima levantada coberta de luto, e sobindo o Juiz do Civil, disse em voz alta: *Choray Nobres, choray Povo, que morreo o vossô Rey D. Pedro II. de Portugal*, e immediatamente quebrou o Escudo, e deixou cahir no chão. E continuando este acompanhamento, no meyo da Rua Nova, onde estava outra Tarima, o Juiz do Crime sobio a ella, e repetio as mesmas palavras, quebrando o Escudo, e no Rocio junto às escadas do Hospital estava a terceira Tarima coberta de luto, e sobindo o ultimo Ministro, que levava o Escudo, com as mesmas palavras, e ceremonias, o quebrou. E continuando o acompanhamento, voltou pela Rua das Arcas até à Sé, e entrando na Igreja assistirão, e juntamente o Cabido, à Missa, que se cantou pela alma delRey, por quem toda a manhãa esliveraõ dobrando os sinos daquella Cathedral.

Foy ElRey de estatura grande, grosso, mas bem proporcionado, os olhos grandes, pretos, e fermosos, nariz aquilino, e cabello preto, não era branco, mas com boa côr de rosto, em tudo bizarro, e desembaraçado nas acções, com aspecto tão magestoso, que a sua pessoa, vista entre outras, não podia entrar em duvida, que era Real, pela magestade da presença. Teve forças extraordinarias, que exercitava no jogo da barra com admiracão dos que o viaõ, e em outros exercicios. Jogou asarmas com grande perfeicão, e destreza, com
tanto

tanto desembaraço, como bizzarria. Fez grande gosto do exercicio de andar a cavallo, em que era fermoso, em huma, e outra cella, excedendo aos mais peritos no modo de mandar, e obrar no manejo dos cavallos; porque teve agilidade, e fortaleza, de sorte, que elle soube scientificamente esta nobre arte, verdadeiramente de Principes, e grandes Senhores. No arriscado, e muy difficil exercicio de correr Touros, excedeo a todos os do seu tempo, em que houve insignes Toureiros de cavallo, em que entravaõ Senhores de grande qualidade, que o acompanhavaõ nestes divertimentos, a que ElRey assistia com satisfação. Amou a caça, ou fosse a do ar, e a miuda, ou a grossa: assim no monte deu excellentes provas da sua bizzarria com os porcos montezes, naõ só acometendo-os com a lança, o que fez com singular desenvoltura; mas tambem a pé destemidamente, fogueitando-os, e rendendo-os com as proprias mãos; e igualmente era destre em atirar com a espingarda. Mandava as Tropas scientificamente, para o que no seu picadeiro fazia ajuntar muitas vezes Soldados Infantes a fazer exercicio, premiando aquelles, que se adiantavaõ no manejo das armas, o que elle fez com summa destreza, e fermosura. A estas partes ajuntou excellentes virtudes, que farão a sua memoria gloriosa em todos os seculos vindouros: porque nelle se admirou praticada a mais rara virtude, que nunca se vio em outro algum Principe, de dar audiencia

diencia a seus Vassallos todos os dias , e ainda de noite , e nas horas mais defaccommodadas ; porque sempre , que o buscavaõ , estava prompto , de sorte , que muitas vezes se levantou da mesa para os ouvir , e sendo taõ prompto na frequencia , era mayor na paciencia , que mostrava nas mais largas audiencias : aos Sacerdotes fallava em pé , respeitando a ordem , e o caracter , naõ permittindo lhe beijassem a maõ. Teve huma prodigiosa memoria , de sorte , que qualquer pessoa , que via huma vez , ainda que passassem muitos annos , naõ só a conhecia , mas com distincão se lembrava della. Era devoto , e pio naturalmente , venerando com profundo respeito os Mysterios de nossa Santa Fé , como se vio no grande sentimento , e demonstrações publicas , quando succedeo o sacrilego roubo do Santissimo Sacramento na Parochia de Odivellas , na noite de dez para onze de Mayo de 1671 , em que escalando a Igreja , profanando as Imagens , atrevida , e sacrilegamente abriraõ o Sacrario , e roubaraõ ao Santissimo Sacramento. Deste execrando caso ficou ElRey taõ horrorosamente penetrado , que mandou vestir toda a Corte de luto até que se restituísse à mesma Igreja o Santissimo roubado , ordenando , que em todas as Igrejas se expuzesse o Santissimo Sacramento à veneração dos Fieis , para que nas suas adorações deprecaßem a Deos a sua misericordia : ao mesmo tempo escreveu a todos os Cabidos das Cathedraes deste Reyno , para que em todo elle se

Prova num. So.

se fizesse o mesmo, pedindo a Deos, que se lembrasse de todos aquelles, que o adoravaõ, e veneravaõ Sacramentado. E fazendo-se exactas diligencias, recommendadas pelo seu zelo, se achou o reo, e foy punido pela Justiça. E para memoria do desagravo, com que pertendia escurecer aquella offenta, instituiu na mesma Igreja no mesmo dia huma festa, em que com grande solemnidade, e culto se adorasse ao Santissimo Sacramento, e que esta festa se unisse à Irmandade dos Escravos do Santissimo de Santa Engracia, instituida pela Nobreza por outro detestavel caso succedido a 16 de Janeiro de 1630, de que os Reys são Protectores: a humma, e outra festa assistia ElRey com grande devoção; porque tudo o que tocava à Religião Catholica venerava, desejando emendar pela Fé, e obras boas, o que tal vez pela fragilidade da natureza corrupta se desordenava. Muitos dias do anno dormia vestido sobre huma taboa, jejuando tambem muitos a paõ, e agua, havendo-se sempre nos jejuns de preceito nas consoadas com escriptulosa parcimonia. He admiravel prova do quanto desejava ter a consciencia pura, hum papel muy pio, e devoto de propositos, que, mediante a graça de Deos, pertendia observar, que lançarey nas Provas, para que mais com este anedocto se certifiquem os curiosos do quanto desejo satisfazellos. Da Virgem Santissima foy cordeal devoto; e assim todos os Sábados hia visitar a Sagrada Imagem da Senhora das Necessi-

Prova num. 81.

Necessidades. Venerou geralmente a todos os Sacerdotes, e Religiosos, especialmente os do Sacerdote Patriarca S. Francisco, de quem foy especial devoto, e de cuja Ordem Terceira era professo: pelo que se mandou sepultar no seu Habito, como se disse; assim comia todas as festas feiras do anno à sua mesa hum Religioso de S. Francisco, sendo ainda mayor o respeito, e veneração àquelles, que pela sua vida, e exemplo se distinguiaõ em santidade; porque nas expressões, e no affecto se via a sua devoção, desejando muito ter occasiões de os comprazer, e darlhe gozto, para ter parte nas suas orações. Vivia no seu tempo o Veneravel D. Armando Joaõ le Bouthillier de Ransay, Abbade da Trappa, o qual com a sua admiravel conversão foy Reformador do mesmo Mosteiro da Trappa da Ordem de Cister em França, Varaõ insigne em virtude, que naquelle Mosteiro restaurou a mais rigida observancia Monastica, com que deu huma universal edificação a toda a Christandade pelo seu raro modo de vida. A este insigne Varaõ mandou El-Rey visitar pelo seu Embaixador, que residia em Pariz, e encommendar-se nas suas orações, já que o não podia fazer pessoalmente, como o fizera El-Rey Jacobo II. de Inglaterra, e a Rainha sua esposa, e outros muitos Principes Soberanos, e do sangue Real de França, como refere a sua Vida. As Almas do Purgatorio lhe deveraõ grande compaixão, pelo que eraõ immensas as Missas, que no círculo

Inevitert, *Vita dell'*
Alate di Ransay, lib. 3.
c. 1. 17. 126. 640.

circulo do anno lhes mandava applicar , e outras por devoções particulares. No Real Mosteiro de Belem instituiu cinco Missas quotidianas com hum Officio solemne pelas almas delRey Dom Affonso VI. do Principe D. Theodosio, e da Infanta D. Joanna, seus irmãos, por hum contrato feito a 20 de Fevereiro do anno de 1690, em que os Religiosos tomaraõ esta obrigação por certa quantia, que lhe fez consignar nas rendas da Casa de Bragança, em quanto lhes não dava hum juro perpetuo. Ao Hospital de Todos os Santos de Lisboa accrescentou renda para sustentação das crianças expostas. Na caridade se distinguio, amando ao proximo, e compardecendo-se das suas necessidades de sorte, que eraõ excessivas as esmolas, que fazia do seu bolsinho, que pareceo inextinguivel; porque não sahio dos seus pés pessoa alguma desconsolada, que lhe pedisse ajuda de custo por esmola, a que elle não deferisse, nem ainda estando nos negocios mais graves, que deixasse de ter benigno acolhimento nas suas palavras, honrando a todos como pay de seus Vassallos. Nas merces se houve com grande generosidade; porque mostrava se interessava na conservação das Casas illustres, e nobres dos seus Vassallos, para que continuassem no esplendor dos seus Mayores: pelo que liberalmente lhes fazia merce dos bens da Coroa, e Ordens, que possuiaõ.

Não foy nelle menos ardente o zelo das Missoens, para o que se instituiu a Junta das Missoens
Tom.VII. Pppp na

na Casa Professa de S. Roque, em que se tratavaõ os negocios pertencentes a ellas, e em que presidia o Secretario Roque Monteiro Paim, assistido dos Deputados, que eraõ Religiosos doutos, e exemplares de diversas Familias Religiosas, onde hiaõ por aviso do Secretario Roque Monteiro, e depois da sua morte lhe succedeo Gregorio Pereira Fidalgo, Desembargador do Paço, que pelas experiencias, que tinha da India, havia já entrado na Junta das Missoens, para as quaes concorreo ElRey com grande liberalidade, e devoçaõ, estimando aos Missionarios, e com especialidade àquelles, que Apostolicamente haviaõ seguido o emprego do seu ministerio; e assim quando os Vice-Reys do Estado da India, ou os Governadores do Brasil, e mais Conquistas, passavaõ aos seus Governos, lhes recommendava em primeiro lugar favorecessem, e amparassem aos Missionarios em tudo, para que se augmentasse a Christandade. A' Companhia de Jesu ajudou particularmente com grandes esmolas para as Missoens, e à sua despeza lhe dotou dous Collegios no Ultramar; naõ faltando nunca a pessoa alguma, que com o pretexto da Religiaõ Catholica Romana se valesse delle, que com muita promptidaõ naõ concorresse para o livrar da cegueira, em que estava, de que muitos foraõ Religiosos. O Principe de Bisau, que veyo a este Reyno, catequizado pelos Missionarios da Costa da Mina, a receber o sagrado Bautismo, lho fez ElRey

Franco Synopis Anna-
hum Societatis Jesu, p.
425.

Rey conferir na Capella Real, sendo elle mesmo seu Padrinho, e o mandou tratar, não como fora creado entre a brutalidade do gentilismo, mas pelo que representava, com muita politica, e decencia, em quanto não voltou para a sua terra. No seu tempo intentaraõ os homens de nação Hebreia conseguir do Papa, que removeisse a fórma do recto procedimento do Santo Officio da Inquisição destes Reynos, negocio, em que se haviaõ adiantado; porque com os seus cabedaes, que eraõ muitos, negoçavaõ, e tambem porque tinhaõ pessoas de grandes lugares, que se haviaõ persuadido das suas enganosas, e apparentes razoens, votando-as a seu favor. Porém ElRey (entaõ Principe Regente) com hum ardente zelo do augmento da Religião Catholica, não querendo, que nos seus Reynos se diminuísse com a liberdade da gente daquella nação, mandou a Roma no anno de 1675 por seu Embaixador Extraordinario a D. Luiz de Sousa, Bispo de Lamego, depois Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, Varaõ dos mayores daquelle seculo, em letras, talento, e prudencia, que já contra a pertençaõ dos Christãos novos, havia feito hum largo, e douto papel. Havendo o Embaixador residido mais de sete annos na Corte de Roma no tempo dos Pontifices Clemente X. e Innocencio XI. e sendo a este ultimo muy aceito, porque fez da sua pessoa particular estimação; no seu tempo venceu o negocio contra a fortissima opposição, que o apa-

Tom. VII.

Pppp ii

dri

drinhava , conseguindo no anno de 1681 com grande utilidade , e alegria do Reyno , a restituição do Santo Officio , que esteve todos estes annos suspenso do despacho , e não menos satisfação do Principe seu Amo , que o nomeou do seu Conselho de Estado , estando ainda em Roma. Depois publicou o mesmo Principe huma Ley passada a 5 de Agosto de 1683 , para que fossem exterminados de seus Reynos , e Dominios , todos os Christãos novos , que fossem convictos , e tivessem abjurado em forma nos Autos da Fé , que fazem os Inquisidores , a qual teve alguns annos execuçaõ. Neste mesmo negocio servio na Corte de Roma , onde teve caracter de Enviado Extraordinario , Joseph de Sousa Pereira , depois Conselheiro da Fazenda , Ministro de grande merecimento , como o era Jeronymo Soares , Inquisidor de Lisboa , e ultimamente Bispo de Viseo , a quem a Inquisição escolheu pelas suas letras , e qualidades ; sendo em todo o progresso deste negocio Inquisidor Geral D. Verissimo de Lencastre , que havia sido Arcebispo de Braga , não menos illustre pelas virtudes , que pelo sangue , e que desde o anno de 1686 foy Cardeal da Santa Igreja Romana. Para a guerra contra o Graõ Turco Mahomet IV. que em 1683 tinha posto em ultimo aperto a Praça de Vienna , Corte do Emperador Leopoldo I. soccorreo ElRey generosamente com grandes sommas de dinheiro ao Papa Innocencio XI. que agradeceo com hum Breve cheyo de carinho-

Prova num. 32.

123

ſas expreſſoens , a grandeza deſte ſubſídio , concorrendo eſte Santo Pontifice com groſſas remeſſas , e mais com as ſuas orações para a glorioſa vitoria , que o Duque Carlos de Lorena , e ElRey João Sobieſki de Polonia , confeſguiraõ em 7 de Setembro de 1683 , derrotando o formidavel Exercito do Graõ Viſir Ckara Muſtafá , a que ſe ſeguio huma torrente de conquiſtas , e vitorias nos annos ſeguintes. Para os lugares Santos de Jeruſalem deu tambem ElRey groſſas eſmolas , e hum rico ornamento bordado , e huma bacia para o lavapés , e duas alampadas de prata de obra primorosa , que ardem no Santo Sepulcro , deixando para a ſua ſubſiſtencia renda effectiva na Caſa da India. Outros ſemelhantes teſtemunhos da ſua piedade ſe vem neſte Reyno , ſendo o mayor padraõ a grandeza , com que fez dar fim ao Moſteiro de Santa Clara de Coimbra , em que ſe venera o corpo da Rainha Santa Iſabel , ſua aſcendente. Obras ſuas ſão o Forte de Alcantara , e outros , com que poz em mayor deſenſa a Cidade de Lisboa , e os que ficaõ da banda dalém do rio ; e no Reyno reparou , e adiantou muito as fortificações de varias Praças. Quando os Mouros ſitiaraõ a Cidade de Oraõ , com grande perigo dos Heſpanhoes , que valeroſamente defendiaõ aquella Praça , achando-ſe no eſtado da ultima ruina , a ſoccorreo ElRey com huma poderosa armada no anno de 1677 , e ſe naõ fora taõ prompto o ſoccorro della , de que era General Pedro

dro Jaques de Magalhaens, Visconde de Fonte Arcada, servindo de Almirante o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, embarcando-se nella muitos Fidalgos, não só Officiaes, mas voluntarios, e superando o General os mares, e ventos, que parecia se oppunhaõ a embaraçar-se este soccorro, tão valeroso no mar, como na terra, venceo todas as contrariedades, introduzindo o soccorro, com que os Hespanhoes triunfaraõ da porfia, e contumacia dos Mouros, devendo tão glorioso successo à generosa promptidaõ, com que ElRey D. Pedro os soccorreo. E segunda vez auxiliou Hespanha com as suas armas, como experimentou a famosa Cidade de Ceuta, quando se vio sitiada pelos Mouros, para cuja defenſa lhe mandou hum Terço de Infantaria, de que era Mestre de Campo Pedro Mascarenhas, depois Conde de Sandomil, que do seu valor deu naquella Praça não vulgares provas, e depois mandou as armas na Provincia de Alentejo, com tanta opiniaõ, que conseguiu universal applauso nos Soldados. E contra o Mouros, assim nas Armadas, com que todos os annos seguira as Costas maritimas, como na Praça de Mazagaõ, conseguiu diversas ventagens. No seu tempo se começaraõ a descobrir as minas de ouro, sendo Governador do Rio de Janeiro Artur de Sá, e já de entaõ principiaraõ as frotas a conduzir abundante porçaõ deste tão desejado metal. No Reyno de Angola, sendo Capitaõ General Francisco de Tavo-

Tavora, (depois Conde de Alvor) alcançou huma importante victoria do Rey de Dongo, ou das Pedras, de que foy consequencia a tranquillidade, e soccego daquelle Reyno. Na Capitania de Pernambuco, sendo Governador Caetano de Mello de Castro, castigou os Negros levantados nos Palmares, não só reduzindo-os à obediencia, que muitos annos tinhaõ disputado, defendidos em hum sitio, que parecia inconquistavel. No Estado da India, supposto se perdeo a Praça de Mombaça, obraraõ milagres de valor os sitiados, conjurando-se o tempo para a sua desgraça contra a Armada, com que os soccorriaõ, de que era Capitão môr Henrique Jaques de Magalhaens. Tambem em diversos successos no mesmo Oriente, se acreditaraõ as suas bandeiras no mar, e na terra; porque com grande cuidado attendeo sempre ao bem, e utilidade dos seus Vassallos.

He admiravel prova do quanto se empregou na utilidade publica do Reyno, o que praticou na redução da moeda, em que perdeo grossas quantias de dinheiro, extinguindo toda a que haviaõ falsificado, ou diminuido, e fazendo bater de novo outra, e augmentando huma, e outra. Com a occasião do casamento de Saboya fez lavrar huma medalha de ouro, a qual deixamos estampada no Tomo IV. Liv. V. desta Historia. O Commercio, como principal porção, de que se anima a Republica, amparou com grande benignidade, para que flore-

florecedo, se augmentassem os cabedae. O mesmo experimentaraõ os fabricantes dos panos, sedas, e outros muitos generos, que no seu tempo tiveraõ principio, de que se seguiu fazeremnos excellentes em algumas terras das Provincias de Alentejo, e Beira, como tambem a cultura dos bichos da seda, entregando a direcção destas, e outras fabricas ao zelo de Dom Luiz de Menezes, Conde da Ericeira, seu Védor da Fazenda, que naõ vivendo muito depois do seu estabelecimento, naõ tiveraõ os progressos, que conseguiriaõ com a sua actividade, se lhe durara mais tempo a vida: e o mesmo, sendo Védor da Fazenda, deu a direcção da moeda, e na Casa desta se accrescentaraõ instrumentos, e officinas, e recolhendo-se toda a do Reyno para se reduzir a nova fórma, se restituio prompta, e pontualmente, sem a menor falta. As rendas Reaes se augmentaraõ tambem excessivamente no seu tempo; porque só o Contrato do Tabaco sobio a milhoens de cruzados, e outros muitos à proporção, com grande utilidade do patrimonio Real. Estabeleceo importantes Leys: entre ellas foy a que mandou passar em Lisboa contra os desaios a 16 de Junho de 1668 com gravissimas penas; e a que mandou passar a 23 de Novembro de 1674, na qual se determina o modo da regencia do Reyno, e Tutores dos Reys, que succederem na Coroa, de menor idade de quatorze annos, a qual elle estabeleceo à instancia dos Tres Estados da Nobreza, Povo, e Clero

Torre do Tombo liv.
5. das Leys, pag. 91.

Prova num. 83.

Clero, juntos em Cortes, no referido anno. No Prova num. 84.
de 1698, em que se celebraraõ as Cortes, em que
foy jurado o Principe D. Joaõ seu filho herdeiro
da Coroa, passou outra Ley a 12 de Abril do
referido anno, a qual os Tres Estados do Reyno
juntos nas Cortes, approvaraõ, e pediraõ: nella se
declara a fôrma, em que devem succeder no Rey-
no os filhos descendentes dos Reys, que legitima-
mente succeder a seu irmaõ, que falecesse sem des-
cendencia, para que succedaõ por sua ordem, sem
ser necessario approvaçaõ, ou consentimento dos
Tres Estados do Reyno, declarando, e interpre-
tando as Cortes de Lamego, e derogando-as, se
necessario fosse naquella parte para melhor estabe-
lecimento da Monarchia. Além destas fundamen-
taes, e taõ importantes, fez outras Leys muyto
uteis ao bem, e economia do Reyno.

Prova num. 85.

No principio da sua Regencia no anno de
1668 celebrou ElRey a paz com ElRey D. Car-
los II. e conservou depois por tantos annos em hu-
ma ditosa tranquillidade os seus Reynos: pelo que
o appellidaraõ o *Pacifico*, até o anno de 1704, em
que rompendo-se a guerra com Hespanha, confe-
guiraõ depois as suas armas a immortal gloria na
memoravel Campanha do anno de 1706.

Por nomeaçãõ sua proveo o Papa Clemente
X. todas as Cathedraes do Reyno, e suas Conquif-
tas de dignissimos Prelados no anno de 1671, e por
nomina sua creou o Papa Clemente X. Cardeal a

Tom.VII.

Q999

Ce-

Cesar de Estrês, Bispo, e Duque de Laon, no anno de 1672. O Papa Innocencio XI. a D. Verissimo de Lencastre, Inquisidor Geral, que havia sido Arcebispo de Braga, no anno de 1686. O Papa Innocencio XII. a Luiz de Sousa, Arcebispo de Lisboa, e seu Capellaõ mór, no anno de 1697. No seu tempo o Papa Clemente XI. fez no anno de 1706 Cardeal a D. Miguel Angelo Conti, entaõ Nuncio nestes Reynos, e Arcebispo de Tarso, que depois foy Papa com o nome de Innocencio XIII. Tambem à sua instancia o Papa Innocencio XI. erigio diversas Igrejas na America, passando a Metropolitano o Bispado da Bahia, por Bulla passada em Roma a 16 de Novembro de 1676, sendo o primeiro sagrado com esta Dignidade o Arcebispo D. Gaspar Barata de Mendoça. O mesmo Papa lhe deu por Suffraganeos os Bispados do Rio de Janeiro, e Pernambuco, erigidos ambos por Bullas passadas no mesmo dia, e anno: do Rio, foy seu primeiro Bispo D. Fr. Manoel Pereira, da Ordem dos Prégadores, que não foy ao Bispado por ser empregado no lugar de Secretario de Estado: de Pernambuco, foy o primeiro Bispo D. Estevoã Brioso de Figueiredo, que era Vigario Geral do Arcebisnado de Lisboa. O mesmo Papa Innocencio XI. erigio em Bispado o Maranhão por Bulla passada a 30 de Agosto do anno de 1677, de que foy seu primeiro Bispo Dom Fr. Antonio de Santa Maria, Titular de Neocesárca, Deaõ da Capella Real,

Prova num. 86.
Prova num. 87.

Prova num. 88.

Prova num. 89.

Real, que havia sido Religioso da Ordem Scrafi-
ca da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos,
que não foy ao Bispado, e depois promovido ao
de Miranda: e pela largueza do estado do Mara-
nhaõ, se erigio depois o Bispado do Graõ Pará,
como diremos no Capitulo X. deste Livro. Na
Asia, no Imperio da China, erigio tambem à sua
instancia o Papa Alexandre VIII. os Bispados de
Pekim por Bulla passada a 10 de Abril do anno de 1690, e o de Nankim por Bulla passada no mesmo
dia, e anno no primeiro do seu Pontificado. Prova num. 90.
Prova num. 91.

Como não escrevemos a Historia universal do
Reyno, e só nas Vidas dos Principes apontamos
aquellas circumstancias, de que achámos documen-
tos, ou aquellas memorias seguras, de que muitas
até agora se não trataraõ miudamente por outros
Historiadores, nos pareceo resumir neste lugar por
mayor algumas noticias dos successos do reynado
del Rey D. Pedro II. repartidas por materias, prin-
cipalmente nas negociações com outros Principes.

Feita a paz com a igualdade, que se devia, en-
tre os Reis de Portugal, e Catholico em 1668,
primeiro anno do governo do Principe Regente,
recebeo nesta Corte por Embaixador del Rey Ca-
tholico ao Baraõ de Bataville, como já se apontou,
e morrendo em Lisboa em 1670, deixou occulta-
mente introduzido em alguns animos descontentes a
falsa, e impropria idéa de querer, com as armas de
Castella, introduzir outra vez no governo do Rey-

Tom. VII.

Qqqq ii no

no a El Rey Dom Affonso VI. que estava na Ilha Terceira: e como o Marquez de Eliche D. Anniello de Gusman, e outros prisioneiros illustres, que estavam no Castello de Lisboa, tinhaõ já principiado esta pratica com alguns, dos que indiscretamente os visitavaõ com mais frequencia, achou o Conde de Hummannes, successor no ministerio, mas naõ no talento do Baraõ de Bataville, occasiaõ de continuar aquelle infiel projecto, de que resultou ausentar-se do Reyno para Madrid Francisco de Mendoça, Alcaide mór de Mouraõ, e em 1674 se fizeraõ em Lisboa algumas execuções. Constando depois ao mesmo Principe, que o principal, dos que foraõ degollados, que foy Fernaõ Mascarenhas, estava innocente, e da mesma sorte foraõ soltos depois alguns Fidalgos, que com menos averiguaçaõ, e pelo indicio de parentes de Francisco de Mendoça foraõ prezos, entre os quaes era Joaõ de Almada de Mello, que tendo servido com muito valor, (como Fernaõ Mascarenhas tambem o fizera) sabendo, que o queriaõ prender, se ausentava, e sendo o seu brio igual à sua innocencia, o fizeraõ perder o juizo, que depois de mais de quarenta annos, e havendo muitos, que estava livre, se lhe restituiu felizmente antes da sua morte, e Jeronymo de Mendoça, irmão de Francisco de Mendoça, foy degradado por toda a vida para a India, onde seu irmão Luiz de Mendoça, depois Conde do Lavradio, tinha sido Vice-Rey com grande acerto, e fide-

e fidelidade, independente das fatalidades, que padeceo a sua illustre familia. O Conde de Hummannes tinha feito a sua entrada publica; e porque nella faltou, ou por perturbação, ou por malicia a alguma das formalidades, que devia obſervar, e ſe lhe tinhaõ advertido, o mandou o Principe fazer ſegunda entrada, em que ſatisfez ao que havia faltado, recolhendo-ſe logo para Madrid.

Naquella Corte tinha o Marquez de Arronches com a ſua coſtumada experiencia, adquirida em outras Embaixadas, manejado com ſocego os delicados negocios, que tinhaõ occorrido entre as duas Cortes depois da paz; mas ſuccedendolhe o Marquez de Gouvea D. Joaõ da Sylva, de quem era Secretario Miguel da Sylva Pereira, que escreveu huma Relação deſta Embaixada com excellente eſtylo, e foy depois Chanceller da Relação, e Deſembargador do Paço, experimentaraõ no povo de Madrid os effeitos do rancor da paſſada guerra, e ſeparação do Reyno, e dos ſucceſſos do Conde de Hummannes em Lisboa, e intentou aſſaltar-lhe a caſa, e offender-lhe alguns criados. Naõ tendo o Marquez a ſatisfação prompta, que pedia, ſe retirou com a Marqueza ſua mulher para hum Lugar perto de Madrid: mas vendo aquella Corte, que o Principe D. Pedro ſe preparava para romper huma nova guerra, juſtificou, que naõ tivera parte no tumulto, tirou o emprego, e deſterrou hum Alcaide de Corte, pelo naõ diſſipar a tempo, e mandou

Memories do Conde da Enceira D. Francisco Xavier de Meneses.

*Clede Hiſtor. de Portugal, tom. 2. liv. 32
Pag. 787.*

dou pela posta a Lisboa por Enviado ao Abbade de Mazarate, que morreo em Lisboa depois de alguns annos, em que exercitou com prudencia o seu ministerio. Nelle lhe succederaõ em Lisboa, entre alguns Ministros de menos caracter, que residiraõ nesta Corte, o Bispo de Avila D. Fr. Diogo Fernandes de Angulo, da Ordem de S. Francisco, com o caracter de Embaixador Extraordinario, que havia sido Arcebispo de Sardenha, e Vice-Rey do mesmo Reyno, em cujo tempo naõ houve cousa memoravel, mais que as festas, que fez com muito luzimento, quando se ajustou o casamento delRey D. Pedro em 1687. Nestas demonstrações se distinguio D. Manoel de Sentmanat e Lanusa, que no tempo de Enviado, e depois no de Embaixador, conseguiu o agrado delRey, mas naõ que se declarasse a favor de Hespanha, como elle, e seus successores procuraraõ, e se conservou Portugal na neutralidade. No anno de 1680 governava D. Manoel Lobo a Nova Colonia do Sacramento, que junto ao Rio da Prata pertence a Portugal, pelas antigas demarcações, e novos Tratados, e está situada na America Meridional, e contra a boa fé ganhou esta Fortaleza o Governador de Buenos Aires, fazendo prisioneiro ao Governador, e a guarnição: com esta noticia, justa, e generosamente estimulando o Principe Dom Pedro, se preparou para ir em pessoa fazer guerra a Hespanha, para o que tinha já nomeada, mas naõ publicada a promoção dos Generaes,

neraes, de que ainda naquelle tempo havia muitos valerosamente experimentados na ultima guerra, sem embargo de acharse Hespanha em paz, pela que havia firmado em Nimega nos annos antecedentes. Por não entrar neste novo empenho por tão injusta causa, mandou ElRey Catholico Dom Carlos II. por seu Embaixador Extraordinario a D. Domingos Judice, Duque de Giovenazzo, e Principe de Cellamare em Napoles, que tinha sido Embaixador em outras partes, e satisfazendo à nossa Corte com a restituição da Colonia, e prisioneiros, e com o Tratado, de que já fizemos menção no Livro IV. Capitulo III. pag. 119. sobre o que houve em Badajoz conferencias de homens doutos de ambas as Nações, ficando depois a Portugal a inteira cessão daquella Colonia, e seu territorio pela paz de Utrech. Estando o Duque de Geovenazzo em Lisboa, intentou o Marquez d'Oppet, Embaixador de França, insultallo com gente armada, quando sahia de noite de visitar o Nuncio Marcello Durazzo, parece que com alguma ordem secreta, que teve de Pariz, por outro encontro, que o Duque tivera com o Embaixador de França na Corte de Saboya. Sabendo o Principe este intempestivo movimento do Embaixador de França, chamou na mesma noite o Conselho de Estado, e mandou promptamente com Tropas assegurar a retirada do Embaixador, e a sua casa com guardas nos dias successivos, fazendo ao Embaixador de França retirar a gente

gente da sua Nação, que juntara, tendo-selhe advertido efficazmente quanto se havia estranhado, o que emprendera. Aos dous Marquezes de Arronches, e Gouvea, succederaõ os Enviados Duarte Ribeiro de Macedo, Joseph de Faria, Mendo de Foyos Pereira, e Diogo de Mendoça Corte-Real, sendo os tres ultimos depois Secretarios de Estado, e dando todos naquella Corte taõ continuas provas do seu talento, que ainda hoje dura nella a sua memoria, e conservaraõ o Reyno em paz até os ultimos tempos, tendo Portugal, como dissemos, socorrido generosamente Oraõ, e Ceuta.

Com a Corte de França tinha ElRey D. Afonso VI. concluido em 1666 a ventajosa liga, que referimos, e como a pezar das instancias do Abba-de de Saõ Roman, Embaixador à nossa Corte, se concluiu a paz com Hespanha, naõ houve naquelle tempo negocio de grande importancia entre as duas Coroas, ainda que o Marquez de Guenegaut, Enviado de França, procurou, offerecendo a Portugal grandes ventagens, de que imprimio hum papel, que se mandou recolher, que nos declarassemos contra Hespanha, a quem França fazia, e a Hollanda, e a outros Principes a guerra, que principiou em 1672, e acabou em 1678 com a paz de Nimega. Para entrar neste Tratado, e ser medianteiro, foy convidado o Principe Regente, que nomeava primeiro para Embaixador ao Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, e depois a Francisco de Tavo-

Tavora, que ainda não era Conde de Alvor, porém ou fosse politica, ou irresolução, não foram Ministros Portuguezes a este Congresso, discorrendo os Estrangeiros nos seus livros, que Portugal não quizera concorrer para o excessivo poder, que tinha França, procurando, que fosse o Tratado da Paz ainda mais ventajoso, do que foy àquelle Reyno, nem para que Hespanha tivesse mayores interesses. Ao Marquez d'Oppet, que se seguiu ao Enviado Guenegaut, e fez huma luzida entrada, succederam os Embaixadores Marquez de Amelot, e o Vidam d'Esnauld, que trouxeram suas mulheres, e tambem tinha voltado em 1683 o Abbade de S. Roman, que foy Embaixador pouco tempo, e não houve no do ministerio destes Ministros, que todos o executaram com grande luzimento, e acerto, mais negocio de importancia, do que o das perenções, que fizeram para o casamento da Infanta D. Isabel, e depois para o delRey D. Pedro, procurando, que fossem com Principes, ou Princezas de França, ou que estivessem nos seus interesses, o que se não conseguiu, porque a Infanta não casou, e ElRey o fez com huma filha do Eleitor Palatino, Principe dos mais oppostos às vastas idéas de Luiz XIV. Veyo depois a Lieboa o Abbade de Esté, e residindo alguns annos, passou à Embaixada de Hespanha, com cujo Exercito entrou em Portugal acompanhando a ElRey Catholico, e ultimamente foy por largo tempo Embaixador o Presidente Ro-

Tom.VII. Rrrr wil.

wille, que com diversa fortuna correio na sua negociação, pois tendo Portugal acodido ao Tratado da partilha, que França, Inglaterra, e Hollanda, fizeram em 1700, em que dividiaõ da Monarchia de Hespanha alguns de seus Estados em Italia, e outras partes, conseguio em 1701 hum ligã de Portugal com França, e Hespanha, que depois, como dissemos, passou a huma neutralidade, e em fim a hum Tratado inteiramente opposto, e retirando-se por esta causa o Presidente Rowille, tinha vindo nomeado Embaixador em 1703 o Marquez de Chauvauneuf, que a pezar das suas activas negociações, e das Cartas, que trouxe do Cardeal de Estreés, não pode embaraçar a execução da nova alliança, recolhendo-se quando chegava o Archiduque Carlos de Austria. Na Corte de França foram Enviados, no tempo deste Reynado, Duarte Ribeiro de Macedo, por pouco tempo, e com muito acerto, e com igual, e mais annos Salvador Teborda Portugal; e a dar os pezames da morte da Rainha de França D. Maria Theresa de Austria, foy D. Joaõ de Ataide, filho do Conde de Castro Dairo D. Jorge de Ataide, vindo a Lisboa com semelhante commissão pela morte da Rainha D. Maria Francisca de Saboya o Marquez de Torci, filho do grande Colbert, e depois famoso pelo seu emprego de Secretario de Estado dos negocios Estrangeiros. Depois se seguiu Francisco Pereira da Sylva, e Joseph da Cunha Brochado, que com grande ta-

lento

lento havia sido Secretario da Embaixada do Marquez de Cascaes D. Luiz Alvares de Castro, que não achando esquecidas as memorias, que em quasi sessenta annos ficaraõ impressas naquella grande Corte da magnificencia da Embaixada do Marquez D. Alvaro seu pay, as soube renovar com mais annos de residencia em Pariz, havendo feito a sua entrada, e conservando igual luzimento, com aceitação universal dos Francezes, e distincões particulares do seu grande Rey Luiz XIV. o que até mostrou na joya, que lhe deu de mayor preço, do que se costuma aos Embaixadores, declarando, que por especial attençaõ, que fazia da sua pessoa, não serviria de exemplo para os mais. Igual attençaõ deveo o Marquez ao Duque de Orleans, irmão unico delRey, a quem deu magnificamente de cear em sua casa; e recolhendo-se com igual satisfação de ambas as Cortes, ficou na de Pariz Joseph da Cunha Brochado por Enviado, e depois que a guerra se rompeo com Hespanha, se recolheo a Lisboa, como dissemos. Em 1693 appareceo na Bahia de Lagos o Marechal de Tourvil com huma grossa Armada para esperar a frota de Esmirna, que os Ingleses comboyavaõ com alguns navios de guerra. ElRey puchou Tropas de Alentejo, que governava Diniz de Mello de Castro, em quanto não foubes o fim da Armada Franceza, que foy o de derrotar, como fez, parte daquella frota, offerecendo a ElRey os seus navios, que nesta, e em outras oc-

Tom.VII.

Rrrr ii

casioens

casoens foraõ bem recebidos nos nossos pórtos, como os das outras Nações, segundo as clausulas dos Tratados.

Com Inglaterra conservou ElRey a boa correspondencia, que quasi sempre houve entre as duas Nações, e que até o anno de 1685 acrecentou o parentesco dos dous Reys. Em Londres naõ houve mais Embaixador, que o Marquez de Aronches, e o tinha sido D. Francisco de Mello, e de ambos fazem memoria com louvor merecido os Escriitores de varias Nações, como tambem dos Enviados Joseph de Faria, Simaõ de Sousa de Magalhaens, e o Visconde de Fonte-Arcada Manoel Jaquez de Magalhaens, e com huma commissaõ extraordinaria Pedro de Figuciredo de Alarcã, e outros Ministros, em que se distinguio D. Luiz da Cunha, que depois teve o caracter de Embaixador: e no tempo do seu ministerio, que comprehendeo quasi dez annos na vida delRey D. Pedro, mostrou desde o anno de 1696 naquella Corte, e depois nas mayores da Europa, o seu grande talento, e virtudes politicas; concorrendo para os soccorros, que Inglaterra mandou a Portugal desde o anno de 1704 para a nova alliança, e escrevendo em seis grandes volumes todas as suas negociações, memorias, e tratados da Europa, que offereceo depois à magnifica Livraria delRey D. Joaõ V. excellentemente escritos na materia, e na fórma com admiraveis reflexoens, e tratados particulares, de que os primi-

primeiros volumes podem servir muito para a Historia delRey D. Pedro II. Outro negocio se tratou em Londres, e não se conseguiu, pois sabendo elRey, que o de Inglaterra Carlos II. queria demolir, e abandonar a Praça de Tangere, que tinha sido dote da Rainha sua mulher, como deixamos escrito, ouvindo o projecto, e o voto do Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, do Conselho de Estado, que tinha sido cinco annos Governador, e Capitão de Tangere com grande acerto, e com o mesmo escrito a historia daquella Cidade, que corre impressa, como dissemos no Livro VI. Capitulo V. propoz comprar Tangere por evitar, que a occupassem os Mouros, e para restituir a Portugal este antigo padraõ de acções tão gloriosas; mas o Parlamento teve por mais util fazer a despeza de arruinalla, que evitando-a, achar a conveniencia de vendella; e assim deixando-a demolida, e o seu porto embaraçado, a occuparaõ os Mouros, não se seguindo a idéa, que o mesmo Conde até à sua morte repetio de restaurar Tangere. Em Lisboa foraõ Ministros de mayor caracter, depois que se fez a paz, em que Inglaterra teve tanta parte, como dissemos, pelo Conde de Sanduick, nos ultimos tempos delRey Joaõ Methwin, e Paulo Methwin seu filho, ambos de grande capacidade, e Milord Galoway, todos tres Embaixadores, e outros Enviados de muito merecimento, como tambem o foraõ os Generaes Inglezes, depois do Duque de Lensteir

Ar-

Armando de Schomberg, havendo voltado a Lisboa o Marichal Frederico seu pay, Conde de Meritola em Portugal, quando Luiz XIV. o fez fahir de França com os mais, a que comprehendeo a revogação do Edicto de Nantes, e em Lisboa confereio com o Conde de Maunsfelt, Ministro do Emperador, que veyo de Madrid, as primeiras idéas da liga, que se fez contra França em 1688; e honrando ElRey muito ao Marichal, a quem, e a seus filhos pagava pontualmente cada anno dezoito mil cruzados em premio dos seus grandes serviços; e ElRey de França, em quanto elle estive em Portugal, lhe pagava os soldos, e pensoens, que tinha naquelle Reyno; depois passou o Marichal ao serviço do Eleitor de Brandembourgo, e depois ao de Inglaterra, aonde morreo de larga idade, vencendo em Irlanda a batalha de Boyne.

Em Hollanda foy Embaixador depois do Marquez de Arronches, que duas vezes teve este emprego, D. Francisco de Mello, que com grande juizo, e discrição tratou as dependencias de Portugal, que se reduziraõ a alguns pontos do commercio na Costa da Mina, e mais Conquistas, e ao pagamento, que ElRey fez executar pontualmente pela assignação, que pelos ultimos Tratados se estabeleceo no sal de Setuval: e na Haya foraõ depois Ministros os Enviados Diogo de Mendoga Corte-Real, e Francisco de Sousa Pacheco, ambos bem conhecidos de todas as Nações pelas suas rele-

relevantes circumstancias, e merecimentos. Em Lisboa successivamente houve Enviados, e Residentes de Hollanda, e com caracter de Plenipotenciario, quando em 1703 se affinou a liga de Portugal, residio em Lisboa, aonde depois morreo, Francisco de Schonemberg.

Com o Emperador se estreitaraõ os vinculos pelo casamento delRey com a irmã da Imperatriz Leonor, e ultimamente com a vinda do Archiduque, e a grande alliança; e foy à Corte de Vienna por Embaixador Extraordinario Carlos Joseph de Ligne, que neste Reyno foy Marquez de Aronches por casar com D. Marianna de Sousa, herdeira desta grande Casa, e a Lisboa veyo por Embaixador Extraordinario o Conde de Walftein, que com igual luzimento residio nesta Corte, aonde primeiro teve o pezar de ver concluir em 1701 a liga com França, e depois a fortuna de affinar em 1703 a grande alliança; mas recolhendo-se a Alemanha por mar em huma nao de guerra Hollandeza, o fizeram prisioneiro os Francezes. E a huma, e outra Certe, em occasioens de pezames, e parabens, e outras, foraõ diversos Cavalheros da parte de ambos os Monarcas.

Com a Corte de Turim houve reciproca correspondencia, de que temos dado bastante noticia, e agora, que só fazemos memoria dos Ministros, que houve no Reynado delRey D. Pedro, e por mayor do estado politico dos trinta e nove annos do

do seu governo diremos , que a uniaõ , e o parentesco da Rainha de Portugal , e de Madame Real Maria Joanna Bautista de Saboya , e o casamento , que depois se desvaneeo , foraõ causa dos Ministros , que tiveraõ os dous Principes nas Cortes reciprocas. O Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora foy por Embaixador Extraordinario à Corte de Turim no anno de 1676 , e mostrando nesta occasiaõ , como em todas , o seu talento , e generosidade , teve , quando se recolheo a Portugal , nova occasiaõ de exercitar o grande valor , que tinha mostrado na guerra passada ; porque ao navio , em que vinha , investiraõ cinco de Argel com muita força , e com grande numero de Mouros , e não se atrevendo abordallo , o combateraõ vigorosamente com a artilharia ; e o Conde , a quem acompanhava D. Luiz Balthazar da Sylveira , e outros Fidalgos de distincão , fazendo fogo contra os cinco navios , os deixou muito maltratados com grande perda de gente , e os seguiu , quando fogiraõ , desprezando huma perigosa balla , que recebeo , e mandando , que o puzessem ao pé do mastro grande , de donde dava as suas ordens , ao mesmo tempo , que o curavaõ : e vencedor lhe fez o Principe D. Pedro a honra de o visitar , concedendolhe varios despachos , e distinguindo-o no seu favor , que lhe continuou muitos annos , occupando-o depois nos lugares , que temos dito , até perder gloriosamente a vida , quando se ganhou Alcantara. Em Turim estiveraõ

tiveraõ por Enviados Duarte Ribeiro de Macedo, Diogo de Carvalho de Serqueira, depois Desembargador do Paço, e outros. O Duque de Cadaval teve, como dissemos, o caracter de Embaixador Extraordinario, quando havia de conduzir o Duque de Saboya, que em Lisboa naõ teve mais Embaixador, que o Marquez de Ornero para os esposões com a Infanta, que referimos, e por Enviado o Conde de Governatis, vindo a outras commissoens o Abbade de la Tour, o Marquez de Vougera, e outros.

O Graõ Duque de Toscana pertendeo, como os mayores Principes da Europa, o casamento da Infanta D. Isabel, e o Duque de Parma mandou para o mesmo effeito ao Conde de Simoneta. A El-Rey de Prussia reconheceo El-Rey D. Pedro, e houve Ministros em ambas as Cortes, e tambem de outros Principes; e sendo o nossõ Padinho de hum filho do famoso Rey de Polonia Joaõ Sobieski, mandou àquella Corte a Francisco Pereira da Sylva, e foraõ àquelle Reyno, e ao de Hungria, Francisco Pimentel, e outros Officiaes, e Engenheiros Portuguezes, que se acharaõ valerosamente com Antonio Machado de Brito, depois famoso General na India, no sitio de Neuhaufel, e em diversas occasioens. A Lisboa chegou em Fevereiro de 1688 incognito o Principe Jorge Augusto de Saxonia, irmão do Eleitor Joaõ Jorge de Saxonia, que veyo a succeder a seu irmão no Eleitorado, e Ducado de Saxo.

Tom. VII.

Sess

nia,

Memorias m. f. do Du-
que de Cadaval, tom.
VI. pag. 204.

nia, e depois foy o famoso Rey Augusto II. de Polonia, e pedindo audiencia pelo Secretario de Estado a ElRey, à Rainha, e à Senhora Infanta D. Isabel, ElRey lha deu na sua Camera, aonde o conduzio o Marquez de Marialva, Gentil-homem da Camera de semana, que o foy receber ao topo da escada do Paço; o seu coche entrou no pateo do Paço, e a guarda dos Archeiros lhe tomou as armas, e levando-o o Marquez à sua mão direita até à Camera delRey, onde se achava o Conde de Santa Cruz, Mordomo môr, e o Conde de Vianna, Escribeiro môr, que sahiraõ para fóra tanto, que o Principe chegou à presença delRey, ficando todos à porta da Camera. ElRey estava em pé com o chapeo sobre hum bafete, e tanto, que chegou o Principe, deu tres passos a recebello, e nesta fórma lhe fallou, sendo Interprete o Padre Leopoldo Suefs, Confessôr da Rainha. ElRey o recebeu com muito agrado, dando os mesmos passos quando se despedio: o Marquez de Marialva o conduzio à presença da Rainha, e Infanta, que estavaõ na casa interior da ante-camera, e ambas deraõ os mesmos passos, que ElRey; na casa se achavaõ os Officiaes da Rainha, e Infanta, as suas Camereiras môres, Senhoras de Honor, e Damas. Acabada a audiencia, o Marquez de Marialva o conduzio ao mesmo lugar, em que o recebeu. Depois teve audiencia mais particular da Rainha, e o conduzio o Conde Baraõ de Alvito, Vêdor da Casa da Rainha,

nha, com a mesma cerimonia, que o Marquez de Marialva; ultimamente teve audiencia de despedida, em que se praticou o mesmo. Sempre fallou à Rainha em Alemao, e ella lhe respondia na mesma lingua, e nesta audiencia cumprimentou à Infanta em Francez, em que ella lhe respondeo. Foy ver a Torre de S. Gias, onde o salvarao com treze pefas, e receberao com todas as honras militares: passou a Cintra a ver o Paço, e aquelle agradavel sitio. Mandoulhe ElRey huma joya para o chapeo de diamantes de grande preço, que elle recebeo como favor especial, e mostrando gosto de hum cavallo dos da pessoa delRey, o Estribeiro mór lho mandou com huma rica manta. Desejou muito ElRey, e o Principe, terem occasiao de poderem ver exercitar as extraordinarias forças, e agilidade, em que ambos naõ tinhao entre os particulares, quem os igualasse no Mundo. Tambem o Graõ Duque Cosme III. sendo Principe, veyo a Portugal, e fallou a ElRey, que lhe fez hum presente de huma joya de diamantes, huma faca com o cabo guarnecido de diamantes, alcatifas, e hum docel bordado da China, e outras cousas da India de estimação, e o modo, e formalidade deixamos escrito no Livro III. Cap. V. pag. 441.

Já tratamos os negocios de Roma, sendo os mayores a Embaixada do Marquez das Minas, e a do Archebpo de Braga, e nas varias occasioens das duas Cortes, continuaraõ com acerto as negocia-

Tom. VII.

Ssss ii

ções

ções os Resi'tentes, e Enviados Joaõ de Roxas de Azevedo, Ministro de grande supposição, depois Desembargador do Pago, Chanceller mór do Reyno, e Secretario da Assinatura; o Doutor Domingos Barreiros Leitaõ, depois Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens; Bento da Fonseca, Desembargador dos Aggravos, que faleceo em Roma, o Padre Antonio do Rego, da Companhia de Jesu, que foy Residente, e ultimamente André de Mello de Castro, filho do Conde das Galveas Diniz de Mello, sendo primeiro Enviado Extraordinario, conseguiu neste caracter grandes distincções no tratamento, e mostrou desde entaõ as qualidades, que o fizeraõ depois nomear por El-Rey D. Joaõ V. Embaixador na mesma Curia, como largamente se dirá, tendo feito celebrar com extraordinaria magnificencia as Exequias delRey na Igreja nacional de Santo Antonio, de que ha hum livro, em que vem estampado o Mausoleo, e toda aquella Real pompa funebre. Os Nuncios, que vieraõ a este Reyno, foraõ Monsenhor Raviza, de quem foy Auditor Tarugi, depois Cardeal. Seguiu-se Marcello Durazzo, Genovez, residindo muitos annos com aceitação em Lisboa, e depois foy Cardeal, e lhe succedeo Monf. Nicolini, que morreo brevemente. Com a occasiã do nascimento do Principe D. Joaõ lhe trouxe as fachas Monf. Tanara, que tambem foy Cardeal, e Decano do Sacro Collegio; e logo lhe succedeo Monf. Cornaro,

ro, e sendo feito Cardeal, se recolheu a Italia, seguindo-se D. Miguel Angelo Conti, que por dez annos mostrou em Lisboa, que correspondiaõ as suas acções ao seu alto nascimento: e sendo feito, como dissemos, Cardeal, foy depois Protector do mesmo Reyno, como o havia sido o Cardeal de Estrée, e elevado ao summo Pontificado com o nome de Innocencio XIII.

Desejamos dar dos successos das Conquistas, e de outros militares, politicos, e civis, noticias mais individuaes; mas já ponderamos as razoes, porque o não faziamos, só diremos, que para todas as partes do Mundo, a que os Reys de Portugal estendem o seu vasto dominio, fez ElRey D. Pedro Vice-Reys, Capitaens Generaes, e Governadores de muito merecimento. Na Praça de Mazagaõ em Africa sustentou a guerra com os Mouros, em que houve a pezar da desigualdade do numero, occasiões muito ventajosas aos Christãos, e querendo ElRey de Mequines, temido Emperador de Fez, e Marrocos, sitiar Mazagaõ, que governava Luiz de Saldanha da Gama, depois Conselheiro de Guerra, e que se preparava para a defensão com o valor, de que era dotado, e que he hereditario na sua illustre familia; ElRey mandava soccorrer aquella Praça pelo Conde do Rio Grande, e o Rey barbaro com esta noticia desistio da empreza. Em Angola entre as ventagens, que se alcançaraõ contra os negros, foy a mayor, a que já referimos, a

de

de Francisco de Tavora contra ElRey das Pedras. Para recuperar Pate mandou o Principe em 1677 a D. Pedro de Almeida, que foy feito Conde de Assumar, e Vice-Rey da India, onde morreo brevemente, naõ sendo esta occasiã taõ bem succedida, nem a defenfa de Mombaça, que se perdeu, naõ se descuidando ElRey em procurar recuperalla com a Armada, que governava Henrique Jaques de Magalhaens, o que por entã se naõ conseguiu. Tambem ElRey mandou à India outras cinco naos de guerra no anno de 1685, de que hia por Capitã môr Manoel de Saldanha de Albuquerque para soccorrer o Conde de Alvor, que com o Seaggi teve huma arriscada guerra, em que na Ilha de Santo Estevã o livrou o seu valor, só com cinquenta Soldados, de hum grande numero de barbaros. Os Vice-Reys, naõ contando os Governadores da India, que houve no tempo delRey D. Pedro, foraõ Luiz de Mendoça, Conde do Lavradio, que em varias occasioens, que teve, conservou as armas, e o Estado com reputaçã, e morreo vindo para o Reyno; D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, que como dissemos viveo pouco; Francisco de Tavora, Conde de Alvor; D. Pedro Antonio de Noronha, Conde de Villa-Verde, depois Marquez de Angeja, e Vice-Rey do Brasil, que mostrou igualmente na India o seu acerto, do que na Europa o seu valor, e fez huma liga ventajosa com ElRey da Persia. Havia pouco, que falecera

lecera Xa Solimaõ, Rey da Persia, e succedellhe na Coroa Xa Sultan Ossen seu filho, mandou o Vice-Rey, por ordem que teve delRey D. Pedro, dar os parabens ao novo Rey da sua exaltação ao throno; esta attenção delRey Dom Pedro com o da Persia, assentava na boa correspondencia, que aquelle Rey conservava com o Estado da India, que no Porto de Bender-Congo tem huma Feitoria, onde sempre assiste hum Feitor posto pelo Vice-Rey, que cobra a pensão do dinheiro, e cavallos, que todos os annos nos pagaõ. Escolheo o Vice-Rey para esta Embaixada ao Doutor Gregorio Pereira Fidalgo da Sylveira, depois Desembargador do Paço, em quem concorriaõ capacidade, e talento, o qual executou a commissão com prudencia, e luzimento. He de saber, que os Arabios, com quem os nossos sempre tiveraõ guerra, mandaraõ algumas embarcações ao porto de Bender-Congo, que fica no Golfo Persico, e quebrando a paz, em que estavaõ com os Persas, desembarcaraõ, e roubaraõ a povoação, e matareaõ hum grande numero dos moradores: deste desfacato se sentio ElRey da Persia, pelo que ajustou huma liga com o Estado para fazerem guerra aos Arabios; sendo hum dos artigos mandar o Estado aquelle porto huma Armada, na qual havia de embarcar hum numerozo Exercito para desembarcar nas terras do Arabio, que ficado do porto em distancia de menos de dez legoas. ElRey da Persia ordenou se levantasse

tasse gente, e nomeou o General, que havia mandar o Exercito; porém não pode conseguir a expedição d'elle, porque foy fatal a esterilidade, que padeceo aquelle Reyno, o que impossibilitou o poderse conduzir a gente, que havia de embarcar na nossa Armada, por haverem de caminhar mais de cento e cincoenta legoas até o porto de Bender-Congo, onde estava a nossa Armada, de que era Capitão mór Francisco Pereira da Sylva, o qual depois de invernar naquelle porto inutilmente, esperando as ordens da Persia, não pode conseguir o desejado effeito de meter os Persas nas terras dos Arabios. Fica a Corte de Haspaam duzentas legoas distante do referido porto, onde desembarcou o Embaixador Gregorio Pereira, e fez a sua jornada para Haspaam com huma luzida comitiva, entrando nella em Junho de 1696, e foy recebido com grande estimação, praticando-se com elle o ceremonial, que aquella Corte não concede, senão a certos Soberanos; porque não houve cousa de singular distincção, que se não concedesse ao Embaixador, a quem na sua instrucção lhe era muy recommendada a restituição do Bispo daquella Cidade D. Fr. Elias de Santo Alberto, Religioso Carmelita Descalço, Varão de grande espirito, e letras, que naquelle Reyno havia feito grande serviço a Deos, o qual por machinas ordidas pelos Armenios Schismaticos, que na Cidade de Zulfa tem cinco Freguesias, em odio do Bispo lhe haver apartado dos seus erros hum

hum grande numero de Schismaticos , e reduzillos à veroadade da Religião Catholica Romana , conseguiraõ , que a Corte mandasse expulsar o Bispo, e os Religiosos Carmelitas Descalços seus Companheiros, do Convento, que tinhaõ na referida Cidade, e levaraõ o Bispo prezo à Corte, com os Religiosos a pé, diante de huma esquadra de Cavallos, e com grande pena de todos foy demolida a sua Igreja. Depois de varios trabalhos foy o Bispo posto na sua liberdade, e participando ao Papa Innocencio XII. que entaõ governava a Igreja de Deos, os seus trabalhos, lhe supplicava, que escrevesse a ElRey da Persia, e na mesma fórma o fez a ElRey Dom Pedro, para que interpuzesse o seu respeito, para que fosse com os seus Religiosos restituido à sua antiga residencia: pelo que ElRey ordenou ao Vice-Rey Conde de Villa-Verde, recommendasse muito ao Embaixador, que havia de mandar à Persia, este importante negocio, o que o Vice-Rey fez muy vivamente, como quem reconhecia o quanto ElRey seu Senhor se interessava de coraçãõ nas materias pertencentes ao augmento da Religião Catholica. Depois de estar na Corte de Haspaam Gregorio Pereira, recebeo o Bispo Cartas da Europa, e entre ellas hum Breve do Papa para ElRey da Persia: nelle lhe recommendava, que visto a disgraca, em que elle se achava, se valesse de algum Ministro de qualquer Potencia Catholica, que estivesse naquella Corte, para que pela

Prova num. 92.

Tom. VII.

Tttt

sua

- Prova num. 93. sua mão passasse o Breve à delRey da Persia. Recorreo o Bispo ao nosso Embaixador, porém elle, que senão podia encarregar daquella commissão em direitura, por não poder fazer as funções, que não tocavaõ ao seu caracter, tomou o arbitrio de se valer de Mirzathaer, primeiro Ministro daquella Corte, de quem era muy attendido, fazendolhe taõ bons officios em virtude das suas instrucções, conseguiu, que ElRey da Persia respondesse ao Papa, e fosse o Bispo restituído, com os seus Companheiros, à sua residencia, como elle refere nas Cartas, que escreveo de agradecimentos a ElRey D. Pedro, de Haspaam de 10 de Dezembro de 1697, e ao Vice-Rey Conde de Villa-Verde. O nosso Embaixador para mostrar a veneração, com que respeitava a Igreja Catholica, quiz fazer pomposo este acto; porque elle mesmo levou o Bispo à Cidade de Zuffa, que fica defronte da Corte, meditando hum rio, e entre huma, e outra huma fermosa ponte, sendo acompanhado de toda a sua luzida comitiva, a que se aggregou hum grande numero de Catholicos Romanos, Portuguezes, Armenios, Francezes, e Italianos, de que ha muitos naquella Corte, o que viraõ com inexplicavel pezar os Armenios Schismaticos. ElRey mandou reedificar a Igreja, e Convento, que se tinha demolido, que ainda hoje permanece. O Embaixador depois de ter recebido muitas honras delRey da Persia, e respondido ao Conde Vice-Rey, voltou a Goa, aoaide
- Prova num. 94.
- Prova num. 95.
- Prova num. 96.

aonde recebendo os agradecimentos do bem, que satisfizera a sua commissão, teve depois a approva-
ção do seu Soberano, com premio digno do seu merecimento. Succedeo ao Conde de Villa-Verde o Vice-Rey Antonio Luiz Coutinho, Almotacé mór, que faleceo vindo para Portugal, tendo mos-
trado na India, como o havia feito no Brasil, e ou-
tros governos, summa justiça, e desinteresse; Cae-
tano de Mello de Castro, que antes havia gover-
nado os Rios de Senna, e Pernambuco, com mui-
to acerto, e na India conseguiu consideraveis vito-
rias, ganhando as Ilhas de Corjuem, e Panellim,
adjacentes às terras de Bardès, que possuía Ofar
Defay, Bonfulo, chamado Chema Saunto, destru-
indo no Poço de Surrate o Almirante D. Antonio
de Menezes a Armada dos Arabios de Mascate,
pondo-a em precipitada fugida, e dandolhe caça
por muitas horas, e mostrou summa capacidade, pe-
leijando, quando voltava para o Reyno em 1706,
com grande valor na Costa do Brasil com hum Cos-
tario, a que fez fugir com muita perda.

Na America houve só de consideravel, o que
dissemos da perda, e restituição da Nova Colonia,
que depois de rota a guerra em 1704, resistio a hum
apertado sitio, que lhe puzeraõ os Castelhanos, e
defendeo Sebastião da Veiga Cabral, depois Gene-
ral de Batalha. A guerra dos Palmares, e outras
com os Gentios de menos importancia, o descobri-
mento das Minas em tempo de Artur de Sá, e An-

Tom. VII.

Tutt ii tonio

tonio de Albuquerque Coelho, e os governos de Afonso Furtado de Mendonça, Roque da Costa Barreto, ambos de grande distincão, e entre outros o do Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Sousa, e os mais, que se podem ver na *America Portugueza*, que escreveu Sebastião da Rocha Pita. É no Maranhão houve o tratado Provisional com França, que já referimos.

Creou ElRey de novo os Titulos seguintes:

A D. Francisco de Sousa, Conde do Prado, fez Marquez das Minas por Carta de 7 de Janeiro de 1670, que está na sua Chancellaria, livro 35. fol. 24.

A Dom João Mascarenhas, Conde da Torre, fez Marquez de Fronteira por Carta de 7 de Janeiro de 1670, liv. 35. fol. 25.

A Luiz Alvares de Tavora, Conde de S. João, fez Marquez de Tavôra por Carta de 18 de Agosto de 1687, que está na sua Chancellaria, liv. 18. fol. 14.

A Henrique de Sousa Tavares, Conde de Miranda, fez Marquez de Arronches, de que era Alcaide mór, por Carta de 28 de Junho de 1674, liv. 31. fol. 161. vers.

A Manoel Telles da Sylva, Conde de Villar-Mayor, fez Marquez de Alegrete, por Carta de 19 de Agosto de 1687, que está na sua Chancellaria, liv. 18. fol. 14.

A Federico, Conde de Schonberg, do seu
Conse-

Conselho de Guerra, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, creou Conde de Mertola de juro, e herdade, conforme a Ley Mental, de que se lhe passou Carta a 31 de Março de 1668, que está no liv. 28. fol. 417.

A Luiz de Mendoça fez Conde de Lavradio, de que se lhe passou Carta feita a 16 de Março de 1670, que está no liv. 46. fol. 276. na do seu assentamento.

A D. Francisco Mascarenhas fez Conde de Coculim, de que tirou Carta passada a 3 de Junho de 1676, que está na sua Chancellaria, liv. 24. fol. 343.

A Francisco de Tavora fez Conde de Alvor, de que tirou Carta passada a 4 de Fevereiro de 1684, que está no liv. 51. da sua Chancellaria, fol. 34.

A D. Pedro de Almeida fez Conde de Assumar por Carta de 11 de Abril de 1677, que está na dita Chancellaria, liv. 31. fol. 357.

A Diniz de Mello de Castro fez Conde das Galveas por Carta passada a 10 de Novembro de 1691, que está na dita Chancellaria, liv. 49. fol. 327.

A D. Manoel Coutinho fez Conde de Redondo (que havia vagado para a Coroa) por Carta de 20 de Dezembro de 1693, que está na dita Chancellaria, liv. 38. fol. 291.

A Lopo Furtado de Mendoça fez Conde do Rio-Grande por casar com D. Antonia Barreto de Sá, filha de Francisco Barreto de Menezes, por cu-
jos

jos finalados serviços se lhe fez esta merce, de que tirou Carta passada a 5 de Março de 1689, liv.21. da sua Chancellaria, fol.149.

A D. Miguel Luiz de Menezes fez Conde de Valadares por Carta de 20 de Junho de 1702, que está na dita Chancellaria, liv.28. fol.224.

A D. Joseph de Menezes fez Conde de Viana, de que tirou Carta passada a 8 de Fevereiro de 1692, e está na dita Chancellaria, livro 37. fol. 368.

A D. Luiz de Lencastre fez Conde de Villanova, titulo, que renovou na sua pessoa por acções, que tinha a esta Casa, em que succedeo a seu irmão o Conde de Figueiró.

A João Gomes da Sylva fez Conde de Tarouca, titulo, que renovou na sua pessoa por casar com D. Joanna de Menezes, herdeira da Casa de Tarouca, de que tirou Carta, feita a 20 de Fevereiro de 1698.

A Manoel de Mello, Graõ Prior do Crato, da Ordem de S. João de Malta, deu as honras de Conde, de que tirou Carta, feita a 18 de Fevereiro de 1668, que está no livro 32. fol.375.

A Manoel Jaquez de Magalhaens fez Visconde de Fonte Arcada, como se vê da Carta, que se lhe passou a 6 de Fevereiro de 1671, que está no livro 41. fol.59.

E nas mais Casas continuou os titulos, ainda nas em que não havia vidas, e nas de seus pays, deu

deu tambem titulo aos filhos , havendo dous , e alguma vez tres nas mesmas Casas.

Supposto, que os Criados, que serviraõ os officios da Casa Real , e Reyno, foraõ confirmados por ElRey quando entrou na Regencia do Reyno, eraõ os mesmos, que serviraõ a ElRey seuirmaõ, e já ficaõ referidos ; com tudo para mayor clareza, e porque depois se seguiraõ outros, nos pareceo dar conta delles, e daquelles, que immediatamente serviraõ a sua Real pessoa, como foraõ os Gentis-homens da sua Camera, que entraraõ a servir às semanas : pe'lo que naõ teve exercicio o officio de Camereiro môr, que naquelle tempo era D. Francisco de Sá de Menezes, I. Marquez de Fontes, a quem o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, quando se celebraraõ as primeiras Cortes no anno de 1668, fez aviso para acompanhar a ElRey, (entaõ Principe) e assistir detraz da cadeira, com declaraçaõ, que havia de levar o melhor lugar o Gentil-homem da Camera de semana, precedendo, e ficando o Marquez à sua maõ esquerda, o que lhe protestou, de que o Secretario de Estado, e o Notario publico Jacintho Fagundes Bezerra, Escrivaõ da Camera delRey, lhe deraõ por escrito o seu protesto, como consta do mesmo Auto.

E porque o governo delRey começou pela Regencia nas Cortes, em que foy jurado Principe, e successor da Coroa, em huma sexta feira da tarde

de

de 27 de Janeiro do anno de 1668, e nas que se celebraraõ em 9 de Junho de 1669, como temos dito, referiremos sem precedencia, os que se acharaõ neste Auto, occupando os officios da Casa Real, e Reyno, e foraõ os seguintes:

D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque do Cadaval, do Conselho de Estado, fez o officio de Condestavel.

D. Joaõ da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, e Presidente do Desembargo do Paço, Mordemo mór.

Luiz Alvares de Tavora, III. Conde de S. Joaõ, do Conselho de Guerra, Gentil-homem da Camera, que estava de semana.

Luiz da Sylva Tello de Menezes, que tambem era Gentil-homem da Camera, e occupava o lugar de Regedor da Casa da Supplicação.

D. Joaõ Mascarenhas, Conde da Torre, do Conselho de Guerra, Gentil-homem da Camera, depois do Conselho de Estado.

Manoel Telles da Sylva, II. Conde de Villar-Mayor, depois Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera, depois do Conselho de Estado.

D. Rodrigo de Menezes, Gentil-homem da Camera, e seu Estribeiro mór, depois do Conselho de Estado.

D. Francisco de Sottomayor, Bispo de Targa, Deaõ da Capella Real, Bispo eleito de Lamego, que exercitou a occupação de Capellaõ mór.

D.

D. Theodosio de Bragança, irmão do Duque de Cadaval.

D. Verissimo de Lencastre, do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio, depois Arcebispo de Braga, Inquisidor Geral, e do Conselho de Estado.

Manoel de Saldanha, Conego da Sé de Lisboa, todos tres Sumilheres da Cortina.

D. Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva, do Conselho de Estado, Capitaõ General do Exercito de Alentejo, e Governador da Provincia da Extremadura, e Praça de Cascaes, Védor da Fazenda.

D. Vasco Luiz da Gama, Almirante da India, I. Marquez de Niza, e Martim Affonso de Mello, II. Conde de S. Lourenço, ambos do Conselho de Estado, que eraõ Védores da Fazenda.

Henrique de Sousa Tavares, III. Conde de Miranda, (depois Marquez de Arronhes) do Conselho de Estado, e Governador da Relação do Porto.

D. Joaõ Mascarenhas, Conde de Sabugal, do Conselho de Guerra, fez o officio de Meirinho môr.

Luiz de Mello, Porteiro môr, e Capitaõ da Guarda Portugueza, depois tirou Carta passada a 2 de Julho de 1671, que está no livro 36. da sua Chancellaria, fol. 58. em que diz succedera a seu pay.

Tom. VII.

Uuuu

D.

D. Lucas de Portugal, Mestre-Salla da Casa Real.

Lourenço de Sousa de Menezes, Conde de Santiago, Apontador mór.

Fernão de Sousa Coutinho, (depois Conde de Redondo) Vedor da Casa Real.

D. Diogo de Menezes, fez o officio de Reposteiro mór nas Cortes de 1668.

Luiz de Mello da Sylva, Conde de S. Lourenço, fez o officio de Reposteiro mór nas Cortes de 1669.

D. Alvaro Pires de Castro, I. Marquez de Cascaes, do Conselho de Estado, Coudel mór, Fronteiro mór, e Alcaide mór de Lisboa.

D. Pedro da Costa, Armador mór.

Garcia de Mello, Monteiro mór do Reyno.

Martim de Sousa de Menezes, Copeiro mór.

D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda Alemã.

Francisco de Faria, Almotacé mór do Reyno.

D. Antonio Alvares da Cunha, Trinchante da Casa Real.

Henrique Carvalho e Sousa, Senhor da Azambugeira, Provedor das Obras do Paço.

D. Thomás de Noronha, do Conselho de Estado, que era Presidente do Conselho Ultramarino.

D. Diogo de Lima, VIII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conselho de Estado, Presidente da Junta do Commercio.

D.

D. Antonio de Mendoça, do Conselho de Estado, Sumilher da Cortina, era Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, eleito Arcebispo de Braga.

Pedro Vieira da Sylva, do seu Conselho, e Secretario de Estado.

Pedro Sanches Farinha, do seu Conselho, e Secretario das Mercês, e Expediente.

Antonio Cavide, Alcaide môr de Borba, do Conselho da Fazenda de Sua Magestade, e seu Secretario.

Pedro Jaques da Magalhaens, do Conselho de Guerra, General da Armada Real.

Francisco de Brito Freire, Almirante da Armada Real.

O Doutor Joaõ Velho Barreto do Rego, do seu Conselho, e do Desembargo do Paço, Chanceller môr do Reyno.

Acharaõ-se nos mesmos Autos das Cortes outros Fidalgos, que eraõ do Conselho de Estado, que não devemos omittir, além dos já referidos.

D. Francisco de Sousa, III. Conde do Prado, (depois Marquez das Minas) Governador das Armas do Minho, do Conselho de Estado.

Nuno de Mendoça, II. Conde de Val de Reys, do Conselho de Estado.

Ruy de Moura Telles, Estribeiro môr da Princeza, do Conselho de Estado.

Tom.VII.

Uuuu ii

E

E tambem foraõ do Confelho de Guerra outros, além dos já mencionados.

D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira, depois do Confelho de Estado.

D. Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor.

Francisco Barreto de Menezes.

Gil Vaz Lobo.

Todos estes foraõ, e exerceraõ as occupaões, que tinhaõ no Reynado delRey D. Affonso, e o continuaraõ depois desde o principio do governo delRey D. Pedro, e sendo largo o seu Reynado, occuparaõ os mefmos empregos differentes Fidalgos, e foraõ os seguintes:

Dom Joaõ Mascarenhas, V. Conde de Santa Cruz, foy seu Mordomo môr por Carta de 24 de Setembro do anno de 1686, que está no livro 33. fol. 42. e nella diz: *Com declaração, que o servirá com as Ordens, e Regimento, que lhe mandarey dar, com o qual haverá aquella tença, fôros, proes, e percalços, interesses, e todos os poderes, e superioridades, jurisdicção, mando, preeminencias, e liberdades, graças, e privilegios, com que sempre obtiveraõ o dito officio, e de tolo usuraõ os outros Mordomos môres das Casas dos Senhores Reys destes Reynos, como de direito lhe pertence. Notifico-o assim ao Veedor da minha Cosa, e a todos os Officiaes della, e quaesquer outros Officiaes, e pessoas, a que tocar o conhecimento desta, e lhes mando, que lhe obedeçaõ em tudo aquillo, que pelo poder, e jurisdicção do seu officio, por men servi-*

ço da minha parte lhes mandar assim , e taõ inteiramente como deve fazer , sob aquellas penas , que por bem do dito officio elle lhes pôde pôr , as quaes dará à execuçaõ naquelles , que nellas encorrem , e por esta o hey por metido de posse do dito officio , para logo o servir , e delle usar .

D. Martinho Mascarenhas , que depois foy Marquez de Gouvea , succedeo a seu pay no officio de Mordomo môr , de que se lhe passou Carta a 8 de Outubro de 1701 , que está no livro 26. fol. 527 , e na sua menoridade servio este officio o II. Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes , que era Gentil-homem da Camera , e do Conselho de Estado .

D. Joseph de Menezes , Conde de Vianna , foy seu Escribeiro môr , de que não tirou Carta , e depois foy Gentil-homem da Camera , e do Conselho de Estado .

Luiz de Sousa , depois Arcebispo de Lisboa , do Conselho de Estado , e Cardeal da Santa Igreja de Roma , foy Capellaõ môr , e sagrado Bispo de Bona a 28 de Agosto de 1671

Dom Fr. Joseph de Lencastre , que tinha sido Bispo de Leiria , e foy Inquisidor Geral , e do Conselho de Estado , foy seu Capellaõ môr , em que succedeo ao Arcebispo Luiz de Sousa , de que se lhe passou Carta a 17 de Janeiro de 1702 , que está no livro 44. fol. 223. da sua Chancellaria .

Nuno da Cunha de Ataide , seu Sumilher da Corti.

Cortina, Inquisidor de Lisboa, Deputado da Junta dos Tres Estados, que havia recusado o Bispado de Elvas, e depois sagrado Bispo de Targa, foy seu Capellaõ mór, de que teve Carta passada a 7 de Setembro de 1705, que está no liv. 63. fol. 168. depois foy Cardeal da Santa Igreja Romana, como veremos adiante.

D. Fernando Martins Mascarenhas, II. Conde de Obidos, e de Sabugal, foy Meirinho mór do Reyno por Carta de 8 de Fevereiro de 1672, que está no liv. 42. fol. 4.

D. Marcos de Noronha, Deputado da Junta dos Tres Estados, Capitaõ General de Mazagaõ, e Governador da Fortaleza de S. Juliaõ da Barra, foy seu Mestre-Salla por Carta de 25 de Janeiro de 1685, que está no liv. 32. fol. 15. da dita Chancellaria.

D. Lourenço de Almada, Senhor de Pombalinho, Deputado da Junta dos Tres Estados, Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, do Reyno de Angola, e Estado do Brasil, foy seu Mestre-Salla por Carta feita a 22 de Outubro de 1696, que está no livro 52. fol. 38.

D. Antonio Esteves da Costa, foy Armeiro mór, como se vê na Provisão do seu ordenado passada a 18 de Novembro de 1704, que está no livro 19. fol. 252.

Francisco de Mello, Deputado da Junta dos Tres Estados, foy Monteiro mór do Reyno por Carta de 29 de Abril de 1706, liv. 56. fol. 228.

D.

D. Filippe de Sousa, Deputado da Junta dos Tres Estados, Capitão da Guarda Alemã, que começou a servir nos impedimentos de seu pay D. Francisco de Sousa por Alvará de 2 de Outubro de 1692, que está no livro 19. fol. 252.

D. Antonio de Castello Branco, foy Capitão de huma das Companhias da Guarda Portugueza, que exercitou até a morte.

Manoel de Mello, Graõ Prior da Ordem de S. Joã em Portugal, que foy Capitão de huma das Companhias da Guarda Portugueza, e era tambem Porteiro môr.

Alvaro de Sousa e Mello, foy tambem Porteiro môr, e Capitão da Guarda Portugueza, como consta da sua Carta passada a 31 de Março de 1696, e que succedera a seu pay Manoel de Mello.

D. Francisco de Castro, Senhor de Reis, foy Almirante de Portugal por Carta de 30 de Julho de 1675, que está no liv. 42. fol. 213. e succedeolhe seu filho D. Luiz Innocencio no mesmo posto, e foy Capitão de huma das Companhias da Guarda Portugueza, de que se lhe passou Carta a 19 de Julho de 1705, que está no livro 63. fol. 137. e na sua menoridade servio este posto Lopo Furtado de Mendoça, I. Conde do Rio Grande, por Alvará de 19 de Julho de 1705, que está no livro 63. fol. 137.

Aleixo de Sousa de Menezes, II. Conde de Santiago, foy seu Apofentador môr, de que tirou

Carta

Carta feita a 27 de Abril de 1695, que está no livro 39. e succedeo a seu pay.

Gonçalo Joseph Carvalho Patalim, Senhor da Azambugeira, foy Provedor das Obras Reaes, e na sua menoridade fêrvio este lugar seu tio Lourenço Pires Carvalho, Commissario Geral da Cruzada, e por sua morte succedeo

D. João da Costa, III. Conde de Soure, e tirou Carta feita a 24 de Março do anno de 1703, que está no livro 54. fol. 344.

Martinho de Sousa de Menezes, III. Conde de Villa-Flor, foy Copeiro môr.

D. Pedro Alvares da Cunha, Senhor de Tavoa, foy Trinchante pela renuncia de seu pay D. Antonio Alvares da Cunha, de que se lhe passou Carta a 6 de Junho de 1687, e está no livro 18. fol. 62.

Manoel de Vasconcellos e Sousa, foy tambem Trinchante por Carta de 9 de Dezembro de 1703, que está no liv. 45. fol. 256. vers. lugar, em que succedeo a seu sogro Diogo de Brito Coutinho.

Antonio Luiz da Camera Coutinho, depois Vice-Rey da India, foy Almotacê môr por Carta de 8 de Janeiro de 1671, que está no liv. 46. fol. 255. succedeo a seu tio Francisco de Faria, e a elle seu filho João Gonçalves da Camera Coutinho.

D. João de Almeida, depois Conde de Assumar, Embaixador Extraordinario a ElRey Carlos III. foy Vêdor da Casa Real, como se vê de hum Alvará

Alvará passado a 18 de Novembro de 1679, que está no liv.32. fol.358.

D. João de Sousa, General da Artilharia do Minho, com o governo das Armas daquella Provincia, teve o mesmo emprego, e succedeolhe no lugar de Veador seu filho D. Francisco de Sousa, como se vê de hum Alvará passado a 20 de Mayo de 1706, que está no livro 63. fol.198.

Luiz César de Menezes, que foy Governador, e Capitão General de Angola, e da Bahia, teve o officio de Alferes mór por Carta de 23 de Julho de 1664, que se vê no liv. 20. fol.44.

Forão Sumilheres da Cortina D. Luiz de Sousa, Lente de Prima de Theologia na Universidade de Coimbra, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, e do Santo Officio, depois Bispo de Lamego, Embaixador Extraordinario a Roma, e ultimamente Arcebispo Primaz, do Conselho de Estado.

Lourenço Pires Carvalho, Deputado do Santo Officio, da Mesa da Consciencia, e da Junta dos Tres Estados, Arcediago da Sé de Lisboa, Comissario Geral da Bulla da Cruzada, que recusou o Bispo de Lamego.

D. Alvaro de Abranches, Conego na Sé de Lisboa, e Deputado da Inquisição, depois Bispo de Leiria.

D. João de Sousa, Deputado do Santo Officio, depois Bispo do Porto, Arcebispo de Braga, e Lisboa, do Conselho de Estado.

Tom.VII.

Xxxx

D.

D. Antonio de Vasconcellos, Deputado do Santo Officio, Deaõ da Sé de Lisboa, Bispo de Lamego, e de Coimbra.

D. Simaõ da Gama, Conego da Sé de Lisboa, Deputado do Santo Officio, Reytor da Universidade de Coimbra, depois Bispo do Algarve, Arcebispo de Evora, do Conselho de Estado.

D. Joseph de Menezes, que foy Dom Prior de Guimaraens, e teve grandes lugares, e ultimamente Arcebispo Primaz das Hespanhas.

Diogo de Sousa, do Conselho de Estado, e do Geral do Santo Officio, e depois Arcebispo de Evora.

Ruy de Moura Telles, Thesoureiro môr, e Conego da Sé de Evora, Reytor da Universidade de Coimbra, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, depois Bispo da Guarda, Arcebispo Primaz, e do Conselho de Estado.

D. Pedro de Sousa, Dom Prior da Collegiada de Guimaraens.

Nuno da Sylva Telles, Deaõ de Lamego, Conego de Evora, Reytor, e Reformador da Universidade de Coimbra, Deputado do Santo Officio, e da Mesa da Consciencia, e Ordens.

D. Nuno Alvares de Portugal, Conego da Sé de Coimbra, Deputado do Santo Officio, e do Tribunal da Bulla da Cruzada.

D. Joaõ de Sousa, Inquisidor da Inquisição de Lisboa, e Dom Prior de Guimaraens.

D.

D. Joseph de Almada, Arcipreste da Sé de Lisboa.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Deão da Sé de Portalegre, Deputado do Santo Officio, e da Junta dos Tres Estados, Inquisidor de Coimbra, Reytor, e Reformador da Universidade de Coimbra, e ultimamente Bispo de Lamego.

Antonio de Saldanha, Conego da Sé de Lisboa, Deputado do Santo Officio, que foy depois Bispo de Portalegre, e da Guarda.

D. Joaõ Mascarenhas, Conego, e Arceidiago da Sé de Lisboa, Deputado da Inquisição, que foy Bispo de Portalegre, e da Guarda.

D. Alvaro Pires de Castro e Noronha, Arceidiago da Sé de Lisboa, Deputado do Santo Officio, que foy Bispo de Portalegre.

D. Fernando de Faro, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, que foy Bispo de Elvas.

D. Francisco de Sousa, do Conselho Geral do Santo Officio, Deputado da Mesa da Consciencia, Conego Doutoral da Sé da Guarda, Commissario Geral da Bulla da Cruzada.

D. Joseph de Mello, Conego de Coimbra, Deputado da Junta dos Tres Estados.

Francisco Correa de Lacerda, foy Secretario de Estado, o que consta da Carta do Conselho feita a 25 de Setembro de 1679, na qual diz: *Francisco Correa de Lacerda, meu Mestre, e meu Secretario de Estado.*

D. Fr. Manoel Pereira, Bispo do Rio de Janeiro, onde não foy pela renuncia, que fez do dito Bispado, do seu Conselho, e do Geral do Santo Officio, foy Secretario de Estado por Carta do anno de 1680, que está no liv. 39. fol. 316.

Mendo de Foyos Pereira, do seu Conselho, que havia sido Enviado Extraordinario na Corte de Madrid, foy Secretario de Estado por Carta de 20 de Agosto de 1686, que está no liv. 32. fol. 373.

Joseph de Faria, do seu Conselho, e do da sua Fazenda, que havia sido Enviado Extraordinario na Corte de Madrid, Guarda mór da Torre do Tombo por Carta de 25 de Janeiro de 1695, que está no liv. 39. fol. 221. (a quem succedeo Luiz do Couto Felix no dito lugar de Guarda mór por Carta de 17 de Dezembro de 1703) e Chronista mór do Reyno por Carta de 11 de Abril de 1695, foy Secretario da Assinatura, e depois por impedimento de Mendo de Foyos servio de Secretario de Estado.

D. Antonio Pereira da Sylva, do seu Conselho de Estado, Bispo de Elvas, que havia sido Conego Doutoral de Evora, Deputado do Santo Officio, e Junta dos Tres Estados, foy Secretario de Estado, de que teve Carta passada a 2 de Setembro de 1703, que está no livro 45. fol. 239.

Dom Thomás de Almeida, do seu Conselho, e seu Sumilher da Cortina, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, e do Santo Officio, Chanceller

celle
Men
por
jo. l
illu
arch
na,
Sectu
Emb
foy
ler
que
rio,
da f
da l
que
Moi
Faz
está
May
diñe
foy
da
no
Sup

celler mór do Reyno , servio de Secretario das
Merces , e Expediente , e foy Secretario de Estado
por Carta de 3 de Março de 1705 , que está no liv.
30. fol.79. e tendo occupado os mayores lugares , e
illustrado as Igrejas do Porto , e Lamego , he Patri-
archa de Lisboa , e Cardeal da Santa Igreja Roma-
na , como diremos.

Joaõ de Roxas de Azevedo , que havia sido
Secretario delRey , quando Infante , e nomeado
Embaixador , e Plenipotenciario à paz de Nimega,
foy depois seu Secretario da Assinatura , e Chancel-
ler mór do Reyno por Carta de 2 de Mayo de 1681,
que está no liv.48. fol.3. e nella diz: *Meu Secreta-
rio , do meu Conselho , e Desembargador do Paço.*

Roque Monteiro Paim , do seu Conselho , e
da sua Fazenda , foy seu Secretario.

Bartholomeu de Sousa Mexia , do Conselho
da Fazenda , foy Secretario da Assinatura.

Dom Luiz de Menezes , Conde da Ericeira ,
que havia sido Governador das Armas de Traz dos
Montes , e General da Artilharia , foy Védor da
Fazenda por Carta de 16 de Outubro de 1681 , que
está no liv.34. fol.106.

Manoel Telles da Sylva , Conde de Villar-
Mayor , (depois Marquez de Alegrete) de quem já
dissemos , que era seu Gentil-homem da Camera ,
foy do Conselho de Estado , e Védor da sua Fazen-
da por Carta de 24 de Outubro de 1684 , que está
no liv.18. fol.111. e havia sido Regedor da Casa da
Supplicação.

Hen-

Henrique Correa da Sylva, Conde da Castanheira, do Conselho de Estado, foy Vêdor da Fazenda.

D. Luiz da Sylveira, Conde de Sarzedas, que foy do Conselho de Estado, Vêdor da Fazenda por Carta passada a 12 de Agosto de 1701, que está no livro 54. fol. 113.

Dom Pedro Antonio de Noronha, Conde de Villa-Verde, do Conselho de Estado, Mestre de Campo General com o Governo da Cavallaria de Alentejo, foy Vêdor da Fazenda.

D. João da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, foy Presidente do Desembargo do Paço, que foy muitos annos, e o era no de 1686, como consta da sua Carta passada a 16 de Janeiro do referido anno, que está no liv. 16. fol. 198.

Garcia de Mello, Monteiro môr do Reyno, do Conselho de Estado, foy tambem muitos annos Presidente do Desembargo do Paço por Carta de 11 de Março de 1688, que está no liv. 18. fol. 176. tinha sido Presidente do Senado da Camera, da Mesa da Consciencia, e Ordens, por Carta de 4 de Outubro de 1672, que está no livro 30. fol. 76. e Regedor da Casa da Supplicação.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque de Cadaval, do Conselho de Estado, Mordomo môr da Rainha, Mestre de Campo General junto à pessoa delRey, foy Presidente do Conselho Ultramarino por Carta de 29 de Junho de 1670, que está

está no livro 29. fol. 133. depois Presidente da Junta do Tabaco, quando se erigio este Tribunal, lugar, que occupou até o anno de 1698, em que entrou a ser Presidente do Desembargo do Paço, que exercitou até que faleceo no anno de 1727.

D. Antonio Luiz de Sousa, Marquez das Minas, do Conselho de Estado, Governador das Armas com mando supremo na Beyra, Alentejo, e Catalunha, foy Presidente da Junta do Tabaco, de que teve Carta passada a 27 de Novembro de 1704, que está no liv. 56. fol. 42.

Nuno da Cunha de Ataide, Conde de Pontével, do Conselho de Guerra, Estribeiro môr da Infanta D. Isabel, foy Presidente do Senado da Camera de Lisboa, de que tirou Carta passada a 15 de Janeiro de 1686, que está no liv. 17. fol. 222. foy depois Presidente da Junta do Commercio.

D. Francisco de Sousa, do Conselho de Estado, Capitão da Guarda Alemã, foy Presidente do Senado da Camera de Lisboa por Carta de 2 de Abril de 1692, que está no liv. 19. fol. 163. e depois Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, de que se lhe passou Carta a 27 de Março de 1705, que está no liv. 29. fol. 287.

Joaõ da Sylva Tello de Menezes, III. Conde de Aveiras, Deputado da Junta dos Tres Estados, foy Presidente do Senado da Camera de Lisboa, de que se lhe passou Carta a 14 de Novembro de 1702, que está no liv. 44. fol. 286.

D.

D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira, do Conselho de Estado, que havia sido Governador, e Capitão General de Tangere, foy Regedor das Justiças por Carta de 4 de Outubro de 1672, que está no liv. 30. fol. 76. vers.

Francisco de Tavora, Conde de Alvor, do Conselho de Estado, que havia sido Governador de Angola, e Vice-Rey da India, foy Regedor da Casa da Supplicação por Carta de 11 de Março de 1688, e está no livro 34.

Lourenço de Mendoça, Conde de Val de Reys, do Conselho de Estado, Deputado da Junta dos Tres Estados, foy Regedor das Justiças.

D. Francisco de Sousa, Marquez das Minas, foy Presidente do Conselho Ultramarino por Carta de 15 de Julho de 1673, está no liv. 37. fol. 128.

Nuno de Mendoça, Conde de Val de Reys, do Conselho de Estado, Mordomo mór da Casa da Infanta D. Isabel Luiza Josefa, foy Presidente do Conselho Ultramarino por Carta de 11 de Setembro de 1696, que está no liv. 17. fol. 281.

Fr. Luiz Coutinho, que tinha sido Geral da Ordem de Cister neste Reyno, foy Elmolero mór por Carta de 22 de Mayo de 1680, que está no livro 40. fol. 23.

Fr. Pedro de Lencaestre, da Ordem de Cister, foy seu Elmolero mór por Carta de 5 de Outubro do anno de 1693, que existe no livro 58. da sua Chancellaria, fol. 376. Foy depois Bispo de Elvas.

Cafo

Casou a primeira vez a 2 de Abril de 1668 com a Rainha D. Maria Francisca de Saboya, que havia nascido na Corte de Pariz a 21 de Junho de 1646, chamada a Princeza de Aumale, filha de Carlos Amadeo de Saboya, Duque de Neomurs, e da Duqueza Isabel de Vandome, como deixamos escrito no Capitulo precedente. A natureza a adornou de singular fermosura, e de excellentes virtudes, com hum talento sublime, em que brillhou o seu entendimento dentro nos limites da prudencia com singular moderação, como se vio nos importantes negocios, que occorreraõ no principio do seu Reynado, em que a constancia pode superar as mayores difficuldades, desprezando as conveniencias proprias, por não manchar a consciencia; e assim soube romper com resolução os mayores embarços, com animo verdadeiramente Real, e Christão. Contava a Rainha poucos annos, quando perdeu o Duque seu pay, e ficando com sua irmã a Princeza Maria Joanna Bautista, depois Duqueza de Saboya, debaixo da tutela da Duqueza sua mãe, cuja prudencia era tanta, que com todo o cuidado a instruiu em todas as artes, e virtudes, convenientes á sua altissima esféra, sendo mais efficazes as lições, que lhe dava com o proprio exemplo. Foraõ as principaes os exercicios devotos á frequencia da Oração, e Sacramentos, de sorte, que habituada nestas virtudes, as conservou todo o curso da sua vida. E conformando-se com os elly-

D. Fernando de Meneses, Conde de Ericeira, *Compendio Historico*, e *Paraglyphico da Vida da Rainha D. Maria Francisca*, m. 1.

Tem. VII.

Vyyy les

los da Corte de França, affilia com sua mãy, e as outras Princezas, aos licitos divertimentos, que se permittem. Frequentava com mayor gosto a communicacão das Capuchas Descalças de Pariz da primeira Regra de Santa Clara na Reforma da Beata Collecta, e com ellas tinha particular correspondencia, por serem os Senhores da sua Casa Padroeiros daquelle observante Mosteiro. Com estas Religiosas conferia materias espirituaes, e devotas, causando admiracão, que huma Princeza na flor da idade se applicasse tanto a estes exercicios; e assim continuou até a idade juvenil com a Princeza sua irmã. Mas vendo-se destituidas do mayor alivio, porque arrebatada a Duqueza de huma grave doença perdeu a vida, foy este golpe tão sensível às duas Princezas, que elegerão (conforme o louvavel estylo de França) para consolação, e alivio da mayor pena, apartaremse dos divertimentos da Corte, e recolheremse no Mosteiro de Santa Maria na mesma Cidade, da filiação de S. Francisco de Sales, de quem a Rainha era devota, atrahida da sua doutrina espiritual, e nelle jazia a Duqueza sua mãy. Porém era tal a affeição, que as Princezas tinham ao Mosteiro das Capuchas, que as suas visitas, quando sabião do seu Convento, era só para aquelle, e às Religiosas tratavaõ com grande carinho, sendo o seu trato o mais estimado entretenimento. Era tão grande a inclinação, que a Rainha tinha às Capuchas, e tão inseparavel do seu animo,

Fundação do Convento do Santo Crucifixo m. 6. de que tinha copia.

animo, que quando passou de França a Portugal trouxe em sua companhia quatro Religiosas do referido Mosteiro, precedendo licença dos seus Prelados, e da Santa Sé Apostolica, com a determinação de fundar hum Mosteiro, em que se professasse o seu Instituto, como com effeito edificou. Foraõ ellas a Madre Maria de Santo Aleixo, que era a Prelada, e foy a primeira Abbadeffa do Mosteiro do Santo Crucifixo, que vulgarmente chamaõ as *Francezas*, nome derivado destas, que primeiro o habitaraõ; mulher de grande religião, e observancia, a quem a Rainha tinha em muita estimação, que já havia conseguido nos Principes da sua Casa, a qual faleceo a 4 de Novembro de 1689 chea de merecimentos, como neste dia diremos no *Agiologio Lusitano*. As outras eraõ Soror Amada de Santa Clara, Soror Isabel de S. Paulo, e Soror Cecilia de Pariz, as quaes todas embarcaraõ na mesma nao da Armada, em que a Rainha veyo, sendo tratadas com tanto cuidado, e amor, como quem as estimava como Companheiras, sendo a Madre Maria de Santo Aleixo inseparavel da sua Real pessoa, de sorte, que a toda a hora estava com ella, e em quanto viveo, a tratou sempre com grande amizade, e respeito.

Entre as virtudes, que luziraõ na Rainha, foy a prudencia, com que se havia nos negocios politicos, e a affabilidade, com que tratava a todos. Em breve tempo se fez capaz de fallar a lingua Por-

*Freiceira: Compendio da
Vida da Rainha.*

Tom. VII.

Yyyy ii

tugue-

tugueza, e tomou o trage, largando, o que usava, tanto, que entendeo dava nisso gosto ao Principe seu esposo, e praticando os costumes, parecia mais nascida em Lisboa, que em Pariz; e sem embargo da sua Real pessoa ser revestida de respeitosa Magestade, com tudo tratava às Senhoras Portuguezas com benignidade, escolhendo muitas para os seus divertimentos, com que honesta, e decorosamente se entretinhaõ; e favorecendo algumas, fez sempre grande estimaçãõ da Nobreza; e assim era entre todos bemquillo, e respeitada. Conservou no Paço os antigos costumes, sem que se alterasse a authoridade, e respeito no serviço, sendo ella o principal instrumento, para que se guardasse a formalidade, e eticheta Portugueza em todo o seu vigor. El-Rey seu marido venerou justamente as suas virtudes; communicavalhe os negocios mais graves, em que mostrava juizo nos discursos, e prudencia nas resoluções, assistidas porém de singular modestia, e foyejaõ ao arbitrio de seu esposo; e se algumas vezes discordavaõ as opinioens, julgava só conveniente, o que elle resolvia. He grande prova, do que referimos, a occasiaõ, em que se tratou a paz com Castella, opposta entãõ aos interesses de França, em que venceo a prudencia à mesma natureza; porque revestida sómente da gloria de seu esposo, que a queria conceder, quando estavaõ as suas armas vitoriosas, ella sem entrar em duvida, abandonou os negociados delRey de França, propostos
com

com grande ardor pelos seus Ministros. Assim El-Rey a effimou com taõ extremosa paixãõ, sendo na sua morte taõ excessivo o sentimento, que esteve resolutõ a naõ passar a segundas vodas, como dissemos. Creou sua filha em prudentes, e santas maximas, sendo a primeira liçaõ a observancia dos preceitos Divinos, e exercicios devotos: instruhio-a na lingua Franceza, e Italiana, na liçaõ das Historias, e achando na Infanta juizo claro, suave inclinaçaõ, e prompta obediencia, facilmente conseguiu, o que desejava. Porém como sempre na sua vida, entre as mayores felicidades, encontrou a Rainha motivos de exercitar a paciencia, lhe sobreveyo novo sentimento, malogrando-se a esperança de dar ao Reyno outro successõr, que o segurasse com mayores fundamentos.

Sahio a Rainha da Corte no anno de 1670 pelo Tejo no bargantim Real com a Infanta, acompanhada das Damas, e Officiaes da sua Casa a assistir ao Principe, de quem nunca se apartava, na casa de Campo de Salvaterra: chegou a Rainha a Villa-Franca, situada na borda do Tejo, aonde determinou ficar aquella noite. Achava-se segunda vez pejada de tres mezes, e com alguma molestia, que encobrio: no outro dia de madrugada quiz continuar a jornada, veyo o almoço, e pondo-se à mesa lhe deraõ humas dores taõ vivas, que naõ pode comer nada. D. Joaõ de Sousa, hum Fidalgo velho, e venerando, Commendador da Ordem de Malta,

Malta, que depois foy Graõ Prior do Crato da mesma Ordem em Portugal, e seu Veador, que estava de semana, disse à Rainha, que era de parecer, que não continuasse a jornada, vendo-se tão molestanda; porque della se poderia seguir dar, que sentir, e que chorar a todo o Reyno, e não sem injuria dos seus Criados, que justamente culpariaõ em lho não representar, o que de nenhuma sorte devia permittir: a Rainha com severidade respondeo, que havia logo de partir: instou D. João, e ultimamente, revestido do zelo de Vassallo, do amor de Criado, e da authoridade dos seus annos, lhe disse: que no bargantim não iria Sua Magestade, porque elle lhe poria anticipadamente o fogo. Mostrou a Rainha no semblante desfagradarse da liberdade; porém como era dotada de grande prudencia, e entendimento, levantando-se da mesa disse ao Duque de Cadaval, seu Mordomo mór, que ficava em Villa-Franca, e que avisasse logo ao Principe, que já se achava em Salvaterra, e voltando para D. João de Sousa com muito agrado, de que naturalmente era dotada, lhe fallou dizendo: *Não estou mal convosco, porque fizestes tudo, o que eu esperava da vossa pessoa, das vossas cans, e do grande zelo, com que me assistis.* Dom João com o mais profundo respeito lhe beijou a mão, e quando sahio à casa de fóra, todos os Companheiros o abraçaraõ, agradecendo-lhe a resolução de dizer à Rainha, o que convinha à sua Real pessoa, e à utilidade publica. Deste caso se collige

collige o sublime talento , e grandeza de espirito da Rainha , com que foubе justamente avaliar o amor do Criado, merecedor verdadeiramente de taõ grande honra. Cresceraõ os symptomas, e naõ valendo os remedios da medicina, teve finalmente a Rainha hum aborto, que foy do Principe seu esposo, e de todos sentido com excessõ ; e parecendo aos Medicos prevenir os damnos futuros, applicaraõ remedios, que só serviraõ de lhe offender a saude, se bem com a natural constancia, de que era dotada, encobria os achaques de tal modo, que naõ augmentasse o cuidado ao Principe ; porque parecera livre delles, se os naõ descobriraõ outros indicios : portando-se de forte, que nunca lhe impediraõ as audiencias, e applicaçãõ aos negocios publicos de conferencias com os Ministros naturaes, e Estrangeiros, que admirando o seu juizo, achavaõ resoluçãõ das mayores difficuldades. Ainda no seu tempo foraõ os Reis algumas vezes ao Conselho de Estado, levando consigo as Rainhas, e ElRey D. Pedro o praticou algumas vezes indo com a Rainha D. Maria Francisca ao Conselho de Estado. No delRey D. Afonso foy a mesma Rainha com ElRey aos Conselhos de Estado, quando se tratava das queixas do Infante D. Pedro seu irmaõ. No Reynado delRey D. Joaõ IV. tambem a Rainha D. Luiza foy algumas vezes ao Conselho de Estado, em que se observava o seguinte. Sahia ElRey do seu quarto ao da Rainha, onde esperava, que o Secretario de Estado

tado chegasse a dar recado, o qual participava ao Pagem da Campanhia, que o fazia presente a El-Rey. Sahião os Reys acompanhados dos Officiaes, e Criados das suas Casas, a Camereira môr, e Senhoras de Honor, e assim entravaõ na casa do Conselho de Estado, que era dentro no mesmo Paço: os Conselheiros estavaõ arrimados à parede, e depois que as Magestades se sentavaõ nas cadeiras, que estavaõ debaixo do docel, a Rainha à mão esquerda delRey, costume da nossa Corte, (que El-Rey D. Pedro nunca usou, porque sempre deu a mão direita às Rainhas suas esposas) sahiaõ para fóra da casa todos os que acompanharaõ às pessoas Reaes, e mandava ElRey sentar, e cobrir aos do Conselho. Na casa immediata ficavaõ as Senhoras de Honor sentadas em huma alcatifa, e a Camereira môr em almofada, preeminencia, que gozaõ pelo seu lugar, ainda que não sejaõ Marquezas, como se viu na Condeffa de Unhaõ D. Francisca de Tavora, Camereira môr da Rainha Dona Maria Francisca Isabel de Saboya. Acabados os negocios, que levaraõ as Magestades ao Conselho, sahiaõ acompanhados na mesma fórma, que entraraõ, e os Conselheiros de Estado tanto, que os Reys se levantavaõ, voltavaõ a buscar a parede, de donde faziaõ as ultimas continencias aos Reys.

Entrou a Rainha em outros negocios mais importantes, em que brilhou o seu admiravel talento. Como sempre foy bem inclinada, e devota, nos ul-

timos

P. de Océano la Vie de
la Reine de Port.

timos annos da sua vida , começou a entrar na idéa do caminho da perfeição , para o qual depois Deos a chamou ; porque sendo esta resolução no anno de 1680 , em que passou até o mez de Janeiro de 1682 , quando com ElRey foy para Almeirim , Casa de campo dos antigos Reys , muy abundante de caça grossa , exercicio , de que ElRey muito gostava : neste sitio , agradada a Rainha da solidão , lhe começou Deos a dar o gosto de qual era a verdadeira perfeição ; e assim continuando a seguir as inspirações Divinas , entrou pelo caminho da vida devota , em que gastava o tempo escondidamente em exercicios santos , de que tirou a reflexão , que fez sobre os diversos estados da sua vida , e affirmava , que nunca havia tido socego , nem havia conhecido qual era a verdadeira paz , que satisfizesse o animo , senão depois , que se dera de todo a Deos sem reserva. Deste motivo tirou assumpto , com que escreveu huma Elegia , em que retratando-se a si mesma , explicava o seu sentimento em huma alma , que buscava a paz sóra de Deos ; a qual deu à Condesça da Ericeira D. Joanna de Menezes , muito favorecida sua pelas suas virtudes , e intelligencia da lingua Franceza , que a traduzio em Oitavas. Costumava dizer , que a devoção era boa para fazer feliz neste Mundo , e no outro. Toda resignada na vontade de Deos , e na direcção do seu Confessor o Padre Pedro Pomeró , da Companhia de Jesus , continuou em exercicios santos , com hum de-

Prova num. 97.

Tom. VII.

Zzzz

sejo

Prova num. 98.

sejo de conseguir a perfeição, a que não faltando, nem por isso deixava de cumprir as obrigações do alto estado, em que Deos a havia posto, para o que se armava de huma pura intençaõ, e verdadeira humildade. Depois da Corte voltar para Lisboa, passou para a Quinta de Alcantara, já depois da Pascoa. Neste sitio, onde encontrava mais retiro, fez os exercicios espirituaes por dez dias, com direcção do seu Confessor, e entaõ escreveu de propria maõ certos propositos, que foraõ a guia da sua vida. Desta sorte vivia a Rainha com tanto cuidado, que hum anno antes da sua morte, não entrava na sua idéa mais, que o desejo de huma morte Christãa, com hum tal desprezo do Mundo, que nada mais desejava, que estar em graça, e morrer, sem que a pompa, e a grandeza do Real estado lhe pudessẽ servir de remora a embarçar os bons propositos. No anno seguinte de 1683 na quinta feira depois da Pascoa, em que a Rainha havia meditado sobre a vida, e a morte, reflectindo, que esta de ordinario costumava ser semelhante à vida, na mesma semana no Sabbado se achou com febre, e este foy o primeiro correyo, que ella teve do mal, de que faleceo. Não conheceraõ os Medicos a doença, fazendolhe remedios oppostos, e delles se lhe originou huma hidropisia, que foy a occasião da sua morte. Foy longa a enfermidade, em que com differentes symptomas houve intervallos, que pareciaõ se restabelecia da queixa, de forte,

te, que pelo tempo da Ascensão, se lhe conheceo tanta melhoria, que pode fazer de propria mão huma larga Carta ao seu Confessor, informando-o do que dentro em si passara, desde que principiara a doença, referindo as turbações, em que se achara, que durando poucos dias, com nova confiança se resignava na bondade de Deos, e tornara à primeira paz, em que vivera.

Continuou a melhoria de forte, que todos entenderão estava a Rainha restabelecida; porque depois da Pascoa do Espirito Santo, que foy a 6 de Junho, começou a ir à Tribuna da Capella, dar audiencia, attender aos negocios pelo seu costumado modo; mas não durou neste estado muito, porque no fim do mesmo mez se sentio peyor, que antes: e continuando os remedios, e o tempo, no mez de Setembro fez huma Confissão geral, commungando com tal disposição, que o fez por Viatico, com todos aquelles actos, que se praticão com os moribundos, e determinou as disposições do seu Testamento, que escreveu de propria mão. Lembrou-lhe o Emperador Carlos V. e tendo na idéa imitallo, quiz fazer viva as suas proprias Exequias: porém reparando, que era precisa a pompa devida à Magestade, o não executou; porque não queria cousa alguma, que embaraçasse a sua devoção. Finalmente continuando a queixa, mudou-se para o sitio de Palhavã para a casa do Conde de Sarzedas, e crescendo o mal, tomou o Santissimo Viatico da

Tom. VII.

Zzzz ii

maõ

maõ do Arcebispo de Lisboa, Capellaõ mór, a 6 de Novembro, com grande edificaçãõ de todos os circunstantes; e depois agradecendo ao Arcebispo o haverlhe dado taõ singular consolaçãõ, lhe pediu lhe dèsse a Extrema-Unçaõ, quando lhe parecesse tempo. Mandou chamar o Nuncio, que entaõ era Marcello Durazzo, para lhe applicar as Indulgencias da hora da morte, e depois de feita esta cerimonia, e recebida a sua bençaõ, lhe disse, que lhe rogava, que assegurasse ao Papa, que ella morria obediente filha da Igreja Catholica Romana; accrescentando, que esperava da piedade do Pay universal da Christandade, se lembrasse da sua alma. Dilatou-se a doença, e continuou a Rainha nos seus santos propositos, soffrendo com grande resignaçãõ, e paciencia os trabalhos da queixa. Consolava-a El-Rey, e a Princeza sua filha, e sendo estas só as pessoas, que no Mundo lhe podiaõ causar affeição, totalmente defenganada, aspirava unicamente ao premio eterno; e assim corroborada com os Sacramentos determinados pela Igreja, se poz nas mãos do seu Confessor, e do Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, e outros Religiosos de exemplar vida, e abraçada com hum Christo, tendo presente a Imagem da Virgem Senhora Nossa, repetindo aãos de Fé, Amor, e Esperança, e devotas orações nas linguas Latina, e Franceza, sem as confundir, corroborada com as Indulgencias, que o Summo Pontifice lhe concedera para aquella hora, entre

entre orações dos Padres, que lhe assistião, com grande acordo, devoção, e tranquillidade de animo, faleceo a 27 de Dezembro de 1683 em Palla-vaã. Havia anticipadamente feito o seu Testamen-to, e mandado escrever pelo Doutor Sebastião de Matos e Sousa, (que depois se recolheo na Con-gregação do Oratorio) e assinou a 20 de Novem-bro do referido anno, e approvado no dia seguinte pelo Secretario de Estado o Bispo D. Fr. Manoel Pereira, em que foraõ testemunhas o Duque de Ca-daval, seu Mordomo mór, o Marquez de Arron-ches, o Arcebispo Inquisidor Geral, o Arcebispo de Lisboa, Capellaõ mór, o Visconde D. Diogo de Lima, todos do Conselho de Estado, D. Fran-cisco Mascarenhas, seu Escribeiro mór, o Conde Baraõ, o Conde da Castanheira, e o Conde de S. Lourenço, Veadores da sua Casa. Nelle se admira a sua Real piedadé, e a caridade com o proximo, attendendo às necessidades dos pobres em todos os estados. Instituiu por sua universal herdeira a Infanta D. Isabel sua filha, em que entrava o seu dote, que era hum milhaõ de cruzados, além de prata, joyas, e muito movel precioso, de grande valor. Nomeou por seu Testamenteiro a ElRey seu esposo, dizendo estas palavras: *Sempre desejey quanto coube na humana fragilidade servir, e agra-dar a ElRey, meu Senhor, e Marido; e porque Sua Magestade he fiel, e verdadeira testemunha do muito, que sempre o amey, não tenho nesta parte, que en-carecer,*

Prova num. 99.

carecer, só pedir-lhe, que pelo reciproco amor, que entre nós houve, se sirva (por me fazer merce) de querer ser meu Testamenteiro, e por tal o nomeyo, suppondo o seu beneplacito. Em segundo lugar nomeou a Infanta sua filha, e depois roga a ElRey, que havendo de nomear Ministro, ou pessoa, para a execuçaõ do seu Testamento, seja o Duque de Cadaval, seu Mordomo môr, por estar certa do zelo, com que a servio na vida, que o fará na morte de sorte, que possa a sua alma gozar da presença de Deos com mayor brevidade: recommendou muito a ElRey as suas criadas, e todas as pessoas, que a serviraõ, nomeando algumas Senhoras, e outras pessoas, às quaes ella desejava, que Sua Magestade gratificasse o seu serviço, e merecimento. A' Duqueza de Saboya sua irmã, deixou huma joya de grande preço. Instituiu duas Missas quotidianas, onde fosse sepultada. Mandou fazer a Capella de S. Francisco de Sales na Igreja do Espirito Santo, da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri, instituindo tres Missas quotidianas, duas pelas almas de seus pays, que em sua vida já se celebravaõ, e huma pela sua alma. Mandou, que se dissessem, com a brevidade possivel, vinte mil Missas: que se casassem vinte orfãos as mais desamparadas: que se resgatasssem tres meninos, e cinco mulheres de terra dos Mouros: mandou soccorrer os prezos: deixou esmolas a muitos Hospitaes, Misericordia, e a todos os Mosteiros Capuchos, e pobres,

bres, que não tinhaõ rendas; e outros muitos legados pios, em que exercitou a caridade, não se esquecendo das pessoas, que a haviaõ servido, com tal amor, e affecto, que bem mostra nas expressões qual era a sua devoção, como se póde ver no seu Testamento, que vay por inteiro lançado nas Provas. No Noviciado da Cotovia da Companhia de Lisboa se vê a Capella dedicada à Conceição da Virgem Senhora Nossa, que ella mandou edificar, e ornar de excellentes marmores. Foy a Rainha dotada de virtudes, e perfeições exteriores, e internas, porque era fermosa, com talhe airoso, o rosto branco, e córado, o cabello louro, os olhos escuros, e alegres, com todas as mais perfeições conformes, e proporcionadas. Na piedade foy insigne, na religião constante, na paciencia invencivel, tão facil em perdoar aggravos, como em conceder beneficios. Foy enterrada com Real pompa no Mosteiro das Capuchas do Santo Crucifixo, que ella havia fundado, onde jaz no Coro das Religiosas, em quanto se não traslada para o Mausoleo, que se lhe tem destinado na Capella môr, para o qual se havia escrito este Epitaphio:

Hocce;

*Hocce, Viator, in Mansoleo
Serenissima Portugalliae Regina
D. Maria Isabella Franciscæ de Sabaudia
Immortale spirat nomen, & felix memoria perennat:
Eadem plane Serenissimi Lusitanæ Regis D. Petri II. conjux dignissima
Fuit eximia pietatis norma, sed prudentiæ typus excellens,
Et maior omni ipsa imperio præ magnitudine anna, dum reverteret,
Regum Regi, ac Domino Dominantium Jesu Nazareno Cruci affixa
Hanc eadem, sedemque posuit, magnifica, & munifica fundatrix;
Atque suo Maria cum esset Jesu Christo amabilis, optimam sibi partem elegit,
Suo nimbium adherere Deo, & eidem commori Crucifixo:
Mæsta exinde clientium corda Regine cœritim parentant sue,
Et iusta quidem solvant obsequia cum lacrymis, & suspiriis,
Cessit è vivis æternum victoræ sexto Kalend. Januæ.
Anno Domini M. DC. LXXXIII.*

A sua Vida escreveu na lingua Franceza o Padre de Orleans, da Companhia de Jesu, que se imprimio no anno de 1696 em Pariz, não tratando da vida politica da Rainha, mas sómente da espiritual, que depois traduzio na lingua Italiana o Padre Carlos Jacintho Ferrero, da mesma Companhia, e se imprimio em Turim em 1698. Em Portuguez vimos outra manuscrita com este titulo: *Monumento Perenne, levantado à saudosa memoria da Serenissima Rainha de Portugal Dona Maria Francisca Isabel de Siboya, &c. offerecido à Serenissima Infanta Dona Isabel Luiza Josefa, construido pelo Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, do Conselho de Estado, e Guerra del Rey D. Pedro II. nosso Senhor, anno 1684.* Nella se vê huma instrucção, que a Rainha escreveu na lingua Franceza da sua propria mão para sua filha, a qual o Conde traduzio fielmente em Portuguez. Esta excellente Obra, digna de seu grande Author, se conserva na Livraria do Conde da

da Ericeira seu neto, e o Duque de Cadaval tem huma copia, que vimos, e outra, que escreveo o mesmo Author na lingua Latina. O Padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular, fez à sua morte huma elegante Obra, que intitoulou : *Proteus doloris in obitu Serenissimæ Reginæ Portugallicæ D. Mariæ Franciscæ Elisabethæ à Sabaudia*, e lhe compoz hum excellente Panegyrico funebre, que recitou nas Exequias, que lhe celebrou a Misericordia, e que com a sobredita Obra imprimio, e dedicou a Madama Real de Saboya sua irmãa. Desta Real uniaõ nasceo unica

19 A INFANTA D. ISABEL LUIZA JOSEFA, como se verá no Capitulo XII.

Casou ElRey segunda vez a 11 de Agosto de 1687 com a Rainha D. Maria Sofia Isabel de Neoburg, que nasceo a 6 de Agosto de 1666 em Breuvath, no Ducado de Juliers, filha de Philippe Wilhelm, Conde Palatino do Rhim, Duque de Neoburg, Principe Eleitor, e Graõ Thesoureiro do Sacro Romano Imperio, Cavalleiro do Tosão de Ouro, e da Eleitritz Anna Amalia sua segunda mulher, filha de Jorge II. Landgrave de Haffia-Darmstad, e da Landgravina Sofia Leonor de Saxonia, filha de Jorge I. Duque Eleitor de Saxonia, como melhor se vê na Arvore, que vay adiante. Foy a Rainha ornada de esclarecidas virtudes, era fermosa, benigna, e com huma natural affabilidade para os seus Vassallos, honrando a todos sempre, e favorecendo

Tom. VII.

Aaaaa

os

os que se valião da sua protecção, devota, com hum coração muy pio, e muita compaixão da pobreza, a quem soccorria com grande caridade occultamente, e com os pobres mendigos, que na rua lhe cercavaõ o coche, ella com a sua propria mão lhe dava esmola. Além das muitas, que repartia pela pobreza, sustentava à sua despeza no Hospital Real seis moças orfãs, e quatro mulheres honestas, e seis meninos dos expostos, e no Noviciado da Companhia fazia crear hum para Missionario da Provincia do Malabar. Teve grande compaixão das Almas do Purgatorio, e para as favorecer mandava dizer innumeraveis Missas. Visitava as Igrejas muitas vezes com grande devoção, como quem a tinha de se confessar, e commungar todos os oito dias, para o que se exercitava em actos de humildade com grande segredo para que não chegasse a perceberse. Havia huma mulher chamada Maria Garcia de boa vida, a quem ella soccorria, a qual indo ao Paço muitas vezes, com ella se recolhia na sua camera em santos exercicios de caridade, e ella foy a pobre, que teve mais particular. Outra mulher pobre, mãy de duas, que serviaõ no Paço, que era natural de Aveiro, teve nove dias nelle no tempo da Quaresma, e em todos elles a servio a Rainha, dandolhe de comer por sua mão, e lavandolhe os pés, e em todos os dias lhe dava huma esmola. Costumava mandar fazer a Novena do Natal na Congregaçãõ do Oratorio com huma Missa cada

cada dia, e as tres daquella noite: pelo que no fim lhe mandava huma esmola. Neste mesmo tempo algumas vezes fazia a Rainha a Novena, e depois dos exercicios santos, com que começava o dia, em todos dava de comer a huma mulher, hum homem, e hum menino, à honra de Jesus, Maria, e Joseph, e buscando huma casa retirada do Paço, de que só sabia a confidente deste occulto negocio, dandolhe todos os dias a cada huma a sua esmola, em todos se exercitava em singulares actos de humildade, e caridade. Este devoto obsequio da Novena do Natal continuou a Rainha sua successora na Coroa, e na virtude, exercitando-se nos mesmos actos de caridade, e na mesma fórma, que o praticava a Rainha D. Maria Sofia, a qual especulando, se por ventura as taes pessoas eraõ mais necessitadas, lhe mandava remediar a sua casa, reparandolhe as fultas, que padeciaõ, e seus filhos. No discurso do anno, sem que procurasse tempo certo, em nove sextas feiras, dava de comer a algumas mulheres pobres, e honestas, e juntamente esmolas de dinheiro, e esta devoçaõ repetia mais vezes. Assim, que tinha noticia de pessoa pobre particular, se mandava informar, e tanto, que lhe segura: aõ a necessidade, a mandava soccorrer com tudo o que lhe podia ser necessario, vestindolhe a familia, dandolhe camas, e tudo o que fuisse reparo contra a pobreza, que padecia. Estes actos heroicos de verdadeira caridade, eraõ o mayor cuidado da Rainha,

Tom.VII.

Aaaaa ii

naõ

naõ recusando nenhuma occasiãõ, que se lhe offerecia, de poder soccorrer a pobreza, o que fez com hum coração pio; e onde ardia o amor do próximo, qual setia o que dedicava ao seu Deos, em cujo temor, e maximas Chriстъãs educava seus filhos, e a todos lhos offerecia; porque tanto, que havia convalecido do parto, a primeira vez, que sahia fóra, era à Igreja de S. Roque, e assistindo à Missa, tanto, que o Sacerdote elevava a Sacrosanta Hostia, tomava a Rainha o Infante nos braços, e o offerecia a Deos, e depois à protecção de S. Francisco Xavier, de quem foy especial devota. Em obsequio do Santo fundou o Collegio de Béja, que dotou, e ornou com ricas dadivas. Teve por Confessor ao Padre Leopoldo Fucses, Religioso da Companhia, Letrado, de animo candido, e com exemplar modo de vida, que faleceo nesta Corte, e soube taõ bem a lingua Portugueza, que traduzio na Latina o quinto Tomo dos Sermoes do Padre Antonio Vieira, e continuou outros; e lhe succedeo o Padre Miguel Dias, da mesma Companhia, de que foy Provincial, Varaõ de grande litteratura, e de singular vida, e costumes. Amou a Rainha muito a Religião da Companhia; e assim na criação de seus filhos, escolhia para os ensinar, Padres da mesma Religião, a qual experimentou da sua grandeza, naõ só honra, mas larga generosidade. Naõ estimou menos os Padres da Casa da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri, de que havia sido Funda-

Fundador o Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, com quem teve grande trato, e com outros da mesma Casa, insignes em virtudes, e letras, que entaõ floreceraõ, com quem communicava o seu espirito, e alguns eraõ o instrumento por onde passava o segredo das suas virtuosas obras de caridade, e de humildade, que temos referido: eraõ os costumes santos da Rainha, e assim buscava homens virtuosos para se adiantar na virtude, naõ lhe servindo de embaraço a Real pompa da Magestade, para que deixasse de seguir huma vida santa, e verdadeiramente santa, quando he exercitada na heroica virtude da humildade.

Naõ se esquecia a Rainha das obrigações do Real estado, em que Deos a havia posto; e assim conservou a sua Casa com grande respeito. Estimou muito a Nobreza, tratando as Senhoras com grande benignidade, escolhendo dellas algumas, com quem em honestos divertimentos se entretinha por algum tempo, e em algumas occasioens. ElRey seu marido a estimou com grande veneração, como quem observava as excellentes virtudes, que nella brilhavaõ, fazendo-a universalmente amada. Ella correspondia santa, e extremosamente a ElRey seu esposo de forte, que foy reciproco o respeito, vivendo em verdadeira uniaõ. Porém quando a Rainha se achava no mais florecente tempo da idade, quando menos se podia esperar, se vio quebrada a Real uniaõ; porque de leves causas lhe sobreveyo huma

Memorias m.c. do Du-
que de Cadaval D. Nuo-
no, Tom. X. pag. 298.

humana furiosa erysipela, que lhe tomou o rosto, e a cabeça, com symptomas muito perigosos, a que se seguiu febre, somnolencia, e delirios, a que os Medicos cuidadosamente applicaraõ remedios proprios da doença. A Rainha, que era naturalmente pia, e muy devota, no quarto dia, não se sobrefaltando do correyo da morte, quiz commungar por Viatico, o que se participou aos Medicos, que lhe pareceo, se não devia encontrar à devoçaõ de Sua Magestade, ainda supposto a queixa o não pedir. Avisou-se ao Cardeal de Sousa, Capellaõ mór, e veyo o Santissimo da Freguesia de Nossa Senhora dos Martyres, Parochia, em que ficava o Paço da Corte-Real. Concorreo por aviso toda a Corte ao Paço, e tanto, que o Santissimo havia de chegar, ElRey, o Principe, e Infante D. Francisco, acompanhados de toda a Corte, baixou ao saugaõ, e depois de o adorarem, foraõ atécima, onde na antecamera da Rainha estava o Cardeal com Estola, e tomando o Santissimo da mão do Paroco, o levou até o Altar, que estava na camera da Rainha, e depois de cumpridas as ceremonias do Ritual Romano, recebeu o Santissimo Viatico com tanta piedade, que não só enternecio, mas edificou a todos, os que estavam presentes. ElRey, o Principe, e o Infante, seguidos de toda a Corte, acompanharaõ ao Santissimo Sacramento até à Freguesia dos Martyres, e o Cardeal o levou até o pór no Sacratio. Seguirãõ-se varios symptomas, com que entraraõ

entraraõ os Medicos em mayor cuidado; porque logo, que a Rainha commungou, lhe sobreveyo hum delirio, que a naõ deixou capaz de poder fazer Testamento; porque com poucos intervallos naõ a deixou na sua liberdade, o que se seguio nos dias da doença até o ultimo da vida. Continuava a queixa precipitadamente, augmentando-se os funestos symptomas, com grande fastio, e debilidade, e sendo já manifesto o perigo, e naõ correspondendo os remedios temporaes às diligencias da medicina, se recorreo aos da Igreja, dando-selhe o Sacramento da Extrema-Unçaõ, que lhe administrou o Cardeal, Capellaõ mór, assistido da Marqueza de Alamquer, Camereira mór, que compunha aquellas partes, que se haviaõ de purificar com os Santos Oleos. Na Camera assistiaõ as Damas, e Senhoras de Honor, o Duque Mordomo mór, e alguns Religiosos, como se havia praticado, quando Sua Magestade recebera o Viatico.

Tanto, que a Rainha entrou em mayor cuidado, começaraõ por ordem delRey muitas rogativas a Deos particulares, a que se seguiraõ as publicas. Naõ se via na Cidade mais, que Procissõens por todas as ruas, levando as Imagens milagrosas de humas para outras Igrejas. Na Sé esteve por alguns dias a do Santo Christo dos Passos. Era grande a consternaçaõ da Corte, e Povo, que todo pedia com efficazes rogativas a Deos, a vida da Rainha. Assim, que recebeo a Unçaõ, se recolheo ElRey
ao

ao seu quarto, havendo até alli feito huma continua, e fina assistencia, sem se deixar persuadir para o seu descanso dos rogos dos seus Criados, e Vassallos, não só pelo perigo da enfermidade, mas tambem porque ElRey em muitas noites se não despio, e sómente se encoitava por brevissimo tempo na mesma Camera, em que a Rainha estava. Finalmente no Paço da Corte-Real faleceo a 4 de Agosto, em huma terça feira, às cinco horas e meya da tarde do anno de 1699, trocando a Coroa temporal, com huma morte suave, pela immortal, que Deos tem preparado para os que o sabem seguir, como piamente se deve crer da Rainha, que deixando a todos sentidos, deixou tambem admirados aos Religiosos, que lhe assistiraõ. O Duque Mordomo môr, chamando aos Medicos para examina-rem se a Rainha havia espirado, tanto, que o certificaraõ, foy com o Padre Sebastiaõ de Magalhães, Confessor delRey, ao seu quarto, a participarlhe esta funesta noticia, ElRey a recebeo com mágoa devida à fineza, com que amava a Rainha; mas com igual constancia, christãamente se conformou, com o que Deos havia disposto. A Marqueza de Alamquer sua Camereira môr lhe cerrou os olhos, e composto o Real cadaver, foy vestido no habito de S. Francisco, e metido no caixãõ, que mudado do Paço da Corte-Real para o do Forte, que estava preparado, foy levado particularmente só com a sua familia; o Duque Mordomo môr, avisou

avisou aos Veadores, que pegassem no caixaõ, e o levarão pelo passadisso da Corte-Real ao Paço do Forte: diante do caixaõ hia huma Dama com a véla em hum castiçal, na mesma fôrma, que costumava alumiar à Rainha em vida; detraz hia a Camereira môr, Damas, e Senhoras da Corte, e chegando à casa, que estava toda guarnecida de télas, e huma Eça de quatro degraos, composta de téla encarnada, com docel sobre quatro balaustes, ferrados da mesma téla, se collocou o caixaõ sobre ella. Christovão de Almada, que fazia o officio de Reposteiro môr, cobrio o caixaõ com hum pano de téla rico franjado de ouro. No outro dia se lhe celebrou o Officio na mesma casa pelo Cardeal de Sousa, Capellaõ môr, revestido em Pontifical, assistido de toda a Capella Real, e no fim se disserão os quatro Resposos nos quatro cantos, pelos Bispos do Algarve D. Simão da Gama, de Leiria D. Alvaro de Abranches, de Bona D. Fr. Pedro de Foyos, e de Hypponia D. Fr. Antonio Botado. Estava à porta da banda de fóra, o Veador D. Joseph de Menezes fazendo o officio de Porteiro môr; na casa immediata ao corpo havia oito Altares, e no transito hum, e dez na segunda casa, em que sempre se estiverão dizendo Missas.

A's oito horas da noite o Principe, e o Infante D. Francisco sahiraõ do Paço da Corte-Real pelo passadisso, e foraõ deitar agua benta à Rainha sua mãy: hiaõ diante de Suas Altezas Fernão de

Tom. VII.

Bbbbb

Sousa,

Souza, Vedor da Casa del Rey seu pay, e D. Lourenço de Almada, seu Mestre-Salla, com suas insignias, hum Moço Fidalgo alumando com a véla em hum castiçal, e detraz de Suas Altezas o Conde de Vianna, Gentil-homem da Camera del Rey, e seu Estribeiro mór. Tanto, que chegaraõ Suas Altezas à porta da casa, em que estava a Rainha, o Moço Fidalgo deu a véla a Manoel Ferreira Rebello, Porteiro da Camera, de cuja mão a tornou a tomar depois para acompanhar a Suas Altezas. Tanto, que o Príncipe, e Infante entraraõ na casa, onde estava o Real cadaver da Rainha sua mãy, lhe fizeraõ a devida cortezia, e tanto, que chegaraõ à ilharga do caixaõ, outra, e a ultima junto do Altar: puzeraõ-se de joelhos sem almofadas, e depois de huma breve oraçaõ, disse o Cardeal, Capellaõ mór, o Resposõ em voz baixa, e deitou a agua benta. O Reposteiro mór tirou o prato, em que estava a Coroa sobre huma almofada, que deu ao Reposteiro menor Joaõ de Leiros, e sobindo acima, acompanhado do mesmo Joaõ de Leiros, tirou o pano, e pegaraõ no caixaõ o Marquez de Niza D. Francisco Balthasar da Gama, o Marquez de Fontes Rodrigo Annes de Sá, o de Alegrete Manoel Telles da Sylva, o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel, o Conde de Alvor Francisco de Tavora, o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, o Monteiro mór Garcia de Mello, e D. Francisco de Souza, Capitaõ da Guarda Alemãa, e detraz do caixaõ

caixaõ hia o Principe, e o Infante : estavaõ esperando quarenta Moços da Camera com tochas accesas em duas alas, que acompanharaõ o caixaõ ; e assim baixaraõ até o pateo da Capella, e posto elle na liteira, a cobrio o Reposteiro môr com hum pano de bocado rico franjado de ouro. E começando a andar a liteira, o Principe, e o Infante fizeraõ a reverencia devida à Rainha sua mãy, e quando hia saindo pela porta do pateo, fizeraõ outra, e pondo os chapeos na cabeça, porque até alli estiveraõ descobertos, voltaraõ para cima, alumeados sómente com a véla, que levava o Moço Fidalgo, e acompanhados dos mesmos Officiaes da Casa, e de huma Esquadra da Guarda.

Marchava o Enterro, sahindo da porta da Capella ao Terreiro do Paço até S. Vicente de Fóra, por onde estavaõ em duas alas a Infantaria, e entre ellas todas as Religioens, e Clero da Cidade com vélas accesas. Hiaõ em primeiro lugar os Porteiros da Casa a cavallo, como todos os mais, logo os Corregedores do Crime da Corte, a que se seguiaõ todos os Grandes, e Officiaes da Casa del-Rey em duas alas, os primeiros à mão direita, e da esquerda os outros, sem insignias. Dos Officiaes da Casa da Rainha levavaõ as suas insignias aquelles, que as costumaõ usar. Seguia-se depois a Cruz da Capella Real com os Capellaens com sobrepelizes, e tochas accesas em duas alas: entã a liteira, em que hia o corpo da Rainha entre quarenta Mo-

Tom. VII.

Bbbbb ii

ços

ços da Camera a pé com tochas accensas. O Duque Mordomo mór, hia com sua insignia diante da liteira, atraz o Veador D. Lourenço de Lencastre, que fazia o officio de Escribeiro mór, no lugar, que lhe tocava, e no seu o Capitão da Guarda Real D. Philippe de Souza. Seguia-se o coche de respeito, coberto com hum rico pano de tēla encarnado franjado de ouro, tirado por seis cavallos bayos, e os Moços da Escribeira no seu lugar, as Companhias das Guardas cobrindo o Estado, os Tenentes da Guarda, e Escribeiros, tudo em grande ordem. Chegou o Enterro ao Adro de S. Vicente, onde o Provedor da Irmandade da Misericordia o Marquez das Minas nomeou as pessoas, que havião de pegar no Esquife, como he costume, e entrando na Igreja estava a Communiidade em duas alas desde a porta até o cruzeiro, em que estava a Eça, onde a Irmandade poz o caixão; e depois do Responso cantado pela Capella, assistindo o Cardeal, Capellão mor, revestido de Pontifical, seguiu-se o outro Responso dos Religiosos da mesma Casa, e o ultimo dos Capellaens da Misericordia. Acabadas as ceremonias, que determina o Ritual Romano em semelhantes casos, pegaraõ no caixão os mesmos, que o havião feito no Paço; e sendo o caixão, em que estava o corpo, metido em outro, tambem forrado por dentro, e por fóra de tēla encarnada, o fechou Lourenço Pires de Carvalho, Provedor das Obras do Paço, officio, que servia por seu sobrinho Gonçalo

çalo Joseph Carvalho, e deu as chaves ao Duque Mordomo môr, e se fez a entrega do corpo da Rainha, na fôrma costumada, ao Prior do Convento de S. Vicente D. Antonio de Santa Helena, que se obrigou em seu nome, e de seus successôres, ao entregar, ou os ossos. Collocado o caixaõ na Eça, que estava preparada da parte do Euangelho, o Reposteiro môr lhe lançou hum pano de borcado, guardado de franjas de ouro, e depois lhe poz a Coroa Real sobre hum almosada. Neste mesmo dia 6 de Agosto cumpria a Rainha trinta e tres annos, e no mesmo mez de Agosto se celebrava com contentamento a memoria da sua chegada a este Reyno, de que foy universalmente amada. Era a Rainha fôrmosa, de corpo alto, e delgada, airoza, e com natural Magestade nas funções publicas, branca, e loura, olhos verdes, e fôrmosos, com muita viveza. Em taõ singulares dotes da natureza, era ainda mais brillante a virtude, em que sempre se exercitou com muita devoçaõ, e desejando, que a sua familia se empregasse em semelhantes obras, e lograsse os frutos dos thesouros da Igreja, e para que todos pudessem conseguir este bem, alcançou do Summo Pontifice Innocencio XII. hum Breve passado a 4 de Setembro do anno de 1698, em que lhe concedeo Indulgencia plenaria hum vez cada mez, para todas as pessoas domesticas da sua Real Casa, a qual se ganharia no Domingo, que ella affinalasse de cada mez, visitando o seu Oratorio, ou Capella

Capella privada. Depois o mesmo Papa por outro Breve passado a 4 de Outubro do referido anno lhe concedeo para o mesmo Oratorio, que todas as pessoas de hum, e outro sexo, que actualmente a servissem, e não costumavaõ sair fóra, pudessem ganhar certas Indulgencias, visitando o Oratorio do seu Paço, sua costumada morada, em aquelles dias, em que as poderiaõ ganhar, se visitassem algumas Igrejas da Cidade, a que eraõ concedidas; de sorte, que quasi todos aquelles Jubileos, concedidos a diversas Igrejas da Cidade, lhe concedeo o Papa ao seu Oratorio, para ella, e toda a sua familia, o que ainda hoje se pratica; porque a Rainha sua successora na Coroa, o soy nas virtudes, para se exercitar em todas, com tanta piedade, como universal edificação; e assim quiz tambem, que os domesticos da sua Real familia gozassem dos inextinguiveis, e inexauriveis thesouros da Santa Madre Igreja. Padeceo a Rainha diversas molestias, pelas quaes os Medicos lhe prohibiaõ a abstinencia, e o uso de comer peixe: porém a sua escrupulosa consciencia, não satisfeita do seu parecer, recorreo ao Santo Padre Innocencio XI. que por hum Breve passado a 29 de Novembro de 1687 lhe concedeo, a faculdade de comer carne em todos os dias prohibidos pela Igreja, exceptuando somente, em memoria da Paixão do nosso Redemptor, a semana Santa, que ella passava em santos exercicios; porque com coração devoto amava a Deos, e ao proximo,

ximo, exercitando-se em actos de verdadeira humilidade, sendo a compaixão dos pobres huma viva chamma, em que o seu piedoso coração ardia. De obras tão gratas a Deos, piamente se deve crer, que lhe seguraraõ huma eternidade gloriosa. Desta Real uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

19 O PRINCIPE D. JOÃO, nasceu em huma segunda feira 30 de Agosto do anno de 1688 às sete horas da manhã. Foy celebrado com universal contentamento o nascimento deste tão desejado Principe pela Corte, que concorrendo toda ao Paço, no outro dia baixou ElRey à Capella acompanhado dos Grandes, Fidalgos, e mais Nobreza, onde se cantou o *Te Deum* com grande solemnidade, e depois de elle acabado, e a Missa, prégonou Dom Luiz de Sousa, Arcebispo Primaz, do Conselho de Estado, com geral applauso; porque pelo seu grande talento, letras, e discrição, era tambem geralmente venerado; ElRey esteve debaixo da cortina, e assistio o Cardeal de Lencaestre, o Nuncio do Papa, e o Embaixador de França. ElRey por hum Decreto mandou soltar os prezos, que estavaõ em termos de semelhante graça; não houve Tribunaes por tres dias, e em todos elles houve luminarias, e repiques em toda a Cidade. Tanto, que o Principe nasceu, foraõ as Communidades todas com Cruz à Capella Real a cantar o *Te Deum* em acção de graças pela felicidade de Deos nos dar hum Principe, e pelo bom successo da Rainha. Despacharaõ-se

raõ-se Expressos com a noticia para Heidelberg ao Eleitor seu avò, para a Rainha de Castella sua tia, e para a Rainha da Grãa Bretanha. Porém todos estes alvoroços se trocaraõ depois em hum temor, e cuidado; porque no terceiro dia se descobriraõ no Principe algumas pustulas na cabeça, que se lhe espalharaõ pelo corpo. O que deu motivo à Catholica piedade da Rainha querer, que logo bautizassem o Principe: porém os Medicos resolveraõ, que não havia entaõ perigo, o qual se lhe conheceo passados mais alguns dias, de sorte, que na noite de huma segunda feira 15 de Setembro recebeo o sagrado Bautismo particularmente em huma casa immediata à Camera da Rainha, que se preparou com a grande pressa, que era preciso para o Bautismo, que lhe conferio o Arcebispo de Lisboa, Cappellaõ mór, Luiz de Sousa, sendo seu Padrinho o Eleitor Palatino, cuja procuraçaõ teve o Cardeal de Lencastre, Inquisidor Geral, e Madrinha a Infanta D. Isabel Luiza Josefa, sua meya irmã. A Rainha assistio, e porque se achava fraca, se assentou, estando presentes os Officiaes da sua Casa, as Camereiras môres da Rainha, e Infanta, as Donas de Honor, e Damas; e supposto se achavaõ muitos grandes Senhores, e Fidalgos na casa de fóra, não entraraõ nesta mais pessoas, que as referidas. Houve Prociçãõ de graças, que sahio da Sé a S. Domingos; e no tempo, que se preparavaõ diversas festas para se celebrar o seu nascimento, entre as quaes esta.

estavaõ destinados Touros, em que haviaõ de tourear os Condes de Aveiras, Avintes, e Monsanto, succedeo trocarse todo o contentamento em dissabor, por falecer o Principe a 17 de Setembro em huma festa feira às sete horas, e com taõ poucos dias de vida sobio felizmente a gozar na Bemaventurança eternos annos.

Foy o Real cadaver do Principe metido em hum caixaõ de bocado carmesim com huma Cruz de bocado branco, e posto na Tribuna da Rainha, armada toda de télas, sobre hum estrado alto, guardado de veludo encarnado, e galoens de ouro, e no topo hum Altar com Cruz, e vélas, e com quatro tochas, e desta sorte esperou o corpo do Principe em quanto se preparou a casa aonde se havia pôr em publico, estando sempre assistido das Senhoras de Honor, Damas da Rainha, e da Senhora Infanta, a qual querendo tambem assistir-lhe, llo impediraõ, e se recolheo ao seu quarto. No outro dia passaraõ ao Principe para a casa, em que se havia de pôr em publico, e foy levado o caixaõ pelo Duque Mordomo môr, o Baraõ Conde de Oriola, o Conde de S. Lourenço, Veadores da Rainha, e D. Francisco Mascarenhas, seu Estribeiro môr. O Conde da Castanheira fazia o officio de Reposteiro môr. E assim foy levado a huma sala grande, que nomeavaõ do *Conselho de Estado*, que se via armada de télas brancas, com hum Altar no topo, e nomeyo, em hum grande estrado, se via a Eça com

Tom. VII.

Cccc

tres

tres degraos, em que se poz o caixaõ coberto com hum pano rico de téla encarnada, debaixo de hum docel de bocado, suspendido de quatro pilares cobertos da mesma téla, e no ultimo degrao em hum prato dourado huma almofada, em que estava a Coroa do Principe.

A's sete horas da noite, estando affistido de toda a Corte, se revestio de Pontifical o Arcebispo Capellaõ môr. Entrou a Capella com Cruz levantada, e os Capellaens com tochas, e depois de se fazer, o que ordena o Ritual, e o Arcebispo dizer a Oraçaõ, entrou ElRey acompanhado dos Grandes, e Officiaes da Casa Real: fez oraçaõ ao Altar sem se lhe pôr almofada, e quando se levantou, o Capellaõ môr lançou a agua benta, e apartando-se ElRey para a parte do Euangelho, o Conde da Castanheira tirou o pano, que cobria o caixaõ, e pegando nelle os Marquezes de Arronches, e Alegrete, os Condes de Val de Reys, e Ericeira, todos do Conselho de Estado, o levarão até o pateo da Capella, rodeado de quarenta Moços da Camera com tochas accensas. ElRey hia detraz em alguma distancia, acompanhado do Conde de Santa Cruz, seu Mordomo môr, do Marquez de Marialva, Gentil-homem da Camera de semana, e D. Joseph de Menezes, seu Estribeiro môr, e hum Moço Fidalgo, que o alumiou com a véla. Dom Francisco Mascarenhas, Estribeiro môr da Rainha, abriu a liteira, e o Conde da Castanheira, que servia

via de Reposteiro môr, lhe lançou hum pano de téla encarnado franjado de ouro, que a cobria toda, a qual cercava a guarda dos Archeiros, e montado a cavallo o Duque Mordomo môr, e o Estrabeiro môr da Rainha, tomaraõ os seus lugares, e na mesma fórma os Capitaens da Guarda D. Philippe de Sousa, e o Conde de Pombeiro, e os Grandes, e Officiaes da Casa delRey, e da Rainha, na fórma, que já temos referido, e praticando-se tudo o mais conforme o uso do Ceremonial dos Enteros Reaes, foy levado ao Mosteiro de S. Vicente de Fóra. Abrio o Duque o caixaõ, em que pegaraõ os mesmos Conselheiros de Estado, e se fez a entrega ao Prior do Convento, e se collocou na Capella môr o caixaõ em huma Eça, coberta com hum grande pano de téla encarnado franjado de ouro.

19 ELREY DOM JOAÕ V. que será glorioso asumpto do Capitulo VI.

19 O INFANTE D. FRANCISCO, de quem faremos mençaõ no Capitulo XIII.

19 O INFANTE D. ANTONIO, como se verá no Capitulo XIV.

19 O INFANTE D. MANOEL, de quem faremos mençaõ no Capitulo XV.

19 A INFANTA D. THERESA, como diremos no Capitulo XVI.

19 A INFANTA D. FRANCISCA, de quem tratamos no Capitulo XVII.

Tom. VII.

Ccccc ii

Teve

760 *Historia Genealogica*

Teve ElRey D. Pedro fóra do Matrimonio,
os filhos seguintes:

19 A SENHORA D. LUIZA , de quem se trata-
rá no Capitulo XVIII.

19 O SENHOR D. MIGUEL , que occupará o
Capitulo XIX.

19 O SENHOR D. JOSEPH , como se verá no
Capitulo XX.

A Rainha

A Princesa
Leonor
Sofia de
Neobourg
mulher
del Rey D.
Pedro II.

Filippe Wi-
thelmo, Con-
de Palatino,
Eleitor do Im-
perio, n. a 25
de Novemb.
de 1615, +
a 2 de Set. de
1690.

A Duqueza Ma-
gdalena de Ba-
viera, + a 1628,
1. mulher.

A Eleitor, Ha-
bel Amalia, +
a 4 de Agolto
de 1709.

Jorge II. Land-
grave de Hes-
sena-Darmstadt.

A Landgravina
Sofia Leonor de
Saxonia, + a 2
de Julho 1671.

Filippe, Duque de
Baviera e Neobor-
g, nasc. em 1. de
Outub. de 1547,
+ a 2 de Agolto de
1614.
A Duqueza Anna
de Cleves.

Guilherme V. Du-
que de Baviera, n.
a 29 de Setembro
de 1548, + a 7 de
Fev. de 1626.
A Duqueza Rene-
ra de Lorena, + a
23 de Mayo de
1602.

Luiz I. Landgrave,
n. a 4 de Setembro
de 1577, + a 17
de Julho de 1626.
A Landgrav. Ma-
gdalena de Brande-
bourg, + aos 14
de Mayo de 1616.

João Jorge, I. Elei-
tor, Duque de Saxo-
nia, n. a 5 de Março
de 1585, + a 8
de Outub. 1656.
A Eleitrix Magda-
lena Sibila, + a 12
de Fev. 1659.

Wolfango, Duque de
Baviera, Deux Ponts
n. a 26 de Setembro
de 1526, + a 11 de
Junho de 1569.
A Duqueza Anna de
Hesse, + em 11 de
Junho de 1591.

Guilherme, Duque
de Cleves, e Juliers,
n. a 27 de Julho de
1516, + a 5 de Jan-
eiro de 1551.
A Duqueza Maria de
Austria, + em 1584.

Alberto V. Duque de
Baviera, nasc. a 7 de
Março de 1518, +
a 24 de Out. 1579.
A Duqueza Anna de
Austria, + a 16 de
Outubro de 1580.

Francisco, Duque de
Lorena.
A Duqueza Christina
de Dinamarca, + a 10
de Dezembro 1590.

Jorge I. Landgrave
de Hesse-Darmstadt,
n. a 10 de Setembro
de 1547, + a 7 de
Fevereiro de 1596.
A Landgravina Ma-
gdalena de Lippe.

João Jorge, Eleitor
de Brandebourg, n.
a 11 de Setembro de
1525, + a 8 de Jan-
eiro de 1598.
A Eleitrix Isabel de
Anhalt, + em 28 de
Setembro de 1607.

Christiano I. Eleitor,
Duque de Saxonia, +
n. a 1 de Novembro
de 1560, + a 15 de
Setembro de 1591.
A Eleitrix Sofia de
Brandebourg, + a 22
de Setembro de 1612.

Alberto Frederico de
Brandebourg, Du-
que de Prussia, n. a
29 de Abril de 1553.
A Duqueza Maria
Leonor de Juliers, +
em 1608.

Luiz II. Duque de Baviera, n. em
1502, + a 3 de Dezembro de 1552.
A Duqueza Isabel de Hesse, + a 4
de Janeiro de 1563, filha de Gui-
lherme Landgrave de Hesse,
Filippe Landgrave de Hesse, n. a
13 de Novembro de 1504.
A Landgravina Christina de Saxo-
nia, filha de Jorge, Duque de Saxonia,
João III. Duque de Cleves, e Juliers,
+ a 6 de Fevereiro de 1515.
Maria, Duqueza de Juliers, filha H.
de Guilherme, Duque de Juliers.
Fernando I. Emper. de Akmanha,
n. a 10 de Março de 1503.
Anna, Rainha de Hungria, e Bohe-
mia, + a 27 de Janeiro de 1547,
filha de Ladislao, Rey de Hungria.
Guilherme IV. Duque de Paviera,
n. a 11 de Novembro de 1491.
A Dug. Maria Joazequina de Tiade,
filha de Filippe, Marquez de Bade.
Fernando I. Emperador de Alema-
nia, n. a 10 de Março de 1503, +
a 16 de Julho de 1564.
Anna de Hungria, filha de Ladislao
Rey de Hung., + a 27 de Jun. 1547.
Francisco Duque de Lorena, n. 14
de Julh. 1489, + 15 de Jun. 1544.
Tenera de Bourbon, + a 1. de Jan.
1539, filha de Guilhermo de Bourbon.
Christiano II. Rey de Dinamarca,
n. a 2 de Julho de 1481.
A Rainha Isabel de Austria, + a 19
de Janeiro de 1525, filha de Ru-
perto de Austria I. Rey de Castilla.
Filippe Landgrave de Hesse, n. a 13
de Nov. 1504, + 11 Março 1567.
A Landgravina Christina, filha de
Gorge, Duque de Saxonia,
Bernardo, Conde de Lippe, + em
1563.
A Cond. Cathar. de Waldeck, filha
de Vilppe III. Conde de Waldeck.
Joachim II. Eleitor de Brandebourg,
n. 9 de Jan. 1505, + 3 de Jan. 1571.
A Eleitrix Magdalena de Saxonia,
filha de Jorge, Duque de Saxonia.
Joseph Ernesto, Princ. de Anhalt-
Zerbst, n. a 20 de Outub. de 1536.
A Princesa Igrez de Barby, n. a 23
de Janeiro de 1540, filha de Gui-
lherme, Conde de B.-by.
Augusto, Eleitor Duq. de Saxonia
n. a 31 de Julho de 1546.
A Eleit. Anna de Dinamarca, filha
de Christiano, Rey de Dinamarca.
João Jorge, Eleitor de Brandebor-
g, n. a 11 de Setemb. de 1525.
A Eleitrix Isabel de Anhalt, filha de
Joachim Ernesto, Princ. de Anhalt.
Alberto de Brandebourg, Duq.
de Prussia, n. a 17 de Mayo de 1490.
A Duqueza Anna Maria, filha de
Erico, Duque de Brunswick.
Guilherme, Duq. de Juliers, e Cle-
ves, n. a 27 de Julho de 1516.
A Duqueza Maria de Austria, filha
do Emper. Fernando I. + em 1584.



INDEX

DOS NOMES PROPRIOS, APPELLIDOS,
e coufas notaveis.

O numero denota a pagina.

A

A Celamea del Rey D. Josô IV. como foy executada, e por quem, 81, e seg. Que prodigio se vio no dia della na Imagem de prata de Christo Crucificado, 91. Que maravilhas se virão nos Cidadãos, 92, e seg.

Aguilar (Marquezado de) quando foy creado, e a quem conferido, 217.

Ajudantes das Ordens del Rey D. Pedro II. na Campanha, quem foram, 549.

Ayo del Rey D. Affonso VI. quem foy, 412.

D. Affonso VI. Rey de Portugal, quando nasceu, e como se lhe administrou o Sacramento do Bautismo, 119, e seg. Quando foy jurado successor da Coroa, 140. Quando foy acclamado Rey de Portugal, e como se celebrou este acto, 141, e seg. Quem foy seu Ayo, e Mestre, 144, e seg. Como festejou a victoria das linhas de Elvas, 148. Quando lhe ordenou a Rainha a sua Casa, e que Fidalgos nomeou para o servirem, 161. Porque causa lhe quiz largar a Rainha o governo do Reyno, e que se passou neste caso, 164, e seg. Como lhe appareceu do seu lado algumas pessoas, que lhe traô pre-

judiciaes, 167, e seg. Como se lhe participou, e ouviu esta noticia, 169. Porque causa se retirou para Alcantara, e que pessoas o acompanharam, 169, e seg. Que resolução tomou a Rainha desta accão, 170. Como lhe respondeu em huma Carta, que se transcreve, 172. Que Conselheiros de Estado fez de novo. Ibid. e seg. Como se fez o acto da entrega do governo do Reyno, 174, e seg. Que Fidalgos mandou retirar da Corte, e que pessoas mandou vir para ella, 176. Como festejou a victoria da batalha do Almaraz, 180, e seg. E de Montes Claros, 186. Foy o seu Reynado feliz nas Campanhas, 181, e 187. Com quem casou, e de que condições se formou o Tratado matrimonial, 189, e seg. e 420, e seg. Com que grandeza foy conduzir a Rainha, 194, e seg. Aonde receberam as benções, 196. Que desgostos deu logo á Rainha, 197. Com que magnificencia, e quando fez, e a Rainha a sua entrada publica em Lisboa, 198, e seg. Que festas houve nesta occasião, 400, e seg. Porque causa dimitio o governo do Reyno, 401. Quando faleceu, e que prodigios se affirmam experimentaram antes da morte, 405. Aonde jaz, 406. Refere-se o seu caracter, virtudes,

- tudes, excepções políticas, 406, e seg. Fundou na Villa de Santareira o Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, 407. Que Titulos erou de novo, 409. Que Officiaes teve a sua Casa, e Reyno, 412, e seg.
- Albuquerque* (Mathias de) porque causa foy preso, e para onde conduzido, 158. Como foy solto, e o que disse a ElRey, 164. Quando foy outra vez General do nosso Exército, 180. Com que valor se portou na batalha de Monjujo, 185. Que premio teve pelo bom successo da victoria, 187.
- Albuquerque* (Praça de) com que condições a queião entregar os Castelhanos, 592. Como se rendeu. Ibid. e 593. Quando foy refortificada, 594.
- Alcantara* (Villa de) com que capitulações foy rendida, e que despojo tirou o nosso exército, 623, e seg.
- Alconchel* (Villa de) por quem foy conquistada, 181.
- Alferez mores* delRey Dom João IV. quem forão, 226.
- delRey D. Afonso VI. 417.
- delRey D. Pedro II. 717.
- Alferez mor* do Reyno; porque causa se deu este cargo a Luiz Celar de Menezes, 375.
- Almada* (João de) de Mello, porque motivo perdeu o juizo, e quando se lhe restituiu, 680.
- Almada* (D. Miguel de) Conde de Abrantes, com que valor se portou no acto da aclamação delRey D. João IV. 84. Foy o primeiro, que jurou no acto do levantamento delRey D. Afonso VI. 142.
- Almeida* (D. Pedro de) Vedor da Casa Real, com que formalidade visitou ao Embaixador de Inglaterra, 193.
- Almeida*. Veja-se *Assumar*.
- Almirante* de Castella, que motivo teve para se refugiar em Portugal, 512. Que competencias, e lances teve com o Embaixador do Imperio, 513. Com que formalidade teve audiencia delRey D. Pedro, e mais pelloas Reaes, 514, e seg. Declarando-se parcial dos interellectes do Emperador Leopoldo, como se procedeu em Castella contra a sua pessoa, e bens, 515. Quando, e aonde faleceu, 526.
- Almirantes* do Reyno no tempo delRey D. Afonso VI. quem forão, 419.
- delRey D. João IV. 231.
- delRey D. Pedro II. 715.
- Alqueira* (Villa de) ou Puebla de Guzmán, por quem foy tomada, e saqueada, 557.
- Alvor* (Conde de) destruiu a ElRey de Dongo, ou dia Pedras, 675.
- Amizal*. Descreve-se a victoria, que alcançara as nossas armas neste sitio, 379, e seg.
- Angola* (Reyno de) quando, e por quem foy restaurado, 188.
- Apelcentadores mores* delRey D. Afonso VI. quem forão, 414.
- delRey D. João IV. 227.
- delRey D. Pedro II. 710, e 715.
- Armada*, que conduzio a Inglaterra a Rainha D. Catharina, de que nos constava, e de que composição era, 298.
- Armada* de França unida com a Portuguez, com que despojo sahirão de Lisboa, 166. Qual foygo também a de Hollanda. Ibid.
- Armada Franceza*. Veja-se *Charentau*.
- Armada Portuguez*, que expedições fez contra a dos Parlamentarios, 192.
- Armada Portuguez*, que hia conduzir o Duque de Saboya, de que nao existia, e quem era o General,

B

neral, e Governadores dello, 475, e seg. Quando sahio de Lisboa; e porque causa voltou tem o Duque, 477.

Armeiros mores delRey Dom Affonso VI. quem erão, 416.

— delRey D. João IV. 226.

— delRey D. Pedro II. 710, e 714.

Arraças (Principe de) que merca lhe fez ElRey D. João IV. 222.

Arvore da ascendencia delRey Carlos II. de Inglaterra, 317.

— da Rainha D. Luiza, 261.

— da Rainha D. Maria Francisca de Saboya, 423.

— da Rainha Dona Maria Sofia de Neuburg, 761.

Affeca (Viscondado de) por quem foy creado, e a quem conferido, 412.

Affumar (Conde de) D. João de Almeida, foy nomeado para assistir a ElRey Carlos III. 537. E Capitão das guardas de Corpus delRey D. Pedro II. 549. Foy Embaixador ao dito Rey, e deu a sua entrada no mar com a formalidade, que se refere, 602, e seg.

Aralaya (Conde de) D. Luiz Manoel de Tavora, quando, e donde faleceo, 617. Foy Embaixador a Saboya, e que successo teve na retirada, 692. Porque caoza o visitou o Principe Regente D. Pedro. Ibid.

Atouguia (Condeffa de) com que constancia concorreo para a acclamação delRey D. João IV. 83.

Audencias, com que dissello as dadas ElRey D. Pedro II. e como aos Sacerdotes, 666.

Audencias certas, em que dias se determinou ElRey D. João IV. 196.

B Adejox (Cidade de) por quem foy fundada, e porque causa le retirou o nobre Exercito, 607.

Babia (Bispado da) quando foy creto em Arcebispado, 678.

Barão da Ilhe Grande, quem foy, e quando se creou esta dignidade, 412.

Barbarna (Viscondado de) quando foy creado, e a quem conferido, 411.

Barcarota (Praça de) por quem foy rendida, e com que capitulações, 558. Em que dia foy outra vez conquistada, 628.

Barcelona (Cidade de) quando, e por quem foy rendida, 609.

Barros (Luiz Pereira de) Contador da Fazenda, participou a ElRey D. João IV. a conjuração, que se fazia contra a sua Real pessoa, 154. Que premio teve. Ibid.

Bejarville (O Barão de) Embaixador de Castella, que lugares teve, quando entrou em Lisboa, e fez a sua entrada publica, 467. Quando faleceo, 679.

Bey (O Marquez de) por quem foy rellachado intendendo socorrer a Cidade de Xeres dos Cavalheiros, 627.

Béja (Ducado de) quando foy renovado, e a quem conferido, 216.

S. Bernatão (Religiosos de) quando lhe foram restituídas as suas rendas, e o cargo de Elmolero mór, 203, e seg.

Bernak (Duque de) Mariscal de França, que hostilidades fez nas nossas Provincias, 551. Como, e por quem foy dissipado no choque de Broussas, 614, e seg. Que fez istendo do rendimento da Praça de Alcantara, 628. Que quiz fazer

fazer aos moradores de Placencia, 629. Para onde se retirou do nobre Exército. *Ibid.* Porque causa delamprou o campo de Bazzagana, e que marchas fez, 630, e seg. Porque razão não atacou o nobre Exército, 648, e seg.

Zifau (O Príncipe de) por quem foy reduzido à Fé, e aonde se lhe conferio o Sacramento do Bautismo, 670, e seg.

Zifos nomeidos para as Cathedraes do Reyno pelo Príncipe Regente, quem torão, 468.

Bourbon (Antonio de) Duque de Vandome, e Rey de Navarra, quando nasceu, e com quem foy casado, 423. Quando faleceu, e que ascendencia, e descendencia teve. *Ibid.*

Bourbon (Antonio de) Duque de Vandome, seu nascimento, casamento, e morte, 337. Que descendencia, e ascendencia teve. *Ibid.*

Braves (Antonio de Freitas) com que negociação foy a Heideberg, 481.

Erfstas (Villa de) como, e por quem foy saqueada, 614, e seg.

C

Chral (Fernaõ) foy Chanceller mór do Reyno, 161.

Calatral (Ducado de) quando foy creado, e a quem conferido, 217.

Camereiras mōres sempre tem almofada ainda que não sejam Marquesas, 732.

Camereiras mōres da Rainha D. Luiza, quem torão, 253, e seg.

Camereiro mór, quando principiou a não ter exercicio este cargo, 707.

Camereiras mōres delRey D. Affonso VI, quem torão, 412.

— delRey D. João IV, 225.

— delRey D. Pedro II, 707.

Canas (Jogo de) com que grandeza se celebrou na occasião do casamento dos Duques de Bragança, 16. Com que magnificencia o houve no tempo do casamento delRey D. Affonso VI, 400, e seg.

Capelatro (D. Domingos) Enviado de Castella, que ateniado commeteo em Lisboa, 511. Que demuntrações fez ElRey D. Pedro, e como se retirou o dito Enviado para Badajoz, 521, e seg.

Capitães mōres delRey D. Affonso VI, quem torão, 417.

— delRey Dom João IV, quem era, 224. Quando faleceu. *Ibid.*

— delRey D. Pedro II, 708, e 713.

Capitães da guarda delRey D. Affonso VI, quem torão, 415, e seg.

— no tempo delRey Dom João IV, 231.

Carlos II, Rey de Castella, quando faleceu, e quem chamou para seu successor, 503.

Carlos III, Rey de Castella, com que formaldade viuou a Rainha D. Catharina, 330, e seg. Quando foy acclamado Rey de Hespanha, e quando chegou a Lisboa, 523, e seg. Por quem o mandou cortejar ElRey D. Pedro, 525. Como recebeu a visita, que lhe fez aborodo o dito Rey, e como foy conduzido ao Paço, 531, e seg. Aonde o torão esperar o Príncipe, e Infantes, 532. Como foy festejada a sua entrada, 534. Como se visitava com ElRey D. Pedro, 536, e seg. Como era servido na mesa, 538, e seg. Quanto importava cada

da mez a desfeza, que fazia, 540. Que presente lhe mandou El Rey D. Pedro, e como o eltimou, 540, e leg. Que elimação fez dos presentes, que lhe mandara o Príncipe, e Infantes, 541. Como se preparou para sair em publico a cavallo, e em que dia o fez, 542. Que donativo lhe mandou D. Key D. Pedro, 543. Como festejou, e a sua familia os annos do dito Key, 544, e leg. Em que dia partio para a Provincia da Beira, e como foy recebido em Santarem, 559. Quando chegou a Coimbra, e como o esperavaõ, 565, e leg. E na Cidade da Guarda, 567. Como afflitto aos Condeiros de Guerra, que se fizeram no nosso Exereno, 570, e leg. Em que dia chegou a Belem, e como foy cumprimentado, 575. Porque moivo foy para Laualinha, e que obsequio lhe fez o Príncipe, e Infantes, 600. Quando chegou a Barcelona, 605. Aonde fez aliento, e que mandou pedir a El Rey D. Pedro, 609, e leg. Quando, e como fez a sua entrada publica em Saragoça, 644. Quando chegou ao nosso Exereno, e que operações fez elle, 646, e leg.

Carlos II. Rey de Inglaterra, com quem casou, e de que amigos se formou o Tratado matrimonial, 286, e leg. Vinho visitar a Rainha, confirmou a preferencia ao nosso Embaxador, 303. Que beneficio fez por intervenção da Rainha aos Catholicos de Inglaterra, 315. Por efficacia da dita abjurou a heresia, e quanto talisco, 322. A fronte da sua alicenciou, 327.

Casões (Marquezado de) D. Luiz Alvarez de Castro, Embaxador a França, que elimação mereceu a El Rey Luiz XIV. e à Corte, 687. **Tom. VII.**

Casões (Marquezado de) quando foy creado, e a quem concedido, 118.

Castello Branco (Dom Francisco de) sendo mortalmente ferido, como recobrou a saude, e quando saíu, 173.

Castello Melhor (O Conde de) que empresa intentou fazer, 169. Sendo revelada, que trabalhos padecio, e como se reabilitou a Portugal, 170, e leg.

Castello Melhor (O Conde de) Luiz de Valconcellos e Sousa, com que valor detendo a innocencia da Rainha D. Catharina, e como lho remunerou, 318. El Rey D. Afonso VI. lhe entregou o governo do Reyno, e o fez Escrivão da Puridade com as preminencias, que se referem, 377. Porque causa se ausentou do Reyno, e em que Corte se afflitto, 401, e leg. Como se fez arbitro do governo de Portugal, 436. Querendo congrassarie com o Infante D. Pedro, que conferencia teve com elle, 441. Porque causa mandou armar o Paço com novas guardas, 446. Como o sentio o Infante D. Pedro, e que demonstração fez, 447. Como se ausentou do Reyno, e quando se restituio a elle, 454, e leg. e 325.

D. Catharina, Rainha de Inglaterra, quando nasceu, e quem foy seu Padrinho, 282. Que doç-o-lhe fez El Rey seu pay, 283, e leg. Com quem se ajustou o seu casamento, e de que amigos se formou o Tratado, 286, e leg. Como foy festejada esta aliança, 292. Que pessoas a acompanharam na jornada, e como foy a despedida, 294, e leg. Que Damas levou, 297. Quando chegou a Portsmouth, aonde a visitou El Rey seu esposo, 302, e leg. Quanto, e aonde se celebrou

celebron n casamento, 364. Que affluência prateou na villa, que fez a Rainha viuva de França, 367. Quando, e com que magnificencia fez a sua entrada em Lumbres, 369, e seg. Que diligencias fez em Roma para que o Papa reconcesse ao nro Rey, 372. Com que alevisia a intimidez os Protestantes, 377. Quem furab os Autores d'ella insolencia, e como torab castigalos, 378, e seg. De que partes, e virtudes foy armada, 381, e seg. Que motivos a fizeis votar para Portugal, e que Ministros Portuguezes a torab conduzir, 384, e seg. Quando chegou a Lisboa, e como foy recebid pelos Reys, 387, e seg. Com que amor se tratava com a nra Rainha, e que Palacios habitou, 388. Que Senhores a servirab, 389. Com que formalidade, e ceremonias a visitou ElRey Carlos III, 390. Sen lo Governadora do Reyno, que Vidalgos lhe affluirab, 392, e seg. Quanto falereo, e donde fez, 393. Que Casa mandou fundar aos Padres da Companhia, 394. D'leve-se o seu funeral, 395, e seg. Com que formalidade deu audiencia ao Almirante de Castella, 396.
Calleo, porque causa ficou em poder dos Hollandezes, 399.
Centa (Cidade de) como a foccorreo ElRey D. Pedro II, 674.
Chancelles mores do Reyno, quem furab, 714, 715, 720, e seg.
Chateaufort (Marquez de) Embaixador de França, com que pretexto quiz desfolhar a violencia, que se fez em Madrid ao nro Enviajo, 723. Quando, e porque causa se retirou de Lisboa, 724, e seg.

Claterran (O Conde de) General da Armada Franceza, com que incumbencia veyo a Lisboa, 704. Com que benevolencia, e generosidade o tratou ElRey D. Pedro, e os seus Officiaes. Ibid. e seg. Porque causa se retirou de nra Corte, e que presente teve delley, 707, e seg. Com que formalidade salvou a Armada Portugueza, 708, e seg.
Coarq (Marquez de) passando a Portugal com algumas procellas da Coroa de França, a Rainha D. Luiza o mandou despedir, 760, e seg.
Chonistas mores do Reyno no tempo delRey D. Joao IV, quem torab, 714.
Cinthal Rodrigo, que Conselho se fez para a sua exonacão, e como tomou ElRey D. Pedro a resolucão deley, 770, e seg. Em que dia a finou o nro Exercito, e como foy ren lila, 772, e seg.
Clerigos Regulares de S. Caetano, que moros devem a piedade delRey D. Joao IV, 794.
Coinha (A Universidade de) com que solemnidade iuro o mysterio da Conceicão Immaculada da Virgem Santissima, 800. O Cadido da dita Cidade, que donavos fez a ElRey Dom Pedro, e o Reytor, e a Camara della, 864.
Collar, que levou o Duque de Prangança D. Joao II, quando casou, de que valor era, 88.
Colonia (Nova) como foy tomada pelos Castelhães, e quando restituia, 882, e seg.
Comendas com o habito da Ordem de Christo, quies concedio ElRey D. Joao IV. ao Infante D. Pedro para se conferir, 878.
Comendadores mores das Ordens Militares feitos por ElRey D. Joao IV.

- IV. quem forão, 201, e 418.
Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa, quando foy jurada por ElRey D. João IV. e quando instituido a mesma Senhora Padroeira do Reyno, 104, e seg.
Condado de Abrantes, quando foy renovado, e a quem conterido, 221.
 — de Alegrete, quando foy creado, e a quem concedido, 120.
 — de Alvor, &c. 705.
 — de Alumar, 705.
 — de Aveiras, quando, e a quem foy concedido de juro, e herdade, e com promessa do Titulo de Marquez, 228, e seg.
 — de Avintes, quando foy instituido, e a quem dado, 411.
 — de Coculim, &c. 705.
 — da Ericeira, em quem foy renovado, 220.
 — das Gálves, quando, e a quem foy concedido, 705.
 — do Lavradio, &c. 705.
 — de Meriola, 705.
 — de Melquistella, 410.
 — de Odemira, 219.
 — de Oriola, 221.
 — de Penalva, 297.
 — de Pombreiro, 411.
 — da Ponte, 409.
 — de Pontevel, 410.
 — de Prado, 220.
 — de Redondo, a quem foy concedido, 705.
 — da Ribeira Grande, quando foy creado, e a quem conterido, 411.
 — do Rio Grande, 705.
 — de Santiago de Biduado, 411.
 — de Serem, 220.
 — de Soure, 221.
 — de Tarouca, em quem foy renovado, 705.
 — de Tenual, com que preeminencias foy concedido ao possuidor, 225.
 — de Valázeres, quando foy creado. To. VII.

- do, e a quem concedido, 705.
 — de Vianna, em quem foy renovado, 705.
 — de S. Vicente, quando foy creado, e a quem conterido, 410.
 — da Vidigoeira, com que prerogativas foy renovado, 228.
 — de Villa-Flor, quando foy creado, e a quem conterido, 410.
 — de Villa-Nova, em quem foy renovado, 705.
 — de Villa-Pouca de Aguiar, quando se creou, e a quem se conterio, 220.
 — de Villa-Verde, &c. 221.
 — de Villar-Mayor, 221.
Conde Duque, como participou a ElRey D. Philippe IV. a aclamação delRey Dom João IV. 111. Que Junta erigio para a conquista de Portugal, 174. Como era admittrada, e que resultou della, 175.
Conde de Oubidos, quando foy feno Conde Sobrinho, 221.
Condestavel no tempo delRey Dom João IV. quem foy, 222, e seg. Que lugar tem, e em que occasiões leva o Estoque, 224.
 — notempo delRey Dom Pedro II. quem foy, 705.
Conseillers delRey D. Affonso VI. quem forão, 414.
 — delRey D. João IV. 220, e 224.
Conjurados contra ElRey D. João IV. como forão castigados, 162, e seg.
Conselho de Guerra, quando foy instituido, e que preeminencias lograd os Conselheiros, 127, e seg.
Conselho Ultramarino, quando foy creado, quem forão os primeiros Ministros delle, e que juristicão tem, 199. Que origem teve, 200, e seg.
Conselheiros de Estado, que fez ElRey D. Pedro quando hia para a Campanha, quem forão, 226, e seg.
 Liddid 2. Con-

Conselheiros de Estado no tempo del-Rey D. Affonso VI. 372, e 412, e seg.

— del-Rey D. João IV. 116.

— del-Rey D. Pedro II. 211.

Conselheiros de Guerra no tempo del-Rey Dom João IV. quem foram, 116.

Conti (D. Miguel Angelo) Nuncio Apollolico em Lisboa; porque causa hoy tribuão de entrar no Paço, 577.

Copeiros mar, em que occasioens levava a insignia do Condestavel nos actos das Cortes, 223.

Copeiros mores del-Rey D. Affonso VI. quem foram, 416.

— del-Rey D. João IV. 230.

— del-Rey D. Pedro II. 710, e 716.

Coroaão del-Rey D. João IV. quando, e com que formalidade se celebrou, e que peſoas affiliaão a ella, 60, e seg.

Corregedor da Civel da Cidade; porque causa hoy moeto, 85.

Cortes, convocadas por El-Rey Dom João IV. quem orou, e que se trou nelas, 111, e seg.

Costa (D. João da) Conde de Soure, dando-lhe parte da acclamação del-Rey D. João IV. que disse, e que confirmação causara as suas razoes, 79. Com outros Fidalgos rendeo uex racos Castelhanos no dia da acclamação, 93. Com que valor se porm na batalha de Montijo, 184. Que honras lhe fez El-Rey Dom João IV. 211. Sendo nomeado Embaixador a França, quando pario, e que instroções levava, 140. Que conferencia teve com o Cardeal Mazzarino, 342. Que Offical militar fez vir para Portugal, 343. Tendo outra conferencia com o mesmo Cardeal, que refutou della, 344, e seg. Como fez a sua entrada, e publi-

cando hum Manifesto contra as perrenções dos Castelhanos, que confirmação causou à Corte de Paris, 355, e seg. Que ajulte fez com o Duque de Guise; e porque causa se deianecco, 359. Que disse ao dno Cardeal sobre a misaão do Marquez de Chécy, 360, e seg. Que Officiaes fez vir para Portugal, 361. Não tendo effeito a opposição do Embaixador de Castella, se despedio publicamente del-Rey, e co Cardeal, que o galanteou com grandes munos, 362. Que abonação fez das suas virtudes o Cardeal Mazzarino ao de Retz. Ibid. Quando pario, e chegou a Portugal, e como foy recebido na Corte, 362, e seg.

Crrigon, Medico Elcovez, com que incumbencia veyo a Lisboa, 610.

Cunha (D. Luiz da) que Obra escreveu, e aonde se conserva, 688. Que annos tem de Mucilto da noia Corte. Ibid.

D

D *Armistad* (O Principe Jorge) quando chegou a Lisboa, e aonde se apotentou, 509. Com que formalidade lhe deu El-Rey audiencia, e em que dia, 510. Porque causa se renou do Reyno, 511.

Decimas, quando foram impostas, e para que, 174.

Dinamarca (El-Rey de) como recebeu a Embaixada del-Rey D. João IV. 120.

Domingos Leite; como foy revelada a alevosia, com que quiz matar a El-Rey D. João IV. 194.

Ducado de Cadaval, quando foy creado, e a quem conferido, 212.

El-Rey

E

Elvora (Cidade de) por quem hoy tuada, 345. Quem a libertou com a victoria da batalha das Linhas de Elvora, que mudamente se refere, 346, e seg. Como hoy novamente tuada, e com que valor se defendeo, 626.

El-Rey (O filho de) D. Sebastião de Mattos de Noronha, que caso lhe succedeo na occisão do casamento dos Duques de Bragança, 32. Tendo prevenido grande hospedagem para elles, se não aproveitara della, nem quiz aceitar a remuneração, *Ibid*. Quem hoy medianoiro para que obtivesse o Arcebispado de Braga, 148. Que principio teve a conjuração, que formou contra El-Rey D. João IV., 147. De que peſoua se compunha, 148, e seg. Querendo meter nella ao Conde de Vimioso, de que malicia usou, e praticava quando referia os nomes dos Conjurados, 155. Por quem hoy preso, 157. Anão morreu, 164.

Embaixadores de Castella em Lisboa, quem torão, e com que commissões vierão, 622.

Embaixadores de França em Lisboa, quem torão, e que negociações tratão, 624, e seg.

Embaixadores mandados por El-Rey D. João IV. a diversos Principes, quem torão, e que negociações tratarião, 154, e seg.

Escrivão da Realidade del-Rey Dom Afonso VI. quem hoy, 411, e seg.

Esfultor; como, e quando se quebeirão deſpois da morte del-Rey D. Pedro II. 661, e seg.

Esmeraldas mórtes del-Rey D. Afonso VI. quem torão, 419.

— del-Rey D. Pedro II. 724. **Este** (Anna de) Duqueza de Nemours, com quem hoy casada, e quando faleceo, 423. Que ascendencia, e deſcendencia teve, *Ibid*.

Estreos (O Cardeal de) sendo Bispo de Laon, veyo a Lisboa conduzir a Rainha D. Maria Francisca de Saboya, 393. Aonde o mandou apoucar Hilkey, e que tratamento lhe mandou dar, 397, e seg. Com que motivo recitou em Roma huma Oração, 407. Quando, e por quem hoy nomeado para a Purpura Cardinalicia, 677, e seg.

Estreos (Gabriela de) Duqueza de Beaufort, com quem hoy casada, e quando faleceo, 423. Quem torão seus ascendentes, e deſcendentes. *Ibid*.

Estribeiros mórtes del-Rey D. Afonso VI. quem torão, 413.

— del-Rey D. João IV. 225, e 230.

— del-Rey D. Pedro II. 708, e 713.

Estribeiros mórtes da Rainha D. Luiza, quem torão, 455.

Evora (A Cidade de) porque se mostrou tão bravia nos tumultos, que fez, 49. Como torão castigos os delinquentes, 54.

Exercito volante para que se formou, e que Generaes tinha, 627.

F

Ferrira (O Marquez de) Dom Francisco de Mello acclamou em Evora a El-Rey D. João IV. 97. Foy Padrinho da Rainha D. Catharina, 282.

Festas na occasião do casamento dos Duques de Bragança, quaes torão, 32. Que Relações se fizeram dellas, 40.

Fidalgo (O Desembargador Grego-

rio Pereira) da Sylveira, Embaixador a ElRey da Perfia, como fez a sua entrada publica, 700. Como patrocinou ao Bispo da Cidade de Halpam, que vivia expellido da sua Dioceli, 701, e leg.

Fidalgos mais interellados em acclamar a ElRey ao Duque de Bragança, quacs forão, 69. Referemse os que concorrerão para o dito 130, 31, e leg.

Fidalgos, que se achavão em Castella ao tempo da acclamação delRey Dom João IV. quem forão, 113, e leg.

Fidalgos conjurados contra ElRey D. João IV. que logirão para Castella, quem forão, 150, e leg. e 152.

Filippe IV. Rey de Castella, que merces fez ao Duque D. João II. 14.

Filippe V. Rey de Castella, quando mandou publicar o Manifesto contra Portugal, 550. Que hostilidades fez com o seu Exército nas nossas Provincias, 551, e leg. Para onde fogio do nosso Exército, e que jellous o acompanharaõ, 616.

Fortes (Marquezado de) quando foy creado, e a quem confiado, 410.

França (ElRey de) que Tratado fez com ElRey D. João IV. para segurança do Reyno, 114, e leg.

D. Francisco Afonso de Mello, residio em Madrid por ordem do Duque D. João II. 51.

Fronteira (Marquez de) D. Fernando Malcarenhas, rara accão sua de valor, destreza, e sciencia para destruição dos Castelhães, 639, e leg.

Fronteira (Marquez de) Dom João Malcarenhas, com que grandeza em luzo ao Embaixador de Salsoya, 472.

Fronteira (Marquezado de) quando foy creado, e a quem confiado, 704.

G

Galvão (Antonio) que Commendas teve, e que proezas fez a cavallo nas feltas do calamento do Duque de Bragança, 32, e leg.

Galves (O Conde das) André de Mello e Castro he louvado, 656.

Generaes das Armas nomeados por ElRey D. João IV. quem forão, 118.

Generosidade. Como foy insigne nesta virtude ElRey D. Pedro II. 669.

Gentis-homens da Camera do Intime D. Pedro, porque causa largaraõ esta occupação, 433.

Gentis-homens da Camera delRey, quando principiarão a servir as lemanas, e preceder ao Camereiro mor, 707.

Gentis-homens da Camera delRey D. Pedro II. quem forão, 708.

S. Glaz (Fortaleza de) por quem era governada, e com que peridos se entregou, 93.

Governadores das Armas das Provincias, teitos por ElRey D. Pedro II. quem forão, 549, e leg.

Governadores dos Castellos, e Praças do Reyno, quem forão nomeados por ElRey D. João IV. 119, e leg.

Governadores dos Estados do Reyno, e Presidentes dos Tribunaes, quem erão ao tempo da acclamação delRey D. João IV. 112.

Governadores do Reyno até chegar a Lisboa ElRey D. João IV. quem forão, e que dispuzerão, 91.

Goyra (Marquez de) que fez a. fin, que loube da acclamação delRey

delRey Dom João IV. 112.

Corvea (Marquez de) Embaixador em Madrid, que insulto lhe fizeram, e que fustigação teve, 681. Quem escreveu a Relação da sua Embaixada. Ibid.

Corvea (Marquezado de) com que preeminencias toy costumado, 219.

Craffon (Duque de) General da Armada, que conduziu a Rainha D. Maria Sôa, que obsequio lhe fez ElRey D. Pedro II. 454. Aonde foy hospedado, e que presente lhe mandou ElRey, 496, e seg.

Gravado de Capella, que discursos fizeram para destruírem a Casa de Bragança, 45.

Guarda do Corpo delRey D. Pedro II. que Cayuena nomeou, e que gratificação lhe dava, e aos mais Officiões della, 549.

Guarda mor delRey Dom João IV. quem foy, 216.

Gusmão (D. João Almoel Peres de) Duque de Medina Sidonia, quando nasceu, e com quem calou, 161. Quem foram os seus alicientes. Ibid.

H

Harcourt (O Conde de) Escrição mór delRey de França, tendo ajudado vir ser General das Armas Portuguezas, quem lhe fez suspender este desígnio, 159.

Hafsaam (Bispo da Cidade de) na Persia, quem o fez restituir a sua Diocese, 701, e seg.

Hospital Real de Lisboa, como foy soccorrido por ElRey D. Pedro II. 669. E pela Rainha D. Maria Sôa, 742.

Himmildale. Como foy insigne nella virtude a referida Rainha, 742.

Himmannes (Conde de) Embaixador de Castella, que comensô formava contra ElRey D. Pedro II. e porque razão fez legenda entrada publica, 680, e seg.

I

Ihas de Maldiva (ElRey das) achando-se no nosso Exercito em Alentejo, que mercia recebeo, 189.

Iha Terceira, como, e por quem foy reftaurada, 177. Que empreza commetterão os Soldados della nos navios de Castella. Ibid. e seg.

Imperio (Embaixador do) em Lisboa, quem era, e que desgraça teve na retirada, 691.

Inchiquin (Conde de) vindo para Alentejo de Campo General das Tropas Portuguezas o casivará os Mouros, 155. Quem o resgatou, e porque causa se retirou. Ibid.

Indulgencia plenaria, foy concedida a todas as pessoas da Casa da Rainha no dia, que ella determinasse, 751.

Infantado (A Casa do) por quem foy instituida, e com que prerogativas, e declarações, 427. Como se regulou a forma da successão della, 646.

Inglaterra (ElRey de) como recebeu a Embaixada delRey D. João IV. e que ajultou com elle, 126, e seg.

Inquisição de Portugal, como foy combatida pelos Christãos novos, e como a defendeo ElRey D. Pedro II. 671, e seg.

D. João IV. Rey de Portugal, quando nasceu, 2. Quando foy baptizado, e por quem, 3, e seg. Quem foy seu Avo, e Mestre, 5. Em que exercicios empregou os seus principia-

primeiros annos, 6. Que Criados nomeou para o serviço da sua pessoa assim que succedeo nos seus Estados, 8. Que propozia se lhe fizesse acerca de tipola para o seu casamento, 9, e seg. Qual elegio, e como celebrou a noivada do ajuste, 12, e seg. Que condições houve no contrato matrimonial, 13, e seg. Com que apparato toy esposar a Duquesa, 15, e seg. E que festas houve na occasião deste casamento, 17. Porque cautiva não visistou a Duquesa de Mantua, 42. Com que pretexto se eximio do governo de Milão, e Vigariana de Italia, que lhe encarregara, 45. Como mandou soccorrer o alvoroço, com que o povo de Villa-Vigosa o aclamava Rey, 49. Que promessa teve de França para que se acclamasse Rey della Monarchia, 51. Que soccorro de gente se lhe mandou tirar das suas terras para se unir ao Exército Castelhano, 52. Quando toy feito Governador das Armas, e que discursos se fizesse acerca desta nomeação, 64, e seg. Como se portou no offerecimento, que lhe fizesse do Reyno, 65, e seg. Com que formalidade visitou a Duquesa de Mantua, 66, e seg. Teve ordem para fazer segunda jornada a Villa de Almada, e para acompanhar etc Qualunha a ElRey Filipe IV. 71. Que motivo teve para consentir o acclamarem Rey, 72. Como se dispoz o acto da dita acclamação, e que Fidalgos concorrerão para ella, 80, e seg. O que obrou e a Villa-Vigosa com a noticia della, 95. Com quem pario para Lisboa, aonde toy excessivamente festejado, e o que dille neste caso nam Castelhano, 95, e seg. E a que dia, e com que for-

malidade se fez o acto da Coroação, 99, e seg. Que Ministros nomeou para o despacho, e Tribunaes, 116. E que Generaes das Armas para as Provincias, 118. E que Governadores para os Castellos, e Pragas do Reyno, 122, e seg. Quando convenceu Cortes, e o que se tratou nellas, 121, e seg. Que Embaixadores mandou a diversos Principes, 124, e seg. De que Ministros fez mais confiança, 125, e seg. Com que formalidade mandou prender aos conjurados contra a sua Real pessoa, 135, e seg. Que providencia deu para soccorrer a alteração, que o povo tomou contra algumas pessoas, 150. Nomeou lent Fidalgos para apurarem o processo de alguns dos conjurados, 161. Que demonstração fez ElRey neste caso, 164. Que merces fez ao Conde de Castilho-Melhor, e que satisfação teve da sua vinda, 171. Que mandou fazer a hum Castelhano, que estava preso em Santarem, 176. Quando pario para a Provincia de Alemtejo, e com que formalidade entrou na Cidade de Évora, 178. Por que causa mandou retirar aos Generaes do nosso Exército, 180. Passando segunda vez a mesma Provincia, e que dispoz do Exército, e que merces fez a ElRey das Ilhas de Madaga, 182, e 184. Como festejou a victoria da batalha de Manruja, 187. Como protegeo os Principes Palatinos, e que disposições fez para defensão da Armada Inglesa, 190. Quando terou a Conceição Immaculada da Senhora, que tomou por Padroeira do Reyno, 194, e seg. Que inscripções, e obras mandou publicar para testemunho della sua piedade,

piedade, e devoção, **268**, e leg.
 Sendo-lhe chegado á morte, que
 disposições fez, assim Christãs,
 como pagãs, e como oroucou
 o seu Testamento, **210**, e leg.
 Quando faleceu, **215**. Que Ti-
 tulos criou de novo, **216**, e leg.
 Aonde jaz, e que Espinho tem,
 237. O seu caracter, **238**. Que
 Obras compoz, **240**, e leg. De
 que virtudes foy acausado, **243**,
 e leg. Quando calou, **244**. Que
 filhus teve, **252**, e leg.

L. João (O Fructuoso) quando nase-
 co, e como o'y feli João o seu
 nascimento, **255**. Quando se lhe
 administrou o Sacramento do Bap-
 tismo, e quem foy o trademitor,
 256. Quando faleceu, **257**. Cum-
 mo se diz o seu enterro, e on-
 de jaz, **257**, e leg.

João Finto Alvaro, f. y Agente dos
 negócios do Duque de Bragança,
 e o principal sustentamento da sua
 exaltação ao Throno, **70**, e leg.
 Foy chamado a Villa-Vieja para
 o dito negocio, e como se ajuntou,
 76, e leg.

S. Joseph. Que principio teve a gran-
 de falia, que no seu dia se celebra-
 va em Villa-Vieja, **2**.

Isabel (A Princesa D.) quando foy
 jurada herdeira do Reyno, **470**.
 Com quem se ajuntou o seu casa-
 mento, **471**. Em que dia se cele-
 brava os despoñimentos, e que pren-
 da lhe mandou o cõpelo, **473**, e
 475. Com pertencuo calar com
 ella, **693**.

Italia (Prinçipes, e Republicas de)
 sequeirã depois da acclamação d'el-
 Rey D. João IV. os seus interelles
 com o antes, **144**.

Justiça da multidão do casamento del-
 Rey D. Afonso VI. quem foy, **410**.

Justiça, que sentenciara os Conjura-
 Tom. VII.

dos contra ElRey Dom João IV.
 quem foy, **161**.

Junta para o provimento das Pro-
 vincias, instituida por ElRey D.
 João IV. os que Ministrou se com-
 puzia, **117**.

Junta do Commercio, quando, e
 com que condições foy creada, e
 que mudanças teve, **201**. Quan-
 do se extinguio, **212**.

Junta dos Tres Estados, quando foy
 instituida, e quem foy os pri-
 meiros Deputados della, **198**, e
 leg.

L

L. Alerda (D. Catharina de) Du-
 queza de Lixima, com quem ca-
 tou, e que jaz, e avos teve,
 261.

Leopoldo (O Emperador) quando
 faleceu, **481**.

Lizares (O Cande de) sendo en-
 carregado para officiar os tumul-
 tos de Lixima, que entrou nelle ca-
 so, **43**, e leg.

Lorença (Arna de) Duquesa de No-
 mura, com quem foy casada, e
 quando faleceu, **481**. Quem fo-
 ra o seu aserente, *Ibid.*

Louisa (Filhija de Maria de) Duque
 de Mercœur, quando nasceu, e
 morreu, **421**. Com quem foy ca-
 tado, e que ascendencia teve, *Ibid.*

Lorença (Reis de) Duque de El-
 bocut, quando nasceu, e faleceu,
 423. Seu casamento, e descendencia
 Ibid.

Luiz XIV. Rey de França, que Tra-
 todo se foy com ElRey D. Pedro
 II. **403**, e leg.

D. Luiza (Ranha de Portugal), que
 disse ao Duque de Bragança sobre
 a offerta, que lhe foy do Rey-
 no, **75**. Quando chegou a Lis-
 boa, e que Criados lhe nomeou
 Eecoe

El-

ElRey, 110. Ficcn'o governan-
do o Reyno, que pellos lhe affi-
tião neste munitio, 178. Quan-
do nateo, e calou, 144. Que
joão fez hum Mouro do seu nai-
cimenlo, 145. Que lhe dille o Ju-
que seu p-y no tempo da despedi-
da para Portugal, 146. Que vir-
tudes ornarão o seu espirito, 147,
e 151. Em que dia, e com que
formalidade toy para o Mosteiro
das Religioas do Cirilo, 148.
Quon'o faleceo, 149. Aonde toy
deputado o Real calaver, 150.
Para onde se mudou, e aonde jaz,
151, e seg. Que Criados teve a
sua Casa, 151, e seg. Que filhos
teve, 155, e seg. A sua Arvore
de ascendencia, 161.

M

Macedo (Antonio de Sousa de) com que imprudencia tratou a Rainha, e como toy castiga-
do, 445.

Macedo (Fr. Manoel de) foy instrum-
mento para que alguns Fidaes se
conjurassem contra ElRey D. João
IV, 150. Como foy castigado,
151.

Madeira (Ilha da) foy doada com
outras terras a Rainha D. Cathari-
na, 111.

Mafra (Villa de) Come delRey
Catholico, como se rendeo ao no-
so Exercito, e como acelimou a
ElRey Carlos III, 617, e seg.

Mafra (A Duquesa de) D. Mar-
garida de Saboya, quando veyo
para o governo de Portugal; e
porque causou a não vistoria o Du-
que D. João II. na passarem, 40,
e seg. Com que formalidade rece-
te em Lisboa andou foy, 66,
e seg. Que dille aos Fidaes no

scho da aclamação do referido
Duque em Rey de Portugal, 88,
e seg. Como, e por que toy re-
bando a tua tenacidade, e o que
obrou nella occasião, 89, e seg.
Para onde a mandar. o renhar, 94.
Como toy conduzida a Baezuz,
e que honras lhe fizeram os vultos
Gentres, 146, e seg.

Maranhão (A Cidade do) quando
toy creta em Bispo, 678.

De Maria (A Senhora) de quem
toy filha, 217. Que dragões lhe
fiz ElRey seu p-y. Ibid. Como a
elimou, e a Rainha na vsta, que
lhe fez, 218, e seg. Que trata-
mento teve, e que obras fez no
Mosteiro de Carmo, 159. Quan-
do faleceo, aonde jaz, e que Epi-
scopo tem, 160. Que sentimento
manifestou ElRey D. Pedro pela
sua morte. Ibid.

Maratua (Marquezado de) quan-
do toy creado, e a quem confere-
do, 400.

Maratua do Rey no tempo del-
Rey D. João IV. quem foy, 217.

Maratua de Montalvão, como toy
castigada pelos indicios do crime
da conjuração contra ElRey Dom
João IV, 151.

Marquezado de Aguiar, quando foy
creado, e a quem confereido, 217.

— de Alegrete, 804.

— de Arronches, 704.

— de Calcaes, 118.

— de Fozes, 410.

— da Fronteira, 704.

— de Gouvea, com que reemimen-
cias foy reconfirmado, 119.

— de Miralva, 400.

— das Minas, 704.

— de Niza, 218.

— de Sade, 400.

— de Tavora, 704.

Maratua (Praça de) por quem foy
recuperada, 569.

Mafra

Mafcarenas (Fernaõ) porque casou
fuy innocenteimente degollado,
680.

Matoz (D. Sebastião de) de Noro-
nha, Bispo de Elvas. Veja-se *El-
vas*.

Mateagão (Praça de) porque casou
a sua filha Eulkey de Alcinquez,
697.

Mazurino (1) Cardeal) como rece-
beo ao Conde de Soure, e que Ge-
neral fez vir para elle huyano, 322,
e seg. Que ell' mação fez co' outro
Conde, e como o louvou ao Car-
deal de Reiz, 364.

Meloues (Maria de) Rainha de Fran-
ça, com quem casou, e quando
falleceu, 337. Quem fezou seus
pays, e avós. Itad.

Meloues mares no tempo d'el Rey D.
Affonso VI. quem turo-o, 421.

— de Rey D. João IV. 216, e 219.

— del Rey Dom Pedro II. 702, e
714.

Melkibourg (Seba de) Rainha de
Limaquia, com quem casou, e
quando falleceu, 332. Quem fu-
rao seus pays, e avós. Itad.

Mello (D. Diego de) luy Ayo do
Duque D. João II. 50.

Mello (D. Francisco de) Cor de da
Ponte, com que felicidade ajuntou
o eslarmento da Rainha D. Catha-
rina, 286. Que merces teve, 459.

Mencos (D. Fernando de) Conde
da Esceira, que Obras compoz,
e aonde se conseruão, 740, e seg.

Mesa do Duque D. João II. com que
ceremonial, e apparatus era servi-
da, to, e seg.

Mestre dos Infantes filhos del Rey D.
João IV. quem fuy, 218.

Mestres Sallars del Rey D. Affonso VI.
quem foraõ, 414.

— del Rey D. João IV. 216, 228,
219, e 211.

— del Rey D. Pedro II. 710, e 714.

Tom. VII.

Meth in (D. João) Enviado, que
unha filha del Rey de Inglaterra,
fey o primeiro motor para que El-
Rey D. Pedro entrasse no Tratado
da Grande Aliança, 511.

Minas (Marquez de) Embaixador
a Roma, em que da fez a sua en-
trada publica, 467.

Minas (Marquez de) em que dia
salto para a Campaña, e que hui-
nidades fez aos Castellanos, 552,
e seg. Com que valor destruiu o
Exercito, de que era General D.
Luisillo Riquinho, 554, e seg.
Como recibou a Villa de Mon-
fatto, 555, e seg. Como recu-
rou a Praça de Sahaterra, 407, e
seg. Como ganhou a Villa de Sa-
ça, 599. Quando foy feito Ge-
neral do Fovome de Alentejo, e
qual foy a sua primeira opeção,
466. Quando salio a Campaña,
e que opeções fez o Exercito,
613, e seg. Com que valor, e de-
embarazo foyou a Villa de Alca-
mar, e como foy vencida, 616, e
seg. Como foy premiada ella ac-
ção, 614. Com que diffinso cam-
minhou com o Exercito, e que
conquistou fez, 619. Com que
valor foyou turodo Rodrijo, e co-
mo foy rendida, 612, e seg. Que
propósitos mais fez, 613, e seg.
Por quem mandou cumprimenar
a Rainha viuva de Hespanha, e
aonde mandou acampar o Exerci-
to, 618. Com que toleminidade,
e gosto celebrou em Madrid a ac-
clamção de Rey Carlos III. 619,
e seg. Que ordens deixou para
administração da justiça, e faz na-
da, 460. Que dil generaes fez para
que El Rey Catholico viesse para
Madrid, 441, e seg.

Ministros do despacho del Rey Dom
João IV. quem foraõ, 616.

Ministros Portuguezes, que torão a

Esceci

Esceci

França no tempo del Rey D. Pedro II. quem erão, 634.
Affonso, como se tornou El Rey D. Pedro, e non se se fez a Junta dellas, 630.
Afonseca mór del Rey D. Affonso VI. quem torão, 416.
 — del Rey D. João IV. 416, e 417.
 — del Rey D. Pedro II. 710, e 714.
Montes Claros (Batalha de) em que dia foy, em que tornou se deo, e como se conseguiu a victoria, 134.
Montijo (Batalha de) como foy disputada, e como conseguimos a victoria, 134.
Mordomos mór del Rey D. Affonso VI. quem torão, 414.
 — del Rey D. João IV. 124.
 — del Rey D. Pedro II. 708, 711, e 712.
Mordomos mór da Rainha D. Luíza, quem torão, 124.
Musica; e em que guallo se applicava a ella El Rey Dom João IV. e que Officio compoz, 140, e seg. Que Livraria teve della, e como foy eliminada dos Principes do seu tempo, 141, e seg.

N

Núñez (Bispo de) quando foy creáo, 629.
Natal (No-va do) como a fazia a Rainha D. Maria Sofia, e aonde a mandava celebrar, 742, e seg.
Necessidades (A Imagem de Nossa Senhora das) com que solemnidade foy restituida à sua Igreja, e 81.
Neuburg (D. Maria Sofia Isabel de) Rainha de Portugal, de quem foy filha, 741. Com quem casou, 481, e 741. Que doie teve, 481. Quando, e aonde se fez o acto do recebimento, 485. Em que dia

partio para Lisboa, e que pessoas a acompanhara, 486, e seg. Como foy cortado por muitos Principes, 487, e seg. Quando chegou a Lisboa, e como foy testificada a sua vinda, 489, e seg. Aonde recebeu as benções nupcias, 496. Em que dia fez a entrada publica, e com que formalidade, e grandeza se fez esta funcão, 498, e seg. De que virtudes foy adornada, 741, e seg. De que quizia preciosa a enfermizar, e com que piedade recebeu os Sacramentos, 746, e seg. Quando faleceu, e com que formalidade se celebrou o Funeral, 748, e seg. Que deferencia teve, 751, e seg. A sua Arvore de descendencia, 761.
Nizé (Marquezado de) quando foy creado, e a quem conferido, 113.
Nuncios Apostolicos em Portugal no Reynato del Rey D. Pedro II. quem forão, 696, e seg.

O

O Bidos (Conde de) quando foy feito Conde sobrinho, 121.
Odemira (Conde de) foy Ayo del Rey Dom Affonso VI. 144. Quando faleceu, 364. Quando tirou Carta daquelle cargo, 412.
Olivellas; roubo do Sacramento da Parochia d'elle Lixar, e como o sentiu El Rey D. Pedro, e que fez em demonstração da sua piedade, 666, e seg.
Offerta; como a fazia de seus fillos a D.na Rainha D. Maria Sofia, 744.
Olavila (Filha das Cheras de) como recebeu a Embaixada del Rey D. João IV. e que Tratado se celebrou, 127, e seg. Que Ministros Portuguezes forão a elle no Reynato de D. Pedro II. 690.

Oppet

Opret (O Marquez de) Embaixador de França, querendo insultar ao de Castella, como se lhe reprimio a ouladiã, [683](#).

Oraõ (Praça de) como a mandou succorrer ElRey D. Pedro II. [673](#), e seg.

Orleaus (O Padre de) que Obra effcreveo, [740](#).

Oreano (Marquez de) Embaixador de Saboya, com que negociação veyo a Lisboa, e quando fez a entrada publica, [474](#).

P

P Acheco (Pantaleão Rodrigues) que respondeu aos Cardaes, que querião saber, com que direito eingira a Coroa ElRey D. João IV. [172](#).

Padrinho do Duque Dom João II. quem toraõ, [4](#).

Pae (Antonio) Vieira, que logares teve, e que Obras compoz, [145](#), e seg.

Pagens da Caldeirinha, e Campinha no reynado de D. João IV. quem forão, [118](#), e seg.

Palatinos (Prinçipes) porque causa se recusarão em Lisboa, e como os promoveo ElRey D. João IV. [180](#), e seg.

D. Pedro II. Rey de Portugal, quando nasceu, [415](#). Com que grandeza lhe foy conferido o Sacramento do Haminimo. Naõ. e seg. Que dospõ lhe fez ElRey seu pay, [417](#). Que commendas-lhe eunferir por facultade dellRey seu pay, [418](#). Em que parte se lhe formou a sua Casa, e que Criados teve, [419](#), e seg. Que desgosto teve com ElRey seu irmão, e como se seprou d'elle, [417](#). Como deu audiencia ao Marquez

de Rovigni, [417](#). Que conferencia teve com ElRey sobre a nomeação de Crislos, [418](#), e seg. Com que prudencia resolveo a pazão de Simão de Vasconcellos, [440](#). Que dille ao Conde de Castello-Melhor pretendendo engrasfarse com elle, [441](#), e seg. Para onde se retirou, e que alvoroço causou esta noticia, [442](#). Como se concluiu a nomeação de Cameristas, que pertencia, [443](#), e seg. Retinuendo-se para a Corie, que novidade houve entre os Gentil-homens da sua Camera, [444](#). Que resolução tomou, vendo o Paço armado com novas guardas, [446](#). Que lhe respondeu ElRey com o parecer do Conselho de Estado, [447](#), e seg. Que mais diligencia fez em demonstração do seu sentimento, [448](#). Novas resoluções dellRey em offensa sua, [449](#). Que representação lhe fez, e que pedia nella, [450](#), e seg. Que lhe respondeu ElRey, e como se ajustarão estas discordias, [454](#), e seg. Porque causa, e quando tomou a regencia do Reyno, [455](#), e seg. Quando foy jurado Principe, e successor da Coroa, e como se celebrará estas [Conce](#), [456](#), e seg. Não querendo ser Rey, admittio liamente ser Regente do Reyno, [458](#), e seg. Com quem calou, e de que condições se formou o Tratado Matrimonial, [460](#), e seg. Quando, e como se celebrará no desponsorio, [461](#), e seg. Porque causa não queria cullar o Tratado da Paz com Castella, e cem o se concluiu, [465](#), e seg. Que Bispo nomeou para as Cathedraes, [468](#), e seg. Que propozião lhe fizerão as Cortes para que acceitasse a Coroa, [470](#). Que resolveo, [471](#). Quando tomou o uzo de Rey, [478](#). Que

Que representaçõ lhe fez o Conselho de Estado para que chasle segunda vez, e que lhe disse o Duque de Cadaval sobre a mesma materia, 479, e leg. Com quem determinou catar, e que diligencias se fizeram para cite effeito, 481. Com que grandeza foy buitar a Rainha sua esposa, e que pessoas o acompanharam nella occidido, 491, e leg. Que disse ao Duque de Grafton, e ao Conde da Erceira, 494. Aonde receberam os Reys as bençãos nupcias, 496. Com que grandeza, e formalidade fizeram a entrada publicã, 498, e leg. Reconheço ao Duque de Anjou Rey de Hespanha, e que Tratado fez sobre esta materia, 503. Como mandou segurar a Marinha da Lisboa, os Fortes, e Castellos das Praças maritimas, 506. Que disse ao Conde de Chartreau, General da Armada de França, e que presente lhe mandou, 507, e leg. Com que formalidade deu audiencia ao Principe de Darmstadt, 510. Porque causa o mandou fahir do Reyno, 511. Que praticou na audiencia, que deu ao Almirante de Castella, 514. Porque causa entrou na liga da Grande Aliança, e que Tratados se fizeram, e que continhão, 516, e leg. Com que grandeza, comitiva, e formalidade foy visitar a El-Rey Carlos III. e conduzi-lo para o Paço, 527, e leg. Como mandou solemnizar a chegada do Iute Rey, 534. Que ethiqueta se observou quando cearam ambos, e o Principe, e Infantes, 535. Que Ceremonial seajuntou, e praticou n'viziões, que mutuamente fazião os Reys, 536, e leg. Que Chão los nomeou para servirem a El-Rey Carlos III. 538,

e leg. Sendo por sua despeza a hospedagem, quanto gosiava cada mez, 540. Que presente mandou a El-Rey Carlos, e como o citimou, 541, e leg. Que prumogão fez de Lintheas para os Herceiros, 545. Que Conselheiros de Estado fez, e que pessoas nomeou para o acompanharem na jornada da Beira, 546, e leg. Que Capitiens nomeou para a guerra de Corpo, e que n'as promogões fez, 549, e leg. Que n'as munições mandou publicar contra El-Rey Filipe V. 550. Em que dia partiu para a Companhia da Beira, e que tempo caminhou, 558, e leg. Como foy recebido em Coimbra, 561. Como venerou o Corpo da Rainha Santa Isabel, 562. Que donativos lhe fizeram o Revor, a Camera, e o Cabido de Coimbra, 564. Com que tornavade condução para a Cidade da Guirra a El-Rey Carlos III. 567. Que fez assim que chegou ao Exercito, 569. Que conferencias fez para se expugnar Ciudad Rodrigo, e que resoluõ deste Conselho ha, 570, e leg. Que disse a El-Rey Catholico sobre o seu voto, de que se não passasse o rio Agueda, 572. Em que dia chegou a Lisboa, 574. Em que dia se achou gravemente doente, e que progresso fez a quexa, 576, e leg. Como recebeu ao Nuncio Apollonico, 578. Para onde se retirou, 580. Quando foy para a Quinta de Alcantara, 581, e leg. Que Iute tomou, e mandou tomar pela morte do Emperador Leopoldo, 582. Que disse a El-Rey Catholico sobre a sua jornada de Castella, e como o mandou enviar na despedida, 600, e leg. Como auxilhou os interesses do Rey Catolico, 610. Como deu auxi-

audiencia ao Embaixador, que El-Rey de Marquez mandava a Rainha Anna de Inglaterra, 611. Como fettejou a aclamação delRey Catholico em Madrid, e o que oule em louvor do Marquez das Minas, 641. Quando principiou a enterrar, e que progressos fez a doença, 651, e seg. Que disse ao Principe, Infantes, e Duque D. Nuno, 652. Como faliou ao Nuncio Apostolico, e quando falleco, 654. Que dilucidões fez no seu Testamento, 655, e seg. Como se abrio o seu Real cadaver, e que se obviou nelle, 658. Como se dispoz o Funeral, 659, e seg. Aonde jaz, 661. Como se fez o acto da quebra dos Escudos, 663, e seg. Refere-se o seu caracter, partes, e virtudes, de que foy ornada, 664, e seg. Que demonstração de sentimento fez pelo feticheiro roubo do Sacramento de Oliveiras, 666, e seg. Como defendeo o procedimento do Santo Officio, e que Ley passou contra os Christãos Novos, 671, e seg. Como ajulou ao Papa para a guerra contra os Turcos, 672, e seg. Que soccorro mandou à Praça de Urão, 673, e seg. E à de Ceuta, 674. Que Ley fez sobre o modo da Regencia do Reyno, 676, e seg. Como foy apalhado, 677. Que peñões nomeou para a Purpura Cardinacia, e que Arcebispos, e Bispos erigio o Papa à sua infancia, 677, e seg. Como recebo, e que pretenções mandou ao Principe Jorge Augusto de Saxonia, 693, e seg. Que presente mandou ao Ciro Duque Cosme III. 695. Que Titulos erigiu de novo, 704, e seg. Que Officiaes teve a sua Casa, 708, e seg. Quando calou a primeira

vez, 715. Quando, e com quem casou a segunda vez, 741. Com que fineza affabto a Rainha na sua doença, 746, e seg. Que filhos teve, 741, 755, e seg. Como luterminou o nascimento do Principe D. João, 755.

Peñon (O Bayado de) quando foy erecto, 679.

Penalva (Condella de) quem era, 297.

Pernambuco (Cidade de) por quem foy reftaurada, 188.

Pernambuco (Bayado de) quando, e por quem foy erecto, 678.

Piacencia (Cidade de) como se rendeo a ElRey Catholico, 629.

Ponte (Conde da) Veja-se *Mella*.

Portos mórtes delRey D. Afonso VI. quem torão, 415.

— delRey D. João IV. 216.

— delRey Dom Pedro II. 709, e 715.

Portugal (D. Miguel de) Bispo de Lamego, e Embaixador a Roma, que comitiva levou, e como fez a sua entrada, 235, e seg. Com que valor se ponou no encontro, que teve com o Embaixador de Castella, 141, e seg. Que fez vendo, que não podia conseguir a sua negociação, e como se retirou, 141, e seg.

Prece, que fêzerão em Lillo pela mcharia delRey Dom Pedro, quaes foram, 478.

Presidentes dos Tribunaes no Reynado de D. Afonso VI. quem foram, 412, e seg.

— no tempo delRey D. João IV. 231, e seg.

— delRey D. Pedro II. 710, e seg. 722, e seg.

Principe (Regimento do) ainda se obliera na Junta dos Tres Estados, 278, e seg.

Prisão dos Fidalgos, e jelloes condemnados.

juradas contra El Rey D. João IV, como se executou, e quem erão as ditas, 156. Como foram algumas castigadas, 162, e seg. E como se livrarão outras, 164.

Provedores das Oeiras do Pago del Rey D. Affonso VI. quem torão, 416.

— del Rey D. João IV, 230.

— del Rey Dom Pedro II, 710, e 716.

Pures (D. Pedro) foy Mestre do Príncipe D. Theodósio, 165.

R

Rainhas de Portugal, como erão conuizadas, e alittuao nos Conselhos del Estado, 731, e seg.

Rainhas de Portugal. Veja-se D. Luíza, Neoburg, e Saboya.

Regimento do Príncipe D. Theodósio ainda se observa na Junta dos Tres Estados, 271, e seg.

Releção da comitiva, com que o Duque D. João II, foy eligeras a Duquesa sua esposa, 15, e seg. E das liltas, que se fizeram nella occasião, 12, e seg.

Reposseiros mórtes del Rey D. Affonso VI. quem torão, 414, e 415.

— del Rey D. João IV, 225.

— del Rey D. Pedro II, 710.

Ricallau (O Cardeal de) que diligencia fez para que se acclamasse Rey de Portugal ao Duque de Bragança, 51.

Rio de Jantira (Bispa do) quando, e por quem foy creto, 678.

Roma (Embaixador em) D. Miguel de Portugal, Bispo de Lamego, *Veja-se Portugal*.

Roma; Ministros Portuguezes, que tirão a ella no Reynado de D. Pedro II, quem torão, 695, e seg.

S. Romão (O Alcade de) Embai-

xador de França, quando fez a sua entrada publico, 467.

Roque (Jurge) Almiran e da Armada, que uideou Carlos III. a Lisboa, quin o chegou, 514. Que offerea lhe mandou fazer El Rey D. Pedro, 525.

Ray Jiles de Menzies, Serhor de Unhão, quando bilceiro, 261. Com quem foy casado, e que descendencia teve. ibid.

S

Saboya (Carlos Amadeo de) Duque de Nemurs, quando nasceu, e morreu, 421, e 411. Com quem foy casado, e que descendencia teve, 421.

Saboya (D. Maria Francisca Habel de) Rainha de Portugal, com quem casou, 389. Com que formalidade, e surde se celebrou o seu casamento, 391. Em que dia partio para Portugal, e quando chegou a Lisboa, 392, e seg.

Como foy lilticiada a sua vida, 393, e seg. Que se fez. Re de deu logo El Rey, 397. Quando, e porque causa se retirou da companhia del Rey, 403. Em que dia se proferio a sentença da nullidade do dito casamento, e quem torão os juizes, 421.

De quem foy filha, 411, e seg. A sua Arvore, 413. Que representação fez aos Tres Estados do Reyno depon da sentença do divoreio, 459. Que recusou, e como se apellou o seu casamento com o Príncipe D. Pedro, 460, e seg.

De que condições se fu mou o Tratado Municipal, 461, e seg. Quando, e como se celebrou os desfulorios, 463.

Que diligencia fez para mayor segurança da consciencia no parto.

particular da dispensa, 463, e seg.
Quando nasceu, e de que virtudes foy ornada, 725. Que Religião trouxe consigo para a fundação de hum Mosteiro, e qual foy este, 727, e seg. Que caso lhe succedeo com o seu Veador Dom João de Sousa, 729, e seg. Como era conduzida, e assistia ao Conselho de Estado, 731, e seg. Quando principiou a exercitarle na perfeição da vida devota, e que Obra escreveu, 733. Quando principiou a enfermar, e que progresso fez a doença, 734, e seg. Com que piedade recebeu os Sacramentos, 735, e seg. Aonde faleceo, e que disposições fez no Testamento, 478, e 737, e seg. Aonde jaz, e que outras fez, 738, e seg. Que teñhoes tratado della, e que descendencia teve, 740, e seg.

Sahya (Victor Amadeo Duque de) com quem ajuntou o seu casamento, 478. Que prenda mandou á esposa, 475. Em que tempo determinou vir para Portugal, e que Armada o hia conduzir, 475, e seg. Porque causa se resistiu esta a Lisboa sem o referido Duque, 477.

Salamanca (Cidade de) como se rendeo a ElRey Carlos III. 633, e seg.

Salvattera (Praça de) enmo, e por quem foy recuperada, 597, e seg.

Santel (Marquezado de) quando foy creado, e a quem conferido, 409.

Sandoval (D. Francisco de) o Inque de Lerma, quando faleceo, 261. Com quem casou, e que ascendencia teve. Ibid.

Sandrick (O Conde de) General, e Embaixador de Inglaterra, como foy visitado, e hospedado, e quem foy seu Condiitor, 293, e seg. Tom. VII.

Com que negociação veyo outra vez a Lisboa, 465, e seg.

Sarça (Villa de) como, e por quem foy tomada, 599.

Savonia (O Principe Jorge Augusto de) em que anno veyo a Lisboa, e como o recebeu ElRey D. Pedro II. 693, e seg.

Schomberg (O Conde de) que dignidades, e lugares teve, e quando faleceo, 378, e 690.

Schastianist, que principio tivera, e a que fim dirigia as suas paixões, 60, e seg.

Secretaria de Estado, que forma lhe deu ElRey D. João IV. 202.

Secretaria, instituida pelo referido Monarcha, qual foy, 202.

Secretarios de Estado, e outras categorias, delRey Dom Affonso VI. quem foram, 217, e seg.

— delRey D. João IV. 211, e 215.

— delRey D. Pedro II. 711, 719, e seg.

Sylva (Luiz da) porque causa foy para Castella, 151. Que Condedo lhe deu ElRey D. Filippe IV. e quando morreu, 152.

Sylva (Ruy Gomes da) Principe de Melito, quando nasceu, e com quem casou, 261. Quem foram os seus ascendentes. Ibid.

Soure (O Conde de) Veja-se *Costa*.

Soure (O Conde de) com que valor se portou na passagem do rio Tietar, ou Bazzagana, e quando faleceo, 610.

Sousa (Francisco de) Conde, residio na Corte de Madrid por ordem do Duque D. João II. 8. Foy seu Apontador mór, 42. Que commissão levou na Embaixada a Dinamarca, 129. Acção de generosidade, que usou com o Almirante, que o acompanhava, 131. Que honras lhe fez ElRey de Dinamarca, 132. Como foy recebido pe-

ElRey

la Rainha de Suecia, e que Tratado apultou com ella, 133, e seg.
Sonja (D. João de) Vêdor da Casa da Rainha D. Maria Francisca de Siboya, que lhe disse, querendo ella doente continuar huma jorna-
Stuart (Jacobus) Rey da Grã Bretanha, quando nasceu, faleceu, e com quem casou, 337. Quem lo-
 rão seus pays, e a. ou. *Ibid.*
Suecia (A Rainha de) que gosto teve da Embaixada, que lhe mandou El-Rey D. João IV. e que alli-
 ança fez com elle, 133, e seg.
Similiter da Corrina del-Rey D. Afonso VI. quem forão, 416, e seg.
 — del-Rey D. Pedro II. 709, 717, e seg.

T

Tingere (Cidade de) querendo El-Rey D. Pedro II. compralla, que fez o Parlamento de Inglaterra, e quem a tem ao presente, 689.
Taronea (O Conde de) querendo loge para Cadeira, que Fidalgos persuadiram para que fossem com elle, 150, e seg.
Tavira (João Bernardo de) Conde de S. João, com que valor, e felicidade conquistou a Villa de Fuente Frualdo, 542.
Tiberdoso (O Principe) com que razoes molhou se deitou amparar os Principes Palatinos, 191. Quando foy declarado Principe do Brasil, e D. Ave de Bragança, 216, e 264. Quando nasceu, e foy baptizado, 163. Quem foy seu Patriarcha. *Ibid.* Quando foy feito Coronel da Nobreza, 164. Que viriudes resplandecerão no

seu espirito, e quem foy seu Mestre, 265. Que Obras compoz, e que Sciencias cultivou, 266, e seg. De que modo, e em que dia partio para a Provincia de Alentejo, e como foy recebido, 268. Que instruções lhe mandou El-Rey, 269. Como se restituio a Lisboa, 271. Quando foy feto Generalissimo das Armas Portuguezas, e com que justificação, 271. Em que exercicios sagrados empregava o tempo, 274. Quando faleceu, e aonde jaz, 275. Com quem se tratou o seu enterro. *Ibid.* e seg. Que Escriptores fazem memoria da sua vida, 276.
Teffe (O Marichal de) porque nunca não acentou a batalha, que lhe offereceu o novo Exercito, 295.
Testamento del-Rey D. João IV. com que piedade foy feito, 211, e seg.
Toledo (D. Leonor de) Dançeira de Figueira, quando faleceu, 337. Com quem casou, e quem forão seus pays. *Ibid.*
Tourvil (O Marichal de) com que desiguo appareceu na Bahia de Lagos, 687.
Trappa (O Abade de) que obsequio, e funtalia lhe mandou fazer El-Rey D. Pedro II. 668.
Tratado da liza da Grande Aliança com El-Rey Dom Pedro II. de que condições era formada, 517, e seg.
Trinchantes de Rey D. Affonso VI. quem forão, 214.
 — del-Rey D. João IV. 227, 229, e seg.
 — del-Rey Dom Pedro II. 710, e 716.

Folia

U

Ubia (Fr. Jeronymo) Monge de S. Bento, que Obra compoz, e donde se conserva, 407.

Valen, a de Alcantara, quem a fuiu, e com que condições se rendeu, 382. Quando, e como foy em outra occasião tomada, 586. Que illusão padeceo hum Anihor nesta materia, 587. Quando foy demolida, e em que tempo se reedificou, 594.

Vandome (O Cardeal Duque de) dispensou a Rainha D. Maria Francisca de Saboya do impedimento, que tinha para casar com o Principe Regem e, 462.

Vandome (A Princesa Isabel de) com quem foy casada, e quando faleceu, 422. Quem toraó seus pais. Ibid.

Vasconcellos (Miguel de) por quem foy morto, 86. Como foy livre o seu calvario da barbaridade do povo, que lhe destruiu as casas, e fazeo ibi, 87.

Vasconcellos (Simão de) foy Gentilhomem da Camara, e Governador da Casa do Infante D. Pedro, 422, e seg. Que incivildade lhe fez, 442.

Vélaras da Casa del Rey D. Affonso VI. quem toraó 414, 415, e seg. del Rey D. João IV. 227, 228, 229, e seg. del Rey D. Pedro II. 710, 716, e seg.

Velles (Marquez de los) Embaixador de Castella em Roma, que ordem conseguiu do Papa, 238. Que influencia quiz fazer ao nobre Embaixador. Ibid. Executando, como se portou, e fihio della, 241. Para onde se retirou, 242.

Vellido do Duque D. João II. quando recebeu as benções nupcias, de que adorno, e valor era, 24, e seg.

Vieu-Reys da India no tempo del Rey D. Pedro II. quem toraó, e que obraraó, 698, e seg.

S. Vicente (O Conde de) João Alberto de Tavora, quando, e aonde faleceu, 615.

Viegas (Antonio Paes) Veja-se Paes.

Villa-Real (O Marquez de) que motivo teve para se conjurar contra El Rey D. João IV. 148, e seg. Querendo-se accusar d'este delicto, que lhe disse El Rey, e como foy preso, 156, e seg. Quem prendeo ao Duque de Caminha seu filho, e para onde foy remetido, 157. Como toraó sentenciado, e castigado, 161, e seg. Quem pretendio succeder nella Casa, 161. A quem se desao os bens della, 227.

Villa-Perde (O Conde de) D. Pedro Antonio de Noronha, Vice-Rey da India, como soccorreu a El Rey da Persia, 699. Que Embaixada lhe mandou, e que successo teve. Ibid. e seg.

Villar-Mayor (O Conde de) Manoel Telles da Sylva, Embaixador a Heidelberg, com que negociação foy, quando partio, e que pessoas o acompanharaó, 482. Quando fez a sua entrada publica, e que Ceremonial se observou nas audiencias, que teve, 483, e seg. Em que dia partio para o Reyno e quando chegou, 486, e seg. Quando foy teuo Marquez de Alegrete, 704.

Vimioso (O Conde de) acclamou em Evora a El Rey D. João IV. 95. Sendo nomeado Capitão General das Armas de todo o Reyno, quem

quem lhe desviou este emprego, e 18. Com que razões o queria fazer entrar na conjuração o Arcebispo de Braga, como se desviou d'elle, e o que fez, 155. Foy Conductor do Embaixador de França, 165. Para as calas do seu delcendencey foy convalecer Elkey D. Pedro II. 480.

Fiscondado de Allica, quando foy
creado, e a quem confendo, 412.
— de Barbacena, 411.

- de Barbacena, 411.
- de Caillo-Branco, 222.
- de Monte-Arcada, 706.

— de Forte-Arcada, 70a.
Vijta, que o Duque D. João II. fez
 a Duquesa de Mantua, que cere-
 monial te observou nella, 66, e seg.
União (Ruy Telles de Menezes, V.
 Senhor de) quando falecco, 261.

W

W Aldeek (Catharina Condella de) de quem foy filha, e que descendencia teve, 678.

Hilborno (Filippe) Eleitor do Império, quando nasceu, e morreu, 761. Com quem casou, e que ascendencia teve. Ibid.

X

Xeres de los Cavalleros (A Ciudad de) por quem tny rendida. 627.

Xevora (Kiu) com que felicidade
o passou o Marçal de Telles,
608.

Y

Orck (Duque de) visitando no
mar a Rainha D. Catharina, que
encheia se obteve n'elle aão,
299, e seg. Por quem foy redu-
zido a Religião Catholica, 317.

F I M.



WAG 2022409

100
100
100

100
100

100
100

100
100
100
100
100

100

100

